

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BIOLOGIA ANIMAL

ANA CAROLINA SOUSA DE ALMEIDA

TAXONOMIA DOS BRIOZOÁRIOS MARINHOS DO ESTADO DA BAHIA

Recife

2018

ANA CAROLINA SOUSA DE ALMEIDA

TAXONOMIA DOS BRIOZOÁRIOS MARINHOS DO ESTADO DA BAHIA

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Biologia Animal da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Biologia Animal.

Orientador: Prof^o. Dr. Leandro Manzoni Vieira

Recife

2018

Elaborado por Elaine C. Barroso CRB4/17

Almeida, Ana Carolina Sousa de

Taxonomia dos briozoários marinhos no Estado da Bahia/ Ana Carolina Sousa de Almeida- 2018.

514 folhas: il., fig., tab.

Orientador: Leandro Manzoni Vieira

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Biociências. Programa de Pós-Graduação em Biologia Animal. Recife, 2018.

Inclui referências e apêndices

1. Bryozoa 2. Zoologia - classificação 3. Diversidade biológica I. Vieira, Leandro Manzoni (orient.) II. Título

594.67

CDD (22.ed.)

UFPE/CB-2018-388

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

ANA CAROLINA SOUSA DE ALMEIDA

TAXONOMIA DOS BRIOZOÁRIOS MARINHOS DO ESTADO DA BAHIA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Biologia Animal da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Biologia Animal.

Aprovada em: 20/07/2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Leandro Manzoni Vieira (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Ulisses dos Santos Pinheiro (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Luciana Iannuzzi (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. André Morgado Esteves (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Alvaro Esteves Migotto (Examinador Externo)
Universidade de São Paulo

Profa. Dra. Rosana Moreira da Rocha (Examinador Externo)
Universidade Federal do Paraná

À minha mãe Iara, pela
força e beleza que me inspiram a
todo momento.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em Biologia Animal (PPGBA-UFPE).

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e ao CNPq (O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), pela concessão da bolsa.

À Fundação Gonçalo Muniz (FIOCRUZ-BA), pelas sessões de microscopia eletrônica de varredura.

Ao Museu de Zoologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), pela disponibilização do acervo e estrutura para desenvolvimento dessa pesquisa.

Ao Dr. Leandro Vieira, pela parceria, orientação, paciência e confiança durante a realização desse trabalho.

À Dra. Facelúcia Souza, por tudo que me ensinou e por toda amizade e confiança durante os anos de convivência.

À JoAnn Sanner, National Museum of Natural History - EUA, por me receber e por toda ajuda com obtenção de material e discussões taxonômicas.

À Dra. Orane Alves (UFBA) e ao Dr. Ulisses Pinheiro (UFPE), pela disponibilização de laboratório e equipamentos.

Àqueles que me auxiliaram com espécimes e bibliografia: Mary Spencer Jones, Museum of Natural History - Inglaterra, Dra. Judith Winston, Virginia Museum of Natural History - EUA, Dr. Dennis P. Gordon, National Institute of Water and Atmospheric Research, Nova Zelândia.

Aos amigos do LABPOR/UFPE e GEOECO/UBFA, por todos os momentos que passamos juntos, inclusive pela compreensão nos momentos difíceis e risadas nos momentos felizes, em especial a: Ludi, Bal, Nequinho, Bruno, Jamile, Luana, Alisson, Juliana e Paula.

Ao amigos biólogos Victor Gomes, Luciana Martins, Wagner Magalhães, Ricardo Miranda e Marcos Nogueira, pela amizade e colaboração de sempre.

Ao meu parceiro de vida, Alex, pelo amor, incentivo e compreensão.

Aos meus avós, Hélio e Dalcy, Tia Lia, Tita e Sil, por me darem energia para nunca desistir.

Às pessoas mais especiais de minha vida, meu pai Martônio, minha mãe Iara e irmãos Zé e Deia, por todo amor, apoio, confiança, ajuda e estímulo.

RESUMO

Briozoários são invertebrados coloniais aquáticos, considerados os lofoforados mais comuns nas comunidades bentônicas, especialmente no ambiente marinho. No Brasil, a maioria dos estudos sobre o filo foram realizados no sudeste do país, sendo considerados escassos os trabalhos da fauna no nordeste do Brasil. Dessa forma, este estudo teve como objetivo realizar levantamento faunístico e caracterização morfológica dos briozoários marinhos do Estado da Bahia, verificando sua distribuição espacial e relações com o substrato. Foram examinados mais de 3.000 lotes de espécimes coletados do entremarés até a plataforma continental, depositados em diferentes instituições nacionais e internacionais. A descrição da morfologia externa foi realizada através de microscópio estereoscópico, fotomicrografias em microscópio eletrônico de varredura e morfometria. Foram identificadas 174 espécies, 95 gêneros e 59 famílias de briozoários na Bahia. A grande maioria das espécies pertence a Ordem Cheilostomata, sendo identificadas apenas oito pertencem a Ordem Ctenostomata. O total de 35 espécies novas para a ciência foram identificadas, 10 espécies exóticas e quatro criptogênicas. A fauna é composta por espécies representantes de todas as formas coloniais conhecidas para filo, exceto formas eretas foliosas, sendo as formas incrustantes consideradas dominantes na região. Os briozoários foram encontrados em diversos tipos de suportes naturais (algas, esponjas, rodolitos, corais, conchas, etc.) e artificiais (plataformas de petróleo, estruturas de concreto, placas de PVC, etc.) ao longo de toda a costa. Em relação à diversidade de briozoários na Bahia, o maior número de espécies ocorre na Baía de Todos os Santos e Costa dos Coqueiros (142 espécies cada), seguidos da Costa do Dendê (94 espécies), costas do Descobrimento e das Baleias (70 e 72 espécies respectivamente), e Costa do Cacau (34 táxons espécies). Os substratos naturais mais utilizados por briozoários foram os corais e os nódulos calcários (77 e 74 espécies, respectivamente), seguidos dos rodolitos (63 espécies), algas, outros briozoários, esponjas e conchas de moluscos (entre 33 e 34 espécies), hidrozoários e grãos de areia (18 e 25 espécies, respectivamente). Para as espécies consideradas como pertencentes à parte de complexos de espécies, espécies criptogênicas e táxons não classificados quanto à origem, são indicados novos estudos integrativos com morfologia e dados moleculares, para auxiliar a elucidação da classificação das mesmas.

Palavras-chave: Bryozoa. Diversidade. Gymnolaemata. Inventário.

ABSTRACT

Bryozoans are aquatic colonial invertebrates, which is the most common lophophorates in benthic communities, particularly in the marine environments. In Brazil, most studies were carried out in the southeast region, with few studies on fauna from NE Brazil. Thus, this study aims to perform a faunistic survey and a morphological characterization of the marine bryozoans from Bahia State, NE Brazil, including analyses on spatial distribution and relationship between bryozoans and substrata. More than 3,000 lots of specimens from the intertidal to the continental shelf of Bahia and deposited in different national and international institutions were examined. The bryozoans were morphologically characterized under stereoscopic microscope, and based on data from scanning electron microscopy and morphometry. A total of 174 species, 95 genera and 59 families were identified. The majority of species belongs to the Order Cheilostomata, and only eight species belong to the Order Ctenostomata. Among these, 35 new species, 10 exotic species and four cryptogenic taxa were recognized. The bryozoan fauna from Bahia includes all colonial morphologies reported for this phylum (except foliose erect form); encrusting colonies are the most common growth form in the studied area. Bryozoans were found growing on many types of natural (algae, sponges, rhodoliths, corals, shells, etc.) and artificial (oil platforms, concrete structures, experimental panels, etc.) substrata. Along the coast of Bahia, the largest number of species were reported in the Baía de Todos os Santos and Costa dos Coqueiros (142 species each one), followed by the Costa do Dendê (94 species), Costa do Descobrimento and Costa das Baleias (70 and 72 species respectively), and Costa do Cacau (34 taxa species). Mostly bryozoans are reported on corals (77 species), calcareous nodules (74 species) and rhodoliths (63 species); other substrata, such as algae, bryozoans, sponges, mollusk shells hydrozoan and sand grains were colonized by few bryozoans species (between 18 and 34 species). New integrative studies on morphology and molecular data are needed to help elucidate the classification of species classified as species complexes, cryptogenic species and taxa not classified according to their origin.

Key-words: Bryozoa. Diversity. Gymnolaemata. Faunistical survey.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 Filo Bryozoa: características gerais	12
1.2 Taxonomia do filo Bryozoa	19
1.3 Estudos no Brasil	22
1.4 Estudos na Bahia	23
1.5 Objetivos	25
2 MATERIAL E MÉTODOS	26
2.1. Área de estudo	26
2.2 Material de estudo	36
2.3 Metodologia para taxonomia	36
3 RESULTADOS	64
4 INVENTÁRIO TAXONÔMICO	73
4.1 Família Vesiculariidae Johnston, 1847.....	73
4.2 Família Nolellidae Harmer, 1915	81
4.3 Família Aeteidae Smitt, 1868	83
4.4 Família Electridae Stach, 1937	87
4.5 Família Membraniporidae Busk, 1852	93
4.6 Família Sinoflustridae Gordon, 2009	102
4.7 Família Steginoporellidae Hincks, 1884	105
4.8 Família Thalamoporellidae Levinsen, 1902	111
4.9 Família Antroporidae Vigneaux, 1949	115
4.10 Família Calloporidae Norman, 1903	121
4.11 Família Cupuladriidae Lagaaij, 1952	128
4.12 Família Heliodomidae Vigneaux, 1949	132
4.13 Família Hiantoporidae Gregory, 1893	134
4.14 Família Quadricellariidae Gordon, 1984	136
4.15 Família Beaniidae Canu & Bassler, 1927a	137
4.16 Família Bugulidae Gray, 1848	142
4.17 Família Candidae Candidae d'Orbigny, 1851	151
4.18 Família Epistomiidae Gregory, 1893	162
4.19 Família Microporidae Gray, 1848	163

4.20 Família Monoporellidae Hincks, 1882	166
4.21 Família Onychocellidae Jullien, 1882	168
4.22 Família Cellariidae Fleming, 1828	175
4.23 Família Cribrilinidae Hincks, 1879	177
4.24 Família Catenicellidae Busk, 1852	181
4.25 Família Savignyellidae Levinsen, 1909	183
4.26 Família Hippothoidae Busk, 1859	185
4.27 Família Pasytheidae Davis, 1934	188
4.28 Família Trypostegidae Gordon, Tilbrook & Winston, 2005	190
4.29 Família Vitrimurellidae Winston, Vieira & Woollacott, 2014	191
4.30 Família Arachnopusiidae Jullien, 1888	194
4.31 Família Exechonellidae Harmer, 1957	195
4.32 Família Adeonidae Busk, 1884	197
4.33 Família Lepraliellidae Vigneaux, 1949	205
4.34 Família Romancheinidae Jullien, 1888	213
4.35 Família Metrarabdotosidae Vigneaux, 1949	215
4.36 Família Bitectiporidae MacGillivray, 1895	220
4.37 Família Lanceoporidae Harmer, 1957	223
4.38 Família Smittinidae Levinsen, 1909	233
4.39 Família Watersiporidae Vigneaux, 1949	256
4.40 Família Buffonellodidae Gordon & d'Hondt, 1997	258
4.41 Família Escharinidae Tilbrook, 2006	259
4.42 Família Gigantoporidae Bassler, 1935	261
4.43 Família Hippaliosinidae Winston, 2005	263
4.44 Família Hippopodinidae Levinsen, 1909	265
4.45 Família Lacernidae Jullien, 1888	270
4.46 Família Marcusadoreidae Winston, Vieira & Woollacott, 2014	274
4.47 Família Margarettidae Harmer, 1957	277
4.48 Família Microporellidae Hincks, 1879	279
4.49 Família Petraliellidae Harmer, 1957	281
4.50 Família Schizoporellidae Jullien, 1883	284
4.51 Família Tetraplariidae Harmer, 1957	301
4.52 Família Didymosellidae Brown, 1952	303
4.53 Família Cleidochasmatidae Cheetham & Sandberg, 1964	305

4.54 Família Crepidacanthidae Levinsen, 1909	308
4.55 Família Mamilloporidae Canu & Bassler, 1927a	312
4.56 Família Celleporidae Johnston, 1838	313
4.57 Família Colatooeciidae Winston, 2005	322
4.58 Família Hippoporidridae Vigneaux, 1949	329
4.59 Família Phidoloporidae Gabb & Horn, 1862	335
5 DISCUSSÃO	358
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	369
REFERÊNCIAS	370
APÊNDICE A - MATERIAL EXAMINADO NESSE ESTUDO	402
APÊNDICE B - FAMÍLIAS COM RESPECTIVOS NÚMEROS DE GÊNEROS E ESPÉCIES RELATADOS PARA A BAHIA.....	484
APÊNDICE C - NOVAS ESPÉCIES E NOVOS REGISTROS (EM ORDEM ALFABÉTICA) APRESENTADOS	486
APÊNDICE D - DISTRIBUIÇÃO DAS ESPÉCIES DE BRIOZOÁRIOS MARINHOS ENCONTRADOS NA BAHIA	487
APÊNDICE E - CLASSIFICAÇÃO QUANTO À ORIGEM, PARA AS ESPÉCIES DE DISTRIBUIÇÃO DISJUNTA E RELATADAS PARA A BAHIA	489
APÊNDICE F - DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL (+, PRESENTE) E UTILIZAÇÃO DE SUBSTRATO DOS BRIOZOÁRIOS MARINHOS DA BAHIA	490
APÊNDICE G - NOMES ATUALIZADOS DE BRIOZOÁRIOS MARINHOS DA BAHIA APÓS REVISÃO DA FAUNA LISTADA PREVIAMENTE A ESTE ESTUDO	495
APÊNDICE H - ATUALIZAÇÃO DA FAUNA DA BAHIA LISTADA POR CANU & BASSLER (1928a)	497
APÊNDICE I - FORMAS COLONIAIS DOS BRIOZOÁRIOS MARINHOS DA BAHIA	498
APÊNDICE J - FAUNA DE BRIOZOÁRIOS HABITANTES DE ESPONJAS DA BAHIA	500
APÊNDICE K - FAUNA DE BRIOZOÁRIOS HABITANTES DE CONCHAS DA BAHIA	501
APÊNDICE L - FAUNA DE BRIOZOÁRIOS HABITANTES DE CORAIS DA BAHIA	502
APÊNDICE M - FAUNA DE BRIOZOÁRIOS HABITANTES DE NÓDULOS	502

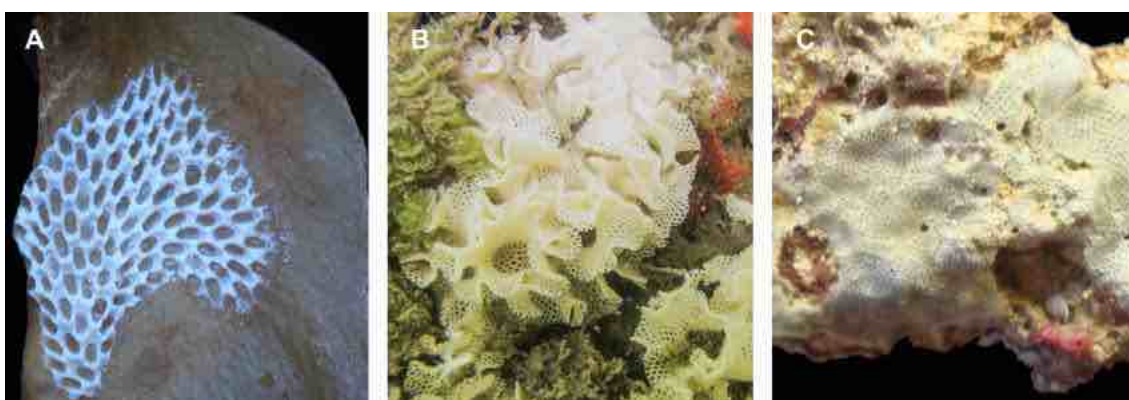
CALCÁRIOS DA BAHIA	505
APÊNDICE N - FAUNA DE BRIOZOÁRIOS HABITANTES DE RODOLITOS DA BAHIA	508
APÊNDICE O - FAUNA DE BRIOZOÁRIOS HABITANTES DE ALGAS DA BAHIA	510
APÊNDICE P - FAUNA DE BRIOZOÁRIOS HABITANTES DE OUTROS BRIOZOÁRIOS DA BAHIA	511
APÊNDICE Q - FAUNA DE BRIOZOÁRIOS HABITANTES DE SUBSTRATOS ARTIFICIAIS DA BAHIA	512
APÊNDICE R - FAUNA DE BRIOZOÁRIOS HABITANTES DE HIDROZOÁRIOS DA BAHIA	513
APÊNDICE S - FAUNA DE BRIOZOÁRIOS HABITANTES DE GRÃOS DE AREIA E/OU CASCALHO DA BAHIA	514

1 INTRODUÇÃO

1.1 Filo Bryozoa: características gerais

O filo Bryozoa (do grego *bryon*, musgo) reúne invertebrados predominantemente sésseis, exclusivamente filtradores e coloniais (modulares) (RYLAND, 1960). Estes organismos são encontrados em todos os tipos de ecossistemas aquáticos, representando os animais lofoforados mais comuns (GONTAR; HOP; VORONKOV, 2001). O nome Bryozoa, “animais musgos”, faz referência à forma colonial de algumas espécies, que são incrustantes e espessas, semelhantes a musgos. Briozoários também podem ser chamados de “esteiras/tapetes do mar” (em inglês, *sea mats*), para as formas incrustantes lisas, ou “corais de renda” (em inglês, *lace corals*), para colônias eretas, tridimensionais ou para aquelas incrustantes que formam finas camadas semelhantes a um tecido rendado (Figura 1) (GORDON, 2001). O filo também é conhecido como Ectoprocta, em referência à posição do ânus fora da coroa de tentáculos ciliar, o lofóforo (FUCHS; OBST; SUNDBERG, 2009). Atualmente são reconhecidas cerca de 8.000 espécies viventes (RYLAND, 2005; WAESCHENBACH; TAYLOR; LITTLEWOOD, 2012) e estima-se que o grupo possua o dobro desse número (APPELTANS et al., 2012).

Figura 1. Alguns briozoários comuns no ambiente marinho. **A**, exemplo de colônia reconhecida como esteira do mar (*Jellyella tuberculata* (Bosc, 1820) sobre alga); **B**, corais de renda de briozoários eretos (*Triphyllozoon arcuatum* (MacGillivray, 1889) em recife de esponjas, foto de Ricardo J. Miranda); **C**, coral de renda de briozoário incrustante (*Antropora typica* (Canu & Bassler, 1928c) sobre nódulo calcário).

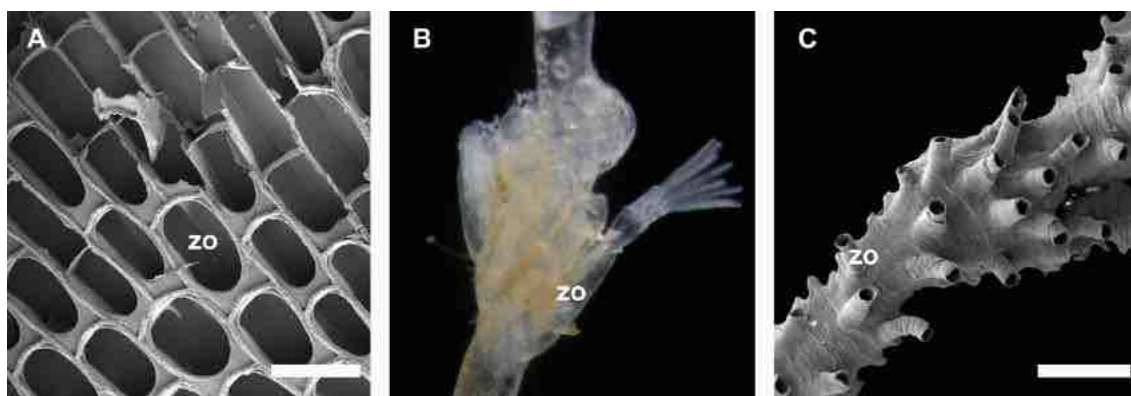


Fonte: O autor (2018).

Cada colônia de briozoários é formada pela união de pequenas unidades denominadas zoóides, cuja forma varia de acordo com o táxon, podendo se apresentar como caixas, saculares ou tubulares (Figura 2). Na maioria das espécies, o zoóide possui

um revestimento cuticular externo que pode ser quitinoso ou de carbonato de cálcio, formando um exoesqueleto mais ou menos rígido. O zoóide típico da colônia é o autozoóide, possuindo função de alimentação. Cada zoóide é formado pelo polípido (corpo do animal incluindo o lofóforo e os demais órgãos) e pelo cistídio (camadas celulares e esqueléticas das paredes zooidais) (Figura 3). Por formarem estruturas modulares (com zoóides formando novos zoóides de diferentes formas e funções), alguns zoóides podem se especializar para outras funções dentro da colônia, tais como fixação e limpeza colonial, sendo denominados de heterozoóides (MCKINNEY; JACKSON, 1989). Enquanto os autozoóides são unidades autônomas, os heterozoóides são dependentes de recursos provenientes dos autozoóides adjacentes (MCKINNEY; JACKSON, 1989; RYLAND, 1970), principalmente por apresentarem um polípido reduzido e sem lofóforo. Basicamente, os heterozoóides mais comuns em uma colônia são os cenozoóides e aviculários (ou aviculárias). Cenozoóides não possuem polípido e musculatura, sendo relacionados com a estrutura e suporte colonial, incluindo rizoides (estruturas de ancoragem) e espinhos articulados. Aviculários apresentam uma redução do desenvolvimento do polípido e do opérculo (i.e., lâmina quitinosa que fecha o orifício zooidal), e são considerados heterozoóides multifuncionais, relacionados com a defesa contra predação, limpeza colonial, manutenção de corrente de água, suporte e locomoção colonial (CARTER, 2008; MCKINNEY; JACKSON, 1989; WINSTON, 1984) (Figura 3).

Figura 2. Diferentes formas zooidais de briozoários. **A**, zoóides em forma de caixa (*Biflustra grandicella* (Canu & Bassler, 1929)); **B**, zoóides saculares (*Amathia vidovici* (Heller, 1867), foto de Leandro M. Vieira); **C**, zoóides tubulares (*Nevianipora* sp.). Escalas: A, C = 500 μ m.

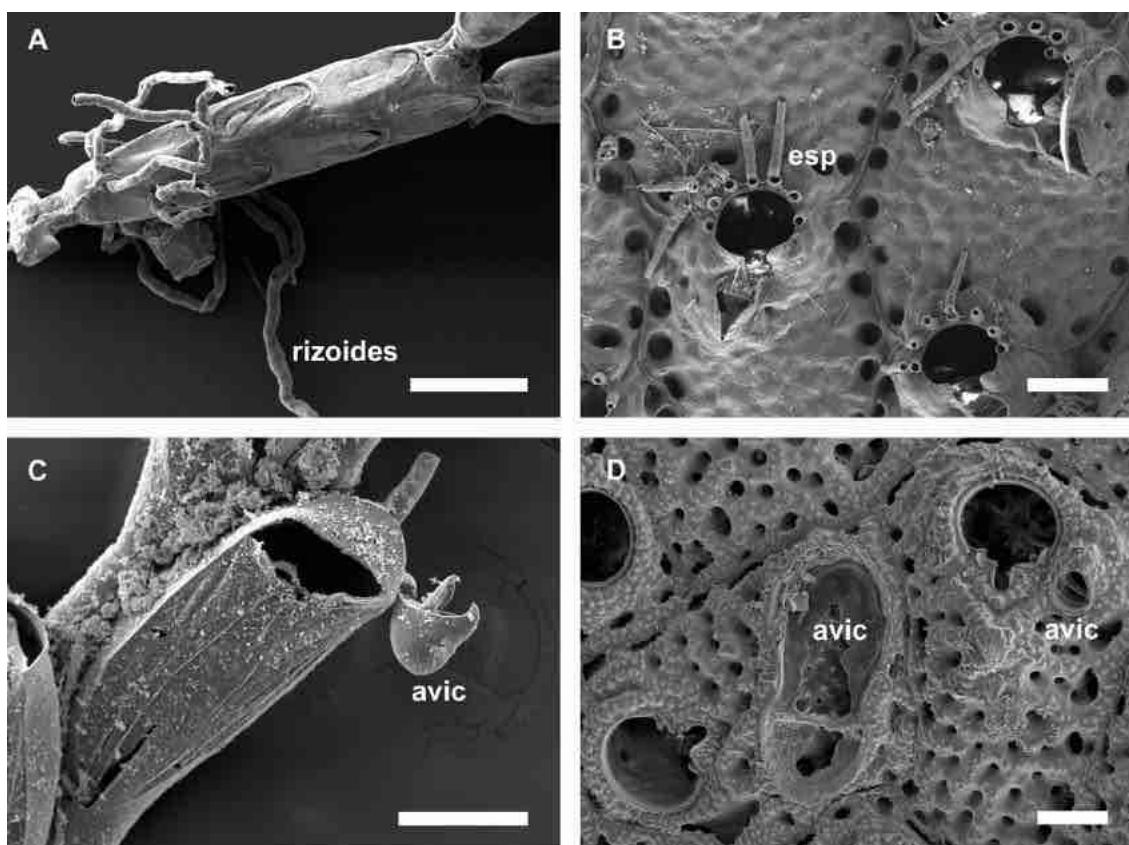


Fonte: O autor (2018).

Todos os briozoários são suspensívoros, capturando nutrientes da água circundante por meio do lofóforo, que é um órgão com número variado de tentáculos

ciliados. O alimento é digerido dentro de um tubo digestivo em forma de U com boca e ânus localizados nas extremidades do tubo e abertura bucal localizada internamente ao lofóforo e o ânus fora deste (Figura 4). Os zoóides são interconectados e exibem alto grau de integração, tanto por meio de bases de fixações coloniais (estolões) ou por poros nas paredes zooidais. Os nutrientes são transportados pela colônia por meio do sistema funicular (funiculo) formado por tais estruturas integrativas, incluindo os poros nas paredes zooidais, e circulando através do fluido celômico. A maioria das espécies é hermafrodita, produzindo gametas masculinos e femininos que originam (por meio de reprodução sexuada e fertilização interna) novas colônias e o crescimento colonial ocorre por brotamento (reprodução assexuada) (MCKINNEY; JACKSON, 1989; OSTROVSKY, 2013; RYLAND, 2005).

Figura 3. Heterozoóides comuns em briozoários. **A**, rizoides, função de sustentação da colônia de *Nellia tenella* (Lamarck, 1816); **B**, espinhos (esp), função de proteção do orifício zooidal de *Hemismittoidea* sp. nov.; **C**, **D**, aviculários (avic), considerados zoóides multifuncionais: **C**, *Caulibugula* sp., **D**, *Stylopoma rotundum* Winston, Vieira & Woollacott, 2014. Escalas: A = 400 µm; B–D = 100 µm.



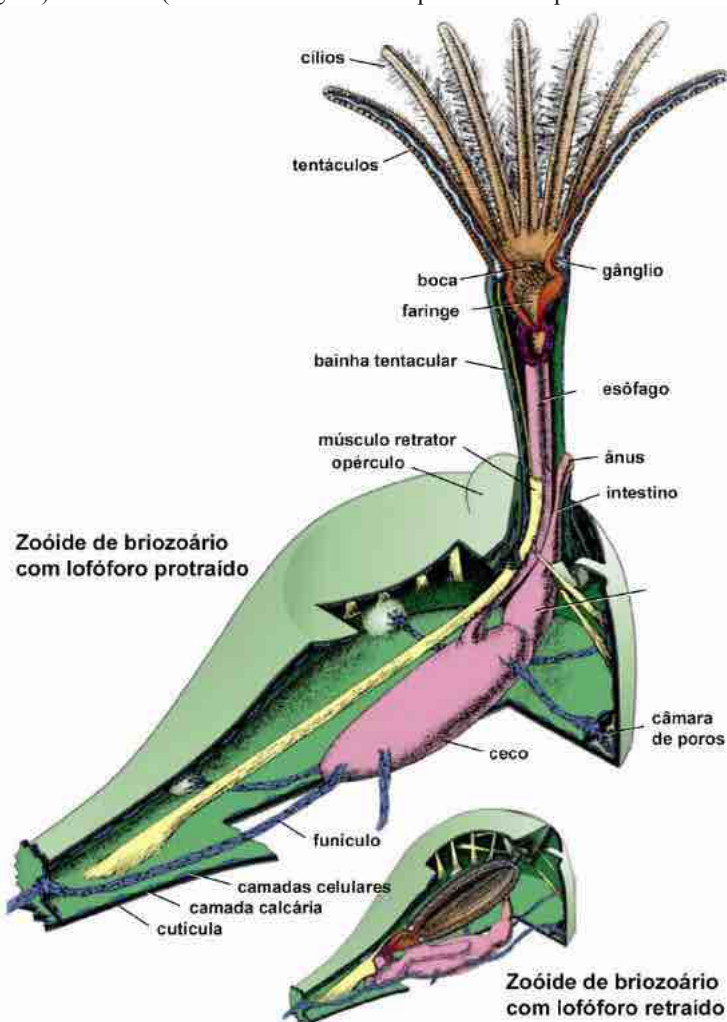
Fonte: O autor (2018).

Por causa da calcificação externa de muitos briozoários, o grupo possui um extenso registro fóssil com 15.040 espécies conhecidas (GORDON; COSTELLO, 2016).

Os primeiros fósseis datam do período Ordoviciano, e diversos grupos foram abundantes durante o Paleozoico (HIROSE, 2017), período no qual os briozoários foram importantes construtores recifais (ENRST; KÖNIGSHOF, 2008; MCKINNEY; JACKSON, 1989). Por apresentar um registro fóssil característico com fósseis de táxons distintos morfológicamente persistentes por milhões de anos, os briozoários contribuíram para a discussão da Teoria do Equilíbrio Pontuado (JACKSON; CHEETHAM, 1990). Tal teoria sugere que, durante o tempo geológico, o padrão evolutivo mais comum compreendia períodos com pouca ou nenhuma mudança, pontuados por episódios breves de rápida evolução, frequentemente durante eventos de especiação (GOULD; ELDREDGE, 1977; PENNELL; HARMON; UYEDA, 2014). Assembleias de briozoários fósseis também são frequentemente utilizadas para reconstruções paleoambientais, especialmente com base nas formas coloniais encontradas em um determinado ambiente (GORDON, 2001; SMITH, 1995; TAYLOR; JAMES, 2013).

Briozoários marinhos são considerados como modelos ideais para investigação da influência do substrato nas assembleias bentônicas (BEN ISMAIL et al., 2012; MCKINNEY; JACKSON, 1989). Muitos trabalhos revelaram preferência de larvas de briozoários a determinados substratos (e.g., CARTER; GORDON, 2007; ROGICK; CROASDALE, 1949; WINSTON, 1982;) e inclusive relações substrato específicas (e.g., RYLAND, 1962; VIEIRA; STAMPAR, 2014; WINSTON, 1982; WINSTON; VIEIRA, 2013). Podem servir como alimento e fornecer habitat para outros organismos e seus fragmentos podem constituir uma parte importante do fundo marinho (AMINI et al., 2004; HIROSE, 2017; SMITH, 1995). São indicadores potenciais de parâmetros e mudanças ambientais (GONTAR; HOP; VORONKOV, 2001) e as formas coloniais geralmente utilizadas para interpretação ambiental (AMINI et al., 2004; HAGEMAN, 2003; SMITH, 1995). Alguns representantes, como espécies do gênero *Bugula* Oken, 1815, produzem uma variedade de metabólitos secundários com potenciais diversos, incluindo citotóxicos, antibióticos, antivirais e anti-incrustantes (DAVIDSON; HAYGOOD, 1999; GORDON; COSTELLO, 2016; LOPANICK; LINDQUIST; TARGETT, 2004; SIMA; VETVICKA, 2011). Os compostos mais promissores e que já estão em uso clínico são reconhecidos como briostatinas (*bryostatin*, em inglês) e estão associados a atividades biológicas imunes, resistência a fármacos, atividade anticancerígena e aumento da atividade quimioterapêutica (GORDON; COSTELLO, 2016; SIMA; VETVICKA, 2011).

Figura 4. Estrutura básica de um zoóide de briozoário mostrando polípido (corpo do animal incluindo o lofóforo e os demais órgãos) e cistídio (camadas celulares e esqueletais das paredes zooidais).



Fonte: modificada de Boardman et al. (1983) e Gordon (2003).

Briozoários são um dos organismos incrustantes mais comuns em áreas portuárias de todo o mundo (GORDON; MAWATARI, 1992, MARQUES et al., 2013). São considerados propensos a eventos de bioinvasão por possuírem características como hábito predominantemente sésil, rápido crescimento e tolerância a vida em diferentes tipos de substrato, tornando-os relativamente adaptáveis a mudanças em larga escala (ALMEIDA et al., 2015a; GORDON; MAWATARI, 1992). Algumas espécies são historicamente reconhecidas como invasoras e o número de espécies exóticas registradas no mundo vem crescendo nos últimos anos (e.g., ALMEIDA et al., 2015a, ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017; MIRANDA; ALMEIDA; VIEIRA, 2018; PORTER et al., 2015).

Dentro de Metazoa, os briozoários foram tradicionalmente reconhecidos como membros do clado Lophophorata, reunidos juntamente com os filos Brachiopoda e

Phoronida com base no aparato alimentar lofoforado (HYMAN, 1959; NIELSEN, 2002; TAYLOR; WAESCHENBACH, 2015). Apesar disso, diferentes dados e técnicas de análises têm levantado hipóteses contranstantes àquelas tradicionalmente aceitas. Até recentemente, algumas evidências moleculares os posicionavam dentro do clado Lophotrochozoa, sendo os briozoários considerados relacionados diretamente com animais com uma larva trocófora, tais como moluscos, anelídeos e entoproctos, ao invés do seu relacionamento com outros lofoforados tradicionais (FUCHS; OBST; SUNDBERG, 2009; HALANYCH, 2004; HELMKAMPF et al., 2008; TAYLOR; WAESCHENBACH, 2015). Evidências filogenômicas, entretanto, sugerem que braquiópodos e foronídeos formam um grupo natural (Brachizoa) (HAUSDORF et al., 2010) no clado Trochozoa (Mollusca, Annelida, Nemertea, Brachiopoda e Phoronida), os Bryozoa sendo agrupados com entoproctos e ciclióforos (KOCOT et al., 2017). As relações entre Brachizoa e Bryozoa não estão bem estabelecidas, uma vez que, apesar de corroborada por evidências morfológicas, a monofilia de Brachizoa não é bem suportada em análises moleculares com diferentes abordagens. Adicionalmente, há evidências conflitantes a respeito do relacionamento entre Bryozoa e Entoprocta, já considerado um clado monofilético em alguns estudos (HAUSDORF et al., 2010; HELMKAMPF et al., 2008).

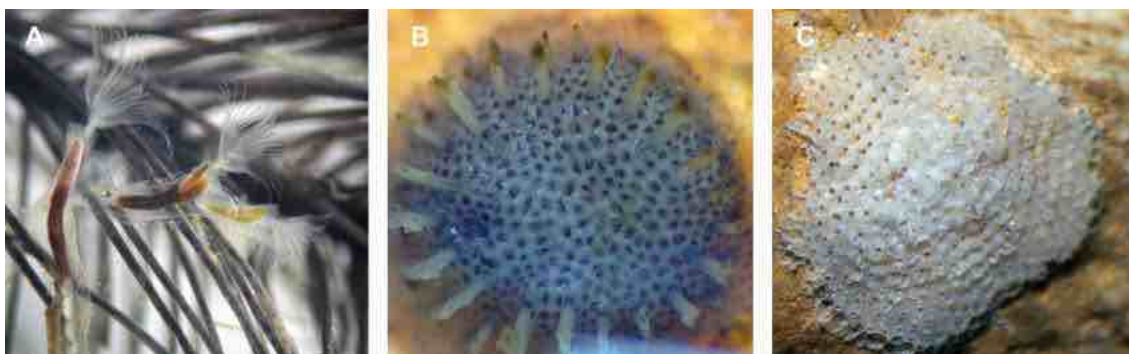
O mecanismo de protrusão do lofóforo, a presença de introverte, o sistema funicular (por vezes considerado um sistema hemal modificado), a estrutura colonial e a presença células multiciliadas e celomoporo são consideradas sinapomorfias do filo Bryozoa (CARLE; RUPPERT, 1983; CUFFEY; BLAKE, 1991). Análises moleculares corroboram o monofiletismo do filo (FUCHS; OBST; SUNDBERG, 2009).

Três classes de briozoários são atualmente reconhecidas, sendo elas: Phylactolaemata Allmann, 1856 (exclusivamente dulciaquícolas;), Stenolaemata Borg, 1926 (exclusivamente marinha) e Gymnolaemata Allmann, 1856 (grande maioria marinha) (Figura 5; Quadro 1). Phylactolaemata e Stenolaemata possuem apenas uma ordem vivente cada, Plumatellida Pennak, 1953 e Cyclostomata Busk, 1852, respectivamente. Gymnolaemata está dividida em duas ordens: Ctenostomata Busk, 1852 e Cheilostomata Busk, 1852 (MCKINNEY; JACKSON, 1989; RYLAND, 2005).

Mais da metade das espécies viventes pertence à ordem Cheilostomata, que possui como sinapomorfias a calcificação das paredes zooidais e a presença de opérculo (i.e., lâmina quitinosa que fecha o orifício zooidal) (MCKINNEY; JACKSON, 1989; RYLAND, 2005). Tais briozoários são encontrados no ambiente marinho desde o

entremarés até grandes profundidades, geralmente sobre qualquer tipo de substrato, tanto natural como artificial (AMINI et al., 2004; SMITH, 1995; WINSTON, 1982). Representantes das ordens Ctenostomata e Cyclostomata também são frequentemente encontrados em assembleias bentônicas marinhas, porém com diversidade menor quando comparados aos Cheilostomata (MCKINNEY; JACKSON, 1989; RYLAND, 2005; SMITH, 1995; WINSTON, 1982).

Figura 5. Representantes das três classes de briozoários. **A**, Phylactolaemata (*Plumatella* sp., foto de Leandro M. Vieira); **B**, Stenolaemata (*Disporella pila* Marcus, 1955); **C**, Gymnolaemata, ordem Cheilostomata (*Hippotrema fissurata* Almeida & Souza, 2014).



Fonte: O autor (2018).

Quadro 1 - Principais características das classes e ordens viventes de briozoários.

Classe (Ordem)	Larva	Parede zooidal	Forma dos zoóides	Forma do lofóforo	Ambiente	No. espécies
Phylactolaemata (Plumatellida)	Manto ciliar externo	Gligoproteína	Saculares	Ferradura	Dulcícola	89
Stenolaemata (Cyclostomata)	Coronada	Calcita	Tubulares	Circular	Marinho	543
Gymnolaemata (Ctenostomata)	Cifonauta/ Coronada	Quitina	Saculares	Circular	Dulcícola/ Marinho	319
Gymnolaemata (Cheilostomata)	Cifonauta/ Coronada	Calcita/ Aragonita	Caixa	Circular	Marinho	4.921

Fonte: Bock & Gordon (2013); McKinney & Jackson (1989); Ryland (2005); Schwaha et al. (2014); Wood & Okamura (2017).

Apesar de consideradas monofiléticas, as relações filogenéticas entre as três classes de briozoários ainda são bastante discutidas (WAESCHENBACH; TAYLOR; LITTLEWOOD, 2012). A ausência de esqueleto calcificado em representantes de

Phylactolaemata e Gymnolaemata fornece um viés no registro fóssil, mas o plano corpóreo trimérico posiciona Phylactolaemata como a classe mais basal (registro mais antigo) do filo (TAYLOR; WAESCHENBACH, 2015; WOOD 1983). Estudos moleculares também sugerem Phylactolaemata como grupo irmão de Gymnolaemata + Stenolaemata (e.g., FUCHS; OBST; SUNDBERG, 2009; WAESCHENBACH; TAYLOR; LITTLEWOOD, 2012). Este último clado é suportado por diversas sinapomorfias, como a reciclagem de polipídios (ciclo polipídio, importante para a excreção zooidal), funículo sem lâmina basal, presença de músculos parietais e parede completa separando os zoóides (TAYLOR; WAESCHENBACH, 2015). Em Gymnolaemata, as relações entre as duas ordens reconhecidas, Ctenostomata e Cheilostomata, também ainda não são claras e análises moleculares não corroboram o monofiletismo das mesmas (TAYLOR; WAESCHENBACH, 2015; WAESCHENBACH; TAYLOR; LITTLEWOOD, 2012).

1.2 Taxonomia do filo Bryozoa

Colônias de briozoários são formadas por zoóides diminutos, tipicamente menores que 0,5 mm de comprimento, pouco evidentes a olho nu (Figura 6). Esse tamanho reduzido dificultou o reconhecimento inicial de características diagnósticas para o filo que, ao menos até a publicação do *Systema Naturae* (LINNAEUS, 1758), foi agrupado juntamente com cnidários como membros do Reino Plantae e reunidos no clado *Corallines* (RYLAND, 1970). Estudos subsequentes de anatomia interna mostraram que tanto briozoários como cnidários eram animais, levando ao agrupamento dos membros *Corallines* com tubo digestivo com abertura única em Anthozoa e aqueles com boca e ânus em Bryozoa (EHRENBERG, 1831 RYLAND, 1970). Mais tarde, o zoólogo e paleontólogo britânico George Busk introduziu as ordens Cyclostomata, Ctenostomata e Cheilostomata para os briozoários marinhos (BUSK, 1852), e, posteriormente, o naturalista irlandês George James Allman dividiu o filo em dois grupos, reconhecidos como classes, Phylactolaemata (representantes de água doce) e Gymnolaemata (marinhos) (ALMANN, 1856). A classe Stenolaemata foi posteriormente designada para briozoários marinhos com zoóides tubulares (BORG, 1926).

A taxonomia tradicional do filo Bryozoa inclui a utilização de caracteres morfológicos externos (exoesqueleto) e internos (estruturas do polipídio), tanto qualitativos quanto quantitativos. Em grupos com esqueleto calcificado, como a classe

Stenolaemata e principalmente representantes da ordem Cheilostomata (classe Gymnolaemata), caracteres esqueléticos relacionados às formas, tamanhos e frequências dos autozoóides e heterozoóides (Figura 7) são tradicionalmente utilizados (MCKINNEY; JACKSON, 1989). Entretanto, em briozoários com pouca ou nenhuma calcificação externa, tais como Phylactolaemata e alguns Gymnolaemata (ordem Ctenostomata), são utilizadas características do polípido, como número de tentáculos do lofóforo, pigmentação, papilas orificiais e embriões (HARTIKAINEN et al., 2013; VIEIRA; MIGOTTO; WINSTON, 2014). Dessa maneira, estudos dos animais *in vivo* podem ser considerados essenciais para a identificação desses animais (VIEIRA; MIGOTTO; WINSTON, 2014).

Figura 6. Aspecto geral de colônia e zoóides de *Parasmittina loxoides* Winston, Vieira & Woollacott, 2014 (Cheilostomata). **A**, vista a olho nu de colônia (seta) incrustando concha; **B**, parte da colônia com detalhe de zoóides sob microscópio estereoscópico; **C**, zoóides vistos sob microscopia eletrônica de varredura. Escala: C = 200 μ m.



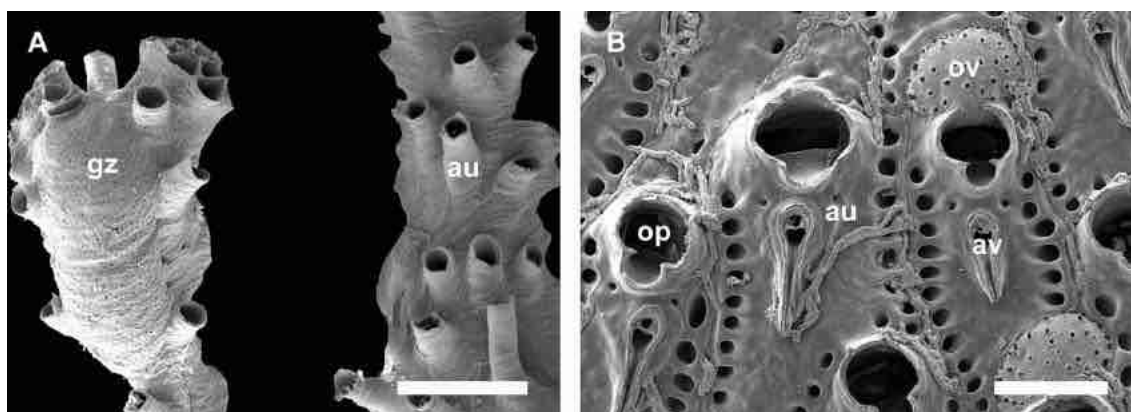
Fonte: O autor (2018).

A utilização de caracteres morfológicos esqueléticos para a taxonomia de briozoários Gymnolaemata, especialmente da ordem Cheilostomata, tem se mostrado, em geral, congruente com estudos moleculares, ao menos em níveis taxonômicos genéricos e específicos (e.g., DICK; MAWATARI, 2004, 2005; HUGHES et al., 2008). Tais evidências fornecem maior suporte da tomada de decisões para a delimitação de espécies e gêneros baseados em caracteres morfológicos zooidais, como os tradicionalmente utilizados e disponíveis em grupos fósseis. Entretanto, para briozoários da classe Stenolaemata, ordem Cyclostomata, essa congruência não tem sido corroborada em estudos integrativos recentes (e.g., TAYLOR et al., 2015; WAESCHENBACH et al., 2009) e muitos caracteres taxonômicos tradicionais tem se mostrado homoplásticos. Dessa maneira, a inclusão de caracteres previamente não observados, a exemplo da

anatomia interna, pode ser necessária para determinação taxonômica e classificação de alguns grupos de briozoários (TAYLOR et al., 2015).

Até o início do século XX, muitos taxonomistas de Bryozoa se baseavam no paradigma do cosmopolitismo, atualmente reconhecido como pseudocosmopolitismo (DICK; MATWATARI, 2004; HARMELIN et al., 2012). Nomes de espécies historicamente conhecidas, e.g. *Microporella ciliata* (Pallas, 1766) e *Parasmittina trispinosa* (Johnston, 1838), eram atribuídos à espécimes de diferentes localidades e morfologias, assumindo-se amplas distribuições geográficas para estes táxons. As diferenças morfológicas eram reconhecidas como variações intraespecíficas, que é resultante da dificuldade de reconhecer características diagnósticas com as ferramentas disponíveis na época (HARMELIN et al., 2012). Nesse sentido, o uso da microscopia eletrônica de varredura (MEV) para caracterização do exoesqueleto zooidal auxiliou o reconhecimento desses caracteres taxonômicos, como consequência na resolução de complexos de espécies, revelando uma diversidade até então desconhecida (e.g., DICK; MATWATARI, 2004, 2005; HARMELIN et al., 2012; TAYLOR; WAESCHENBACH, 2015; VIEIRA; SPENCER JONES; WINSTON, 2013b). O reconhecimento de espécies exóticas e invasoras também foi incrementado, fornecendo maior confiabilidade no registro desses táxons (e.g., ALMEIDA et al., 2015b, ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017; MCCANN et al., 2007; VIEIRA; SPENCER JONES; WINSTON, 2013a).

Figura 7. Alguns caracteres morfológicos externos tradicionalmente utilizados na taxonomia de briozoários. **A**, Classe Stenolaemata (*Nevianipora* sp.): gz, gonozoóide (zoóide utilizado na incubação dos embriões) e au, autozoóide; **B**, Classe Gymnolaemata (*Smittoidea* sp. nov.1): op, orifício primário, au, autozoóide, ov, ovicelo (estrutura de incubação do embrião), av, aviculário (heterozoóide). Escalas: A = 500 µm; B = 200 µm.



Fonte: O autor (2018).

Mais recentemente, a utilização da biologia molecular também tem se mostrado uma ferramenta poderosa para auxílio na resolução de problemas taxonômicos, tais como a resolução de complexos de espécies e o reconhecimento de espécies crípticas (e.g., FEHLAUER-ALE et al., 2013; HARMELIN et al., 2012; WAESCHENBACH et al., 2015). Como resultado da utilização de estudos com MEV e biologia molecular, o número de novas espécies descritas de briozoários para o mundo, bem como o conhecimento das relações evolutivas entre essas, vem aumentando acentuadamente, especialmente no século XXI (GORDON; COSTELLO, 2016).

O filo Bryozoa é historicamente negligenciado (MIGOTTO; MARQUES, 2003; VIEIRA; MIGOTTO; WINSTON, 2008) e o conhecimento da biodiversidade de briozoários da costa brasileira permanece insuficiente, especialmente no nordeste do país (ALMEIDA et al., 2015a; VIEIRA; MIGOTTO; WINSTON, 2008). Adicionalmente, estudos sobre a associação entre briozoários e o substrato são escassos para a costa brasileira. Desta forma, este trabalho propõe somar com o conhecimento da diversidade faunística da Bahia, bem como da fauna marinha do Brasil, servindo como base de dados para estudos futuros de filogenia, biogeografia, bioinvasão, ecologia e conservação.

1.3 Estudos no Brasil

No Brasil, até o início do século XXI poucos esforços foram empregados para conhecimento da diversidade de briozoários marinhos (MIGOTTO; MARQUES, 2003; VIEIRA; MIGOTTO; WINSTON, 2008). Apesar dos primeiros estudos datarem da metade do século XIX (D'ORBIGNY, 1841–1847), grande parte dos trabalhos dessa época consistem em descrições e registros pontuais de espécies (BUSK, 1854, 1881, 1884, 1886; KIRKPATRICK, 1890).

No século XX, foi publicado o primeiro estudo detalhado de briozoários marinhos do Brasil, incluindo 47 espécies coletados entre a Baía de Todos os Santos (Bahia) e o Rio de Janeiro (CANU & BASSLER, 1928a). Apesar deste estudo, a maioria das espécies conhecidas nesse período foi coletada no sudeste do país (Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo), publicadas em uma série de trabalhos e monografias de autoria de Ernst Gustav Gotthelf Marcus (1893–1968), pesquisador alemão que desenvolveu grande parte dos estudos na Universidade de São Paulo (VIEIRA; MIGOTTO; WINSTON, 2008). Essas publicações (MARCUS, 1936, 1937, 1938a, 1938b, 1939, 1941a, 1941b, 1942a, 1942b, 1944, 1949, 1955; MARCUS; MARCUS, 1962) registraram 230 espécies

para o Brasil, das quais 51 foram descritas como novas para a ciência (VIEIRA; MIGOTTO; WINSTON, 2008), compreendendo mais de 40% dos registros de briozoários entre os anos de 1841 e 1962.

Durante os 30 anos subsequentes ao falecimento de E. Marcus, o conhecimento de briozoários marinhos do Brasil voltou a ser baseado em registros pontuais de espécies, frequentemente resultados de grandes expedições científicas nacionais e internacionais (BRAGA, 1967, 1968; BUGE, 1975, 1979; D'HONDT; SCHOPF, 1984; GORDON; D'HONDT, 1985; SOUZA, 1989; TOMMASI et al., 1972). Neste período, Barbosa (1970) compilou a primeira lista de espécies fósseis e recentes do Brasil, publicadas em ordem alfabética e por data de publicação, sem informações taxonômicas adicionais.

Apenas a partir do século XXI houve a retomada dos estudos sobre briozoários do Brasil (FERNANDES et al., 1997; MACHADO; SOUZA, 1994; MACHADO et al., 1999; OMENA; SOUZA, 1999; ROCHA, 1995; ROCHA; D'HONDT, 1999). O inventário taxonômico mais completo de briozoários marinhos do Brasil foi publicado, incluindo 346 espécies de briozoários marinhos e algumas informações taxonômicas, listas de sinônimas, distribuição e registros para cada espécie relatada no país (VIEIRA; MIGOTTO; WINSTON, 2008). Entretanto, este número representa uma pequena parte da diversidade que tem sido descrita nos últimos anos para a área e, desde então, mais de 100 novas espécies foram descritas (ALMEIDA; SOUZA, 2014; ALMEIDA et al., 2014, 2015a, 2015b, 2015c, 2017; ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017; RAMALHO; MURICY; TAYLOR, 2008, 2009, 2010, 2011; RAMALHO; CALLIARI, 2015; SANTANA; RAMALHO; GUIMARÃES, 2009; VIEIRA; GORDON; CORREIA, 2007; VIEIRA et al., 2010; VIEIRA; MIGOTTO; WINSTON, 2010, 2014; VIEIRA; STAMPAR, 2014; WINSTON; VIEIRA, 2013; WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014). Novos registros e o reconhecimento de espécies invasoras e exóticas também são resultados de estudos recentes (e.g., ALMEIDA et al., 2015b; ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017; GORDON et al., 2006; MIRANDA; ALMEIDA; VIEIRA, 2018; VIEIRA; WINSTON; FEHLAUER–ALE, 2012; VIEIRA; SPENCER JONES; WINSTON, 2013a; VIEIRA; MIGOTTO, 2015).

1.4 Estudos na Bahia

Situado no nordeste do Brasil, o Estado da Bahia possui o maior trecho de litoral do país, abrigando grande heterogeneidade de habitats, incluindo recifes de corais, baías,

estuários e manguezais. Apesar da extensa costa e da oferta de diferentes tipos de substratos para colonização e exploração por animais marinhos, o conhecimento da fauna é historicamente baixo quando comparado com outros estados, como São Paulo (ALVES; MUEHE; DOMINGUEZ, 2006; LANA et al., 1996).

O primeiro registro de briozoário para costa da Bahia foi a *Steginoporella magnilabris* (Busk, 1854) (descrita originalmente como *Membranipora magnilabris*; VIEIRA; MIGOTTO; WINSTON, 2008), coletada em Abrolhos por Charles Darwin na Expedição do Navio *Beagle* (1820). Desde então, diversas outras expedições coletaram briozoários no litoral baiano, como a Expedição do "*H.M.S. Challenger*" (1873), "*Calypso*" (1961), "Almirante Câmara" (1985) e o "Programa de Levantamento dos Recursos Vivos da Zona Econômica Exclusiva (REVIZEE)" (1996). Entre os anos de 1993 e 2008, o projeto "Monitoramento ambiental integrado na área de influência dos emissários submarinos da Cetrel e da Millennium", realizado no Litoral Norte do Estado da Bahia, foi responsável por coletas bianuais da comunidade bentônica, incluindo briozoários (ALMEIDA et al., 2015a). Apenas uma pequena parte dos resultados dessas expedições foi formalmente publicado (e.g., BUSK, 1854; CANU; BASSLER, 1928a; MACHADO & SOUZA, 1994; SOUZA, 1989).

Canu & Bassler (1928a) foram responsáveis pelo estudo taxonômico mais detalhado de espécies de briozoários de águas rasas da Bahia, relatando 27 espécies, sete das quais consideradas novas para a ciência. O primeiro inventário taxonômico de briozoários da Bahia foi publicado apenas como resumo de congresso (SOUZA, 1989), listando 34 espécies pertencentes à Ordem Cheilostomata. Posteriormente, Kelmo et al. (2004) publicaram um inventário quantitativo das espécies de Bryozoa do litoral Norte da Bahia, determinando a existência de 157 espécies. Entretanto, como já indicado por Vieira; Migotto; Winston (2008) e Almeida et al. (2015a), o material estudado por Kelmo et al. (2004) necessita ser revisto utilizando técnicas atuais para a descrição dos táxons de Bryozoa uma vez que as espécies foram identificadas e quantificadas *in situ*, prática considerada problemática visto o tamanho diminuto dos zoóides (ca. de 0,5 mm de comprimento). Além disso, tal lista inclui nomes de espécies pseudocosmopolitas, atualmente tratados como espécies distintas para o Brasil (e.g., ALMEIDA et al., 2015b, 2017; WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014). A ausência de espécimes (*voucher*), entretanto, impede uma revisão apropriada desse inventário, sendo dessa maneira desconsiderado nas listas de briozoários publicados nos últimos anos (ALMEIDA et al., 2015a; VIEIRA; MIGOTTO; WINSTON, 2008).

Mais recentemente, no *checklist* de briozoários do Brasil, Vieira; Migotto; Winston (2008) indicaram a ocorrência de 74 espécies na Bahia. Porém, uma contagem mais atual sugere que mais 150 foram relatadas para a área (ALMEIDA et al., 2015a, b, c, 2017, 2018a, b; ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017). A identidade de espécies relatadas uma única vez ou relacionadas com espécies pseudocosmopolitas, como *Reptadeonella violacea* (Johnston, 1847) e *Rhynchozoon rostratum* (Busk, 1856), vem sendo elucidada (ALMEIDA et al., 2015a, 2015b, 2015c; ALMEIDA et al., 2017; ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017), dando evidências que a diversidade de briozoários marinhos da Bahia é historicamente subestimada.

1.5 Objetivos

Objetivo geral

Realizar levantamento faunístico e caracterização morfológica dos briozoários marinhos do Estado da Bahia, verificando sua distribuição geográfica e relações com o substrato.

Objetivos específicos

- (1) Listar as espécies de briozoários marinhos da Bahia;
- (2) Descrever e figurar as espécies de briozoários marinhos da Bahia;
- (3) Estudar a utilização de substrato por briozoários e a sua distribuição espacial no litoral da Bahia.

2 MATERIAL E MÉTODOS

2.1 Área de estudo

Situado no Nordeste do Brasil, o Estado da Bahia compreende o maior trecho de litorâneo do país com aproximadamente 1.000 km de linha de costa e cerca de 300 praias (DOMINGUEZ et al., 2016). A Zona da Mata Costeira é formada por Mata Atlântica e encontrada ao longo de todo o Estado. O clima e as condições de ondas e correntes da costa são fortemente influenciados por elementos da Zona de Convergência Intertropical, como o cinturão de ventos alísios do Atlântico Sul e frentes frias (ALMEIDA, 2009). O clima é predominantemente semiárido, desde o limite norte do Estado até a Baía de Todos os Santos, e tropical úmido a partir desse ponto até o extremo sul (LEÃO; DOMINGUEZ, 2000), com temperaturas médias anuais entre 19° e 26° C. As condições oceanográficas da área são principalmente influenciadas pela Corrente do Brasil, com temperaturas superficiais de mais de 20°C e salinidades de até 37 ups no sul da Bahia (ALMEIDA, 2009; LEÃO; DOMINGUEZ, 2000).

Diversos rios desembocam na zona costeira da Bahia, destacando-se os rios Itapicuru, Praguaçu, Contas, Pardo, Jequitinhonha e Mucuri (BERNAL 2016; DOMINGUEZ et al., 2016). Os rios Pardo e, especialmente, Jequitinhonha são responsáveis pelo transporte de grande quantidade de sedimento que constitui uma das fontes principais de material siliciclástico para as praias e região infralitoral (BERNAL 2016; DOMINGUEZ et al., 2016). Os outros rios possuem descargas menores e pouca influência do aporte fluvial é observada, em geral, em profundidades superiores a 15 metros (BERNAL 2016; DOMINGUEZ et al., 2016).

A plataforma continental da Bahia pode ser dividida em dois setores, ao norte e ao sul da cidade de Ilhéus, localizada na porção central do Estado. A plataforma do setor norte é estreita e com gradiente batimétrico acentuado, e a do setor sul é mais larga e o gradiente batimétrico é baixo (BITTENCOURT et al., 2000; DOMINGUEZ et al., 2011). Essa morfologia distinta, juntamente com a existência de diversos rios, favorecem a ocorrência de uma grande heterogeneidade de habitats, incluindo recifes de corais e de esponjas, afloramentos rochosos, bancos de algas e de rodólitos, estuários e manguezais (ALMEIDA, 2009; AMORIM, 2005; BARROS et al., 2012; SEMARH, 2003) (Figura 8). Briozoários, além de outros grupos de organismos bentônicos, são geralmente encontrados em virtualmente todo tipo de suporte disponível nesses habitats (Figura 9).

Figura 8. Heterogeneidade de habitats da costa da Bahia. **A**, Recife de corais na Baía de Todos os Santos (foto de Francisco Barros); **B**, Recife de esponjas na Baía de Todos os Santos (foto de Ricardo J. Miranda); **C**, Afloramento rochoso na Praia de Itapuã (foto de Luciana R. Martins); **D**, Banco de algas na Praia de Stella Maris; **E**, Planície de maré no estuário do Rio Paraguaçu (foto de Francisco Barros); **F**, Manguezal na Ilha de Itaparica (foto de Jamile S. Farias).

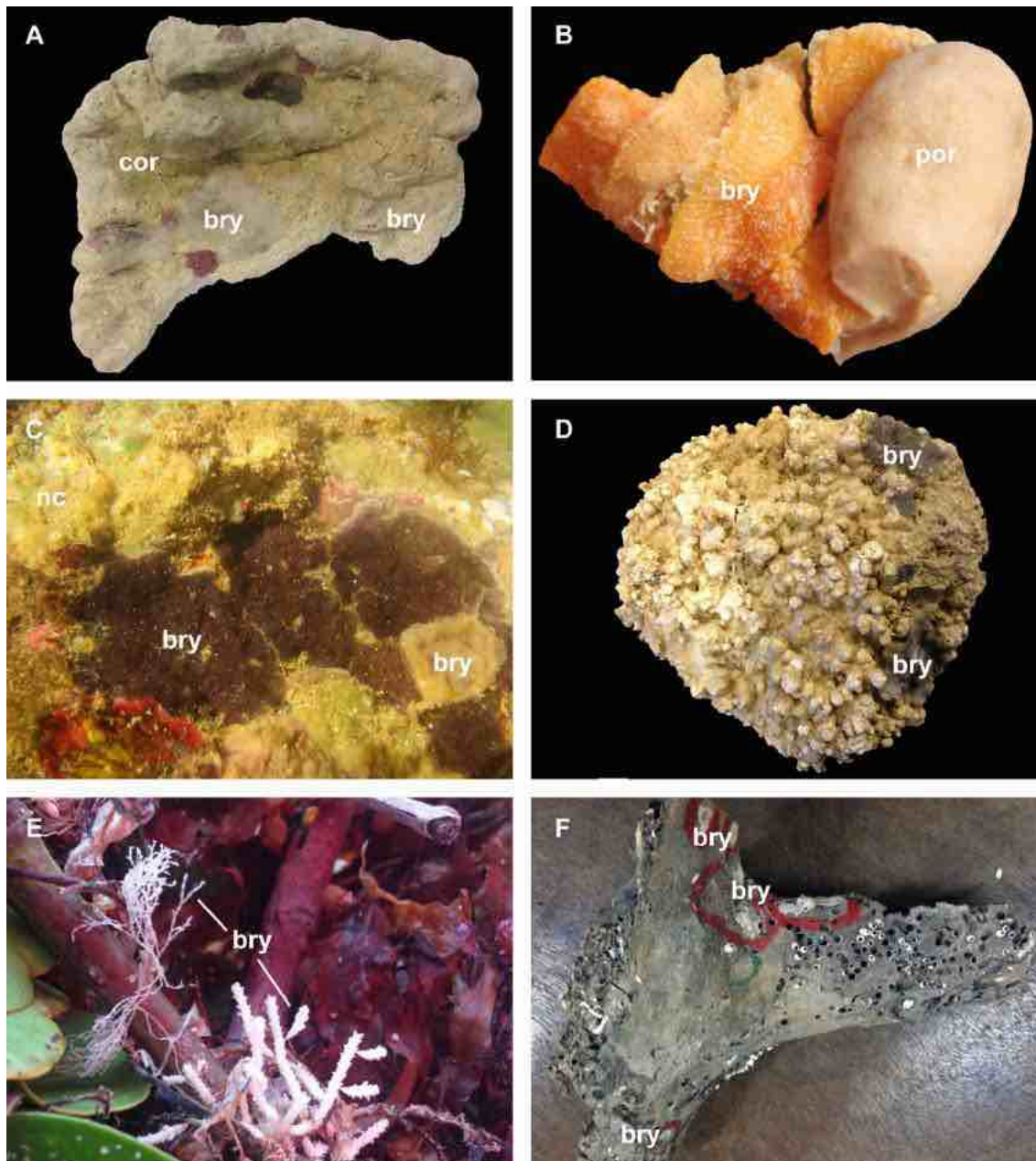


Fonte: O autor (2018).

A costa da Bahia é tradicionalmente dividida em seis zonas litorâneas (baseadas nas zonas turísticas delimitadas pelo Programa de Desenvolvimento Turístico da Bahia, PRODETUR-Ba) (Figura 10): Costa dos Coqueiros (litoral norte; 11°27' a 12°55' S); Baía de Todos os Santos (Recôncavo Baiano; 12°55' a 13°11' S); Costa do Dendê (de Morro de São Paulo à Península de Maraú; 13°12' e 14°17'S); Costa do Cacau (região cacauceira, entre Ilhéus e adjacências; 14°18' e 15°39'S); Costa do Descobrimento (região de Porto

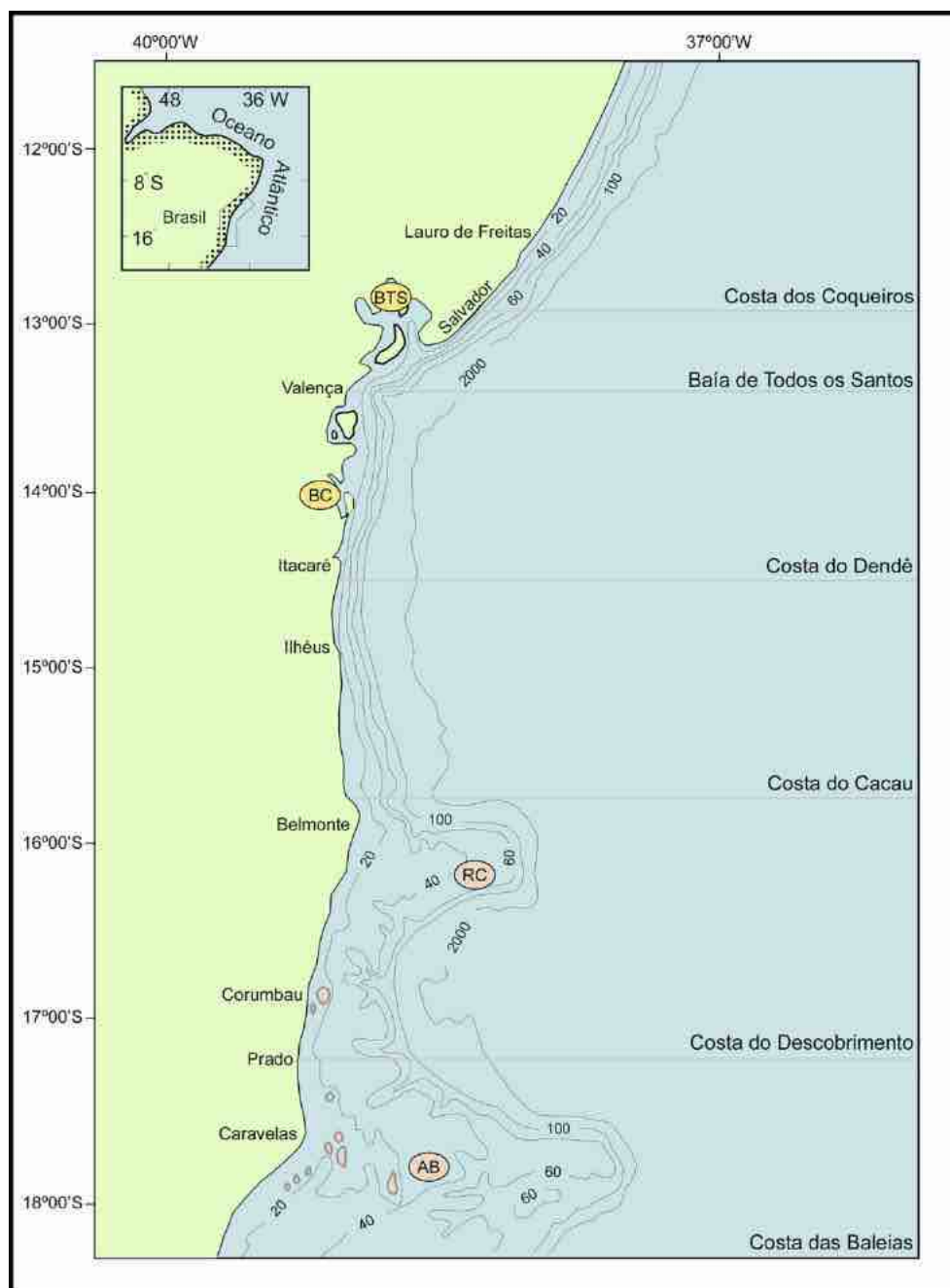
Seguro e adjacências; 15°40' a 16°52'S); e Costa das Baleias (região do arquipélago de Abrolhos, no extremo sul do Estado; 16°52' a 18°20'S) (SETUR, 2012).

Figura 9. Briozoários (bry) em diferentes tipos de suportes disponíveis na costa da Bahia. **A**, colônias de *Stylopoma* spp. sobre fragmento de recife de coral (cor); **B**, colônia de *Calyptotheca ornatissima* (Canu & Bassler, 1928a) sobre esponja (por); **C**, colônias de *Reptadeonella brasiliensis* Almeida, Souza, Sanner & Vieira, 2015 (roxo) e *Stylopoma aurantiacum* Canu & Bassler, 1928a (bege) sobre nódulo calcário (nc); **D**, colônias de *Reptadeonella bipartita* (Canu & Bassler, 1928a) sobre rodolitos; **E**, colônias de *Crisia pseudosolena* (Marcus, 1937) (direita) e *Margaretta buski* Harmer, 1957 (esquerda) em vegetação de estuário; **F**, colônias de *Celleporaria* spp. sobre raízes de manguezais.



Fonte: O autor (2018).

Figura 10. Costa da Bahia e zonas litorâneas. Abreviações: AB, Arquipélago de Abrolhos; BC, Baía de Camamu; BTS, Baía de Todos os Santos; RC, Banco *Royal Charlotte*.



Fonte: modificada de Bittencourt et al. (2000).

Costa dos Coqueiros

A Costa dos Coqueiros, localizada no litoral norte da Bahia, possui uma extensão de aproximadamente 200 km entre os municípios de Lauro de Freitas e o limite com o Estado de Sergipe (GALVÃO; NOLASCO, 2013; SEMARH, 2003). Nessa região, os habitats marinhos mais representativos são as praias arenosas, bancos de arenito de praia,

recifes de corais e fundos de rodolitos (ALVES, 2012; LEÃO; KIKUCHI; TESTA, 2003; SEMARH, 2003).

Os manguezais são pouco desenvolvidos pelo traçado retilíneo da linha de costa e presença apenas de pequenos rios (DOMINGUEZ et al., 2016; SEMARH, 2003). Manguezais mais expressivos, como os do estuário do Rio Jacuípe e do município de Subaúma, são predominantemente compostos por plantas do gênero *Rhizophora* (SEMARH, 2003). Praias arenosas dissipativas (i.e. com alta incidência de ondas) e intermediárias (i.e. com moderada incidência de ondas e presença de bancos de arenito) ocorrem em toda a costa (DOMINGUEZ et al., 2016; SEMARH, 2003). Os bancos de arenito de praia são feições marcantes, formando cordões rochosos na linha de costa, também reconhecidos como afloramentos rochosos, e fornecendo substrato rígido para diversos organismos bentônicos (LIVRAMENTO, 2008; SEMARH, 2003).

Recifes de corais emergentes, que ficam ocasionalmente emersos nas marés baixas, ocorrem em águas muito rasas entre a região da Praia do Forte e Guarajuba (LEÃO; KIKUCHI; TESTA, 2003; LIVRAMENTO, 2008; SEMARH, 2003). Estes recifes são geralmente associados a pequenas piscinas de marés com 5 a 10 metros de largura e não mais que 1 metro de profundidade (LEÃO; KIKUCHI; TESTA, 2003). Bancos de recifes paralelos à linha de praia e distantes de 1 a 1,5 km da costa ocorrem em profundidades de até 20 metros e geralmente possuem 5 a 6 metros de altura (LEÃO; KIKUCHI; TESTA, 2003; LIVRAMENTO, 2008).

Na plataforma continental, especialmente em frente aos municípios de Camaçari e Conde, os rodolitos são componentes comuns, recobrando grandes áreas do fundo (ALVES, 2012; SEMARH, 2003).

Baía de Todos os Santos

A zona litorânea Baía de Todos os Santos inclui as praias da orla marítima da cidade de Salvador, a Baía de Todos os Santos (BTS) e o Recôncavo Baiano (SETUR, 2012). Praias arenosas, baías, estuários, manguezais, recifes de esponjas e de corais são componentes comuns desta zona.

As praias de Salvador possuem características intermediárias e predominância de afloramentos rochosos limitando o litoral (DOMINGUEZ et al., 2016). Fundos de rodolitos são conhecidos para a zona subtidal da Praia de Itapuã (BAHIA et al., 2001). Em praias mais ao sul da cidade, próximas da entrada BTS, como a praia do Farol da

Barra e do Porto da Barra, a zona subtidal possui fundo arenoso geralmente recoberto por esponjas (HAJDU; PEIXINHO; FERNANDEZ, 2011). A plataforma continental é, em geral, caracterizada por inúmeros afloramentos rochosos e sedimento essencialmente cascalhoso resultante da acumulação de partes rígidas de organismos marinhos, como algas coralinas, moluscos, foraminíferos, briozoários e equinodermos (DOMINGUEZ et al., 2011).

A BTS é uma reentrância costeira localizada na microrregião do Recôncavo Baiano (QUEIROZ; CELINO, 2008). Trata-se da segunda maior baía litorânea do Brasil, com mais de 50 km² de área, e considerada um sistema estuarino típico por abrigar vários subsistemas estuarinos à saída dos cursos fluviais afluentes (LESSA et al., 2009). Mais de 90 bacias de drenagem desembocam na baía, destacando-se aquelas associadas aos rios Paraguaçu, Jaguaripe e Subaé, favorecendo a existência de estuários e manguezais, os mais representativos associados aos rios supracitados (LESSA et al., 2009; BARROS et al., 2012). Em regiões entremarés de grandes estuários da BTS, planícies de maré são observadas, servindo de habitat para altos valores de biomassa e abundância de fauna bentônica (BARROS et al., 2012).

O Rio Paraguaçu, principal contribuinte de água doce para a BTS, desemboca na Baía de Iguape, uma baía secundária, conectada a BTS pelo canal do Paraguaçu (ou canal de São Roque) (GENZ, 2006; LESSA et al., 2009). A Baía de Iguape possui 76,1 km², 16 km de comprimento e profundidades entre 1,6 e 19 m; o Canal do Paraguaçu possui 18 km de comprimento e varia de 10 a 44 metros de profundidade (GENZ, 2006; LESSA et al., 2009). A Baía de Iguape é bordeada por grandes áreas de manguezais e o fundo da baía é predominantemente lamoso, recoberto por depósitos constituídos de fragmentos rochas metamórficas, de quartzo e de feldspato ou de areia quartzosa média a grossa (GENZ, 2006).

Outra importante baía secundária da BTS é a Baía de Aratu, que abriga o Porto Industrial de Aratu e está próxima aos Centro Industrial de Aratu e Polo Petroquímico de Camaçari. Esta baía possui área de 24,5 km² e profundidade média de 1,8 m, conectando-se à BTS através de um canal de 4 km de comprimento, o canal de Cotegipe, que possui de 10 a 40 metros de profundidade (LESSA et al., 2009). A região da BTS onde está inserida a Baía de Aratu é reconhecida por ter um grande comprometimento ambiental, com altas concentrações de metais pesados no sedimento e manguezal arbustivo de porte baixo, principalmente por causa do impacto gerado pela presença do porto e dos empreendimentos diversos instalados em suas imediações (LESSA et al., 2009;

QUEIROZ; CELINO, 2008). Nesta baía secundária, poucas praias são observadas e a borda é recortado por várias enseadas e geralmente por mangues estreitos nas desembocaduras de pequenos rios (BARROS et al., 2012; QUEIROZ; CELINO, 2008). O fundo é formado predominantemente por material argilo-siltoso com grandes áreas associadas a depósitos de conchas e fragmentos esqueletais de organismos marinhos diversos (DIAS, 2003; LESSA et al., 2009).

Ilhas com tamanhos variados ocorrem dentro da BTS, a exemplo da Ilha dos Frades, Ilha de Maré e da Ilha de Itaparica (ALVES; MUEHE; DOMINGUEZ, 2006). Esta última é a maior ilha da BTS, com 240 km², e abrigando diversos habitats marinhos como praias arenosas, manguezais, estuários e recifes de corais (BARROS et al., 2012; LEÃO; KIKUCHI; TESTA, 2003). Recifes de corais mais ou menos descontínuos bordejam a margem oriental e o sudeste da Ilha de Itaparica e também são encontrados ao redor das pequenas ilhas da região norte da BTS (LEÃO; KIKUCHI; TESTA, 2003). Nesta mesma região da baía há também uma série de recifes de 4 metros de altura que ocorrem em profundidades de 10 metros (LEÃO; KIKUCHI; TESTA, 2003).

Costa do Dendê

A Costa do Dendê está localizada na microrregião do Baixo Sul da Bahia, possui cerca de 115 km de extensão litorânea e abrange desde o município de Valença até Itacaré (SILVA; SILVA, 2007; SILVA, 2011). A região apresenta um litoral marcadamente recortado, bordado por estuários, penínsulas, baías e com muitas ilhas, a exemplo da Baía de Camamu e das Ilhas de Boipeba e Tinharé (AMORIM, 2005; SILVA; SILVA, 2007). Praias arenosas são comuns na zona costeira do município de Valença e menos frequentes nas Ilhas de Boipeba e Tinharé, onde os manguezais predominam ao longo da linha de costa (SILVA; SILVA, 2007). Estas ilhas são bordadas por recifes de corais em franja, formados por estruturas mais ou menos contínuas cujos topos ficam totalmente expostos em marés baixas (LEÃO; KIKUCHI; TESTA, 2003; KIKUCHI et al., 2008).

A Baía de Camamu está entre as cinco maiores baías costeiras do país, possui aproximadamente 384 km², profundidade média inferior a 5 metros (máxima de 37 m) e constitui um complexo estuarino bordado por extensas áreas de manguezais (HATJE et al., 2008; PAIXÃO et al., 2010). A baía possui inúmeras pequenas ilhas, as mais importantes sendo as Ilhas Grande e Pequena e recebe descarga de diversos rios que a

circundam (HATJE et al., 2008; PAIXÃO et al., 2010). O fundo da baía é composto majoritariamente por areia; lama e argila recobrem o fundo adjacente a desembocadura de rios e à porção central da baía (HATJE et al., 2008). Areia quartzosa e algas coralinas também são componentes comuns do leito marinho da área (HATJE et al., 2008; PAIXÃO et al., 2010). Recifes de esponjas e de corais são os substratos rígidos mais disponíveis, servindo de habitat para organismos bentônicos diversos (HAJDU; PEIXINHO; FERNANDEZ, 2011; LEÃO; KIKUCHI; TESTA, 2003). Bancos de rodolitos associados a corais e outros organismos frequentemente ocorrem na área circundante aos recifes (KIKUCHI et al., 2008).

A plataforma continental da Costa do Dendê tem profundidade média de 30 metros e possui fundo formado predominantemente por areia e lama, com baixos teores de cascalho (SILVA, 2011). As algas coralinas incrustantes, principais organismos formadores de rodolitos, constituem os componentes bioclásticos mais comuns do sedimento (NUNES et al., 2008; SILVA, 2011).

Costa do Cacau

A Costa do Cacau fica na porção central da costa da Bahia, entre os municípios de Ilhéus e a cidade de Olivença, compreendendo cerca de 164 km de extensão (CORRÊA, 2010; FREIRE, 2006; SANTOS, 2012). Em geral, a linha de costa possui traçado retilíneo, com poucas reentrâncias e saliências (SANTOS, 2012; TEIXEIRA; ALMEIDA; LAVENÈRE–WANDERLEY, 2011), sendo caracterizada essencialmente por planícies costeiras (LAGE, 2014; SANTOS, 2012; SILVA).

Afloramentos rochosos são componentes comuns da região entremarés de praias (SANTOS, 2012; SILVA; LAGE, 2014). Em algumas localidades, como na praia de São Miguel e outras praias do litoral norte, há alto grau de urbanização e modificação da linha de costa com redução da faixa de areia e construção de espigões, muros e outras estruturas de contenção (SILVA; LAGE, 2014; TEIXEIRA; ALMEIDA; LAVENÈRE–WANDERLEY, 2011). O Porto Internacional de Ilhéus também está localizado nesta região (TEIXEIRA; ALMEIDA; LAVENÈRE–WANDERLEY, 2011). A Baía do Pontal, em Ilhéus, é o principal ecossistema costeiro da área, sendo reconhecido como um sistema estuarino bordado por mangues, cujo fundo é predominantemente formado por areia e argila (SILVA; LAGE, 2014).

Na Costa do Cacau, a plataforma continental possui fundo composto por lama carbonática, com lama siliciclástica próximo a desembocaduras dos rios de Contas, Almada e Cachoeira (FREIRE, 2006). Areia bioclástica e fragmentos de algas coralinas, moluscos, equinodermos e foraminíferos são encontrados entre a plataforma em frente a desembocadura dos rios de Contas e Almada (FREIRE, 2006).

Costa do Descobrimento

Mais ao sul da costa da Bahia está localizada a Costa do Descobrimento, abrigando desde o município de Belmonte até Prado, com extensão litorânea de cerca de 165 km (AMORIM, 2016; SILVA, 2008). As praias são essencialmente arenosas e em suas adjacências, em zonas entremarés, ocorrem inúmeros terraços de abrasão que servem de substrato para organismos como corais e algas (DOMINGUEZ, 2016; SILVA, 2008). Bancos de arenito que geralmente permanecem submersos por vezes ocorrem expostos na face praial (SILVA, 2008). Esses bancos de arenitos podem estar associados a extensos manguezais, como nas desembocaduras dos rios Buranhém e João de Tiba (DANTAS; MEDINA; SHINZATO, 2002). Os estuários, como os dos rios dos Frades e Jucuruçú, são de moderado a pequeno porte e pouco contribuem para o fundo marinho pois possuem tendência à exportação de material sedimentar (SILVA, 2008).

Na plataforma continental da Costa do Descobrimento destaca-se o banco vulcânico *Royal Charlotte*, localizado entre o município do Prado e a foz do rio Jequitinhonha. Este banco possui formato quase retangular, com superfície plana, cortada por canais com profundidades entre 30 e 40 metros (MMA, 2012). Este banco é predominantemente recoberto por algas coralinas incrustantes (SILVA, 2011). Esponjas também são abundantes neste ambiente (HAJDU; PEIXINHO; FERNANDEZ, 2011).

Os recifes de corais da Costa do Descobrimento estão em águas de até 20 metros de profundidade, são paralelos a linha de costa e são reconhecidos como bancos recifais com dimensões e formas variadas (LEÃO; KIKUCHI; TESTA, 2003; SILVA, 2008). Os bancos de Trancoso e Taquena são recifes ancorados importantes não área (LEÃO; KIKUCHI; TESTA, 2003). Em águas muito rasas há recifes alongados sobre rochas de praias, que são colonizadas por organismos tipicamente recifais (LEÃO; KIKUCHI; TESTA, 2003; SILVA, 2008). Alguns recifes formam feições cuspidadas construtivas, especialmente na área de Coroa Vermelha e Ponta do Corumbau (SILVA, 2008). Os chapeirões (i.e., estrutura recifal formada por pilares estreitos e isolados cujos topos são

expandidos lateralmente), unicamente encontrada nos recifes do Brasil, começam a ocorrer nesta área da Bahia, representados pelos recifes de Itacolomis (LEÃO; KIKUCHI; TESTA, 2003).

Costa das Baleias

A Costa das Baleias, localizada no extremo sul da Bahia, compreende 150 km de litoral entre os municípios de Prado até Mucuri (CORRÊA, 2010). Nesta região, há pouca ou nenhuma influência de rios, já que aqueles que ali desaguam são de pequeno porte (CORRÊA, 2010; DOMINGUEZ et al., 2016). O fundo marinho ao longo da linha de costa é constituído fundamentalmente de areias quartzosas médias a grossas e alguns fragmentos de conchas (CORRÊA, 2010; SANTOS, 2006). Há manguezais em algumas regiões, especialmente entre Caravelas e Nova Viçosa (CORRÊA, 2010; SANTOS, 2006).

No ambiente praiado da Costa das Baleias, vegetação arbustiva do manguezal é um substrato comum (SANTOS, 2006). As praias arenosas são bordejadas por terraços arenosos, planícies de marés e falésias (DOMINGUEZ et al., 2016; SANTOS, 2006).

Esta zona é considerada a mais rica área recifal de toda a costa do Brasil (CORRÊA, 2010; LEÃO; DOMINGUEZ, 2000; LEÃO; OLIVEIRA; KIKUCHI, 2008), abrigando o Parque Nacional Marinho de Abrolhos e o complexo recifal de Abrolhos. Tratam-se de recifes afastados cerca de 10 a 20 km da costa em águas rasas, com menos de 20 metros de profundidade (LEÃO; OLIVEIRA; KIKUCHI, 2008). Em profundidades inferiores a 10 m, há câmoros coralinos, canteiros recifais e bancos recifais. Em maiores profundidades, bancos recifais profundos e colunas coralinas (chapeirões) também são comuns (LEÃO; OLIVEIRA; KIKUCHI, 2008). O fundo marinho adjacente a linha de costa da área recifal da Costa das Baleias é essencialmente lamoso e arenoso e no entorno dos recifes há constituintes bioclásticos resultantes da quebra das estruturas recifais e deposição de esqueletos e carapaças de diversos organismos que vivem associados a tais recifes, como moluscos, equinodermos, foraminíferos, ostracodes e macroalgas do gênero *Halimeda* (LEÃO; OLIVEIRA; KIKUCHI, 2008).

A plataforma continental desta região possui diversas construções biogênicas e feições vulcânicas aflorantes que constituem as cinco ilhas do arquipélago de Abrolhos (DOMINGUEZ et al., 2016; SANTOS, 2006).

2.2 Material de estudo

Os 3.396 lotes de espécimes estudados estão depositados em quatro coleções científicas: Museu de Zoologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, Bahia, Brasil; Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, Pernambuco, Brasil; National Museum of Natural History, Smithsonian Institution, Washington D.C., Estados Unidos (USNM) e Natural History Museum (NHMUK), Londres, Inglaterra (Apêndice A). Para confirmação da identificação taxonômica, foram utilizados espécimes tipo e espécies correlatas provenientes das coleções de Bryozoa do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (MNRJ), Rio de Janeiro, Brasil; USNM; NHMUK; Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (MZUSP), São Paulo, Brasil e e Muséum national d'Histoire naturelle (MNHN), Paris, França.

2.3 Metodologia para taxonomia

2.3.1 Caracteres taxonômicos

A descrição da morfologia externa foi baseada em caracteres atualmente utilizados na taxonomia e classificação de briozoários da classe Gymnolaemata (segundo literatura específica para cada categoria). Os caracteres taxonômicos utilizados estão listados abaixo (Quadro 2).

Quadro 2 - Caracteres taxonômicos utilizados para taxonomia e classificação de briozoários da classe Gymnolaemata.

Característica	Classificação utilizada/Presença e morfologia
Forma de crescimento colonial	- Incrustante: rastejante, unisserial, laminar, mancha, pontual ou domal - Ereta: articulada, ramificada delicada, ramificada rígida, espalmada, foliosa ou fenestrada - Vida livre
Tipo de calcificação frontal	- Criptocisto e/ou gimnocisto - Escudo frontal espinocístico, gimnocístico, umbonulóide ou lepralióide
Calcificação abfrontal	Setores basais e/ou poros; cicatrizes de calcificação; heterozoóides
Paredes transversais	Poros simples; placas de poros (septulas)
Opésia e orifício primário	- Opésia (frontal com criptocisto e/ou gimnocisto) - Orifício primário (escudo frontal)
Aviculários	- Adventícios pedunculados - Adventícios sésseis: latero-orais, suborais, frontais e/ou marginais - Interzooidais - Vicariantes - Vibraculários

Outros heterozoóides	- Zoecíolos; rizoides; cenozoóides; estolão
Ovicelo	- Fechamento da abertura: cleitral, acleitral, não-cleitral, subcleitral, pseudocleitral - Grau de imersão: hiperestomial ou proeminente, submerso, endozooidal, imerso - Ooécio: caloporiforme, eschareli-forme, lepralie-forme, microporeli-forme, bivalvado

Fonte: O autor (2018).

2.3.1.1 Forma de crescimento colonial

Definida pelo o aspecto geral da colônia inteira do briozoário. Seguindo Bishop (1989), Taylor & James (2013) e Almeida et al. (2017), três formas coloniais principais podem ser reconhecidas: incrustantes, eretas e de vida livre (Figura 11).

Colônias de vida livre possuem certa mobilidade no fundo, crescem rapidamente e frequentemente envolvem completamente o substrato. Possuem forma circular e perfil cônico geralmente baixo, sendo reconhecidas como discóides (Figura 11C).

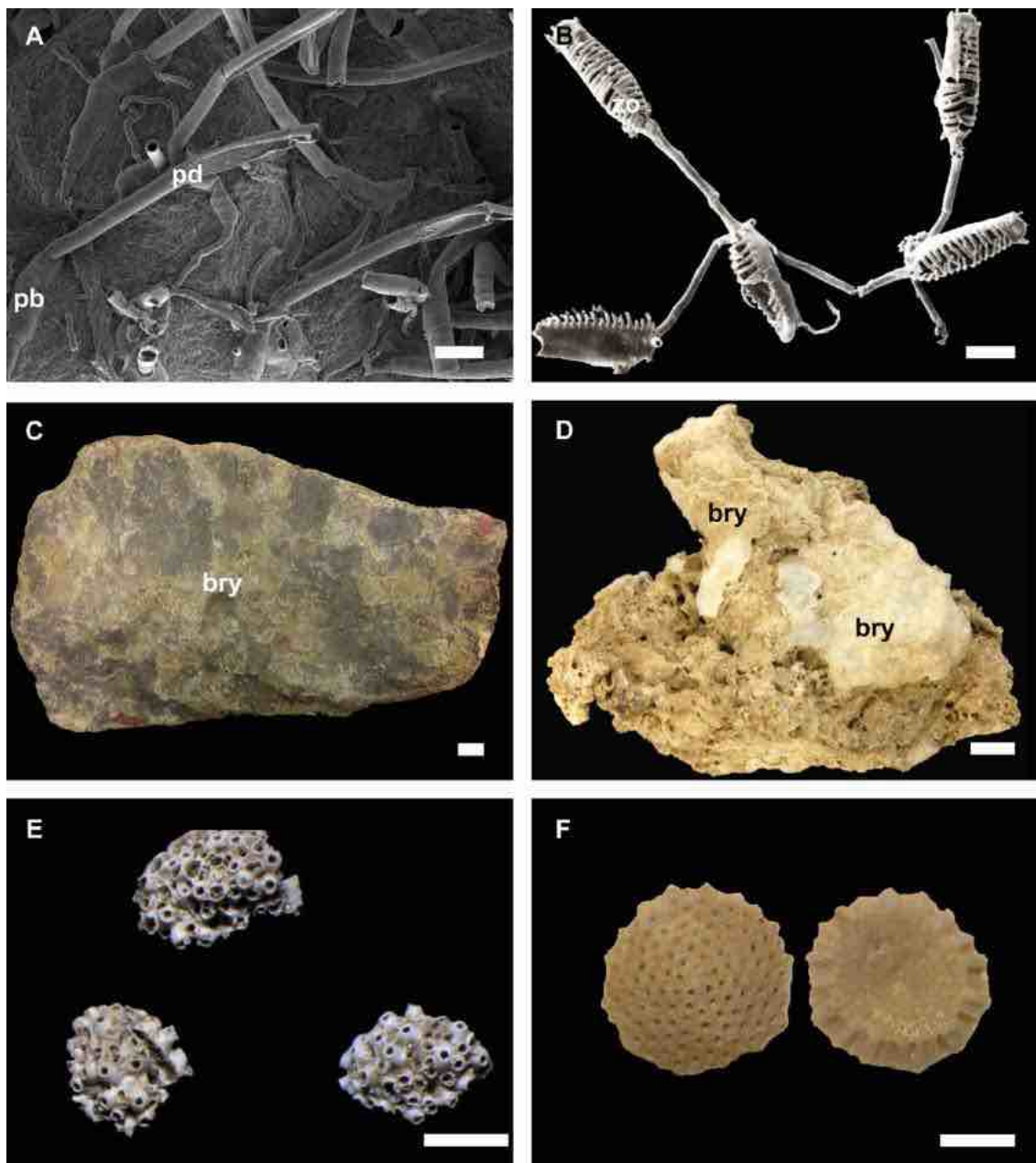
Colônias incrustantes são virtualmente fixas e crescem adjacente ao substrato e, então, essencialmente bidimensionais. Podem ser rastejantes, quando formadas por uma porção basal fixa e uma porção distal erguida; unisseriais, quando formadas por séries consistindo de zoóides únicos; laminares, quando camadas (ou uma camada única) de incrustação cobrem praticamente todo o substrato disponível; manchas, quando formadas por incrustações de tamanho médio, nunca cobrindo todo o substrato disponível; pontuais, para colônias multisseriais sexualmente maduras com poucos milímetros de diâmetro; e domais, quando as colônias são basalmente cimentadas em um substrato ou crescem além do substrato inicial assumindo relevo mais ou menos vertical (Figura 12).

Figura 11. Principais formas de crescimento colonial de briozoários. **A**, incrustante (*Parasmittina loxoides* Winston, Vieira & Woollacott, 2014); **B**, ereta (*Licornia jolloisii* (Audouin, 1826); **C**, vida livre (*Discoporella salvadorensis* Winston, Vieira & Woollacott, 2014, foto de Jamile S. Farias).



Fonte: O autor (2018).

Figura 12. Colônias incrustantes de briozoários. **A**, rastejante, porção basal fixa (pb) e porção distal erguida (pd) (*Aetea cultrata* Vieira, Almeida & Winston, 2016); **B**, unisseriais, zoóides (zo) únicos (*Beania australis* Busk, 1852); **C**, laminares (*Reptadeonella brasiliensis* Almeida, Souza, Sanner & Vieira, 2015); **D**, manchas (*Stylopoma aurantiacum* Canu & Bassler, 1928a); **E**, pontuais (*Celleporina joannae* Almeida, Souza, Menegola & Vieira, 2017); **F**, domais (*Mamillopora cupula* Smitt, 1873). Escalas: A, B = 200 µm; C, D = 1 cm; E = 5 mm; F = 1 mm.

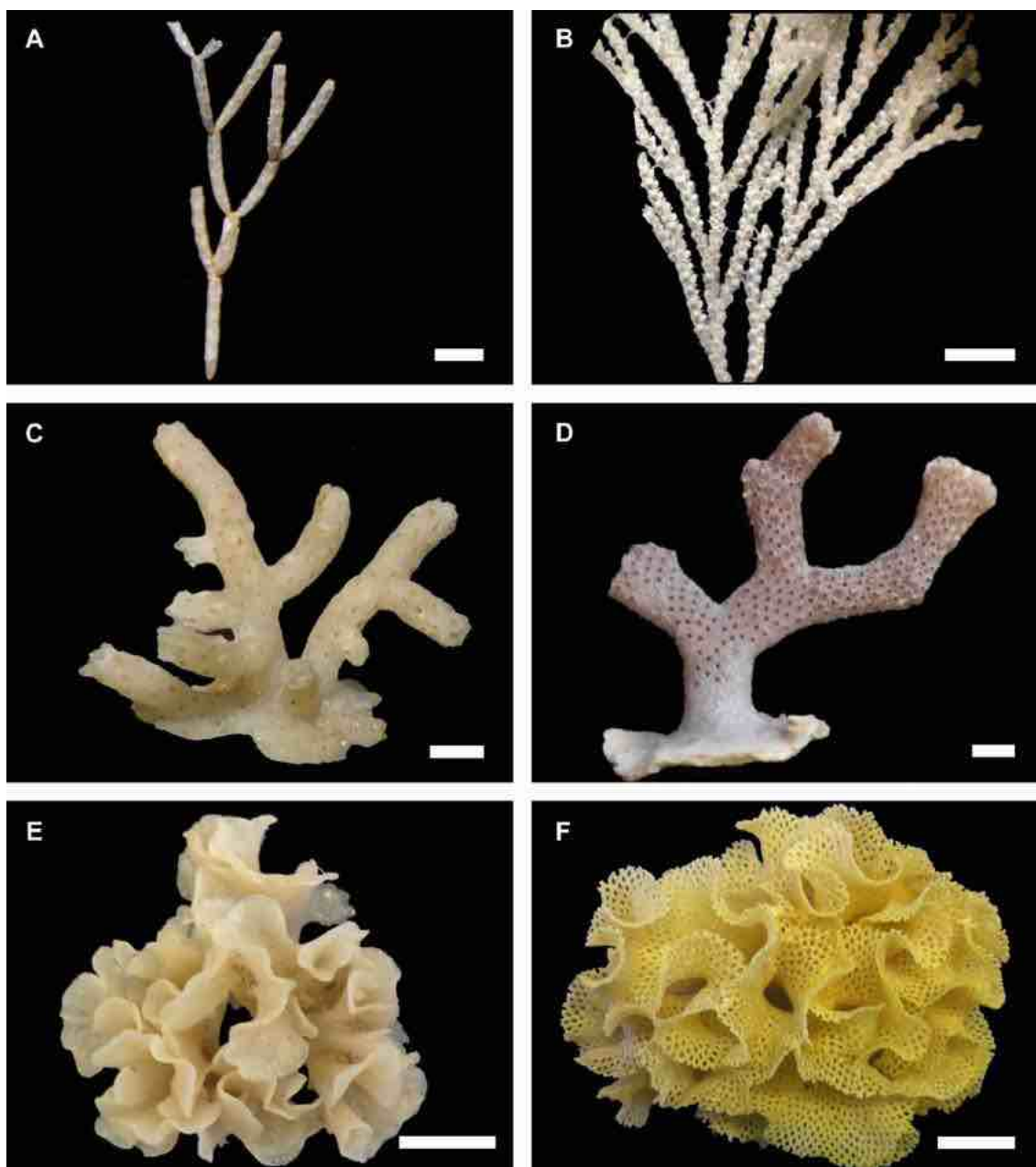


Fonte: O autor (2018).

Colônias eretas possuem porção basal fixa ao substrato e crescem como estruturas livres do substrato. Elas são classificadas como articuladas, quando ramos apresentando articulações quitinosas (nós); ramificadas delicadas, para ramos bifurcados estreitos (<2 mm de diâmetro) e sem articulações; ramificadas rígidas, para ramos bifurcados (>2 mm de diâmetro) e sem articulação; palmadas, para ramos fortemente calcificados e achatados

e bifurcados; foliosas, para colônias frondosas; fenestradas, para ramos estreitos ligados em intervalos regulares e com autozoóides abrindo em apenas um lado da colônia (Figura 13); estoloníferas, quando os zoóides estão fixos e são conectados por estolões (Figura 14A).

Figura 13. Colônias eretas de briozoários. **A**, articulada (*Nellia tenella* (Lamarck, 1816)); **B**, ramificada delicada (*Licornia jolloisi* (Audouin, 1826)); **C**, ramificada rígida (*Gemelliporina glabra* (Smitt, 1873)); **D**, espalmada (*Trematoecia arborescens* (Canu & Bassler, 1928a)); **E**, foliosa (*Membraniporopsis tubigera* (Osburn, 1940)); **F**, fenestrada (*Triphyllozoon arcuatum* (MacGillivray, 1889)). Escalas: A, B = 5 mm; C, D = 1 mm; E, F = 1 cm.

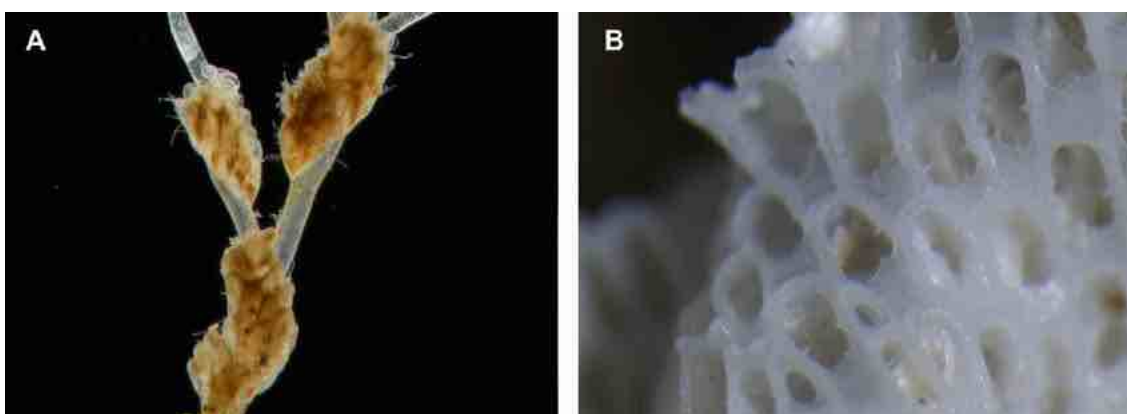


Fonte: O autor (2018).

2.3.1.2 Calcificação frontal

Em briozoários pertencentes à ordem Ctenostomata, as colônias não são calcificadas (composição de quitina), e espécies da ordem Cheilostomata são calcificadas com composições distintas de calcita e aragonita (TAYLOR; MONKS, 2007) (Figura 14).

Figura 14. Diferentes formações da parede frontal (calcificação) em briozoários. **A**, Ctenostomata (*Amathia vidovici* (Heller, 1867); foto de Leandro M. Vieira) com colônias não calcificadas, mas quitinosas; **B**, Cheilostomata (*Biflustra tenuis* (Desor, 1848)) com calcificação parcial da parede frontal. Escala = 200 μ m.



Fonte: O autor (2018).

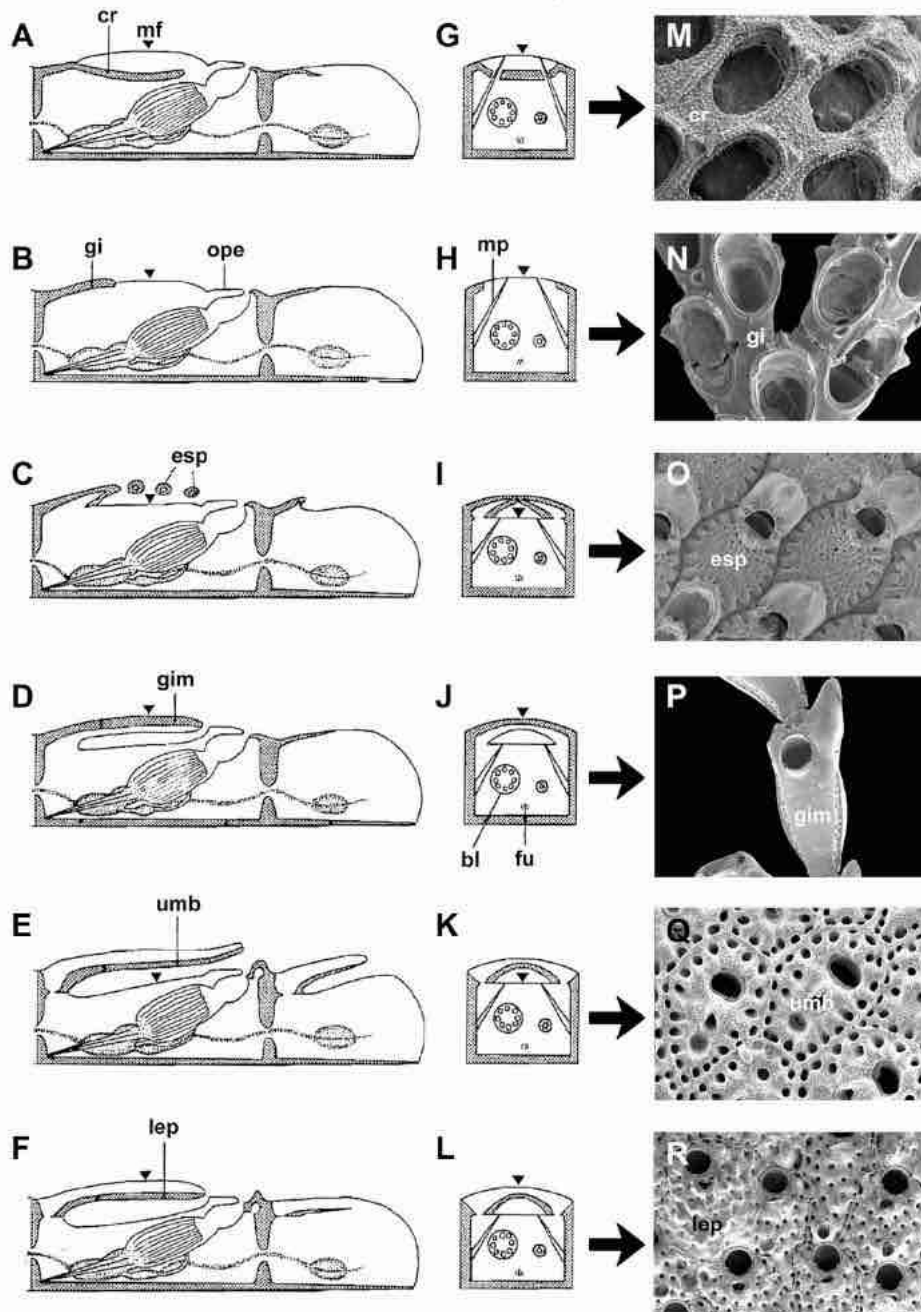
Em Cheilostomata pode ocorrer diferentes graus de calcificação zooidal (Figuras 14–16). Assim, a classificação do tipo de calcificação frontal apresentada neste trabalho foi baseada em Ryland & Hayward (1977), Hayward & Ryland (1979), Cheetham & Cook (1983), Gordon (1993, 2000), Gordon & Grischenko (1994) e Ostrovsky (2013).

Cheilostomata pode apresentar dois tipos básicos de calcificação: criptocisto e gimnocisto (Figuras 15A,B,G,H,M,N e 16). Essas calcificações são frequentemente encontradas em espécies das subordens Malacostegina Levinsen, 1902 (Figura 15M) e Thalamoporellina Ostrovsky, 2013, e ocorrendo em algumas espécies da subordem Flustrina Smitt, 1868, incluindo Calloporoidea Norman, 1903, Buguloidea Gray, 1848 (Figura 15N), Microporoidea Gray, 1848 e Cellarioidea Fleming, 1828 (Figura 15O).

O criptocisto é formado por um dobramento da região proximal da parede do corpo, sendo separado da membrana frontal superior pelo espaço celômico. Dessa forma, o criptocisto é levemente deprimido, podendo formar uma placa inclinada e geralmente granulosa (Figura 16A–D). No criptocisto pode ocorrer uma placa mediana ou denticulos laterais de calcificação, como em várias espécies de *Biflustra* d'Orbigny, 1852

(ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017) (Figura 16A).

Figura 15. Calcificação frontal em Cheilostomata. **A, G, M**, criptocisto (cr); **B, H, N**, gimnocisto (gi); **C, I, O**, espinocística; **D, J, P**, gimnocística (gim); **E, K, Q**, umbonulóide (umb); **F, L, R**, lepralióide (lep). **A–F**, seção longitudinal de dois zoóides, um formado e outro em formação; **G–L**, seção transversal do zoóide; **M–R**, fotomicrografia de cada tipo de calcificação frontal: **M**, *Biflustra irregularata* (Liu, 1991), **N**, *Licornia* aff. *diadema* (Busk, 1852), **O**, *Puellina* sp. nov.1, **P**, *Catenicella uberrima* (Harmer, 1957), **Q**, *Reptadeonella brasiliensis* Almeida, Souza, Sanner & Vieira, 2015, **R**, *Calyptotheca ornatissima* (Canu & Bassler, 1928a). O triângulo invertido indica a membrana frontal (mf), considerada homóloga em cada tipo de calcificação. Abreviações: bl, bainha do lofóforo; esp, espinhos; fu, funículo; mp, músculos parietais; ope, opérculo. Desenhos modificados de Hayward & Ryland (1979) e Mukai et al. (1997).



Fonte: O autor (2018).

Em alguns grupos, tais como na Subordem Thalamoporellina, na superfamília Microporidae Gray, 1848 e no gênero *Discoporella* d'Orbigny, 1852, o criptocisto se desenvolve significativamente, se estendendo abaixo de toda a membrana frontal, fazendo com que os músculos parietais do polipídio passem por dobras da borda do criptocisto ou por foramens abertos no criptocisto, os opesíolos (OSTROVSKY, 2013) (Figuras 16C,D). O gimnocisto, por sua vez, é resultante da calcificação local de cristais de calcita ou aragonita secretados sobre a superfície proximal da cutícula, formando uma parede contínua com a membrana frontal, mas externamente a epiderme (Figura 16B,E,F). O gimnocisto também pode se apresentar como tubérculos proximais (Figura 16B). Tipicamente, esta calcificação é mais ou menos proeminente e com superfície lisa (ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017; VIEIRA; ALMEIDA; WINSTON, 2016) (Figura 16 E,F).

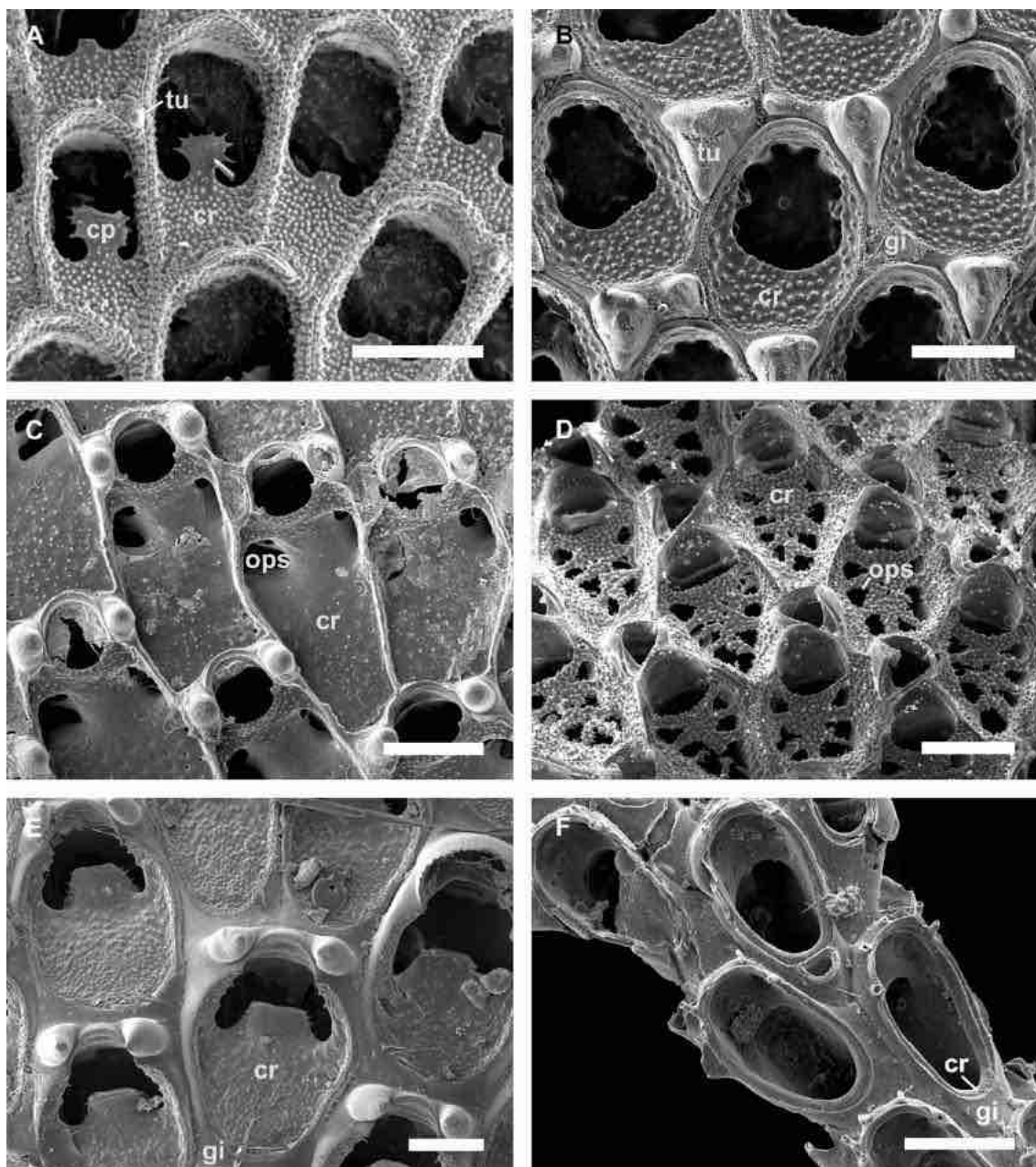
Calcificações frontais completas formam um escudo frontal. O escudo frontal pode ser marginalmente ou totalmente perfurado, de superfície lisa ou rugosa e ornamentação variáveis, incluindo tubérculos (Figuras 15C–F, I–L, O–R e 17). Este escudo também pode apresentar uma abertura suboral, sendo denominada como espirâmen (quando se abre no orifício secundário) ou como ascoporo (quando se abre diretamente no polipídio) (Figura 17).

Tradicionalmente, quatro tipos de calcificação frontal completa são reconhecidos em Cheilostomata: espinocística, gimnocística, umbonulóide e lepralióide (Figura 18).

A calcificação do tipo espinocística (tradicionalmente reconhecida como parede cribrimorfa ou escudo reticulado) é formada por espinhos originários de um gimnocisto marginal, superior e não adjacente à membrana frontal, que podem se fundir medialmente na região frontal do zoóide, podendo formar costelas intercaladas por poros alinhados. Calcificação espinocística é comum em membros da família Cribrilinidae Hincks, 1879 (Figura 18A).

A calcificação gimnocística (também chamada de gimnocistidiana, pelo desenvolvimento da calcificação do tipo gimnocisto) é uma calcificação completa da membrana frontal a partir das paredes laterais em direção mediana, formando uma parede lisa ou rugosa, geralmente sem poros (Figura 18B). Briozoários das superfamílias Catenicelloidea Busk, 1852 (Figura 15P) e Hippothoidea Busk, 1859 (Figura 18B) geralmente possuem escudo frontal gimnocístico.

Figura 16. Calcificações do tipo criptocisto (cr) e gimnocisto (gi). **A**, criptocisto com placa mediana (cp) e gimnocisto como tubérculos (tu) em *Biflustra tenuis* (Desor, 1848); **B**, criptocisto granuloso e gimnocisto com tubérculos em *Ammatophora arenacea* Winston & Vieira, 2013; **C**, criptocisto amplo com par de opesiolos (ops) em *Thalamoporella* sp.; **D**, criptocisto granuloso com fendas opesiolares em *Discoporella salvadorensis* Winston, Vieira & Woollacott, 2014; **E**, criptocisto deprimido e gimnocisto levemente levantado em *Steginoporella evelinae* Marcus, 1949; **F**, gimnocisto liso extensivo e criptocisto reduzido a região proximal da abertura em *Licornia* aff. *diadema* (Busk, 1852). Escalas = 200 µm.

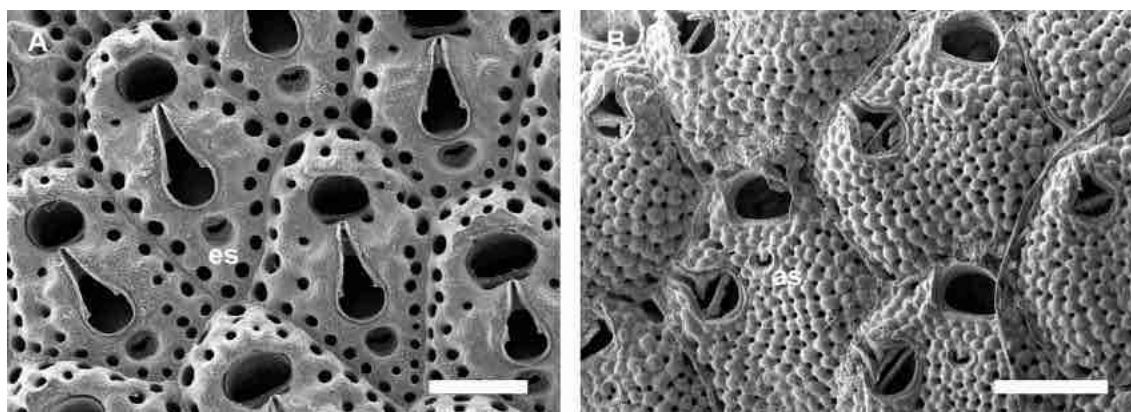


Fonte: O autor (2018).

A calcificação umbonulóide surge como uma dobra da parede proximal do corpo, acima da membrana frontal e calcificada apenas na face basal da dobra. Na parte interna da parede é possível observar anéis de cicatrizes entre o escudo umbonulóide e as paredes laterais e bandas proeminentes de crescimento (denominados na literatura como *ring scar*; GORDON, 1993). Orifício secundário (o opérculo é colocado internamente na

abertura zooidal) e poros marginais (areolares) são conspícuos. Poros frontais podem ocorrer, sendo topologicamente exteriores, por estarem acima da membrana frontal (Figura 18C,D). Membros das superfamílias Arachnopusioidea Jullien, 1888, Adeonoidea Busk, 1884 (Figuras 15Q e 17A), e Lepralielloidea Vigneaux, 1949 apresentam calcificação frontal do tipo umbonuloide.

Figura 17. Abertura oral em escudos frontais. **A**, abertura do tipo espiramen (es) (*Reptadeonella bipartita* (Canu & Bassler, 1928a)); **B**, abertura do tipo ascoporo (as) (*Microporella curta* Almeida, Souza, Menegola & Vieira, 2017). Escalas = 200 μ m.



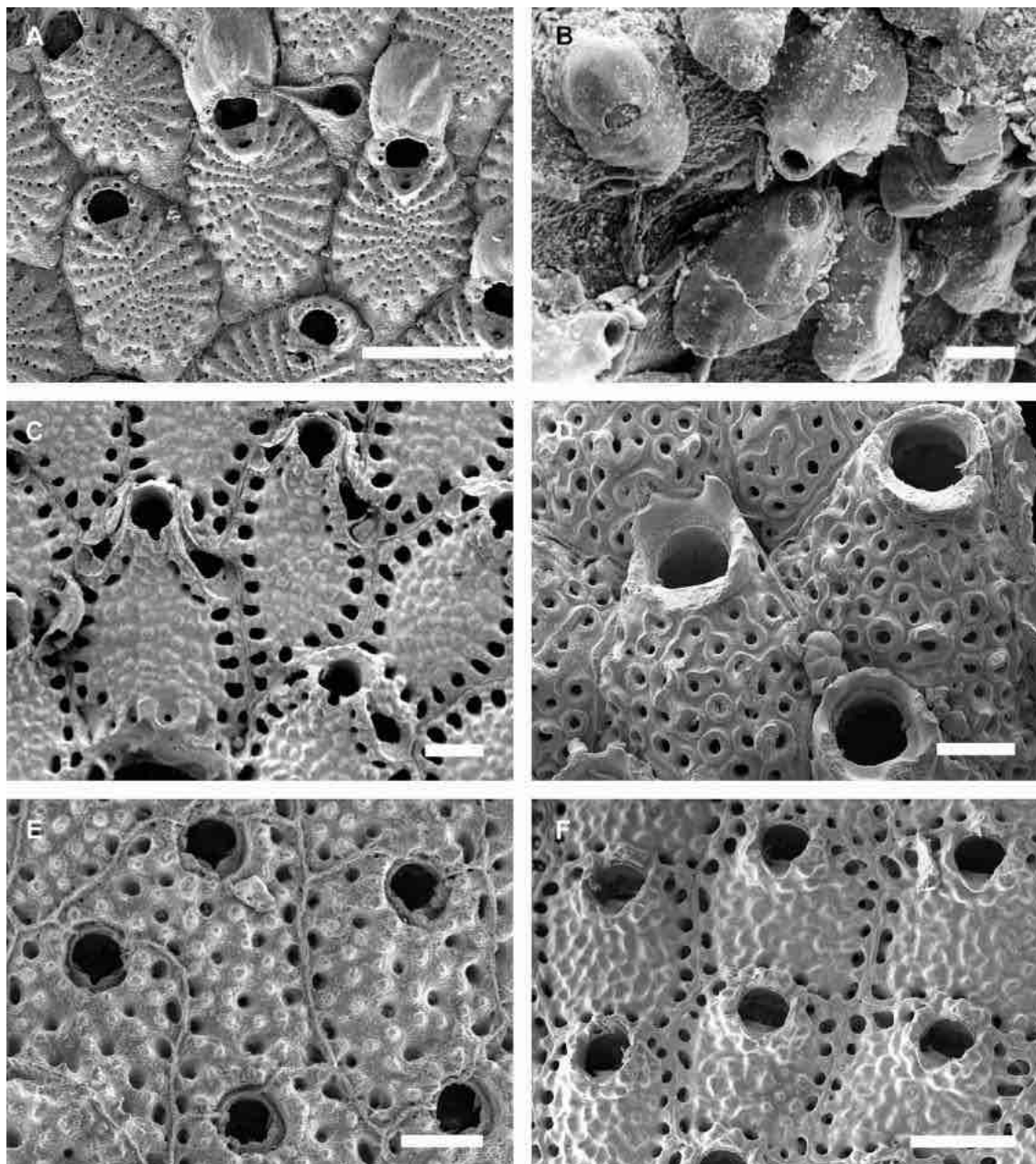
Fonte: O autor (2018).

Por fim, a calcificação do tipo lepralióide (ou criptocistidiana, pois desenvolve-se da calcificação do tipo criptocisto) é resultante do crescimento das bordas internas das paredes laterais a partir da região proximal, formando uma parede interna, abaixo da membrana frontal (Figura 18E,F). Pseudoporos frontais (assim chamados por serem topologicamente interiores) (Figura 18E) e poros marginais (areolares) distintos (Figura 18E) são comuns nesse tipo de calcificação frontal (Figura 18F). Escudo frontal do tipo lepralióide é comum nas superfamílias Smittinoidea Levinsen, 1909 (Figura 18F), Schizoporelloidea Jullien, 1883 (Figura 18E), Didymoselloidea Brown, 1952, Mamilloporoidea Canu & Bassler, 1927a e Celleporoidea Johnston, 1838 da subordem Flustrina.

As calcificações umbonulóide e lepralióide podem ser confundidas pela semelhança na aparência final externa superficial, já que ambas podem apresentar poros marginais e frontais (GORDON, 1993, 2000; VIEIRA; MIGOTTO; WINSTON, 2011). Nesses casos, recomenda-se observação da parede interna para determinação da presença ou não de anéis de cicatrizes e bandas de crescimento umbonulóides, entre outras características (GORDON, 1993, 2000; GORDON; GRISCHENKO, 1994; VIEIRA;

MIGOTTO; WINSTON, 2011).

Figura 18. Calcificações frontais completas. **A**, cribrimorfa em *Puellina* sp. nov.1; **B**, gimnocística em *Hippothoa flagellum* Manzoni, 1870; **C**, umbonulóide com poros marginais em *Metrarabdotos jani* Winston, Vieira & Woollacott, 2014; **D**, umbonulóide com poros frontais em *Exechonella vieirai* Cáceres-Chamizo, Sanner, Tilbrook & Ostrovsky, 2017; **E**, lepralióide com pseudoporos frontais em *Schizobrachiella* sp. nov.; **F**, lepralióide com poros marginais em *Parasmittina* sp. nov. Escalas: A, E = 250 μ m; B = 100 μ m; C, D, F = 200 μ m.



Fonte: O autor (2018).

Tradicionalmente, briozoários com calcificação frontal do tipo criptocisto e gimnocisto eram agrupados na subordem Anasca Levinsen, 1909, e aqueles com escudo frontal eram reconhecidos como membros de Ascophora Levinsen, 1909 (TAYLOR; WAESCHENBACH, 2015). Entre os Cheilostomata, os Anasca são considerados como

mais simples morfologicamente, sendo incluídos como formas ancestrais na história evolutiva de Cheilostomata, com primeiro fóssil registrado para mais de 50 milhões de anos antes que os Ascophora (TAYLOR; WAESCHENBACH, 2015). Atualmente, entretanto, sabe-se que ao menos a subordem Ascophora não é corroborada por análises morfológicas e filogenéticas, que sugerem múltiplas origens para escudos frontais completos (GORDON, 2000; RYLAND, 2005; TAYLOR; WAESCHENBACH, 2015). Dessa forma, tal classificação (subordens Anasca e Ascophora) não é mais utilizada (BOCK; GORDON, 2013).

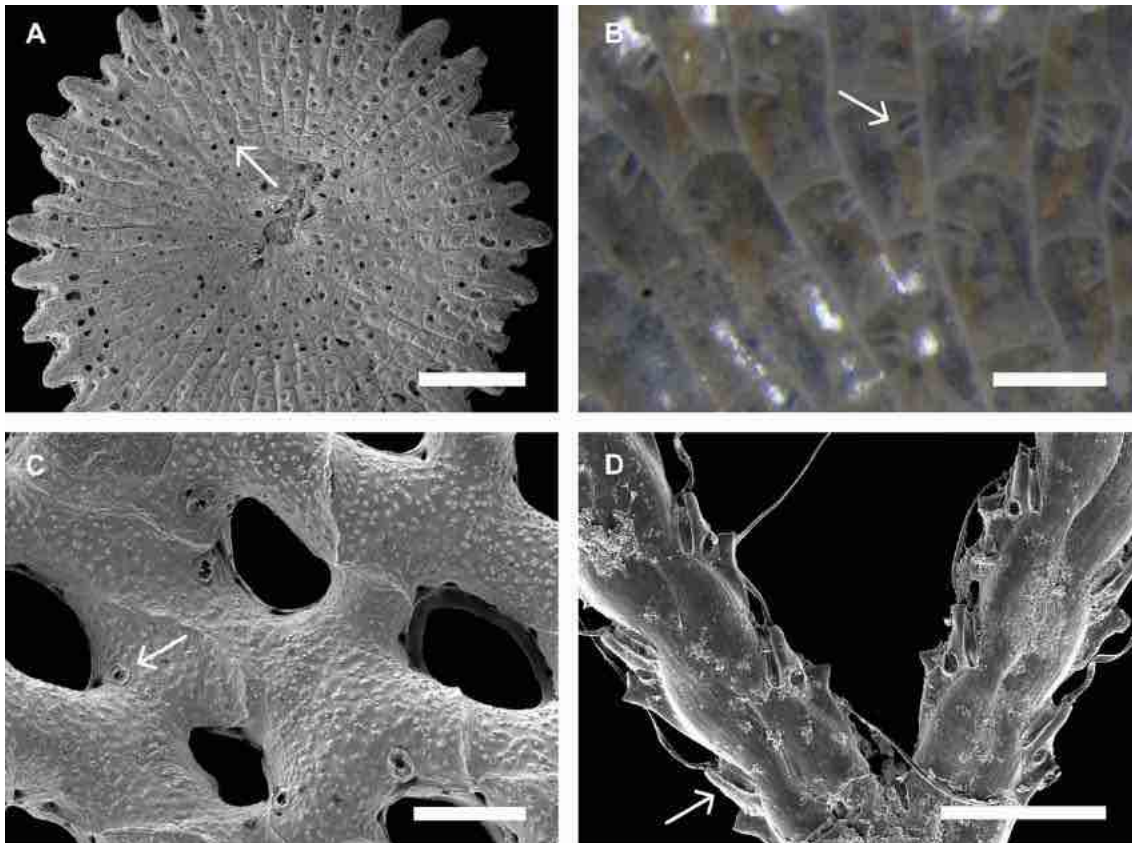
2.3.1.3 *Calcificação abfrontal (basal)*

Em briozoários com colônias de vida livre, incrustantes e em muitas colônias eretas (ramificadas delicadas e fenestradas), os autozoóides estão distribuídos apenas na parte frontal da colônia (TAYLOR; JAMES, 2013). A superfície livre de aberturas do autozoóides é chamada de superfície abfrontal ou basal (Figura 19) e pode estar em contato direto com o substrato. A calcificação dessa região pode desenvolver setores basais com ou sem poros (Figura 19A) e cicatrizes de calcificação (Figura 19B); heterozoóides diversos, como aviculários e vibraculários (Figura 19C, D) (para mais informações ver itens 2.3.1.7 e 2.3.1.8); e granulações. Esses caracteres são geralmente utilizados para distinções a nível de espécie, principalmente em briozoários das famílias Cupuladriidae Lagaaij, 1952 (Figura 19A), Thalamoporellidae Levinsen, 1902 (Figura 19B), Candidae d'Orbigny, 1851 (Figura 19D), Mamilloporidae Canu & Bassler, 1927a e alguns gêneros de Phidoloporidae Gabb & Horn, 1862 (Figura 19C).

2.3.1.4 *Paredes transversais (laterais, proximal e distal)*

As paredes transversais laterais, proximal e distal, juntamente com a superfície frontal e abfrontal, compõem um zoóide, a unidade funcional da colônia de um briozoário. A comunicação entre os zoóides se dá por meio de poros ou placas de poros (septulas) nessas paredes (HAYWARD; RYLAND, 1979; MCKINNEY; JACKSON, 1989; MUKAI et al., 1997). O tipo (poro simples ou septula), número e arranjo desses poros fornecem combinações diagnósticas para espécies, especialmente em briozoários da subordem Malacostegina Levinsen, 1902 (ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017; TAYLOR, 1987) (Figura 20).

Figura 19. Superfície abfrontal (basal) de briozoários marinhos. **A**, colônia de vida livre de *Cupuladria monotrema* (Busk, 1884) com setores basais quadrangulares e poros (seta); **B**, colônia incrustante de *Thalamoporella floridana* Osburn, 1940 com setores basais retangulares e ganchos (seta); **C**, colônia fenestrada de *Triphyllozoon arcuatum* (MacGillivray, 1889) com superfície granulosa e aviculários (seta); **D**, colônia ramificada de *Licornia* aff. *diadema* (Busk, 1852) com vibraculário (seta). Escalas: A = 1 mm; B = 250 µm; C, D = 400 µm.



Fonte: O autor (2018).

Figura 20. Paredes transversais distais (pt) e laterais (pl). **A**, séries uniporosas transversais distais e septulas laterais de *Biflustra marcusi* Vieira, Almeida & Winston, 2016; **B**, detalhe das paredes laterais com septulas de *Biflustra okadai* Almeida, Souza & Vieira, 2017; **C**, detalhe das paredes transversais distais com séries uniporosas de *Biflustra grandicella* (Canu & Bassler, 1929). Escalas = 200 µm.

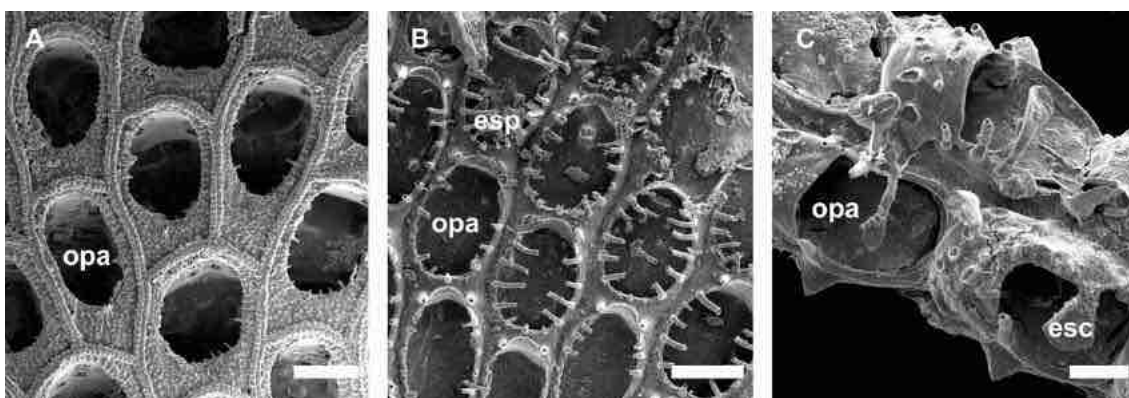


Fonte: O autor (2018).

2.3.1.5 Opésia e orifício primário

Cheilostomata apresentam uma área de abertura externa da parede corporal por onde o polípido se movimenta, limitada pela calcificação frontal, denominados opésia (ou campo de abertura) ou orifício primário. Em espécies com calcificação do tipo criptocisto e gimnocisto, essa abertura pode ocupar grandes porções do autozoóide e é chamada de opésia (Figura 21). Não há calcificação secundária ao redor da opésia, mas podem ocorrer espinhos ou outros ornamentos (por exemplo, escudos) de forma, número e posição variados (ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017; RYLAND; HAYWARD, 1977).

Figura 21. Abertura externa em briozoários com calcificação frontal do tipo criptocisto e gimnocisto. **A**, opésia (opa) larga, ocupando grande área frontal em *Biflustra arborescens* (Canu & Bassler, 1928b); **B**, opésia com espinhos (esp) em *Arbopercula bengalensis* (Stoliczka, 1869); **C**, opésia com escudos (esc) em *Licornia* aff. *diadema* (Busk, 1852). Escalas: A = 200 µm; B = 250 µm; C = 100 µm.



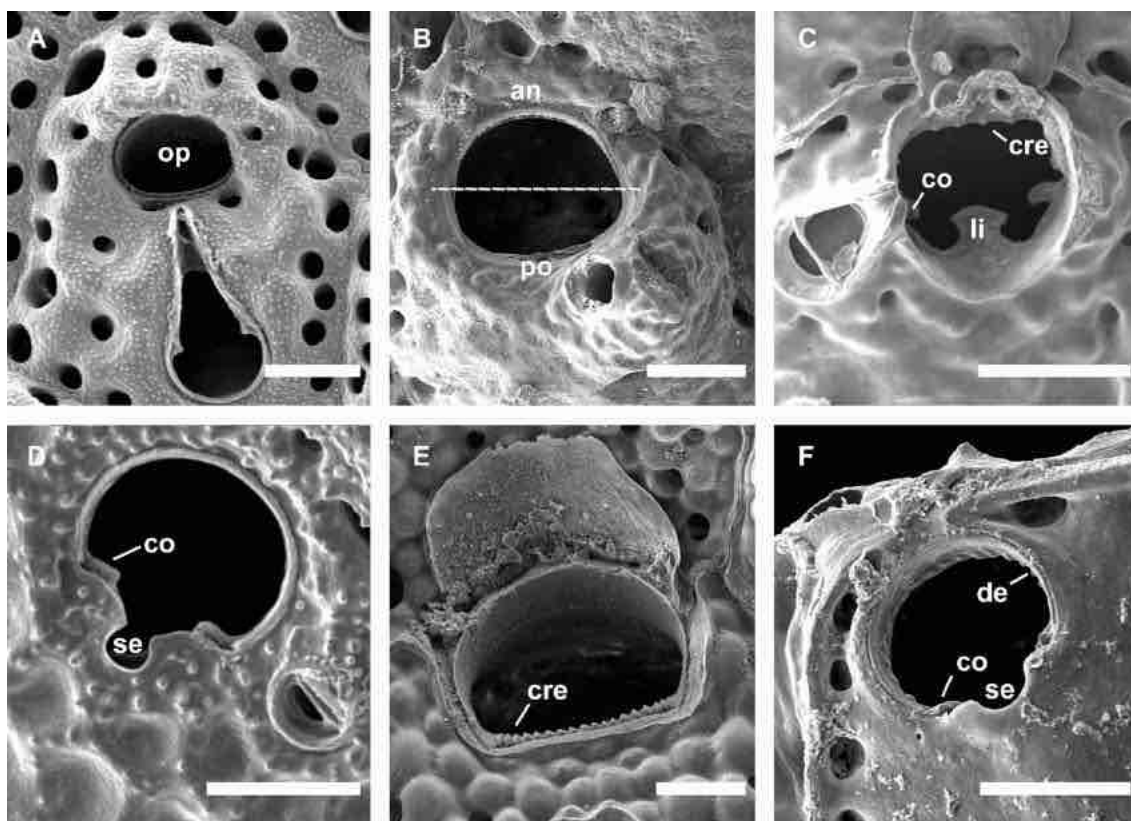
Fonte: O autor (2018).

Quando há escudo frontal, a abertura é fechada por membrana quitinosa ou calcificada (opérculo) e denominada de orifício primário, frequentemente dividido em anter (região distal) e poster (região proximal) (Figura 22). Ornamentações como denticulos e crenulações podem ocorrer nessas margens orificiais. A forma, tamanho e presença de espinhos, côneilos (denticulos laterais), lírula (denticulo central colocado acima do opérculo), seio (fenda proximal) e mucro ou umbo (espessamento abaixo do orifício primário) é variável. A combinação dessas estruturas fornece caracteres diagnósticos para famílias e gêneros (HAYWARD; RYLAND, 1979).

2.3.1.6 Orifício secundário

Orifício secundário é a abertura da calcificação ao redor do orifício primário, mais geralmente encontrada em briozoários com parede frontal umbunóide e em alguns lepralióide. Esta calcificação pode ser inteira, formando um circunferência (colar) que esconde o orifício primário, ou pode ser bordada por projeções calcificadas, nódulos e tubérculos (Figura 23). Os tubérculos, por sua vez, podem ser processos curtos ou longos e o número de tubérculos tende a ser variável entre as espécies, podendo ocorrer único tubérculo mediano por orifício, reconhecido como umbo suboral.

Figura 22. Orifício primário em briozoários com escudo frontal. **A**, orifício primário (op) elíptico (*Reptadeonella bipartita* (Canu & Bassler, 1928a)); **B**, regiões do orifício primário: anter (an), distal, e poster (po), proximal (*Celleporaria* sp.); **C**, orifício primário com cêndilos (co) em forma de gancho, lirula (li) e crenulações (cre) na margem distal (*Parasmittina simpulata* Winston, Vieira & Woollacott, 2014); **D**, orifício primário com cêndilos e seio proximal (*Stylopoma* sp. nov.4); **E**, orifício primário com crenulações proximais (cre) (*Microporella curta* Almeida, Souza, Menegola & Vieira, 2017); **F**, orifício primário com cêndilos triangulares (co), seio proximal (se) e denticulos (de) na margem distal (*Rhynchozoon itaparicaensis* Almeida, Souza, Farias, Alves & Vieira, 2018). Escalas: A–D, F = 100 µm; E = 50 µm.



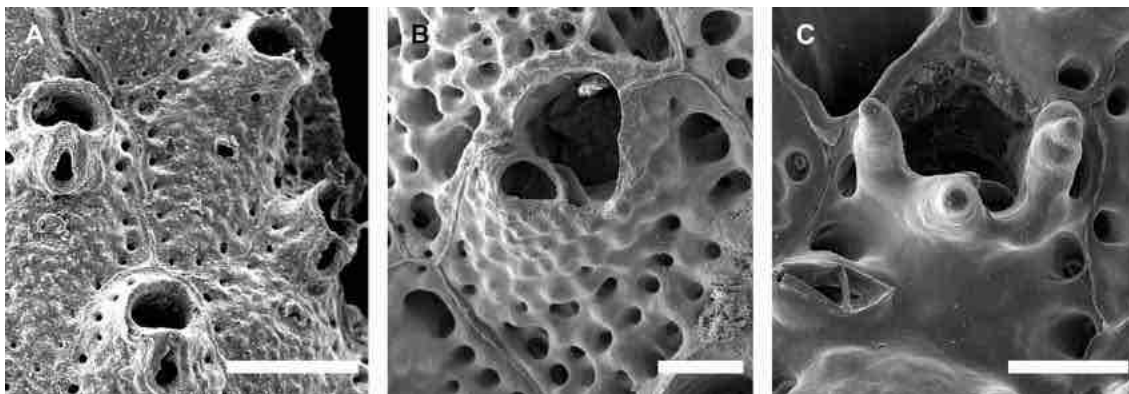
Fonte: O autor (2018).

2.3.1.7 Aviculários

Aviculários são os heterozooides mais comuns em briozoários, sendo caracterizados pela presença de polípido reduzido, sem lofóforo. Existem três tipos básicos de aviculários: adventícios, interzoidais e vicariantes (CARTER, 2008; MCKINNEY; JACKSON, 1989; RYLAND, 1970) (Figura 24).

Os aviculários adventícios são dispostos sobre as paredes frontal e lateral do autozoóide, podendo ser pedunculados (Figura 24A, B) ou sésseis (Figura 24C, D). Os aviculários pedunculados, também chamados de cabeça-de-ave, são móveis e conectados ao autozoóide por pedúnculo. Ocorrem em poucos gêneros, tipicamente da superfamília Buguloidea Gray, 1848. Os aviculários sésseis podem ser suborais, latero-orais, frontais ou marginais. O número dos aviculários adventícios por autozoóide é variável para cada espécie, bem como suas formas, posições e orientações (CARTER, 2008; MCKINNEY; JACKSON, 1989; RYLAND, 1970) (Figura 24A–D).

Figura 23. Orifício secundário em briozoários. **A**, calcificação inteira, formando um colar (*Reptadeonella aspera* Almeida, Souza, Sanner & Vieira, 2015); **B**, calcificação com projeções (abas) laterais (*Marcusadorea tubulosa* (Canu & Bassler, 1928c)); **C**, calcificação com tubérculos (*Rhynchozoon brasiliensis* Almeida, Souza, Menegola & Vieira, 2017). Escalas: A, B = 200 µm; C = 100 µm.



Fonte: O autor (2018).

Os aviculários interzoidais são aqueles localizados entre os autozoóides, ocupando o espaço entre eles (Figura 24E). O tamanho do aviculário interzoidal em relação ao zoóide é outro caráter específico frequentemente utilizado. Aviculários vicariantes possuem morfologia semelhante aos interzoidais, mas substituem um autozoóide na colônia (Figura 24F). A forma, tamanho, posição e a frequência dos aviculários vicariantes são importantes para determinação específica (CARTER, 2008; MCKINNEY; JACKSON, 1989; RYLAND, 1970).

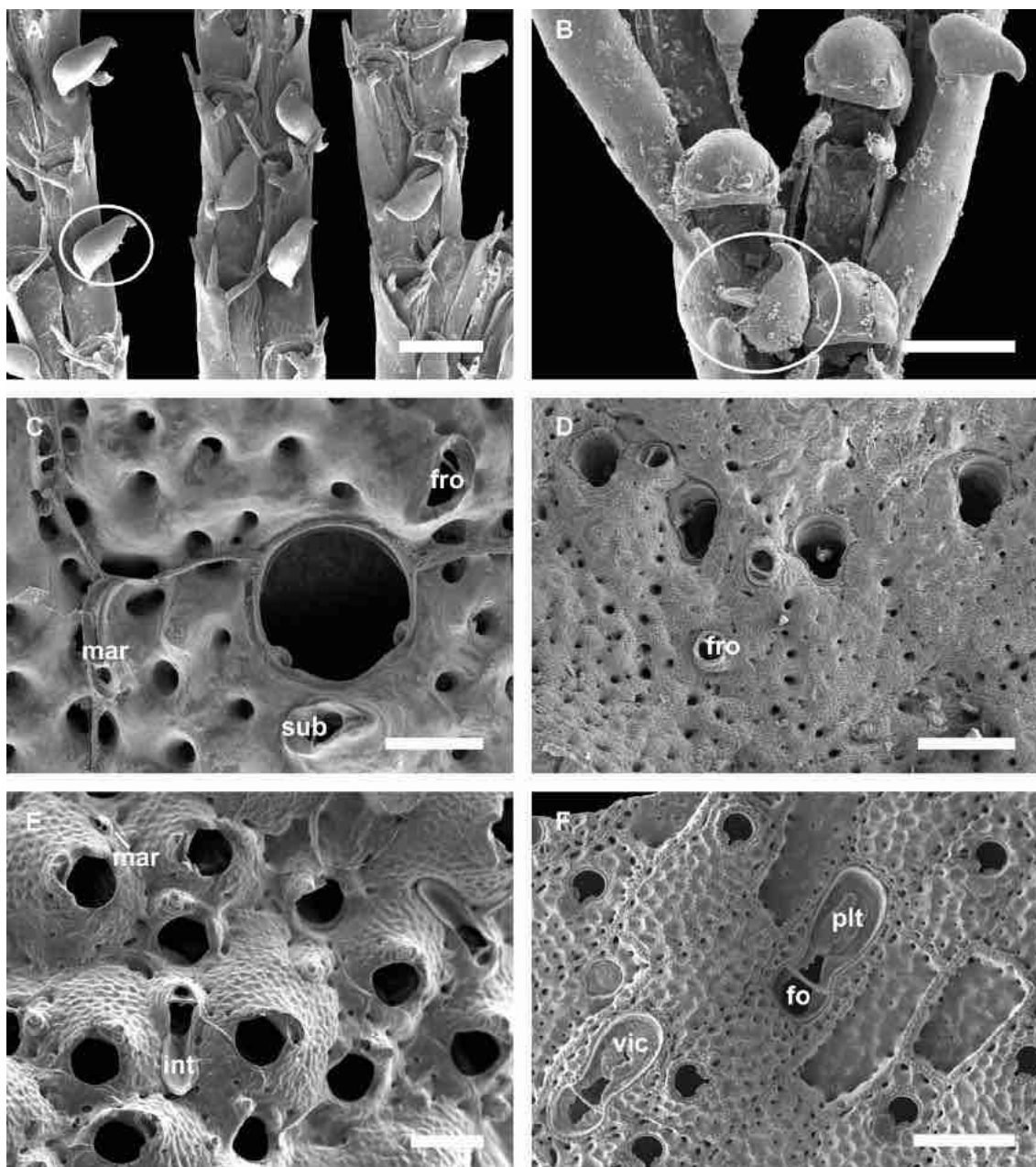
A área calcificada do aviculário, que é equivalente à parede zooidal frontal, é denominada palato e a área não calcificada é o forâmen. Ambos podem apresentar formas variadas. A região mais distal do aviculário é denominada de rostro, é ocupada pela mandíbula do aviculário (i.e. porção quitinosa articulada dos aviculários, homóloga ao opérculo autozooidal) e pode ter barra transversal completa (Figura 24D).

Um tipo modificado de aviculário é o vibraculário. Trata-se de um heterozoóide com mandíbula longa e fina (denominada seta), inserida numa câmara calcificada (Figuras 25A–C). Está associado à limpeza da superfície colonial, suporte e locomoção (CARTER, 2008; MCKINNEY; JACKSON, 1989; RYLAND, 1970). São comuns em colônias de vida livre, como na família Cupuladriidae (Figura 25A,B), e eretas delicadas articuladas, como a família Candidae (Figura 25C).

2.3.1.8 Outros heterozoóides

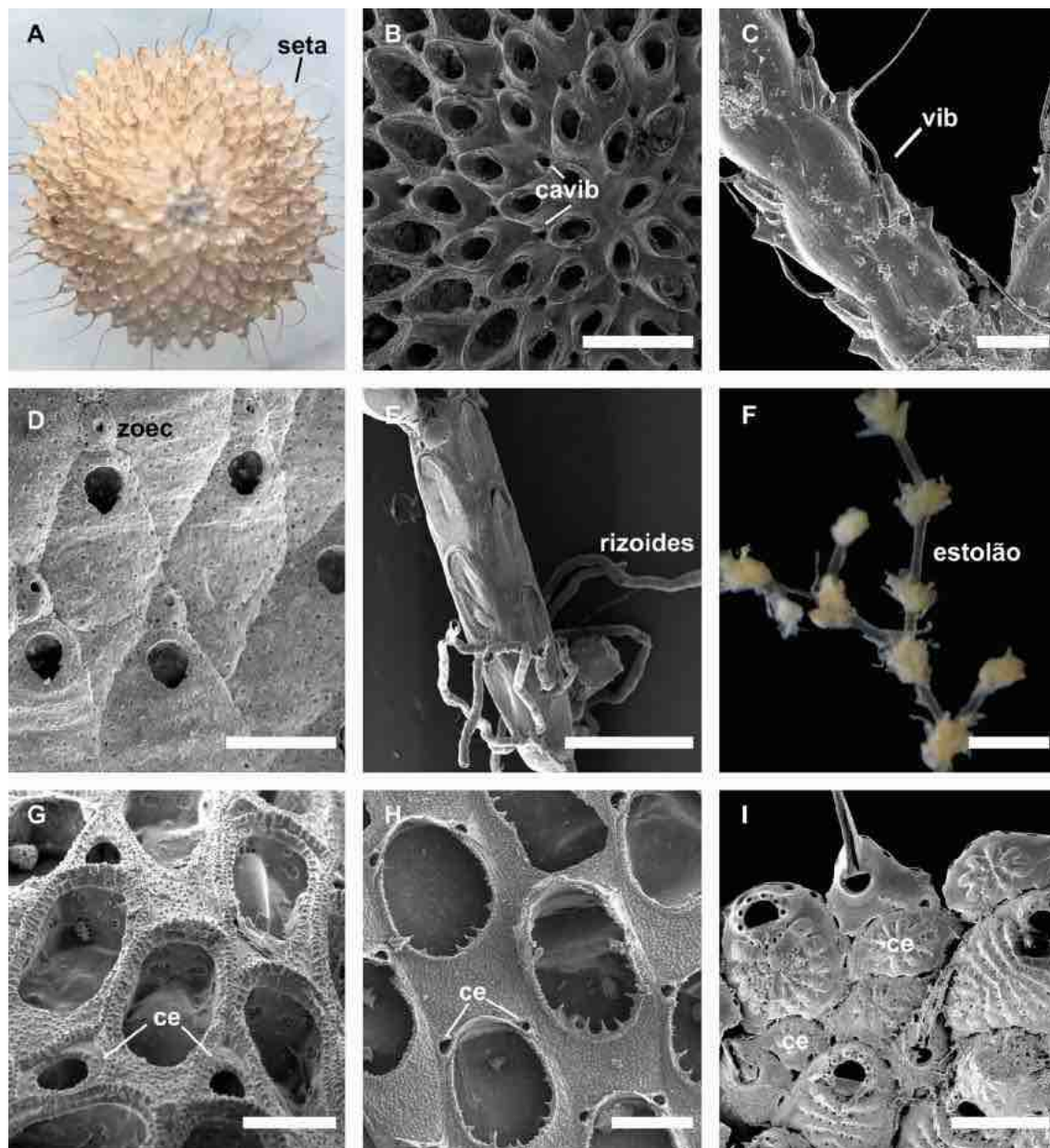
Além de aviculários, vários outros tipos de heterozoóides são utilizados na taxonomia de briozoários. Os zoeciolos são zoóides com tamanho diminuto em relação aos autozoóides e morfologia variável, comuns em membros de Trypostegidae Gordon, Tilbrook & Winston em Winston, 2005 (Figura 25D). Os rizoides são modificados para sustentar a colônia, reforçar um ramo ou conectar ramos de uma colônia (Figura 25E). Rizoides são especialmente comuns em colônias eretas, especialmente naquelas articuladas e ramificadas delicadas, como membros da família Candidae. Os cenozoóides são zoóides sem polipídio e geralmente sem orifício e músculos. O estolão é um cenozoóide cilíndrico, do qual brotam novos zoóides (Figura 25F), comum em briozoários da Ordem Ctenostomata. Além do estolão, os cenozoóides podem apresentar morfologia variada (Figuras 25G–I), sendo frequentemente encontrados em briozoários da Subordem Malacostegina (Figura 25G,H) e superfamília Calloporoidea da subordem Flustrina (CARTER, 2008; MCKINNEY; JACKSON, 1989; RYLAND, 1970).

Figura 24. Tipos de aviculários. **A, B**, aviculários pedunculados (círculo branco) de *Virididentula dentata* (Lamouroux, 1816) (A) e *Bugulina stolonifera* (Ryland, 1960) (B); **C**, aviculários adventícios suborais (sub), frontais (fro) ou marginais (mar) (*Calyptotheca ornatissima* (Canu & Bassler, 1928a)); **D**, aviculários adventícios frontais (*Gemelliporina glabra* (Smitt, 1873)); **E**, aviculários adventícios marginais e aviculários interzoidais (int) (*Celleporaria atlantica* (Busk, 1884)); **F**, aviculários vicariantes (vic) mostrando forame (fo), palato (plt) e rostro (ro) (*Stylopoma* sp. nov.4). Escalas: A, D = 250 μ m; B, E = 200 μ m; C = 100 μ m; F = 400 μ m.



Fonte: O autor (2018).

Figura 25. Heterozoóides encontrados em briozoários. **A**, colônia de *Discoporella salvadorensis* Winston, Vieira & Woollacott, 2014 com inúmeros vibraculários com mandíbula longa (seta); **B**, detalhe de colônia de *Cupuladria* sp. nov. mostrando zoóides e câmara vibracular (cavib); **C**, superfície abfrontal de colônia de *Licornia* aff. *diadema* (Busk, 1852) mostrando um vibraculário (seta e câmara vibracular); **D**, zoeciolas (zoec) de *Trypostega tropicalis* Winston, Vieira & Woollacott, 2014; **E**, rizoides de *Nellia tenella* (Lamarck, 1816); **F**, cenozoóides (estolão) de *Amathia vidovici* (Heller, 1867); **G, I**, cenozoóides (ce) intercalados entre autozoóides (*Biflustra irregulata* (Liu, 1991) em G; *Puellina* sp. nov.3 em I); **H**, cenozoóides na região distal dos autozoóides (*Sinoflustra annae* (Osburn, 1953)). Escalas: B, E = 500 µm; C, D, G, H, I, = 200 µm; F = 1 mm.

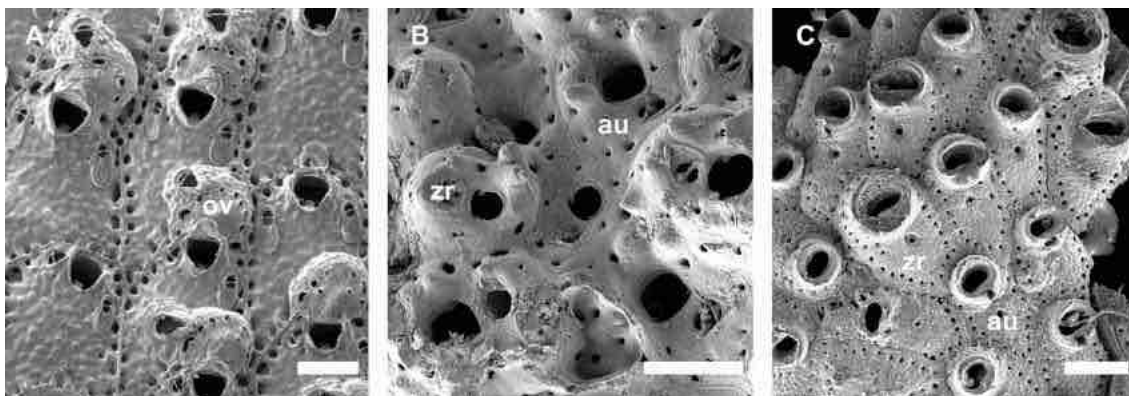


Fonte: O autor (2018).

2.3.1.9 Estruturas reprodutivas

Atualmente, as estruturas reprodutivas são consideradas importantes para classificação dos briozoários (OSTROVSKY, 2013). Em representantes da ordem Ctenostomata, a cor do embrião é frequentemente utilizada como um caráter diagnóstico importante para espécies (VIEIRA; MIGOTTO; WINSTON, 2014). Briozoários da ordem Cheilostomata, entretanto, possuem diversos métodos de incubação do embrião, incluindo sacos membranosos externos, câmaras esqueléticas calcificadas (denominadas ovicelos; Figura 26A), sacos de incubação internos formados de paredes zooidais não calcificadas e, mais raramente, zoóides femininos que realizam incubação intracelômica. Em alguns grupos há acentuado dimorfismo sexual e o zoóide reprodutivo possui morfologia e tamanhos distintos dos autozoóides (Figura 26B,C), tendo um saco de incubação interno (OSTROVSKY, 2013).

Figura 26. Algumas estruturas reprodutivas em briozoários. **A**, ovicelo (ov) em *Parasmittina simpulata* Winston, Vieira & Woollacott, 2014; **B**, **C**, dimorfismo zooidal: autozoóides (au) e zoóides reprodutivos (zr) em *Calypsoecia conuma* Almeida & Souza, 2014 (B) e *Reptadeonella leilae* Almeida, Souza, Sanner & Vieira, 2015 (C). Escalas: A, B = 200 µm; C = 250 µm.



Fonte: O autor (2018).

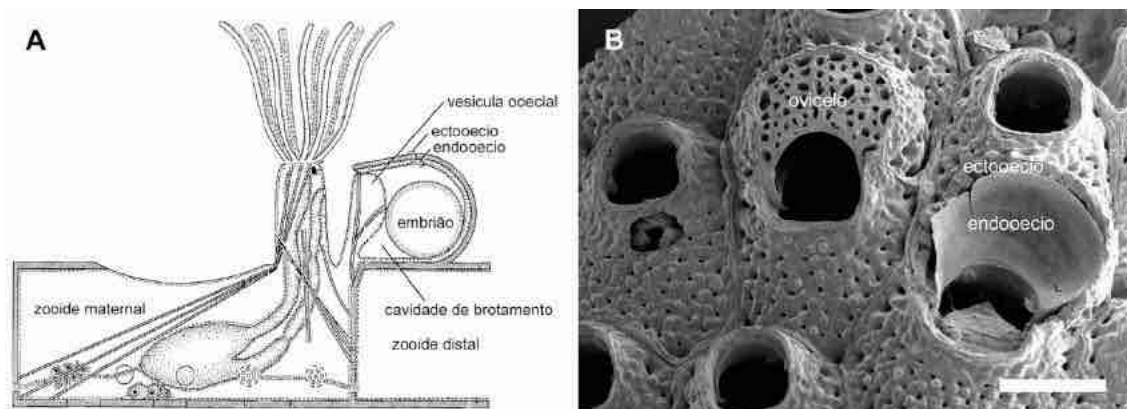
A maioria dos Cheilostomata, especialmente da subordem Flustrina, incubam embriões temporariamente nos ovicelos e a presença e morfologia dessas câmaras calcificadas são caracteres importantes na taxonomia, fornecendo distinções principalmente a níveis genéricos e específicos (OSTROVSKY, 2013).

Um ovicelo consiste no conjunto do ooécio (camada com parede dupla total ou parcialmente calcificada) com espaço celômico fechado, uma porção não calcificada do autozoóide materno que se conecta a abertura do ovicelo e a cavidade de brotamento entre eles. No ooécio, duas paredes podem ser definidas: a parede mais externa,

denominada ectooécio, e aquela que circunda a cavidade de brotamento, denominada endooécio (OSTROVSKY, 2013) (Figura 27).

Os ovicelos podem ser classificados de acordo com o método de fechamento da abertura, sendo: cleitrais, se fechados pelo opérculo zooidal; acleitrais, se fechados apenas pela vesícula oocial; semicleitrais, se parcialmente fechados pelo opérculo; não-cleitrais, se o opérculo está distante ou não há tampa oocial; subcleitrais, se o opérculo é perdido durante a liberação larval; e pseudocleitrais, para ovicelos fechados por alguns momentos durante a movimentação do polípidio. Os dois últimos só podem ser observados em colônias vivas e algumas espécies requerem cortes transversais para reconhecimento de seu método de fechamento. Diferentes formas de fechamento da abertura podem ocorrer na mesma família e gênero (OSTROVSKY, 2013). Dessa forma, tal classificação nem sempre é utilizada.

Figura 27. Morfologia generalizada de um ovicelo. **A**, corte transversal de zoóide maternal e distal mostrando ovicelo e seus componentes (desenho modificado de Ryland, 1970); **B**, microscopia eletrônica de zoóides ovicelados mostrando ovicelo e oécio (*Hippoporina* sp. nov.). Escalas: B = 500 µm.



Fonte: O autor (2018).

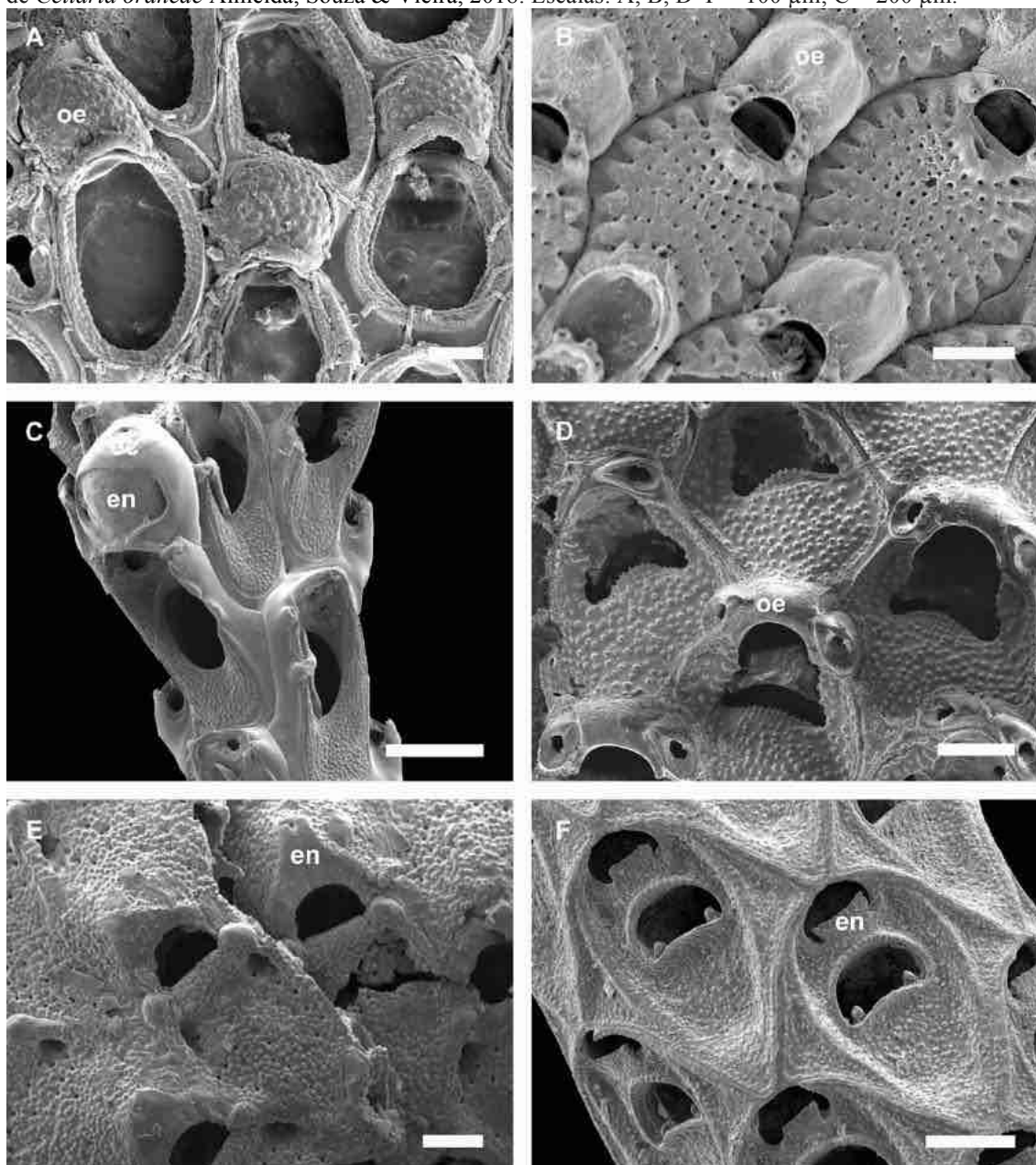
A morfologia do ovicelo de briozoários queilostomados, especialmente a imersão da cavidade de incubação em relação à superfície da colônia, é utilizada para distinção de espécies e gêneros. Ovicelos hiperestomiais (ou proeminentes) (Figuras 28A–C, 29) são posicionados acima do orifício do zoóide distal, reconhecidos por terem mais da metade ou toda a cavidade desenvolvida acima da superfície colonial. Ovicelos submersos (Figura 28 e 29D) são aqueles nos quais menos da metade da cavidade (geralmente cerca de um terço do ovicelo) se desenvolve acima da superfície da colônia. Ovicelos endozooidais são câmaras colocadas na região proximal do zoóide distal. Ovicelos imersos (Figura 28F) são aqueles que se desenvolvem na região distal do zoóide maternal (OSTROVSKY, 2013).

O tamanho e a forma do ooécio é altamente variável, de proeminentes e esféricos a vestigiais e formando uma calcificação distal no zoóide. De acordo com a estrutura, quatro tipos básicos de ooécios são reconhecidos para queilostomados: caloporiforme, eschareliforme, lepraliiforme e microporeliforme (OSTROVSKY, 2013).

O ooécio caloporiforme é resultante do crescimento hemisférico das paredes com um endooécio completamente calcificado e um ectooécio completamente ou parcialmente calcificado (Figura 28A–D). A maioria dos ooécios caloporiformes são completos e em alguns grupos (e.g. família Cribilinidae, Figura 28B), há sutura mediana, denominados como ooécios bilobados. Ovicelos com ooécios caloporiformes são tipicamente hiperestomiais, e alguns membros também podem apresentar ovicelos submersos, endozoidais e imersos. Ooécios caloporiformes são observados nas superfamílias Calloporoidea, Flustroidea Fleming, 1828, Buguloidea Gray, 1848 (família Candidae (Figura 28C) e alguns Bugulidae Gray, 1848); famílias Cribrilinidae (Figura 28B), Euthyroididae Levinsen, 1909, Bifaxariidae Busk, 1884, Catenicellidae Busk, 1852, Eurystomellidae Levinsen, 1909 e Hippothoidae Busk, 1859; e em alguns membros das famílias Microporidae Gray, 1848 e Arachnopusiidae Jullien, 1888 (OSTROVSKY, 2013).

Nos ooécios eschareliiformes, há redução total ou parcial da calcificação do ectooécio e fusão do endooécio com a calcificação frontal do zoóide distal (Figura 28E,F). Este tipo de ooécio está mais relacionado a grupos com calcificação frontal completa (i.e. formando escudo frontal) e parece ter origem independentemente do ooécio caloporiforme nas famílias Microporidae (Figura 28E) e Onychocellidae Jullien, 1882 (tradicional Anasca); Lepraliellidae Vigneaux, 1949, Metrarabdotosidae Vigneaux, 1949, Romancheinidae Jullien, 1888 e Sclerodomidae Levinsen, 1909 (escudo frontal umbonulóide); e Cheiloporinidae Bassler, 1936, Cyclicoporidae Hincks, 1884, Gigantoporidae Bassler, 1935, Margaretidae Harmer, 1957 e Urceoliporidae Bassler, 1936 (escudo frontal lepralióide). Ovicelos endozoidais da família Cellariidae Fleming, 1828 (Figura 28F), também reconhecidos como endotoicais, possuem ooécios eschareliiformes (OSTROVSKY, 2013). Ooécios eschareliiformes também são característicos de ovicelos periorais (ou peristomiais), conhecidos para as famílias Lacernidae (gênero *Cylindroporella* Hincks, 1877), Margaretidae Harmer, 1957 (gênero *Margaretta* Gray, 1843) e Lekythoporidae Levinsen, 1909 (gênero *Poecilopora* MacGillivray, 1886). Nestes grupos, as paredes do endooécio e orifício secundário são contínuas e o ovicelo se abre no orifício.

Figura 28. Ooécios caloporiformes (A–D) e eschareliformes (E, F). **A, B**, ooécios caloporiforme hiperestomiais (oe) de *Parellisina lunatiostris* Winston, Vieira & Woollacott, 2014 (A) e *Puellina* sp. nov.1 (B); **C**, ooécio caloporiforme com ectooécio parcialmente calcificado em *Canda alsia* Winston, Vieira & Woollacott, 2014; **D**, oooécios caloporiformes submersos em *Antropora* sp. nov.; **E**, ooécios eschareliformes com endooécio fusionado com a calcificação frontal do zoóide distal em *Micropora angustiscapulis* Winston, Vieira & Woollacott, 2014; **F**, ooécios eschareliforme imersos; ovicelo endotoical de *Cellaria oraneae* Almeida, Souza & Vieira, 2018. Escalas: A, B, D–F = 100 µm; C = 200 µm.



Fonte: O autor (2018).

Quando o ectooécio é parcialmente ou totalmente calcificado, podendo apresentar pseudoporos de tamanhos, formas e distribuição variados, é chamado de lepraliiforme (Figura 29). Nesse tipo de ooécio, o ectooécio também pode apresentar uma fenda (fenestra) membranosa (Figura 29C, D). Ocorre em alguns briozoários das famílias Arachnopusiidae (Figura 29B) e Lepraliellidae e em todas as espécies das famílias

Bitectiporidae MacGillivray, 1895 (Figura 27B), Bryocryptellidae Vigneaux, 1949, Celleporidae Johnston, 1838, Cleidochasmatidae Cheetham & Sandberg, 1964 (Figura 29D), Hippoporidridae Vigneaux, 1949 (Figura 29C), Lanceoporidae Harmer, 1957 (Figura 29E), Lekythoporidae Levinsen, 1909, Petraliellidae Harmer, 1957, Petraliidae Levinsen, 1909, Phidoloporidae, Smittinidae Levinsen, 1909 (Figura 29A), Stomachetosellidae Canu & Bassler, 1917 e Umbonulidae Canu, 1904. Em algumas espécies, há suturas de calcificação formadas por zoóides adjacentes e o ooécio é reconhecido como cormidial, ou seja, formado por vários zoóides (Figura 29E).

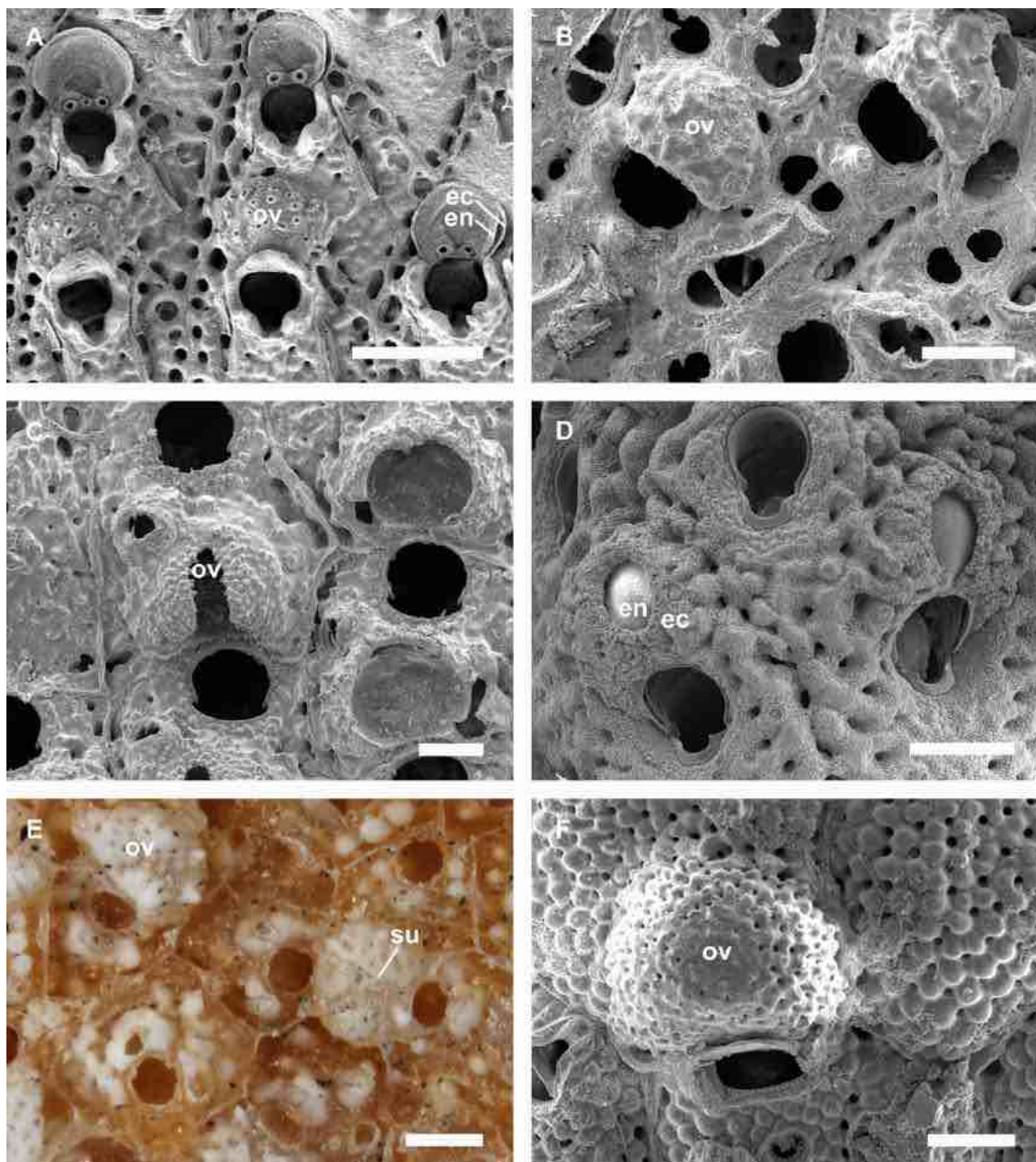
Além desses tipos básicos de ooécios, nas famílias Microporellidae Hincks, 1879 (Figura 29F), Myriaporidae Gray, 1841, Pacificincolidae Liu & Liu, 1999, Porinidae d'Orbigny, 1852 e Schizoporellidae Jullien, 1883, há o desenvolvimento de ooécios denominados microporeliformes. O ectooécio não é calcificado, constituindo-se numa continuação da parede frontal do autozoóide distal e o endooécio calcificado é conectado com a região proximal do escudo frontal do zoóide distal (OSTROVSKY, 2013).

Por fim, alguns gêneros das famílias Alysidiidae Levinsen, 1909, Calloporidae, Cribriliniidae, Euthyroididae, Scrupariidae Busk, 1852 e Thalamoporellidae possuem ovicelo denominado bivalvado. O ooécio é formado por duas valvas simétricas que deixam a marca da fissura por toda a sua extensão frontal (OSTROVSKY, 2013).

2.3.2 Descrição da morfologia externa

Os espécimes foram observados e analisados inicialmente utilizando microscópio estereoscópico. Os briozoários Cheilostomata depositados nas coleções de Bryozoa da UFBA e da UFPE que estavam acondicionados em álcool foram lavados alternadamente em hipoclorito de sódio (em concentração variável) e água até que toda parte orgânica fosse totalmente dissolvida. Quando necessário, foi utilizado um pincel fino para remoção da membrana e de partículas depositadas sobre as colônias. Após a remoção da parte orgânica das colônias, os espécimes foram secos por até 48 horas em temperatura ambiente. Espécimes depositados no USNM e NHMUK foram analisados sem preparação e limpeza.

Figura 29. Ooécios lepralieformes (A–E) e microporeliforme (F). **A**, ovículo (ov) e ooécio lepralieforme mostrando endooécio (en) e ectooécio (ec) calcificados em *Parasmittina ligulata* (Ridley, 1881); **B**, ovículo com ooécio lepralieforme hiperestomial em *Poricella frigerosa* Winston, Vieira & Wollaccott, 2014; **C**, ovículo com ooécio lepralieforme com fenda mediana em *Hippotrema fissurata* Almeida & Souza, 2014; **D**, ovículo com ooécio lepralieforme com fenestra mediana em *Gemelliporina glabra* (Smitt, 1873); **E**, ooécio lepralieforme cormidial com suturas de calcificação (su) em *Calypotheca ornatissima* (Canu & Bassler, 1928a); **F**, ooécio microporeliforme em *Microporella curta* Almeida, Souza, Menegola & Vieira, 2017. Escalas: A, E = 250 µm; B, D = 200 µm; C, F = 100 µm.



Fonte: O autor (2018).

Para cada colônia analisada foi determinado o tipo de suporte utilizado para fixação (quando este estava presente). Posteriormente a descrição da morfologia externa, os espécimes foram agrupados em morfotipos.

Os briozoários *Ctenostomata* estavam acondicionados em álcool e foram analisados sem preparação prévia. Representantes de cada morfotipo foram fotografados sob microscópio estereoscópio com câmera acoplada (Olympus E330).

2.3.3 Imagens em Microscópio Eletrônico de Varredura

Espécimes de cada morfotipo previamente delimitado de *Cheilostomata* foram selecionados para estudo morfológico utilizando microscopia eletrônica de varredura (MEV). Para observação no MEV, colônias inteiras ou fragmentos de colônias foram fixados com fita carbono sobre suportes metálicos (*stubs*) e metalizados a ouro, uma vez que a metalização aumenta a condutividade da superfície a ser escaneada, melhorando, assim, o contraste da imagem.

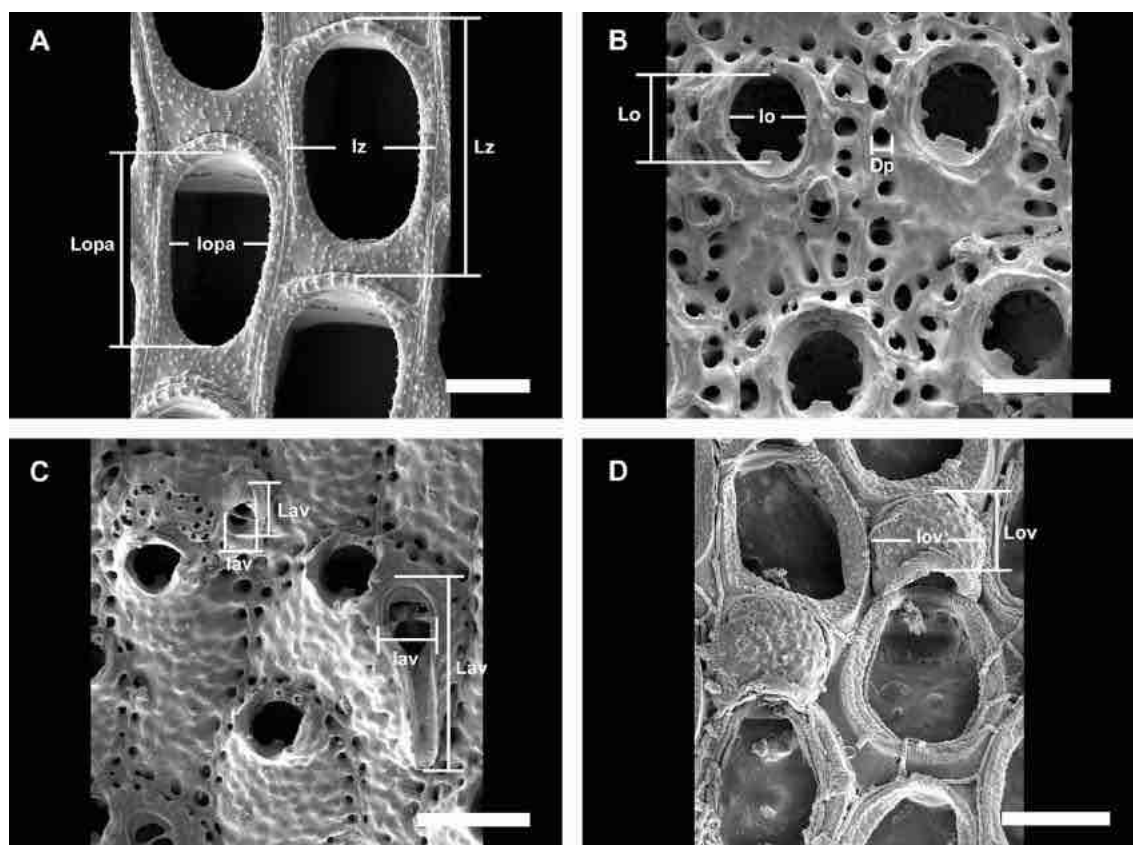
Todo o procedimento de metalização e as fotomicrografias em MEV dos espécimes depositados na UFBA e UFPE foram realizadas na Fundação Oswaldo Cruz, Centro de Pesquisas Gonçalo Moniz (FIOCRUZ-BA), utilizando os aparelhos Denton Vacuum Desk IV e microscópio JEOL JSM-6390LV, respectivamente.

Os espécimes depositados no USNM e NHMUK já estavam acondicionados secos, não sendo necessária lavagem e secagem. O material foi montado em *stubs* e examinado no microscópio PhilipsXL30, que utiliza o modo 'baixo vácuo' e assim dispensa a metalização.

2.3.4 Morfometria

A morfometria incluiu caracteres atualmente utilizados na taxonomia do filo Bryozoa (seguindo literatura específica para cada família e gênero) referentes ao: comprimento e largura do autozoóide, orifício e heterozoóides (Figura 30). Todas as medidas foram realizadas no software ImageJ® a partir das fotomicrografias obtidas no MEV. Tipicamente, foram realizadas 10 medidas para cada estrutura analisada, exceto quando mencionadas no texto.

Figura 30. Caracteres morfométricos utilizados na taxonomia de briozoários marinhos. **A**, comprimento do autozoóide (Lz), largura do autozoóide (lz), comprimento da opésia (Lopa), largura da opésia (lopa) (*Biflustra grandicella* (Canu & Bassler, 1929)); **B**, comprimento do orifício primário (Lo), largura do orifício primário (lo), diâmetro dos poros/pseudoporos (Dp) (*Parasmittina loxoides* Winston, Vieira & Woollacott, 2014); **C**, comprimento dos aviculários (Lav), largura dos aviculários (lav) (*Parasmittina* sp.); **D**, comprimento do ovicelo (Lov), largura do ovicelo (lov) (*Parellisina lunatiostris* Winston, Vieira & Woollacott, 2014). Escalas: A, B, D = 200 µm; C = 250 µm.



Fonte: O autor (2018).

2.3.5 Identificação taxonômica

Os morfotipos foram identificados no menor nível taxonômico possível utilizando literatura específica e atualizada (lista para consulta no *site* da internet www.bryozoa.net). O inventário taxonômico inclui diagnoses dos táxons de classes, ordens, subordens, famílias e gêneros. As diagnoses de superfamílias não foram incluídas por estas geralmente representarem táxons não monofiléticos, seguindo assim a organização do novo *Treatise on Invertebrate Paleontology, part G, Bryozoa, 3, Cheilostomata* (informação verbal)¹.

¹ Comunicação informal do Dr. Leandro M. Vieira (Universidade Federal de Pernambuco), Recife, PE, e do Dr. Dennis P. Gordon (National Institute of Water and Atmospheric Research, Wellington, Nova Zelândia & Me. Ana C. S. Almeida, em março de 2018.

Para comparação das espécies com congêneres foram utilizadas descrições, dados e tabelas de características morfológicas e morfométricas já publicadas. Esses trabalhos são referenciados nos comentários de cada espécie. Adicionalmente, material tipo ou fotomicrografias em MEV de espécimes tipo, tanto de espécies da Bahia como de outras localidades e que não estão disponíveis em literatura atualizada, foram analisados para comparação e auxílio na determinação taxonômica (Quadro 3).

A lista de sinônimas inclui a descrição original da espécie e registros no litoral brasileiro. A indicação de sinônima cumulativa (sin. cum.) foi incluída apenas para espécies revisadas recentemente, como *Amathia brasiliensis* Busk, 1886, revisada por Fehlauer-Ale; Vieira; Winston (2011) e *Biflustra arborescens* (Canu & Bassler, 1928b), revisada por Almeida; Souza; Vieira (2017). Novas sinônimas propostas nesse estudo foram indicadas utilizando a abreviação (nov. sin.).

Quadro 3 - Material tipo examinado, incluindo espécies originalmente descritas para a Bahia e espécies comparativas de outras localidades.

Nome original	Coleção	Tombo	Localidade
<i>Acanthodesia grandicella</i> Canu & Bassler, 1929	USNM	7845	China
<i>Acanthodesia lamellosa</i> Canu & Bassler, 1929	USNM	7846	Filipinas
<i>Acanthodesia quadrata</i> Canu & Bassler, 1929	USNM	7848	Filipinas
<i>Acanthodesia virgata</i> Canu & Bassler, 1929	USNM	7849	Filipinas
<i>Adeona bipartita</i> Canu & Bassler, 1928a	USNM	8567	Brasil (BA)
<i>Adeona costulata</i> Canu & Bassler, 1928a	USNM	8570	Brasil (RJ)
<i>Aplousina errans</i> Canu & Bassler, 1928a	USNM	8537	Brasil (BA)
<i>Aptonella violacea</i> Canu & Bassler, 1928a	USNM	8556	Brasil (BA)
<i>Cellaria tenella</i> Lamarck, 1816	MNHN	IB-2008-4546	Austrália?
<i>Crassimarginatella exilimargo</i> Canu & Bassler, 1928a	USNM	8538	Brasil (RJ)
<i>Cribella triangulata</i> Canu & Bassler, 1928a	USNM	8553	Brasil (BA)
<i>Cupularia monotrema</i> Busk, 1884	NHMUK	1890.3.22.1 / 1889.1.30.30-44	Brasil (BA)
<i>Dacryonella typica</i> Canu & Bassler, 1928b	USNM	7484	Cuba
<i>Dakaria vaginata</i> Canu & Bassler, 1928a	USNM	8552	Brasil (BA)
<i>Exechonella brasiliensis</i> Canu & Bassler, 1928a	USNM	8581; 8547	Brasil (BA)
<i>Fenestulina ampla</i> Canu & Bassler, 1928a	USNM	8560	Brasil (RJ)
<i>Gemelliporidra ornatissima</i> Canu & Bassler, 1928a	USNM	8554	Brasil (BA)

<i>Gigantopora lyncoides</i> Ridley, 1881	NHMUK	1879.12.27.78.1	Brasil (ES)
<i>Hemiseptella tuberosa</i> Canu & Bassler, 1923	USNM	68492	Estados Unidos
<i>Jolietina pulchra</i> Canu & Bassler, 1928a	USNM	8549	Brasil (RJ)
<i>Lagenipora ventricosa</i> Canu & Bassler, 1928a	USNM	8578	Brasil (RJ)
<i>Lepralia pulcherrima</i> Canu & Bassler, 1928a	USNM	8557	Brasil (BA)
<i>Mastigophora parviseta</i> Canu & Bassler, 1928a	USNM	8576	Brasil (RJ)
<i>Membranipora bartschi</i> Canu & Bassler, 1929	USNM	7840	Filipinas
<i>Membranipora denticulata</i> Busk, 1856	NHMUK	1892.9.6.1	Golfo da Califórnia
<i>Membrendoecium parvus</i> Canu & Bassler, 1928a	USNM	8536	Brasil (BA)
<i>Metrarabdotos tuberosum</i> Canu & Bassler, 1928a	USNM	8568	Brasil (PB)
<i>Metrarabdotos unguiculatum</i> Canu & Bassler, 1928b	USNM	8571	Brasil (BA)
<i>Microporella cucullata</i> Canu & Bassler, 1928a	USNM	8561	Brasil (RJ)
<i>Mollia elongata</i> Canu & Bassler, 1928a	USNM	8539	Brasil (BA)
<i>Proboscina robusta</i> Canu & Bassler, 1928b	USNM	8574	Brasil (BA)
<i>Psilopsella tuberosa</i> Canu & Bassler, 1928a	USNM	8575	Brasil (RJ)
<i>Schizopodrella horsti</i> Osburn, 1927	USNM	11838	Curaçao
<i>Schizoporella trimorpha</i> Canu & Bassler, 1928a	USNM	8555	Brasil (BA)
<i>Siphonoporella granulosa</i> Canu & Bassler, 1928b	USNM	7593	Flórida
<i>Smittia trispinosa</i> var. <i>ligulata</i> Ridley, 1881	NHMUK	1879.12.27.78.2	Brasil (ES)
<i>Smittina areolata</i> Canu & Bassler, 1927b	USNM	8443	Havaí
<i>Steginoporella transversalis</i> Canu & Bassler, 1928a	USNM	8545	Brasil (RJ)
<i>Stylopoma aurantiacum</i> Canu & Bassler, 1928a	USNM	8550	Brasil (PE)
<i>Tremogasterina malleolus</i> Canu & Bassler, 1928a	USNM	70864	Golfo do México
<i>Velumella acutirostris</i> Canu & Bassler, 1928a	USNM	8542	Brasil (BA)
<i>Velumella tuberculata</i> Canu & Bassler, 1928a	USNM	8541	Brasil (PB)

Fonte: O autor (2018)

3 RESULTADOS

A fauna de briozoários marinhos do Estado da Bahia é composta por 174 espécies, 95 gêneros e 59 famílias (Quadro 4). A grande maioria das espécies pertence à Ordem Cheilostomata (167 espécies) e apenas 8 espécies pertencem à Ordem Ctenostomata.

Quadro 4 - Lista taxonômica dos briozoários marinhos do Estado da Bahia. Asterisco: novas espécies publicados para a Bahia durante a realização do presente estudo.

Classe Gymnolaemata Allman, 1856

Ordem Ctenostomata Busk, 1852

Superfamília Vesicularioidea Johnston, 1847

Subordem Vesicularina Johnston, 1847

Família Vesiculariidae Johnston, 1847

Amathia brasiliensis Busk, 1886

Amathia crista (Lamarck, 1816)

Amathia distans Busk, 1886

Amathia ernsti (Vieira, Migotto & Winston, 2014)

Amathia evelinae (Vieira, Migotto & Winston, 2014)

Amathia verticillata (delle Chiaje, 1822)

Amathia vidovici (Heller, 1867)

Subordem Victorellina Jebram, 1973

Superfamília Victorelloidea Hincks, 1880

Família Nolellidae Harmer, 1915

Nolella stipata Gosse, 1855

Ordem Cheilostomata Busk, 1852

Subordem Inovicellina Jullien, 1888

Superfamília Aeteoidea Smitt, 1868

Família Aeteidae Smitt, 1868

Aetea arcuata Winston & Hayward, 2012

Aetea cultrata Vieira, Almeida & Winston, 2016

Aetea curta Jullien, 1888

Subordem Malacostegina Levinsen, 1902

Superfamília Membraniporoidea Busk, 1852

Família Electridae Stach, 1937

Arbocuspis bellula (Hincks, 1881)

Arbocuspis bicornis (Hincks, 1881)

Arbopercula bengalensis (Stoliczka, 1869)

Conopeum loki Almeida, Souza & Vieira, 2017*

Família Membraniporidae Busk, 1852

- Biflustra arborescens* (Canu & Bassler, 1928b)
Biflustra grandicella (Canu & Bassler, 1929)
Biflustra irregulata (Liu, 1991)
Biflustra marcusii Vieira, Almeida & Winston, 2016
Biflustra okadai Almeida, Souza & Vieira, 2017*
Biflustra paulensis (Marcus, 1937)
Biflustra tenuis (Desor, 1848)
Jellyella brasiliensis Vieira, Almeida & Winston, 2016
Jellyella tuberculata (Bosc, 1820)

Família Sinoflustridae Gordon, 2009

- Sinoflustra annae* (Osburn, 1953)

Subordem Thalamoporellina Ostrovsky, 2013**Superfamília Thalamoporelloidea Levinsen, 1902****Família Steginoporellidae Hincks, 1884**

- Labioporella tuberculata* Winston, Vieira & Woollacott, 2014
Steginoporella connexa Harmer, 1900
Steginoporella evelinae Marcus, 1949
Steginoporella magnilabris (Busk, 1854)
Steginoporella transversalis (Canu & Bassler, 1928a)

Família Thalamoporellidae Levinsen, 1902

- Thalamoporella* sp. nov.

Subordem Flustrina Smitt, 1868**Superfamília Calloporoidea Norman, 1903****Família Antroporidae Vigneaux, 1949**

- Akatopora leucocypha* (Marcus, 1937)
Antropora minor (Hincks, 1880)
Antropora typica (Canu & Bassler, 1928c)
Antropora sp. nov.

Família Calloporidae Norman, 1903

- Ammatophora arenacea* Winston & Vieira, 2013
Aplousina errans Canu & Bassler, 1928a
Copidozoum tenuirostre (Hincks, 1880)
Parellisina lunatiostris Winston, Vieira & Woollacott, 2014
Retevirgula multipunctata Winston, Vieira & Woollacott, 2014

Família Cupuladriidae Lagaaij, 1952

- Cupuladria monotrema* (Busk, 1884)
Cupuladria sp. nov.
Discoporella salvadorensis Winston, Vieira & Woollacott, 2014

Família Heliodomidae Vigneaux, 1949*Setosellina goesi* Silén, 1942**Família Hiantoporidae Gregory, 1893***Hiantopora* sp. nov.**Família Quadricellariidae Gordon, 1984***Nellia tenella* (Lamarck, 1816)**Superfamília Buguloidea Gray, 1848****Família Beaniidae Canu & Bassler, 1927a***Beania americana* Vieira, Migotto & Winston, 2010*Beania australis* Busk, 1852*Beania correiae* Vieira, Migotto & Winston, 2010**Família Bugulidae Gray, 1848***Bugula gnoma* Vieira, Winston & Fehlauser-Ale, 2012*Bugula neritina* (Linnaeus, 1758)*Bugulina stolonifera* (Ryland, 1960)*Caulibugula armata* (Verrill, 1900)*Caulibugula dendrograpta* (Waters, 1913)*Virididentula dentata* (Lamouroux, 1816)**Família Candidae d'Orbigny, 1851***Caberea boryi* (Audouin, 1826)*Canda alsia* Winston, Vieira & Woollacott, 2014*Cradoscrupocellaria calypso* Vieira, Spencer Jones & Winston, 2013*Licornia* aff. *diadema* (Busk, 1852)*Licornia jolloisii* (Audouin, 1826)*Licornia* sp. nov.**Família Epistomiidae Gregory, 1893***Synnotum aegyptiacum* (Audouin, 1826)**Superfamília Microporoidea Gray, 1848****Família Microporidae Gray, 1848***Micropora angustiscapulis* Winston, Vieira & Woollacott, 2014*Mollia elongata* Canu & Bassler, 1928a**Família Monoporellidae Hincks, 1882***Monoporella divae* Marcus, 1955**Família Onychocellidae Jullien, 1882***Smittipora sawayai* Marcus, 1937*Smittipora tuberculata* (Canu & Bassler, 1928a)*Onychocella* sp. nov.1*Onychocella* sp. nov.2

Superfamília Cellarioidea Fleming, 1828**Família Cellariidae Fleming, 1828**

Cellaria oranae Almeida, Souza & Vieira, 2018*

Superfamília Cribrilinoidea Hincks, 1879**Família Cribrilinae Hincks, 1879**

Puellina sp. nov.1

Puellina sp. nov.2

Superfamília Catenicelloidea Busk, 1852**Família Catenicellidae Busk, 1852**

Catenicella contei (Audouin, 1826)

Catenicella uberrima (Harmer, 1957)

Família Savignyellidae Levinsen, 1909

Savignyella lafontii (Audouin, 1826)

Superfamília Hippothoidea Busk, 1859**Família Hippothoidae Busk, 1859**

Hippothoa brasiliensis Morris, 1980

Hippothoa flagellum Manzoni, 1870

Família Pasytheidae Davis, 1934

Pasythea tulipifera (Ellis & Solander, 1786)

Família Trypostegidae Gordon, Tilbrook & Winston em Winston, 2005

Trypostega tropicalis Winston, Vieira & Woollacott, 2014

Família Vitrimurellidae Winston, Vieira & Woollacott, 2014

Vitrimurella fulgens (Marcus, 1955)

Superfamília Arachnopusioidea Jullien, 1888**Família Arachnopusiidae Jullien, 1888**

Poricella frigerosa Winston, Vieira & Woollacott, 2014

Família Exechonellidae Harmer, 1957

Exechonella brasiliensis Canu & Bassler, 1928a

Exechonella vieirai Cáceres-Chamizo, Sanner, Tilbrook & Ostrovsky, 2017

Superfamília Adeonoidea Busk, 1884**Família Adeonidae Busk, 1884**

Adeonellopsis subsulcata (Smitt, 1873)

Reptadeonella aspera Almeida, Souza, Sanner & Vieira, 2015*

Reptadeonella bipartita (Canu & Bassler, 1928a)

Reptadeonella brasiliensis Almeida, Souza, Sanner & Vieira, 2015*

Reptadeonella cucullata Almeida, Souza, Sanner & Vieira, 2015*

Reptadeonella leilae Almeida, Souza, Sanner & Vieira, 2015*

Superfamília Lepralielloidea Vigneaux, 1949**Família Lepraliellidae Vigneaux, 1949**

- Celleporaria atlantica* (Busk, 1884)
Celleporaria carvalhoi (Marcus, 1939)
Celleporaria mordax (Marcus, 1937)
Celleporaria sp. nov.
Drepanophora tuberculata (Osburn, 1914)

Família Romancheinidae Jullien, 1888

- Exochella frigidula* Winston, Vieira & Woollacott, 2014

Família Metrarabdotosidae Vigneaux, 1949

- Metrarabdotos jani* Winston, Vieira & Woollacott, 2014
Metrarabdotos tuberosum Canu & Bassler, 1928a
Metrarabdotos unguiculatum (Canu & Bassler, 1928c)

Superfamília Smittinoidea Levinsen, 1909**Família Bitectiporidae MacGillivray, 1895**

- Hippoporina indica* Madhavan Pillai, 1978
Hippoporina sp. nov.

Família Lanceoporidae Harmer, 1957

- Calyptotheca ornatissima* (Canu & Bassler, 1928a)
Calyptotheca triangulata (Canu & Bassler, 1928a)
Calyptotheca trimorpha (Canu & Bassler, 1928a) comb. nov.
Calyptotheca vaginata (Canu & Bassler, 1928a)
Calyptotheca violacea (Canu & Bassler, 1928a) comb. nov.
Calyptotheca sp. nov.

Família Smittinidae Levinsen, 1909

- Hemismittoidea* sp. nov.
Parasmittina bimucronata (Hincks, 1884)
Parasmittina egyptiaca (Waters, 1909)
Parasmittina ligulata (Ridley, 1881)
Parasmittina loxoides Winston, Vieira & Woollacott, 2014
Parasmittina simpulata Winston, Vieira & Woollacott, 2014
Parasmittina sp. nov.
Pleurocodonellina marcusii Almeida, Souza, Farias, Alves & Vieira, 2018*
Smittina smittiella Osburn, 1947
Smittoidea numma (Marcus, 1949)
Smittoidea sp. nov.1
Smittoidea sp. nov.2

Família Watersiporidae Vigneaux, 1949

- Watersipora subtorquata* (d'Orbigny, 1852)

Superfamília Schizoporelloidea Jullien, 1883**Família Buffonellodidae Gordon & d'Hondt, 1997***Aimulosia* sp.**Família Escharinidae Tilbrook, 2006***Bryopesanser pesanseri* (Smitt, 1873)**Família Gigantoporidae Bassler, 1935***Gigantopora lyncoides* Ridley, 1881**Família Hippaliosinidae Winston, 2005***Hippaliosina imperfecta* (Canu & Bassler, 1928a)**Família Hippopodinidae Levinsen, 1909***Hippopodina feegeensis* (Busk, 1884)*Hippopodina pulcherrima* (Canu & Bassler, 1928a)*Hippopodina* sp. nov.**Família Lacernidae Jullien, 1888***Arthropoma* sp. nov.*Rogicka scopae* (Canu & Bassler, 1928a)**Família Marcusadoreidae Winston, Vieira & Woollacott, 2014***Marcusadorea pinheiroi* Almeida, Souza, Menegola & Vieira, 2017**Marcusadorea tubulosa* (Canu & Bassler, 1928c)**Família Margarettidae Harmer, 1957***Margaretta buski* Harmer, 1957**Família Microporellidae Hincks, 1879***Microporella curta* Almeida, Souza, Menegola & Vieira, 2017***Família Petraliellidae Harmer, 1957***Utinga castanea* (Busk, 1884)**Família Schizoporellidae Jullien, 1883***Schizobrachiella lacrimosa* (Cook, 1964) comb. nov.*Schizobrachiella* sp. nov.*Stylopoma aurantiacum* Canu & Bassler, 1928a*Stylopoma carioca* Winston, Vieira & Woollacott, 2014*Stylopoma rotundum* Winston, Vieira & Woollacott, 2014*Stylopoma* sp. nov.1*Stylopoma* sp. nov.2*Stylopoma* sp. nov.3*Stylopoma* sp. nov.4*Stylopoma* sp. nov.5**Família Tetraplariidae Harmer, 1957***Tetraplaria dichotoma* (Osburn, 1914)**Superfamília Didymoselloidea Brown, 1952****Família Didymosellidae Brown, 1952**

Didymosella pluma Cook & Chimonides, 1981

Superfamília Mamilloporoidea Canu & Bassler, 1927a

Família Cleidochasmatidae Cheetham & Sandberg, 1964

Calyptooecia conuma Almeida & Souza, 2014

Gemelliporina glabra (Smitt, 1873)

Família Crepidacanthidae Levinsen, 1909

Crepidacantha sp. nov.1

Crepidacantha sp. nov.2

Família Mamilloporidae Canu & Bassler, 1927a

Mamillopora cupula Smitt, 1873

Superfamília Celleporoidea Johnston, 1838

Família Celleporidae Johnston, 1838

Celleporina joannae Almeida, Souza, Menegola & Vieira, 2017*

Pourtalesella carvalhoi (Marcus, 1937)

Turbicellepora iarae Almeida, Souza, Menegola & Vieira, 2017*

Turbicellepora brasiliensis Winston, Vieira & Woollacott, 2014

Turbicellepora sp. nov.

Família Colatooeciidae Winston, 2005

Trematooecia arborescens (Canu & Bassler, 1928a)

Trematooecia ridleyi (Kirkpatrick, 1890)

Trematooecia rotunda Almeida, Souza, Menegola, Sanner & Vieira, 2014

Trematooecia sp. nov.

Família Hippoporidridae Vigneaux, 1949

Abditoporella sp. nov.

Hippotrema fissurata Almeida & Souza, 2014

Scorpidinipora costulata (Canu & Bassler, 1929)

Família Phidoloporidae Gabb & Horn, 1862

Fodinella atlantica Winston, Vieira & Woollacott, 2014

Plesioleidochasma sp. nov.1

Plesioleidochasma sp. nov.2

Plesioleidochasma sp. nov.3

Reteporellina evelinae Marcus, 1955

Rhynchozoon brasiliensis Almeida, Souza, Menegola & Vieira, 2017*

Rhynchozoon itaparicaensis Almeida, Souza, Farias, Alves & Vieira, 2018*

Rhynchozoon phrynoglossum Marcus, 1937

Rhynchozoon sp. nov.

Stephanollona sp. nov.1

Stephanollona sp. nov.2

Triphyllozoon arcuatum (MacGillivray, 1889)

Entre as 59 famílias relatadas para o litoral da Bahia, a maioria (64%; 38 famílias) é representada por apenas um gênero. Onze famílias compreendem dois gêneros (19%) e sete famílias abrigam de três a cinco gêneros. A família mais diversa, Phidoloporidae, possui seis gêneros conhecidos para a Bahia.

Entre 96 gêneros encontrados, a grande maioria (89%; 85 gêneros) são representados por poucas espécies (1–3 espécies). Os outros dez gêneros abrigam entre quatro e oito espécies (*Celleporaria* Lamouroux, 1821, *Rhynchozoon* Hincks, 1895, *Steginoporella* Smitt, 1873 e *Trematoeocia* Osburn, 1940 com 4 espécies, *Reptadeonella* Busk, 1884 com cinco espécies; *Calyptotheca* Harmer, 1957 e *Parasmittina* Osburn, 1952 com seis espécies; *Amathia* Lamouroux, 1812 e *Biflustra* d'Orbigny, 1852 com sete espécies; e *Stylopona* Levinsen, 1909 com oito espécies), compreendendo 31% do total das espécies inventariadas. Em relação ao número de espécies, 26 famílias (44%) foram representadas por apenas uma espécie, 10 famílias por duas espécies (17%) e 19 famílias (32%) compreendem entre três e sete espécies. As famílias mais diversas foram Schizoporellidae, Smittinidae e Phidoloporidae (Apêndice B).

Das 174 espécies inventariadas, 13 espécies foram nomeadas como novas durante a realização do presente estudo, e outras 35 espécies (20%) são novas para a ciência. Três novas combinações são aqui propostas (*Schizobrachiella lacrimosa* comb. nov., *Calyptotheca trimorpha* comb. nov. e *Calyptotheca violacea* comb. nov.). Quatorze espécies correspondem a novos registros para o Bahia, das quais cinco são novos registros também para o Brasil (Apêndice C). Os gêneros *Abditoporella* Sosa-Yañez, Vieira & Solís-Marín, 2015, *Aimulosia* Jullien, 1888, *Hemismittoidea* Soule & Soule, 1973, *Hiantopora* MacGillivray, 1887, *Onychocella* Jullien, 1882 e *Schizobrachiella* Canu & Bassler, 1920 são relatados pela primeira vez para o Brasil.

A maioria das espécies (31%; 56 espécies) são consideradas endêmicas do Brasil e 52 (30%) conhecidas apenas para a Bahia (incluindo as novas espécies). Sete espécies são consideradas cosmopolitas, 23 ocorrem em todo Atlântico Ocidental (dos Estados Unidos até o Brasil), e três no Atlântico Ocidental e Oriental. Pelo menos 33 espécies apresentam distribuição disjunta (Apêndice D). Dez espécies são exóticas, quatro criptogênicas e 14 representam complexos de espécies. Apesar de apresentarem distribuição disjunta, quatro espécies não foram classificadas quanto à sua origem (Apêndice E).

Os briozoários da Bahia foram encontrados sobre substratos diversos (Apêndice F), incluindo estruturas artificiais e naturais. Os suportes artificiais compreendem placas

de PVC, fragmentos plásticos e estruturas de concreto, como plataformas de petróleo. Os substratos naturais incluíram algas, principalmente aquelas flutuantes como *Sargassum* spp. e algas pardas comuns no entremarés, outros briozoários, corais, esponjas, hidrozoários, conchas de moluscos (tipicamente bivalves e raramente gastrópodes), hidrozoários, rodolitos e grãos de areia e cascalho. Entre as 174 espécies inventariadas, 27 (15%) foram encontradas sobre suportes artificiais. Dezoito espécies estavam associadas a placas de PVC e fragmentos plásticos e 12 foram coletadas em estruturas de concreto. Em estruturas de concreto, apenas espécies eretas foram encontradas, incluindo todas as espécies do gênero *Amathia*, três representantes da família Candidae e as espécies *Catenicella contei* e *Triphyllozoon arcuatum*. Todas as espécies de substratos artificiais também ocorrem em substrato natural (Apêndice F).

Em relação à diversidade de briozoários ao longo da costa da Bahia, o maior número de espécies ocorre na Baía de Todos os Santos e Costa dos Coqueiros (142 espécies cada; 81%), seguidos da Costa do Dendê (94 espécies; 54%). As costas do Descobrimento e das Baleias tiveram 70 e 72 espécies respectivamente, correspondendo a 40 e 41% de toda a fauna inventariada. A Costa do Cacau foi aquela com menor número de espécies, incluindo apenas 34 táxons registrados (19%) (Apêndice F).

A maioria dos briozoários (152 espécies; 87%) foi encontrada em mais de um tipo de substrato natural, e apenas 22 espécies foram encontradas em um único tipo de substrato (Apêndice F). Os substratos naturais mais utilizados por briozoários na costa da Bahia foram os corais e os nódulos calcários, habitados por 77 e 74 espécies, respectivamente. Os rodolitos também foram muito utilizados, abrigando 63 espécies. Entre os demais tipos de substratos naturais, hidrozoários e grãos de areia foram os menos explorados, servindo de suporte para 18 e 25 espécies de briozoários, respectivamente. Por fim, algas, outros briozoários, esponjas e conchas de moluscos abrigaram entre 33 e 34 espécies de briozoários.

4 INVENTÁRIO TAXONÔMICO

Filo Bryozoa Ehrenberg, 1831

Classe Gymnolaemata Allman, 1856

Diagnose. Briozoários calcificados ou não calcificados; colônias estoloníferas, incrustantes, eretas ou de vida livre. Zoóides saculares, cilíndricos ou primásticos (em forma de caixa). Orifício fechado por músculos circulares ou por opérculo. Heterozoóides diversos geralmente presentes (HAYWARD; RYLAND, 1979, 1998, 1999).

Ordem Ctenostomata Busk, 1852

Diagnose. Briozoários não calcificados, exoesqueleto quitinoso; colônias formadas por autozoóides e, por vezes, estolões. Autozoóides saculares e translúcidos; orifício terminal, fechado por músculos circulares e oblíquos, sem opérculo. Lofóforo é estendido ou retraído no zoécio através da compressão total da parede do zooidal. Heterozoóides apenas como estolões e rizóides; aviculários e ovicelos ausentes. Embriões encubados no zoóide ou em ovissacos membranosos internos ou externos (HAYWARD; RYLAND, 1998).

Subordem Vesicularina Johnston, 1838

Diagnose. Colônias com autozoóides saculares, arranjados em grupos ou uni ou biserialmente ao longo de um estolão. Embriões incubados internamente (D'HONDT, 1983; HAYWARD, 1985).

Superfamília Vesicularioidea Johnston, 1847

4.1 Família Vesiculariidae Johnston, 1847

Diagnose. Colônias eretas ou rastejantes. Autozoóides únicos ou agrupados ao longo de um estolão radialmente simétrico. Polípídio com 6 a 12 tentáculos (geralmente 8), sem colar setífero, e geralmente com moela distinta. Embriões incubados internamente no autozoóide (HAYWARD, 1985).

Gênero *Amathia* Lamouroux, 1812

Diagnose. Colônias formando redes rastejantes ou ramos eretos de estolões. Estolões ramificados regular ou irregularmente, geralmente dicotômicos (raramente ramificados 3–5 vezes). Autozoóides cilíndricos, saculares, únicos ou agrupados ao longo de um estolão principal, sem cenozoóides intermediários. Embriões incubados internamente no autozoóide (WAESCHENBACH et al., 2015).

***Amathia brasiliensis* Busk, 1886**

(Figura 31A,B)

Amathia brasiliensis Busk, 1886: 34, pl. 7, fig. 2.

Amathia brasiliensis: Fehlauer-Ale; Vieira; Winston, 2011: 52, figs. 1, 2, 5, 7, 9 (sin. cum.); Vieira et al., 2014c: 512 (sin. cum.).

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia estolonífera, ereta, densamente ramificada, coloração marrom (*in vivo*). Estolão medindo 0,142 a 0,212 mm de diâmetro. Colônias vivas com pigmentação branca na superfície zooidal e nos estolões. Autozoóides saculares (Lz = 0,287–0,355 mm; lz = 0,080–0,109 mm), unidos apenas na sua base, organizados em grupos bisseriais espirais; 8–18 pares zooidais com espirais direcionais nos sentidos horário e anti-horário; direção espiral dos autozoóides mantida do estolão materno para estolões maternos. Espirais ocupando metade a três quartos da porção distal do estolão.

Comentários. *Amathia brasiliensis* é caracterizada pela presença de colônias com coloração marrom (*in vivo*), pigmentação branca na superfície zooidal e nos estolões, e espirais zooidais direcionais nos sentidos horário e anti-horário, ocupando metade a três quartos da porção distal do estolão. Esta espécie foi recentemente caracterizada morfológicamente (FEHLAUER-ALE; VIEIRA; WINSTON, 2011), sendo considerada distinta de *Amathia distans* por apresentar estolões mais robustos e grupos espirais com zoóides separados por quase todo seu comprimento.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Estados Unidos, Bermuda, Porto Rico e Brasil (FEHLAUER-ALE; VIEIRA; WINSTON, 2011). A espécie foi descrita originalmente para a Bahia, ocorrendo em diversas localidades do Atlântico Ocidental, sendo geralmente encontrada em qualquer tipo de substrato natural e artificial (FEHLAUER-ALE; VIEIRA; WINSTON, 2011). No Brasil, é conhecida para Santa Catarina, São Paulo, Bahia, Alagoas e Pernambuco (VIEIRA; NASCIMENTO; ALMEIDA, 2018). Na

Bahia, ocorre na Baía de Todos os Santos, do entremarés a 20 metros de profundidade, sobre esponjas, hidrozoários e estruturas artificiais.

***Amathia crisa* (Lamarck, 1816)**

(Figura 31C,D)

Serialaria crisa Lamarck, 1816: 131.

Amathia convoluta: Almeida et al., 2015a: 3 (sin. nov.); Souza & Almeida, 2017: 264 (sin. nov.).

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia estolonífera, ereta, formada por estolão espesso, superfícies zooidais e estolonais esbranquiçadas. Estolão com 0,244 a 0,540 mm de diâmetro. Autozoóides saculares (Lz = 0,429–0,627 mm; lz = 0,140–0,203 mm), organizados em grupos bisseriais espirais ao longo do estolão; 28–43 pares dispostos em sentido horário ou anti-horário, os ramos filhos não seguindo o sentido do ramo materno. Espirais ocupando todo o comprimento do estolão.

Comentários. *Amathia crisa* é considerada parte de um complexo de espécies caracterizadas por apresentar zoóides ocupando praticamente todo o comprimento do estolão (WAESCHENBACH et al., 2015). Esta característica difere *Amathia crisa* de todas as congêneres relatadas para a Bahia.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil; Pacífico: Austrália e Indonésia (FEHLAUER-ALE; VIEIRA; WINSTON, 2011; GORDON; SPENCER JONES, 2013; SOUZA; ALMEIDA, 2017). Originalmente descrita para a Austrália, a espécie é também relatada para a Indonésia e o Brasil (WAESCHENBACH et al., 2015). No Brasil, ocorre no Paraná, São Paulo e Bahia (VIEIRA; NASCIMENTO; ALMEIDA, 2018). Na Bahia, ocorre sobre corais, esponjas e estruturas artificiais, do entremarés a 20 metros de profundidade da Costa dos Coqueiros, Baía de Todos os Santos e Costa das Baleias.

***Amathia distans* Busk, 1886**

(Figura 31E,F)

Amathia distans Busk, 1886: 33, pl. 7, fig. 1.

Amathia distans: Vieira et al., 2014c: 514 (sin. cum.); Almeida et al., 2017: 289, fig. 22–23 (sin. cum.).

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia estolonífera, ereta, formada por estolão delgado e quitinoso; superfícies zooidais e estolonais com pontos de pigmentação amarelo brilhantes (*in vivo*). Estolão com cerca de 0,120 a 0,142 mm de diâmetro. Autozoóides saculares ou

cilíndricos ($Lz = 0,300-0,447$ mm; $lz = 0,084-0,100$ mm), conectados em quase todo o comprimento, organizados em grupos bisseriais espirais; 9–19 pares dispostos nos sentidos horário ou anti-horário. Espirais localizados na metade distal a três quartos do comprimento do estolão.

Comentários. *Amathia distans* é distinta de todas as congêneres pela presença colônias com superfícies zooidais e estolonais com pontos de pigmentação amarelo brilhantes (*in vivo*) e um estolão delgado, fortemente cuticularizado (FEHLAUER-ALE; VIEIRA; WINSTON, 2011).

Distribuição. Cosmopolita em águas quentes (VIEIRA; MIGOTTO; WINSTON, 2014). Descrita originalmente para a Bahia, *Amathia distans* já foi registrada em diversas localidades de águas quentes (FEHLAUER-ALE; VIEIRA; WINSTON, 2011). Entretanto, comparação do material tipo com espécimes de outras localidades evidenciou algumas diferenças morfológicas, sugerindo que *A. distans* pode representar mais de uma espécie (FEHLAUER-ALE; VIEIRA; WINSTON, 2011). No Brasil, *Amathia distans* ocorre no Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Bahia (FEHLAUER-ALE; VIEIRA; WINSTON, 2011). Na Bahia, colônias formam tufos sobre substratos diversos, incluindo outros briozoários, hidrozoários, esponjas e superfícies, desde o entremarés a 25 metros de profundidade. É conhecida para a Costa dos Coqueiros, Baía de Todos os Santos, Costa do Dendê e Costa do Descobrimento.

***Amathia ernsti* (Vieira, Migotto & Winston, 2014)**

(Figura 32A,B)

Bowerbankia ernsti Vieira, Migotto & Winston, 2014: 514, figs. 84–86.

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia estolonífera, incrustante, sem ramos eretos, formada por estolão delgado (0,080 a 0,110 mm de diâmetro). Zoóides e polipídios sem pigmentação; ovos e embriões de coloração amarela. Autozoóides saculares ($Lz = 0,195-0,225$ mm; $lz = 0,050-0,064$ mm) com base arredondada, brotando lateralmente e em intervalos irregulares ao longo do estolão; colônias maiores com densos agrupamentos de autozoóides.

Comentários. *Amathia ernsti* é caracterizada pelas colônias aderidas no substrato sem ramos eretos, zoóides e polipídios sem pigmentação e ovos e embriões de coloração amarela. A congêneres mais similar a *Amathia ernsti* é *Amathia evelinae*, que pode ser

diferenciada pelos zoóides menores, estolão mais delgado e embriões de coloração amarela.

Amathia ernsti foi originalmente descrita no gênero *Bowerbankia* Farre, 1837. Entretanto, *Bowerbankia* e *Zoobotryon* foram recentemente sinonimizados com *Amathia*, baseado principalmente em análises moleculares e na ausência de caracteres morfológicos para a diferenciação de grupos morfológicos (WAESCHENBACH et al., 2015).

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (VIEIRA; MIGOTTO; WINSTON, 2014). A espécie é considerada endêmica para o Brasil, sendo descrita originalmente para o litoral de São Paulo (VIEIRA; MIGOTTO; WINSTON, 2014). Foi caracterizada como uma espécie típica de águas rasas, ocorrendo sobre conchas, rochas e hidrozoários e associada a outros ctenostomados (VIEIRA; MIGOTTO; WINSTON, 2014). Este é o primeiro registro da espécie na Bahia, que ocorre na Baía de Todos os Santos, do entremarés a 5 metros de profundidade, sobre outros briozoários, esponjas e substratos artificiais.

***Amathia evelinae* (Vieira, Migotto & Winston, 2014)**

(Figura 32C,D)

Bowerbankia evelinae Vieira, Migotto & Winston, 2014: 515, figs. 87–91.

Bowerbankia maxima: Almeida et al., 2015a: 3 (sin. nov.); Souza & Almeida, 2017: 264 (sin. nov.).

Material examinado. Apêndice A.

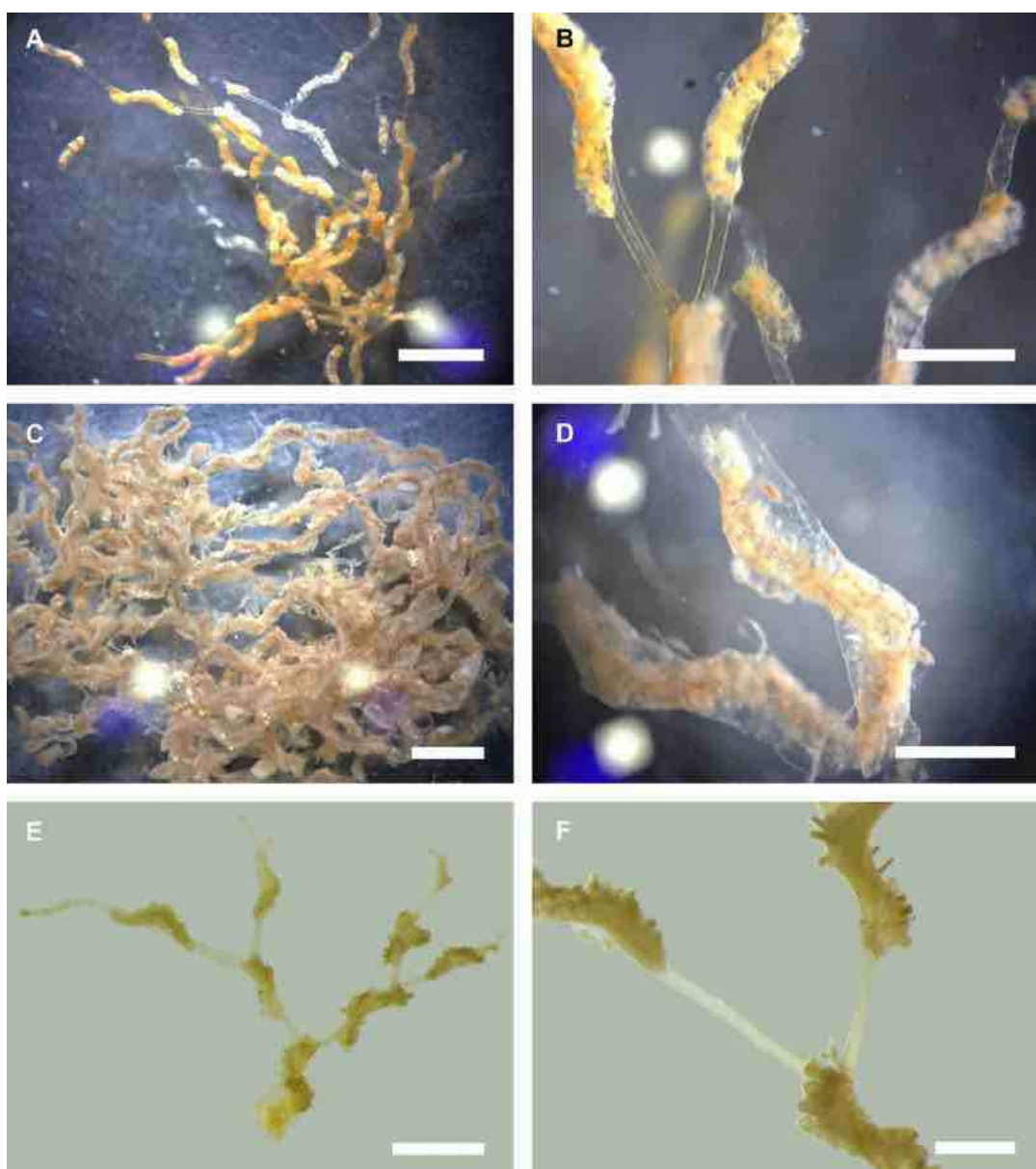
Descrição. Colônia estolonífera, incrustante com ramos eretos, formada por estolão moderadamente robusto (0,120 a 0,201 mm de diâmetro). Zoóides e polipídios com pontos brancos de pigmentação; ovos e embriões de coloração rosa. Autozoóides cilíndricos, em forma de sacos tubulares ($Lz = 0,725\text{--}0,946$ mm; $lz = 0,274\text{--}0,307$ mm), brotando lateralmente e em número variável ao longo do estolão, formando colônias estoloníferas de redes conspícuas.

Comentários. *Amathia evelinae* é caracterizada por colônias com estolão moderadamente robusto formando redes conspícuas, zoóides e polipídios com pontos brancos de pigmentação e ovos e embriões de coloração rosa. *Amathia evelinae* é morfológicamente similar a *Amathia maxima* (Winston, 1982) por apresentarem pontos brancos de pigmentação nos zoóides e estolões, diferindo principalmente no tamanho dos zoóides e diâmetro do estolão (mais largos em *Amathia evelinae*) (VIEIRA; MIGOTTO; WINSTON, 2014).

Assim como *Amathia ernsti*, *Amathia evelinae* foi descrita originalmente no gênero *Bowerbankia* e recentemente transferida para o gênero *Amathia* (WAESCHENBACH et al., 2015).

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (VIEIRA; MIGOTTO; WINSTON, 2014). Conhecida apenas para São Paulo (VIEIRA; NASCIMENTO; ALMEIDA, 2018), é aqui registrada pela primeira vez desde o relato original. Na Bahia, ocorre na Baía de Todos os Santos, entre 0–5 metros de profundidade, sobre outros briozoários, esponjas e substratos artificiais.

Figura 31. A, B, *Amathia brasiliensis* (UFBA 568); C, D, *Amathia crispera* (UFBA 3243); E, F, *Amathia distans* (UFBA 1578). A, C, D, aspecto geral da colônia; B, D, F, detalhe dos autozoóides e estolões. Escalas: A, C = 2 mm; B, D = 1 mm; E, F = 500 μ m.



Fonte: O autor (2018).

***Amathia verticillata* (delle Chiaje, 1822)**

(Figura 32E,F)

Hydra verticillata Delle Chiaje, 1828: 203, [1822] pl. 47, figs. 1, 2.*Zoobotryon verticillatum*: Vieira et al., 2014c: 518, figs. 98–101 (sin. cum.).*Amathia verticillata*: Miranda et al., 2018: Apêndice A, 1 (sin. cum.).**Material examinado.** Apêndice A.

Descrição. Colônia estolonífera, ereta formada por estolão robusto (0,837 a 1,021 mm de diâmetro), ramificado em padrão trifurcado. Autozoóides ovais, pequenos (Lz = 0,843–0,994 mm; lz = 0,382–0,528 mm), dispostos uni ou biserialmente em lados opostos ao longo do estolão.

Comentários. Caraterizada por apresentar colônias com estolão robusto ramificado em padrão trifurcado, e zoóides dispostos em lados opostos ao longo do estolão. Esta espécie é amplamente relatada em áreas portuárias de águas quentes de todo o mundo sob o nome *Zoobotryon verticillatum*. Entretanto, recentemente Waeschenbach et al. (2015) realizaram estudo molecular dos gêneros *Amathia*, *Bowerbankia* e *Zoobotryon*, verificando trata-se de uma única entidade taxonômica.

Amathia verticillata é uma espécie comum em substratos naturais e artificiais. No Brasil, é considerada exótica, ocorrendo desde Santa Catarina até o Rio Grande do Norte (MIRANDA; ALMEIDA; VIEIRA, 2018). Na Bahia, habita outros briozoários, esponjas e substratos artificiais da Baía de Todos os Santos, entre 0–5 metros de profundidade.

Distribuição. Cosmopolita em águas quentes (VIEIRA; MIGOTTO; WINSTON, 2014).

***Amathia vidovici* (Heller, 1867)**

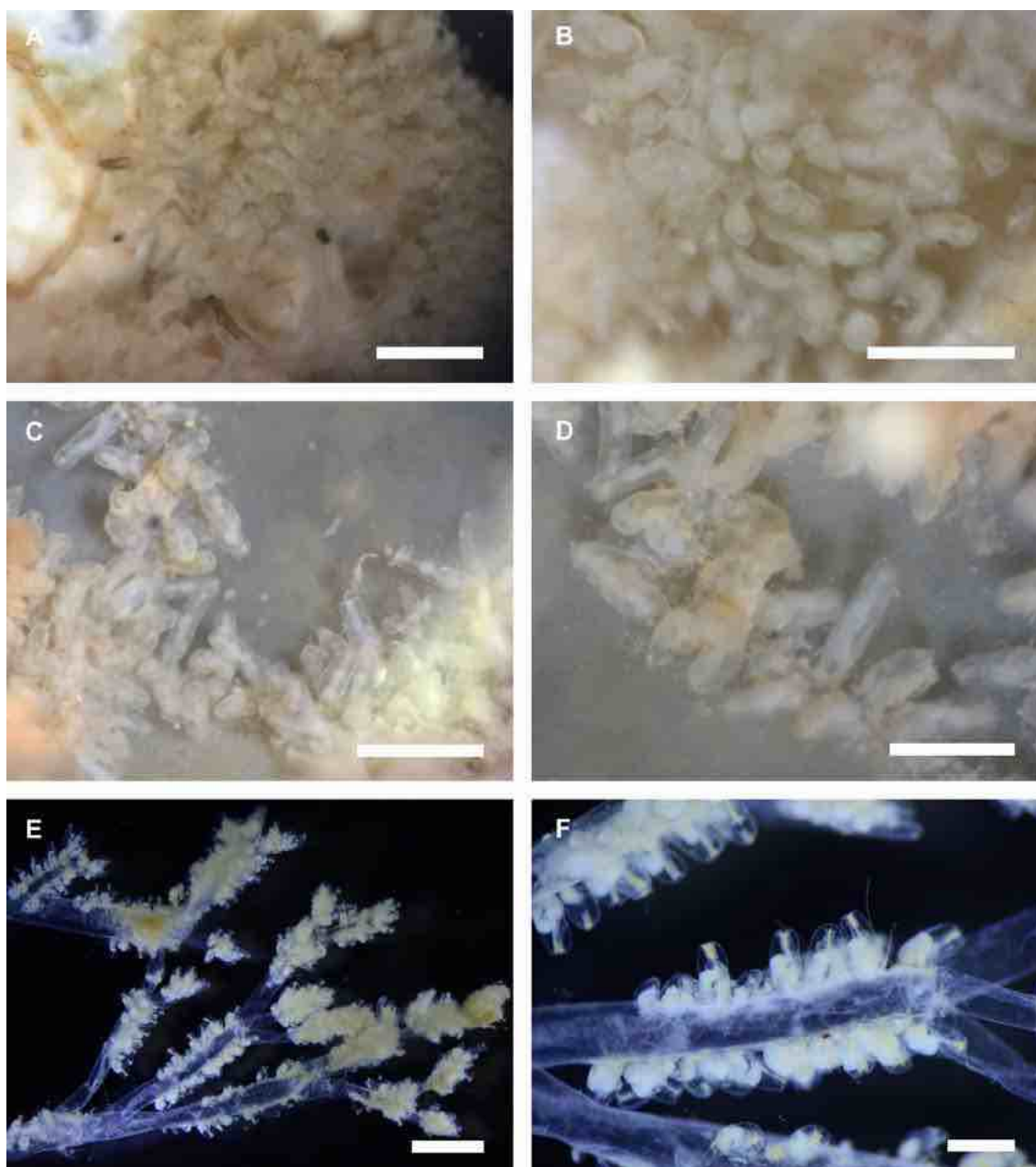
(Figura 33A,B)

Valkeria vidovici Heller, 1867: 128, pl. 5, figs. 3–4.*Amathia vidovici*: Miranda et al., 2018: Apêndice A, 1 (sin. cum.).**Material examinado.** Apêndice A.

Descrição. Colônia estolonífera, semi-ereta ou ereta, formada por estolão delgado (0,110 a 0,200 mm de diâmetro); superfície zoecial esbranquiçada a castanho claro. Autozoóides saculares (Lz = 0,312–0,480 mm; lz = 0,070–0,100 mm), organizados em grupos de 7–14 pares de zoóides dispostos biserialmente na extremidade distal do estolão e junto à bifurcação. Grupos de espirais dispostos nos sentidos horário ou anti-horário; os ramos filhos seguindo a mesma direção dos ramos maternos. Espirais ocupando apenas a extremidade distal do estolão.

Comentários. *Amathia vidovici* é distinta de todas as congêneres pelos autozoóides unidos entre si em grande parte do seu comprimento; espiral sempre na porção distal do estolão junto à bifurcação, e ramos filhos seguindo a mesma direção dos ramos maternos.

Figura 32. A, B, *Amathia ernsti* (UFBA 3423); C, D, *Amathia evelinae* (UFBA 3424); E, F, *Amathia verticillata* (UFPE não catalogado). A, C, D, aspecto geral da colônia; B, D, F, detalhe dos autozoóides. Escalas: A, C, E, F = 1 mm; B, D = 500 μ m.



Fonte: O autor (2018).

Distribuição. Cosmopolita em águas quentes (WAESCHENBACH et al., 2015). Descrita originalmente para o Mar Mediterrâneo, esta espécie é considerada cosmopolita em águas quentes, porém estudos baseados em dados moleculares sugerem que *Amathia vidovici* é

parte de um complexo de espécies (MIRANDA; ALMEIDA; VIEIRA, 2018; WAESCHENBACH et al., 2015). No Brasil, é conhecida para o Paraná, São Paulo, Bahia, Pernambuco e Alagoas (VIEIRA; NASCIMENTO; ALMEIDA, 2018). É geralmente encontrada associada a outras espécies do gênero e pode servir como substrato para outros briozoários com colônias rastejantes ou eretas delicadas (VIEIRA; MIGOTTO; WINSTON, 2010). Na Bahia, ocorre na Costa dos Coqueiros e Baía de Todos os Santos, entre 0–27 metros de profundidade, sobre outros briozoários, esponjas e substratos artificiais.

Subordem Victorellina Jebram, 1973

Diagnose. Colônias com autozoóides saculares ou tubulares, arranjos em grupos ou uniserialmente, conectados por projeções zooidais estoloniformes, sem estolão verdadeiro. Embriões incubados internamente (D'HONDT, 1983; HAYWARD, 1985).

Superfamília Victorelloidea Hincks, 1880

4.2 Família Nolellidae Harmer, 1915

Diagnose. Colônias eretas ou rastejantes. Autozoóides tubulares, formados por porção ereta distal e porção proximal fixa; brotamento em ramificações lineares (HAYWARD, 1985).

Gênero *Nolella* Gosse, 1855

Diagnose. Colônias formando redes lineares ou tufo densos de zoóides. Autozoóides tubulares, conectados por extensões basais não cenozooidais. Polípídio com tentáculos iguais e campanulados (HAYWARD, 1985).

***Nolella stipata* Gosse, 1855**

(Figura 33C,D)

Nolella stipata Gosse, 1855: 35, pl. 4, fig. 29.

Nolella stipata: Vieira et al., 2014c: 499, fig. 40–42 (sin. cum.); Miranda et al., 2018: Apêndice A, 2 (sin. cum.).

Material examinado. Apêndice A.

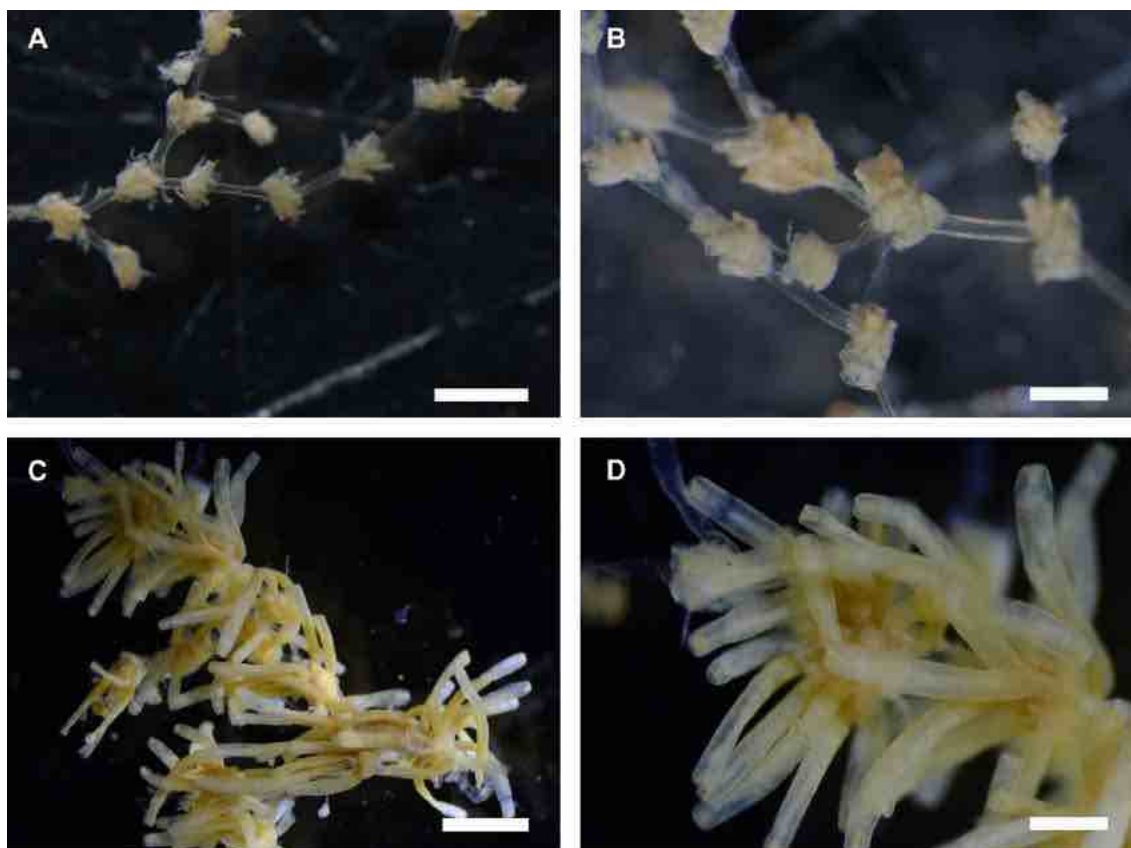
Descrição. Colônia rastejante, geralmente formada por grupos de autozoóides tubulares (Lz = 0,987–1,918 mm; lz = 0,133–0,178 mm) delgados, conectados por 1–4 pequenos

alongamentos basais estoloniformes. Autozoóides individuais cilíndricos; orifício quadrangular e superfície de cor acastanhada. Lofóforo com aproximadamente 18 tentáculos. Embriões amarelos.

Comentários. *Nolella stipata* foi recentemente caracterizada por Vieira et al. (2014). É reconhecida pelos autozoóides tubulares delgados, superfície de cor acastanhada e embriões amarelos.

Distribuição. Cosmopolita em águas quentes (MIRANDA; ALMEIDA; VIEIRA, 2018; VIEIRA; MIGOTTO; WINSTON, 2014). A espécie é considerada cosmopolita e registrada em todo o Oceano Atlântico, diferenças morfológicas entre espécimes de diferentes localidades dão evidências que trata-se de um complexo de espécies (MIRANDA; ALMEIDA; VIEIRA, 2018; VIEIRA; MIGOTTO; WINSTON, 2014). No Brasil, é registrada para São Paulo, Espírito Santos, Bahia, Alagoas e Pernambuco (VIEIRA; NASCIMENTO; ALMEIDA, 2018). Na Bahia, ocorre entre 0–5 metros de profundidade da Baía de Todos os Santos, sobre esponjas e conchas de moluscos.

Figura 33. A, B, *Amathia vidovici* (UFBA 3425); C, D, *Nolella stipata* (UFPE não catalogado). A, C, aspecto geral da colônia; B, D, detalhe dos autozoóides e estolão (B). Escalas: A, C, D = 1 mm; B = 500 μ m.



Fonte: O autor (2018).

Ordem Cheilostomata Busk, 1852

Diagnose. Zoóides com paredes verticais completamente calcificadas; superfície frontal do zoóide totalmente ou parcialmente calcificada; colônias com formas variadas, desde laminares e eretas a de vida livre. Zoóides tipicamente em forma de caixa; orifício (ou opésia) zooidal frontal ou subterminal e circular, quase sempre fechado pelo opérculo. Heterozoóides variados (HAYWARD; RYLAND, 1998).

Subordem Inovicellina Jullien, 1888

Diagnose. Colônias com autozoóides tubulares, arranjados uniserialmente. Autozoóides tipicamente formados por porção proximal basal incrustante e uma porção distal ereta tubular, membrana frontal ocupando uma parte da região tubular. Não há aviculários ou ovicelos; embriões são incubados em ovissacos (HAYWARD; RYLAND, 1998).

Superfamília Aeteoidea Smitt, 1868

4.3 Família Aeteidae Smitt, 1868

Diagnose. Colônia incrustante, uniserial e ramificada. Autozoóides divididos em duas regiões: (i) incrustante, (ii) ereta, proximalmente cilíndrica (haste), membrana frontal ocupando porção do tubo ereto. Não há aviculários ou ovicelos; zoecíolos podem estar presentes. Embriões incubados em ovissacos (HAYWARD; RYLAND, 1998).

Gênero *Aetea* Lamouroux, 1812

Diagnose. Colônias incrustantes, unisseriais, ramificadas irregularmente. Autozoóides com região incrustante proximal delgada, dilatada distalmente, da qual parte tubo ereto. Região ereta do zoóide tubular, distalmente com opésia distinta. Zoecíolos geralmente presentes; embriões incubados em ovissacos (HAYWARD; RYLAND, 1998).

***Aetea arcuata* Winston & Hayward, 2012**

(Figura 34A,B)

Aetea arcuata Winston & Hayward, 2012: 41, fig. 2 (sin. cum.).

Aetea anguina: Almeida et al., 2015a: 3 (sin. nov.); Souza & Almeida, 2017: 264 (sin. nov.).

Aetea arcuata: Vieira; Almeida; Winston, 2016: 61, figs. 2–3 (sin. cum.).

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante. Porção basal incrustante delgada e com pequenos pontos de descalcificação, formando pseudoporos. Porção distal ereta (haste) tubular (0,430–0,799 mm de comprimento; 0,054–0,083 mm de largura), levemente estreita proximalmente e curva distalmente, superfície formando anéis de calcificação. Área distal da porção tubular em forma de colher (0,131–0,227 mm de comprimento; 0,059–0,087 mm de largura), colocada no terço distal da haste. Opésia ocupando um lado da área frontal; superfície abfrontal da opésia com pequenos pseudoporos. Zoecíolos ausentes. Ovisacos com embriões vermelhos dispostos na extremidade distal do zoóide, na superfície dorsal da opésia.

Comentários. *Aetea arcuata* é caracterizada pelos zoóides com haste tubular com anéis de calcificação, área distal da porção tubular em forma de colher e não possui zoecíolos.

Espécimes do Brasil de *Aetea arcuata* foram recentemente descritos por Vieira; Almeida; Winston (2016) que os comparou com registros de *Aetea anguina* (Linnaeus, 1758) e *Aetea sica* (Couch, 1844). Estas duas últimas espécies são relatadas em águas rasas de todo o mundo, mas há evidências morfológicas indicando que ambas compreendem diversas espécies (VIEIRA; ALMEIDA; WINSTON, 2016). A maioria dos espécimes do com anéis de calcificação na haste e área distal da porção tubular em forma de colher do Atlântico Ocidental foram atribuídos à espécie *Aetea arcuata* (VIEIRA; ALMEIDA; WINSTON, 2016).

Distribuição. Atlântico Ocidental: Estados Unidos ao nordeste do Brasil (VIEIRA; ALMEIDA; WINSTON, 2016). No Brasil, a espécie é conhecida apenas para o nordeste do país, incluindo Bahia, Alagoas e Pernambuco. Na Bahia, é comum sobre algas vermelhas, hidrozoários, outros briozoários e rodolitos, do entremarés a 25 metros de profundidade da Costa dos Coqueiros e Costa do Descobrimento.

***Aetea cultrata* Vieira, Almeida & Winston, 2016**

(Figura 34C,D)

Aetea sica: Almeida et al., 2015a: 3; Souza & Almeida, 2017: 264.

Aetea truncata: Almeida et al., 2015a: 3 (sin. nov.); Souza & Almeida, 2017: 264 (sin. nov.).

Aetea cultrata Vieira, Almeida & Winston, 2016: 64, figs. 6–11 (sin. cum.).

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante. Porção basal levemente dilatada e com anéis de calcificação (por vezes ausente de acordo com a calcificação zoecial). Porção distal (haste) ereta tubular (0,404–0,802 mm de comprimento; 0,069–0,085 mm de largura);

região proximal cilíndrica e raramente anelada. Área distal da porção tubular levemente dilatada medianamente (0,269–0,420 mm de comprimento; 0,087–0,105 mm de largura), colocada no terço proximal ou metade da haste. Opésia ocupando um lado área frontal; superfície basal da opésia com pequenos pseudoporos. Um ou dois zoeciós tubulares a segmentados geralmente presentes, partindo da região incrustante da colônia.

Comentários. *Aetea cultrata* é reconhecida por apresentar zoóides com haste tubular raramente aneladas, área distal da porção tubular levemente dilatada medianamente e um ou dois zoeciós tubulares na região incrustante da colônia. Essa combinação de caracteres diferencia *Aetea cultrata* das congêneres relatadas para a Bahia.

Esta espécie faz parte do complexo *Aetea sica* (Couch, 1844), táxon originalmente descrito para a Europa, mas historicamente reportado como cosmopolita em águas tropicais e subtropicais (VIEIRA; ALMEIDA; WINSTON, 2016).

Distribuição. Atlântico Ocidental: Estados Unidos e Brasil (VIEIRA; ALMEIDA; WINSTON, 2016). A espécie é considerada comum em diversos tipos de substratos, desde rochas e conchas a outros invertebrados e algas, em todo o Atlântico Ocidental (VIEIRA; ALMEIDA; WINSTON, 2016). No Brasil, ocorre em São Paulo, Bahia e Alagoas (VIEIRA; NASCIMENTO; ALMEIDA, 2018). Na Bahia, é geralmente encontrada com colônias de outras espécies de *Aetea*, sobre substratos diversos na Costa dos Coqueiros e Costa do Descobrimento.

***Aetea curta* Jullien, 1888**

(Figura 34E,F)

Aetea curta Jullien, 1888: 26.

Aetea ligulata: Almeida et al., 2015a (sin. nov.); Souza & Almeida, 2017: 264 (sin. nov.).

Aetea curta: Vieira; Almeida; Winston, 2016: 63, figs. 4–5 (sin. cum.).

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante. Porção basal do zoóide com pequenos pontos de descalcificação (pseudoporosa), mais fina proximalmente e com estrias de calcificação. Porção distal (haste) ereta tubular, diâmetro uniforme ao longo de seu comprimento (0,576–0,838 mm de comprimento; 0,065–0,074 mm de largura), pseudoporos diminutos e superfície ondulada. Área distal da porção tubular sem constrições (0,301–0,610 mm de comprimento; 0,067–0,085 mm de largura), colocada na metade da haste. Opésia longa ocupando um lado da área frontal; superfície dorsal com minúsculos pseudoporos; área

frontal plana, borda proximal arredondada e truncada distalmente. Zoecíolos raramente presentes.

Comentários. *Aetea curta* é caracterizada pela haste ereta tubular em todo o seu comprimento com superfície ondulada e zoecíolos raros. Nenhuma das outras espécies de *Aetea* conhecidas para a Bahia possui ondulações na superfície da haste.

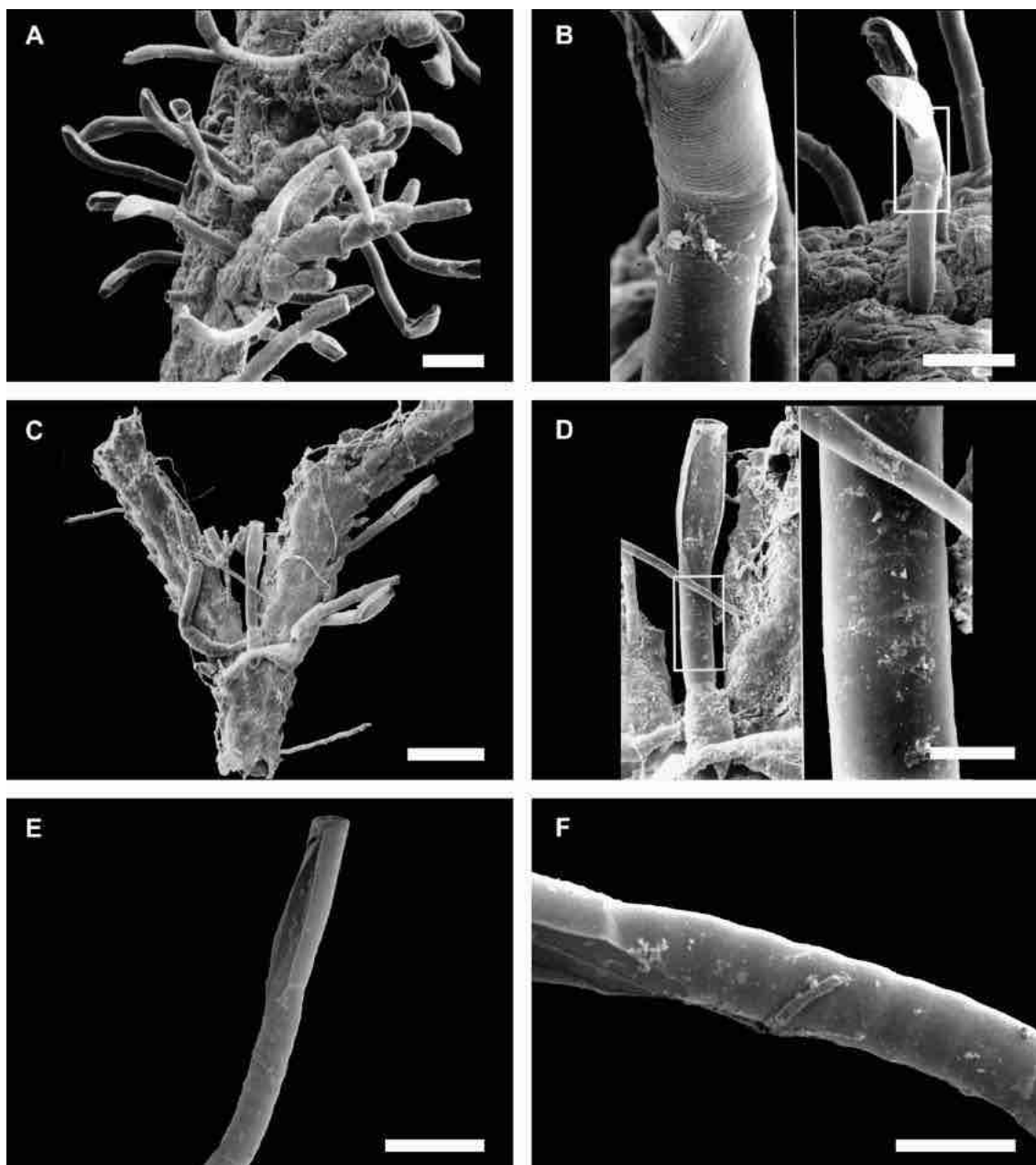
Espécimes de *Aetea curta* foram anteriormente atribuídos à espécie *Aetea ligulata* Busk, 1852, originalmente descrita para a Patagônia e cujo material tipo foi destruído, impedindo revisão taxonômica apropriada (VIEIRA; ALMEIDA; WINSTON, 2016). Entretanto, outra espécie da Patagônia, *Aetea fuegensis* Jullien, 1888, também é caracterizada pela haste ereta com superfície ondulada. Assim, como proposto por Vieira; Almeida; Winston (2016), os espécimens da Bahia são identificados como *Aetea curta* baseados nas similaridades morfológicas com o material tipo desta espécie. Vale salientar que é possível que *Aetea ligulata* seja sinônimo sênior de *Aetea curta* ou *Aetea fuegensis* (VIEIRA; ALMEIDA; WINSTON, 2016).

Distribuição. Atlântico Ocidental: desde Belize a Patagônia, incluindo registros na Ilha de Ascensão (VIEIRA; ALMEIDA; WINSTON, 2016). Aparentemente a espécie é dispersa em todo o Atlântico por *rafting* em algas flutuantes (VIEIRA; ALMEIDA; WINSTON, 2016). No Brasil, foi relatada para São Paulo, Bahia e Alagoas. Na Bahia, é encontrada na Costa dos Coqueiros e Costa do Descobrimento, do entremarés a 25 metros de profundidade, sobre algas, outros briozoários, hidrozoários, esponjas e rodólitos.

Subordem Malacostegina Levinsen, 1902

Diagnose. Colônias incrustantes ou eretas, formadas por zoóides parcialmente calcificados. Autozoóides tipicamente em forma de caixa e com opésia extensa; opérculo membranoso ou calcificado. Calcificação frontal do tipo criptocisto e gimnocisto. Paredes transversais com séries uniporosas ou placas de poros. Heterozoóides como espinhos e cenozoóides geralmente presentes. Aviculários, vibraculários e ovicelos ausentes. Com a reprodução sexuada, os zoóides liberam larvas cifonautas através de um órgão intertentacular (ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017; LIU, 1992; TAYLOR, 1987).

Figura 34. **A, B,** *Aetea arcuata* (UFBA 320); **C, D,** *Aetea cultrata* (UFBA 315); **E, F,** *Aetea curta* (UFBA 235). **A, C,** aspecto geral da colônia; **B, D,** detalhe dos autozoóides mostrando haste com (B) e sem anéis de calcificação (D) e superfície frontal; **E,** autozoóide e superfície frontal; **F,** detalhe da haste com ondulações. Escalas: A = 250 μ m; B, D, E = 200 μ m; C = 500 μ m; F = 100 μ m.



Fonte: O autor (2018).

Superfamília Membraniporoidea Busk, 1852a

4.4 Família Electridae Stach, 1937

Diagnose. Autozoóides com criptocisto geralmente reduzido; gimnocisto bem desenvolvido, ocupando aproximadamente o terço proximal (ou metade) do comprimento zooidal; superfície do gimnocisto lisa ou reticulada, por vezes apresentando pseudoporos.

Cenozoóides geralmente presentes. Outros heterozoóides e ovicelos ausentes (RYLAND; HAYWARD, 1977).

Gênero *Arbocuspis* Nikulina, 2010

Diagnose. Colônias incrustantes com formas multiseriais irregulares, secundariamente eretas. Autozoóides piriformes ou ovóides. Criptocisto inconspícuo. Gimnocisto moderado a extenso, sem poros e liso, pregas transversais e espinhos não articulados, quitinosos a moderadamente calcificados presentes. Opésia elíptica ou piriforme; espinhos marginais simples ou ramificados, não fusionados, cobrindo parcialmente a opésia. Cenozoóides eventualmente presentes (NIKULINA, 2010; ROSSO et al., 2017).

***Arbocuspis bellula* (Hincks, 1881)**

(Figura 35A,B)

Membranipora bellula Hincks, 1881: 149, pl. 8, fig. 4.

Arbocuspis bellula: Vieira; Almeida; Winston, 2016: 72, figs. 24, 25 (sin. cum.).

Arbocuspis bellula: Almeida; Souza; Vieira, 2017: 16, fig. 10c–d (sin. cum.).

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, uni a multiserial. Autozoóides alongados (Lz = 0,200–0,362 mm; lz = 0,098–0,131 mm) com opésia piriforme (Lopa = 0,122–0,192 mm; lopa = 0,092–0,126 mm). Gimnocisto liso, ocupando cerca de metade do comprimento dos autozoóides. Criptocisto inconspícuo, desenvolvido como uma faixa estreita de calcificação ao redor da opésia. Gimnocisto com espinho central, ramificado (bifurcado regularmente 2 a 4 vezes), colocado na borda proximal da opésia; 1–2 espinhos pontiagudos lateroproximais ao espinho central. Espinhos simples (2–8) dispostos na superfície do gimnocisto, posição e tamanho variáveis.

Comentários. *Arbocuspis bellula* é facilmente reconhecida pelos zoóides com espinho central robusto, ramificado e bifurcado e 1–2 espinhos lateroproximais ao central.

Recentemente, Vieira; Almeida; Winston (2016) revisaram diversos registros de *Arbocuspis bellula* para o Brasil e forneceram uma ampla comparação taxonômica para espécimes de diferentes localidades. Este táxon já foi registrado em todos os oceanos, sendo muito comum sobre algas em águas tropicais e subtropicais de todo o mundo (ROSSO et al., 2017; VIEIRA; ALMEIDA; WINSTON, 2016). Espécimes de diferentes localidades apresentam diferenças morfológicas principalmente em relação ao número e tamanho dos espinhos, fazendo com que *Arbocuspis bellula* seja atualmente reconhecido

como um complexo de espécies (ROSSO et al., 2017; VIEIRA; ALMEIDA; WINSTON, 2016).

Distribuição. Cosmopolita em águas tropicais e subtropicais (ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017; ROSSO et al., 2017; VIEIRA; ALMEIDA; WINSTON, 2016). No Brasil, é conhecida para o Paraná, São Paulo, Bahia e Alagoas (ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017; VIEIRA; ALMEIDA; WINSTON, 2016). Na Bahia, ocorre sobre algas e hidrozoários entre 0 e 22 metros de profundidade da Costa dos Coqueiros, Costa do Dendê e Costa do Descobrimento.

***Arbocuspis bicornis* (Hincks, 1881)**

(Figura 35C,D)

Membranipora bellula var. *bicornis* Hincks, 1881: 149, pl. 8, fig. 4A.

Arbocuspis bicornis: Vieira; Almeida; Winston, 2016: 73, fig. 26–27 (sin. cum.).

Material examinado. Apêndice A.

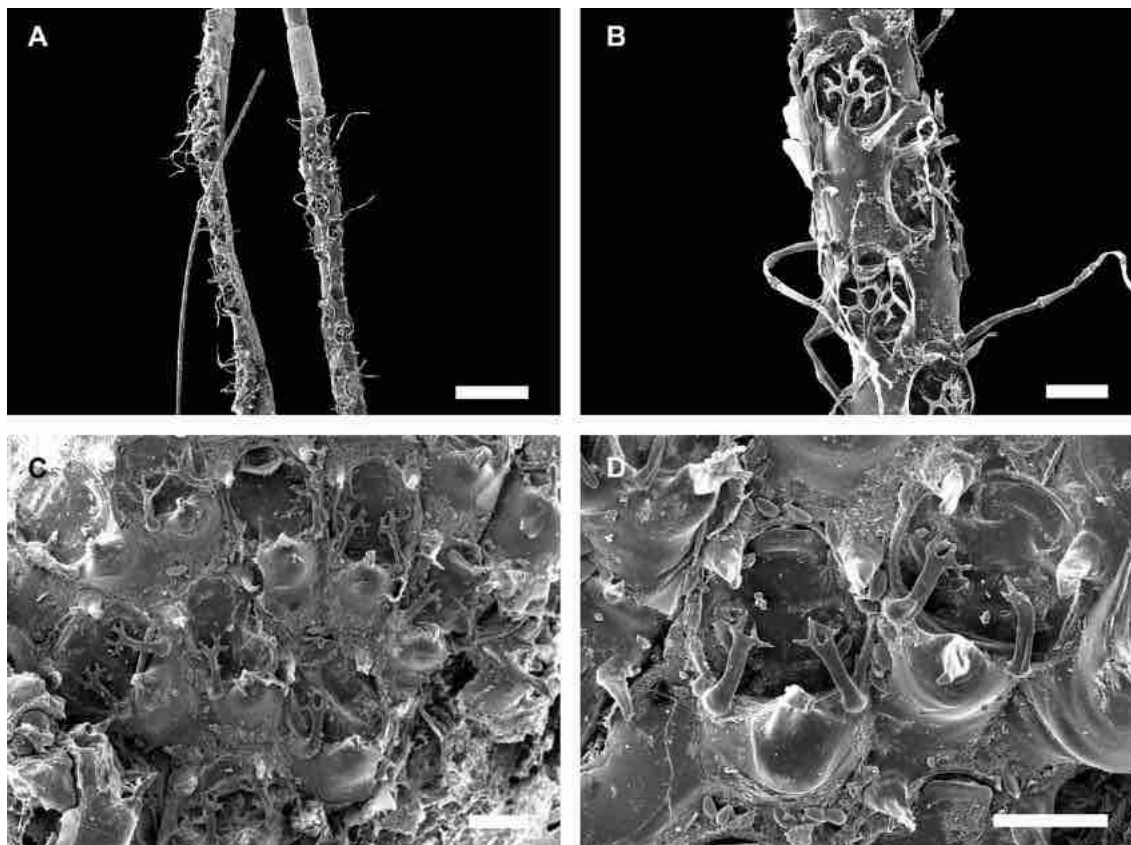
Descrição. Colônia incrustante, uni a multiserial. Autozoóides alongados (Lz = 0,256–0,331 mm; lz = 0,122–0,183 mm) com opésia oval (Lopa = 0,148–0,184 mm; lopa = 0,139–0,164 mm). Gimnocisto liso, bem desenvolvido proximalmente, ocupando cerca de metade do comprimento do autozoóide. Criptocisto ausente. Gimnocisto com número variável de espinhos; margem proximal da opésia com espinho mediano pontiagudo, robusto e não ramificado, dois espinhos laterais ramificados (bifurcados regularmente); adicionalmente, podem ocorrer um ou dois espinhos pontiagudos na extremidade proximal do gimnocisto, laterais ao orifício do zoóide adjacente proximal.

Comentários. *Arbocuspis bicornis* é caracterizada pelos zoóides com espinho mediano pontiagudo e não ramificado, distinto do espinho ramificado de *Arbocuspis bellula*.

Esta espécie foi descrita originalmente para o Sri Lanka, sendo também relatada para o Brasil (VIEIRA; ALMEIDA; WINSTON, 2016). Espécimes do Brasil foram descritos e figurados por Vieira; Almeida; Winston (2016) e não apresentam diferenças morfológicas quando comparados com o material tipo de *Arbocuspis bicornis* (VIEIRA; ALMEIDA; WINSTON, 2016).

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil; Índico: Sri Lanka (VIEIRA; ALMEIDA; WINSTON, 2016; presente estudo). No Brasil, é conhecida para o Paraná, São Paulo, Bahia, Alagoas e Pernambuco (VIEIRA; ALMEIDA; WINSTON, 2016). Na Bahia, ocorre sobre algas entre 0 e 22 metros de profundidade da Costa dos Coqueiros, Costa do Dendê e Costa do Descobrimento.

Figura 35. **A, B,** *Arbocuspis bellula* (UFBA 256); **C, D,** *Arbocuspis bicornis* (UFBA 3427). **A, C,** aspecto geral da colônia; **B, D,** detalhe dos autozoóides mostrando opésia, gimnocisto e espinhos. Escalas: A = 500 μ m; B, C, D = 100 μ m.



Fonte: O autor (2018).

Gênero *Arbopercula* Nikulina, 2010

Diagnose. Colônias incrustantes, multiseriais. Autozoóides alongados, ovais. Criptocisto reduzido; gimnocisto reduzido ou moderadamente desenvolvido. Dois espinhos não articulados, cenozooidais, quitinosos, dispostos na borda distal dos autozoóides. Opésia bordada por número variável de espinhos, por vezes bifurcados, dispostos como escudos distintos. Opérculo geralmente com espinhos (NIKULINA, 2010).

Arbopercula bengalensis (Stoliczka, 1869)

(Figura 36A,B)

Electra bengalensis Stoliczka, 1869: 55, pl. 12.

Arbopercula bengalensis: Almeida; Souza; Vieira, 2017: 17, fig. 11a–d (sin. cum.); Miranda et al., 2018: Apêndice A, 3.

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, unilaminar. Autozoóides subovais ou retangulares (Lz = 0,421–0,566 mm; lz = 0,234–0,359 mm); opésia oval (Lopa = 0,304–0,471 mm; lopa =

0,193–0,303 mm) bordeada por 10–18 espinhos; espinhos eventualmente com pontas bifurcadas. Gimnocisto liso, mais desenvolvido proximalmente, ocupando menos que um quarto do comprimento dos autozoóides; gimnocisto com dois espinhos pontiagudos proximolaterais. Criptocisto inconspícuo, desenvolvido como uma faixa estreita de calcificação ao redor da opésia. Parede distal transversal com uma faixa de septulas uniporosas.

Comentários. *Arbopercula bengalensis* é caracterizada pela presença de espinhos cuticulares no opérculo, criptocisto inconspícuo, gimnocisto liso com dois espinhos pontiagudos proximolaterais e opésia oval bordeada por até 18 espinhos laterais (ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017; MCCANN et al., 2007).

Distribuição. Atlântico Ocidental: Estados Unidos, Panamá e Brasil; Atlântico Oriental: África Ocidental; Indo-Pacífico: China, Índia, Austrália e Cingapura (ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017). A espécie é reconhecida como uma espécie invasora de origem do Sudeste da Ásia, sendo comum na comunidade incrustante de águas salobras de todo o mundo (ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017; MCCANN et al., 2007; MIRANDA; ALMEIDA; VIEIRA, 2018). No Brasil, *Arbopercula bengalensis* é conhecida apenas para a Bahia, ocorrendo na Costa dos Coqueiros e Baía de Todos os Santos, sobre moluscos e nódulos calcários.

Gênero *Conopeum* Gray, 1848

Diagnose. Colônias incrustantes. Autozoóides com criptocisto ou gimnocisto com desenvolvimento variado. Opésia larga, geralmente bordeada por número variável de espinhos. Cenozoóides geralmente presentes (HAYWARD; RYLAND, 1998).

***Conopeum loki* Almeida, Souza & Vieira, 2017**

(Figura 36C,D)

Electra tenuispinosa Liu & Ristedt in Liu, Yin & Ma 2001: 437, pl. 15, figs. 1–2.

Conopeum loki Almeida, Souza & Vieira, 2017: 18, fig. 12a–e (sin. cum.); Miranda et al., 2018: Apêndice A, 6.

Material examinado. Apêndice A.

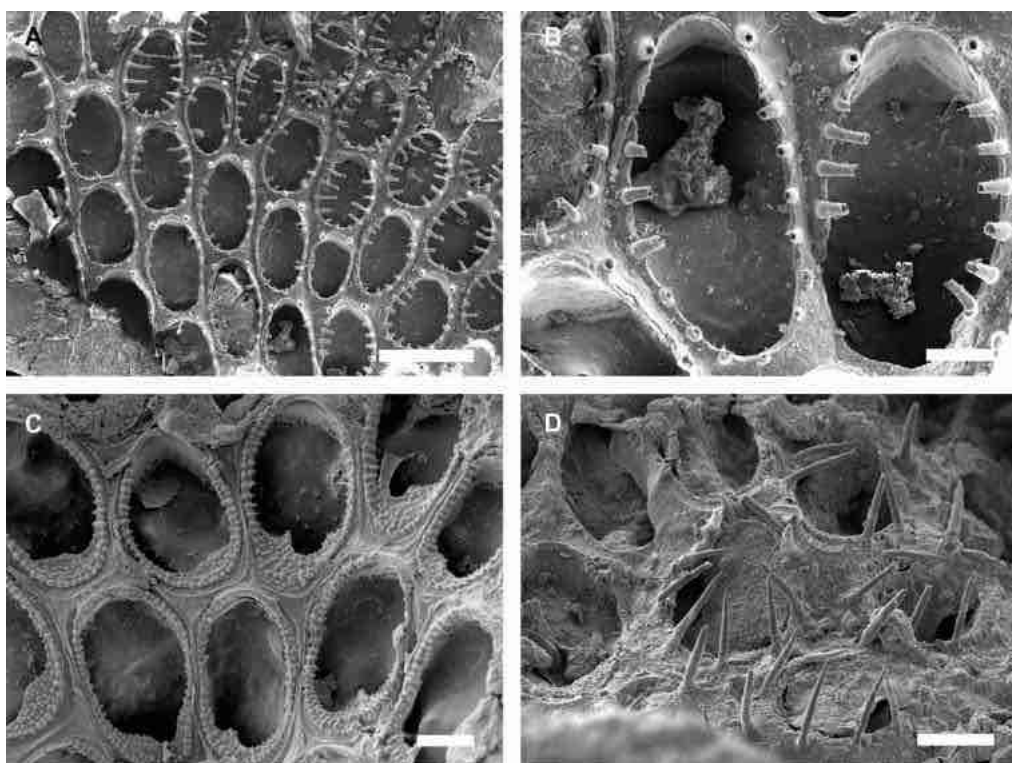
Descrição. Colônia incrustante, unilaminar. Autozoóides ovais a subretangulares (Lz = 0,337–0,416 mm; lz = 0,222–0,281 mm); opésia oval (Lopa = 0,252–0,340 mm; lopa = 0,152–0,218 mm) bordeada por criptocisto granuloso. Criptocisto proximalmente desenvolvido, por vezes formando uma placa mediana assimétrica. Gimnocisto estreito,

número variável de espinhos; espinhos geralmente ausentes, porém zoóides podem apresentar até 8 espinhos cilíndricos e delicados. Cenozoóides intercalados entre os autozoóides, criptocisto granuloso. Parede transversal distal com uma série de septulas uniporosas. Parede transversal lateral com 2 septulas multiporosas.

Comentários. *Conopeum loki* é caracterizada por autozoóides com placa mediana assimétrica no criptocisto, gimnocisto com número variável de espinhos, parede transversal distal com uma série de septulas uniporosas e parede transversal lateral com 2 septulas multiporosas.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil; Pacífico: China (ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017). Recentemente descrita por Almeida; Souza; Vieira (2017), esta espécie possui distribuição disjunta com provável origem da China e considerada exótica na costa do Brasil (ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017; MIRANDA; ALMEIDA; VIEIRA, 2018). No Brasil, é conhecida apenas para a Bahia, encontrada na Baía de Todos os Santos (ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017; MIRANDA; ALMEIDA; VIEIRA, 2018). É habitante de substratos artificiais (placas de PVC) e naturais (corais e conchas), entre 2–19 metros de profundidade.

Figura 36. A, B, *Arbopercula bengalensis* (UFBA 717); C, D, *Conopeum loki* (UFBA 1687). A, aspecto geral da colônia; B, C, detalhe dos autozoóides mostrando calcificação frontal, poros transversais distais e espinhos (B); D, detalhe dos autozoóides bordados por espinhos. Escalas: A = 500 µm; B, C, D = 100 µm.



Fonte: O autor (2018).

4.5 Família Membraniporidae Busk, 1852

Diagnose. Autozoóides com paredes basais e laterais calcificadas; calcificação frontal geralmente reduzida, porém criptocisto e gimnocisto podem estar presentes e bem desenvolvidos. Cenozoóides podem estar presentes. Outros heterozoóides e ovicelos ausentes (RYLAND; HAYWARD, 1977).

Gênero *Biflustra* d'Orbigny, 1852

Diagnose. Colônias incrustantes, uni a multilaminres, ou eretas. Criptocisto reduzido ou moderadamente desenvolvendo, ocupando a parte proximal do zoóide; gimnocisto geralmente pouco desenvolvendo, podendo formar tubérculos próximos. Opésia ocupando grande parte da superfície zooidal. Paredes transversais com séries uniporosas ou placas de poros evidentes. Cenozoóides podem estar presentes (ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017).

***Biflustra arborescens* (Canu & Bassler, 1928b)**

(Figura 37A,B)

Acanthodesia arborescens Canu & Bassler, 1928b: 15.

Membranipora membranacea: Souza & Almeida, 2017: 264 (sin. nov.).

Biflustra arborescens: Almeida; Souza; Vieira, 2017: 4, fig. 2a–d (sin. cum.); Miranda et al., 2018: Apêndice A, 3.

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, uni a multilaminar. Autozoóides retangulares ou subhexagonais ($Lz = 0,333\text{--}0,555$ mm; $lz = 0,222\text{--}0,377$ mm), paredes laterais com tubérculos pequenos; zoóides delimitados por sulcos finos (com linhas cuticulares marrons *in vivo*). Opésia ocupando cerca de dois terços do comprimento do zoóide ($Lopa = 0,225\text{--}0,365$ mm; $lopa = 0,145\text{--}0,269$ mm), bordada por criptocisto granuloso, por vezes com pequenos dentículos projetados internamente; gimnocisto ausente ou formando tubérculos próximos pequenos. Parede transversal distal com duas septulas multiporosas; zoóide materno (anterior à bifurcação zooidal) com 2–4 septulas multiporosas. Parede transversal lateral com 2–4 septulas multiporosas.

Comentários. *Biflustra arborescens* é distinta de todas as congêneres pelos autozoóides delimitados por sulcos finos com linhas cuticulares marrons *in vivo*, criptocisto granuloso e com dentículos projetados para dentro da opésia, parede transversal distal com duas septulas multiporosas e parede transversal lateral com 2–4 septulas multiporosas.

Almeida; Souza; Vieira (2017) forneceram descrição e discussões taxonômicas a respeito da identidade de *Biflustra arborescens*, conhecida para todo o Atlântico e geralmente confundida com *Biflustra commensale* Kirkpatrick & Metzelaar, 1922. Esta segunda espécie é restrita ao Atlântico Oriental, possui colônias em forma de leque e não há dentículos projetados dentro da opésia, contrastando com colônias laminares e criptocisto com dentículos de *Biflustra arborescens* (ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017).

Distribuição. Atlântico Ocidental: Estados Unidos, Golfo do México, Caribe e Brasil; Atlântico Oriental: Espanha, Portugal e África; Mediterrâneo: Mar de Alborão (ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017). No Brasil, *Biflustra arborescens* ocorre em Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia (ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017). Na Bahia, ocorre na Costa dos Coqueiros, Baía de Todos os Santos, Costa do Dendê e Costa do Descobrimento. É comum sobre outros briozoários, rochas, esponjas e moluscos.

***Biflustra grandicella* (Canu & Bassler, 1929)**

(Figura 37C,D)

Acanthodesia grandicella Canu & Bassler, 1929: 68, pl. 1, figs. 9–10,

Biflustra grandicella: Almeida; Souza; Vieira, 2017: 6, fig. 3a–f (sin. cum.); Miranda et al., 2018: Apêndice A, 4.

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia ereta, bilaminar, multiserial. Autozoóides retangulares (Lz = 0,638–0,700 mm; lz = 0,301–0,409 mm), paredes laterais com tubérculos pequenos, delimitados por sulcos finos. Opésia ocupando cerca de três quartos do comprimento do zoóide (Lopa = 0,519–0,578 mm; lopa = 0,237–0,305 mm), bordeada por criptocisto granuloso, ocasionalmente com pequenos dentículos projetados internamente; gimnocisto ausente. Parede transversal distal com 1–3 séries de septulas uniporosas. Parede transversal lateral com 3–4 septulas multiporosas.

Comentários. *Biflustra grandicella* é caracterizada pelos autozoóides retangulares, criptocisto granuloso sem placa mediana e ocasionalmente com dentículos projetados para dentro a opésia, gimnocisto ausente e paredes transversais distais e laterais com 1–3 séries de septulas uniporosas e 3–4 septulas multiporosas, respectivamente.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil; Pacífico: China, Austrália e Nova Zelândia (ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017). A espécie possui distribuição disjunta, sendo

originária da China e relatada como invasora na Nova Zelândia e Austrália (GORDON et al., 2008; GRANGE; GORDON, 2005; TILBROOK, 2012). Considerada uma espécie exótica no Brasil, *Biflustra grandicella* é conhecida apenas para a Bahia (ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017; MIRANDA; ALMEIDA; VIEIRA, 2018), ocorrendo entre 23 e 48 metros de profundidade da Costa dos Coqueiros e Baía de Todos os Santos (ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017).

***Biflustra irregulata* (Liu, 1991)**

(Figura 37E,F)

Membranipora irregulata Liu, 1991: 57, fig. 1.

Biflustra irregulata: Almeida; Souza; Vieira, 2017: 8, fig. 4a–d (sin. cum.); Miranda et al., 2018: Apêndice A, 4.

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, uni a multilaminar. Autozoóides retangulares ou subhexagonais ($Lz = 0,379\text{--}0,507$ mm; $lz = 0,219\text{--}0,315$ mm), paredes laterais com tubérculos pequenos, e delimitados por sulcos distintos. Opésia ocupando cerca de dois terços do comprimento do zoóide ($Lopa = 0,262\text{--}0,329$ mm; $lopa = 0,167\text{--}0,220$ mm), bordada por um criptocisto granuloso, irregularmente desenvolvido proximalmente e pouco desenvolvido lateralmente, podendo formar pequenos dentículos projetados na opésia; gimnocisto desenvolvido como tubérculos triangulares. Cenozoóides irregulares, criptocisto granuloso, intercalados entre os autozoóides. Parede transversal distal com duas septulas multiporosas; zoóide materno (anterior a bifurcação zooidal) com série de septulas uniporosas. Parede transversal lateral com 2–4 septulas multiporosas.

Comentários. *Biflustra irregulata* é caracterizada pelos autozoóides com criptocisto granuloso, ocasionalmente com pequenos dentículos projetados na opésia, gimnocisto como tubérculos triangulares e paredes transversais distais e laterais com duas e 2–4 septulas multiporosas, respectivamente.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil; Indo-Pacífico: China, Bangladesh e Malásia (ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017). A espécie tem origem a China, sendo relatada como exótica em outras localidades no Indo-Pacífico (ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017; GORDON et al., 2007; TAYLOR; TAN, 2015). No Brasil, também é considerada uma espécie exótica (ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017; MIRANDA; ALMEIDA; VIEIRA, 2018). É conhecida apenas para a Bahia, ocorrendo sobre conchas de moluscos na Costa dos Coqueiros e Baía de Todos os Santos.

***Biflustra marcusii* Vieira, Almeida & Winston, 2016**

(Figura 38A,B)

Biflustra marcusii Vieira, Almeida & Winston 2016: 8, figs. 12–14 (sin. cum.).

Acanthodesia savartii: Souza & Almeida, 2017: 264 (sin. nov.).

Biflustra marcusii: Almeida; Souza; Vieira, 2017: 9, fig. 5a–d (sin. cum.).

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, unilaminar. Autozoóides retangulares ou hexagonais (Lz = 0,454–0,628 mm; lz = 0,239–0,361 mm), paredes laterais com tubérculos pequenos e delimitados por sulcos distintos. Opésia ocupando cerca de metade do comprimento do zoóide (Lopa = 0,263–0,405 mm; lopa = 0,171–0,315 mm), bordada por criptocisto granuloso; criptocisto pouco desenvolvido lateralmente, bem desenvolvimento e formando placa mediana proximal, dois pequenos dentículos laterodistais projetados para dentro da opésia; gimnocisto desenvolvido proximalmente como tubérculos arredondados. Parede transversal distal com uma série de septulas uniporosa. Parede transversal lateral com duas septulas multiporosas.

Comentários. *Biflustra marcusii* é distinta de todas as espécies de *Biflustra* por apresentar criptocisto com placa mediana proximal e dois pequenos dentículos laterodistais projetados na opésia, gimnocisto como tubérculos arredondados e parede transversal distal com uma série de septulas uniporosa e parede transversal lateral com duas septulas multiporosas.

Esta espécie foi recentemente descrita por Vieira; Almeida; Winston (2016) que elucidou a identidade de diversos registros de *Biflustra savartii* (Audouin, 1826) do Brasil. *Biflustra savartii* foi descrita originalmente para o Egito, mas foi considerada comspolita durante várias décadas. É principalmente distinta de *Biflustra marcusii* por apresentar colônias eretas e pela ausência de placa mediana e dentículos no criptocisto (ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017; VIEIRA; ALMEIDA; WINSTON, 2016).

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017). A espécie é considerada endêmica para o Brasil, ocorrendo desde o Paraná até Alagoas (ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017; VIEIRA; ALMEIDA; WINSTON, 2016). Na Bahia, ocorre na Costa dos Coqueiros, Baía de Todos os Santos, Costa do Dendê e Costa do Descobrimento. Comum sobre algas e corais, ocorre desde o entremarés até 33 metros de profundidade.

***Biflustra okadai* Almeida, Souza & Vieira, 2017**

(Figura 38C,D)

Membranipora crenulata Okada, 1923: 224, fig. 24.*Biflustra okadai* Almeida, Souza & Vieira, 2017: 10, fig. 6a–d (sin. cum.); Miranda et al., 2018: Apêndice A, 4.**Material examinado.** Apêndice A.

Descrição. Colônia ereta, bilaminar. Autozoóides retangulares ou quadrangulares (Lz = 0,466–0,608 mm; lz = 0,244–0,380 mm), delimitados por paredes laterais finas, ocasionalmente sinuosas. Opésia ocupando cerca de três quartos do comprimento do zoóide (Lopa = 0,350–0,413 mm; lopa = 0,175–0,266 mm), bordada por criptocisto levemente granuloso; criptocisto com placa mediana denticulada, formando estrutura semelhante a uma coroa; gimnocisto desenvolvido proximalmente como tubérculos triangulares. Parede basal com espínulos curtos. Parede transversal distal com duas septulas multiporosas separadas por 1–2 séries de septulas uniporosas. Parede transversal lateral com 3–6 septulas multiporosas.

Comentários. *Biflustra okadai* é a única espécie de *Biflustra* que possui colônias eretas e criptocisto com placa mediana denticulada, formando estrutura semelhante a uma coroa, em todos os autozoóides. *Biflustra okadai* foi descrita originalmente para o Oceano Pacífico (Japão) como *Membranipora crenulata* Okada, 1923, considerado homônimo júnior de *Membranipora crenulata* d'Orbigny, 1851 (ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017).

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil; Indo-Pacífico: Coreia a Vanuatu (ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017). *Biflustra okadai* é considerada uma espécie exótica no Oceano Atlântico. No Brasil, é relatada apenas para a Bahia, na Costa dos Coqueiros e Baía de Todos os Santos (ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017).

***Biflustra paulensis* (Marcus, 1937)**

(Figura 38E,F)

Acanthodesia paulensis Marcus, 1937: 45, pl. 8, fig. 19.*Biflustra paulensis*: Almeida; Souza; Vieira, 2017: 11, fig. 7a–d (sin. cum.).**Material examinado.** Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, unilaminar. Autozoóides ovais ou retangulares (Lz = 0,411–0,472 mm; lz = 0,192–0,236 mm), paredes laterais finas e granulosa, delimitados por sulcos distintos. Opésia ocupando cerca de três quartos do comprimento do zoóide

(Lopa = 0,279–0,354 mm; lopa = 0,135–0,183 mm), bordeada por criptocisto densamente granuloso; criptocisto reduzido ou ausente distalmente, por vezes apresentando dentículo proximomedial, sem placa mediana; gimnocisto desenvolvido proximalmente como tubérculos triangulares, geralmente fusionados. Parede transversal distal com duas septulas multiporosas. Parede transversal lateral com duas septulas multiporosas.

Comentários. *Biflustra paulensis* é distinta das demais congêneres por apresentar colônias incrustantes de autozoóides ovais ou retangulares com dentículo proximomedial, gimnocisto como tubérculos triangulares geralmente fusionados e paredes transversais distais e laterais com duas septulas multiporosas.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017). Considerada endêmica do Brasil, é conhecida para São Paulo e Bahia, tipicamente sobre substratos rígidos como rochas, conchas e madeira (ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017; MARCUS, 1937). Na Bahia, ocorre apenas sobre conchas de moluscos na Baía de Todos os Santos.

***Biflustra tenuis* (Desor, 1848)**

(Figura 39A,B)

Membranipora tenuis Desor, 1848: 66.

Biflustra denticulata: Souza & Almeida, 2017: 264 (sin. nov.).

Biflustra tenuis: Almeida; Souza; Vieira, 2017: 12, fig. 8a–d (sin. cum.).

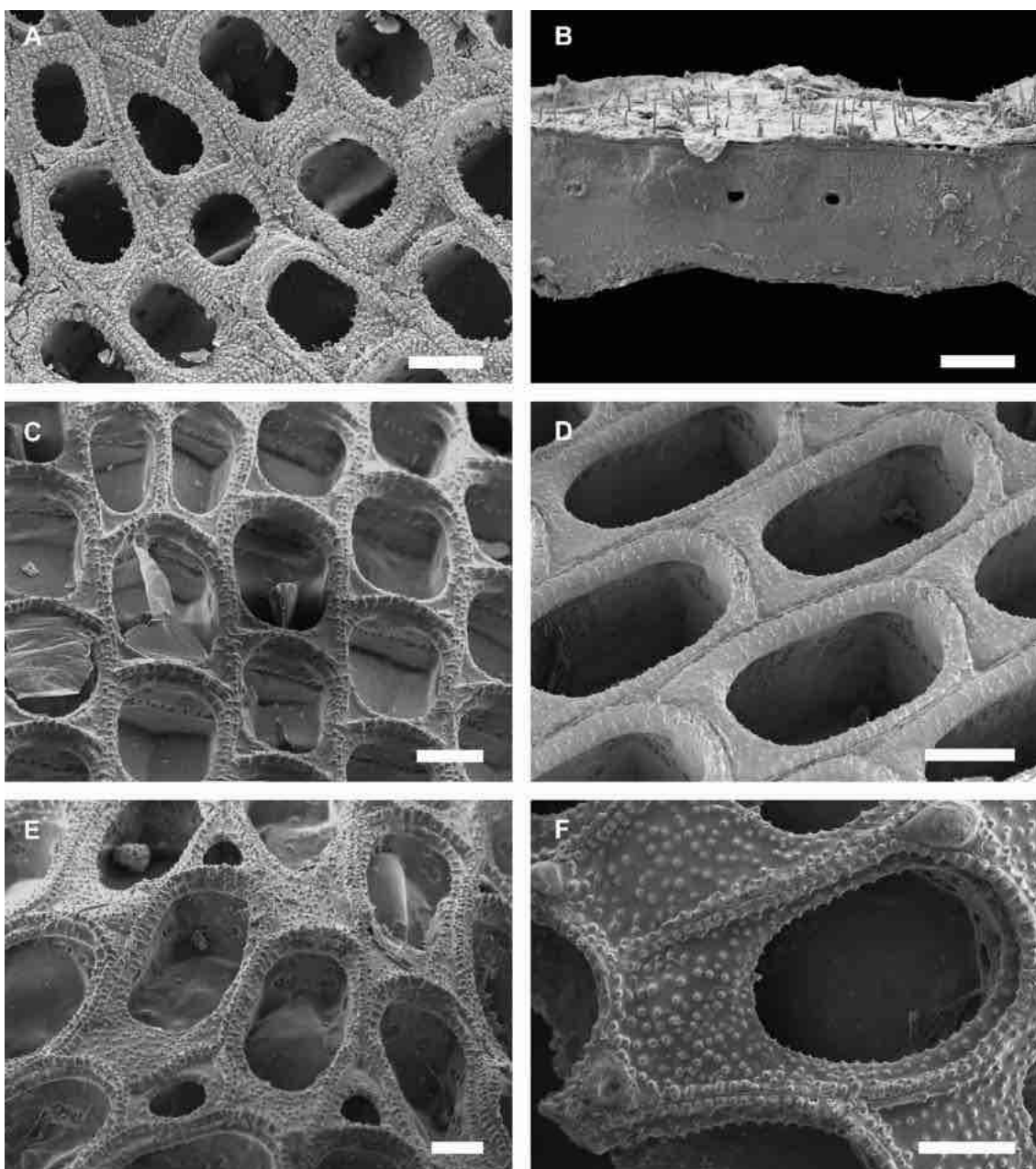
Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, unilaminar. Autozoóides retangulares (Lz = 0,515–0,626 mm; lz = 0,309–0,396 mm), paredes laterais com tubérculos pequenos, delimitados por sulcos distintos. Opésia ocupando cerca de metade do comprimento do zoóide (Lopa = 0,295–0,368 mm; lopa = 0,184–0,235 mm), bordeada por criptocisto granuloso, desenvolvido proximalmente, margens serrilhadas ou denticuladas; criptocisto tipicamente com três dentículos, sendo dois dentículos laterais dispostos medialmente na opésia e um dentículo proximomediano; gimnocisto desenvolvido como tubérculos arredondados. Parede distal transversal com 1–2 séries de septulas uniporosas. Parede lateral transversal com 3–4 septulas multiporosas.

Comentários. *Biflustra tenuis* é caracterizada pelos autozoóides com paredes laterais com tubérculos pequenos, criptocisto granuloso bem desenvolvido e sem placa mediana, número variável de dentículos projetados para dentro da opésia e gimnocisto como tubérculos arredondados.

Almeida; Souza; Vieira (2017) revisaram as espécies do gênero *Biflustra* relatadas para todo o Brasil, diferenciando esta *Biflustra tenuis* de *Biflustra denticulata* (Busk, 1856), *Biflustra denticulata* possui criptocisto reduzido, não possui gimnocisto e possui espínulas nas paredes basais e verticais, diferindo assim de todas as congêneres.

Figura 37. A, B, *Biflustra arborescens* (UFBA 1258); C, D, *Biflustra grandicella* (UFBA 1694); E, F, *Biflustra irregulata* (UFBA 1256). A, C, E, grupo de autozoóides mostrando calcificação frontal, poros transversais distais e cenozoóides (E); B, detalhe da superfície frontal e poros transversais laterais; D, F, detalhe dos autozoóides mostrando calcificação frontal e poros transversais distais. Escalas: A, C, D = 200 μ m; B, E, F = 100 μ m.



Fonte: O autor (2018).

Distribuição. Atlântico Ocidental: Estados Unidos ao Brasil (ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017). No Brasil, a espécie ocorre desde Santa Catarina até a Bahia (ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017). Na Bahia, ocorre na Costa dos Coqueiros e Baía de Todos os Santos, desde o entremarés até 33 metros de profundidade. É comum sobre substratos diversos, como algas, outros briozoários, conchas de moluscos e rochas.

Gênero *Jellyella* Taylor & Monks, 1997

Diagnose. Colônias incrustantes, unilaminares, geralmente sobre substratos flutuantes. Criptocisto ausente ou formando placa proximal irregular; gimnocisto desenvolvido, formando tubérculos proximais ou bordeando toda a opésia. Paredes transversais laterais com bandas distal não calcificadas, espínulas numerosas projetadas internamente no zoóide e ocasionalmente ramificadas (TAYLOR; MONKS, 1997).

***Jellyella brasiliensis* Vieira, Almeida & Winston, 2016**

(Figura 39C)

Jellyella brasiliensis Vieira; Almeida; Winston, 2016: 13, figs. 20–23.

Jellyella brasiliensis: Almeida; Souza; Vieira, 2017: 15, fig. 10a.

Material examinado. Apêndice A.

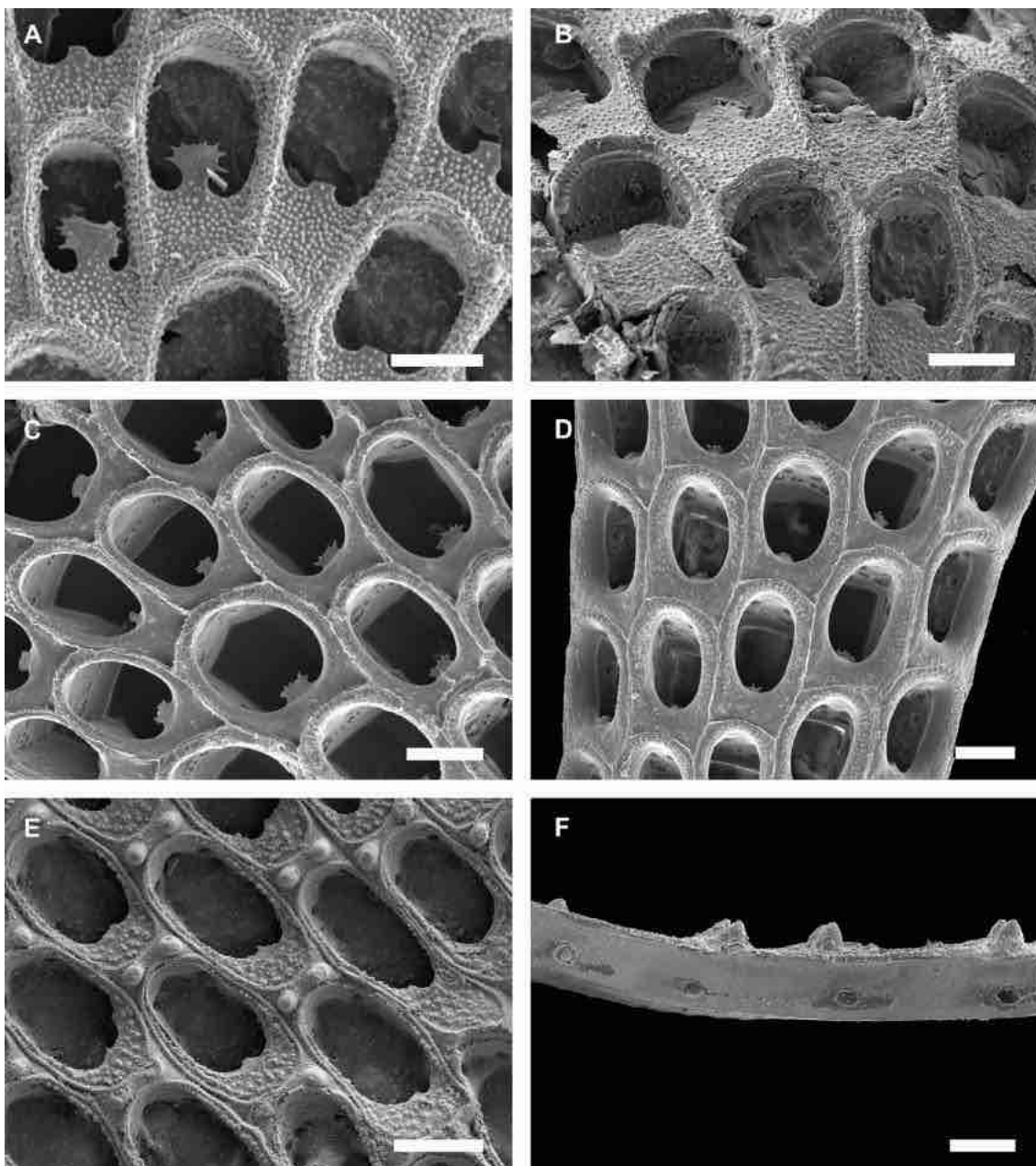
Descrição. Colônia incrustante, unilaminar. Autozoóides retangulares ou hexagonais ($Lz = 0,272\text{--}0,481$ mm; $lz = 0,095\text{--}0,157$ mm). Opésia larga, ocupando grande parte da superfície frontal ($Lopa = 0,179\text{--}0,324$ mm; $lopa = 0,081\text{--}0,130$ mm), bordada por criptocisto granuloso, pouco desenvolvido; gimnocisto desenvolvido proximalmente como tubérculos proximais triangulares, ocasionalmente unidos e formando único tubérculo. Paredes transversais laterais e distais levemente calcificadas. Parede transversal distal com 2–4 septulas multiporosas. Parede transversal lateral com uma série de septula uniporosa.

Comentários. *Jellyella brasiliensis* possui paredes frontais membranosas, criptocisto granuloso, gimnocisto como tubérculos triangulares e paredes transversais laterais e distais com 2–4 septulas multiporosas e uma série de septula uniporosa, respectivamente. *Jellyella tuberculata* é distinta por apresentar gimnocisto bem desenvolvido e pelas espínulas calcárias internas características (VIEIRA; ALMEIDA; WINSTON, 2016).

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017). *Jellyella brasiliensis* foi recentemente descrita com base em espécimes de Alagoas (VIEIRA; ALMEIDA; WINSTON, 2016). Na Bahia, ocorre desde o entremarés até 23

metros de profundidade da Costa dos Coqueiros e Baía de Todos os Santos, sobre algas e conchas de moluscos.

Figura 38. A, B, *Biflustra marcusii* (UFBA 838); C, D, *Biflustra okadai* (UFBA 243); E, F, *Biflustra paulensis* (UFBA 246). A, C, E, grupo de autozoóides mostrando calcificação frontal e poros transversais distais; B, D, F, detalhe da superfície frontal e poros transversais distais e laterais (D e F). Escalas: A, B, D, E = 200 μm ; C = 250 μm ; F = 100 μm .



Fonte: O autor (2018).

Jellyella tuberculata (Bosc, 1802)

(Figura 39D)

Flustra tuberculata Bosc, 1802: 118.

Jellyella tuberculata: Almeida; Souza; Vieira, 2017: 15, fig. 10b (sin. cum.); Souza & Almeida, 2017: 264.

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, unilaminar. Autozoóides retangulares ($Lz = 0,346-0,613$ mm; $lz = 0,154-0,254$ mm). Opésia ampla, ocupando grande parte da região frontal ($Lopa = 0,186-0,399$ mm; $lopa = 0,149-0,190$ mm); criptocisto proximalmente desenvolvido e assimétrico, inconspícuo e pouco desenvolvido distalmente; gimnocisto desenvolvido proximalmente como tubérculos arredondados. Paredes transversais laterais e distais com inúmeras espínulas calcárias em forma de gancho.

Comentários. *Jellyella tuberculata* possui paredes frontais membranosas, criptocisto proximal assimétrico, gimnocisto como tubérculos arredondados e paredes transversais laterais e distais com inúmeras espínulas calcárias em forma de gancho. A presença dessas espínulas calcárias é a principal diferença entre *Jellyella tuberculata* e *Jellyella brasiliensis* (VIEIRA; ALMEIDA; WINSTON, 2016).

Distribuição. Cosmopolita em águas quentes tropicais e temperadas (VIEIRA; ALMEIDA; WINSTON, 2016). Registrada em todos os oceanos sobre algas vermelhas e marrons e substratos rígidos, incluindo estruturas artificiais, *Jellyella tuberculata* é considerada parte de um complexo de espécies com ampla plasticidade morfológica (ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017; VIEIRA; ALMEIDA; WINSTON, 2016). No Brasil, *Jellyella tuberculata* é conhecida para o Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Bahia, Pernambuco e Atol das Rocas (VIEIRA; ALMEIDA; WINSTON, 2016). Na Bahia, ocorre sobre algas na Costa dos Coqueiros, Baía de Todos os Santos, Costa do Dendê e Costa do Descobrimento, desde o entremarés até 30 metros de profundidade.

4.6 Família Sinoflustridae Gordon, 2009

Diagnose. Autozoóides com criptocisto granuloso pouco desenvolvido, usualmente com espinhos; gimnocisto ausente ou vestigial. Opésia ocupando a maior parte da superfície frontal. Aviculários vicariantes podem estar presentes. Cenozoóides pareados distolaterais. Outros heterozoóides e ovicelos ausentes (GORDON, 2009).

Gênero *Sinoflustra* Liu & Yang, 1995

Diagnose. Colônias incrustantes, uni ou bilaminares. Autozoóides tipicamente retangulares. Criptocisto desenvolvido proximalmente e reduzido lateralmente, espinhos projetados medialmente na opésia; gimnocisto ausente. Par de espinhos cenozooidais

laterodistais à região opercular. Paredes transversais com séries uniporosas ou placas multiporosas. Aviculário vicariante maiores que os autozoóides (TAYLOR; MONKS, 1997).

***Sinoflustra annae* (Osburn, 1953)**

(Figura 39E,F)

Membranipora annae Osburn, 1953: 774.

Sinoflustra annae: Almeida; Souza; Vieira, 2017: 20, fig. 13a–d (sin. cum.); Miranda et al., 2018: Apêndice A, 10,

Material examinado. Apêndice A.

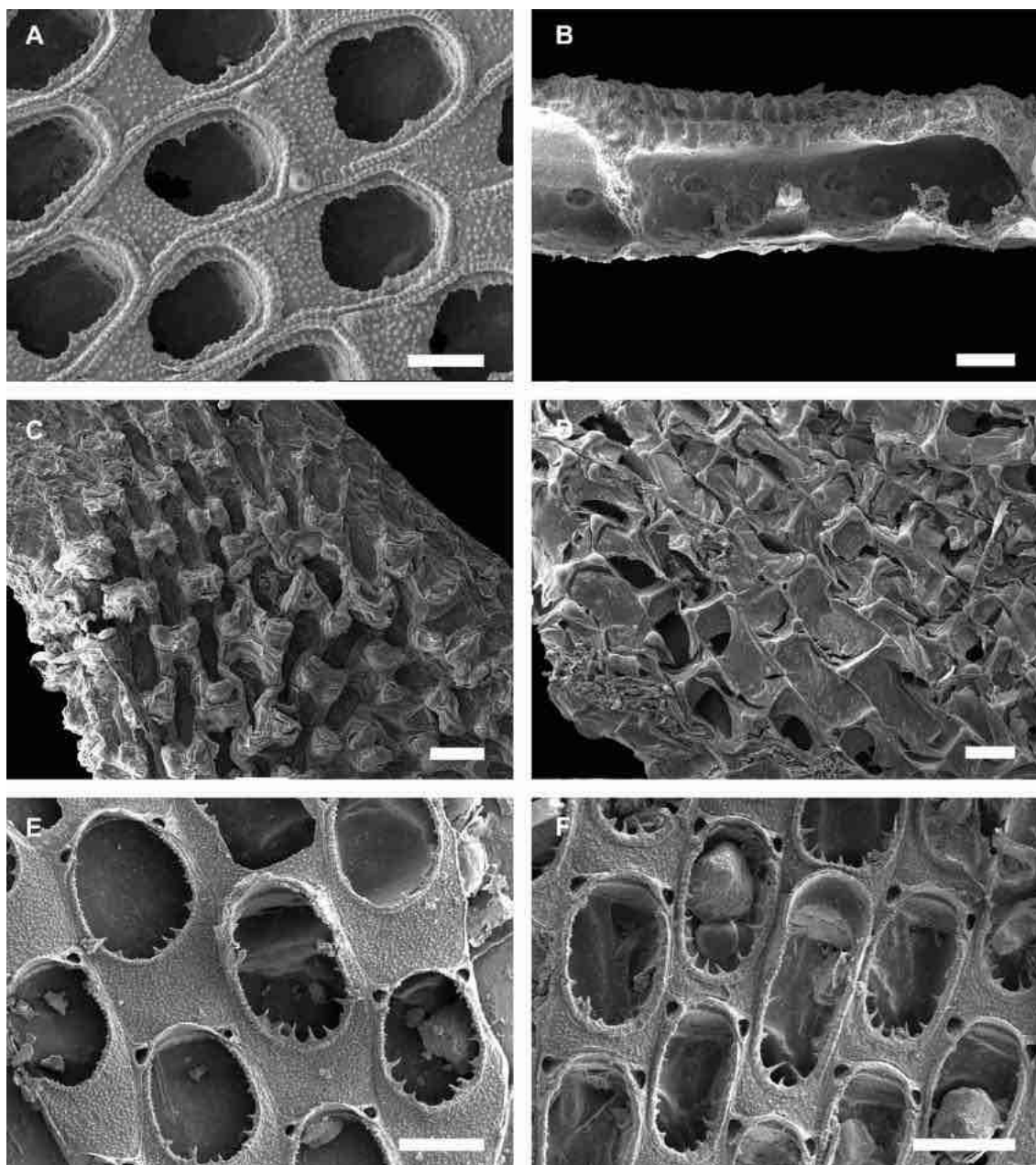
Descrição. Colônia incrustante, podendo formar colônias eretas e folhosas. Autozoóides retangulares (Lz = 0,332–0,512 mm; lz = 0,196–0,281 mm) limitados por finas paredes laterais. Opésia oval, ocupando a metade proximal do zoóide (Lopa = 0,293–0,400 mm; lopa = 0,178–0,222 mm), bordada por criptocisto granuloso; criptocisto proximalmente desenvolvido, denticulos pontiagudos projetados medialmente na opésia; gimnocisto ausente. Aviculário gigante (Lav = 0,592–0,663 mm; lav = 0,215–0,263 mm; n = 4), vicariante, arco distal amplo e levantado e com projeções laterais de articulação mandibular; opésia oval (Lopa = 0,410–0,487 mm; lopa = 0,73–0,227 mm; n = 4). Cenozoóides subtriangulares, distais e pareados. Autozoóides com uma série de septula uniporosa na parede transversal distal; aviculários com 2–3 septulas multiporosas na parede transversal distal. Parede transversal lateral com quatro septulas multiporosas.

Comentários. *Sinoflustra annae* é caracterizada pelos autozoóides com criptocisto granuloso e denticulos pontiagudos projetados medialmente na opésia, gimnocisto ausente, série de septula uniporosa na parede transversal distal e aviculário vicariante grande com arco distal amplo e levantado. Todas as outras espécies de *Sinoflustra* são distintas de *Sinoflustra annae* por apresentar autozoóides com septulas multiporosas na parede transversal distal.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Flórida, Panamá e Brasil; Atlântico Oriental: África Ocidental; Indo-Pacífico: Índia e China (ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017). Apesar de descrita originalmente para a costa do lado Pacífico do Panamá, *Sinoflustra annae* está atualmente distribuída em diversas localidades do Atlântico e Indo-Pacífico (ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017; MCCANN et al., 2007). Trata-se de uma espécie geralmente encontrada em ambientes com baixa salinidade e sobre substratos flutuantes, reconhecida como invasora (ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017; MIRANDA; ALMEIDA; VIEIRA,

2018). No Brasil, é registrada para o Paraná, São Paulo e Bahia (ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017). Na Bahia, é conhecida apenas sobre conchas de moluscos na Baía de Todos os Santos, entre 18–20 metros de profundidade.

Figura 39. A, B, *Biflustra tenuis* (UFBA 620, UFBA 844); C, *Jellyella brasiliensis* (UFBA 615); D, *Jellyella tuberculata* (UFBA 841); E, F, *Sinoflustra annae* (UFBA 1254). A, C, grupo de autozoóides mostrando calcificação frontal e poros transversais distais; B, poros transversais laterais; C, D, aspecto geral da colônia e autozoóides; F, detalhe dos autozoóides e aviculário. Escalas: A, C, E = 200 µm; B = 100 µm; D, F = 250 µm.



Fonte: O autor (2018).

Subordem Thalamoporellina Ostrovsky, 2013

Diagnose. Colônias incrustantes ou eretas, formadas por zooídes totalmente calcificados. Autozoóides tipicamente em forma de caixa, abertura zooidal frontal (opésia) fechada pelo opérculo. Calcificação frontal do tipo criptocisto, processo mediano ou fendas opesiolares; gimnocisto pode estar presente. Zoóides geralmente dimórficos (zoóides A e B). Heterozoóides do tipo aviculários; outros cenozoóides ausentes. Ovicelos bivalvados ou ausentes. Espículas calcárias internas no zoóide presentes em algumas espécies (OSTROVSKY, 2013).

Superfamília Thalamoporelloidea Levinsen, 1902

4.7 Família Steginoporellidae Hincks, 1884

Diagnose. Autozoóides com criptocisto granuloso bem desenvolvido, usualmente com processo mediano, direcionado basalmente (descendente) e conectando com tubo do polipídio; gimnocisto pode estar presente. Opesíolos e fendas opesiolares podem estar presentes. Quanto presentes, aviculários vicariantes maiores que autozoóides, arco opesial distal mais amplo em relação aos autozoóides. Outros heterozoóides e ovicelos ausentes (GORDON, 1984; OSBURN, 1950).

Gênero *Labioporella* Harmer, 1926

Diagnose. Colônias incrustantes, uni ou multilaminares. Autozoóides retangulares ou irregularmente poligonais. Criptocisto extenso com poros, sem projeção mediana; gimnocisto raramente presente, formando tubérculos proximais. Opesíolos e fendas opesiolares ausentes. Tubo polipídico oblíquo no criptocisto. Aviculário vicariante pode estar presente (HARMER, 1926; OSBURN, 1950).

***Labioporella tuberculata* Winston, Vieira & Woollacott, 2014**

(Figura 40A–D)

Labioporella tuberculata Winston, Vieira & Woollacott, 2014: 144, figs. 2, 3.

Labioporella granulosa: Almeida et al., 2015b: 4; Souza & Almeida, 2017: 265 (sin. nov.).

Labioporella tuberculata: Vieira; Almeida; Winston, 2016: 75, figs. 32–34 (sin. cum.).

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, unilaminar. Autozoóides subretangulares ou ovais (Lz = 0,492–0,637 mm; lz = 0,271–0,344 mm), distintos pelas paredes laterais elevadas e com

tubérculos. Opésia ocupando cerca de um quarto do comprimento do zoóide (Lopa = 0,187–0,223 mm; lopa = 0,153–0,216 mm); tubo do polipídio posicionado medialmente, unido à parede basal. Criptocisto com vários poros irregularmente distribuídos entre tubérculos pequenos; gimnocisto desenvolvido proximalmente como tubérculos arredondados. Aviculários vicariantes tipicamente maiores que os autozoóides (Lav = 0,663–0,795 mm; lav = 0,251–0,315 mm; n = 4); opésia mais curta (LopaAv = 0,202–0,343 mm; lopaAv = 0,189–0,215 mm; n = 4), arco distal amplo e levantado; tubo do polipídio profundo e criptocisto granuloso sem poros.

Comentários. *Labioporella tuberculata* é distinta de todas as congêneres por apresentar criptocisto com poros distribuídos entre tubérculos pequenos, gimnocisto como tubérculos arredondados, tubo polipídico medial e unido à parede basal e aviculários vicariantes maiores que os autozoóides e com arco distal amplo e levantado.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (VIEIRA; ALMEIDA; WINSTON, 2016; WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014). Endêmica para o Brasil, relatada apenas para a Bahia e Alagoas (VIEIRA; ALMEIDA; WINSTON, 2016). Na Bahia, ocorre em toda a costa, desde o entremarés até 24 metros de profundidade, sobre substratos rígidos como corais, rochas e rodolitos.

Gênero *Steginoporella* Smitt, 1873

Diagnose. Colônias incrustantes, uni ou multilaminares, formando secundariamente colônias eretas foliosas ou laminares ramificadas. Autozoóides poligonais ou ovóides. Criptocisto extenso e com poros, processo mediano; gimnocisto reduzido. Opesíolos ou fendas opesiolares presentes. Tubo do polipídio abrindo na margem distal o criptocisto. Aviculário vicariante pode estar presente, maior que os autozoóides (GORDON et al., 2007; OSBURN, 1950).

***Steginoporella connexa* Harmer, 1900**

(Figura 41A,B)

Steginoporella connexa Harmer, 1900: 254, pl. 12, fig. 6, pl. 13, fig. 18.

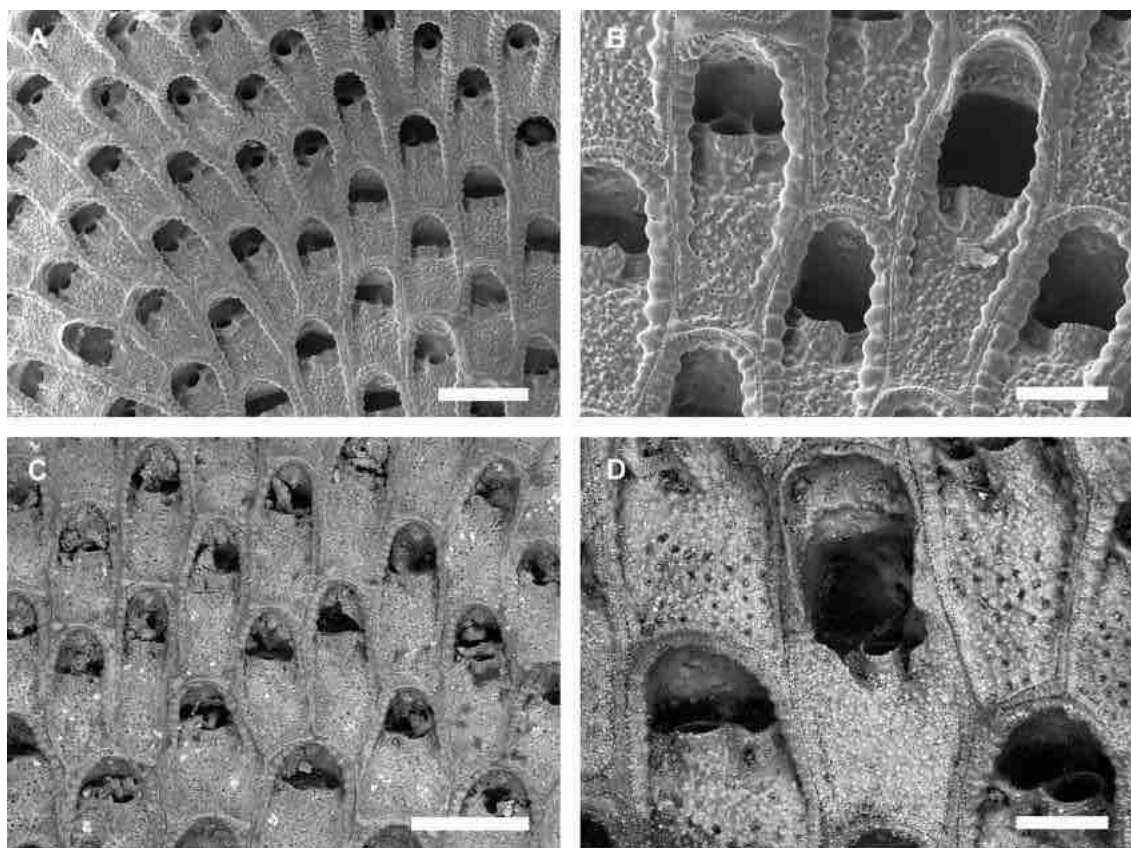
Steginoporella connexa: Winston et al., 2014: 147, fig. 4 (sin. cum.); Almeida et al., 2015b: 4; Souza & Almeida, 2017: 265.

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, unilaminar. Autozoóides subhexagonais ou subretangulares (Lz = 0,500–0,677 mm; lz = 0,411–0,570 mm). Opésia ocupando cerca

de um terço do comprimento do zoóide (Lopa = 0,204–0,250 mm; lopa = 0,282–0,341 mm), semicircular, bordas elevadas e dois denticulos na margem proximal; tubo do polípido mediano inconspícuo frontalmente. Criptocisto lateralmente elevado, formando margem do autozoóide, área mediana central profunda, granulosa e com poros; um par de opesíolos arredondados dispostos lateralmente abaixo da margem proximal da opésia.

Figura 40, A–D, *Labioporella tuberculata* (A e B, UFBA 375; C, USNM 7593; D, USNM 7593); **A, C**, aspecto geral da colônia; **B, D**, detalhe dos autozoóides e aviculário. Escalas: A, C = 500 μ m; B, D = 200 μ m.



Fonte: O autor (2018).

Comentários. *Steginoporella connexa* é caracterizada pelos autozoóides subhexagonais ou subretangulares com tubo do polípido mediano inconspícuo frontalmente, criptocisto granuloso e com poros e com um par de opesíolos arredondados laterais e aviculários não distintos. Esta é a única espécie de *Steginoporella* da Bahia que não possui aviculários.

Steginoporella connexa foi recentemente descrita por Winston; Vieira; Woollacott (2014), que comparou registros de todo o Atlântico e verificou diferenças morfométricas entre as populações de diferentes localidades. Dessa forma, *Steginoporella connexa* provavelmente é parte de um complexo de espécies morfologicamente distintas (WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014).

Distribuição. Atlântico Ocidental: Caribe, Barbados e Brasil (WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014). No Brasil, a espécie é conhecida para o Rio de Janeiro, Espírito Santo e Bahia (ALMEIDA et al., 2015a; WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014). Na Bahia, ocorre desde o entremarés até 35 metros de profundidade ao longo de toda a costa, sobre substratos rígidos como nódulos calcários e rochas.

***Steginoporella evelinae* Marcus, 1949**

(Figura 41C,D)

Steginoporella evelinae Marcus, 1949: 12, pl. 3, figs. 11–13.

Steginoporella evelinae: Winston et al., 2014: 147, fig. 5 (sin. cum.); Almeida et al., 2015b: 4; Souza & Almeida, 2017: 265.

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, multilaminar. Autozoóides subretangulares ($Lz = 0,572\text{--}0,699$ mm; $lz = 0,363\text{--}0,478$ mm) com tubérculos disto-laterais pareados, bem desenvolvidos e pontiagudos; criptocisto granuloso, sem poros; gimnocisto liso ao redor de todo o zoóide. Opésia semicircular ($Lopa = 0,130\text{--}0,185$ mm; $lopa = 0,172\text{--}0,217$ mm), um par de fendas opesiolares laterais, criptocisto formando processo mediano; margens das fendas e processo mediano com diversos dentículos pontiagudos pequenos. Aviculários ($Lav = 0,634\text{--}0,700$ mm; $lav = 0,433\text{--}0,451$ mm; $n = 4$) distintos dos autozoóides, sem tubérculos disto-laterais, opésia mais larga ($LopaAv = 0,175\text{--}0,272$ mm; $lopaAv = 0,222\text{--}0,235$ mm; $n = 4$), arco distal amplo com margem serrilhada e projeções laterais de articulação mandibular; margens das fendas opesiolares e do processo mediano do criptocisto lisas.

Comentários. *Steginoporella evelinae* é distinta de todas as congêneres por apresentar autozoóides com tubérculos disto-laterais pontiagudos pareados e com margens das fendas opesiolares e processo mediano do criptocisto com dentículos, e aviculários sem tubérculos disto-laterais e sem dentículos nas margens das fendas opesiolares e do processo mediano do criptocisto.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014). Considerada endêmica para o Brasil, sendo relatada para o Espírito Santo e Bahia (ALMEIDA et al., 2015a; WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014). Na Bahia, ocorre no infralitoral (22–25 metros de profundidade) da Costa dos Coqueiros, sobre nódulos calcários e rochas.

***Steginoporella magnilabris* (Busk, 1854)**

(Figura 41E,F)

Membranipora magnilabris Busk, 1852a: vi (explanation of pl. LXV), pl. LXV, fig. 4; 1854: 62 (part), 113.
Steginoporella magnilabris: Winston et al., 2014: 150, fig. 6 (sin. cum.); Almeida et al., 2015b: 4; Souza & Almeida, 2017: 265.

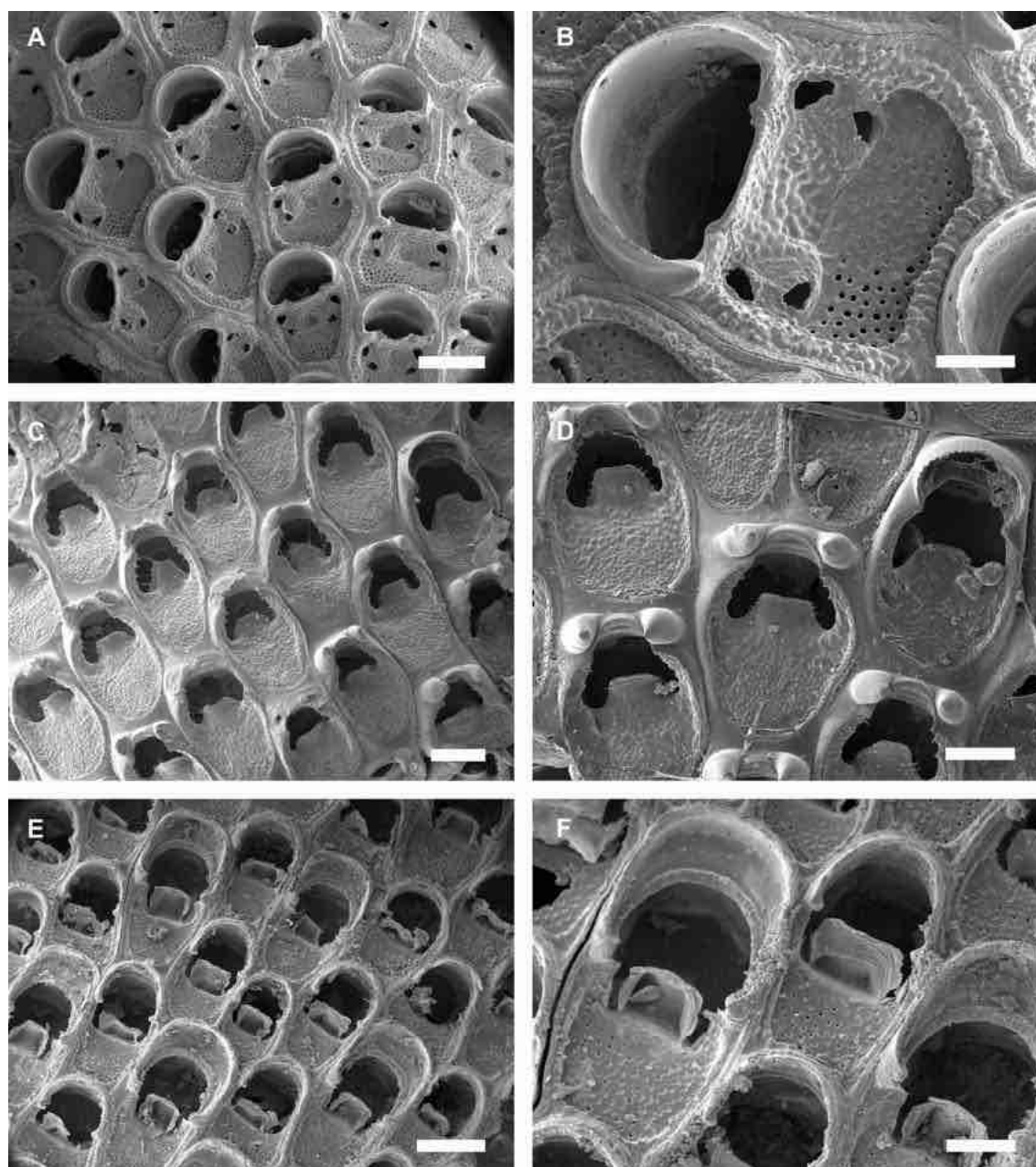
Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, multilaminar, podendo apresentar formas eretas bilaminares. Autozoóides subretangulares ou ovais ($Lz = 0,736-0,947$ mm; $lz = 0,468-0,551$ mm); criptocisto granuloso, poros, quadrangular; paredes laterais levemente elevadas, lisas, ou com tubérculos pequenos. Opésia ocupando cerca de metade do comprimento do zoóide ($Lopa = 0,327-0,464$ mm; $lopa = 0,357-0,423$ mm), semicircular, arco distal curto, projeções látero-proximais de articulação mandibular; um par de fendas opesiolares laterais formando processo mediano retangular no criptocisto; margens das fendas opesiolares e do processo mediano irregularmente sinuosas. Aviculários maiores que autozoóides ($Lav = 1,047-1,348$ mm; $lav = 0,579-0,685$ mm); opésia ($LopaAv = 0,311-0,364$ mm; $lopaAv = 0,422-0,490$ mm) com arco distal amplo, quadrangular, margens granulosas; processo mediano quadrangular. Tubo do polípídio de abertura quadrangular, inferior ao processo mediano.

Comentários. *Steginoporella magnilabris* possui autozoóides subretangulares ou ovais com arco distal curto, processo mediano retangular e fendas opesiolares do criptocisto com margens sinuosas, e aviculários distintamente maiores que os autozoóides, arco distal amplo, processo mediano quadrangular e fendas opesiolares do criptocisto com margens sinuosas. A acentuada diferença de tamanho entre autozoóides e aviculários e a morfologia distinta do arco distal e processo mediano de ambos diferencia *Steginoporella magnilabris* das outras congêneres relatadas para a Bahia.

Distribuição. Distribuição disjunta e Atlântico Ocidental: Estados Unidos, Golfo do México, Caribe e Brasil (WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014). Esta espécie é amplamente relatada em águas tropicais e subtropicais de todo o mundo (WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014). No Brasil, é conhecida para o Rio de Janeiro, Espírito Santo e Bahia (ALMEIDA et al., 2015a; WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014). Na Bahia, ocorre em toda a costa, desde o entremarés até 50 metros de profundidade, sobre algas, outros briozoários, rodolitos, nódulos calcários e rochas.

Figura 41. **A, B,** *Steginoporella connexa* (UFBA 1122); **C, D,** *Steginoporella evelinae* (UFBA 230); **A, B,** *Steginoporella magnilabris* (UFBA 201); **A, B, C,** aspecto geral da colônia; **B,** detalhe do autozoóide mostrando fendas opesiolares; **D, E,** detalhe dos autozoóides e aviculário. Escalas: A, E = 500 μ m; B, D = 200 μ m; C, F = 250 μ m.



Fonte: O autor (2018).

***Steginoporella transversalis* (Canu & Bassler, 1928a)**

(Figura 42A–D)

Steginoporella transversalis Canu & Bassler, 1928a: 68, pl. 3, fig. 1.

Steginoporella buskii: Vieira, Migotto, Winston, 2008: 20 (sin. cum.); Almeida et al., 2015b: 4.

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, multilaminar, ou ereta e bilaminar. Autozoóides ovais (Lz = 0,744–1,035 mm; lz = 0,508–0,700 mm); criptocisto granuloso com poros,

semicircular; paredes laterais lisas ou granuladas, bem desenvolvidas. Opésia ocupando a porção distal do zoóide ($Lopa = 0,160-0,235$ mm; $lopa = 0,336-0,407$ mm), semicircular, arco distal curto e semicircular, projeções latero-proximais da articulação mandibular e um par de fendas opesiolares laterais formando processo mediano retangular; margens das fendas opesiolares e processo mediano sinuosas. Aviculários maiores que autozoóides ($Lav = 0,959-1,132$ mm; $lav = 0,633-0,723$ mm); opésia ampla ($LopaAv = 0,281-0,354$ mm; $lopaAv = 0,95-0,533$ mm), arco distal amplo, bordas granuladas; processo mediano retangular. Tubo do polípido com abertura quadrangular, conspícuo.

Comentários. *Steginoporella transversalis* é distinta das congêneres pelos autozoóides ovais com arco distal curto, fendas opesiolares e processo mediano do criptocisto com margens sinuosas, e aviculários com arco distal amplo e com fendas opesiolares e processo mediano do criptocisto com mesma morfologia que os dos autozoóides.

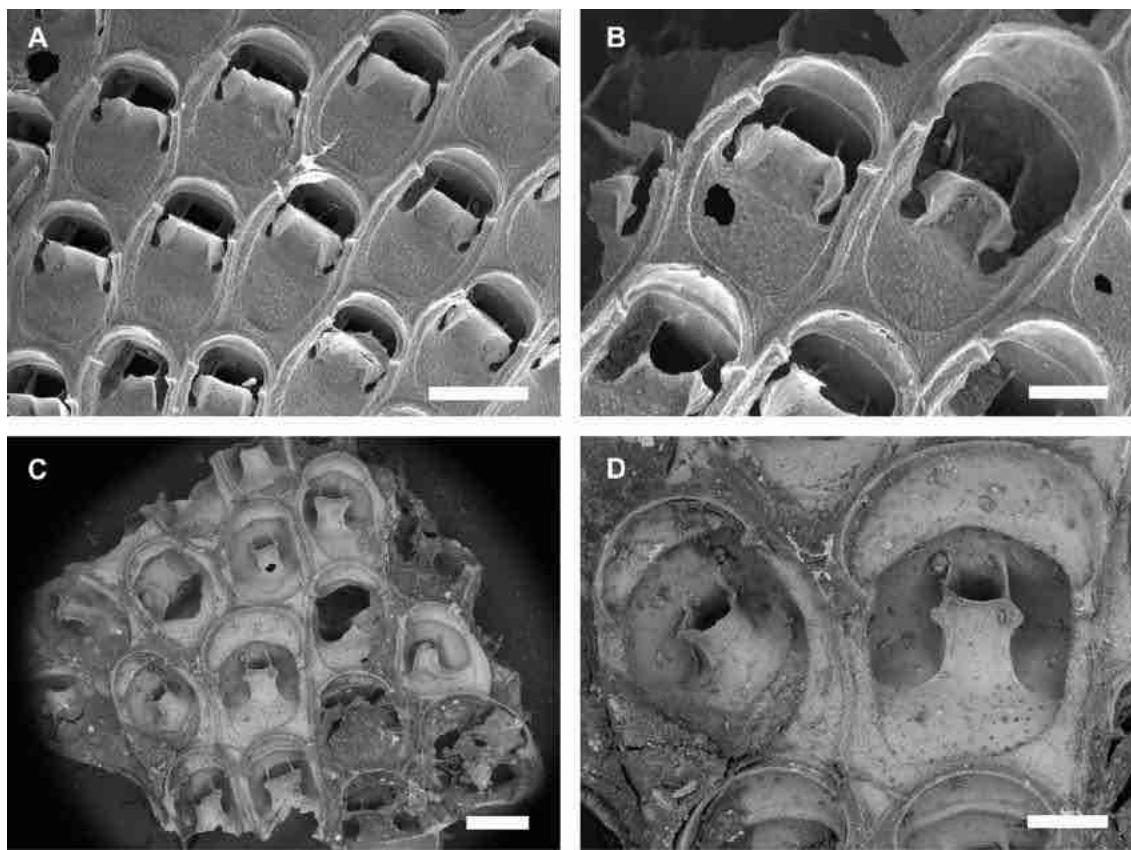
Steginoporella transversalis foi descrita originalmente para a Bahia, mas anteriormente sinonimizada com *Steginoporella buskii* Harmer, 1900 (ALMEIDA et al., 2015a; VIEIRA; MIGOTTO; WINSTON, 2008), espécie considerada cosmopolita e cuja localidade tipo é a África do Sul (TILBROOK, 2006). Entretanto, comparações do holótipo de *Steginoporella transversalis* (USNM 8558), e outros espécimes coletados no litoral da Bahia, permitem separar morfologicamente as duas espécies. *Steginoporella transversalis* possui tubo polípido quadrangular (arredondado em *S. buskii*), processo mediano amplo (pequeno em *S. buskii*) e aviculários com margem interna do arco distal granulosa (denticulada em *S. buskii*) (TILBROOK, 2006).

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil. Esta espécie é considerada endêmica para o Brasil, relatada para São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Bahia (VIEIRA; MIGOTTO; WINSTON, 2008). Na Bahia, ocorre em toda a costa, desde a região entremarés até o infralitoral (35 metros de profundidade), geralmente sobre nódulos calcários e rochas.

4.8 Família Thalamoporellidae Levinsen, 1902

Diagnose. Autozoóides com criptocisto bem desenvolvido, granuloso, direcionado basalmente (descendente) e conectando com o tubo do polípido; gimnocisto ausente. Aviculários adventícios e vicariantes; ovicelo bivalvado (i.e., formado da fusão de extensões ocas da superfície frontal em torno do orifício materno) geralmente presente; espículas calcárias presentes (GORDON, 1984; OSTROVSKY, 2013).

Figura 42. A–D, *Steginoporella transversalis* (A e B, UFBA 49; C, D, USNM 8558); A, C, aspecto geral da colônia; B, D, detalhe dos autozoóides e aviculário. Escalas: A, C = 500 µm; B, D = 250 µm.



Fonte: O autor (2018).

Gênero *Thalamoporella* Hincks, 1887

Diagnose. Colônias incrustantes, ou com formas eretas foliosas ou bilaminares ramificadas. Autozoóides retangulares. Criptocisto extenso, geralmente com poros; gimnocisto ausente. Opésia geralmente com tubérculos latero-orais. Tubo do polípido visível frontalmente, adjacente ao criptocisto. Aviculários interzooidais ou vicariantes podem estar presentes. Espículas calcárias colocadas sobre a parede frontal, internamente nos zoóides. Ovicelo bivalvado presente em algumas espécies (GORDON, 1984; SOULE; SOULE; CHANNEY, 1999; VIEIRA, 2008).

Thalamoporella sp. nov.

(Figura 43A–D)

Thalamoporella sp.: Machado & Souza, 1994: 259, fig. 10; Almeida et al., 2015b: 4; Souza & Almeida, 2017: 265.

Material examinado. Holótipo: UFBA 614, Costa dos Coqueiros. Parátipo: UFBA 582, Costa dos Coqueiros. Material adicional: Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, uni ou multilaminar. Autozoóides retangulares ($Lz = 0,577-0,690$ mm; $lz = 0,279-0,372$ mm), delimitados por sulcos distintos; paredes laterais bem desenvolvidas, levemente sinuosas. Criptocisto extenso, densamente granuloso, poros irregularmente dispersos na superfície, cobrindo cerca de três quartos do comprimento do autozoóide; um par de opesíolos elípticos desiguais. Opésia ocupando a região distal do autozoóide ($Lopa = 0,146-0,180$ mm; $lopa = 0,152-0,188$ mm); arco distal semicircular, um par de côneilos triangulares mediolaterais dispostos na margem distal do criptocisto, margem proximal serrilhada ampla, côncava, rasa. Aviculário vicariante um pouco maior que o autozoóide ($Lav = 0,598-0,715$ mm; $lav = 0,227-0,273$ mm), criptocisto granuloso e um par de opesíolos; zoóide adjacente ao aviculário com orifício assimétrico; rostro espatulado, palato ocupando menos que um terço que o comprimento do aviculário, forâmen elíptico e dois denticulos subtriangulares latero-proximais. Espículas do tipo *calypers* (arqueadas) e *compasses* (retas), ambas com duas categorias, uma menor e outra o dobro do tamanho. Opésia dos zoóides ovicelados com margem proximal mais profunda e estreita, em forma de U. Parede basal do zoóide com duas inserções em forma de gancho, irregulares, por vezes conectadas com a parede distal. Ovicelo hiperestomial ($Lov = 0,344-0,413$ mm; $lov = 0,425-0,519$ mm), bivalvado, abertura semicircular, borda distal pontiaguda.

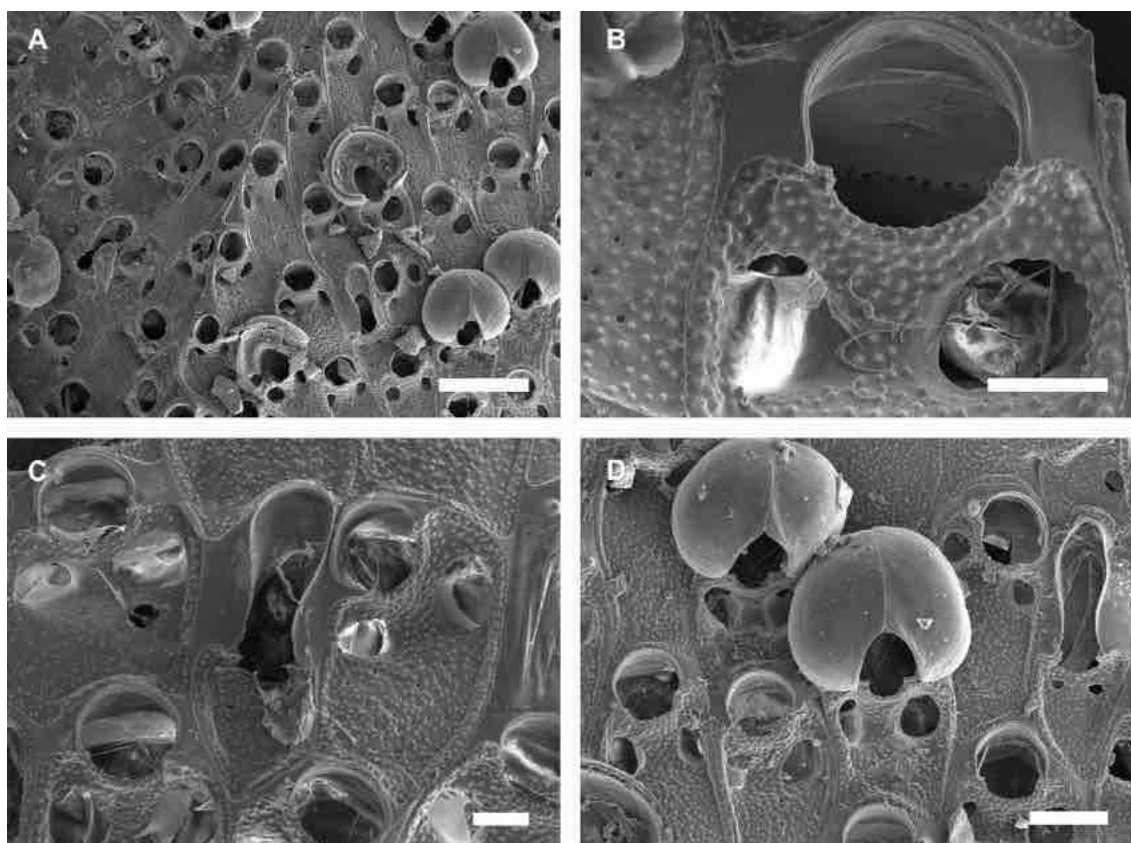
Comentários. *Thalamoporella* sp. nov. pertence ao grupo *Thalamoporella distorta* sensu Soule; Soule; Channey (1992) (i.e., *Thalamoporella distorta* Osburn, 1940, *Thalamoporella hawaiiiana* Soule & Soule, 1970 e *Thalamoporella semitorquata* Soule, Soule & Chaney, 1992), caracterizado pelo aviculário vicariante e autozoóide associado ao aviculário com orifício assimétrico. *Thalamoporella* sp. nov. é distinta de *Thalamoporella distorta* por apresentar tubérculos adorais, espículas do tipo *calipers* e inserções basais por vezes conectadas com a parede distal. *Thalamoporella hawaiiiana* possui tubérculos adorais bem desenvolvidos e opésia do zoóide ovicelado similar ao autozoóide, distintos dos tubérculos pequenos e as opésias dimórficas de *Thalamoporella* sp. nov. *Thalamoporella semitorquata*, por sua vez, não possuem espículas do tipo *calipers*, consideradas comuns em *Thalamoporella* sp. nov.

Três espécies de *Thalamoporella* foram relatadas para o Brasil: *Thalamoporella evelinae* Marcus, 1939, *Thalamoporella falcifera* (Hincks, 1880) e *Thalamoporella floridana* Osburn, 1940, *Thalamoporella evelinae* é distinta de *Thalamoporella* sp. nov. pelos tubérculos latero-orais bem desenvolvidos (pequenos em *Thalamoporella* sp. nov.), forma da opésia nos zoóides ovicelados (menores em *Thalamoporella* sp. nov.) e pela

ausência de aviculários (comuns em *Thalamoporella* sp. nov.). *Thalamoporella floridana* possui aviculários pequenos, interzooidais com rostro triangular, e não possui ovicelos; em *Thalamoporella* sp. nov. os aviculários são maiores, vicariantes com rostro espatulado, e os ovicelos são comuns. Espécimes do Brasil atribuídos à espécie *Thalamoporella falcifera* por Marcus (1937) pertencem à uma espécie desconhecida, distintas de *Thalamoporella falcifera* pela ausência de aviculários, espículas *calypers* e *compasses* e presença de ovicelos (SOULE; SOULE; CHANEY, 1999; VIEIRA; ALMEIDA; WINSTON, 2016). *Thalamoporella* sp. nov. difere tanto de *Thalamoporella falcifera sensu stricto* como de *Thalamoporella falcifera sensu* Marcus (1937) pela presença de aviculários vicariantes com rostro espatulado.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil. *Thalamoporella* sp. nov. está distribuída em toda a Bahia, desde a Costa dos Coqueiros até a Costa das Baleias, predominantemente sobre substratos rígidos, como rodolitos e fragmentos de corais.

Figura 43. A–D, *Thalamoporella* sp. nov. (UFBA 614); **A**, aspecto geral da colônia; **B**, detalhe da opésia mostrando espículas; **C**, autozoóides e aviculário; **D**, zoóides ovicelados, autozoóides e aviculário. Escalas: A = 500 μ m; B, C = 100 μ m; D = 200 μ m.



Fonte: O autor (2018).

Subordem Flustrina Smitt, 1868

Diagnose. Colônias incrustantes, eretas ou de vida livre, formadas por zoóides totalmente calcificados. Autozoóides tipicamente em forma de caixa, abertura zooidal frontal (opésia) membranosa ou fechada por opérculo. Calcificação frontal do tipo criptocisto, gimnocisto ou escudo frontal calcificado. Quando presente, escudo frontal pode formar parede espinocística, gimnocística, umbonulóide ou lepralióide. Heterozoóides geralmente presente; ovicelo geralmente presente (D'HONDT, 2001).

Superfamília Calloporoidea Norman, 1903

4.9 Família Antroporidae Vigneaux, 1949

Diagnose. Colônias incrustantes, uni ou multilaminares. Autozoóides com criptocisto de desenvolvimento variado; gimnocisto desenvolvido, reduzido ou ausente. Espinhos ausentes. Aviculários adventícios e vicariantes; cenozoóides com morfologias variadas. Ovicelo hiperestomial ou imerso e endozooidal; ooécio caloporiforme (TILBROOK; HAYWARD; GORDON, 2001; OSTROVSKY, 2013).

Gênero *Akatopora* Davis, 1934

Diagnose. Colônias incrustantes, uni ou multilaminares, geralmente sobre substratos rígidos como conchas. Autozoóides com opésia ampla, ocupando grande parte da superfície frontal. Criptocisto reduzido; gimnocisto reduzido ou ausente. Cenozoóides e pequenos aviculários interzooidais podem estar presentes. Ovicelo imerso total ou parcialmente na região distal do autozoóide (GORDON, 1986).

***Akatopora leucocypha* (Marcus, 1937)**

(Figura 44A–D)

Crassimarginatella leucocypha Marcus, 1937: 46, pl. 8, fig. 20A, pl. 9, figs. 20B–C; 1938: 20, pl. 3II, figs. 8A–B.

Akatopora leucocypha: Almeida et al., 2018b: 404, figs. 3A–B (sin. cum.).

Alderina smitti: Almeida et al. 2015a: 3 (sin. nov.).

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, cobrindo irregularmente ou total o substrato. Autozoóides ovais ou irregularmente poligonais (Lz = 0,287–0,373 mm; lz = 0,193–

0,259 mm). Opésia circular ou oval (Lopa = 0,235–0,285 mm; lopa = 0,137–0,196 mm), ocupando cerca de três quartos do comprimento do zoóide, bordada por criptocisto granuloso mais desenvolvido proximalmente; gimnocisto liso, estreito, ocasionalmente formando tubérculos proximais. Cenozoóides interzooidais arredondados ou poligonais (Lce = 0,053–0,107 mm; lce = 0,056–0,085 mm), a mesma calcificação frontal que os autozoóides; opésiircular ocupando metade da sua superfície. Aviculários interzooidais, rostro oval ou circular, ocasionalmente ocasionalmente substituindo cenozoóides. Ovicelo submerso; ooécio caloporiforme, visível como uma calcificação distal nos zoóides ovicelados.

Comentários. *Akatopora leucocypha* é caracterizada pelos autozoóides com opésia larga bordada por criptocisto granuloso, cenozoóides dispostos nos ângulos entre os autozoóides, ocasionalmente substituídos por aviculários interzooidais, e ooécio visível como calcificação distal.

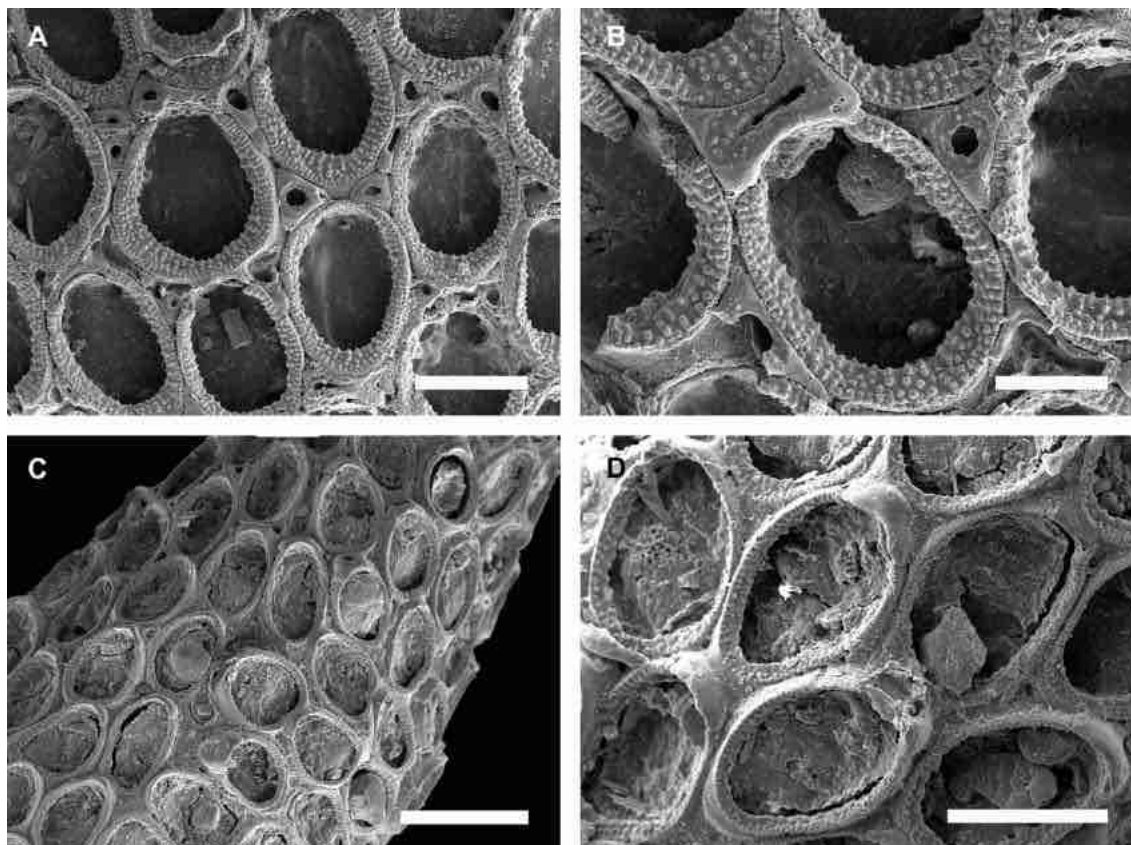
Esta espécie foi anteriormente identificada para a Bahia como *Alderina smitti* Osburn, 1950 (ALMEIDA et al., 2015a). *Akatopora leucocypha* é distinta de *Alderina smitti*, entretanto, por não apresentar espinhos marginais à opésia dos autozoóides e pela presença de aviculários interzooidais. Winston & Vieira (2013) forneceram descrições, medidas e comparações taxonômicas de ambas espécies.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Estados Unidos ao Brasil (WINSTON; VIEIRA, 2013). A espécie é conhecida para todo o Atlântico Ocidental, frequentemente incrustando substratos rígidos, especialmente sobre conchas (ALMEIDA et al., 2018b; WINSTON; VIEIRA, 2013). No Brasil, a espécie é relatada para o Paraná, São Paulo e Bahia (WINSTON; VIEIRA, 2013). Na Bahia, ocorre na Costa dos Coqueiros e Baía de Todos os Santos, desde o entremarés até 28 metros de profundidade, sobre conchas de moluscos e nódulos calcários.

Gênero *Antropora* Norman, 1903

Diagnose. Colônias incrustantes, uni ou multilaminares. Autozoóides com criptocisto moderadamente desenvolvido ao redor da opésia. Gimnocisto desenvolvido proximalmente, reduzido ou ausente. Cenozoóides e pequenos aviculários interzooidais geralmente presentes. Ovicelo submerso, ovicelo visível como calcificação distal nos zoóides ovicelados (TILBROOK; GRISCHENKO, 2004).

Figura 44. A–D, *Akatopora leucocypha* (A e B, UFBA 270; C e D, UFBA 612); **A, C**, aspecto geral da colônia mostrando autozoóides e cenozoóides; **B**, detalhe do autozoóide e dos cenozoóides; **D**, grupo de zoóides ovicelados. Escalas: A, D = 200 μm ; B = 100 μm ; C = 400 μm .



Fonte: O autor (2018).

Antropora minor (Hincks, 1880)

(Figura 45A–D)

Membranipora trifolium var. *minor* Hincks, 1880: 87, pl. 9, fig. 6.

Antropora minor: Winston et al., 2014: 151: fig. 7 (sin. cum.); Almeida et al., 2015a: 3; Souza & Almeida, 2017: 264.

Material examinado. Apêndice A.

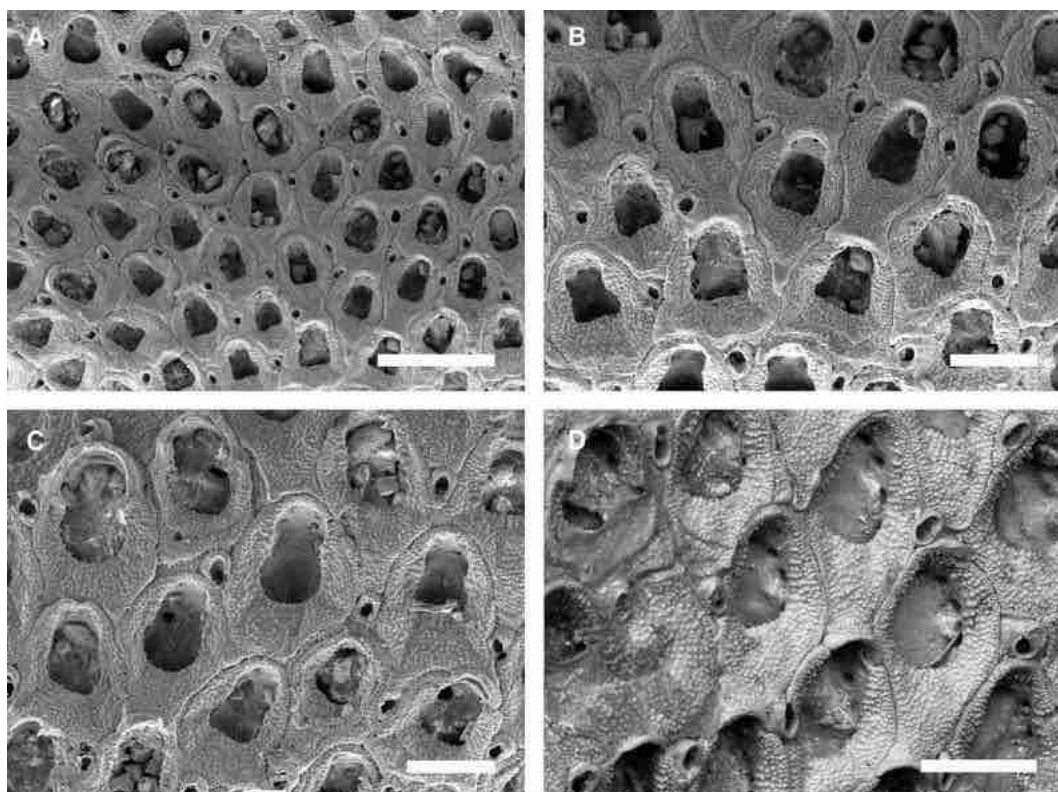
Descrição. Colônia incrustante, formando formas irregulares ou cobrindo totalmente sobre o substrato. Autozoóides ovais ou subhexagonais ($Lz = 0,309\text{--}0,402\text{ mm}$; $lz = 0,215\text{--}0,298\text{ mm}$). Opésia oval ou campanulada ($Lopa = 0,162\text{--}0,209\text{ mm}$; $lopa = 0,109\text{--}0,143\text{ mm}$), ocupando cerca da metade comprimento do zoóide, bordada por criptocisto granuloso mais desenvolvido proximalmente e reduzido distalmente; gimnocisto liso, moderadamente desenvolvido, ocasionalmente formando tubérculos. Aviculários interzooidais pequenos ($Lav1 = 0,086\text{--}0,099\text{ mm}$; $lav1 = 0,053\text{--}0,091\text{ mm}$), elípticos, mesma calcificação frontal que os autozoóides e forâmen em forma de 8. Aviculários vicariantes maiores que os autozoóides ($Lav2 = 0,357\text{--}0,482\text{ mm}$; $lav2 = 0,242\text{--}0,292$

mm; n = 5), subhexagonais, criptocisto granuloso bem desenvolvido proximal e lateralmente; gimnocisto estreito; opésia oval ($L_{opa} = 0,224-0,261$ mm; $l_{opa} = 0,128-0,150$ mm; n = 5), arco distal semicircular curto e de calcificação lisa; projeções de articulação mandibular próximo laterais, sem barra transversal. Ovicelo submerso, ooécio caloporiforme, visível como calcificação distal nos zoóides ovicelados.

Comentários. Espécimes de *Antropora minor* do Brasil foram recentemente caracterizados por Winston; Vieira; Woollacott (2014). *Antropora minor* é distinta de todas as congêneres pelos autozoóides com opésia oval ou campanulada, aviculários interzooidais elípticos e com foramen em forma de 8, e aviculários vicariantes maiores que os autozoóides, opésia oval e arco distal semicircular.

Distribuição. Cosmopolita em águas tropicais e subtropicais (WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014). Apesar ter sido identificada para diversas regiões de todo o mundo, aparentemente alguns desses registros representam espécies distintas (WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014). No Brasil, é relatada para São Paulo e Bahia (WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014). Na Bahia, ocorre na Costa dos Coqueiros e Baía de Todos os Santos (15–50 metros), sobre rodolitos e rochas.

Figura 45. A–D, *Antropora minor* (A e B, UFBA 408; C e D, USNM 8536); **A**, aspecto geral da colônia; **B, D**, detalhe dos autozoóide, aviculários e zoóides ovicelados; **C**, autozoóides e aviculários (topo esquerdo). Escalas: A = 500 μ m; B, C, D = 200 μ m.



Fonte: O autor (2018).

***Antropora typica* (Canu & Bassler, 1928b)**

(Figura 46A,B)

Dacryonella typica Canu & Bassler, 1928b: 87, pl. 5, figs. 4-8, pl. 32, figs. 11, 12.*Antropora typica*: Tilbrook, 1998: 37, fig. 3A; Vieira, Migotto, Winston, 2008: 14 (sin. cum.); Winston & Woollacott, 2009: 248, figs. 7, 8 (sin. cum.); Almeida et al., 2015a: 3; Souza & Almeida, 2017: 264.**Material examinado.** Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante com formas irregulares sobre o substrato. Autozoóides ovais (Lz = 0,296–0,479 mm; lz = 0,184–0,263 mm). Opésia oval ou subtriangular (Lopa = 0,148–0,264 mm; lopa = 0,136–0,208 mm), ocupando cerca da metade do comprimento do zoóide, bordada por criptocisto granuloso bem desenvolvido proximalmente e com largas porções estriadas de calcificação; ginnocisto liso, moderado a bem desenvolvido. Um par de aviculários interzooidais, distolaterais, pequenos (Lav = 0,089–0,132 mm; lav = 0,040–0,057 mm), lanceolados, calcificação granulosa, forâmen e rostro subtriangular. Ovicelo submerso, ooécio caloporiforme, visível como calcificação distal.

Comentários. *Antropora typica* é caracterizada pelos autozoóides com opésia oval ou subtriangular, ginnocisto liso moderado a bem desenvolvido e um par de aviculários interzooidais lanceolados. Diferentemente de *Antropora minor*, *Antropora typica* não possui aviculários vicariantes.

A identidade taxonômica de *Antropora typica* foi elucidada por Winston & Woollacott (2009), que examinaram espécimes de todo o Atlântico Ocidental e forneceram descrição e comparações taxonômicas.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Estados Unidos, Golfo do México, Caribe e Brasil (WINSTON; WOOLLACOTT, 2009). No Brasil, a espécie é relatada para o Rio de Janeiro, Espírito Santo, Bahia e Atol das Rocas (VIEIRA; NASCIMENTO; ALMEIDA, 2018). Na Bahia, é conhecida para toda a costa. É habitante de substratos rígidos como corais, rodolitos e rochas, entre 10 e 50 metros de profundidade.

***Antropora* sp. nov.**

(Figura 46C,D)

Antropora granulifera: Almeida et al., 2015a: 3; Souza & Almeida, 2017: 264.*Non membranipora granulifera* Hincks, 1880a: 72, pl. 9, fig. 4.

Material examinado. Holótipo: UFBA 241, Baía de Todos os Santos. Parátipo: UFBA 278, Baía de Todos os Santos. Material adicional: Apêndice A.

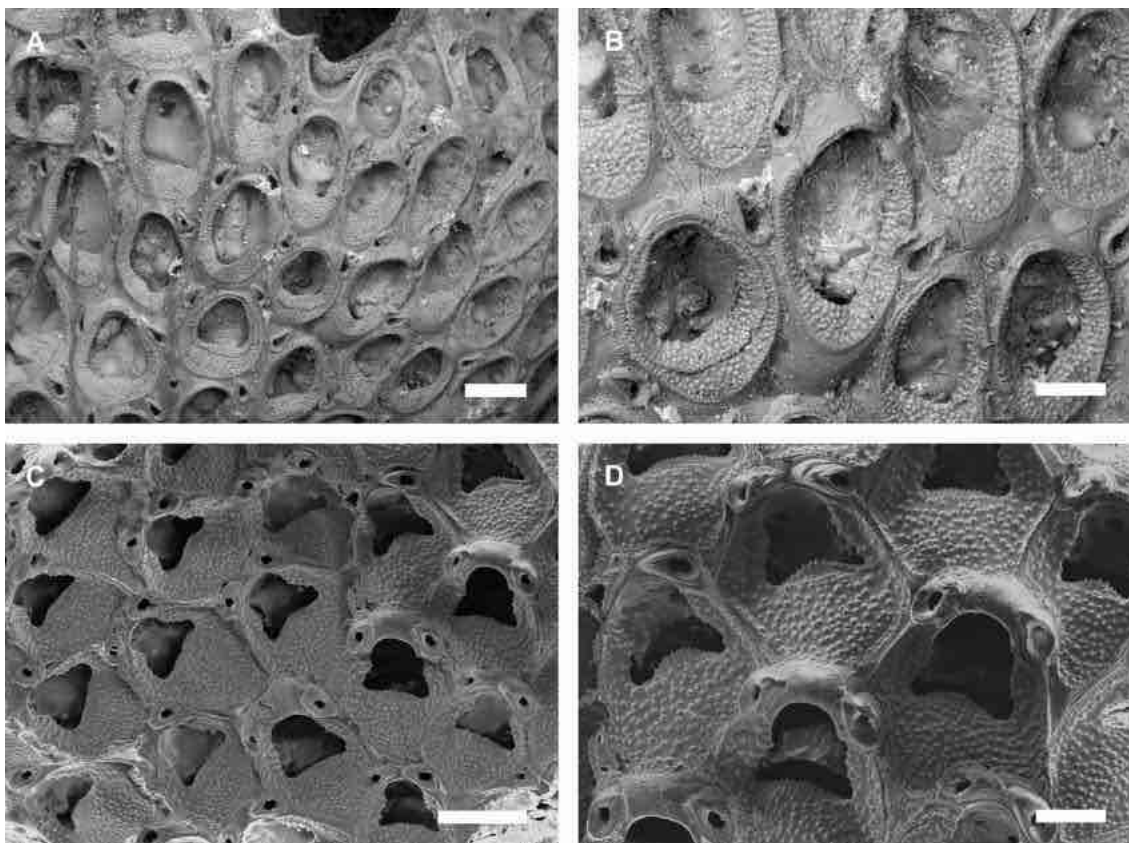
Descrição. Colônia incrustante com formas irregulares sobre o substrato. Autozoóides subhexagonais ($Lz = 0,240-0,351$ mm; $lz = 0,213-0,285$ mm). Opésia ocupando cerca de metade do comprimento do zoóide ($Lopa = 0,105-0,131$ mm; $lopa = 0,104-0,137$ mm), hastada ou campanulada, margem proximal convexa e com numerosos dentículos pontiagudos e fendas opesiolares laterais curtas; cCriptocisto granuloso bem desenvolvido proximalmente, estreito distalmente; gimnocisto reduzido ou ausente. Par de aviculários distolaterais pequenos ($Lav = 0,075-0,097$ mm; $lav = 0,040-0,052$ mm), direcionados distalmente para região mediana do autozoóide, fortemente calcificados, forâmen redondo, rostro subtriangular e dois dentículos mediolaterais. Ovicelo submerso, ooécio caloporiforme, visível como calcificação distal nos zoóides ovicelados.

Comentários. *Antropora* sp. nov. foi previamente identificada como *Antropora granulifera* (Hincks, 1880) (UFBA 241), uma espécie considerada amplamente distribuída em águas quentes e registradas em diversas regiões do mundo (TILBROOK, 1998). Entretanto, apesar de ambas possuírem aviculários com rostro subtriangular, *Antropora* sp. nov. difere de *Antropora granulifera* por apresentar opésia distintamente trifoliada (a opésia de *Antropora granulifera* é subtriangular, sem fendas opesiolares distintas), e ovicelo visível como uma calcificação distal ao opérculo (indistinto em *Antropora granulifera*).

Dentre as outras espécies de *Antropora*, *Antropora* sp. nov. é morfologicamente similar à *Antropora subvespertilio* (Canu & Bassler, 1929) por apresentar opésia trifoliada, um par de aviculários distolaterais e ovicelo com ooécio formando calcificação distal. Entretanto, estas espécies podem ser diferenciadas pela margem proximal da opésia (fortemente convexa em *Antropora* sp. nov. e reta a levemente convexa em *Antropora subvespertilio*) e tamanho dos autozoóides, opésias e aviculários (em *Antropora* sp. nov. essas estruturas possuem metade do tamanho daquelas de *Antropora subvespertilio*) (TILBROOK, 1998).

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (ALMEIDA et al., 2015a). Conhecida apenas para a Bahia, a espécie é geralmente encontrada com outras espécies de *Antropora*, ocorre na Costa dos Coqueiros e Baía de Todos os Santos, entre 10 e 48 metros de profundidade, sobre substratos rígidos como rodolitos e rochas.

Figura 46. **A, B,** *Antropora typica* (USNM 8540); **C, D,** *Antropora* sp. nov. (UFBA 241) **A, C,** aspecto geral da colônia; **B, D,** detalhe dos autozoóide, aviculários e zoóides ovicelados. Escalas: A, C = 200 μ m; B, D = 100 μ m.



Fonte: O autor (2018).

4.10 Família Calloporidae Norman, 1903

Diagnose. Colônias incrustantes. Autozoóides com criptocisto de desenvolvimento variável; gimnocisto tipicamente bem desenvolvido. Opésia bem desenvolvida, ocupando parte da superfície frontal. Espinhos articulados geralmente presentes ao redor da opésia. Aviculários interzooidais. Ovicelo hiperestomial ou imerso e endozooidal; ooécio caloporiforme (HAYWARD; RYLAND, 1998).

Gênero *Ammatophora* Norman, 1903

Diagnose. Colônias incrustantes, uni ou multilaminares. Autozoóides com criptocisto moderadamente desenvolvido ao redor da opésia. Gimnocisto desenvolvido como tubérculos conspícuos proximais. Cenozoóides podem estar presentes. Aviculários ausentes. Ovicelo submerso, ooécio formando calcificação distal ao orifício do zoóide ovicelado (HAYWARD; RYLAND, 1998; NORMAN, 1903).

***Ammatophora arenacea* Winston & Vieira, 2013**

(Figura 47A,B)

Ammatophora arenacea Winston & Vieira, 2013: 107, fig. 5.

Ammatophora arenacea: Almeida et al., 2015a: 3; Souza & Almeida, 2017: 264.

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, rígida, unilaminar, cobrindo irregularmente ou totalmente o substrato. Autozoóides ovais ($Lz = 0,415-0,460$ mm; $lz = 0,292-0,353$ mm). Opésia subtriangular ou campanulada ($Lopa = 0,225-0,301$ mm; $lopa = 0,192-0,238$ mm), ocupando cerca de metade ou dois terços do comprimento do zoóide, bordada por criptocisto granuloso; criptocisto mais desenvolvido proximalmente; gimnocisto liso, formando grandes tubérculos proximais irregulares, por vezes fusionados. Ovicelo submerso, ooécio caloporiforme, visíveis como uma calcificação distal nos zoóides ovicelados, margem proximal convexa.

Comentários. *Ammatophora arenacea* foi recentemente descrita com base em espécimes de São Paulo (WINSTON; VIEIRA, 2013). *Ammatophora arenacea* é caracterizada pelos autozoóides ovais com opésia subtriangular ou campanulada, criptocisto granuloso bem desenvolvido proximalmente, gimnocisto formando grandes tubérculos irregulares e ooécio visível como uma calcificação distal. Adicionalmente, *Ammatophora arenacea* não possui cenozoóides ou aviculários e esta combinação de características morfológicas difere a espécie de suas congêneres.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (WINSTON; VIEIRA, 2013). A espécie é considerada endêmica do Brasil, relatada apenas para São Paulo e Bahia (VIEIRA; NASCIMENTO; ALMEIDA, 2018). Na Bahia, ocorre em toda a costa, entre 10 e 51 metros de profundidade, sobre substratos rígidos como corais, nódulos calcários, rodolitos e rochas.

Gênero *Aplousina* Canu & Bassler, 1927a

Diagnose. Colônias incrustantes, uni ou multilaminares. Autozoóides com criptocisto e gimnocisto reduzidos ou ausentes. Espinhos, cenozoóides e aviculários ausentes. Ovicelo endozooidal, indicado por ooécio como uma calcificação distal ao orifício (TAYLOR; MCKINNEY, 2006).

***Aplousina errans* Canu & Bassler, 1928a**

(Figura 47C,D)

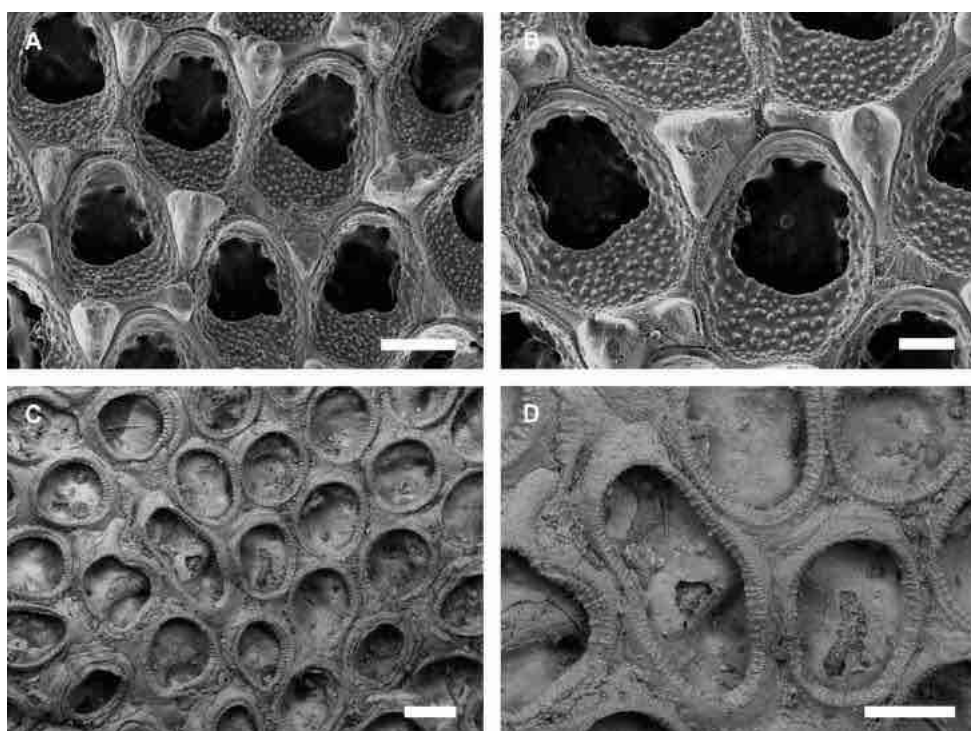
Aplousina errans Canu & Bassler, 1928a: 62, pl. 1, figs. 3, 4.*Aplousina errans*: Vieira, Migotto, Winston, 2008: 14.**Material examinado.** Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante com formas irregulares sobre o substrato. Autozoóides ovais (Lz = 0,441–0,509 mm; lz = 0,334–0,421 mm), separados por sulcos distintos. Opésia oval (Lopa = 0,303–0,355 mm; lopa = 0,212–0,293 mm), ocupando cerca de três quartos do comprimento do zoóide, totalmente bordada por criptocisto granuloso estreito e pouco desenvolvido; gimnocisto liso, pouco desenvolvido. Ovicelo endozooidal, ooécio caloporiforme, formando calcificação distal nos zoóides ovicelados.

Comentários. *Aplousina errans* é caracterizada por apresentar autozoóides ovais com criptocisto granuloso e gimnocisto liso pouco desenvolvidos, e ooécio reconhecido como calcificação distal nos zoóides ovicelados. Esta simplicidade morfológica, juntamente com a ausência de heterozoóides, permite o reconhecimento da espécie.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (CANU; BASSLER, 1928a). Conhecida apenas para a Bahia, em corais do infralitoral (47 metros) da Baía de Todos os Santos.

Figura 47. A, B, *Ammatophora arenacea* (UFBA 94); C, D, *Aplousina errans* (UFBA 8537). A, C, aspecto geral da colônia; B, D, detalhe dos autozoóides mostrando calcificação frontal e zoóides ovicelados (D). Escalas: A, F = 200 µm; B = 100 µm; C = 250 µm.



Fonte: O autor (2018).

Gênero *Copidozoum* Harmer, 1926

Diagnose. Colônias incrustantes, uni ou multilaminares. Autozoóides com criptocisto e gimnocisto reduzidos ou ausentes. Espinhos e aviculários interzoidais podem estar presentes. Ovicelo hiperestomial (HARMER, 1926).

Copidozoum tenuirostre (Hincks, 1880)

(Figura 48A,B)

Membranipora tenuirostre Hincks, 1880: 70, pl. 4, fig. 3.

Copidozoum tenuirostre: Vieira, Migotto, Winston, 2008: 14; Almeida et al., 2015a: 3; Souza & Almeida, 2017: 264.

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, rígida, formas variadas sobre o substrato. Autozoóides ovais ou irregularmente poligonais (Lz = 0,418–0,521 mm; lz = 0,254–0,425 mm). Opésia oval (Lopa = 0,335–0,387 mm; lopa = 0,189–0,292 mm), ocupando cerca de três quartos do comprimento do zoóide, bordada por criptocisto granuloso pouco desenvolvido; gimnocisto ausente ou reduzido, formando área estreita proximal e lisa. Aviculários interzoidais pequenos (Lav = 0,158–0,188 mm; lav = 0,084–0,113 mm), forma sublosangular, lateralmente curvados, barra transversal mediana incompleta, calcificação lisa, forâmen oval e rostro subtriangular. Ovicelo globular (Lov = 0,171–0,191 mm; lov = 0,185–0,241 mm), hiperestomial, ooécio caloporiforme com calcificação (endooécio) granulosa.

Comentários. *Copidozoum tenuirostre* é caracterizada pelos autozoóides com criptocisto granuloso pouco desenvolvido, gimnocisto reduzido, aviculários interzoidais pequenos, sublogansulares e lateralmente curvados, e ovicelo globular com superfície granulosa.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Estados Unidos, Golfo do México e Brasil; Atlântico Oriental: Arquipélago de Madeira, África Ocidental; Mar Mediterrâneo; Ilha Galápagos (HARMELIN; BITAR; ZIBROWIUS, 2016; HAYWARD; MCKINNEY, 2002; HINCKS, 1880; MARCUS, 1937; OSBURN, 1950). Esta espécie foi descrita originalmente para o Arquipélago de Madeira (Atlântico Oriental), sendo posteriormente relatada para diversas regiões de águas quentes tropicais e temperadas (HARMELIN; BITAR; ZIBROWIUS, 2016; HAYWARD; MCKINNEY, 2002; HINCKS, 1880; MARCUS, 1937; OSBURN, 1950). Entretanto, pode representar um complexo de espécies crípticas (HARMELIN; BITAR; ZIBROWIUS, 2016). No Brasil, é conhecida

para Santa Catarina, São Paulo e Bahia (VIEIRA; NASCIMENTO; ALMEIDA, 2018). Na Bahia, ocorre no infralitoral (18–48) de toda a costa, sobre corais e conchas de moluscos.

Gênero *Parellisina* Osburn, 1940

Diagnose. Colônias incrustantes, uni ou multilaminares. Autozoóides com criptocisto tipicamente estreito e granuloso ao redor de toda opésia; gimnocisto liso, estreito ou desenvolvido proximalmente. Espinhos distais, cenozoóides e aviculários interzoidais podem estar presentes. Aviculários podem estar associados aos cenozoóides e ovicelos. Ovicelo hiperestomial (OSBURN, 1940).

***Parellisina lunatirostris* Winston, Vieira & Woollacott, 2014**

(Figura 48C,D)

Parellisina lunatirostris Winston, Vieira & Woollacott, 2014: 158, fig. 11.

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, rígida, crescendo irregularmente sobre o substrato. Autozoóides ovais a sublosangulares ($Lz = 0,431\text{--}0,567$ mm; $lz = 0,278\text{--}0,362$ mm). Opésia oval ($Lopa = 0,297\text{--}0,390$ mm; $lopa = 0,163\text{--}0,249$ mm), ocupando cerca de três quartos do comprimento do zoóide, bordada por criptocisto granuloso; criptocisto mais desenvolvido proximal e lateralmente; gimnocisto pouco desenvolvido proximalmente, liso. Aviculários interzoidais grandes ($Lav = 0,316\text{--}0,454$ mm; $lav = 0,194\text{--}0,268$ mm; $n = 5$), subtriangulares proximalmente e com rostro mais ou menos em forma de peão, barra transversal mediana completa. Ovicelo globular ($Lov = 0,130\text{--}0,187$ mm; $lov = 0,170\text{--}0,225$ mm), hiperestomial, ooécio caloporiforme com calcificação (endooécio) granulosa.

Comentários. *Parellisina lunatirostris* é caracterizada pelos autozoóides com opésia ampla bordada por criptocisto granuloso, aviculários interzoidais grandes, subtriangulares proximalmente e com rostro mais ou menos em forma de peão e endooécio com calcificação granulosa. A forma do aviculário interzoidal é a característica distintiva dessa espécie.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014; presente estudo). Espécie considerada endêmica para o Brasil, sendo recentemente descrita para o Rio de Janeiro (WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014). Na Bahia,

ocorre na Costa dos Coqueiros, sobre substratos rígidos como grãos de cascalho e nódulos calcários, entre 15 e 35 metros de profundidade.

Gênero *Retevirgula* Brown, 1948

Diagnose. Colônias finamente incrustantes, unilaminares. Autozoóides geralmente unidos por tubos conectivos. Criptocisto e gimnocisto reduzido. Opésia ampla, ocupando a maior parte da superfície frontal, por vezes arqueada por espinhos articulados em sua base. Cenozoóides e aviculários interzooidais podem estar presentes. Aviculários podem estar associados aos ovicelos. Ovicelo hiperestomial, ectooécio com calcificação variável, podendo apresentar uma fenestra frontal (GORDON, 1984).

***Retevirgula multipunctata* Winston, Vieira & Woollacott, 2014**

(Figura 48E,F)

Retevirgula multipunctata Winston, Vieira & Woollacott, 2014: 156, fig. 10,

Retevirgula sp.: Almeida et al., 2015a: 3; Souza & Almeida, 2017: 264.

Material examinado. Apêndice A.

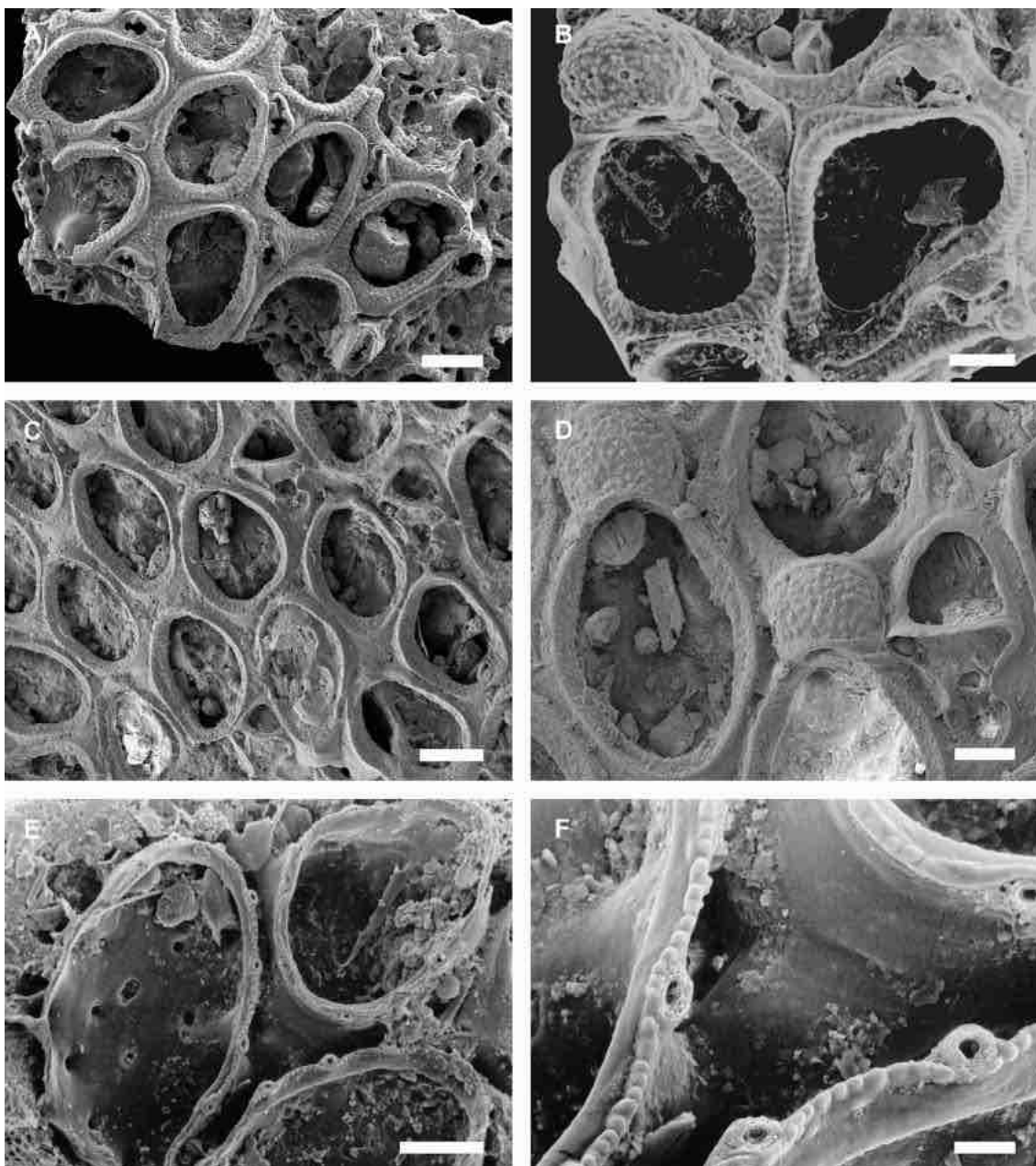
Descrição. Colônia incrustante, rígida. Autozoóides ovais ($Lz = 0,340\text{--}0,426$ mm; $lz = 0,224\text{--}0,247$ mm; $n = 6$), conectados entre si através de 14–17 tubos conectivos laterais. Opésia oval ($Lopa = 0,260\text{--}0,366$ mm; $lopa = 0,185\text{--}0,209$ mm; $n = 6$), ocupando quase todo o comprimento do zoóide; criptocisto inconspícuo, estreito, ao redor de toda opésia; gimnocisto liso, mais desenvolvido proximalmente que lateralmente, contínuo com tubos conectivos laterais. Espinhos com base articulada ao redor de toda opésia, em número de 7 a 12, irregularmente distribuídos. Superfície abfrontal com vários poros. Aviculários com rostro oval ou pequenos zoeciólolos podem estar presentes entre os autozoóides.

Comentários. *Retevirgula multipunctata* é caracterizada pelos autozoóides ovais conectados entre si por 14–17 tubos conectivos laterais, gimnocisto proximal moderado, opésia ampla com bordada por 7–12 espinhos de base articulada e superfície abfrontal porosa. *Retevirgula multipunctata* é distinta de *Retevirgula mesitis* (Marcus, 1955), única outra congênera conhecida para o Brasil, por apresentar menos espinhos e tubos conectivos mais curtos (WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014).

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (ALMEIDA et al., 2015a; WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014). Espécie considerada endêmica para o Brasil, sendo recentemente descrita para o Rio de Janeiro (WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT,

2014). Na Bahia, ocorre no infralitoral (20–40 metros de profundidade) da Costa dos Coqueiros, sobre nódulos calcários.

Figura 48. A, B, *Copidozoum tenuirostre* (UFBA 276); C, D, *Parellisina lunatirostris* (UFBA 833); E, F, *Retevirgula multipunctata* (UFBA 660). A, C, E, grupo de autozoóides e aviculários (A e C); B, D, detalhe dos autozoóides, aviculários e zoóides ovicelados (D); F, detalhe dos espinhos opesiaais. Escalas: A, C = 200 μ m; B, D, E = 100 μ m; F = 20 μ m.



Fonte: O autor (2018).

4.11 Família Cupuladriidae Lagaaij, 1952

Diagnose. Colônias discoides, de vida livre. Zoóides crescem de maneira espiral. Autozoóides com criptocisto de desenvolvimento variável, podendo apresentar fendas opesiolares; gimnocisto reduzido ou ausente. Aviculários vicariantes e vibraculários geralmente presentes. Parede basal pode apresentar setores e poros. Ovicelos ausentes; embriões incubados internamente nos autozoóides (COOK, 1965).

Gênero *Cupuladria* Canu & Bassler, 1919

Diagnose. Autozoóides tipicamente losangulares. Opésia ampla, delimitada por criptocisto totalmente calcificado; criptocisto tipicamente mais desenvolvido proximalmente, reduzido distalmente. Aviculários vicariantes do tamanho de um autozoóide, gimnocisto bem desenvolvido. Vibraculários associados a cada zoóide. Parede basal com setores e poros conspícuos (COOK; CHIMONIDES, 1994).

***Cupuladria monotrema* (Busk, 1884)**

(Figura 49A–C)

Cupularia monotrema Busk, 1884: 207, pl. 14, fig. 5a–b.

Cupuladria monotrema: Cook & Chimonides, 1994: 261, figs. 4, 16; Vieira, Migotto, Winston, 2008: 15; Almeida et al., 2015a: 3; Souza & Almeida, 2017: 265.

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia de vida livre, discoide, achatada, podendo atingir mais de 10 mm de diâmetro. Região central da colônia formada predominantemente por autozoóides; aviculários vicariantes dispersos entre os autozoóides. Autozoóides losangulares ($Lz = 0,375\text{--}0,438$ mm; $lz = 0,229\text{--}0,283$ mm). Opésia oval, ocupando cerca de um terço do comprimento do zoóide ($Lopa = 0,109\text{--}0,130$ mm; $lopa = 0,095\text{--}0,119$ mm). Criptocisto granuloso, mais desenvolvido proximalmente, estreito distalmente. Aviculários vicariantes losangulares ($Lav = 0,405\text{--}0,417$ mm; $lav = 0,225\text{--}0,235$ mm); opésia oval ocupando menos da metade do comprimento do aviculário ($Lopa = 0,154\text{--}0,172$ mm; $lopa = 0,109\text{--}0,115$ mm); calcificação frontal formada por um gimnocisto liso mais desenvolvido proximalmente. Câmara vibracular subtriangular ($Lvib = 0,183\text{--}0,216$ mm; $lopa = 0,096\text{--}0,150$ mm), colocada distalmente em cada autozoóide e aviculário. Setores basais quadrangulares com 1–4 poros grandes.

Comentários. *Cupuladria monotrema* é reconhecida pela região central da colônia formada predominantemente por autozoóides, aviculários vicariantes dispersos entre os autozoóides e setores basais quadrangulares com 1–4 poros.

Apesar de Herrera-Cubilla & Jackson (2014) terem caracterizado *Cupuladria monotrema* como uma espécie com região central da colônia formada predominantemente por aviculários vicariantes, o material tipo (sintipos) proveniente da expedição *Challenger* (NHMUK 1890.3.22.1 e 1889.1.30.30-44) possui colônias cujos autozoóides são abundantes na região central. Aviculários são comuns por toda colônia, podendo estar tanto região central ou dispersos entre os zoóides marginais (COOK; CHIMONIDES, 1994).

Distribuição. Atlântico Ocidental: Guiana e Brasil (COOK; CHIMONIDES, 1994). No Brasil, *Cupuladria monotrema* é conhecida para o Paraná, Rio de Janeiro, Bahia, Sergipe e Amapá (VIEIRA; NASCIMENTO; ALMEIDA, 2018). Na Bahia, é o briozoário de vida livre mais abundante, ocorrendo entre 8 e 50 metros de profundidades ao longo de toda a costa. Colônias vivas são frequentemente encontradas em fundos não consolidados, e colônias mortas ou seus fragmentos se depositam no sedimento marinho. Colônias de vida livre, predominantemente de *Cupuladria monotrema*, juntamente com fragmentos de outros briozoários, especialmente eretos articulados, contribuem na formação do sedimento reconhecido como “areia de briozoários”, comum na Baía de Todos os Santos e Costa do Cacao (APOLUCENO, 1998).

***Cupuladria* sp. nov.**

(Figura 49D–F)

Material examinado. Holótipo: UFBA 148, Costa dos Coqueiros. Parátipo: UFBA 130, Costa dos Coqueiros. Material adicional: Apêndice A.

Descrição. Colônia de vida livre, discoide, achatada, até 6 mm de diâmetro. Região central da colônia formada predominantemente por aviculários vicariantes; autozoóides visíveis apenas a partir da quinta série zooidal. Autozoóides losangulares ($Lz = 0,357–0,434$ mm; $lz = 0,242–0,295$ mm). Opésia oval, ocupando cerca de três quartos do comprimento do zoóide ($Lopa = 0,284–0,317$ mm; $lopa = 0,150–0,169$ mm). Criptocisto granuloso, mais desenvolvido proximal e lateralmente. Aviculários vicariantes losangulares ($Lav = 0,403–0,500$ mm; $lav = 0,208–0,352$ mm); opésiaauriforme ocupando menos da metade do comprimento do aviculário ($Lopa = 0,140–0,190$ mm; $lopa = 0,095–0,146$ mm); calcificação frontal formada por gimnocisto liso, mais

desenvolvido proximalmente. Câmara vibracular subtriangular ($L_{vib} = 0,126-0,160$ mm; $lopa = 0,109-0,141$ mm) colocada distalmente em cada autozoóide e aviculário. Setores basais quadrangulares a irregularmente poligonais, 1–6 poros pequenos distribuídos irregularmente em cada setor.

Comentários. *Cupuladria* sp. nov. é caracterizada por apresentar região central da colônia formada predominantemente por aviculários, autozoóides visíveis apenas a partir da quinta série zooidal e setores basais quadrangulares ou irregularmente poligonais, 1–6 poros pequenos por setor. A principal diferença entre *Cupuladria* sp. nov. e *Cupuladria monotrema* é a região central da colônia, formada predominantemente por aviculários na primeira espécie e por autozoóides na segunda.

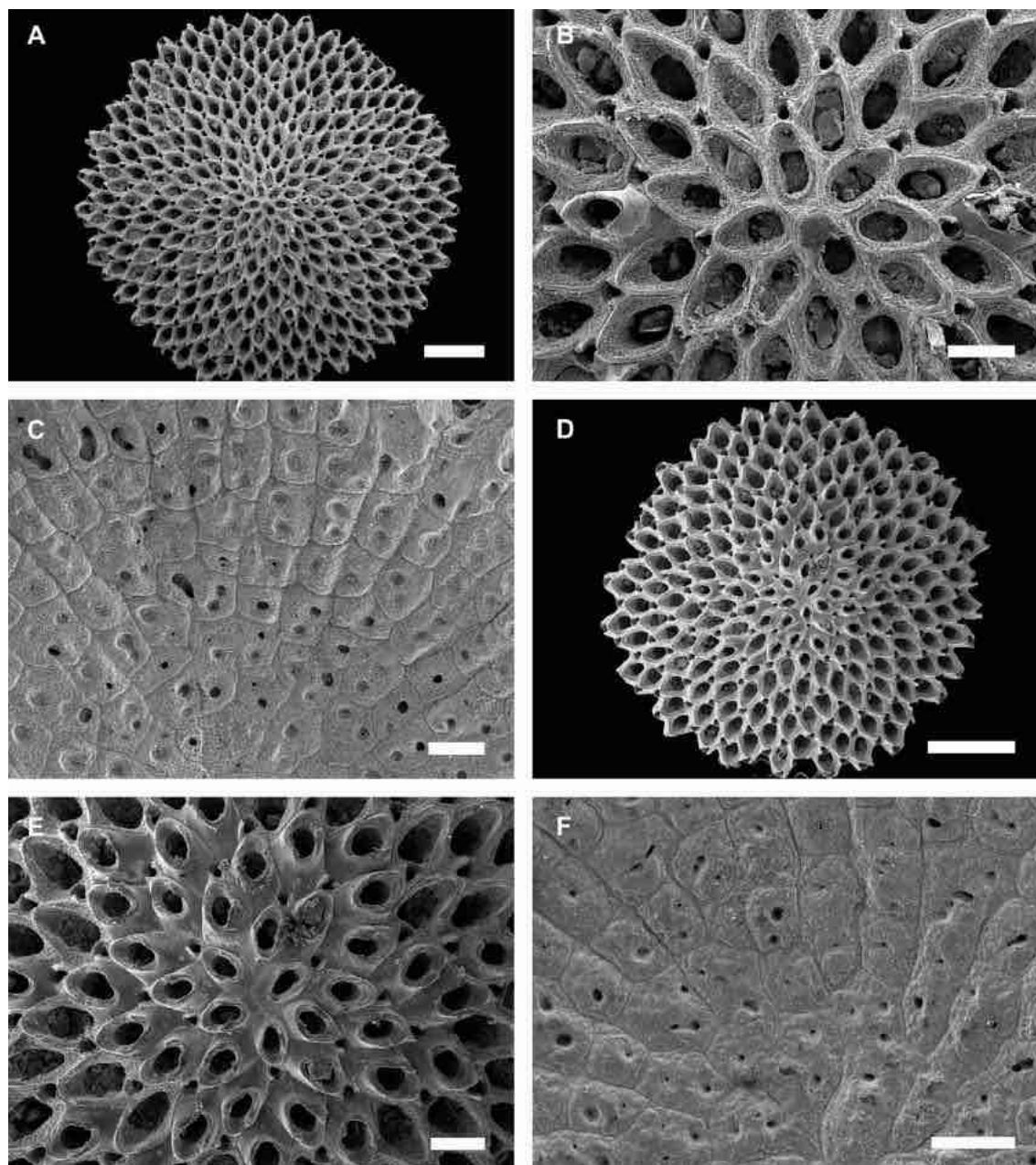
Entre as espécies recentes de *Cupuladria* Canu & Bassler, 1929, *Cupuladria* sp. nov. é semelhante à *Cupuladria incognita* Herrera-Cubilla, Dick, Sanner & Jackson, 2006 e *Cupuladria multesima* Herrera-Cubilla, Dick, Sanner & Jackson, 2006, por apresentarem área central da colônia formada predominantemente por aviculários vicariantes. *Cupuladria* sp. nov. pode ser diferenciada dessas duas espécies, porém, pela forma da colônia (discoide em *Cupuladria* sp. nov.; domal em *Cupuladria incognita*; cônica em *Cupuladria multesima*), forma dos autozoóides (losangulares em *Cupuladria* sp. nov. e hexagonais em *Cupuladria incognita* e *Cupuladria multesima*) e setores basais (quadrangulares ou irregulares, 1–6 poros em *Cupuladria* sp. nov.; radiais, 6–18 poros por setor *Cupuladria incognita*; radiais a irregulares com 12–16 poros por setor em *Cupuladria multesima*).

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil. *Cupuladria* sp. nov. é uma espécie comum em toda a costa da Bahia, encontrada juntamente com outros briozoários de vida livre, tais como *Cupuladria monotrema* e *Discoporella salvadorensis*, em ambientes com sedimento fino, especialmente próximo a desembocadura de rios.

Gênero *Discoporella* d'Orbigny, 1852

Diagnose. Autozoóides com opésia transversal curta, ocupando a região distal do zoóide. Criptocisto bem desenvolvido, número variável de opesíolos. Aviculários vicariantes do tamanho de um autozoóide, criptocisto frontalmente reduzido. Vibraculários associados a cada zoóide. Parede basal com setores e poros poucos delimitados (COOK; CHIMONIDES, 1994).

Figura 49. A–C, *Cupuladria monotrema* (UFBA 125); D–F, *Cupuladria* sp. nov. (UFBA 148); A, D, aspecto geral da colônia; B, E, área central da colônia mostrando autozoóides (centro em B) e aviculários (centro em E); C, F, setores basais. Escalas: A, D = 1 mm; B, C, E, F = 250 μ m.



Fonte: O autor (2018).

***Discoporella salvadorensis* Winston, Vieira & Woollacott, 2014**

(Figura 50A–C)

Discoporella salvadorensis Winston, Vieira & Woollacott, 2014: 162, fig. 14.

Discoporella salvadorensis: Souza & Almeida, 2017: 265.

Discoporella umbellata: Almeida et al., 2015a: 3; Souza & Almeida, 2017: 265.

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia de vida livre, discoide ou cônica, superfície abfrontal achatada. Autozoóides ovais ou losangulares ($Lz = 0,276-0,418$ mm; $lz = 0,262-0,400$ mm). Opésia transversalmente oval ($Lopa = 0,123-0,157$ mm; $lopa = 0,136-0,157$ mm), ocupando cerca de um terço do comprimento do zoóide. Criptocisto granuloso e bem desenvolvido, 4–7 opesiolos irregularmente oblongos. Câmara vibracular triangular ou em forma de C, colocada distalmente em cada autozoóide ($Lvib = 0,136-0,162$ mm; $lvib = 0,110-0,157$ mm). Aviculários vicariantes com forma semelhante aos autozoóides ($Lav = 0,330-0,340$ mm; $lav = 0,270-0,279$ mm), criptocisto formando bordas laterais e proximal curtas, opésia subretangular ampla ($Lopa = 0,268-0,325$ mm; $lopa = 0,126-0,147$ mm).

Comentários. *Discoporella salvadorensis* é caracterizada pelos autozoóides com opésia transversalmente oval e criptocisto granuloso com 4–7 opesiolos, câmara vibracular triangular ou em forma de C colocada distalmente em cada autozoóide, e aviculários vicariantes com opésia subretangular ampla e criptocisto pouco desenvolvido.

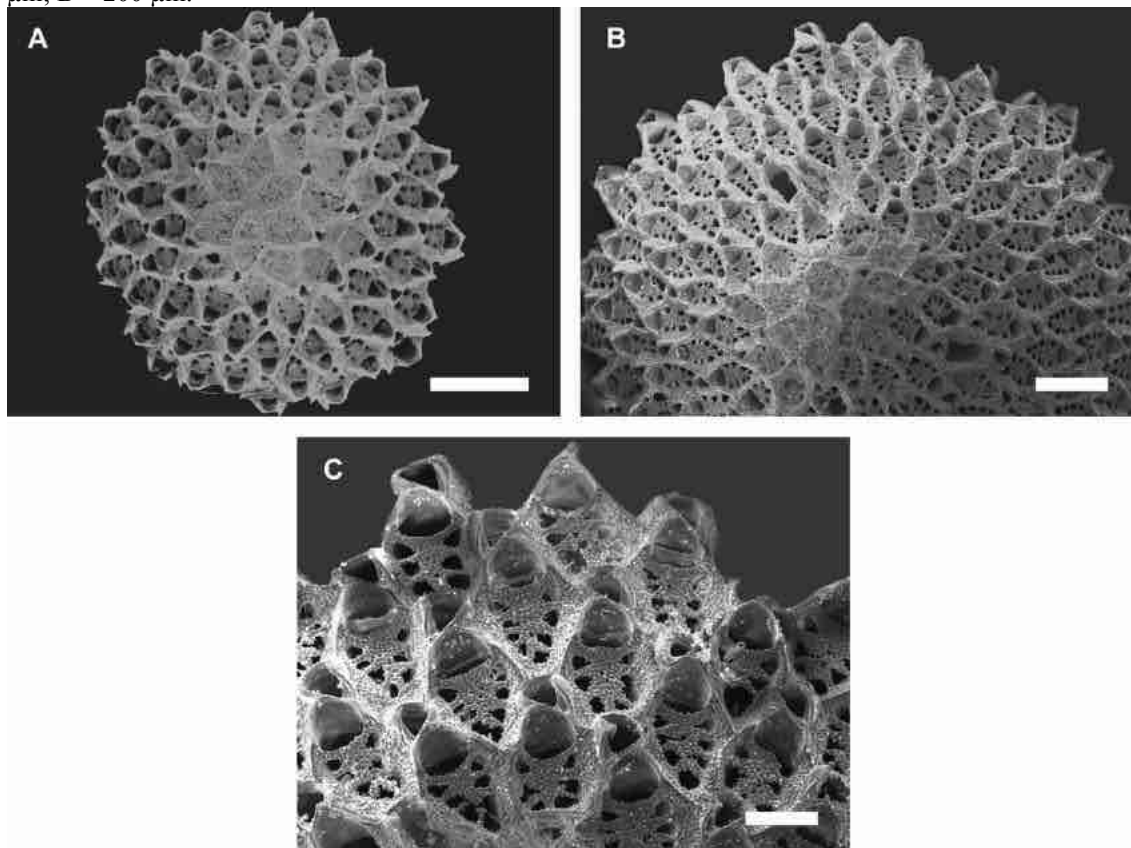
Tradicionalmente, a maioria dos espécimes de *Discoporella* da Bahia foi atribuída como pertencentes à espécie *Discoporella umbellata* (Defrance, 1823) (ALMEIDA et al., 2015a; SOUZA, 1989; VIEIRA; MIGOTTO; WINSTON, 2008). Entretanto, o estudo de espécimes coletados na Bahia indicam que *Discoporella umbellata* não ocorre na região, e estes espécimes pertencem à *Discoporella salvadorensis*. As principais diferenças entre tais espécies incluem o número de opesiolos (8–14 em *Discoporella umbellata* e 4–7 em *Discoporella salvadorensis*), denticulos nas bordas proximais da opésia e câmara vibracular (ausentes em *Discoporella salvadorensis*) e aviculários (presentes em *Discoporella salvadorensis*).

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014). Conhecida apenas para a Bahia, *Discoporella salvadorensis* é uma espécie muito abundante em fundos compostos por sedimento arenoso a lamoso de toda a costa.

4.12 Família Heliodomidae Vigneaux, 1949

Diagnose. Colônias de vida livre, discoidais, ou incrustantes. Zoóides com crescimento espiral ao longo de sua formação. Autozoóides com criptocisto e gimnocisto com desenvolvimento variável. Vibraculários geralmente presentes. Outros heterozoóides ausentes. Ovicelos podem estar presentes nas bordas coloniais (LAGAAIJ, 1963; SILÉN, 1942).

Figura 50, A–C, *Discoporella salvadorensis* (UFBA 21). **A**, aspecto geral da colônia; **B**, área central da colônia, autozoóides e aviculários; **C**, detalhe dos autozoóides e câmaras vibraculares. Escalas: A, B = 500 μ m; C = 200 μ m.



Fonte: O autor (2018).

Gênero *Setosellina* Calvet, 1906

Diagnose. Autozoóides alternados na colônia, tipicamente losangulares. Criptocisto reduzido ou ausente; gimnocisto desenvolvido ao redor da opésia, contínua com a paredes lateral. Opésia oval, ampla, ocupando grande parte da área frontal. Vibraculários associados a cada zoóide. Ovicelos ausentes (CALVET, 1906).

Setosellina goesi Silén, 1942

(Figura 51A,B)

Setosellina goesi Silén, 1942: 2, pl. 1, figs. 3, 4.

Setosellina goesi: Lagaaij, 1963: 172, fig. 2, pl. 2, fig. 1; Vieira, Migotto, Winston, 2008: 15 (sin. cum.); Almeida et al., 2015a: 3.

Material examinado. Apêndice A.

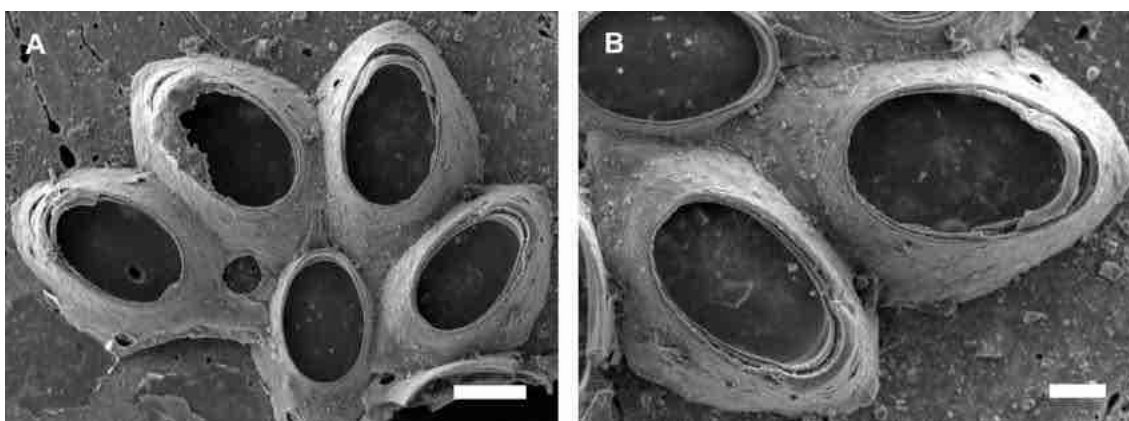
Descrição. Colônia incrustante. Autozoóides delicados, organizados em séries espirais, ovais ou losangulares ($Lz = 0,334\text{--}0,391$ mm; $lz = 0,199\text{--}0,255$ mm). Opésia oval, ocupando cerca da metade do comprimento do zoóide ($Lopa = 0,176\text{--}0,231$ mm; $lopa = 0,105\text{--}0,129$ mm). Criptocisto granuloso pouco desenvolvido, inconspícuo. Paredes

laterais elevadas e fortemente calcificadas, contínua com o gimnocisto. Câmara vibracular interzoooidal, abertura em forma de 8. Poros septulares presentes.

Comentários. *Setosellina goesi* é reconhecida pelos autozoóides pequenos organizados em séries espirais, paredes laterais elevadas e constínuas com o gimnocisto e câmara vibracular em forma de 8 colocada entre os autozoóides.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Estados Unidos até o Brasil (LAGAAIJ, 1963). Conhecida em todo o Atlântico Ocidental, a espécie é comum em fundos calcários formados por carapaças de animais como moluscos, foraminíferos e equinoides, e ocasionalmente ocorre sobre grãos de quartzo (LAGAAIJ, 1963). No Brasil, ocorre na Bahia e em Pernambuco (VIEIRA; NASCIMENTO; ALMEIDA, 2018). Na Bahia, ocorre sobre conchas de moluscos e grãos de cascalho, de 5–35 metros da Costa do Dendê, Costa do Descobrimento e Costa das Baleias.

Figura 51. A, B, *Setosellina goesi* (UFBA 882). A, autozoóides e câmaras vibraculares; B, detalhe dos autozoóides e paredes laterais. Escalas: A = 100 µm; B = 50 µm.



Fonte: O autor (2018).

4.13 Família Hiantoporidae Gregory, 1893

Diagnose. Colônias incrustantes ou eretas com processos basais bem desenvolvidos. Criptocisto e gimnocisto reduzidos ou ausentes. Processos espinhosos direcionados acima da opésia, geralmente com aviculários associados. Ovicelo hiperestomial ou imerso e endozoooidal; ooécio caloporiforme (GORDON 1984; OSTROVSKY, 2013).

Gênero *Hiantopora* MacGillivray, 1887

Diagnose. Colônia incrustante. Autozoóides contínuos ou conectados por tubos conectivos curtos, fixos ao substrato por processos basais. Um ou mais processos espinhosos dispostos disto-lateralmente, cobrindo parcial ou totalmente a opésia.

Processos espinhosos com aviculários associados maiores que aqueles sem aviculários. Ovicelo hiperestomial, não fechado pelo opérculo; ectooécio com desenvolvimento variável, geralmente com fenestra frontal (GORDON 1984).

***Hiantopora* sp. nov.**

(Figura 52A–D)

Material examinado. Holótipo: UFBA 3428, Costa do Dendê. Parátipo: UFBA 3556, Costa do Dendê. Material adicional: Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, unilaminar. Autozoóides ovais ($Lz = 0,590\text{--}0,828$ mm; $lz = 0,487\text{--}0,575$ mm), dois processos espinhosos laterais ramificados; processos espinhosos com terminações truncadas ou pontiagudas, fortemente calcificados, cobrindo toda a superfície frontal do zoóide. Opésia circular ($Lopa = 0,207\text{--}0,279$ mm; $lopa = 0,239\text{--}0,285$ mm), geralmente com dois pares de espinhos tubulares distais, ramificados, o par mais distal bifurcado regularmente e o par de espinhos latero-orais assimétricos, formando projeção frontal. Aviculário adventício amplo ($Lav = 0,329\text{--}0,473$ mm; $lav = 0,184\text{--}0,226$ mm), colocado de um lado do orifício, rostro subtriangular e levemente curvado, margens levemente serrilhadas, dois pontos de inserção mandibular mediolaterais. Ovicelo globular ($Lov = 0,219\text{--}0,301$ mm; $lov = 0,252\text{--}0,349$ mm), hiperestomial, bordado por processos espinhosos; ooécio caloporiforme; calcificação rugosa.

Comentários. Entre as sete espécies viventes de *Hiantopora*, *Hiantopora* sp. nov. é semelhante à *Hiantopora intermedia* (Kirkpatrick, 1890) por apresentar aviculário unilaterial curvado. Os aviculários de *Hiantopora* sp. nov., entretanto, são levemente curvados e possuem margens serrilhadas, enquanto *Hiantopora intermedia* possui aviculários acentuadamente curvados e com margens lisas. Adicionalmente, os processos espinhosos de *Hiantopora* sp. nov. são mais robustos que os de *Hiantopora intermedia*.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil. *Hiantopora* sp. nov. representa a primeira espécie recente do gênero *Hantopora* relatada para o Atlântico. Conhecida apenas para a Bahia, *Hiantopora* sp. nov. ocorre sobre nódulos calcários entre 10 e 30 metros de profundidade da Costa do Dendê e Costa do Cacau.

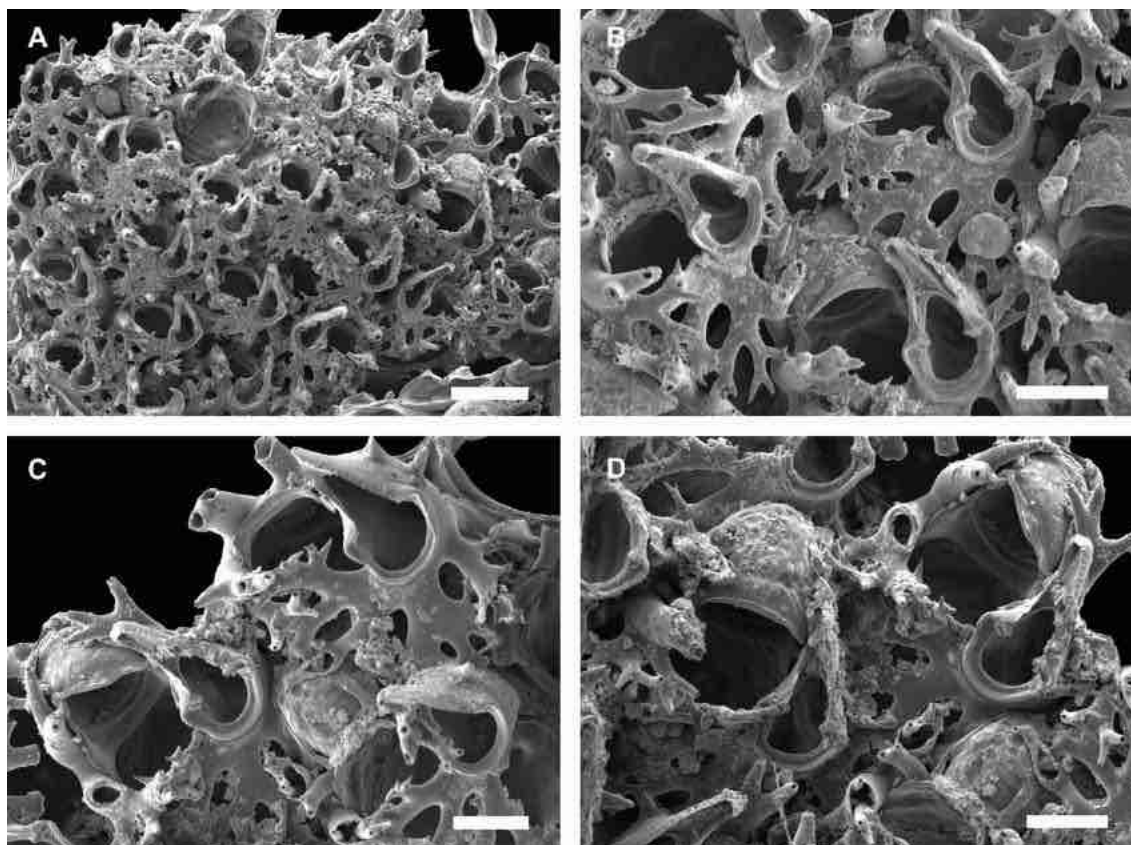
4.14 Família Quadricellariidae Gordon, 1984

Diagnose. Colônia ereta articulada, presa no substrato através de rizóides. Autozoóides com criptocisto reduzido; gimnocisto com desenvolvimento variável. Aviculários adventícios podem estar presentes. Espinhos ausentes. Ovicelo hiperestomial ou imerso e endozooidal; ooécio caloporiforme (GORDON, 1984; OSTROVSKY, 2013).

Gênero *Nellia* Busk, 1852

Diagnose. Colônia ereta, articulada, fixa por rizóides. Entrenós quadrangulares, autozoóides em pares alternados, conectados basalmente e dispostos em séries longitudinais. Opésia larga, bordada por criptocisto reduzido e gimnocisto proximal de desenvolvimento variável. Aviculário adventício colocado na borda proximal ou lateralmente no gimnocisto. Ovicelo imerso (GORDON, 1984).

Figura 52. A–D, *Hiantopora* sp. nov. (UFBA 3428). A, aspecto geral da colônia; B, autozoóides com processos espinhosos laterais e aviculários; C, autozoóides com túbulos conectivos; D, zoóides ovicelados. Escalas: A = 500 μ m; B = 250 μ m; C, D = 200 μ m.



Fonte: O autor (2018).

***Nellia tenella* (Lamarck, 1816)**

(Figura 53A,B)

Cellaria tenella Lamarck, 1816: 135.*Nellia tenella*: Almeida et al., 2017: 291, figs. 24–26.*Nellia oculata*: Souza & Almeida, 2017: 264.**Material examinado.** Apêndice A.

Descrição. Colônia ereta, articulada, ramificada dicotomicamente, presa no substrato por rizóides. Autozoóides subquadrangulares (Lz = 0,367–0,482 mm; lz = 0,136–0,260 mm). Opésia ocupando cerca de três quartos do comprimento do zoóide (Lopa = 0,248–0,430 mm; lopa = 0,075–0,137 mm); criptocisto liso, pouco desenvolvido proximalmente, ausente distalmente; gimnocisto liso, bem desenvolvido. Cada zoóide com um par de pequenos aviculários ovais proximais (Lav = 0,021–0,033 mm; lav = 0,012–0,020 mm), direcionados proximolateralmente. Ovicelo endozooidal, zoóide ovicelado apresentando pequena calcificação distal ao opérculo.

Comentários. *Nellia tenella* é reconhecida pelas colônias eretas articuladas formadas por autozoóides subquadrangulares, opésia extensa, gimnocisto bem desenvolvido, um par de aviculários elípticos pequenos proximolaterais em cada autozoóide e ovicelo endozooidal.

Esta espécie foi recentemente caracterizada por Winston; Vieira; Woollacott (2014) como *Nellia oculata* Busk, 1852, mas Almeida et al. (2017) analisaram o material tipo de ambas espécies, considerando, assim, sinônimas.

Distribuição. Circuntropical (ALMEIDA et al., 2017; WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014). *Nellia tenella* é encontrada em uma grande variedade de ambientes marinhos de águas quentes (WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014). No Brasil, ocorre em São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco e Atol das Rocas (VIEIRA; NASCIMENTO; ALMEIDA, 2018). Na Bahia, ocorre em toda a costa, entre 8 e 50 metros de profundidade, sobre esponjas, corais, grãos de cascalho e nódulos calcários.

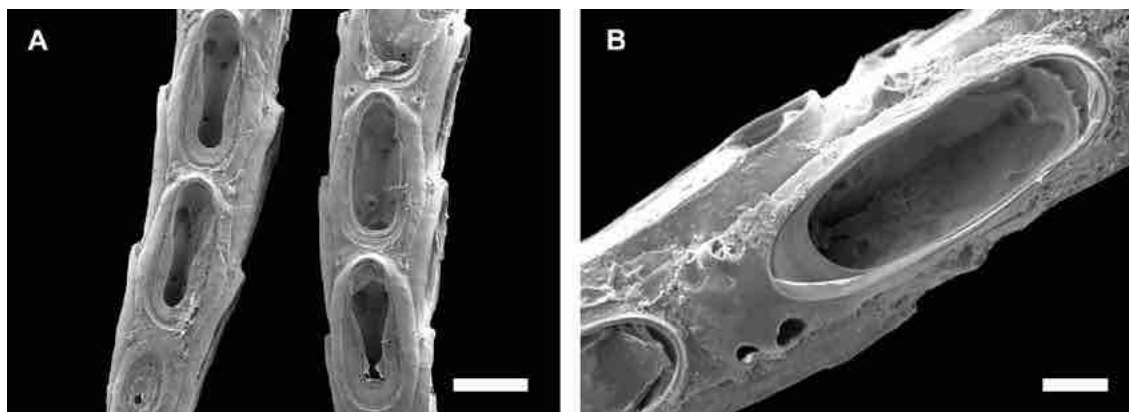
Superfamília Buguloidea Gray, 1848

4.15 Família Beaniidae Canu & Bassler, 1927a

Diagnose. Colônia rastejante, frouxamente conectada no substrato apenas por rizóides. Autozoóides alongados, parede frontal membranosa, unidos entre si através de extensões

tubulares proximais, laterais ou distais. Paredes laterais fracamente calcificadas. Espinhos orais e marginais podem estar presentes. Aviculários pedunculados geralmente presentes. Embriões encubados internamente no zoóide, ou imerso distalmente no zoóide. (HAYWARD; RYLAND, 1998).

Figura 53. A, B, *Nellia tenella* (UFBA 1602). A, aspecto geral de porção da colônia; B, detalhe do autozoóide mostrando calcificação frontal e aviculários. Escalas: A = 200 μ m; B = 50 μ m.



Fonte: O autor (2018).

Gênero *Beania* Johnston, 1840

Diagnose. Colônia unilaminar, unisserial ou reticulada, presa no substrato através de rizoides abfrontais. Autozoóides em forma de barco ou claviformes, conectados por processos tubulares de tamanho variado. Espinhos orais e peri-opesiais podem estar presentes. Aviculários pedunculados podem estar presentes. Embriões encubados internamente no zoóide, ou imerso distalmente no zoóide (HAYWARD; RYLAND, 1998).

Beania americana Vieira, Migotto & Winston, 2010

(Figura 54A,B)

Beania americana Vieira, Migotto & Winston, 2010: 9, figs. 14, 15, 24 (sin. cum.).

Beania americana: Souza & Almeida, 2017: 265.

Beania hirtissima: Almeida et al., 2015a: 3 (sin. nov.).

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia multisserial, reticulada. Autozoóides em forma de barco, ovais em vista frontal (Lz = 0,539–0,651 mm; lz = 0,218–0,299 mm), área opercular oval distinta (0,142–0,179 mm de comprimento; 0,140–0,163 mm de largura); zoóides unidos por 6 processos tubulares e presos no substrato por rizoides tubulares. Área opercular bordada

por 8–10 espinhos longos. Opésia com 9–13 pares de espinhos marginais, arqueados sobre a membrana frontal. Alguns espinhos laterais longos direcionado obliquamente para fora da opésia. Espinhos abfrontais presentes, irregularmente distribuídos no zoóide. Aviculários e ovicelos ausentes.

Comentários. *Beania americana* é caracterizada por colônias multiseriais reticuladas formadas por autozoóides com área opercular bordada por 8–10 espinhos longos e 9–13 pares de espinhos periopésiais.

Historicamente, a espécie foi confundida com *Beania hirtissima* (Heller, 1867), mas Vieira; Winston; Fehlauer–Ale (2012) revisou diversos registros do Atlântico Ocidental, comparando com o material brasileiro com o material tipo proveniente do Mar Mediterrâneo, determinando tratar-se de duas espécies distintas. *Beania americana* difere de *Beania hirtissima* pelo tamanho dos autozoóides (menores em *Beania americana*), número e disposição dos espinhos periopésiais, e número de espinhos orais (VIEIRA; MIGOTTO, WINSTON, 2010).

Distribuição. Atlântico Ocidental: Estados Unidos, Golfo do México, Porto Rico, Bermudas e Brasil (VIEIRA; MIGOTTO, WINSTON, 2010). No Brasil, *Beania americana* é relatada para o Paraná, São Paulo, Bahia e Alagoas (VIEIRA; NASCIMENTO; ALMEIDA, 2018). Na Bahia, ocorre em toda a costa, desde o entremarés até 35 metros de profundidade, sobre algas, outros briozoários, corais e hidrozoários.

***Beania australis* Busk, 1852b**

(Figura 54C,D)

Beania australis Busk, 1852b: 32, pl. 16, fig. 1–3.

Beania australis: Vieira; Migotto; Winston, 2010: 3, figs. 2–4, 18 (sin. cum.); Almeida et al., 2015a: 3; Souza & Almeida, 2017: 265.

Material examinado. Apêndice A.

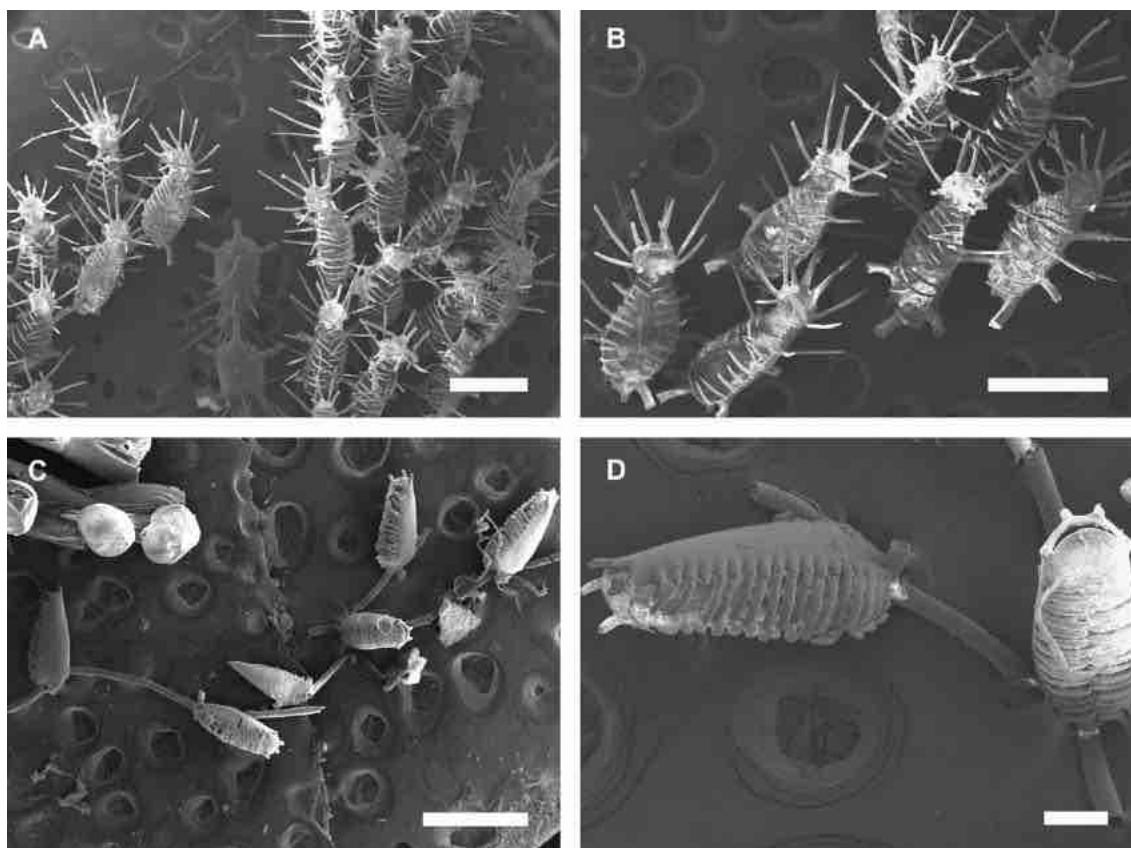
Descrição. Colônia uniserial, raramente com ramos laterais. Autozoóides em forma de barco, suberetos (Lz = 0,501–0,564 mm; lz = 0,124–0,172 mm), porção erguida tubular e tubo conectivo longo (0,040 mm de diâmetro); 1–3 tubos conectivos basais. Área opercular circular (0,083–0,093 mm de comprimento; 0,087–0,112 mm de largura), dois pares de espinhos distais. Opésia com 10–19 pares de espinhos periopésiais, arqueados sobre a membrana frontal. Aviculários e ovicelos ausentes.

Comentários. *Beania australis* é caracterizada pelas colônias uniseriais, autozoóides com área opercular com dois pares de espinhos distais e com 10–19 pares de espinhos periopesiaais. Entre as espécies de *Beania* conhecidas para a Bahia, esta é a única que possui colônias uniseriais (*Beania americana* e *Beania correiae* possuem colônias multiseriais reticuladas).

Originalmente descrita para o Cabo da Boa Esperança, espécimes de *Beania australis* do Brasil foram estudados por Vieira; Migotto; Winston (2010), que forneceram discussões taxonômicas a respeito de sua morfologia e distinção de outras espécies do gênero.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil, Patagonia e Cabo da Boa Esperança (VIEIRA; MIGOTTO, WINSTON, 2010). No Brasil, *Beania australis* é relatada para São Paulo, Espírito Santo, Bahia e Alagoas (VIEIRA; NASCIMENTO; ALMEIDA, 2018). Na Bahia, ocorre na Costa dos Coqueiros e Costa do Descobrimento, entre 0–34 metros, sobre algas, outros briozoários, grãos de cascalho, hidrozoários e nódulos calcários.

Figura 54. A, B, *Beania americana* (UFBA 3024); C, D, *Beania australis* (UFBA 116). A, C, aspecto geral da colônia; B, D, detalhe dos autozoóides mostrando espinhos frontais e tubos conectivos basais. Escalas: A, B, C = 500 µm; D = 100 µm.



Fonte: O autor (2018).

***Beania correiae* Vieira, Migotto & Winston, 2010**

(Figura 55A,B)

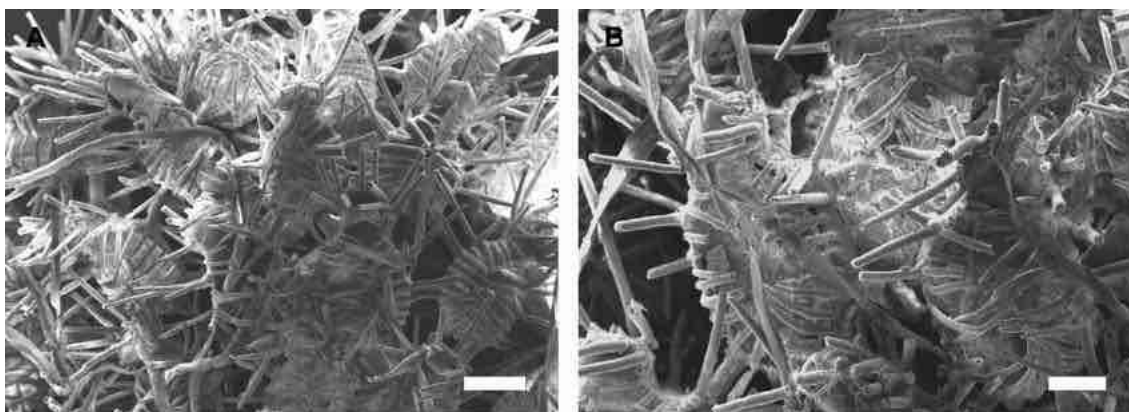
Beania correiae Vieira, Migotto & Winston, 2010: 11, figs. 16, 17, 25.**Material examinado.** Apêndice A.

Descrição. Colônia multiserial, reticulada. Autozoóides em forma de barco, ovais em vista frontal ($Lz = 0,449\text{--}0,531$ mm; $lz = 0,226\text{--}0,269$ mm), área opercular oval distinta ($0,108\text{--}0,136$ mm de comprimento; $0,108\text{--}0,150$ mm de largura); zoóides unidos entre si por 6 processos tubulares e fixos no substrato por rizóides tubulares. Área opercular com 8 espinhos longos, e cinco espinhos obliquamente direcionados para fora. Opésia com 14–20 pares de espinhos periopésiais, arqueados sobre a membrana frontal. Alguns espinhos longos direcionados para fora da opésia. Aviculários e ovicelos ausentes.

Comentários. Assim como *Beania americana*, *Beania correiae* também apresenta colônias reticuladas. Essas espécies são distintas pela organização dos espinhos orais (8–10 espinhos orais em *Beania americana* e 8 orais e 5 espinhos obliquamente direcionados para fora em *Beania correiae*) e número de espinhos periopésiais (9–13 pares em *Beania americana* e 14–20 pares em *Beania correiae*).

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (VIEIRA; MIGOTTO, WINSTON, 2010; presente estudo). Conhecida apenas para Alagoas, *Beania correiae* já foi relatada sobre rochas, conchas e outros briozoários (VIEIRA; MIGOTTO, WINSTON, 2010). Na Bahia, ocorre desde o entremarés até 26 metros de profundidade na Costa do Coqueiros, sobre outros briozoários, rodolitos, grãos de cascalho e nódulos calcários. Este é o primeiro registro da espécie para a Bahia.

Figura 55. A, B, *Beania correiae* (UFBA 3432). A, aspecto geral da colônia; B, detalhe dos autozoóides mostrando espinhos frontais e operculares. Escalas: A = 200 μm ; B = 100 μm .



Fonte: O autor (2018).

4.16 Família Bugulidae Gray, 1848

Diagnose. Colônia ereta ou rastejantes, ramificada, não articulada, unilaminar, presa no substrato através de rizoides basais. Autozoóides alongados, dispostos lado a lado no ramo. Paredes laterais fracamente calcificadas; superfície frontal amplamente membranosa, geralmente com espinhos marginais. Aviculários, quando presentes, pedunculados, em forma de cabeça-de-ave. Ovicelos hiperestomiais ou pedunculados, ooécio caloporiforme com ectooécio total ou parcialmente calcificado (HAYWARD; RYLAND, 1998; OSTROVSKY, 2013).

Gênero *Bugula* Oken, 1815

Diagnose. Colônia ereta ou rastejante, formada por ramos bifurcados bisserialmente. Autozoóides alongados com paredes basais e laterais fracamente calcificadas e ampla superfície frontal. Aviculários pedunculados laterais, monomórficos, dispostos nas bordas proximais ou distais dos autozoóides. Ovicelo esférico, pedunculado; ectooécio totalmente calcificado. Bifurcação de dois tipos: tipo 4 (zoóide axilar não imerso proximalmente no entrenó) e tipo 3 modificado (zoóide axilar imerso até região proximal no entrenó com processo conectivo) (FEHLAUER-ALE et al., 2015).

***Bugula gnoma* Vieira, Winston & Fehlaue-Ale, 2012**

(Figura 56A,B)

Bugula gnoma Vieira, Winston & Fehlaue-Ale, 2012: 14, figs. 7D, 9A–D.

Bugula uniserialis: Almeida et al., 2015a: 3 (sin. nov.); Souza & Almeida, 2017: 265 (sin. nov.).

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia ereta, dispostas rentes ao substrato, fracamente calcificada, ramificada, . Ramos biserialmente alternados, mas com aparência uniserial. Autozoóides subretangulares, alongados ($Lz = 0,421–0,519$ mm; $lz = 0,103–0,135$ mm), bordas distais terminando em pequenas projeções ponteagudas. Opesia oval ($Lopa = 0,274–0,328$ mm; $lopa = 0,073–0,111$ mm), ocupando mais que dois terços do comprimento do zoóide. Gimnocisto liso, colocado na porção proximal do zoóide. Aviculários pedunculados, laterais, monomórficos, fixos em pequenos pedúnculos na extremidade proximal externas dos zoóides; corpo do aviculário globular, pequenos, ($Lav = 0,067–0,085$ mm; $lav = 0,039–0,050$ mm), terminação do rostro em forma de gancho. Ovicelo hiperestomial ($Lov = 0,135–0,173$ mm; $lov = 0,125–0,161$ mm), colocado nas margens internas dos autozoóides; ooécio caloporiforme, globular, totalmente calcificado.

Comentários. *Bugula gnoma* é caracterizada pelo tamanho das colônias (pequenas quando comparadas com outras espécies do gênero e dispostas rentes ao substrato), e pelo tamanho do aviculário, que é menor do que todas as congêneres (VIEIRA; WINSTON; FEHLAUER–ALE, 2012).

Na Bahia, *Bugula gnoma* foi previamente identificada como *Bugula uniserialis* Hincks, 1884, espécie originalmente descrita para Austrália. Registros de *Bugula uniserialis* para o Brasil foram revisados por Vieira; Winston; Fehlaue–Ale (2012) que verificaram diferenças morfológicas entre o material do Brasil e da Austrália e determinaram que *Bugula uniserialis* não está presente no litoral brasileiro.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (VIEIRA; WINSTON; FEHLAUER–ALE, 2012). Descrita para Alagoas, no Brasil, *Bugula gnoma* é encontrada sobre algas pelágicas do gênero *Sargassum* (VIEIRA; WINSTON; FEHLAUER–ALE, 2012). Na Bahia, ocorre na Costa dos Coqueiros e Baía de Todos os Santos, desde o entremarés até 20 metros de profundidade, exclusivamente sobre algas.

***Bugula neritina* (Linnaeus, 1758)**

(Figura 56C,D)

Sertularia neritina Linnaeus, 1758: 815.

Bugula neritina: Vieira, Migotto, Winston, 2008: 15 (sin. cum.); Almeida et al., 2015a: 3; Souza & Almeida, 2017: 265; Miranda et al., 2018: Apêndice A, 5 (sin. cum.).

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia de coloração vermelha ou lilás (*in vivo*), ereta, levemente calcificadas, bifurcadas. Ramos biserialis com zoóides alternados. Autozoóides retangulares, alongados (Lz = 0,798–0,976 mm; lz = 0,170–0,281 mm), borda distal externa formando projeção pontiaguda. Opésia ocupando praticamente todo o comprimento do zoóide. Calcificação frontal inconspícua. Aviculários e espinhos ausentes. Ovicelo pedunculado (Lov = 0,228–0,265 mm; lov = 0,235–0,303 mm); ooécio caloporiforme, globular, totalmente calcificado.

Comentários. *Bugula neritina* é diferenciada das outras espécies do gênero pelos ramos biserialis formados por autozoóides retangulares, alongados e alternados, sem aviculários e espinhos, apresentando um ovicelo globular pedunculado.

Distribuição. Cosmopolita em águas quentes e subtropicais (RYLAND et al., 2011; FEHLAUER–ALE et al., 2015). *Bugula neritina* é parte de um complexo de espécie crípticas amplamente relatadas em áreas portuárias no mundo. Geralmente encontrado na

comunidade de *fouling*, ocorre em todo tipo de substrato natural e artificial (RYLAND et al., 2011; FEHLAUER-ALE et al., 2015; MIRANDA; ALMEIDA; VIEIRA, 2018). No Brasil, foi relatada para Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia (VIEIRA; NASCIMENTO; ALMEIDA, 2018). Na Bahia, é comum desde o entremarés até o infralitoral (50 metros de profundidade) da Costa dos Coqueiros e Baía de Todos os Santos. Habita rodolitos, grãos de cascalho e nódulos calcários, sendo a espécie de *Bugula* mais comum da costa da Bahia.

Gênero *Bugulina* Gray, 1848

Diagnose. Colônia ereta, formada por ramos biseriais ou multiseriais, bifurcados. Autozoóides alongados com paredes basais e laterais levemente calcificadas; superfície frontal amplamente membranosa. Aviculários pedunculados colocados na margem lateral dos autozoóides. Aviculários dimórficos, maiores nos zoóides mais externos do ramo; aviculários por vezes ausentes nos autozoóides. Ovicelo hiperestomial; ectooécio membranoso distalmente, região membranosa frontal ou proximal. Colônias bisseriais com bifurcação do tipo 5 (superfície abfrontal do zoóide axial quase completamente imerso na bifurcação) (FEHLAUER-ALE et al., 2015).

***Bugulina stolonifera* (Ryland, 1960)**

(Figura 56E,F)

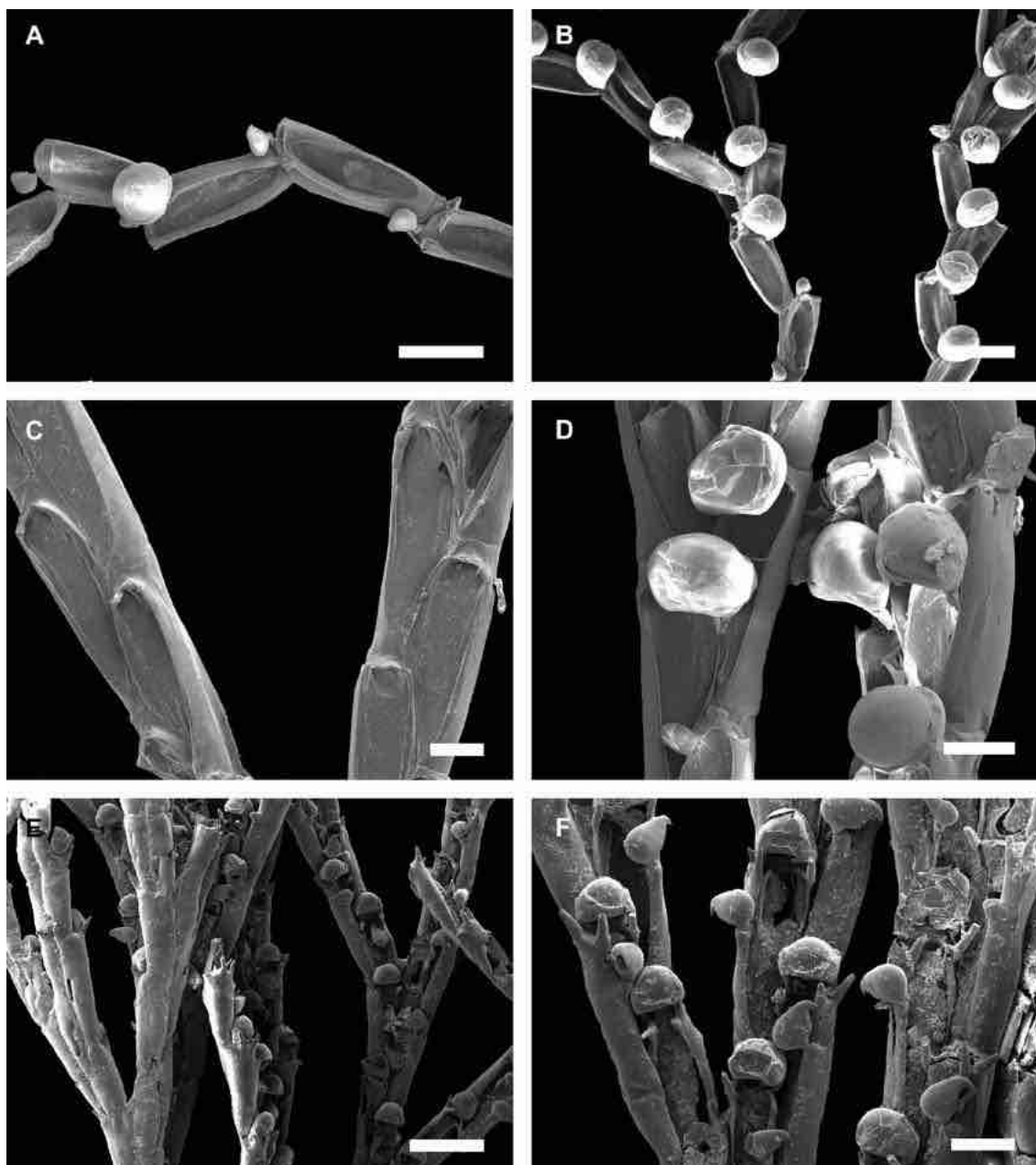
Bugula stolonifera Ryland, 1960: 78, figs. 1B, 2G, 6A–E, pl. 1C, 3A, B.

Bugulina stolonifera: Almeida et al., 2015a: 3; Miranda et al., Apêndice A: 5 (sin. cum.).

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia ereta, delicada, ramificada. Ramos biseriais, exceto na região axial da bifurcação (bifurcação do tipo 5). Autozoóides retangulares, alongados ($Lz = 0.517\text{--}0.706$ mm; $lz = 0.127\text{--}0.196$ mm) e com três espinhos distais (dois na margem externa e um na margem interna); zoóide axial com dois espinhos orais. Opésia ampla, oval ($Lopa = 0.510\text{--}0.598$ mm; $lopa = 0.101\text{--}0.133$ mm). Aviculários pedunculados, lateralmente posicionais no terço distal do autozoóide, dimórficos ($Lav1 = 0.155\text{--}0.178$ mm; $lav1 = 0.098\text{--}0.0124$ mm); zoóides axiais com aviculário menor que zoóides marginais. Ovicelo hiperestomial ($Lov = 0.114\text{--}0.152$ mm; $lov = 0.139\text{--}0.180$); ooécio globular colocado distalmente no autozoóide e com ectooécio distalmente membranoso.

Figura 56. A, B, *Bugula gnoma* (UFBA 3429); C, D, *Bugula neritina* (UFBA 702); E, F, *Bugulina stolonifera* (UFBA 700). A, C, E, aspecto geral de porção da colônia; B, D, F, detalhe dos autozoóides, aviculários ovicelos. Escalas: A, C, D, F = 200 μ m; B = 250 μ m; E = 500 μ m.



Fonte: O autor (2018).

Comentários. *Bugulina stolonifera* é caracterizada pelos ramos bisseriais, autozoóides com um par de espinhos na borda distal mais externa e espinho único na borda mais interna, aviculários pedunculados distolaterais e ovicelo com ectooécio calcificado lateral e medianamente.

Até recentemente, *Bugulina* era considerado sinônimo de *Bugula*, mas dados moleculares e morfológicos (i.e. a presença de colônias com ramos multiseriais, ooécio com ectooécio parcialmente calcificado e aviculários dimórficos) permitiram o

reestabelecimento do gênero (FEHLAUER-ALE et al., 2015). Dessa maneira, o gênero *Bugula* foi redefinido para incluir apenas colônias com ramos bisseriais, aviculário monomórfico e ooécio pedunculado e totalmente calcificado (FEHLAUER-ALE et al., 2015).

Distribuição. Cosmopolita em águas quentes (MIRANDA et al. 2018). Originalmente descrita para o Atlântico Oriental, *Bugulina stolonifera* é uma espécie relatada para zonas portuárias de todo o mundo, especialmente em águas quentes (MIRANDA et al. 2018). No Brasil, é considerada exótica, relatada para o Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro. Trata-se de uma habitante de substratos naturais e artificiais com população estabelecida na costa do país (MIRANDA et al. 2018). Na Bahia, ocorre desde o entmarés até 20 metros de profundidade da Costa dos Coqueiros e Baía de Todos os Santos, sendo comum sobre rodolitos e nódulos calcários.

Gênero *Caulibugula* Verrill, 1900

Diagnose. Colônia delicada, ereta, formada por ramos bisseriais, bifurcados, presos lateral e distalmente sobre longos cenozoóides (caules). Autozoóides alongados, bisseriais, alternados e com paredes basais e laterais levemente calcificadas; superfície frontal amplamente membranosa. Espinhos distais presentes. Aviculários pedunculados laterais, monomórficos, colocados nos bordos proximais ou distais dos autozoóides. Ovicelo esférico, pedunculado; ectooécio totalmente calcificado (VERRILL, 1900).

***Caulibugula armata* Verrill, 1900**

(Figura 57A–C)

Caulibugula armata Verrill, 1900: 593.

Caulibugula armata: Osburn, 1940: 393 (em parte); Almeida et al., 2015a: 3; Souza & Almeida, 2017: 265.

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônias eretas, delicadas, ramificadas, fixa por longos cenozoóides tubulars. Ramos bisseriais de autozoóides alternados dispostos no ramo. Autozoóides alongados ($Lz = 0.371\text{--}0.541$ mm; $lz = 0.115\text{--}0.142$ mm), levemente curcados para fora e estreitos proximalmente. Opésia larga ($Lopa = 0.295\text{--}0.391$ mm; $lopa = 0.099\text{--}0.130$ mm), subretangular, mais estreita proximalmente que distalmente. Autozoóides com dois espinhos distais externos e um espinho interno; primeiros zoóides da colônia com 5–6 espinhos periopesiais. Gimnocisto proximal curto e liso. Aviculário em forma de cabeça-de-ave ($Lav = 0.071\text{--}0.130$ mm; $lav = 0.046\text{--}0.060$ mm), colocados na região externa

proximal do autozoóide, presos por pedúnculo tubular pouco desenvolvido. Ovicelo hiperestomial ($Lov = 0.084-0.100$ mm; $lov = 0.107-0.121$).

Comentários. *Caulibugula armata* é caracterizada pelas colônias eretas em forma de leque, primeiros zoóides da colônia com 5–6 espinhos bordeando a opésia, e aviculários com pedúnculo pouco desenvolvido, dispostos proximalmente na parede lateral externa dos autozoóides.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Estados Unidos até o Brasil (ALMEIDA et al., 2015a; WINSTON, 2009). Descrita originalmente para o Caribe, *Caulibugula armata* já foi relatada para diversas localidades do Atlântico Ocidental, vivendo sobre raízes de mangues, esponjas, corais e pilares (OSBURN, 1940). No Brasil, só é conhecida para a Bahia, ocorrendo na Costa dos Coqueiros, Baía de Todos os Santos, Costa do Dendê e Costa das Baleias, entre 10 e 50 metros de profundidade, sobre outros briozoários, nódulos calcários e rodolitos.

***Caulibugula dendrograpta* (Waters, 1913)**

(Figura 57D–F)

Stirparia dendrograpta Waters, 1913: 470,

Caulibugula dendrograpta: Maturo, 1966: 574, fig. 14 (sin. cum.); Vieira, Migotto, Winston, 2008: 17 (sin. cum.).

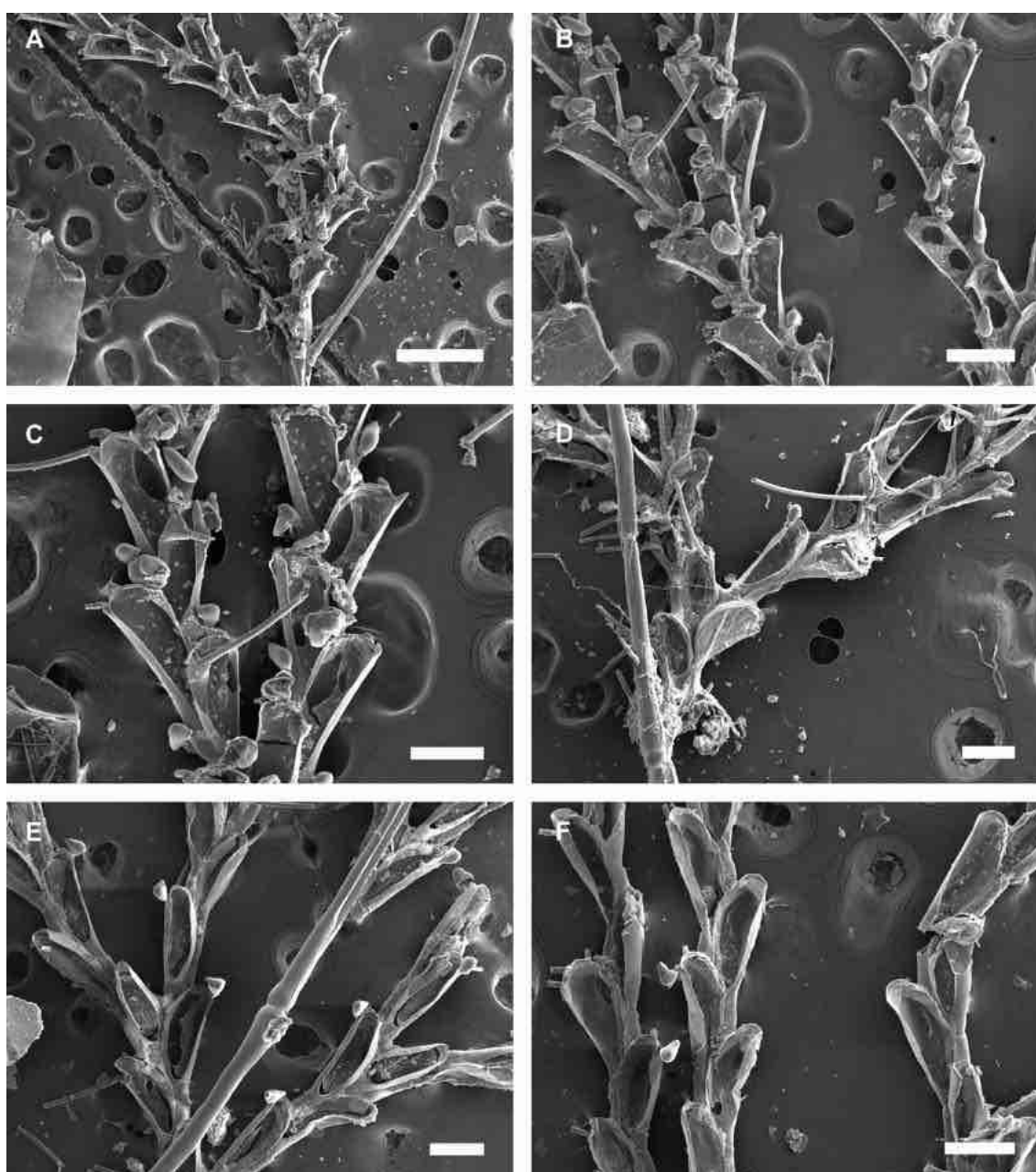
Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônias eretas, delicadas, ramificadas, fixa por longos cenozoóides tubulares. Ramos bisseriais de autozoóides alternadamente dispostos. Autozoóides subretangulares, alongados ($Lz = 0.425-0.511$ mm; $lz = 0.109-0.139$ mm), curvados para fora e estreitos proximalmente. Opésia larga ($Lopa = 0.270-0.363$ mm; $lopa = 0.072-0.113$ mm), elíptica, mais estreita proximal que distalmente. Autozoóides com dois espinhos distais externos e um espinho interno, ocasionalmente com um espinho distal na parede abfrontal; primeiros zoóides da colônia com 8 espinhos periopesiais. Gimnocisto liso proximal curto. Aviculário pedunculado em forma de cabeça-de-ave ($Lav = 0.064-0.078$ mm; $lav = 0.034-0.055$ mm), colocados na margem externa distal dos autozoóides, presos por pedúnculo pouco desenvolvido. Ovicelo hiperestomial ($Lov = 0.109-0.130$ mm; $lov = 0.117-0.156$; $n = 5$); ooécio com ectooécio totalmente calcificado.

Comentários. No Brasil, *Caulibugula dendrograpta* havia sido registrada apenas para São Paulo (MARCUS, 1938a, 1941b) e sua ocorrência era considerada duvidosa (MIRANDA; ALMEIDA; VIEIRA, 2018). Espécimes de *Caulibugula dendrograpta* de

São Paulo já foram confundidos com *Caulibugula armata* (MARCUS, 1938a; 1941b; OSBURN, 1940; VIEIRA; MIGOTTO; WINSTON, 2008). Entretanto, estas espécies podem ser diferenciadas pelo número de espinhos opesiaais nos primeiros zoóides da colônia (8 em *Caulibugula dendrograpta* e até 6 em *Caulibugula armata*) e tamanho e posição do aviculário pedunculado, que é menor e colocado distalmente em *Caulibugula dendrograpta* e maior e fixo proximalmente em *Caulibugula armata*.

Figura 57. A–C, *Caulibugula armata* (UFBA 1776); D–F, *Caulibugula dendrograpta* (UFBA 1772). A, D, aspecto geral de porção da colônia com caule e primeiros zoóides da colônia; B, E, detalhe dos autozoóides e aviculários; C, F, autozoóides, aviculários e ovicelos. Escalas: A, C, D, F = 200 μ m; B = 250 μ m; E = 500 μ m.



Fonte: O autor (2018).

Distribuição. Amplamente distribuída em águas quentes (MATURO, 1966). Apesar de descrita originalmente para Tanzânia, no Oceano Índico, *Caulibugula dendrograpta* já foi registrada em localidades, incluindo os oceanos Pacífico (China) e Atlântico (Florida) (GORDON, 2016; MATURO, 1966). Os espécimes da Bahia compartilham todas as características estabelecidas na descrição original (WATERS, 1913). Estudos integrativos parecem ser necessários para estabelecer a identidade e distribuição das diferentes populações de *Caulibugula dendrograpta*. No Brasil, *Caulibugula dendrograpta* ocorre sobre esponjas, crustáceos, fundos coralíneos e em conchas (MARCUS 1938a). Na Bahia, ocorre sobre nódulos calcários da Costa dos Coqueiros e Baía de Todos os Santos, entre 10 e 20 metros de profundidade.

Gênero *Virididentula* Fehlaue-Ale, Winston, Tilbrook, Nascimento & Vieira, 2015

Diagnose. Colônia ereta, de coloração que varia de verde, azul ou violeta, ramificada bisserialmente. Autozoóides alongados com paredes basais e laterais levemente calcificadas; superfície frontal ampla direcionada para a revião axial dos ramos. Espinhos articulados distais presentes em todos os zoóides. Aviculários pedunculados, colocados na margem lateral do autozoóide. Aviculários dimórficos podem estar presentes. Ovicelo hiperestomial; ectooécio com ampla área membranosa frontal. Padrão de bifurcação do tipo 4 (zoóide axilar não imerso proximalmente na bifurcação) (FEHLAUER-ALE et al., 2015).

***Virididentula dentata* (Lamouroux, 1816)**

(Figura 58A–C)

Acamarchis dentata Lamouroux, 1816: 135, pl. 3, figs. 3a, b.

Virididentula dentata: Fehlaue et al., 2015: 9, fig. S4; Ramalhosa; Souto; Sanning-Clode, 2016: 11, fig. 9 (sin. cum.); Miranda et al., 2018: Apêndice A, 11 (sin. cum.).

Material examinado. Apêndice A.

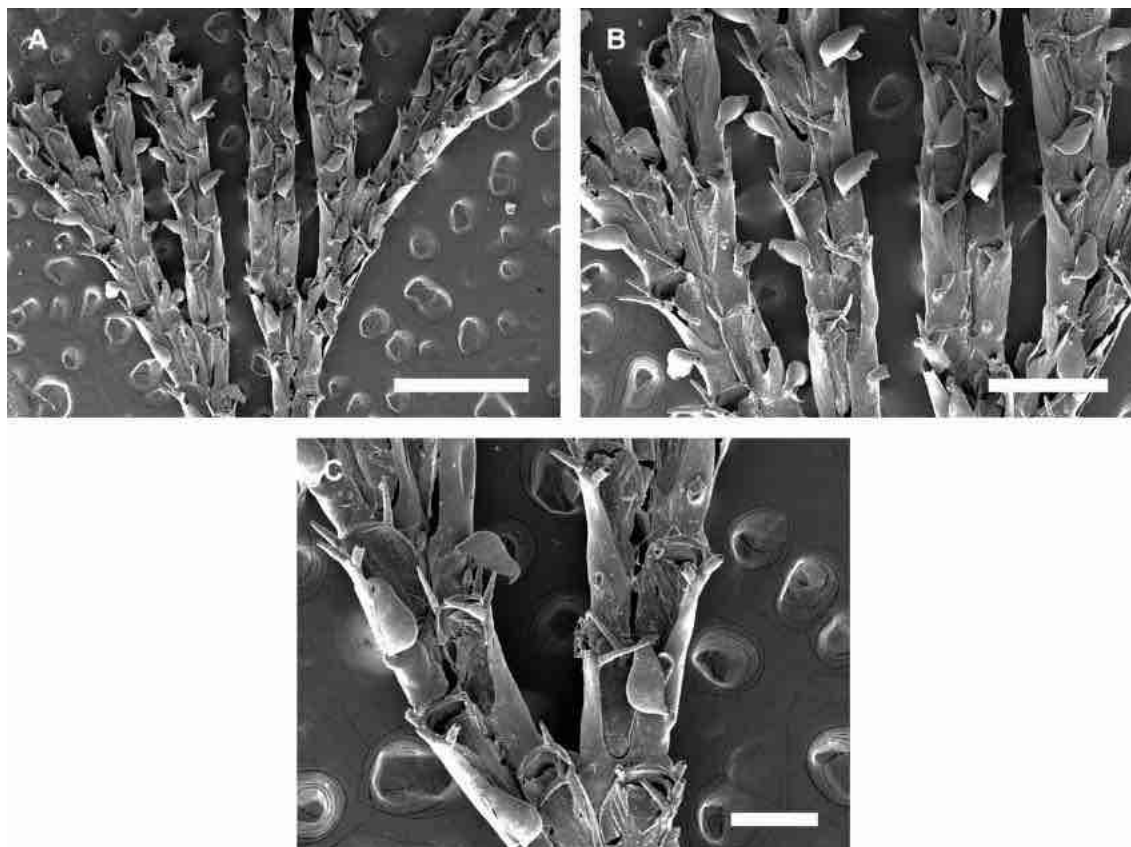
Descrição. Colônia verde ou azulada *in vivo*, ereta, delicada, e regularmente ramificada. Autozoóides dispostos bisserialmente no ramo, exceto na região do zoóide axial do ramo (bifurcação do tipo 4). Autozoóides retangulares, alongados ($Lz = 0.554\text{--}0.658$ mm; $lz = 0.144\text{--}0.206$ mm) e com 4 espinhos distais (três externos e 1 interno); zoóide axial com 3 espinhos distais. Opésia oval, ampla ($Lopa = 0.362\text{--}0.499$ mm; $lopa = 0.111\text{--}0.176$ mm). Gimnocisto proximal curto e liso. Aviculários pedunculados colocados no terço proximal

externo do autozoóides; região distal do rostro em forma de gancho, monomórficos ($Lav = 0.185\text{--}0.241\text{ mm}$; $lav = 0.073\text{--}0.107\text{ mm}$). Ovicelo não observado.

Comentários. *Virididentula dentata* é reconhecida pelas colônias eretas delicadas verde a cinza (*in vivo*) formadas por autozoóides com 4 espinhos distais, sendo 3 externos e 1 interno, e aviculários pedunculados bem desenvolvidos, monomórficos, pedúnculo curto e colocados proximalmente na parede lateral externa dos autozoóides.

Virididentula dentata é amplamente relatada em diferentes oceanos (e.g., FEHLAUER-ALE et al. 2015; MIRANDA; ALMEIDA; VIEIRA, 2018; RAMALHOSA; SOUTO; CANNING-CLODE, 2016), porém as variações morfológicas e análises moleculares sugerem que a espécie é parte de um complexo de espécies (FEHLAUER-ALE et al. 2015).

Figura 58. A–C, *Virididentula dentata* (UFBA 3431). A, D, aspecto geral da colônia; B, detalhe dos autozoóides e aviculários; C, detalhe dos autozoóides mostrando espinhos distais. Escalas: A = 1 mm; B = 500 μm ; C = 250 μm .



Fonte: O autor (2018).

Distribuição. Amplamente distribuído nos Oceanos Atlântico, Indo-Pacífico e no Mar Mediterrâneo (FEHLAUER-ALE et al. 2015; MIRANDA; ALMEIDA; VIEIRA, 2018). Descrita originalmente para o Indo-Pacífico, *Virididentula dentata* é relatada

globalmente, porém estudos recentes revelaram que a espécie é parte de um complexo de espécies (FEHLAUER-ALE et al. 2015). No Brasil, *Virididentula dentata* ocorre em substratos naturais e artificiais como rochas e concreto (MIRANDA; ALMEIDA; VIEIRA, 2018). É relatada para Santa Catarina, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Bahia e Pernambuco (VIEIRA; NASCIMENTO; ALMEIDA, 2018). Na Bahia, ocorre na Costa dos Coqueiros e Costa do Dendê, de 10 a 20 metros de profundidade, sobre grãos de cascalho e nódulos calcários.

4.17 Família Candidae d'Orbigny, 1851

Diagnose. Colônia ereta e ramificada, articulada, unilaminar, presa no substrato por rizóides. Autozoóides uni, bi ou multiseriamente dispostas no ramo. Calcificação frontal com criptocisto e gimnocisto de desenvolvimento variável. Espinhos marginais e escudo opesia geralmente presentes. Aviculários adventícios sésseis ou pedunculados, e vibraculários abfrontais geralmente presentes. Aviculários dimórficos podem estar presentes. Ovicelos hiperestomiais, ooécio com ectooécio total ou parcialmente calcificado (HAYWARD; RYLAND, 1998; OSTROVSKY, 2013).

Gênero *Caberea* Lamouroux, 1816

Diagnose. Colônia ereta, ramificada, rígida, em forma de leque, presa no substrato por vários rizóides. Ramos com uma ou mais series de zoóides alternados, regularmente bifurcados. Autozoóides com opesia ampla, geralmente coberta por escudo opesia; espinhos não ramificados distais geralmente presentes. Aviculários adventícios sésseis ou pedunculados, geralmente colocados proximalmente ou lateralmente nos autozoóides. Aviculários dimórficos em poucas espécies. Câmara vibracular bem desenvolvida, ocupando a maior parte da superfície abfrontal do ramo; vibráculo com seta longa e serreada. Ovicelo hiperestomial; ectooécio tipicamente com área membranosa frontal. (HAYWARD; RYLAND, 1998).

***Caberea boryi* (Audouin, 1826)**

(Figura 59A–D)

Crisia boryi Audouin, 1826: 242.

Caberea boryi: Vieira, Migotto, Winston, 2008: 18 (sin. cum.); Almeida et al., 2015a: 3.

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia ereta, ramificada, em forma de leque, presa no substrato por rizóides. Ramos com autozoóides bisserialmente dispostos, exceto na região da bifurcação (trisserial). Autozoóides subretangulares ($Lz = 0.282\text{--}0.382$ mm; $lz = 0.097\text{--}0.150$ mm). Opésia ocupando cerca de metade do comprimento do zoóide ($Lopa = 0.143\text{--}0.181$ mm; $lopa = 0.054\text{--}0.074$ mm); escudo desenvolvido, inserido na margem interna mediana da opésia, grande e assimétrico ($0.078\text{--}0.126$ mm), margem distal truncada e proximal arredondada, cobrindo toda a região da membrana frontal; 2–3 espinhos longos colocados nos bordos distais laterais autozooidais, podendo ser 2 mais internos e 1 mais externo ou 1 mais externo e 3 mais internos; dois espinhos nos zoóides ovicelados. Criptocisto liso, bem desenvolvido proximalmente, e pouco desenvolvido lateralmente; gimnocisto liso, proximal, ocupando cerca de $\frac{1}{4}$ do comprimento total do zoóide. Aviculários adventícios sésseis colocados em câmaras calcificadas bem desenvolvidas na lateral mediana ou proximalmente no autozoóide, geralmente adjacente ao bordo proximal da opésia ou acima do ovicelo; rostro subtriangular em vista frontal ($Lav = 0.029\text{--}0.051$ mm; $lav = 0.023\text{--}0.031$ mm), margens laterais serreadas. Câmara vibracular abfrontal ocupando grande parte da região basal dos autozoóides; seta vibracular longa e com margens serreadas. Ovicelo hiperestomial ($Lov = 0.121\text{--}0.143$ mm; $lov = 0.135\text{--}0.192$ mm); ooécio caloporiforme, subglobular, ectooécio com fenestra frontal proximal irregular a semicircular.

Comentários. Não foram observadas diferenças morfológicas entre os espécimes do Brasil e aqueles do Mar Mediterrâneo, sendo ambos caracterizados pela presença colônias com ramos bisseriais, autozoóides com escudo opesial amplo e em forma de cogumelo, aviculário com rostro subtriangular, vibraculário com seta longa com margens serrilhadas e ovicelo com ectooécio com fenestra frontal proximal irregular a semicircular. No Brasil, *Caberea boryi* foi primeiramente relatada por Marcus (1941) com base em espécimes coletados sobre rochas na Baía de Santos, São Paulo. Este autor chama a atenção que os espécimes estudados foram coletados próximos a rota marítima do porto de Santos, o que poderia indicar uma introdução na costa brasileira (MARCUS, 1941). Entretanto, estudos mais detalhados da morfologia zoecial (até então ausentes) podem indicar que *Caberea boryi* compreende um complexo de espécies, como recentemente discutido para outras espécies de Candidae (VIEIRA; SPENCER JONES; WINSTON, 2013b).

Distribuição. Amplamente distribuída no Mar Mediterrâneo e Atlântico Oriental com registros para o Atlântico Ocidental, Mar Vermelho e Indo-Pacífico (HAYWARD;

MCKINNEY, 2002). Descrita originalmente para o Mar Mediterrâneo, *Caberea boryi* possui diversos registros em águas do Atlântico Norte e Sul, Mar Vermelho e Indo-Pacífico (HAYWARD; MCKINNEY, 2002; MARCUS, 1941). Na Bahia, *Caberea boryi* ocorre na Costa dos Coqueiros e Baía de Todos os Santos, áreas onde outras espécies exóticas e criptogênicas já foram relatadas (ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017; MIRANDA et al. 2018).

Gênero *Canda* Lamouroux, 1816

Diagnose. Colônia ereta, articulada, ramificada dicotomicamente. Ramos adjacentes unidos por cenozoóides abfrontais (rizoides). Ramos bisseriais de zoóides alternados, dispostos lado a lado. Criptocisto bem desenvolvido; gimnocisto ausente. Autozoóides geralmente com escudo opesia e espinhos distais. Aviculários adventícios sésseis, raramente pedunculados, frontais ou ausentes. Aviculários dimórficos raramente presentes. Câmara vibracular bem desenvolvida e com abertura vibracular curvada; vibráculo com seta longa e curva. Ovicelo hiperestomial; ectooécio com área frontal membranosa (GORDON, 1984).

***Canda alsia* Winston, Vieira & Woollacott, 2014**

(Figura 59C,D)

Canda alsia Winston, Vieira & Woollacott, 2014: 164, figs. 15, 16.

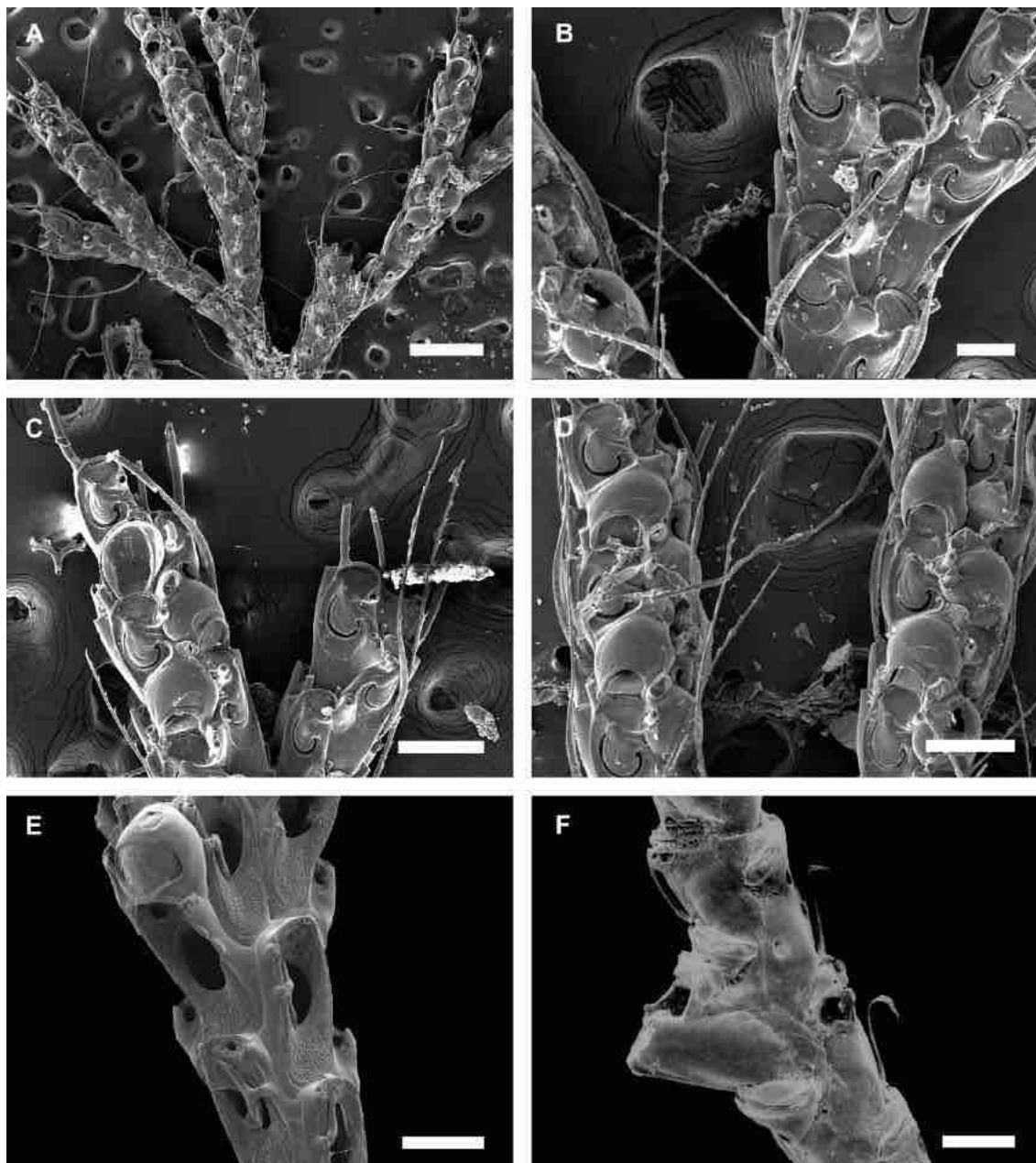
Canda alsia: Almeida et al., 2017: 293, figs. 29 (sin. cum.); Souza & Almeida, 2017: 265.

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia ereta delicada, ramificada, presa no substrato através de rizóides. Ramos coloniais conectados por cenozoóides tubulares. Ramos bisseriais de autozoóides subretangulares ($Lz = 0,421\text{--}0,486$ mm; $lz = 0,107\text{--}0,163$ mm). Opésia assimétrica, ocupando cerca de metade do comprimento do zoóide ($Lopa = 0,233\text{--}0,273$ mm; $lopa = 0,109\text{--}0,132$ mm); escudo unido na região medianda da opésia, assimetricamente desenvolvido e em forma de cogumelo; região distal com único espinho distal externo. Criptocisto bem desenvolvido proximalmente, granuloso. Aviculário adventício pequeno por vezes presente, subtriangular, colocado abaixo do espinho oral (ausente no material estudado). Câmara vibracular na superfície abfrontal dos zoóides, ocupando grande da superfície abfrontal e com abertura curvada; seta vibracular curta, atingindo o zoóide distal, e curva. Ovicelo hiperestomial ($Lov = 0,258\text{--}0,266$ mm; $lov = 0,209\text{--}0,219$ mm; $n = 2$); ooécio subglobular e com fenestra ectooecial subcircular.

Comentários. *Canda alsia* é distinta de todas as congêneres pelos autozoóides subretangulares, opésia assimétrica coberto por escudo em forma de cogumelo colocado medialmente, espinho distal único e ovicelo com fenestra subcircular.

Figura 59. A–D, *Caberea boryi* (UFBA 2198); E, F, *Canda alsia* (UFBA 1192 e UFBA 263). A, aspecto geral da colônia; B, detalhe dos autozoóides com escudo opesial e aviculários; C, detalhe dos autozoóides mostrando escudo opesial e espinhos distais; D, grupo de zoóides ovicelados; E, autozoóides, zoóide ovicelado e escudo opesial; F, superfície basal com câmaras vibraculares. Escalas: A = 500 μm ; B = 100 μm ; C, D, E, F = 200 μm .



Fonte: O autor (2018).

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (ALMEIDA et al., 2017). Recentemente descrita por Winston; Vieira; Woollacott (2014) com base em espécimes do Rio de

Janeiro e Espírito Santo, *Canda alsia* é uma espécie considerada endêmica para o Brasil. Na Bahia, ocorre em toda a costa, desde o entremarés até 50 metros de profundidade, sobre corais, esponjas e outros briozoários e substratos artificiais (placas de PVC).

Gênero *Cradoscrupocellaria* Vieira, Spencer Jones & Winston, 2013

Diagnose. Colônia ereta, ramificada, formada por zoóides direcionados em um único plano no ramo. Ramos bisseriais de zoóides alternados. Articulações quitinosas colocadas abaixo ou sobre a opésia dos zoóide C e D da bifurcação. Criptocisto geralmente reduzido; gimnocisto moderado a bem desenvolvido. Escudo opesial e espinhos distais geralmente presentes. Aviculários adventícios sésseis, frontais ou laterais. Aviculários dimórficos ocasionalmente presentes. Câmara vibracular bem desenvolvida, subcircular a trapezoidal, forâmen rizoidal proximal; sulco setal direcionado transversalmente ao eixo do entrenó; zoóide axial com único vibráculo axial; vibráculos com seta longa e lisa. Ovicelo hiperestomial; ectooécio perfurado por poros arredondados (VIEIRA; SPENCER JONES; WINSTON, 2013b).

***Cradoscrupocellaria calypso* Vieira, Spencer Jones & Winston, 2013**

(Figura 60A, B)

Cradoscrupocellaria calypso Vieira Spencer Jones & Winston, 2013: 21, fig. 8.

Cradoscrupocellaria bertholletii: Almeida et al., 2015a: 3; Souza & Almeida, 2017: 265.

Material examinado. Apêndice A.

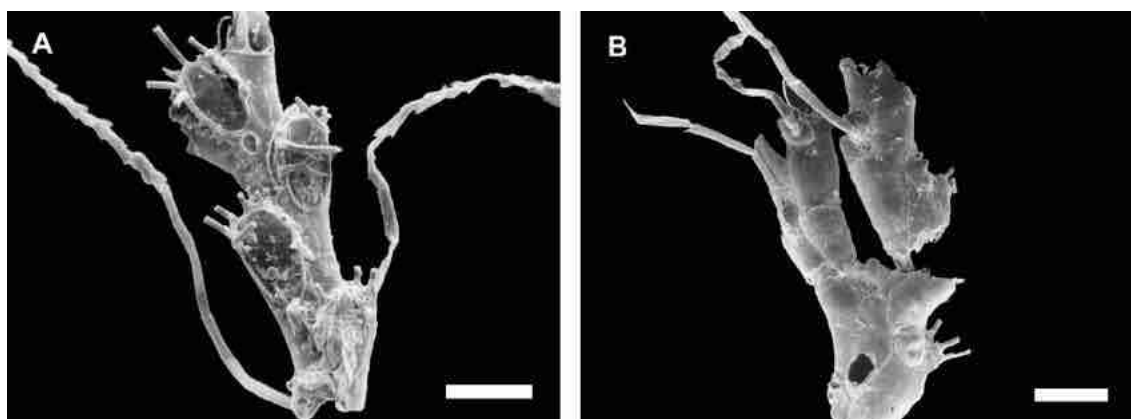
Descrição. Colônia ereta, delicada, ramificada dicotomicamente, presa no substrato por rizóides tubulares. Ramos bisseriais de autozoóides piriformes ($Lz = 0,368-0,549$ mm; $lz = 0,141-0,205$ mm). Opésia oval, ocupando metade a dois terços do comprimento do zoóide ($Lopa = 0,293-0,381$ mm; $lopa = 0,135-0,173$ mm); escudo ocasionalmente presente, fixo na margem interna mediana da opésia, bifurcado duas vezes; região distal do zoóide com 5–6 espinhos articulados. Criptocisto proximal, incospícuo, liso; gimnocisto liso, no terço proximal do zoóide. Aviculários distolaterais ausente. Aviculários adventícios frontais dimórficos: pequeno, triangular ($Lav1 = 0,049-0,074$ mm; $lav1 = 0,029-0,043$ mm); e grande, lanceolado, ponta distal em forma de gancho e margens serrilhadas ($Lav2 = 0,103-0,134$ mm; $lav2 = 0,044-0,083$ mm). Superfície abfrontal dos zoóides com vibráculos de câmara subtriangular ($Lvib = 0,100-0,119$ mm; $lvib = 0,079-0,091$ mm); seta vibracular lisa, de mesmo comprimento que um

zoóide. Ovicelo hiperestomial ($Lov = 0,146-0,179$ mm; $lov = 0,161-0,200$ mm); ooécio caloporiforme, subglobular e com ectooécio perfurado por 9–18 poros.

Comentários. Espécimes de *Cradoscrupocellaria calypso* da Bahia foram previamente identificados como *Cradoscrupocellaria bertholletii* (Audouin, 1826) (ALMEIDA et al. 2015a). O reestudo do material, entretanto, revelou diferenças entre os espécimes da Bahia e *Cradoscrupocellaria bertholletii*. As diferenças entre as duas espécies incluem: a ramificação do escudo (bifurcado duas vezes em *Cradoscrupocellaria calypso* e uma única vez em *Cradoscrupocellaria bertholletii*); aviculário adventício distolateral (ausente em *Cradoscrupocellaria calypso* e presente em *Cradoscrupocellaria bertholletii*) e rizóides (retorcidos em *Cradoscrupocellaria calypso* e lisos em *Cradoscrupocellaria bertholletii*).

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (VIEIRA; SPENCER JONES; WINSTON, 2013b). Considerada endêmica para o Brasil, *Cradoscrupocellaria calypso* foi relatada para o Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia (VIEIRA; NASCIMENTO; ALMEIDA, 2018). Na Bahia, ocorre na Costa dos Coqueiros, Baía de Todos os Santos e Costa das Baleias, sendo comum no infralitoral (18–20) sobre outros briozoários, rodolitos e corais.

Figura 60, A–D, *Cradoscrupocellaria calypso* (UFBA 259). **A,** detalhe dos autozoóides com escudo opesial e espinhos distais; **B,** superfície basal com câmaras vibraculares. Escalas: A, B = 200 μ m.



Fonte: O autor (2018).

Gênero *Licornia* van Beneden, 1850

Diagnose. Colônia ereta, ramificada, e articulada. Ramos quase retos, bisseriais de zoóides alternados. Articulações quitinosas passando sobre a opésia dos zoóides C e D na bifurcação. Autozoóides retangulares com criptocisto reduzido ou ausente; gimnocisto moderado ou bem desenvolvido na região proximal. Autozoóides por vezes com escudo opesial e espinhos distais. Aviculários adventícios sésseis, frontais ou laterais.

Aviculários dimórficos podem estar presentes. Câmara vibracular bem desenvolvida, triangular ou alongada; sulco setal direcionado obliquamente ao eixo do ramo, tipicamente ocupando cerca de dois terços ou mais do comprimento da câmara vibracular; vibráculo axial único; seta longa. Ovicelo hiperestomial; ectooécio perfurado por vários poros arredondados (VIEIRA; SPENCER JONES; WINSTON, 2013a; VIEIRA et al., 2014b).

***Licornia* aff. *diadema* (Busk, 1852)**

(Figura 61A–C)

Licornia aff. *diadema*: Almeida et al., 2017: 295, figs. 30–33 (sin. cum.).

Licornia diadema: Miranda et al., 2018: Apêndice A, 8 (sin. cum.); Almeida et al., 2018b: 405, figs. 3C,D.

Licornia regularis: Almeida et al., 2015b: 3; Souza & Almeida, 2017: 265.

Licornia sp.: Souza & Almeida, 2017: 265.

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia amarelada, ereta, delicada, ramificada, presa no substrato por rizóides tubulares. Ramos bisseriais de autozoóides subretangulares ($Lz = 0,402\text{--}0,534$ mm; $lz = 0,195\text{--}0,239$ mm). Opésia ocupando mais que três quartos do comprimento do zoóide ($Lopa = 0,282\text{--}0,375$ mm; $lopa = 0,130\text{--}0,178$ mm); escudo por vezes presentes, preso na porção mediana interna da opésia, em forma de pá e ocupando cerca de um quarto da opésia; 4–5 espinhos distais. Criptocisto proximal pouco desenvolvido, liso; gimnocisto liso, ocupando o terço proximal do zoóide. Aviculários adventícios pequenos, triangulares, disto-laterais, e por vezes frontais ($Lav = 0,051\text{--}0,083$ mm; $lav = 0,029\text{--}0,045$ mm). Superfície abfrontal do zoóide com vibraculário de câmara vibracular subtriangular ($Lvib = 0,136\text{--}0,210$ mm; $lvib = 0,185\text{--}0,218$ mm); seta vibracular lisa, atingindo o comprimento de dois zoóides. Ovicelo hiperestomial ($Lov = 0,118\text{--}0,143$ mm; $lov = 0,185\text{--}0,218$ mm); ooécio caloporiforme, subglobular, de ectooécio perfurado por 5–8 poros.

Comentários. *Licornia diadema* (Busk, 1852) é amplamente relatada no Atlântico e Indopacífico, porém estudos moleculares indicam que a espécie é parte do complexo (VIEIRA; SPENCER JONES; WINSTON, 2013a; ALMEIDA et al., 2017). Os espécimes da Bahia, que são considerados distintos do material da Austrália, localidade tipo da espécie, são caracterizados pelas colônias amareladas (*in vivo*), formadas por autozoóides subretangulares com escudo em forma de pá, colocado no meio da opésia,

aviculários adventícios triangulares, laterais ou frontais, e ectooécio perfurado por 5–8 poros.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (ALMEIDA et al., 2017). No Brasil, espécimes identificados como *Licornia diadema* já foram reportados para São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia e Alagoas (VIEIRA; NASCIMENTO; ALMEIDA, 2018). Na Bahia, *Licornia* aff. *diadema* é facilmente encontrada em toda a costa, desde o entremarés até 33 metros de profundidade, sobre diversos tipos de substratos, incluindo algas, corais, esponjas, conchas, outros briozoários e estruturas artificiais.

***Licornia jolloisii* (Audouin, 1826)**

(Figura 61D–F)

Acamarchis jolloisii Audouin, 1826: [figurada por Savigny, 1817].

Licornia jolloisii: Vieira, Spencer Jones, Winston, 2013a: 1912, figs. 1C, D, 2A–F, 7A, B (sin. cum.); Miranda et al., 2018: Apêndice A, 8 (sin. cum.).

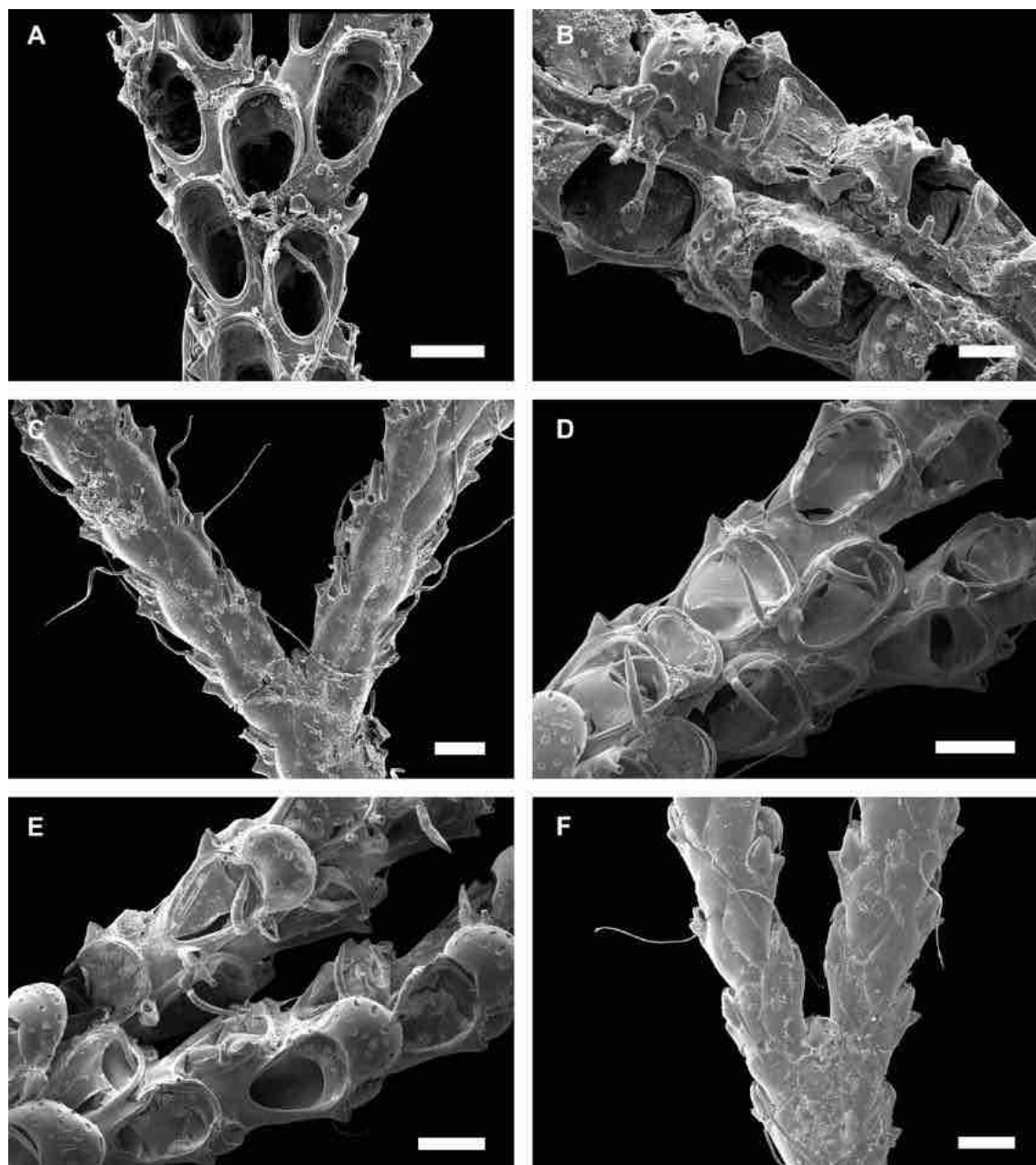
Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia vermelha (*in vivo*), ereta, delicada, ramificada, presa no substrato por rizóides tubulares. Ramos bisseriais de autozoóides subretangulares (Lz = 0,379–0,572 mm; lz = 0,191–0,238 mm). Opésia ocupando cerca de três quartos do comprimento do zoóide (Lopa = 0,282–0,364 mm; lopa = 0,174–0,218 mm); escudo desenvolvido na margem interna mediana da opésia, em forma de espinho, direcionado obliquamente sobre o opérculo; 2 espinhos distais vestigiais. Criptocisto ausente; gimnocisto liso. Aviculários adventícios pequenos, triangulares (Lav = 0,054–0,074 mm; lav = 0,024–0,036 mm), laterais (presentes em todos os zoóides) ou frontais (as vezes ausentes). Superfície abfrontal do zoóide com vibraculário de câmara vibracular subtriangular (Lvib = 0,181–0,212 mm; lvib = 0,066–0,100 mm); seta vibracular lisa, do tamanho de dois zoóides. Ovicelo hiperestomial (Lov = 0,168–0,210 mm; lov = 0,217–0,280 mm); ooécio caloporiforme, globular, ectooécio perfurado por 10–26 poros.

Comentários. *Licornia jolloisii* é caracterizada pelas colônias eretas ramificadas, vermelhas (*in vivo*), formadas por autozoóides subretangulares, escudo em forma de espinho desenvolvido no meio da opésia, aviculários adventícios triangulares, laterais ou frontais, e ectooécio perfurado por 10–26 poros. Os espécimes da Bahia atribuídos à espécie *Licornia jolloisii* podem ser diferenciados daqueles de *Licornia* aff. *diadema* principalmente pela coloração *in vivo* (vermelha em *Licornia jolloisii* e amarela em *Licornia* aff. *diadema*), escudo opesial (em forma de espinho em *Licornia jolloisii* e em

forma de pá em *Licornia* aff. *diadema*) e número de poros do ectooécio (10–26 em *Licornia jolloisii* e 5–8 em *Licornia* aff. *diadema*).

Figura 61. A–C, *Licornia* aff. *diadema* (UFBA 259); D–F, *Licornia jolloisii* (UFBA 3437). A, D, autozoóides, alguns com escudo opesial (D); B, E, zoóides ovicelados com escudo opesial e aviculários; C, F, superfície basal com câmaras vibraculares. Escalas: A, C, D, E, = 200 μ m; B = 100 μ m; F = 250 μ m.



Fonte: O autor (2018).

Distribuição. Mar Vermelho; Atlântico Ocidental: Florida e Brasil (VIEIRA; SPENCER JONES; WINSTON, 2013a). Descrita originalmente para o Mar Vermelho, *Licornia jolloisii* é considerada exótica no Atlântico (VIEIRA; SPENCER JONES; WINSTON, 2013a). O primeiro e único relato da espécie no Brasil foi feito por Vieira; Spencer Jones;

Winston (2013a) com base em espécimes coletados em estruturas artificiais (placas de PVC) na Baía de Todos os Santos. Neste estudo, também foi encontrada sobre placas de PVC e nódulos calcários.

***Licornia* sp. nov.**

(Figura 62A–D)

Aspiscellaria sp.: Almeida et al., 2015a: 3; Souza & Almeida, 2017: 265.

Material examinado. Holótipo: UFBA 265, Costa dos Coqueiros. Parátipo: UFBA 268, Costa dos Coqueiros. Material adicional: Apêndice A.

Descrição. Colônia ereta delicada, ramificada, presa no substrato por rizóides tubulares. Ramos bisseriais de séries de autozoóides ovais ($Lz = 0,322\text{--}0,407$ mm; $lz = 0,160\text{--}0,208$ mm). Opésia ocupando cerca da metade ou mais do comprimento do zoóide ($Lopa = 0,182\text{--}0,230$ mm; $lopa = 0,101\text{--}0,136$ mm); escudo desenvolvido colocado na margem interna mediana da opésia ($0,134\text{--}0,177$ mm de comprimento e $0,119\text{--}0,133$ mm de largura), cobrindo praticamente toda a opésia; escudo com margem externa semicircular e interna truncada com 2 terminações pontiagudas, margem proximal semicircular e margem distal mais ou menos reta; 6–8 espinhos distais. Criptocisto proximal, estreito, liso; gimnocisto liso. Aviculários distolaterais subtriangulares, pequenos ($Lav1 = 0,029\text{--}0,064$ mm; $lav1 = 0,016\text{--}0,026$ mm) e com rostro de margem serrilhada. Aviculários adventícios frontais subtriangulares ($Lav2 = 0,073\text{--}0,098$ mm; $lav2 = 0,035\text{--}0,050$ mm), rostro com margem serrilhada, direcionados frontalmente, dispostos no gimnocisto ou entre os autozoóides. Superfície abfrontal do zoóide com vibraculário de câmara vibracular subtriangular ($Lvib = 0,176\text{--}0,227$ mm; $lav = 0,103\text{--}0,156$ mm); fenda setal ocupando todo comprimento da câmara vibracular; seta vibracular lisa, atingindo o comprimento de dois autozoóides. Ovicelo hiperestomial ($Lov = 0,138\text{--}0,148$ mm; $lov = 0,168\text{--}0,189$ mm; $n = 4$); ooécio caloporiforme, subglobular, com ectooécio perfurado por 8–10 poros distribuídos marginalmente.

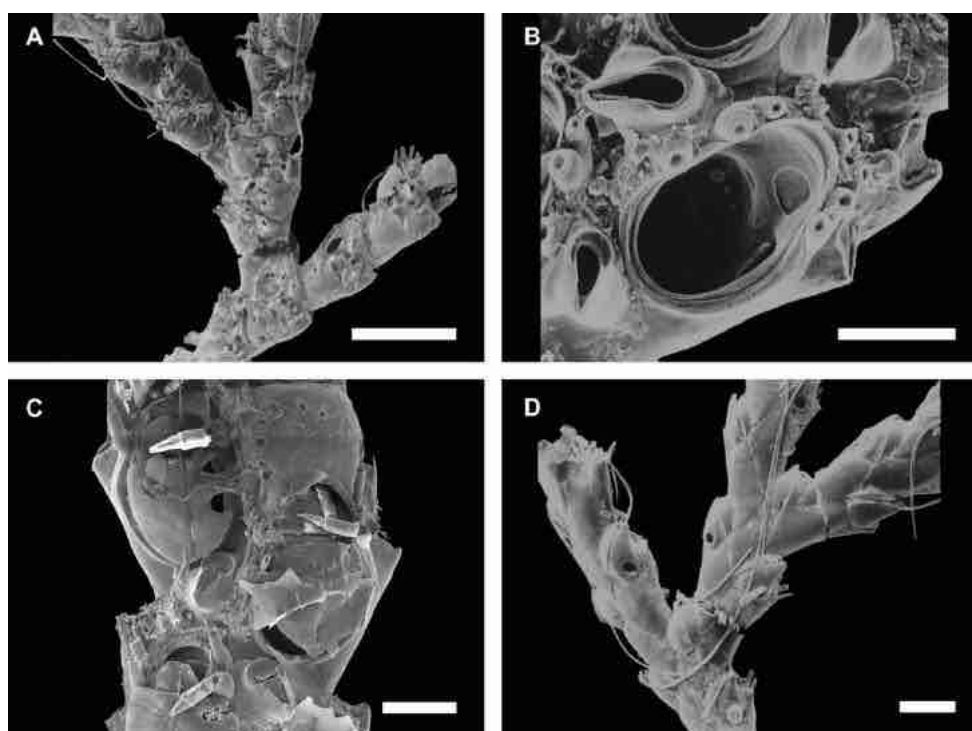
Comentários. *Licornia* sp. nov. foi previamente atribuída no gênero *Aspiscellaria* Vieira, Spencer-Jones, Winston, Migotto & Marques, 2014 por apresentar ectooécio poroso e forma e tamanho do escudo,. Entretanto, a característica diagnóstica deste gênero é o espinho distal mais externo bifurcado e aviculários de câmara trapezoidais, distintos no material aqui examinado. Além disso, estes espécimes possuem uma combinação de caracteres pertinentes ao gênero *Licornia*, incluindo um ectooécio poroso, fenda setal

obliqua reta ocupando dois terços ou mais do do comprimento da câmara vibracular e vibraculário axial único (VIEIRA; SPENCER JONES; WINSTON, 2013a).

Entre todas as congêneres, *Licornia* sp. nov. mais se assemelha a *Licornia cervicornis* (Busk, 1852) e *Licornia macropora* (Osburn, 1950), pela presença de escudo bem desenvolvido, ocupando praticamente toda a opésia, e aviculário distolateral presente em todos os autozoóides. *Licornia cervicornis*, entretanto, possui escudo com margens inteiras (com terminações pontiagudas em *Licornia* sp. nov.), até 5 espinhos distais (6–8 espinhos distais em *Licornia* sp. nov.), e o ectooécio com poros dispostos irregularmente na região frontal do oécio (distribuídos na margem do oécio em *Licornia* sp. nov.). Diferenças entre *Licornia macropora* e *Licornia* sp. nov. incluem a forma do escudo (arredondado em *Licornia macropora* e com terminações pontiagudas em *Licornia* sp. nov.); número de espinhos distais (3–4 em *Licornia macropora* e 6–8 em *Licornia* sp. nov.) e de poros do ectooécio (mais de 10 em *Licornia macropora* e 8–10 em *Licornia* sp. nov.).

Licornia sp. nov. é distinta de todas as congêneres pela presença de escudo opesial amplo e com terminações internas pontiagudas; 6–8 espinhos distais; aviculário distolateral pequeno; e ectooécio com 8–10 poros distribuídos semicircularmente.

Figura 62. A–D, *Licornia* sp. nov. (UFBA 265). A, aspecto geral de ramo da colônia; B, detalhe do autozoóide mostrando espinhos distais e aviculários; C, autozoóide e zoóide ovicelado, ambos com escudo opesial; D, superfície basal com câmaras vibraculares. Escalas: A = 250 μ m; B, C = 100 μ m; D = 200 μ m.



Fonte: O autor (2018).

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil. Conhecida apenas para a Bahia, *Licornia* sp. nov. ocorre em toda a costa, entre 5–50 metros de profundidade, sobre outros briozoários, corais e nódulos calcários.

4.18 Família Epistomiidae Gregory, 1893

Diagnose. Colônia ereta, ramificada, articulada, presa no substrato por rizóides. Autozoóides dispostos em pares não alternados, em contato com zoóide adjacente pela parede basal, bisserialmente dispostos no ramo. Calcificação frontal como criptocisto reduzido ou ausente e gimnocisto com desenvolvimento variável; opésia amplamente membranosa; espinhos ausentes. Aviculários adventícios sésseis e pedunculados geralmente presentes. Embriões incubados intracelomicamente em zoóides femininos dimórficos (GORDON, 1984; HAYWARD; RYLAND, 1998; OSTROVSKY, 2013).

Gênero *Synnotum* Pieper, 1881

Diagnose. Colônia ereta com região rastejante formada por cenozoóides; ramos eretos articulados e ramificados. Superfícies frontais dos zoóides pareados opostamente e obliquamente direcionadas. Aviculários adventícios sésseis e pedunculados. Zoóides reprodutivos maiores que os autozoóides (GORDON, 1984).

***Synnotum aegyptiacum* (Audouin, 1826)**

(Figura 63A,B)

Loricaria aegyptiaca Audouin, 1826: 243; Savigny, [1817]: pl. 13, figs. 4.1–4.5.

Synnotum aegyptiacum: Almeida et al., 2017: 291, figs. 27–28 (sin. cum.); Souza & Almeida, 2017: 265.

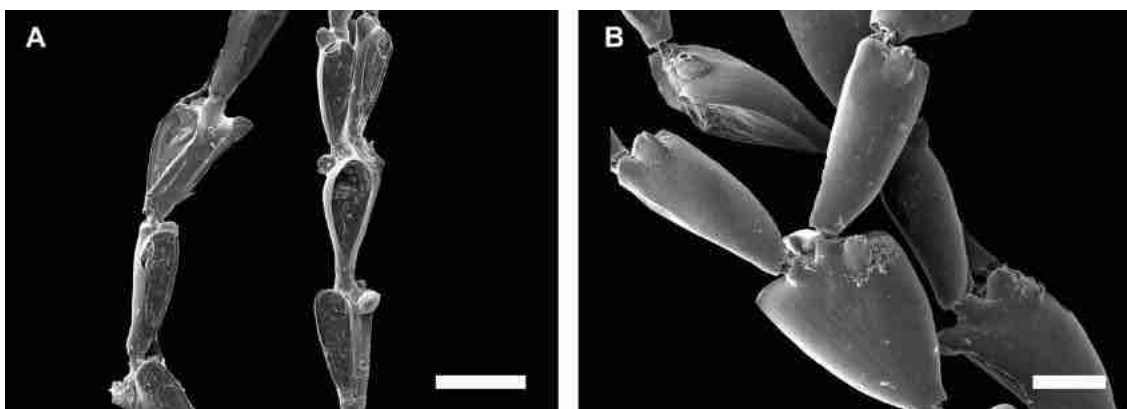
Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia ereta, delicada, ramificada, presa no substrato por cenozoóides basais incrustantes. Autozoóides pareados, fusiformes ou subretangulares (Lz = 0,231–0,286 mm; lz = 0,065–0,109 mm). Opésia subretangular ocupando cerca de três quartos do comprimento do autozoóide (Lopa = 0,168–0,221 mm; lopa = 0,046–0,077 mm); gimnocisto liso mais desenvolvido proximalmente. Aviculários de dois tipos: pequeno e sésseis, de rostro subtriangular (Lav1 = 0,037–0,045 mm; lav1 = 0,024–0,031 mm), colocado na margem distal do autozoóide; pedunculado e bulboso, de rostro subtriangular (Lav2 = 0,060–0,073 mm; lav2 = 0,41–0,060 mm), colocado distalmente entre os autozoóides.

Comentários. *Synnotum aegyptiacum* é reconhecida pelas colônias eretas ramificadas formadas por autozoóides fusiformes, pareados, opésia ampla, aviculários pedunculados bulbosos dispostos entre os autozoóides, e aviculários sésseis distais.

Distribuição. Amplamente distribuída em águas tropicais quentes (ALMEIDA et al., 2017). Espécie relatada para diversas localidades circuntropicais do mundo, geralmente encontrada numa ampla gama de substratos, incluindo algas, hidrozoários, outros briozoários, fragmentos de conchas e rochas (ALMEIDA et al., 2017). No Brasil, é conhecida para São Paulo, Espírito Santo, Bahia, Alagoas e Pernambuco (ALMEIDA et al., 2017). Na Bahia, ocorre em toda a costa, entre 5 e 23 metros de profundidade, sobre algas, outros briozoários, corais, esponjas e hidrozoários.

Figura 63. A, B, *Synnotum aegyptiacum* (UFBA 1601). A, autozoóides, alguns com aviculários pedunculados; B, autozoóides com aviculários sésseis. Escalas: A = 200 μ m; B = 100 μ m.



Fonte: O autor (2018).

Superfamília Microporoidea Gray, 1848

4.19 Família Microporidae Gray, 1848

Diagnose. Colônias de formas variadas, incrustantes, eretas ou foliosas, podendo apresentar articulações. Autozoóides com criptocisto bem desenvolvido, ocasionalmente com poros pequenos e com opesíolos; gimnocisto reduzido ou ausente. Aviculários adventícios, interzooidais ou vicariantes geralmente presentes. Espinhos podem estar presentes. Ovicelo hiperestomial ou imerso, formando ooécio visível como um espessamento da calcificação distal, ou por vezes endozooidal; quando presente, ooécio eschareliforme (GORDON, 1984; HAYWARD; RYLAND, 1998; OSTROVSKY, 2013).

Gênero *Micropora* Gray, 1848

Diagnose. Colônia incrustante. Zoóides com paredes laterais acima do criptocisto; criptocisto granuloso, levemente poroso, opesíolos distolaterais. Aviculários adventícios ou interzoidais ou ausentes. Ovicelo fechado pelo opérculo; hiperestomial a imerso (GORDON, 1984; HAYWARD; RYLAND, 1998).

***Micropora angustiscapulis* Winston, Vieira & Woollacott, 2014**

(Figura 64A–C)

Micropora angustiscapulis Winston, Vieira & Woollacott, 2014: 167, fig. 17.

Micropora acuminata: Almeida et al., 2015b: 3; Souza & Almeida, 2017: 265.

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante. Autozoóides poligonais, geralmente losangulares ($Lz = 0,312\text{--}0,488$ mm; $lz = 0,265\text{--}0,432$ mm), delimitados por sulcos distintos. Opésia ocupando um quarto (ou menos) do comprimento do zoóide ($Lopa = 0,062\text{--}0,094$ mm; $lopa = 0,098\text{--}0,128$ mm), em forma de D transversal com bordas lisas e um par de tubérculos arredondados proximolaterais. Criptocisto granuloso com numerosos poros ornamentados com espinhos radiais. Opesíolos dispostos logo abaixo dos tubérculos, formando fendas ovais estreitas. Ovicelo hiperestomial ($Lov = 0,110\text{--}0,189$ mm; $lov = 0,188\text{--}0,223$ mm). Ooécio eschareliforme, ectooécio membranoso distalmente, calcificado proximalmente, liso, formando margem subtriangular com ápice reto.

Comentários. *Micropora angustiscapulis* é caracterizada pelos autozoóides com opésia em forma de D transversal com par de tubérculos arredondados proximolaterais, criptocisto granuloso com numerosos poros ornamentados com espinhos radiais e ectooécio calcificado proximalmente, liso, subtriangular e com ápice reto.

Espécimes de *Micropora angustiscapulis* da Bahia foram previamente identificados como *Micropora acuminata* Winston, 2005. Estas espécies são diferenciadas pelos tubérculos proximolaterais (robustos em *Micropora angustiscapulis* e pequenos em *Micropora acuminata*) e forma dos poros frontais (com espinhos radiais característicos em *Micropora angustiscapulis*).

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014). Até o momento, *Micropora angustiscapulis* só é conhecida para a Bahia (WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014), onde é comum em toda a costa, desde o entremarés a infralitoral 43 metros de profundidade. Ocorre sobre corais, rodolitos e nódulos calcários.

Gênero *Mollia* Lamouroux, 1816

Diagnose. Colônia incrustante. Zoóides contínuos ou separados por tubos conectivos curtos. Criptocisto bem desenvolvido, granuloso, sem opesíolos. Aviculários e espinhos ausentes. Ovicelo hiperestomial, parcialmente imerso no zoóide ou cenozoóide distal; ooécio eschareliforme (GORDON, 1984).

***Mollia elongata* Canu & Bassler, 1928a**

(Figura 64D–F)

Mollia elongata Canu & Bassler, 1928a: 62, pl. 1, figs. 6–9.

Mollia elongata: Vieira, Migotto, Winston, 2008: 19; Winston et al., 2014: 168, figs. 18, 19 (sin. cum.); Almeida et al., 2015a: 3; Souza & Almeida, 2017: 265.

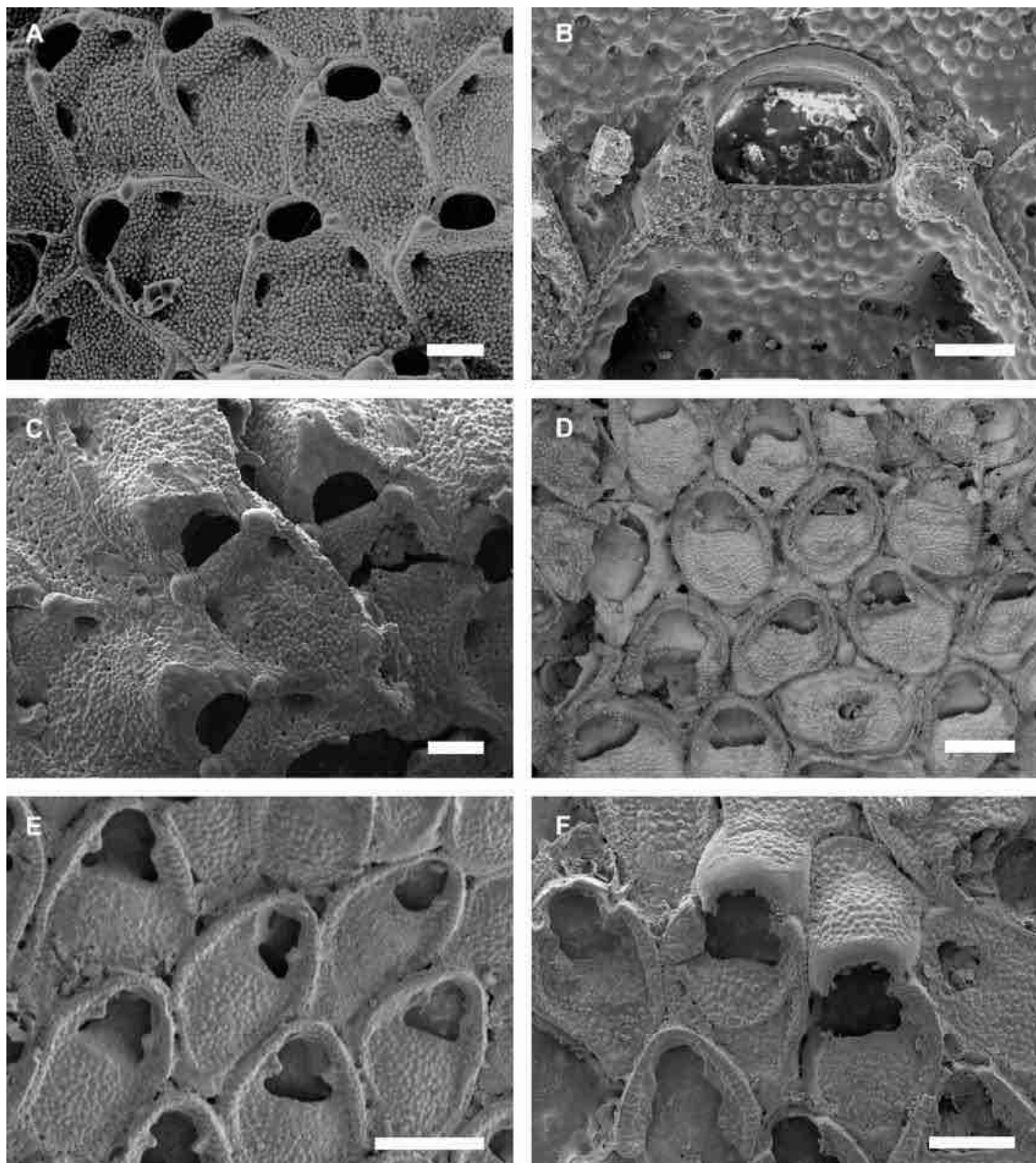
Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante. Autozoóides ovais ou sublosangulares ($Lz = 0,415\text{--}0,533$ mm; $lz = 0,287\text{--}0,364$ mm), disjuntos, conectados por 10–12 tubos conectivos laterais. Opésia ocupando menos da metade do comprimento do zoóide ($Lopa = 0,114\text{--}0,166$ mm; $lopa = 0,092\text{--}0,144$ mm), trifoliada, em forma de D transversal, alongada e com borda proximal levemente convexa, formando um par de projeções (abas) semicirculares mediolaterais. Criptocisto fortemente granuloso, sem poros. Gimnocisto ausente ou pouco desenvolvido na margem proximal. Ovicelo hiperestomial ($Lov = 0,128\text{--}0,200$ mm; $lov = 0,212\text{--}0,262$ mm; $n = 5$), levemente imerso no zoóide distal. Ooécio eschareliforme, ectooécio proximal liso, semicircular.

Comentários. *Mollia elongata* é caracterizada pela opésia trifoliada, criptocisto granuloso sem poros, gimnocisto reduzido, e ectooécio semicircular proximal. A ausência de heterozoóides como aviculários e cenozoóides também caracteriza esta espécie.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014). Conhecida apenas para o Brasil, para o Rio de Janeiro, Espírito Santo e Bahia (WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014), *Mollia elongata* forma frágeis colônias sobre substratos rígidos. Na Bahia, ocorre em toda a costa, entre 25–50 metros de profundidade, habitante de corais, rodolitos, nódulos calcários e rochas.

Figura 64. A–C, *Micopora angustiscapulis* (UFBA 35); D–F, *Mollia elongata* (UFBA 611 e USNM 8539 (D)). A, D, grupo de autozoóides; B, detalhe da opésia e opesíolos; C, F, zoóides ovicelados; D, autozoóides com tubos conectivos. Escalas: A, C = 100 μ m; B = 50 μ m; D, F = 200 μ m; E = 250 μ m.



Fonte: O autor (2018).

4.20 Família Monoporellidae Hincks, 1882

Diagnose. Colônia incrustante, ereta bilaminar ou ereta ramificada com nós flexíveis e ramificados dicotomicamente. Autozoóides com criptocisto extensivo perfurado por poros pequenos com ou sem crista mediana e geralmente com opesíolos e espinhos; gimnocisto reduzido ou ausente. Opésia reduzida, bordeada por rim grosso e com margem proximal ocasionalmente denticulada; espinhos orais distais presentes ou

ausentes. Aviculários ausentes. Ovicelo hiperestomial, robustos, formado pela fusão de espinhos e costelas (HINCKS, 1882; OSTROVSKY, 2013).

Gênero *Monoporella* Hincks, 1881

Diagnose. Colônia incrustante. Criptocisto granuloso, poroso; opesíolos proximais a opésia, ocasionalmente com espinhos marginais. Espinhos orais presentes. Aviculários ausentes. Ovicelo poroso fechado pelo opérculo (GORDON, 1984).

***Monoporella divae* Marcus, 1955**

(Figura 65A,B)

Monoporella divae Marcus, 1955: 286, figs. 26–28.

Monoporella divae: Vieira, Migotto, Winston, 2008: 19; Almeida et al., 2015b: 3.

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante. Autozoóides ovais ou poligonais (Lz = 0,500–0,711 mm; lz = 0,312–0,497 mm); paredes laterais inclinadas e bem desenvolvidas. Opésia ocupando o quarto distal zoóide (Lopa = 0,072–0,108 mm; lopa = 0,090–0,135 mm), em forma de D transversal e com duas fileiras de 5 ou 6 espinhos periopesiais longos e articulados. Criptocisto granuloso, oval e com poros marginais pequenos; poros frontais irregularmente distribuídos na superfície; ocasionalmente podem ocorrer número variado de espinhos colocados lateralmente no gimnocísto, na região mediana do zoóide. Gimnocisto ausente. Ovicelos não observados.

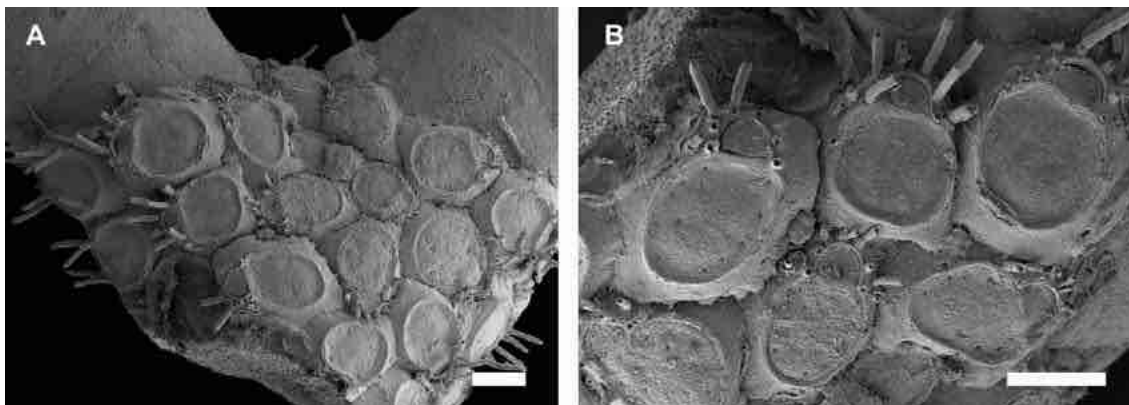
Comentários. *Monoporella divae* é caracterizada pelos autozoóides com paredes laterais inclinadas bem desenvolvidas, opésia em forma de D transversal bordada por duas fileiras de longos espinhos, e criptocisto granuloso bem desenvolvido, ocasionalmente com espinhos marginais.

Esta é a primeira descrição da espécie desde seu relato original (MARCUS, 1955). Recentemente, Di Martino & Taylor (2012) descreveram a nova família, Pyrisinellidae, no qual levanta dúvidas sobre o posicionamento taxonômico de *Monoporella divae* pela semelhança entre elas, incluindo a forma da opésia, espinhos periopesiais e criptocisto. Adicionalmente, espécies de *Monoporella* apresenta única fileira de espinhos periopesiais, e os ovicelos são formados diferentemente dos descritos por Marcus (1955) (DICK, 2008).

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (ALMEIDA et al., 2015a; MARCUS, 1955). Espécie considerada endêmica para o Brasil, sendo relatada para o Espírito Santo

(localidade tipo) e Bahia (VIEIRA; NASCIMENTO; ALMEIDA, 2018). Na Bahia, ocorre na Costa dos Coqueiros e Costa do Dendê, entre 10–50 metros de profundidade, sobre corais e hidrozoários.

Figura 65. A, B, *Monoporella divae* (UFBA 35). A, aspecto geral da colônia; B, detalhe dos autozoóides e espinhos opesiais; Escalas: A, B = 200 μ m.



Fonte: O autor (2018).

4.21 Família Onychozellidae Jullien, 1882

Diagnose. Colônia incrustante, ereta bilaminar ou palmada. Autozoóides com criptocisto amplo, ocasionalmente com opesiolos; gimnocisto pode se desenvolver como tubérculos. Opésia reduzida, posicionada distalmente. Aviculários interzooidais ou vicariantes geralmente assimétricos, sem barra mediana. Ovicelo geralmente incóspuo; ooécio eschareliforme (JULLIEN, 1882; OSTROVSKY, 2013).

Gênero *Smittipora* Jullien, 1882

Diagnose. Colônia incrustante. Autozoóides irregularmente poligonais, subhexagonais ou ovais. Opésia semi-elíptica com fendas opesiolares, mas sem constrições laterais. Aviculário interzooidal simétrico com côneilos laterais, rostro curto e arredondado. Ovicelo imerso; zoóides reprodutivos com opésia mais larga que os autozoóides (JULLIEN, 1882).

Smittipora sawayai Marcus, 1937

(Figura 66A,B)

Smittipora sawayai Marcus, 1937: 51, pl. 5, fig. 23A, B.

Smittipora sawayai: Vieira, Migotto, Winston, 2008: 20; Winston & Vieira, 2013: 116, fig. 10; Souza & Almeida, 2017: 265.

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante. Autozoóides hexagonais ou levemente arredondados ($Lz = 0,435\text{--}0,524$ mm; $lz = 0,349\text{--}0,484$ mm), limitados por paredes laterais distintas e elevadas. Opésia ocupando cerca de um terço do comprimento do zoóide ($Lopa = 0,175\text{--}0,205$ mm; $lopa = 0,137\text{--}0,4150$ mm), campanulada com margem distal arqueada, borda proximal reta ou levemente convexa, um par de fendas opesiolares laterais em forma de U, quase retas, direcionadas lateralmente. Criptocisto densamente granuloso, não poroso. Gimnocisto forma tipicamente tubérculos proximais conspícuos. Aviculário interzooidal ($Lav = 0,369\text{--}0,524$ mm; $lav = 0,246\text{--}0,302$ mm; $n = 4$), rômboide, opésia oval ($Lopa = 0,149\text{--}0,187$ mm; $lopa = 0,088\text{--}0,099$ mm; $n = 4$).

Comentários. *Smittipora sawayai* é caracterizada pelos autozoóides com gimnocisto formando tubérculos proximais, opésia campanulada e com fendas opesiolares em forma de U direcionadas lateralmente, e aviculário interzooidal com opésia oval. Winston & Vieira (2013) forneceram descrição completa de espécimes provenientes de São Paulo encontrados em fragmentos de conchas e grãos de cascalho.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (ALMEIDA et al., 2015a; WINSTON; VIEIRA, 2013). *Smittipora sawayai* é conhecida apenas para o Brasil, ocorrendo em São Paulo (localidade tipo) e na Bahia (VIEIRA; NASCIMENTO; ALMEIDA, 2018). Na Bahia, ocorre na Costa dos Coqueiros e Baía de Todos os Santos, entre 15 e 45 metros de profundidade, sobre rodolitos e nódulos calcários.

***Smittipora tuberculata* (Canu & Bassler, 1928a)**

(Figura 66C–F)

Velumella tuberculata Canu & Bassler, 1928a: 64, pl. 2, fig. 1–3.

Velumella acutirostris Canu & Bassler, 1928a: 64, pl. 2, fig. 4, 5 (sin. nov.).

Smittipora acutirostris: Vieira, Migotto, Winston, 2008: 20 (sin. cum.); Almeida et al., 2015b: 3; Souza & Almeida, 2017: 265.

Smittipora tuberculata: Vieira, Migotto, Winston, 2008: 20 (sin. cum.).

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante. Autozoóides irregularmente poligonais, subhexagonais ou ovais ($Lz = 0,562\text{--}0,707$ mm; $lz = 0,370\text{--}0,457$ mm), limitados por paredes laterais elevadas. Opésia ocupando cerca de um quarto do comprimento do zoóide ($Lopa = 0,120\text{--}0,172$ mm; $lopa = 0,119\text{--}0,167$ mm), campanulado com margem distal arqueada e borda proximal reta ou levemente convexa; par de fendas opesiolares laterais distintas, direcionadas proximalmente. Criptocisto densamente granuloso. Gimnocisto

ocasionalmente formando tubérculos proximais pequenos. Aviculário interzooidal, rombóide a subhexagonal ($L_{av} = 0,483-0,573$ mm; $l_{av} = 0,230-0,281$ mm), opésia em forma de pera invertida ($L_{opa} = 0,220-0,276$ mm; $l_{opa} = 0,071-0,110$ mm). Zoóides reprodutivos losangulares a subhexagonais ($L_z = 0,631-0,702$ mm; $l_z = 0,437-0,463$ mm), opésia larga ocupando cerca de metade do comprimento do zoóide ($L_{opa} = 0,234-0,281$ mm; $l_{opa} = 0,203-0,210$ mm; $n = 3$), fendas opesiolares menos profundas que nos autozoóides.

Comentários. Canu & Bassler (1928a) descreveram duas espécies de *Smittipora* para a costa da Bahia, *Smittipora acutirostris* e *Smittipora tuberculata*. Análise do material tipo dessas amostras, entretanto, revelou que todo material correspondem a uma única espécie. Porções mais jovens das colônias mostram autozoóides arredondados com gimnocisto pouco desenvolvido, não formando tubérculos, sem zoóides reprodutivos. Essas características correspondem aos espécimes originalmente atribuídos à espécie *Smittipora acutirostris* (USNM 8542; Figura 66C–E). Regiões mais velhas das colônias, por sua vez, são formadas por autozoóides subhexagonais ou ovais, tubérculos proximais pequenos e diversos zoóides reprodutivos. A colônia utilizada para a descrição de *Smittipora tuberculata* por Canu & Bassler (1928a) (USNM 8541) possui tanto regiões mais jovens como mais desenvolvidas e calcificadas, incluindo autozoóides mais subhexagonais com tubérculos proximais desenvolvidos, bem como um maior número de zoóides reprodutivos (Figura 65F).

Smittipora tuberculata é distinta de *Smittipora sawayai*, outra espécie do gênero registrada para a Bahia, pela presença de autozoóides com tubérculos gimnocísticos ocasionais (zoóides adjacente aparentemente contorna os autozoóides em *Smittipora sawayai*), fendas opesiolares direcionadas proximalmente (lateralmente em *Smittipora sawayai*) e aviculário interzooidal com opésia em forma de pêra invertida (oval em *Smittipora sawayai*).

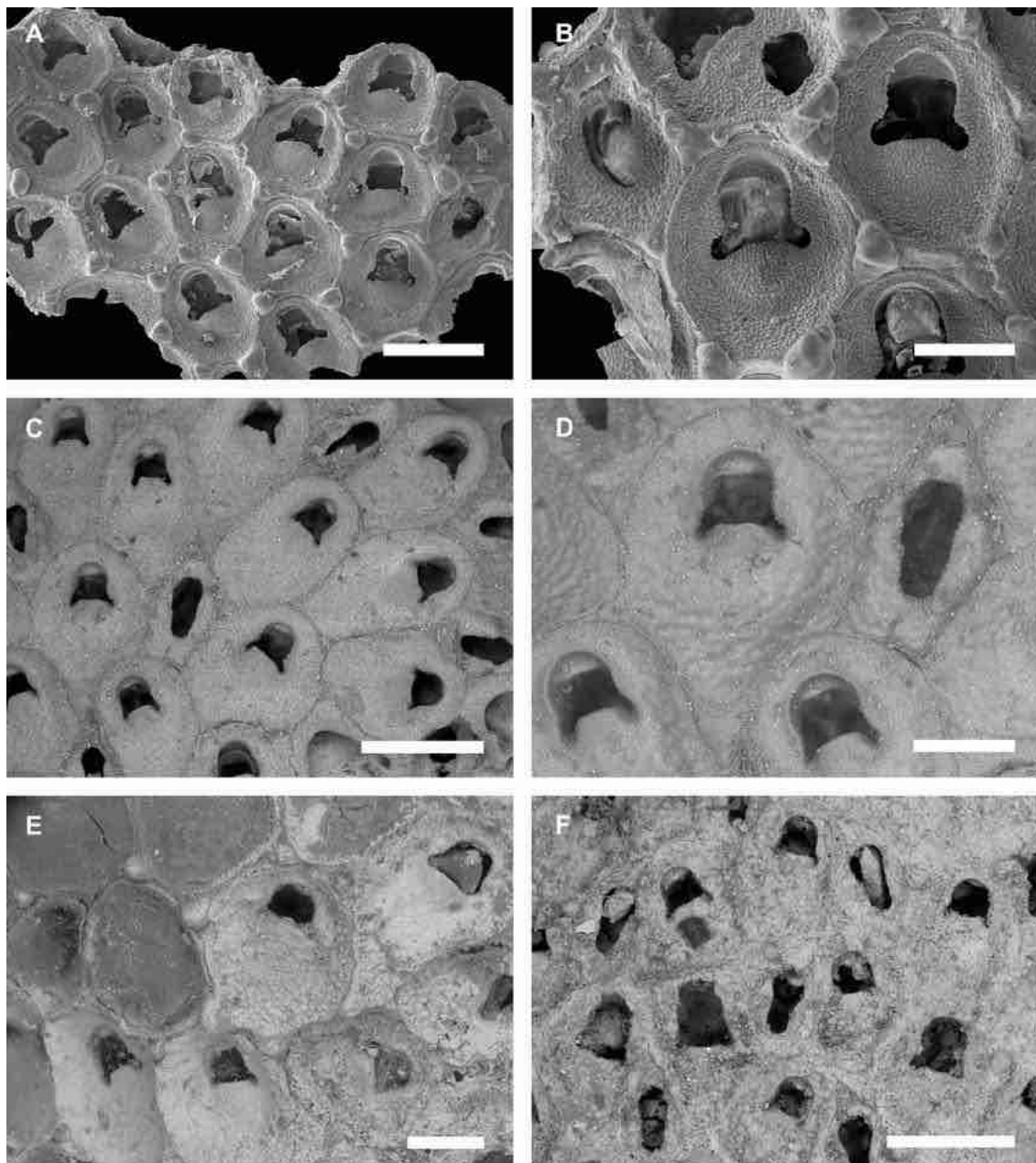
Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (ALMEIDA et al. 2015a; CANU; BASSLER, 1928a). Endêmica do Brasil, conhecida para o Rio de Janeiro até o Rio Grande do Norte (VIEIRA; NASCIMENTO; ALMEIDA, 2018). Na Bahia, é comum em toda a costa, entre 10 e 49 metros de profundidade, especialmente sobre substratos rígidos.

Gênero *Onychocella* Jullien, 1882

Diagnose. Colônia incrustante. Opésia campanulada, sem fendas opesiolares, mas com fortes constrições laterais. Aviculário interzooidal assimétrico, metade ou menos do

comprimento de um autozoóide, côndilos laterais, rostro longo e curvado ou triangular. Mandíbula do aviculário curvada, lado convexo com asa ampla. Ovicelo imerso; zoóides reprodutivos com opésia mais larga que os autozoóides (JULLIEN, 1882).

Figura 66. A, B, *Smittipora sawayai* (UFBA 86); C–F, *Smittipora tuberculata* (USNM 8542 (C, D) e USNM 8541 (E, F)). A, grupo de autozoóides; B, detalhe dos autozoóides e aviculário; C, grupo de autozoóides e alguns aviculários; D, detalhe do autozoóide mostrando opésia e aviculário; E, autozoóides mais jovens na colônia; F, autozoóides, aviculários e zoóides reprodutivos com opésia alargada. Escalas: A, C, F = 500 μ m; B, D, E = 200 μ m.



Fonte: O autor (2018).

***Onychocella* sp. nov.1**

(Figura 67A–C)

Onychocella americana: Machado & Souza, 1994: 259; Vieira, Migotto, Winston, 2008: 20,*Onychocella* sp.: Almeida et al., 2015b: 3; Souza & Almeida, 2017: 265.**Material examinado.** Holótipo: UFBA 47, Costa dos Coqueiros. Parátipo: UFBA 63, Costa dos Coqueiros. Material adicional: Apêndice A.**Descrição.** Colônia incrustante. Autozoóides subhexagonais ou ovais ($Lz = 0,466\text{--}0,633$ mm; $lz = 0,360\text{--}0,425$ mm), limitados por finas paredes laterais elevadas. Opésia campanulada, ocupando mais ou menos um terço do comprimento do zoóide ($Lopa = 0,145\text{--}0,156$ mm; $lopa = 0,128\text{--}0,148$ mm); região distal arqueada e de calcificação granulosa, borda proximal reta, levemente crenulada e com constrições laterais curtas, em forma de U, quase retas, direcionadas lateralmente. Criptocisto densamente granuloso, noduloso, sem poros. Gimnocisto conspicuo formando dois tubérculos proximais triangulares em cada autozoóide e pequena porção lisa de calcificação proximal. Tipicamente, um autozoóide é bordado por 6 tubérculos dispostos nas bordas autozoidais. Aviculário interzoidal hexagonal ($Lav = 0,459\text{--}0,509$ mm; $lav = 0,214\text{--}0,267$ mm), rostro pontiagudo curvado, opésia em forma de pera invertida ($Lopa = 0,184\text{--}0,204$ mm; $lopa = 0,079\text{--}0,098$ mm), côndilos laterais de articulação mandibular.**Comentários.** A opésia em forma de sino e o aviculário com rostro curvado, também reconhecido como assimétrico, e côndilos laterais, posicionam essa espécie no gênero *Onychocella* Jullien, 1882. A combinação de autozoóides bordados por 6 tubérculos triangulares, opésia em forma de sino com borda proximal reta e constrições opesiolares curtas laterais em forma de U, direcionadas lateralmente, difere *Onychocella* sp. nov.1 de todas as espécies do gênero. Estas características também não são encontradas em *Onychocella americana* (Canu & Bassler, 1933), uma espécie fóssil que já foi confundida com *Onychocella* sp. nov.1 (MACHADO; SOUZA 1994). *Onychocella americana* não possui tubérculos bordando os autozoóides e sua opésia possui constrições opesiolares bem desenvolvidas, direcionadas para baixo.Atualmente, oito espécies recentes de *Onychocella* são conhecidas. Duas delas, *Onychocella cucullata* Thornely, 1905 e *Onychocella falunica* Canu & Bassler, 1930 são distintas de *Onychocella* sp. nov.1 pela presença de constrições opesiolares bem desenvolvidas, conspicuas. *Onychocella angulosa* (Reuss, 1848), *Onychocella antiqua* (Busk, 1858) e *Onychocella subsymmetrica* Canu & Bassler, 1929 possuem

opésia com borda proximal convexa, diferindo da borda reta da opésia de *Onychocella* sp. nov.1. As três últimas espécies, *Onychocella alula* Hastings, 1930, *Onychocella marioni* (Jullien, 1882) e *Onychocella vibraculifera* Neviani, 1895, podem ser diferenciadas de *Onychocella* sp. nov.1 pela opésia sem constrições opesiolares distintas.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil. *Onychocella* sp. nov.1 é conhecida apenas para a Bahia, na Costa dos Coqueiros, Costa do Descobrimento e Costa das Baleias. Ocorre entre 21–37 metros de profundidade, sobre corais e rodolitos.

***Onychocella* sp. nov.2**

(Figura 67D–F)

Material examinado. Holótipo: UFBA 525, Costa do Descobrimento. Parátipo: UFBA 3357, Costa do Descobrimento. Material adicional: Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante. Autozoóides subhexagonais ou ovais ($Lz = 0,405\text{--}0,442$ mm; $lz = 0,294\text{--}0,362$ mm), limitados por finas paredes laterais elevadas. Opésia campanulada, ocupando cerca de um quarto do comprimento do zoóide ($Lopa = 0,111\text{--}0,145$ mm; $lopa = 0,090\text{--}0,111$ mm); margem distal arqueada e de calcificação granulosa, borda proximal côncava, levemente crenulada e com constrições opesiolares laterais bem desenvolvidas, em forma de U, levemente curvadas, direcionadas lateralmente. Criptocisto densamente granuloso, noduloso, não poroso. Gimnocisto formando pequena porção lisa de calcificação proximal conspícua, ocasionalmente como tubérculos subtriangulares. Aviculário interzooidal losangular ($Lav = 0,471\text{--}0,575$ mm; $lav = 0,183\text{--}0,262$ mm), rostro pontiagudo curvado, opésia em forma de pera invertida ($Lopa = 0,097\text{--}0,151$ mm; $lopa = 0,052\text{--}0,091$ mm), côndilos laterais de articulação mandibular.

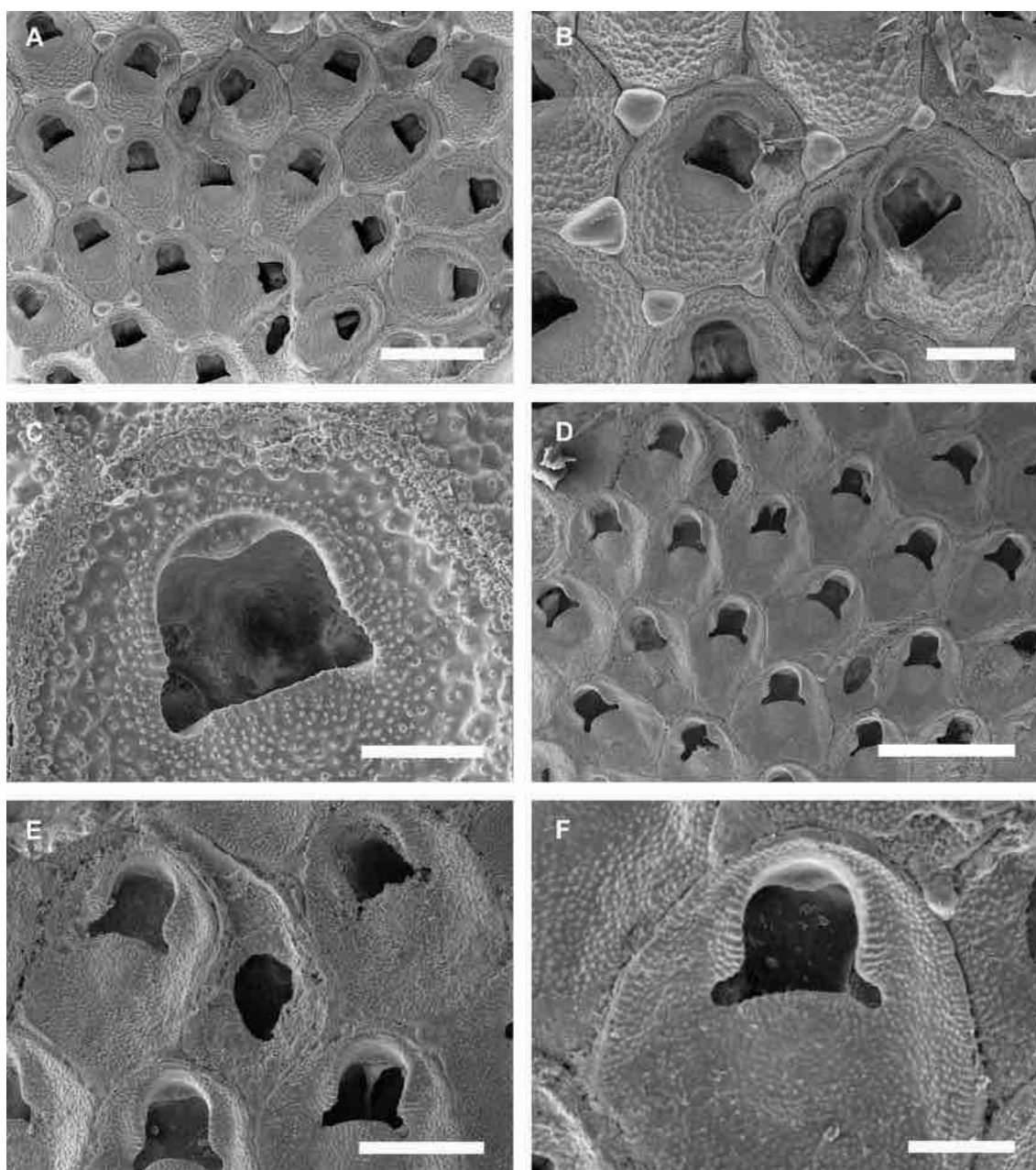
Comentários. *Onychocella* sp. nov.2 possui opésia marcadamente trifoliada e constrições opesiolares direcionadas lateralmente, tais como encontradas em *Onychocella antiqua* e *Onychocella falunica*. Entretanto, as constrições opesiolares dessas espécies são curtas, enquanto as de *Onychocella* sp. nov.2 são bem desenvolvidas. Adicionalmente, *Onychocella antiqua* e *Onychocella falunica* não possuem gimnocisto conspícua ou tubérculos marginais, geralmente observados em *Onychocella* sp. nov.2.

Onychocella sp. nov.2 é distinta de todas as outras espécies do gênero pelos autozoóides com curto gimnocisto proximal e ocasionalmente formando tubérculos; opésia trifoliada com constrições opesiolares bem desenvolvidas, em forma de U, direcionadas lateralmente; e aviculário losangular. Mesmo tipo de calcificação do gimnocisto é também observada em *Onychocella vibraculifera* e *Onychocella* sp. nov.1,

mas estas possuem tubérculos bordeando todos os autozoóides e opésia sem constrictões opesiolares distintas (em *Onychocella vibraculifera*) e constrictões opesiolares curtas (em *Onychocella* sp. nov.1).

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil. Como *Onychocella* sp. nov.1, *Onychocella* sp. nov.2 é conhecida apenas para a Bahia. Comum na Costa dos Coqueiros, Baía de Todos os Santos e Costa do Descobrimento, ocorre entre 10–50 metros de profundidade sobre corais, rodolitos e nódulos calcários.

Figura 67. A–C, *Onychocella* sp. nov.1 (UFBA 47); D–F, *Onychocella* sp. nov.2 (UFBA 525). A, D, grupo de autozoóides e alguns aviculários; B, E, detalhe dos autozoóides e aviculário; C, F, detalhe da opésia. Escalas: A, D = 500 μ m; B, E = 200 μ m; C, F = 100 μ m.



Fonte: O autor (2018).

Superfamília Cellarioidea Fleming, 1828

4.22 Família Cellariidae Fleming, 1828

Diagnose. Colônia ereta, ramificada, articulada ou não, fixa por rizóides tubulares. Autozoóides dispostos em série longitudinais, geralmente alternados ao redor do eixo do ramo. Gimnocisto tipicamente ausente; criptocisto extensivo, não perfurado. Opesia reduzida; côneilos proximais e distais podem estar presentes; espinhos ausentes. Aviculários interzooidais ou vicariantes. Ovicelo endozooidal (endotoicais), ooécio eschareliforme (HAYWARD; RYLAND, 1998; OSTROVSKY, 2013).

Gênero *Cellaria* Ellis & Solander, 1786

Diagnose. Colônia ereta formando tufos, ramificada, formada por entrenós cilíndricos. Autozoóides hexagonais ou losangulares, dispostos em séries alternadas ao redor do ramo. Opesia semielíptica, borda proximal levantado e com um par de côneilos laterais; côneilos distais podem estar presentes. Aviculário interzooidal ou fistuloso (colocado entre os autozoóides da série longitudinal). Ovicelo levemente proeminente ou totalmente imerso, abertura variando de fenestra simples ou lábio proximal (ALMEIDA et al., 2018a; HAYWARD; RYLAND, 1998).

Cellaria oranae Almeida, Souza & Vieira, 2018

(Figura 68A–C)

Cellaria oranae Almeida, Souza & Vieira, 2018: 2, figs. 2–7 (sin. cum.).

Cellaria sp.: Souza & Almeida, 2017: 265.

Material examinado. Apêndice A.

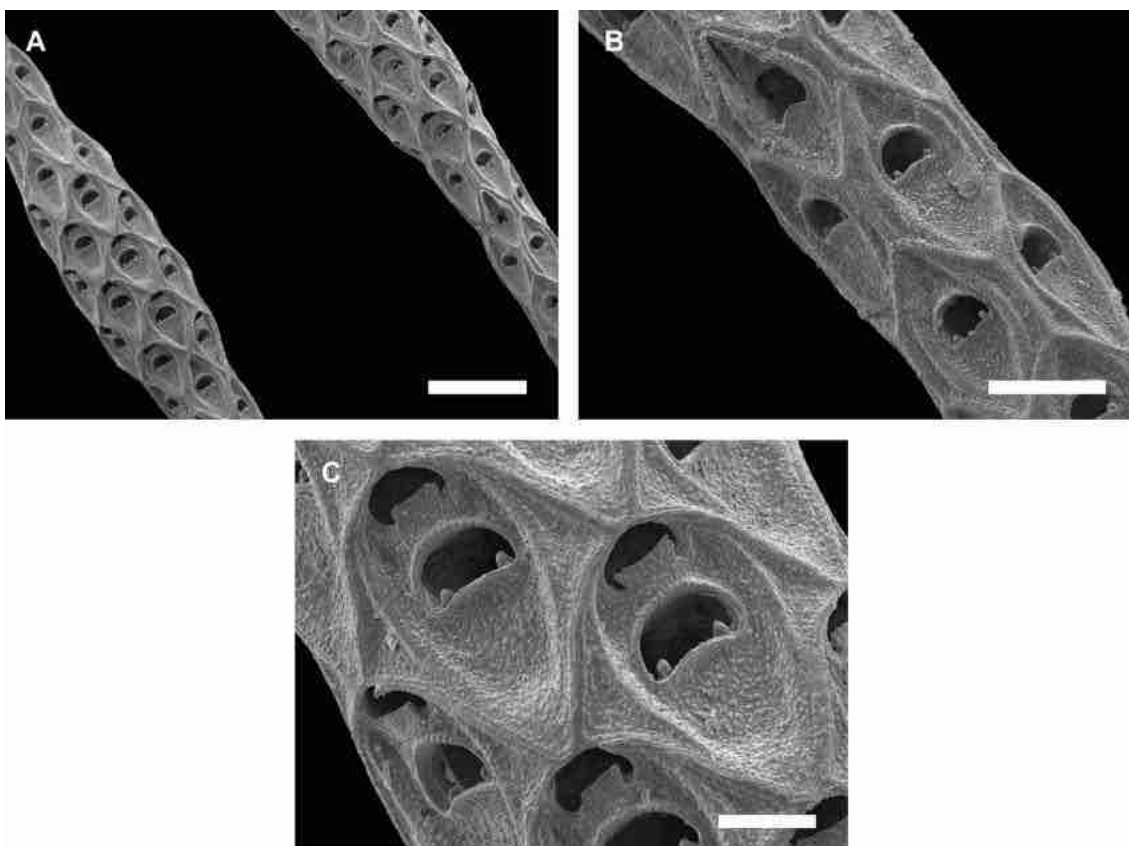
Descrição. Colônia ereta rígida, ramificada, fixa por rizóides. Ramos cilíndricos formados por séries de zoóides em todos os lados. Autozoóides hexagonais ($Lz = 0,358–0,409$ mm; $lz = 0,164–0,231$ mm), criptocisto granuloso e um par de cristas longitudinais laterais formando uma área frontal lanceolada. Opesia semielíptica ($Lopa = 0,056–0,068$ mm; $lopa = 0,072–0,095$ mm), ocupando cerca de um quarto do comprimento do zoóide; borda distal tuberculada, dois côneilos proximais redondos. Aviculário interzooidal ($Lav = 0,340–0,367$ mm; $lav = 0,186–0,210$ mm) apenas entre autozoóides, hexagonal e com a mesma calcificação frontal lanceolada que os autozoóides, forâmen sagitado. Zoóides férteis romboidais ($Lz = 0,316–0,364$ mm; $lz = 0,200–0,320$ mm), opesia e calcificação

frontal igual aos autozoóides. Ovicelo imerso, abertura oval com lábio proximal retangular.

Comentários. *Cellaria oraneae* foi recentemente descrita com base em espécimes da Bahia (ALMEIDA et al., 2018a). É caracterizada pelas colônias eretas formadas por autozoóides hexagonais, zoóides ovicelados rômnicos, aviculário interzooidal apenas entre os autozoóides, hexagonal e com forâmen sagitado e ovicelo imerso com lábio proximal retangular. Essa combinação de caracteres diferencia *Cellaria oraneae* de todas as espécies do gênero (ALMEIDA et al., 2018a).

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (ALMEIDA et al. 2018a). Até o momento, *Cellaria oraneae* só é conhecida para a Bahia, onde ocorre em toda a costa. É comum entre 15 e 50 metros de profundidade (ALMEIDA et al., 2018a), sobre corais e grãos de cascalho.

Figura 68. A–C, *Cellaria oraneae* (UFBA 280). A, aspecto geral dos ramos; B, ramo formado por autozoóides e aviculário; C, zoóides ovicelados. Escalas: A = 500 μ m; B = 200 μ m; C = 100 μ m.



Fonte: O autor (2018).

Superfamília Cribrilinoidea Hincks, 1879

4.23 Família Cribriliniidae Hincks, 1879

Diagnose. Colônia incrustante, unilaminar, ou ereta. Autozoóides com calcificação frontal do tipo espinocística (cribrimorfa ou escudo reticulado), pseudoporos ou áreas não calcificadas presentes nas costelas; gimnocisto proximal com desenvolvimento variável. Orifício primário bordado proximalmente pelo par mais distal de costelas, ocasionalmente formando lacuna suboral. Espinhos orais presentes. Aviculários adventícios ou interzoidais podem estar presentes. Paredes transversais com septulas porosas. Cenozoóides geralmente presentes. Ovicelo tipicamente hiperestomial com ooécio caloporiforme, por vezes bivalvado (HAYWARD; RYLAND, 1998; OSTROVSKY, 2013).

Gênero *Puellina* Jullien, 1886

Diagnose. Colônia incrustante, unilaminar. Autozoóides com calcificação frontal espinocística com pseudoporos entre as costelas. Gimnocisto moderado a bem desenvolvido. Orifício tipicamente com uma ou mais lacunas suborais e espinhos distais. Aviculários interzoidais. Cenozoóides comuns. Ovicelos associados a autozoóides ou cenozoóides. Ovicelo hiperestomial, fechado pelo opérculo (HAYWARD; RYLAND, 1998).

***Puellina* sp. nov.1**

(Figura 69A–C)

Puellina sp.: Almeida et al., 2015b: 4.

Puellina sp.1: Souza & Almeida, 2017: 265.

Material examinado. Holótipo: UFBA 408, Baía de Todos os Santos. Parátipo: UFBA 100, Baía de Todos os Santos. Material adicional: Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, unilaminar. Autozoóides subhexagonais ou losangulares ($L_z = 0,477\text{--}0,521$ mm; $l_z = 0,319\text{--}0,386$ mm) com parede frontal levemente convexa, delimitados por suturas distintas. Parede frontal espinocística, formada por 10–14 pares de costelas e com mais de 100 poros intercostais, um poro grande na borda mais distal das costelas, umbo suboral cônico com lacuna central formada pela junção do primeiro par de costelas. Calcificação frontal lisa; gimnocisto extensivo proximalmente e lateralmente. Orifício em forma de D transversal ($L_o = 0,060\text{--}0,072$ mm; $l_o = 0,076\text{--}$

0,088 mm); margens lisas, 5 espinhos distais nos autozoóides e 4 espinhos (um par de cada lado) em zoóides ovicelados. Aviculário interzooidal ($L_{av} = 0,282\text{--}0,361$ mm; $l_{av} = 0,065\text{--}0,080$ mm), colocado em área subtriangular de calcificação lisa; com rostro em forma de longa calha tubular e circular proximalmente, separados por pequenos côndilos triangulares proximolaterais. Cenozoóides não observados. Ovicelo hiperestomial ($L_{ov} = 0,122\text{--}0,176$ mm; $l_{ov} = 0,154\text{--}0,188$ mm); ooécio caloporiforme, calcificação lisa com protuberância mediana.

Comentários. *Puellina* sp. nov.1 pertence à um grupo de espécies de *Puellina* caracterizadas pela presença de 5 e 4 espinhos orais em autozoóides e zoóides ovicelados, respectivamente, umbo suboral com lacuna central e ooécio não perfurado. Dessa forma, de todas as congêneres, *Puellina* sp. nov.1 é mais semelhante a *Puellina decipiens* Ryland & Hayward, 1992, *Puellina denticulata* Harmelin & Aristegui, 1988, *Puellina hincksi* (Friedl, 1917), *Puellina innominata* (Couch, 1844), *Puellina minervae* Winston, 2016, *Puellina picardi* Harmelin, 1987 e *Puellina testudinea* Winston, 2005. *Puellina* sp. nov.1, entretanto, pode ser diferenciada de todas essas espécies pela presença de rostro do aviculário formando uma calha tubular de margens lisas; em *Puellina decipiens*, *Puellina denticulata*, *Puellina innominata*, *Puellina minervae*, *Puellina testudinea* e *Puellina picardi* o rostro do aviculário é distintamente triangular e *Puellina hincksi* possui aviculários com rostro em forma de calha triangular com margens serrilhadas.

No Brasil, quatro espécies de *Puellina* são conhecidas: *Puellina caraguata* Winston & Vieira, 2013, *Puellina octospinata* Winston, Vieira & Woollacott, 2014, *Puellina radiata* (Moll, 1803) e *Puellina tuba* Winston & Vieira, 2013. *Puellina caraguata* possui apenas 6–7 pares de costelas e não há aviculários; *Puellina octospinata* possui até 8 espinhos orais, 7–8 pares de costelas e aviculários com rostro triangular; *Puellina radiata* possui 4 espinhos orais e aviculários com rostro triangular; *Puellina tuba* possui papilas entre as costelas e não possui aviculários; diferindo assim de *Puellina* sp. nov.1 que possui 4–5 espinhos orais, 10–14 pares de costelas sem papilas e os aviculários com rostro em forma de calha tubular são frequentes.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil. *Puellina* sp. nov.1 é conhecida apenas para a Bahia, ocorrendo na Costa dos Coqueiros, Baía de Todos os Santos, Costa do Dendê e Costa das Baleias, desde o entremarés até o infralitoral (35 metros). Ocorre sobre substratos naturais como conchas de moluscos, rodolitos e rochas, e artificiais (como placas de PVC).

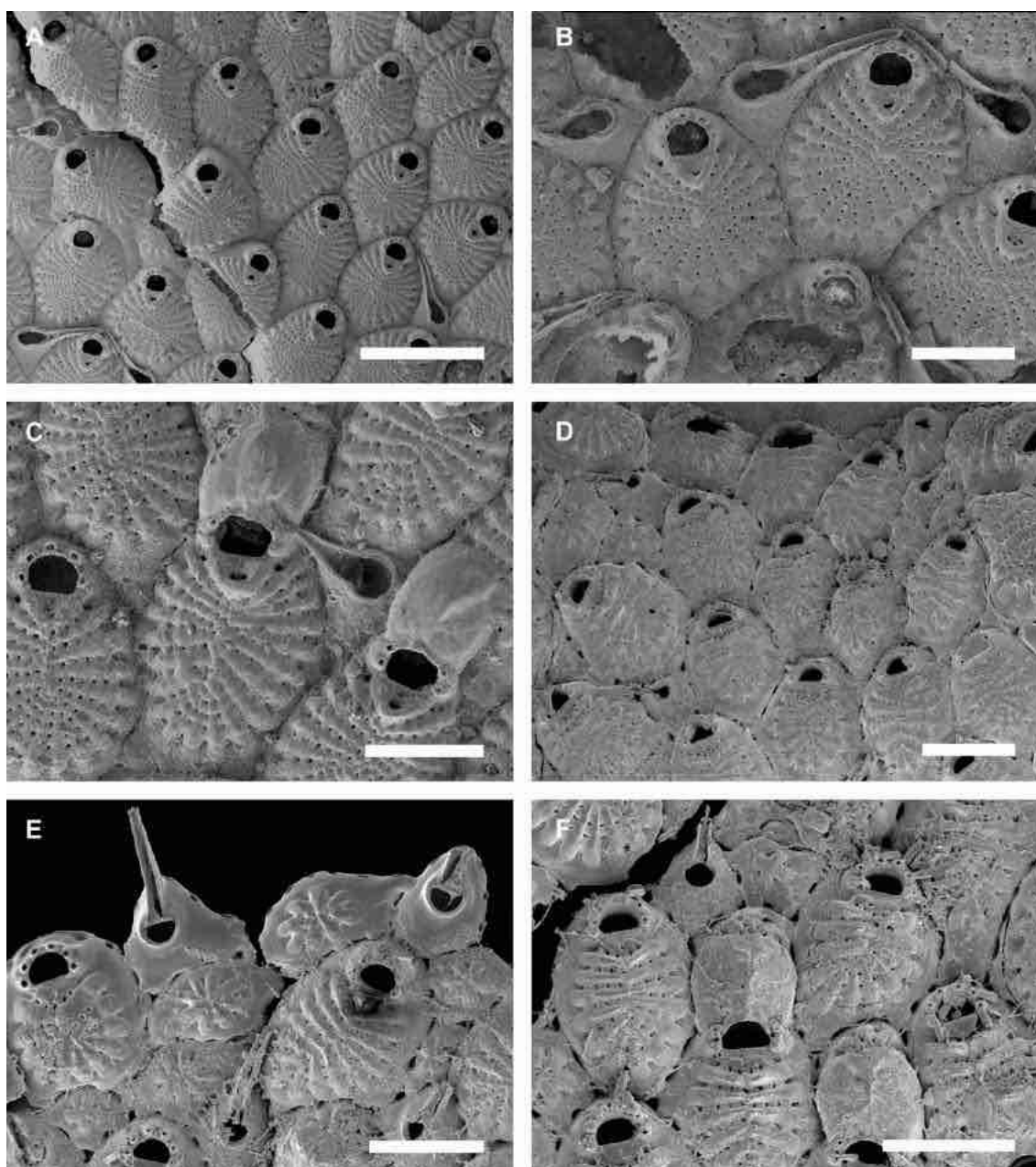
***Puellina* sp. nov.2**

(Figura 69D–F)

Puellina sp.2: Almeida et al., 2015b: 4; Souza & Almeida, 2017: 265.**Material examinado.** Holótipo: UFBA 2168, Baía de Todos os Santos. Parátipo: UFBA 3358, Baía de Todos os Santos. Material adicional: Apêndice A.**Descrição.** Colônia incrustante, unilaminar. Autozoóides losangulares a globulares (Lz = 0,294–0,378 mm; lz = 0,213–0,266 mm), delimitados por suturas distintas, convexos. Parede frontal espinocística, formada por 8–10 pares de costelas, 30–40 poros intercostais, um poro grande na borda mais distal das costelas. Calcificação frontal lisa; gimnocisto moderado proximalmente e lateralmente. Orifício em forma de D transversal (Lo = 0,040–0,049 mm; lo = 0,060–0,071 mm) com margens lisas, 6–7 espinhos distais nos autozoóides, apresentando apenas 4 espinhos (1 par de cada lado) em zoóides oviceados. Aviculário interzooidal (Lav = 0,150–0,270 mm; lav = 0,042–0,064 mm), colocado em área subtriangular de calcificação lisa; com rostro em forma de longa calha tubular e circular proximalmente, separados por conspícuos côneilos triangulares proximolaterais; colocado transversalmente, direcionado distolateralmente. Cenozoóides circulares a elípticos (0,121–0,222 mm de comprimento; 0,118–0,162 mm de largura), 4–8 pares de costelas radiais e 4–12 poros intercostais. Ovicelo hiperestomial (Lov = 0,358–0,409 mm; lov = 0,164–0,231 mm), associado a autozoóides ou cenozoóides; ooécio caloporiforme, calcificação lisa com pequenas protuberâncias e sutura mediana.**Comentários.** A combinação de autozoóides com 8–10 pares de costelas, 6–7 espinhos distais nos autozoóides e 4 espinhos em zoóides oviceados, umbo suboral com lacuna central, aviculário interzooidal com rostro em forma de longa calha tubular e circular proximalmente, cenozoóides circulares a elípticos, ovicelo associado a autozoóides ou cenozoóides distinguem *Puellina* sp. nov.2 de todas as espécies do gênero.A presença de 6–7 espinhos orais nos autozoóides e 4 espinhos nos zoóides oviceados, umbo suboral com lacuna central e ooécio não perfurado, encontrados em *Puellina* sp. nov.2, também estão presentes em outras 7 espécies do gênero *Puellina*: *Puellina arrecta* Bishop & Househam, 1987, *Puellina flabellifera* (Kirkpatrick, 1888), *Puellina orientalis* Harmelin & Aristegui, 1987, *Puellina parva* Reverter Gil & Fernandez Pulpeiro, 1996, *Puellina smitti* Winston, 2005, *Puellina voigti* Ristedt, 1985 e *Puellina vulgaris* Ryland & Hayward, 1992. *Puellina arrecta* e *Puellina flabellifera* diferem de *Puellina* sp. nov.2 pelos aviculários com rostro curto e ovicelo apenas associados aos autozoóides (aviculário com rostro longo e ovicelo associado aos

autozoóides ou cenozoóides na nova espécie). *Puellina smitti* e *Puellina orientalis* também são distintas de *Puellina* sp. nov.2 pelo aviculário com rostro curto e região proximal côncava (rostro longo e com região proximal circular em *Puellina* sp. nov.2). *Puellina vulgaris* tem aviculário com rostro triangular curto e os aviculários de *Puellina voighti* possuem região proximal com projeções digitiformes, ambos distintos dos aviculários de *Puellina* sp. nov.2. Por fim, *Puellina parva* não possui aviculários e cenozoóides, ambos comuns em *Puellina* sp. nov.2.

Figura 69. A–C, *Puellina* sp. nov.1 (UFBA 408); D–F, *Puellina* sp. nov.2 (UFBA 2168). A, D, grupo de autozoóides e alguns aviculários; B, E, detalhe dos autozoóides e orifícios com espinhos distais, aviculários e cenozoóides (E); C, F, zoóides ovicelados. Escalas: A, D = 500 µm; B, E = 200 µm; C, F = 100 µm.



Fonte: O autor (2018).

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil. Distribuída em toda a costa da Bahia, *Puellina* sp. nov.2 é habitante de substratos rígidos como corais, rodolitos e nódulos calcários, do entremarés a 35 metros de profundidade.

Superfamília Catenicelloidea Busk, 1852

4.24 Família Catenicellidae Busk, 1852

Diagnose. Colônia ereta, flexível, articulada, fixa ao substrato por rizóides. Entrenós compreendem um ou poucos autozoóides. Calcificação frontal do tipo gimnocística; câmara de poros pode estar presente na região frontal ou lateral do zoóide. Orifício primário tipicamente dimórfico, maiores em zoóides ovicelados. Paredes transversais distais com séries uniporosas de poros. Aviculários adventícios podem estar presentes. Ovicelo tipicamente hiperestomial, fechado ou não pelo opérculo; ooécio caloporiforme, ectooécio com calcificação variável (GORDON, 1984; OSTROVSKY, 2013).

Gênero *Catenicella* de Blainville, 1830

Diagnose. Autozoóides com parede frontal lisa com um par de câmaras de poros longitudinais laterais. Orifício primário com côneilos e borda proximal côncava. Espinhos ausentes, mas as bordas distais dos autozoóides formam porção afunilada que pode abrigar um aviculário. Aviculário adventício distolateral por vezes dimórfico. Ovicelo hiperestomial; ectooécio com poros ou fenestra frontal (GORDON, 1984).

***Catenicella contei* (Audouin, 1826)**

(Figura 70A,B)

Eucrateia contei Audouin, 1826: 242.

Catenicella contei: Vieira, Migotto, Winston, 2008: 22 (sin. cum.); Ramalho et al., 2014: 171, fig. 3 (sin. cum.); Almeida et al., 2015b: 4; Souza & Almeida, 2017: 265.

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia branca translúcida (*in vivo*), ereta, articulada, ramificada delicada, formando pequenas formas arborescentes no substrato. Entrenós formados por 1 ou 2 zoóides, por vezes apresentando mais zoóides em entrenós em reprodução. Autozoóides fusiformes (Lz = 0,290–0,335 mm; lz = 0,108–0,130 mm), bordas distais com câmara calcificada em forma de espinho e terminando em porção proximal levemente estreita.

Parede frontal gimnocística, duas câmaras laterais de poros atingindo a região mediana lateral do zoóide. Orifício primário subterminal ($L_o = 0,056\text{--}0,066$ mm; $l_o = 0,057\text{--}0,066$ mm), subcircular, poster quase reto. Aviculários ausentes. Ovicelo hiperestomial ($L_{ov} = 0,119\text{--}0,140$ mm; $l_{ov} = 0,138\text{--}0,159$ mm); ectooécio com fenda mediana.

Comentários. *Catenicella contei* é caracterizada pelas colônias eretas formadas por autozoóides com bordas distais em forma de espinhos, parede frontal com duas câmaras laterais de poros que atingem a porção mediana lateral do zoóide, aviculários ausentes e ectooécio com fenda mediana. Dentre as espécies de *Catenicella*, esta combinação de caracteres morfológicas é apenas observada em *Catenicella contei*.

Distribuição. Mar Vermelho e Atlântico Ocidental (Estados Unidos até o Brasil) (RAMALHO et al., 2014). Geralmente encontrada em substratos artificiais e algas, *Catenicella contei* possui como localidade tipo o Mar Vermelho, mas atualmente está distribuída em todo o Atlântico (RAMALHO et al., 2014). No Brasil, aparentemente ocorre em toda a costa (MIRANDA; ALMEIDA; VIEIRA, 2018; RAMALHO et al., 2014), facilmente encontrada sobre substratos flutuantes como *Sargassum* spp. e outras algas. Também ocorre associada a hidrozoários e outros briozoários, já tendo sido relatada em cascos de navios (RAMALHO et al., 2014; VIEIRA, 2008). Na Bahia, *Catenicella contei* ocorre na Costa dos Coqueiros, Baía de Todos os Santos e Costa das Baleias. É encontrada desde o entremarés até 25 metros de profundidade, sobre algas, outros briozoários, corais, esponjas e estruturas artificiais.

***Catenicella uberrima* (Harmer, 1957)**

(Figura 70C,D)

Vittaticella uberrima Harmer, 1957: 772, pl. 50, figs. 4, 5, 15.

Catenicella uberrima: Miranda et al., 2018: Apêndice A, 5 (sin. cum.).

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia branca translúcida, amarelada ou alaranjada (*in vivo*), ereta, ramificada delicada, formando tufos densos sobre o substrato. Entrenós formados por 2 ou 3 zoóides, entrenós férteis com três ou mais zoóides. Autozoóides fusiformes ($L_z = 0,407\text{--}0,476$ mm; $l_z = 0,192\text{--}0,215$ mm), bordas distais com câmara calcificada triangular e terminando em porção proximal estreita. Parede frontal gimnocística, duas câmaras laterais longas de poros, atingindo mais de três quarto do comprimento zooidal. Orifício primário subterminal ($L_o = 0,087\text{--}0,106$ mm; $l_o = 0,084\text{--}0,108$ mm), semicircular, poster raso em forma de U; côneilos proximolaterais. Aviculários oblongos

dispostos lateralmente nas câmaras calcificadas zooidais distais, pequenos ($L_{av1} = 0,043\text{--}0,074$ mm; $l_{av1} = 0,027\text{--}0,046$ mm). Um desses pode se desenvolver como um aviculário oblongo grande ($L_{av2} = 0,130\text{--}0,162$ mm; $l_{av2} = 0,032\text{--}0,056$ mm), obliquamente direcionado para região medial distal do orifício, ou posicionado para porção frontal voltada para face abfrontal do zoóide. Ovicelo hiperestomial ($L_{ov} = 0,145\text{--}0,161$ mm; $l_{ov} = 0,194\text{--}0,226$ mm); ectooécio com larga fenestra mediana e fileira de poros externos.

Comentários. *Catenicella uberrima* é caracterizada pelas colônias eretas formadas por autozoóides com bordas distais com aviculários oblongos, geralmente dimórficos, parede frontal com duas câmaras laterais de poros ocupando quase que completamente o comprimento total do zoóide, e ectooécio com fenestra mediana e com poros marginais. *Catenicella uberrima* é facilmente diferenciada de *Catenicella contei* pela presença de aviculários (ausentes em *Catenicella contei*), longas câmaras de poros (alcançando apenas o meio do comprimento do autozoóide em *Catenicella contei*) e ectooécio com fenestra mediana (com fenda em *Catenicella contei*).

Distribuição. Circuntropical. Atlântico Ocidental: Estados Unidos até o Brasil (MARQUES et al., 2013; MIRANDA; ALMEIDA; VIEIRA, 2018; RAMALHO et al., 2014). Descrita originalmente para o Mar de Java (Pacífico), *Catenicella uberrima* possui distribuição circuntropical (MARQUES et al., 2013; MIRANDA; ALMEIDA; VIEIRA, 2018; TILBROOK, 2006). Há indícios que, ao menos espécimes do Brasil, compreendam mais de uma espécie (MIRANDA; ALMEIDA; VIEIRA, 2018; RAMALHO et al., 2014). Trata-se de um briozoário comum no Brasil, conhecido para São Paulo, Rio de Janeiro, Alagoas, Bahia e Pernambuco (VIEIRA; NASCIMENTO; ALMEIDA, 2018), habitante de todo tipo de substrato, incluindo estruturas artificiais (MIRANDA; ALMEIDA; VIEIRA, 2018; RAMALHO et al., 2014). Na Bahia, ocorre em toda a costa, do entremarés até 48 metros de profundidade, em algas, outros briozoários, corais e rochas.

4.25 Família Savignyellidae Levinsen, 1909

Diagnose. Colônias eretas, ramificadas e articuladas. Entrenó formado por apenas um autozoóide. Calcificação frontal gimnocística, porosa. Orifício primário pode ter seio e espinhos distais. Parede transversal distal com septulas porosas. Aviculários adventícios adjacentes ao orifício. Ovicelos hiperestomiais, não fechados pelo opérculo; ooécio caloporiforme (GORDON, 1989; OSTROVSKY, 2013).

Gênero *Savignyella* Levinsen, 1909

Diagnose. Autozoóides alongados com terminação tubular; gimnocisto densamente poroso. Orifício primário subcircular e com espinhos distais. Aviculário suboral único ou ausente. Ovicelo hiperestomial; endooécio pode ser poroso ou reticulado, ectooécio não calcificado frontalmente (GORDON, 1989).

Savignyella lafontii (Audouin, 1826)

(Figura 70E,F)

Eucrateia lafontii Audouin, 1826: 242.

Savignyella lafontii: Almeida et al., 2015a: 4; Miranda et al., 2018: Apêndice A, 9 (sin. cum.).

Material examinado. Apêndice A.

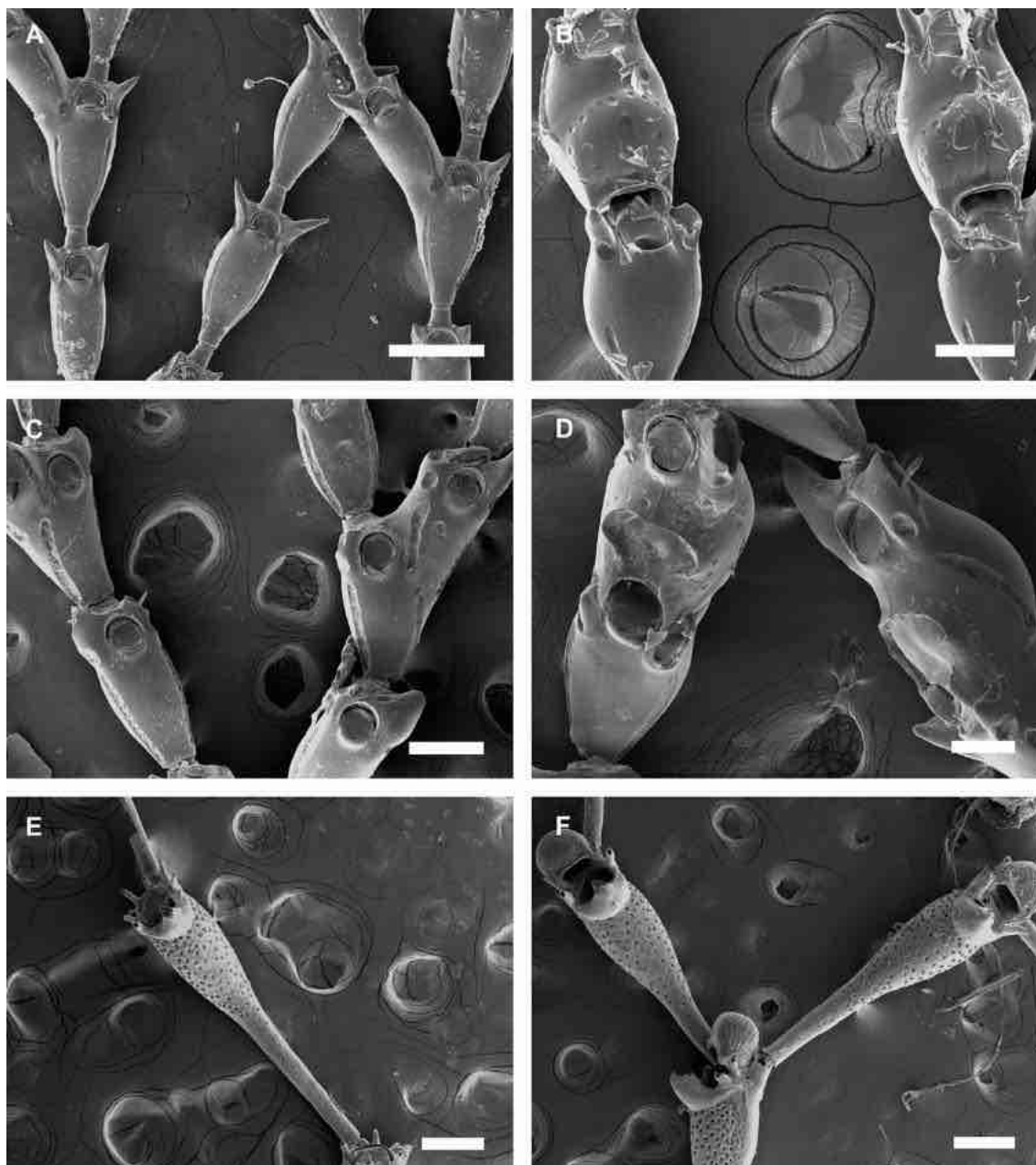
Descrição. Colônia ereta, articuladas e com séries unizoidais. Autozoóides claviformes (Lz = 0,743–0,971 mm; lz = 0,128–0,179 mm) com porção proximal tubular. Parede frontal gimnocística com numerosos poros arredondados. Orifício primário terminal, em forma de D transversal; 4–7 espinhos distais. Orifício secundário desenvolvido e completo ao redor do orifício primário. Aviculário suboral, pequeno (Lav = 0,051–0,072 mm; lav = 0,028–0,045 mm; n = 6) e colocado numa câmara fortemente calcificada e não perfurada; mandíbula oval ou subtriangular e com região distal do rostrum em forma de gancho. Ovicelo hiperestomial (Lov = 0,131–0,174 mm; lov = 0,131–0,190 mm); entooécio com calcificação nodulosa reticular e ectooécio como porção basal de calcificação lisa.

Comentários. *Savignyella lafontii* é caracterizada pelas colônias uniseriais de claviformes e com porção proximal tubular, orifício primário com 4–7 espinhos distais, aviculário suboral pequeno com ponta distal em forma de gancho, entooécio noduloso e ectooécio como porção basal de calcificação lisa.

Distribuição. Diversas localidades dos Oceanos Atlântico e Indo-Pacífico (MIRANDA et al., 2008; TILBROOK, 2001). *Savignyella lafontii* é considerada cosmopolita em águas quentes com registros circuntropicais (TILBROOK, 2001; WINSTON, 1982). Tilbrook (2001) aponta que não existe espécime tipo e que este táxon pode constituir um complexo de espécies. No Brasil, *Savignyella lafontii* é conhecida para Pernambuco, Alagoas, Bahia e São Paulo (MIRANDA et al., 2008). Na Bahia, ocorre na Costa dos Coqueiros e Costa das Baleias, do entremarés a 25 metros de profundidade, sobre algas, corais e hidrozoários.

Figura 70, A, B, Catenicella contei (UFBA 3433); **C, D, Catenicella uberrima** (UFBA 3282); **E, F, Savignyella lafontii** (UFBA 3434). **A, C, E,** autozoóides e alguns aviculários (C e E); **B, D, F,** zoóides

ovicelados; ectooécio com fenda mediana (B), fenestra (D) e como porção basal de calcificação lisa (F). Escalas: A, C, E, F = 200 μ m; B, D = 100 μ m.



Fonte: O autor (2018).

Superfamília Hippothoidea Busk, 1859

4.26 Família Hippothoidae Busk, 1859

Diagnose. Colônias incrustantes uni ou multiseriais, raramente com formas eretas. Calcificação frontal do tipo gimnocística, não perfurada. Orifício primário com anter arqueado e poster com seio; côndilos laterais presentes; espinhos orais ausentes. Orifício secundário pouco desenvolvido. Aviculários vicariantes podem estar presentes. Ovicelos

hiperestomiais, desenvolvido em zoóides femininos especiais, fechados pelo opérculo; ooécio caloporiforme; ectooécio com calcificação variável (HAYWARD; RYLAND, 1999; OSTROVSKY, 2013).

Gênero *Hippothoa* Lamouroux, 1821

Diagnose. Colônia incrustante, uniserial e com zoóides tipicamente conectados entre si por uma região estreita proximal. Autozoóides losangulares ou oblongos, apresentando região distal dilatada proximal mais estreita (cauda). Zoecíolos laterais frequentes. Zoóides reprodutivos dimórficos (HAYWARD; RYLAND, 1999).

***Hippothoa brasiliensis* Morris, 1980**

(Figura 71A–C)

Hippothoa brasiliensis Morris, 1980: 29.

Hippothoa brasiliensis: Vieira, Migotto, Winston, 2008: 23 (sin. cum.).

Hippothoa sp.: Almeida et al., 2015b: 4.

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, uniserial. Autozoóides delicados, sublosangulares, oblongos (Lz = 0,280–0,367 mm; lz = 0,139–0,202 mm) com porção proximal estreita (cauda) muito curta. Parede frontal gimnocística com linhas transversais conspícuas de calcificação. Orifício primário (Lo = 0,067–0,086 mm; lz = 0,054–0,068 mm) terminal, anter semicircular e seio estreito e profundo, em forma de U; côneilos proximolaterais triangulares e pequenos. Zoóides reprodutivos dimórficos (Lz = 0,261–0,321 mm; lz = 0,215–0,260 mm; n = 5), sem porção proximal filiforme, orifício subterminal com seio amplo e raso (Lo = 0,052–0,064 mm; lz = 0,068–0,087 mm; n = 5). Ovicelo hiperestomialtomial (Lov = 0,110–0,127 mm; lz = 0,174–0,195 mm; n = 5); ooécio caloporiforme, inicialmente com fenestra mediana e não perfurado quando totalmente formado.

Comentários. *Hippothoa brasiliensis* é caracterizada pelos autozoóides com porção filiforme curta, parede frontal com linhas transversais conspícuas de calcificação e orifício primário com seio estreito e profundo, em forma de U.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (MARCUS 1939; presente estudo). Conhecida apenas para o Brasil, *Hippothoa brasiliensis* ocorre em São Paulo, Bahia e Pernambuco (VIEIRA; NASCIMENTO; ALMEIDA, 2018). Comum sobre algas, também já foi encontrada sobre substratos rígidos como conchas (MARCUS, 1939). Na Bahia, ocorre

na Costa dos Coqueiros e Baía de Todos os Santos, do entremarés ao infralitoral (45 metros de profundidade), sobre algas vermelhas, hidrozoários e conchas de moluscos.

***Hippothoa flagellum* Manzoni, 1870**

(Figura 71D–F)

Hippothoa flagellum Manzoni, 1870: 328.

Hippothoa flagellum: Vieira, Migotto, Winston, 2008: 23 (sin. cum.); Almeida et al., 2015b: 4; Souza & Almeida, 2017: 265.

Hippothoa cf. *flagellum*: Winston et al., 2014: 180, fig. 26 (sin. cum.).

Material examinado. Apêndice A.

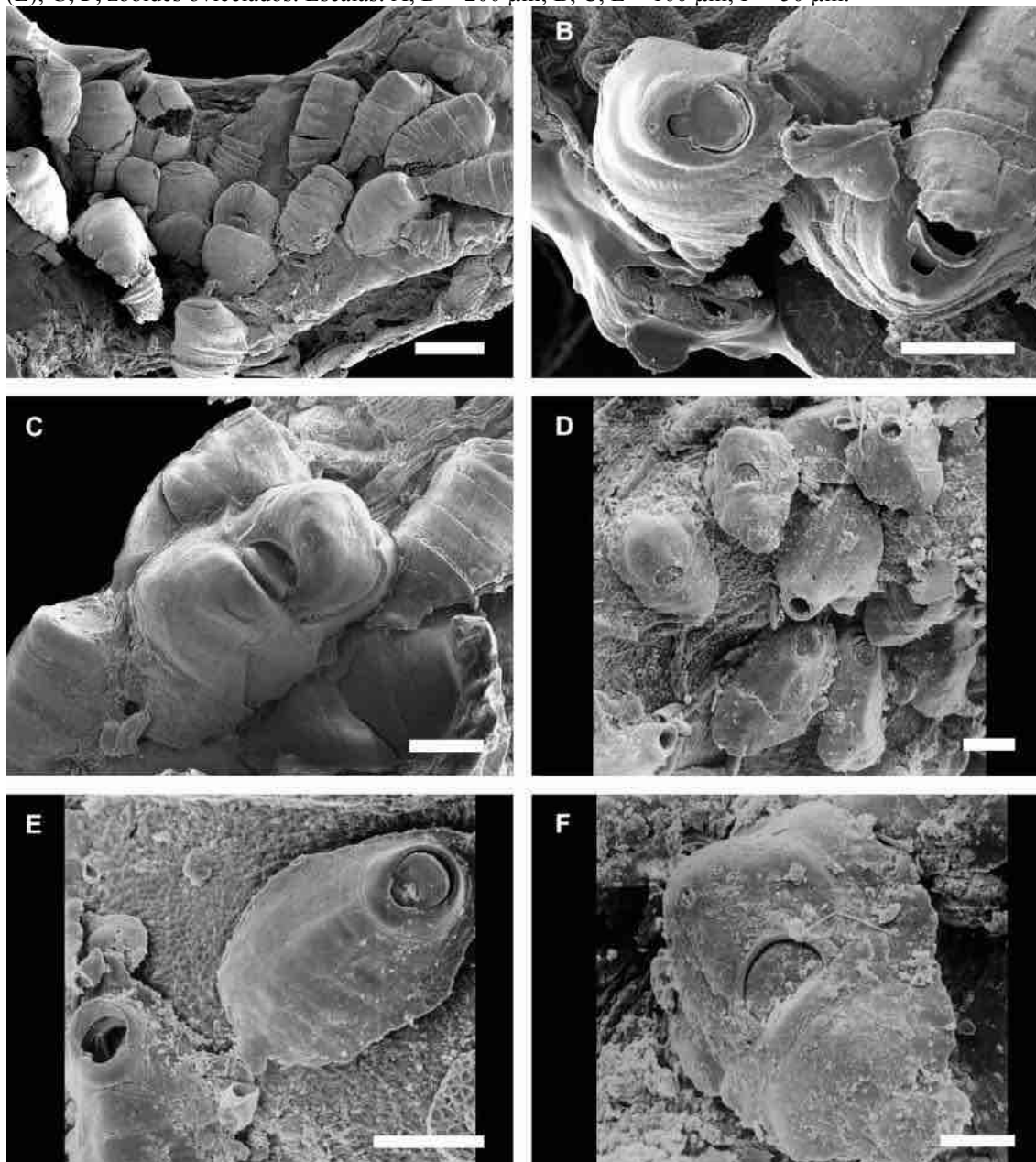
Descrição. Colônia incrustante, uniserial. Autozoóides delicados, losangulares ou oblongos ($Lz = 0,208\text{--}0,294$ mm; $lz = 0,125\text{--}0,198$ mm), porção proximal filiforme longa. Parede frontal gimnocística, lisa. Orifício primário oval ($Lo = 0,050\text{--}0,066$ mm; $lz = 0,038\text{--}0,052$ mm), subterminal, anter semicircular e seio amplo e raso em forma de U; côndilos proximolaterais triangulares. Zoóides reprodutivos dimórficos ($Lz = 0,123\text{--}0,179$ mm; $lz = 0,139\text{--}0,151$ mm; $n = 5$), raramente dão origem a novos zoóides, sem porção proximal filiforme, orifício subterminal com seio amplo e raso ($Lo = 0,032\text{--}0,044$ mm; $lz = 0,054\text{--}0,063$ mm; $n = 5$). Ovicelo hiperestomial ($Lov = 0,081\text{--}0,109$ mm; $lz = 0,103\text{--}0,117$ mm; $n = 5$); ooécio caloporiforme, não perfurado.

Comentários. *Hippothoa flagellum* é reconhecida pelos autozoóides com porção filiforme longa, parede frontal lisa, orifício primário com seio amplo e raso, e zoóides reprodutivos raramente originando novos zoóides. Esta espécie é distinta de *Hippothoa brasiliensis* pelo comprimento da região caudal do zoóide (mais longa em *H. flagellum* que *H. brasiliensis*), parede frontal com linhas transversais, orifício primário com seio estreito e profundo e zoóides reprodutivos geralmente originando novos zoóides.

Distribuição. Registrada em águas temperadas e tropicais de todos os Oceanos (HAYWARD; MCKINNEY, 2002; WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014). Considerada cosmopolita em águas rasas temperadas e tropicais de todo o mundo, *Hippothoa flagellum* é comum sobre conchas e outros substratos carbonáticos (HAYWARD; MCKINNEY, 2002). Já foi sugerido que alguns registros pertençam a espécies distintas (WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014), mas nenhuma revisão foi feita até o momento. No Brasil, *Hippothoa flagellum* é conhecida para o Rio Grande do Norte (Atol das Rocas), Bahia e São Paulo (VIEIRA; NASCIMENTO; ALMEIDA,

2018). Na Bahia, ocorre na Costa dos Coqueiros, Baía de Todos os Santos e Costa das Baleias, entre 15 e 50 metros de profundidade), sobre algas e conchas de moluscos.

Figura 71. A–C, *Hippothoa brasiliensis* (UFBA 3435); D–F, *Hippothoa flagellum* (UFBA 3436). A, D, aspecto geral da colônia; B, E, detalhe dos autozoóides e orifícios primários com seio profundo (B) e raso (E); C, F, zoóides ovicelados. Escalas: A, D = 200 μm ; B, C, E = 100 μm ; F = 50 μm .



Fonte: O autor (2018).

4.27 Família Pasytheidae Davis, 1934

Diagnose. Colônias formadas por ramos articulados e flexíveis, formados porções ramificadas incrustantes delgada. Autozoóides organizados uniserialmente, em pares ou tríades. Calcificação frontal do tipo gimnocística, perfurada ou não. Orifício primário

com anter arqueado e poster amplo e raso. Espinhos, aviculários e ovicelos ausentes (GORDON, 1984; OSTROVSKY, 2013).

Gênero *Pasythea* Lamouroux, 1812

Diagnose. Colônia com estolão incrustante, delgado, do qual brotam ramos eretos articulados. Ramos formados por cenozoóides articulados a duas tríades de zoóides. Tríades com zoóides longos, um com abertura central e os outros dois laterais e com orifício oblíquo direcionado para fora. Aviculários e ovicelos ausentes (OSBURN, 1940; VIEIRA, 2008).

***Pasythea tulipifera* (Ellis & Solander, 1786)**

(Figura 72A,B)

Cellaria tulipifera Ellis & Solander, 1786: 27, pl. 5a.

Pasythea tulipifera: Winston, 1982: 152, fig. 87 (sin. cum.); Vieira, Migotto, Winston, 2008: 24 (sin. cum.); Almeida et al., 2015b: 4; Souza & Almeida, 2017: 265.

Material examinado. Apêndice A.

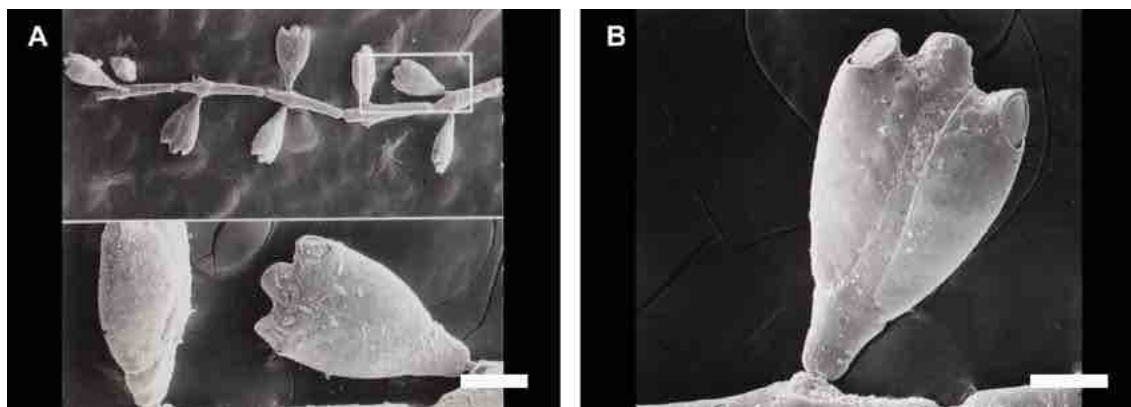
Descrição. Colônia ereta, articulada, formando região incrustante delgada. Ramos formados por cenozoóides tubulares (entrenós) com tríades de autozoóides organizados e pares opostos nos entrenós. Autozoóides laterais da tríade são subovais ($Lz = 0,300\text{--}0,400$ mm; $lz = 0,108\text{--}0,253$ mm) e os orifícios ($Lo = 0,051\text{--}0,085$ mm; $lo = 0,033\text{--}0,048$ mm) são direcionados lateralmente, o autozoóide mediano é alongado, mais estreito ($Lz = 0,427\text{--}0,480$ mm; $lz = 0,060\text{--}0,069$ mm; $n = 5$) e o orifício ($Lo = 0,057\text{--}0,079$ mm; $lo = 0,050\text{--}0,076$ mm; $n = 5$) é frontal. Parede frontal gimnocística. Autozoóides e cenozoóides com poros pequenos. Orifício primário terminal, arqueado distalmente e com seio amplo e raso em forma de U. Aviculários e ovicelos ausentes.

Comentários. *Pasythea tulipifera* é reconhecida pelas colônias eretas articuladas com base estoloniforme, autozoóides em pares de tríades colocados opostamente nos entrenós; autozoóides lateralmente subovais e o mediano alongado e superfície com poros pequenos. Esta é a única espécie vivente do gênero *Pasythea*.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Estados Unidos até o Brasil; Atlântico Oriental: África Ocidental (VIEIRA; MIGOTTO; WINSTON, 2008; WINSTON, 1982). *Pasythea tulipifera* está distribuída em todo o Atlântico (VIEIRA; MIGOTTO; WINSTON, 2008; WINSTON, 1982). No Brasil, é conhecida para Alagoas, Bahia e São Paulo (VIEIRA, 2008; VIEIRA; MIGOTTO; WINSTON, 2008). Na Bahia, é comum na Costa dos

Coqueiros, Costa do Dendê, Costa do Descobrimento e Costa das Baleias, desde o entremarés até o infralitoral (34 metros de profundidade), sobre algas e corais.

Figura 72. A, B, *Pasythea tulipifera* (UFBA 380). A, aspecto geral da colônia e detalhe dos autozoóides; B, detalhe dos autozoóides e orifícios primários. Escalas: A = 100 μm ; B = 50 μm .



Fonte: O autor (2018).

4.28 Família Trypostegidae Gordon, Tilbrook & Winston, 2005

Diagnose. Colônias incrustantes. Calcificação frontal do tipo gimnocística, uniformemente perfurada. Orifício primário com seio distinto e, por vezes, com côneos e sutura proximal; espinhos orais ausentes. Zoecíolos dispostos entre os autozoóides ou distalmente aos ovícelos. Aviculários vicariantes podem estar presentes. Ovícelos hiperestomiais, desenvolvido em zoóides femininos especiais às vezes com orifício dimórfico, fechados pelo opérculo; ooécio caloporiforme (OSTROVSKY, 2013; WINSTON, 2005).

Gênero *Trypostega* Levinsen, 1909

Diagnose. Colônia formando manchas finas. Autozoóides alongados, convexos, delimitados por distintos sulcos. Parede frontal perfurada. Orifício primário com côneos, seio e sutura proximal. Aviculários vicariantes podem estar presentes. Zoecíolos com calcificação frontal semelhante aos autozoóides, dispostos entre os autozoóides ou distalmente aos ovícelos (TILBROOK, 2006; VIEIRA, 2008).

Trypostega tropicalis Winston, Vieira & Woollacott, 2014

(Figura 73A–C)

Trypostega tropicalis Winston, Vieira & Woollacott, 2014: 180, fig. 27.

Trypostega tropicalis: Almeida et al., 2015b: 4; Souza & Almeida, 2017: 265.

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, uni a multilaminar. Autozoóides ovais ou rombóides ($Lz = 0,360-0,560$ mm; $lz = 0,226-0,315$ mm), achatados frontalmente; projeção mediana baixo do orifício. Parede frontal gimnocísta, levemente estriada, 40–60 poros espaçados e em forma de funil. Orifício primário ($Lo = 0,083-0,100$ mm; $lo = 0,056-0,072$ mm) com anter redondo, poster com seio raso, sinuoso; côneilos proximolaterais pontiagudos. Zoecíolos pequenos ($0,066-0,112$ mm de comprimento; $0,063-0,084$ mm de largura) com a mesma calcificação frontal que os autozoóides, colocados distalmente em cada autozoóide; orifício em forma de D transversal ($0,022-0,028$ mm de comprimento; $0,018-0,023$ mm de largura), côneilos medianos pequenos, triangulares. Zoóides ovicelados com orifícios maiores que os autozoóides não ovicelados. Ovicelo hiperestomial ($Lov = 0,188-0,198$ mm; $lov = 0,239-0,249$ mm; $n = 5$); ooécio caloporiforme, mesma calcificação frontal que os autozoóides e com zoecíolo proximal associado.

Comentários. *Trypostega tropicalis* é caracterizada pelos autozoóides perfurados frontalmente por 40–60 poros em forma de funil, orifício primário sinuoso, e zoecíolos distais em cada autozoóide, orifício em forma de D transversal. Essa combinação de caracteres distingue *Trypostega tropicalis* de todas as espécies do gênero *Trypostega*.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014). Endêmica do Brasil, é conhecida apenas para a Bahia (WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014). É comum em toda a costa, desde o entremarés até o infralitoral (46 metros de profundidade). Ocorre sobre substratos artificiais (placas de PVC) e naturais, incluindo corais, rodolitos, rochas e nódulos calcários.

4.29 Família Vitrimurellidae Winston, Vieira & Woollacott, 2014

Diagnose. Colônias incrustantes. Calcificação frontal do tipo gimnocística e com poros grandes. Orifício primário com seio distinto e côneilos laterais; espinhos orais ausentes. Aviculários podem estar presentes. Ovicelos hiperestomiais, desenvolvido em zoóides femininos especiais às vezes com orifício dimórfico, fechados pelo opérculo; ooécio caloporiforme (OSTROVSKY, 2013; WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014).

Gênero *Vitrimurella* Winston, Vieira & Woollacott, 2014

Diagnose. Calcificação frontal translúcida, lisa, levemente estriada e com poros grandes. Orifícios dimórficos, seio mais raso e levemente convexo em zoóides ovicelados.

Aviculário presente ou ausente. Ovicelo pouco saliente na superfície zooidal (WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014).

***Vitrimurella fulgens* (Marcus, 1955)**

(Figura 73D–F)

Tremoschizodina lata: Canu & Bassler, 1928a: 90, pl. 8, fig. 1.

Tremoschizodina fulgens Marcus, 1955: 308, figs. 80, 81.

Vitrimurella fulgens: Winston et al., 2014: 184, fig. 28, 29 (sin. cum.).

Tremoschizodina lata: Almeida et al., 2015b: 5.

Material examinado. Apêndice A.

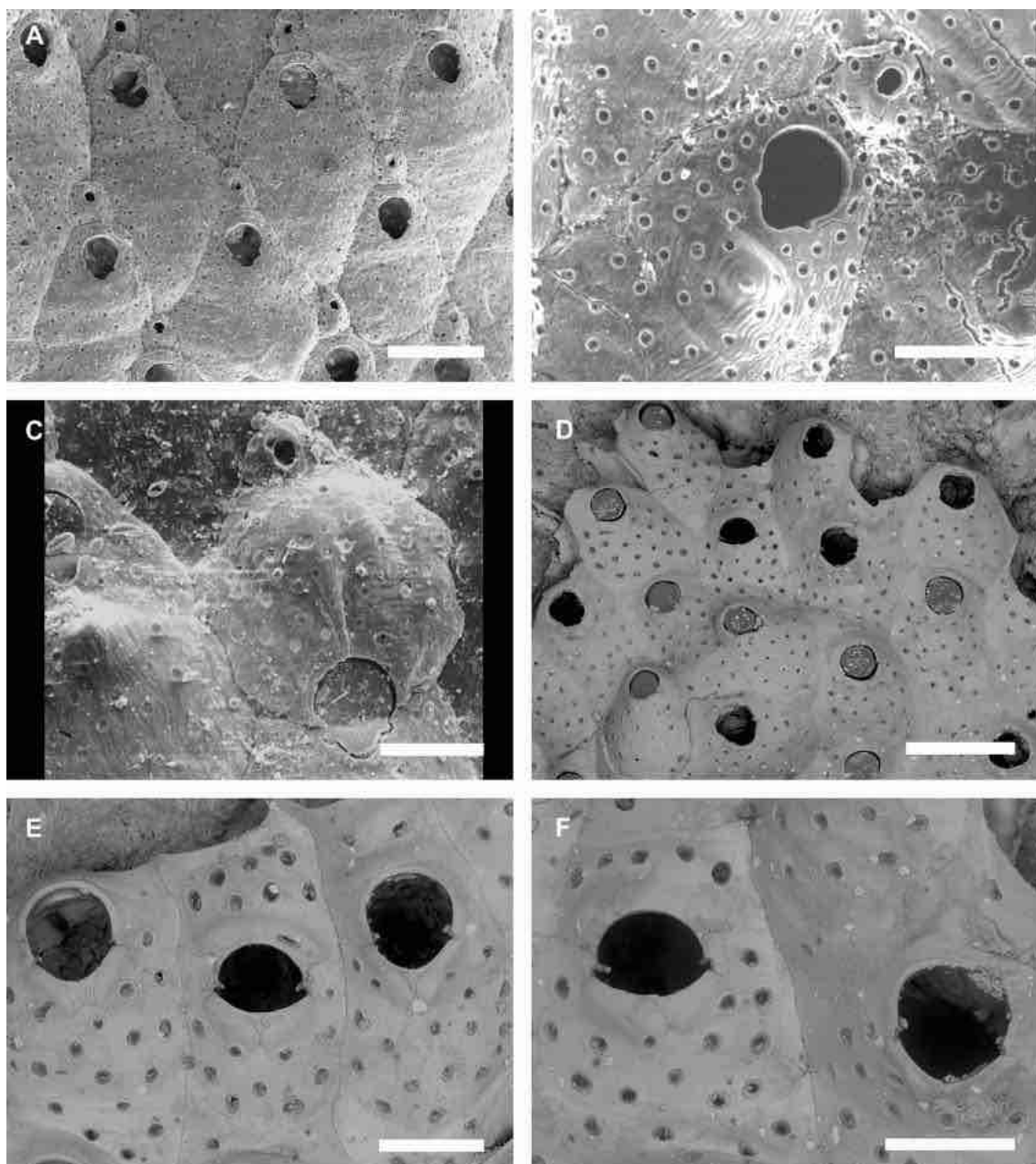
Descrição. Colônia incrustante, unilaminar. Autozoóides ovais, subretangulares ou subhexagonais ($Lz = 0,493\text{--}0,719$ mm; $lz = 0,336\text{--}0,548$ mm), limitados por suturas distintas. Parede frontal gimnocista, lisa e com grandes poros espaçados e em forma de funil. Orifício primário ($Lo = 0,150\text{--}0,191$ mm; $lo = 0,133\text{--}0,178$ mm) com anter redondo, poster amplo e profundo em forma de V, formado por duas costelas fundidas; côneilos pontiagudos proximolaterais. Orifício secundário desenvolvido proximalmente e fusionado na região mediana. Zoóides ovicelados ($0,508\text{--}0,751$ mm de comprimento; $0,305\text{--}0,425$ mm de largura; $n = 5$) com orifício com poster raso e amplo ($0,118\text{--}0,143$ mm de comprimento; $0,165\text{--}0,180$ mm de largura; $n = 5$); côneilos maiores que em autozoóides não ovicelados. Aviculários não observados. Ovicelo endozooidal, ooécio caloporiforme, mesma calcificação frontal que os autozoóides.

Comentários. *Vitrimurella fulgens* é caracterizada pelos autozoóides com poros frontais regularmente espaçados, grandes e em forma de funil, orifício primário com poster amplo e profundo, e zoóides ovicelados com orifícios achatados.

Recentemente redescrita por Winston; Vieira; Woollacott (2014), *Vitrimurella fulgens* é semelhante à *Vitrimurella lata* (Smitt, 1873), reportada para os Estados Unidos, Golfo do México e África Ocidental (WINSTON, 2016). A única diferença morfológica entre as duas espécies é o aviculário, que é interzooidal em *Vitrimurella fulgens* e frontal em *Vitrimurella lata* (WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014; WINSTON, 2016). Na ausência de aviculários, condição comum inclusive nos espécimes da Bahia, entretanto, a determinação específica é dificultada. Por ter sido descrita originalmente para o Brasil, o material da Bahia é aqui identificado como *Vitrimurella fulgens* até que mais estudos sejam realizados.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014). Esta espécie já foi no reportada no Brasil para o Rio de Janeiro, Espírito Santo e Bahia (VIEIRA; NASCIMENTO; ALMEIDA, 2018). Neste último estado, é comum nas Baías de Todos os Santos e Costa do Dendê, entre 10 e 50 metros de profundidade, sobre substratos rígidos como corais e rodolitos.

Figura 73. A–C, *Trypostega tropicalis* (UFBA 20); D–F, *Vitrimurella fulgens* (USNM 8566). A, D, grupo de autozoóides, alguns com zoecíolos associados (A); B, detalhe dos autozoóides, orifícios primários e zoecíolos; C, detalhe de zoóide ovicelado; E, autozoóides e zoóide ovicelado (centro); F, detalhe de orifício de zoóide ovicelado e de autozoóide. Escalas: A, E, F = 200 μ m; B, C = 100 μ m; D = 500 μ m.



Fonte: O autor (2018).

Superfamília Arachnopusioidea Jullien, 1888

4.30 Família Arachnopusiidae Jullien, 1888

Diagnose. Colônias incrustantes ou eretas, uni ou bilaminares. Calcificação frontal do tipo umbonuloide, poros frontais de formas variadas. Orifício primário geralmente coberto pela calcificação secundária pelo umbo suboral; espinhos orais podem estar presentes. Aviculários adventícios, interzoidais ou vicariantes podem estar presentes. Ovicelos hiperestomiais; ooécio lepralieforme ou, mais raramente, caloporiforme (GORDON, 1984; OSTROVSKY, 2013).

Gênero *Poricella* Canu, 1904

Diagnose. Colônia incrustante ou ereta, laminar. Parede frontal com poros grandes. Orifício primário transversal com espinhos orais distais. Aviculários adventícios ou interzoidais usualmente presentes. Ovicelo hiperestomial; ooécio lepralieforme totalmente calcificado (COOK, 1967; OSTROVSKY, 2013).

Poricella frigerosa Winston, Vieira & Wollaccott, 2014

(Figura 74A,B)

Poricella frigerosa Winston, Vieira & Wollaccott, 2014: 186, fig. 30,

Poricella mucronata: Souza & Almeida, 2017: 265.

Poricella frigerosa: Almeida et al., 2017: 295, figs. 34–35 (sin. cum.).

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, unilaminar. Coloração amarela a alaranjada (*in vivo*). Autozoóides ovais ($Lz = 0,455\text{--}0,754$ mm; $lz = 0,387\text{--}0,522$ mm), delimitados por poros marginais dispersos. Parede frontal umbonulóide, rugosa; grupo central de dois ou três poros arredondados ou ovais. Orifício primário em forma de D transversal ($Lo = 0,181\text{--}0,215$ mm; $lo = 0,184\text{--}0,224$ mm) com um par de pequenos côneos laterais; 3–4 espinhos orais; mucro suboral em forma de âncora. Aviculário interzoidal longo ($Lav = 0,379\text{--}0,538$ mm; $lav = 0,131\text{--}0,188$ mm), espatulado, colocado regularmente entre os autozoóides. Ovicelo hiperestomial ($Lov = 0,248\text{--}0,282$ mm; $lav = 0,301\text{--}0,388$ mm; $n = 5$); ooécio lepralieforme, não perfurado e com calcificação rugosa.

Comentários. *Poricella frigerosa* é caracterizada pelos autozoóides ovais com com parede frontal perfurada centralmente com dois ou três poros, 3–4 espinhos orais, mucro

suboral em forma de âncora e aviculário interzooidal espatulado colocado regularmente entre os autozoóides.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (ALMEIDA et al., 2017; WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014). Parte do complexo de espécies *Poricella mucronata* (Smitt, 1873), *Poricella frigerosa* é uma espécie endêmica do Brasil com registros para a Bahia e o Rio de Janeiro (ALMEIDA et al., 2017; WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014). Na Bahia, está distribuída ao longo de toda a costa, habitante de outros briozoários, corais, esponjas, conchas de moluscos, rochas e já coletado em estruturas artificiais (placas de PVC).

4.31 Família Exechonellidae Harmer, 1957

Diagnose. Colônias incrustantes, uni ou multilaminares, podendo se tornar eretas. Calcificação frontal do tipo umbonuloide com poros frontais geralmente grandes. Orifício primário com maior calcificação distal, poster mais ou menos reto; côndilos laterais discretos ou conspícuos; espinhos orais ausentes. Orifício secundário com desenvolvimento variável. Aviculários adventícios geralmente presentes. Ovicelos pouco frequentes; embriões tipicamente incubados em sacos internos (GORDON, 1984; OSTROVSKY, 2013).

Gênero *Exechonella* Canu & Bassler em Duvergier, 1924

Diagnose. Autozoóides grandes, convexos, hexagonais ou ovais. Parede frontal com poros grandes. Orifício primário arredondado (ou oval) e com côndilos laterais. Orifício secundário variando de baixo, levemente elevado ou cilíndrico. Aviculários adventícios arredondados geralmente presentes, associados aos poros laterais. Cenozoóides ocasionalmente presentes, de calcificação porosa e frequentemente associados aos aviculários laterais. Ovicelos ausentes (CÁCERES-CHAMIZO et al., 2017).

***Exechonella brasiliensis* Canu & Bassler, 1928a**

(Figura 74C,D)

Exechonella brasiliensis Canu & Bassler 1928a, 72, pl. 3, fig. 5.

Exechonella brasiliensis: Cáceres-Chamizo et al. 2017, 38, fig. 15 (sin. cum.).

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, unilaminar. Autozoóides subhexagonais ou ovais (Lz = 0,783–0,986 mm; lz = 0,457–0,611 mm), delimitados por sulcos estreitos. Parede frontal

umbonulóide, lisa e com 12–33 poros frontais de bordas elevadas (diâmetro variando entre 0,037 e 0,074 mm; $n = 30$), raramente fusionados e poros marginais pequenos; processos espinhosos podem se desenvolver na margem dos poros. Orifício primário subcircular ($L_o = 0,170\text{--}0,225$ mm; $l_o = 0,176\text{--}0,241$ mm) com um par de côndilos triangulares, anter arqueado e poster arredondado ou angular. Orifício secundário curto, levemente elevado. Aviculário pequeno, formado a partir dos poros laterais, tipicamente do tamanho ou menor que um poro frontal, incluindo estrutura central mamilar e poro central.

Comentários. *Exechonella brasiliensis* é reconhecida pelos autozoóides com 12–33 poros frontais, orifício secundário curto e aviculário lateral com estrutura central mamilar e poro central.

Como apontado por Cáceres-Chamizo et al. (2017), *Exechonella brasiliensis* não foi mais coletada desde sua descrição original. A análise do material proveniente do Brasil depositado no USNM revelaram a existência de diversas colônias dessa espécie, entretanto todas são provenientes de coletas realizadas no século XIX. Todos os espécimes de *Exechonella* depositados na UFBA e coletados desde os anos 70 pertencem à uma espécie distinta, *Exechonella vieirai* Cáceres-Chamizo, Sanner, Tilbrook & Ostrovsky, 2017.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (CANU; BASSLER, 1928a; CÁCERES-CHAMIZO et al., 2017). *Exechonella brasiliensis* foi coletada sobre rochas (CANU; BASSLER, 1928a; CÁCERES-CHAMIZO et al., 2017), fragmentos de corais e nódulos calcários.

***Exechonella vieirai* Cáceres-Chamizo, Sanner, Tilbrook & Ostrovsky, 2017**

(Figura 74E,F)

Exechonella vieirai Cáceres-Chamizo, Sanner, Tilbrook & Ostrovsky, 2017: 29, fig. 11 (sin. cum.).

Exechonella antillea: Almeida et al., 2015a: 4; Souza & Almeida, 2017: 265 (sin. nov.).

Exechonella brasiliensis: Almeida et al., 2015b: 4; Souza & Almeida, 2017: 265.

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, unilaminar. Autozoóides hexagonais ou ovais ($L_z = 0,618\text{--}1,026$ mm; $l_z = 0,543\text{--}0,716$ mm), delimitados por sulcos estreitos. Parede frontal umbonulóide, rugosa e com 28–52 poros frontais com bordas elevadas (diâmetro variando entre 0,019 e 0,036 mm; $n = 30$), ocasionalmente fusionados e poros marginais alongados. Orifício primário subcircular ($L_o = 0,153\text{--}0,218$ mm; $l_o = 0,161\text{--}0,225$ mm)

com um par de côneilos triangulares, anter arqueado, poster arredondado a angular. Orifício secundário pode formar elevação estreita, as vezes com com 4–7 processos triangulares. Aviculário pequeno, desenvolvido dos poros laterais, tipicamente do tamanho que um poro frontal, estrutura central mamilar e poro central.

Comentários. *Exechonella vieirai* é caracterizada pelos autozoóides com 28–52 poros frontais, orifício secundário com 4–7 processos triangulares e aviculário lateral com estrutura central mamilar e poro central. O orifício secundário com processos diferenciam essa espécie de *Exechonella brasiliensis*, também relatada para a Bahia (CANU; BASSLER, 1928a) e *Exechonella antillea* (Osburn, 1927), noem anteriormente utilizado para os espécimes de *Exechonella vieirai* da Bahia (ALMEIDA et al., 2015a).

Exechonella vieirai foi recentemente descrita com base em espécimes do Caribe e Brasil por Cáceres-Chamizo et al. (2017) que forneceram uma ampla revisão taxonômica do gênero *Exechonella*.

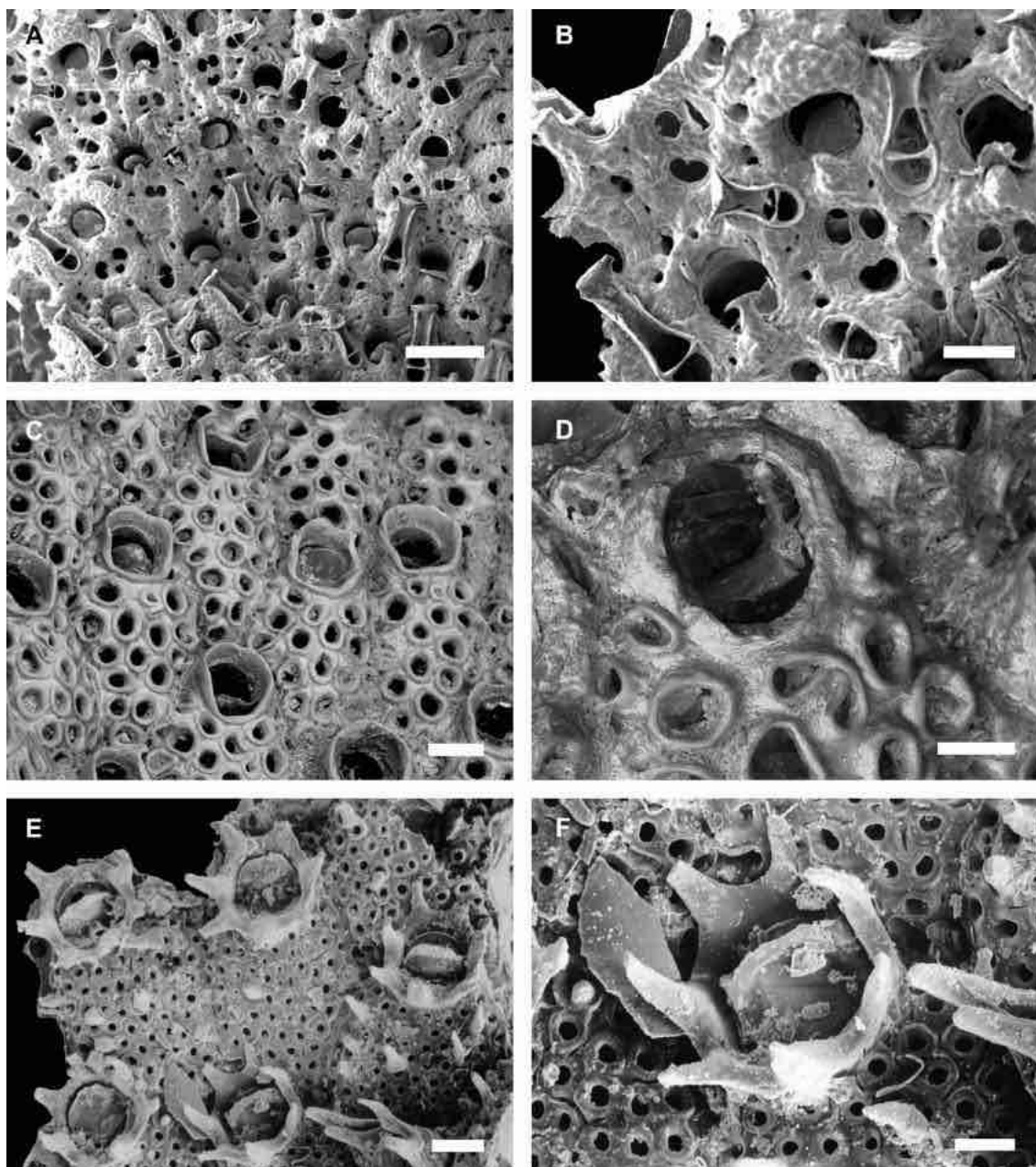
Distribuição. Atlântico Ocidental: Caribe até o Brasil (CÁCERES-CHAMIZO et al., 2017). No Brasil, esta espécie é conhecida para Alagoas e Bahia (VIEIRA; NASCIMENTO; ALMEIDA, 2018). Na Bahia, ocorre ao longo de toda a costa, desde o entremarés até 50 metros de profundidade. É uma habitante de algas, esponjas, corais, rodolitos e rochas.

Superfamília Adeonoidea Busk, 1884

4.32 Família Adeonidae Busk, 1884

Diagnose. Colônias incrustantes, uni ou multilaminares, ou eretas, bilaminares. Calcificação frontal do tipo umbonuloide, sem poros frontais e com poros marginais. Orifício primário com anter arqueado e poster sem seio; côneilos raramente presentes; espinhos orais ausentes. Orifício secundário com desenvolvimento variável. Espirâmen frontal permanente, único ou múltiplos, ou coberto pela calcificação frontal. Aviculários adventícios e interzoidais podem estar presentes. Ovicelos ausentes; embriões tipicamente incubados em sacos internos nos zoóides. Dimorfismo zooidal sexual por vezes presente (HAYWARD; RYLAND, 1999; OSTROVSKY, 2013).

Figura 74. **A, B,** *Poricella frigorosa* (UFBA 1585); **C, D,** *Exechonella brasiliensis* (USNM 8547). **E, F,** *Exechonella vieirai* (UFBA 366). **A, C, E,** grupo de autozoóides; **B,** detalhe de autozoóides, orifício com espinhos distal e mucro suboral; **D,** detalhe do orifício primário; **F,** detalhe do orifício secundário. Escalas: A = 500 µm; B, C, E = 200 µm; D, F = 100 µm.



Fonte: O autor (2018).

Gênero *Adeonellopsis* MacGillivray, 1886

Diagnose. Colônias predominantemente eretas e rígidas, raramente incrustantes. Parede frontal com poros marginais e espirâmen frontal de morfologia variada. Orifício primário semicircular; côneilos e espinhos ausentes. Orifício secundário com forma semelhante ao primário. Aviculário suboral, frontal ou interzooidal presentes, apresentando côneilos laterais curtos; aviculários frontal e interzooidal geralmente nas margens da colônia.

Zoóide reprodutivo pode ter orifícios e espirâmens maiores que nos autozoóides (ALMEIDA et al., 2015b).

***Adeonellopsis subsulcata* (Smitt, 1873)**

(Figura 75A,B)

Porina subsulcata Smitt, 1873: 28, pl. 6, figs. 136–140,

Adeonellopsis subsulcata: Almeida et al., 2015b: 350, figs. 2–5 (sin. cum.); Souza & Almeida, 2017: 266.

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia ereta, rígida, bilaminar, espalmada. Autozoóides claviformes ($Lz = 0,441\text{--}0,642$ mm; $lz = 0,190\text{--}0,253$ mm), delimitados por paredes laterais elevadas. Parede frontal umbonulóide, granulosa e com 15–25 poros marginais uniserialmente distribuídos (0,006–0,018 mm de diâmetro; $n = 15$), às vezes com um par de nódulos laterais logo abaixo do orifício. Orifício primário em forma de D transversal ($Lo = 0,075\text{--}0,110$ mm; $lo = 0,092\text{--}0,117$ mm), geralmente coberto pelo orifício secundário; orifício secundário tubular, margem proximal recortada pelo palato do aviculário suboral. Aviculário suboral ($Lav1 = 0,116\text{--}0,136$ mm; $lav2 = 0,061\text{--}0,081$ mm) se estendendo do espirâmen ao orifício secundário, orientado distalmente ou levemente oblíquo, rostro triangular, borda proximal circular e dentículos proximolaterais. Aviculário frontal ($Lav2 = 0,110\text{--}0,132$ mm; $lav2 = 0,057\text{--}0,088$ mm) com morfologia semelhante ao suboral, colocado na margem proximal do zoóide. Aviculários gigantes ($Lav3 = 0,244\text{--}0,388$ mm; $lav3 = 0,134\text{--}0,203$ mm; $n = 6$) com a mesma morfologia que suborais e frontais, dispostos nas margens dos ramos. Espirâmen semicircular, logo abaixo do aviculário suboral, frequentemente coberto pela calcificação frontal.

Comentários. *Adeonellopsis subsulcata* é reconhecida pelas colônias eretas espalmadas, autozoóides claviformes, aviculário suboral orientado distalmente ou levemente oblíquo, aviculários frontais proximais, aviculários interzooidais marginais, e espirâmen semicircular, frequentemente coberto pela calcificação frontal.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Estados Unidos até o Brasil (ALMEIDA et al., 2015b). Descrita originalmente para a Florida, *Adeonellopsis subsulcata* está distribuída em todo o Oceano Atlântico Ocidental (ALMEIDA et al., 2015b). No Brasil, é conhecida para o Espírito Santo, Bahia e Alagoas (VIEIRA; NASCIMENTO; ALMEIDA, 2018). Na Bahia, colônias robustas são comuns no infralitoral (23 e 50 metros de profundidade) da Costa dos Coqueiros, Baía de Todos os Santos e Costa do Dendê.

Gênero *Reptadeonella* Busk, 1884

Diagnose. Colônias incrustantes. Parede frontal com poros marginais em uma ou até três séries, e espirâmen frontal único ou pareado. Orifício primário transversalmente alongado; côneilos podem estar presentes; espinhos ausentes. Poro acessório colocado proximalmente na borda do orifício. Orifício secundário com desenvolvimento variável. Aviculário suboral pode estar presente, colocado entre o espirâmen e o orifício; rostro direcionado distalmente e com côneilos laterais curtos. Aviculário dimórfico pode estar presente. Zoóide reprodutivo pode ter orifícios maiores que os autozoóides (ALMEIDA et al., 2015b).

***Reptadeonella aspera* Almeida, Souza, Sanner & Vieira, 2015**

(Figura 75C,D)

Reptadeonella aspera Almeida, Souza, Sanner & Vieira, 2015: 356, figs. 15–18; 38.

Reptadeonella aspera: Souza & Almeida, 2017: 266.

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, unilaminar. Coloração branca brilhante (*in vivo*). Autozoóides hexagonais, alongados, ou retangulares ($Lz = 0,382\text{--}0,464$ mm; $lz = 0,226\text{--}0,269$ mm), delimitados por paredes laterais elevadas. Parede frontal umbonulóide, rugosa, finamente granulosa e com série única de 13–21 poros pequenos marginais ($0,005\text{--}0,012$ mm de diâmetro; $n = 15$). Orifício primário transversalmente elíptico ($Lo = 0,050\text{--}0,074$ mm; $lz = 0,092\text{--}0,114$ mm), geralmente coberto pelo orifício secundário tubular; forâmen suboral elíptico, visível apenas em autozoóides sem aviculário suboral. Aviculário suboral pequeno ($Lav = 0,078\text{--}0,117$ mm; $lav = 0,042\text{--}0,061$ mm), rostro triangular orientado distalmente, borda proximal subcircular e com denticulos proximolaterais. Espirâmen transversalmente elíptico, colocado medialmente no zoóide.

Comentários. *Reptadeonella aspera* é distinta de todas as congêneres pelos autozoóides com calcificação frontal rugosa, orifício secundário tubular, forâmen suboral elíptico visível apenas em autozoóides sem aviculário suboral, aviculário suboral pequeno e espirâmen transversalmente elíptico.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (ALMEIDA et al., 2015b). Até o momento, *Reptadeonella aspera* só foi registrada para a Bahia (ALMEIDA et al., 2015b), na Costa dos Coqueiros, Costa do Dendê e Costa das Baleias. É comum sobre substratos rígidos como corais, rodolitos e rochas, entre 21 e 50 metros de profundidade.

***Reptadeonella bipartita* (Canu & Bassler, 1928a)**

(Figura 75E,F)

Adeona bipartita Canu & Bassler, 1928a: 37, pl. 8, fig. 2.*Reptadeonella bipartita*: Almeida et al., 2015b: 353, figs 6–9; 37 (sin. cum.); Souza & Almeida, 2017: 266.**Material examinado.** Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, unilaminar. Coloração roxa a preta (*in vivo*). Autozoóides poligonais ($Lz = 0,474\text{--}0,609$ mm; $lz = 0,344\text{--}0,419$ mm), delimitados por paredes laterais elevadas. Parede frontal umbonulóide, finamente granulosa e com série única (raramente dupla) de 25–36 poros marginais (0,012–0,036 mm de diâmetro; $n = 15$). Orifício primário em forma de D transversal ($Lo = 0,075\text{--}0,105$ mm; $lo = 0,119\text{--}0,151$ mm), geralmente coberto pelo orifício secundário arqueado e com pequenos nódulos; forâmen suboral elíptico. Aviculário suboral grande ($Lav = 0,166\text{--}0,225$ mm; $lav = 0,083\text{--}0,104$ mm), posicionado entre espirâmen e orifício secundário, orientado distalmente; rostro triangular, borda proximal subcircular e com grandes denticulos proximolaterais. Espirâmen crescente, colocado proximalmente ao aviculário suboral.

Comentários. *Reptadeonella bipartita* é distinta de todas do gênero pelos autozoóides com calcificação finamente granulosa, orifício secundário formado por pequenos nódulos, forâmen suboral elíptico, aviculário suboral grande orientado distalmente e espirâmen crescente. A coloração roxa a preta (*in vivo*) também é característica desta espécie.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Caribe até o Brasil (ALMEIDA et al., 2015b). Descrita originalmente com base em espécimes da Bahia (CANU; BASSLER, 1928a), *Reptadeonella bipartita* foi recentemente redescrita por Almeida et al. (2015b). Esta espécie é também conhecida para outras localidades do Atlântico Ocidental (ALMEIDA et al., 2015b). No Brasil, ocorre no Espírito Santo, Bahia e Alagoas (ALMEIDA et al., 2015b). Na Bahia, é conhecida para a Costa dos Coqueiros, Baía de Todos os Santos, Costa do Descobrimento e Costa das Baleias. Habita conchas de moluscos, rochas e rodolitos, desde o entremarés até 49 metros de profundidade.

***Reptadeonella brasiliensis* Almeida, Souza, Sanner & Vieira, 2015**

(Figura 76A,B)

Reptadeonella brasiliensis Almeida, Souza, Sanner & Vieira, 2015: 357, figs. 19–28; 39–40,*Reptadeonella brasiliensis*: Souza & Almeida, 2017: 266; Almeida et al., 2018b: 407, figs. 3E–F (sin. cum.).

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, uni a multilaminar. Coloração roxa escura (*in vivo*). Autozoóides hexagonais ou rombóides ($Lz = 0,416-0,516$ mm; $lz = 0,240-0,344$ mm), delimitados por paredes laterais elevadas. Parede frontal umbonulóide, finamente granulosa e com série única de 18–26 poros marginais (0,012–0,030 mm de diâmetro; $n = 15$). Orifício primário transversalmente elíptico ($Lo = 0,060-0,077$ mm; $lo = 0,097-0,108$ mm), geralmente coberto pelo orifício secundário; orifício secundário transversalmente oval ou semicircular, frequentemente com pequenos nódulos; forâmen suboral elíptico; 1–2 pseudoporos frontais proximais ao orifício, geralmente substituídos pelo aviculário suboral. Aviculário suboral pequeno ($Lav = 0,055-0,079$ mm; $lav = 0,039-0,052$ mm) com rostro subtriangular orientado distalmente, borda proximal circular e pequenos denticulos proximolaterais. Espirâmen crescente, colocado logo abaixo dos pseudoporos frontais ou aviculários.

Comentários. *Reptadeonella brasiliensis* é reconhecida pelas colônias roxas escuras (*in vivo*) formadas por autozoóides com parede frontal finamente granulosa, 1–2 pseudoporos frontais abaixo do orifício geralmente substituídos pelo aviculário suboral pequeno, orifício secundário com pequenos nódulos e espirâmen crescente.

Esta espécie foi descrita recentemente por Almeida et al. (2015b), que revisaram os espécimes coletados ao longo do Brasil atribuídos à espécie *Reptadeonella violacea* (David & Pouyet 1974), uma espécie de águas temperadas atualmente não reconhecida no Atlântico Ocidental (ALMEIDA et al., 2015b). *Reptadeonella violacea* é distinta de *Reptadeonella brasiliensis* pelos zoóides com série dupla de poros areolares (única em *Reptadeonella brasiliensis*), espirâmen arredondado (crescente em *Reptadeonella brasiliensis*) e pela ausência de pseudoporos proximais ao orifício (1–2 em *Reptadeonella brasiliensis*).

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (ALMEIDA et al., 2015b). Endêmica do Brasil, conhecida da Bahia até o Ceará, *Reptadeonella brasiliensis* é um dos briozoários mais comuns em ambientes entremarés do nordeste do país, geralmente formando extensas crostas de incrustações (ALMEIDA et al., 2015b). Na Bahia, é a espécie mais comum em praias, ocorrendo do entremarés até 24 metros de profundidade, em todo tipo de substrato.

***Reptadeonella cucullata* Almeida, Souza, Sanner & Vieira, 2015**

(Figura 76C,D)

Reptadeonella cucullata Almeida, Souza, Sanner & Vieira, 2015: 361, figs. 29–32; 41 (sin. cum.).

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, uni a multilaminar. Coloração alaranjada (*in vivo*). Autozoóides hexagonais ou irregularmente poligonais ($Lz = 0,493\text{--}0,611$ mm; $lz = 0,314\text{--}0,406$ mm), delimitados por paredes laterais onduladas. Parede frontal umbonulóide, finamente granulosa, série única a dupla de 28–38 poros marginais pequenos (0,010–0,020 mm de diâmetro; $n = 15$) marginais. Orifício primário transversalmente elíptico ou semicircular ($Lo = 0,062\text{--}0,109$ mm; $lo = 0,087\text{--}0,150$ mm), geralmente coberto pelo orifício secundário em forma de capuz; forâmen suboral elíptico. Aviculário suboral grande ($Lav = 0,158\text{--}0,226$ mm; $lav = 0,069\text{--}0,095$ mm), se estendendo do espirâmen ao orifício secundário, orientado obliquamente e com rostro subtriangular e borda proximal circular, ligeiramente curvo e com denticulos proximolaterais. Espirâmen transversalmente elíptico, denticulado, colocado na metade do comprimento do zoóide.

Comentários. *Reptadeonella cucullata* é distinta de todas as espécies do gênero pelas colônias com coloração alaranjada (*in vivo*) formadas por autozoóides com calcificação finamente granulosa, orifício secundário em forma de capuz, forâmen suboral elíptico, aviculário suboral grande orientado obliquamente e espirâmen transversalmente elíptico e denticulado. Assim como *Reptadeonella brasiliensis*, espécimes de *Reptadeonella cucullata* foram anteriormente identificados como *Reptadeonella violacea* (ALMEIDA et al., 2015b). *Reptadeonella violacea*, entretanto, possui aviculários suborais pequenos, orifício secundário nodular sem formar capuz e espirâmen arredondado.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (ALMEIDA et al., 2015b). *Reptadeonella cucullata* é conhecida apenas para o Brasil (Espírito Santo e Bahia) (ALMEIDA et al., 2015b). Na Bahia, ocorre na Costa dos Coqueiros, Costa do Dendê, Costa do Descobrimento e Costa das Baleias. É comum sobre substratos rígidos, como corais e rochas, de 22 a 60 metros de profundidade.

***Reptadeonella leilae* Almeida, Souza, Sanner & Vieira, 2015**

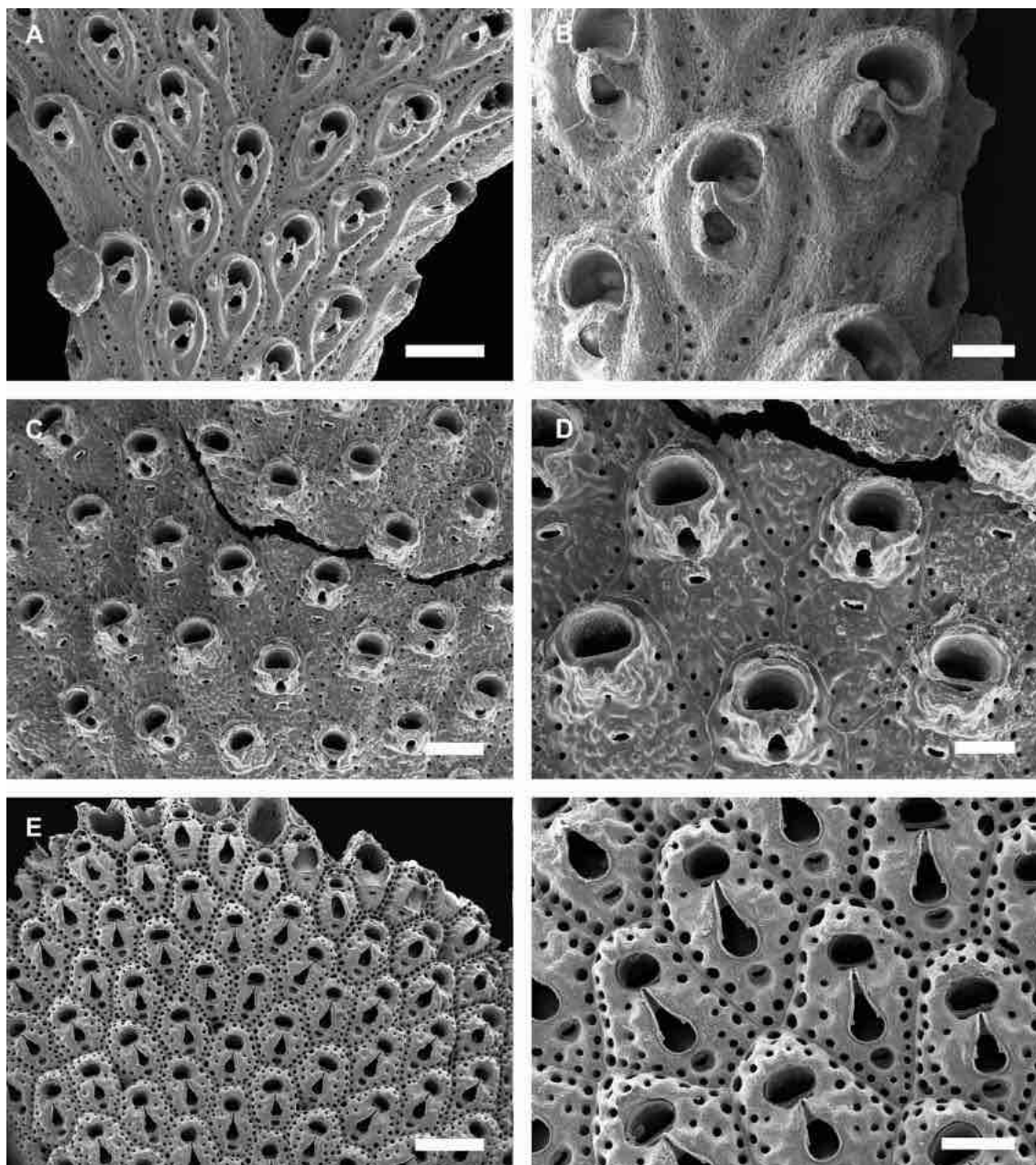
(Figura 76E,F)

Reptadeonella leilae Almeida, Souza, Sanner & Vieira, 2015: 362, figs. 33–36; 42.

Reptadeonella leilae: Souza & Almeida, 2017: 266; Almeida et al., 2017: 296, figs. 36–37 (sin. cum.).

Material examinado. Apêndice A.

Figura 75. **A, B,** *Adeonellopsis subsulcata* (UFBA 271); **C, D,** *Reptadeonella aspera* (UFBA 1015). **E, F,** *Reptadeonella bipartita* (UFBA 266). **A, C, E,** aspecto geral de porção da colônia; **B,** detalhe de autozoóides, orifício, aviculários, espirâmen suboral (D e F) e espirâmen. Escalas: A, C, F = 200 μ m; B = 250 μ m; D = 100 μ m; E = 500 μ m.



Fonte: O autor (2018).

Descrição. Colônia incrustante, unilaminar. Autozoóides irregularmente poligonais ou oblongos ($Lz = 0,451-0,540$ mm; $lz = 0,227-0,300$ mm), delimitados por paredes laterais elevadas. Parede frontal umbonulóide, finamente granulosa ou com tubérculos, série única de 14–25 poros pequenos (0,006–0,011 mm de diâmetro; $n = 15$) marginais. Orifício primário transversalmente elíptico ($Lo = 0,047-0,074$ mm; $lo = 0,083-0,113$

mm), geralmente coberto pelo orifício secundário tubular; forâmen suboral semilunar ou semicircular, geralmente calcificado. Aviculário suboral ausente. Espirâmen circular, colocado na região mediana do zoóide. Zoóides reprodutivos levemente maiores que os autozoóides (0,480–0,585 mm de comprimento; 0,250–0,332 mm de largura; n = 6) e com orifício primário maiores (0,118–0,220 mm de comprimento; 0,141–0,229 mm de largura; n = 6) que os autozoóides.

Comentários. *Reptadeonella leilae* é reconhecida pelos autozoóides com calcificação frontal granulosa e com tubérculos, orifício secundário tubular, forâmen suboral semilunar ou semicircular e espirâmen circular. Entre as espécies de *Reptadeonella* da Bahia, esta é a única até então relatada que não possui aviculário suboral. *Reptadeonella leilae* foi previamente atribuída à espécie *Reptadeonella tubulifera* (Canu & Bassler, 1930) (ALMEIDA et al., 2015b), mas difere pela ausência de aviculário suboral (presente em *R. tubulifera*) e forma do espirâmen (crescente em *R. tubulifera*).

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (ALMEIDA et al., 2017). Conhecida apenas para a Bahia, *Reptadeonella leilae* ocorre na Costa dos Coqueiros, Baía de Todos os Santos e Costa do Dendê, entre 8–37 metros de profundidade, sobre esponjas, rodolitos e rochas.

Superfamília Lepralielloidea Vigneaux, 1949

4.33 Família Lepraliellidae Vigneaux, 1949

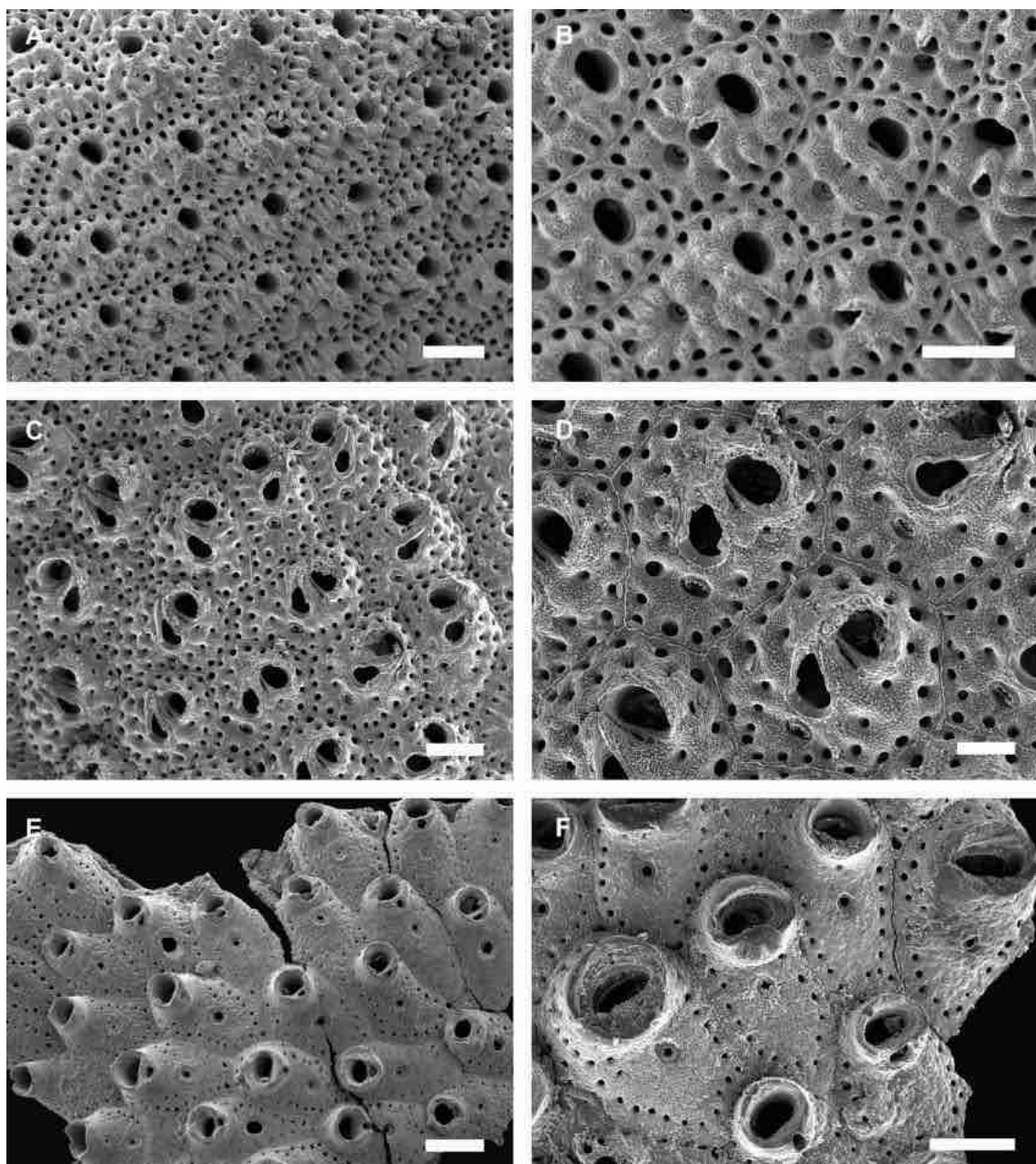
Diagnose. Colônias incrustantes, uni ou multilaminares, ou eretas e ramificadas, formando nódulos ou incrustações massivas sobre o substrato. Autozoóides sem orientação. Calcificação frontal do tipo umbonuloide, sem poros frontais, apenas com poros marginais. Orifício primário com anter arqueado e poster sem seio (as vezes com seio pouco distinto); côndilos laterais presentes; espinhos distais e aviculários suborais geralmente presentes. Aviculários interzooidal e vicariante usualmente presentes. Ovicelo hiperestomial, ooécio eschareliforme (HAYWARD; RYLAND, 1999; OSTROVSKY, 2013).

Gênero *Celleporaria* Lamouroux, 1821

Diagnose. Autozoóides das margens coloniais reclinados, tornando-se suberetos com o desenvolvimento colonial. Parede frontal convexa e com única série de poros marginais. Orifício primário com margem distal lisa; seio raso ou com processos em forma de

dentos; côneilos ausentes ou presentes; espinhos orais geralmente presentes. Orifício secundário com desenvolvimento variável. Aviculários adventícios suborais e marginais. Aviculários interzoidais e vicariantes comuns. Ovicelo hiperestomial não fechado pelo opérculo; ooécio eschareliiforme, calcificação frontal grossa e granulosa (TILBROOK, 2006; VIEIRA, 2008).

Figura 76. **A, B,** *Reptadeonella brasiliensis* (UFBA 363); **C, D,** *Reptadeonella cucullata* (UFBA 689). **E, F,** *Reptadeonella leilae* (UFBA 005 e UFBA 1008). **A, C, E,** aspecto geral de porção da colônia; **B,** detalhe de autozoóides, orifício, aviculário suboral (B e D), poros suboral e espirâmen. Escalas: A, E = 250 µm; B, C, F = 200 µm; D = 100 µm.



Fonte: O autor (2018).

***Celleporaria atlantica* (Busk, 1884)**

(Figura 77A,B)

Cellepora mamillata var. *atlantica* Busk, 1884: 199 (part), pl. 35, fig. 4.

Celleporaria atlantica: Almeida et al., 2017: 296: figs. 38–41 (sin. cum.).

Celleporaria schubarti: Souza & Almeida, 2017: 266 (sin. nov.).

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, multilaminar e com cutícula quitinosa externa de coloração roxa escura ou preta. Autozoóides oblongos ou irregularmente poligonais ($Lz = 0,342\text{--}0,497$ mm; $lz = 0,326\text{--}0,442$ mm) com orientação variável e delimitados por paredes laterais levemente elevadas. Parede frontal umbonuloide, granulosa e com 8–12 poros marginais. Orifício primário ($Lo = 0,113\text{--}0,139$ mm; $lo = 0,124\text{--}0,155$ mm) com anter circular, seio raso e amplo; côneilos curtos. Orifício secundário desenvolvido e formando umbo suboral pontiagudo com aviculário associado. Aviculário adventício suboral pequeno ($Lav1 = 0,039\text{--}0,064$ mm; $lav1 = 0,028\text{--}0,042$ mm), rostro semielíptico ($Lav2 = 0,146\text{--}0,205$ mm; $lav2 = 0,089\text{--}0,120$ mm), por vezes subtriangular. Aviculário adventício marginal pequeno ($Lav3 = 0,056\text{--}0,080$ mm; $lav3 = 0,022\text{--}0,033$ mm), subtriangular e com rostro pontiagudo, geralmente associado aos poros marginais. Aviculário interzooidal grande ($Lav4 = 0,258\text{--}0,370$ mm; $lav4 = 0,077\text{--}0,104$ mm; $n = 5$) com rostro espatulado. Ovicelo formando capus elevado no zoóide maternal, geralmente cobrindo totalmente o orifício.

Comentários. *Celleporaria atlantica* é caracterizada pelos autozoóides com orifício com seio raso e amplo e três tipos de aviculários: adventício suboral, pequeno e elíptico, ou grande e subtriangular; adventício marginal, pequeno e subtriangular; interzooidal, grande e espatulado. Essa combinação de características diferencia *Celleporaria atlantica* de todas as espécies do gênero *Celleporaria*. Esta espécie foi recentemente redescrita por Winston; Vieira; Woollacott (2014), que estabeleceram a identidade dos espécimes estudados por Busk (1884), incluindo material coletado na Bahia.

Espécimes de *Celleporaria atlantica* da Bahia (Costa dos Coqueiros; (UFBA 014) já foram identificados com *Celleporaria schubarti* (Marcus, 1939) (SOUZA; ALMEIDA, 2017), descrita originalmente para Pernambuco. Entretanto, o material estudado por Souza & Almeida (2017) possui grandes aviculários suborais, aviculários marginais subtriangulares e aviculários interzooidais espatulados, característicos de *Celleporaria*

atlantica. *Celleporaria schubarti* não possui aviculários suborais e interzoidais, apenas aviculários marginais oblongos.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (ALMEIDA et al. 2017; WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014). Considerada endêmica do Brasil, *Celleporaria atlantica* é conhecida apenas para o Espírito Santo e Bahia (WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014). É comum em fundos compostos por grãos de cascalho e conchas (BUSK, 1884). Almeida et al. (2017) registraram a espécie como habitante de esponjas na Baía de Camamu, Costa do Dendê, Bahia. *Celleporaria atlantica* é a espécie de *Celleporaria* mais comum em praias da Bahia. Ocorre sobre esponjas, outros briozoários, corais, rodolitos e rochas, desde o entremarés até 50 metros de profundidade, ao longo de toda a costa do Estado.

***Celleporaria carvalhoi* (Marcus, 1939)**

(Figura 77C,D)

Holoporella carvalhoi Marcus, 1939: 158, pl. 12, fig. 23A–D.

Celleporaria carvalhoi: Almeida et al., 2017: 297, figs. 42–45 (sin. cum.); Souza & Almeida, 2017: 266.

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, multilaminar. Autozoóides subretangulares ou irregularmente poligonais ($Lz = 0,308\text{--}0,458$ mm; $lz = 0,279\text{--}0,396$ mm) com orientação variável e delimitados por paredes laterais elevadas. Parede frontal umbonuloide, rugosa ou nodulosa, com 4–10 poros marginais. Orifício primário em forma de D transversal ($Lo = 0,091\text{--}0,141$ mm; $lo = 0,126\text{--}0,175$ mm) com 2–4 espinhos orais. Orifício secundário desenvolvido, circular e com calcificação formando umbo suboral pontiagudo. Aviculário suboral ausente. Aviculário adventício marginal pequeno ($Lav1 = 0,081\text{--}0,118$ mm; $lav1 = 0,042\text{--}0,062$ mm), orientado distolateralmente, de forma lanceolada, rostro com terminação pontiagudo. Aviculário interzoidal ($Lav2 = 0,389\text{--}0,621$ mm; $lav2 = 0,146\text{--}0,224$ mm) com rostro espatulado. Ovicelo não observado.

Comentários. *Celleporaria carvalhoi* é caracterizada pelos autozoóides com orifício primário em forma de D transversal, umbo suboral pontiagudo e dois tipos de aviculários: adventício marginal, pequeno e lanceolado; interzoidal, grande e espatulado. Entre as espécies conhecidas para a Bahia, é a única que não possui aviculário suboral.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (ALMEIDA et al., 2017). *Celleporaria carvalhoi* foi recentemente redescrita por Almeida et al. (2017) que relataram a espécie, juntamente com *Celleporaria atlantica*, sobre esponjas na Baía de Camamu, Costa do

Dendê, Bahia. Endêmica do Brasil, é também conhecida para São Paulo e Espírito Santo (ALMEIDA et al., 2017). Na Bahia, ocorre na Baía de Todos os Santos, Costa do Dendê e Costa das Baleias, do entremarés a 35 metros de profundidade, sobre esponjas e corais.

***Celleporaria mordax* (Marcus, 1937)**

(Figura 77E,F)

Holoporella mordax Marcus, 1937: 123, pl. 24, figs. 65A–F.

Celleporaria mordax: Almeida et al., 2018b: 407, figs. 4A–B (sin. cum.).

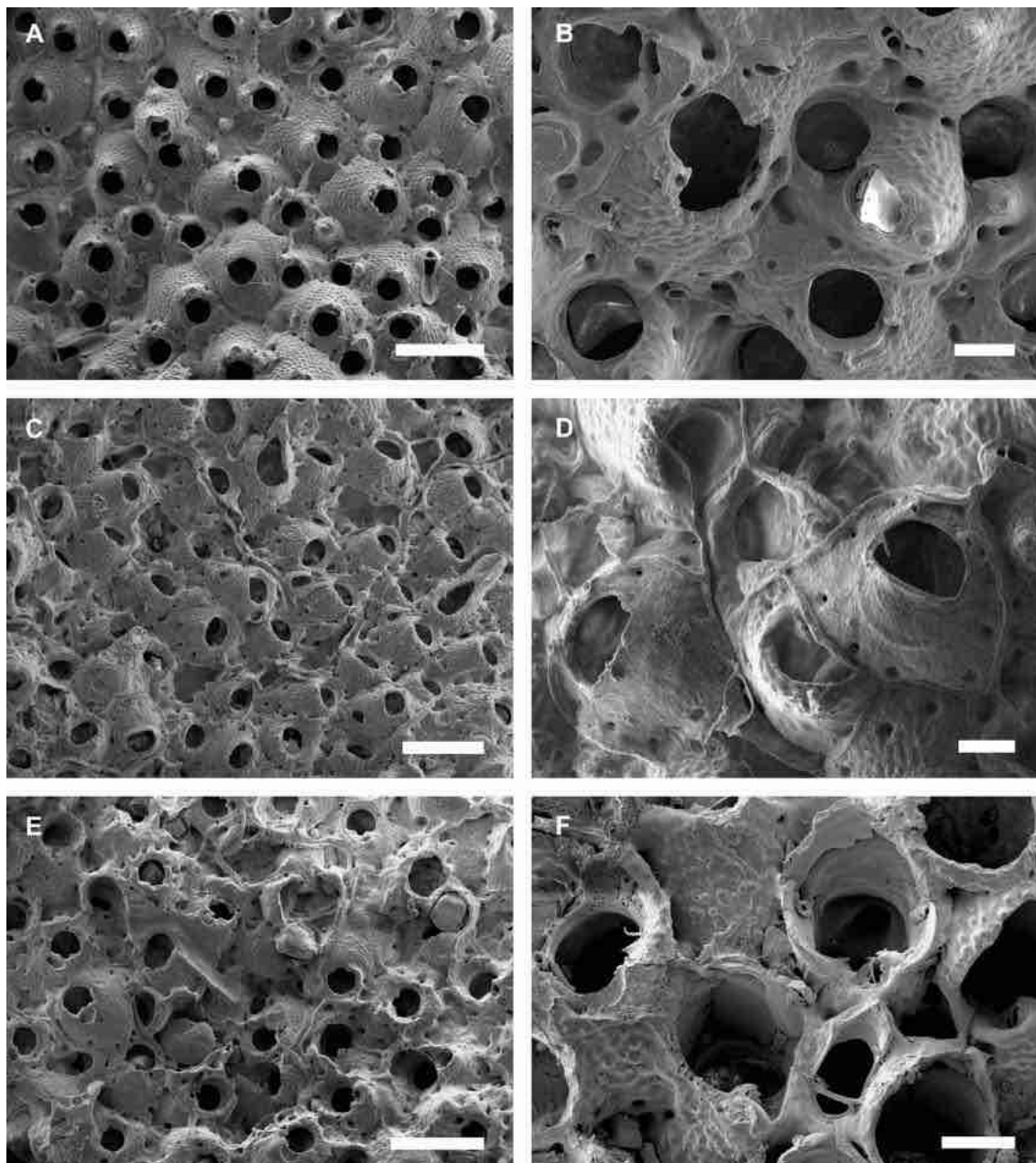
Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, multilaminar. Autozoóides irregularmente poligonais (Lz = 0,214–0,342 mm; lz = 0,174–0,222 mm) com orientação variável e delimitados por paredes laterais elevadas. Parede frontal umbonuloide com nódulos frontais pequenos e poros marginais bem desenvolvidos. Orifício primário em forma de D transversal (Lo = 0,084–0,101 mm; lo = 0,112–0,127 mm), poster com pequeno seio em forma de U (ocasionalmente duplo); 2–4 espinhos orais. Orifício secundário geralmente desenvolvido, circular, podendo formar umbo suboral pontiagudo e com aviculário. Aviculário adventício suboral pequeno (Lav1 = 0,049–0,097 mm; lo = 0,028–0,044 mm), forma elíptica e de margem distal serrilhada. Aviculários adventícios marginais ausentes. Aviculário interzooidal com rostro espatulado (Lav2 = 0,183–0,187 mm; lo = 0,073–0,087 mm; n = 2).

Comentários. *Celleporaria mordax* é reconhecida pelos zooides com orifício primário em forma de D transversal com pequeno seio em forma de U (ocasionalmente duplo), umbo suboral com pequeno aviculário e aviculário interzooidal com rostro espatulado bem desenvolvido. *Celleporaria mordax* é diferenciada das outras espécies do gênero com ocorrência para a Bahia pela presença de orifício primário com seio em forma de U.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (ALMEIDA et al., 2018b; WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014). Endêmica do Brasil, *Celleporaria mordax* era previamente conhecida apenas para São Paulo e Rio de Janeiro (WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014), mas foi recentemente relatada habitando conchas de moluscos na Baía de Todos os Santos, Bahia (ALMEIDA et al., 2018b). Na Bahia, *Celleporaria mordax* ocorre do entremarés a 30 metros de profundidade da Costa dos Coqueiros a Costa do Cacau, sobre conchas e nódulos calcários.

Figura 77. A, B, *Celleporaria atlantica* (UFBA 1188); C, D, *Celleporaria carvalhoi* (UFBA 1610). E, F, *Celleporaria mordax* (UFBA 1639). A, C, E, aspecto geral de porção da colônia; B, D, F, detalhe de autozoóides, orifício e aviculários. Escalas: A, C, E = 500 μ m; B, C, F = 100 μ m.



Fonte: O autor (2018).

***Celleporaria* sp. nov.**

(Figura 78A,B)

Celleporaria sp.: Almeida et al., 2015a: 4; Souza & Almeida, 2017: 266.

Material examinado. Holótipo: UFBA 2951, Baía de Todos os Santos. Parátipo: UFBA 2872, Baía de Todos os Santos. Material adicional: Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, multilaminar. Autozoóides ovais ou irregularmente poligonais ($Lz = 0,430-0,719$ mm; $lz = 0,357-0,492$ mm), delimitados por paredes laterais elevadas, orientação variável. Parede frontal umbonuloide, rugosa; 8–14 poros marginais. Orifício primário em forma de D transversal ($Lo = 0,129-0,144$ mm; $lo = 0,154-0,184$ mm) com anter circular e poster concâvo amplo e raso; 2–4 espinhos orais (geralmente 2). Orifício secundário mais desenvolvido proximalmente, formando umbo suboral pontiagudo com aviculário. Aviculários adventícios suborais de dois tipos: pequenos ($Lav1 = 0,044-0,078$ mm; $lav1 = 0,046-0,055$ mm) e com forma elíptica, rostro semicircular e margem distal serrilhada; moderados ($Lav2 = 0,120-0,176$ mm; $lav2 = 0,090-0,116$ mm) e com forma subtriangular, rostro triangular e margem distal serrilhada. Aviculários adventícios marginais e frontais ausentes. Aviculário interzooidal ($Lav2 = 0,493-0,645$ mm; $lav2 = 0,139-0,164$ mm; $n = 5$) com margem proximal semicircular, barra transversal completa com com protuberância central (columela) curta, rostro espatulado terminando em abas laterais elevadas, bem calcificadas e forâmen elíptico. Ovicelo não observado.

Comentários. *Celleporaria* sp. nov. pertence a um grupo de espécies de *Celleporaria*, (*Celleporaria apiculata* (Busk, 1881), *Celleporaria bicirrhata* (Ortmann, 1890), *Celleporaria calva* Tilbrook, 2006 e *Celleporaria magnifica* (Osburn, 1914)), caracterizadas pelos autozoóides com orifício em forma de D transversal com poster raso e 2–4 espinhos distais, aviculário suboral colocado sobre umbo suboral pontiagudo e aviculários interzooidais grandes e de rostro espatulado. *Celleporaria* sp. nov., entretanto, possui aviculários suborais com duas morfologias e aviculário interzooidal distintamente maiores que os autozoóides, rostro espatulado terminando em abas laterais elevadas, características não observada nas outras espécies do gênero. A morfologia e o tamanho dos aviculários suborais e interzooidal também diferenciam *Celleporaria* sp. nov. das outras espécies de *Celleporaria* conhecidas para o Brasil.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil. Conhecida apenas para a Bahia, *Celleporaria* sp. nov. ocorre entre 13–35 metros de profundidade, sobre recifes de corais na Baía de Todos os Santos e Costa das Baleias.

Gênero *Drepanophora* Harmer, 1957

Diagnose. Parede frontal com série única de poros marginais. Orifício primário com côneo lateral único projeto para dentro. Orifício secundário de desenvolvimento

variável, geralmente longo e tubular. Aviculário oral unilateral. Outros aviculários ausentes. Ovicelo não fechado pelo opérculo (HARMER, 1957).

***Drepanophora tuberculata* (Osburn, 1914)**

(Figura 78C,D)

Rhynchozoon tuberculatum Osburn, 1914: 200, text-fig. 9.

Drepanophora tuberculata: Tilbrook; Hayward; Gordon, 2001: 73, fig. 10D (sin. cum.); Almeida et al., 2015a: 4; Souza & Almeida, 2017: 266.

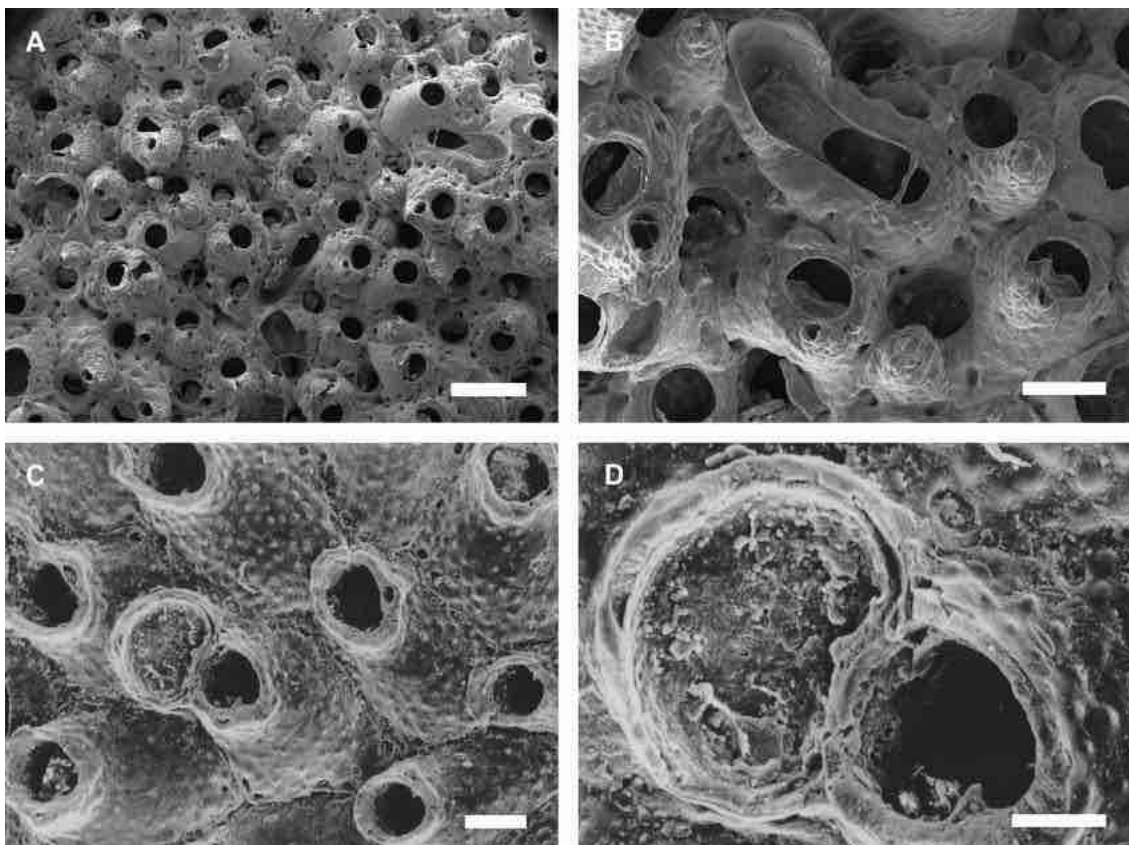
Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, unilaminar. Autozoóides subhexagonais ou ovais (Lz = 0,335–0,398 mm; lz = 0,214–0,316 mm), delimitados por suturas, dispostos regularmente. Parede frontal umbonuloide, nodulosa, com poros marginais grandes. Orifício primário elíptico (Lo = 0,091–0,112 mm; lo = 0,079–0,099 mm), anter mais largo que poster; côneo único, proximolateral, triangular com projeção espinosa, quase reta. Orifício secundário tubular, completamente formado ao redor de todo orifício primário. Aviculário adventício pequeno, latero-oral, elíptico, raro no material examinado, orientado frontalmente. Ovicelo globular (Lov = 0,115–0,151 mm; lov = 0,155–0,196 mm; n = 4).

Comentários. *Drepanophora tuberculata* é reconhecida pelo orifício primário com côneo único com ponta fina e quase reta, orifício secundário tubular e aviculário latero-oral orientado frontalmente. Esta espécie é distinta de *Drepanophora irregularis* Winston & Vieira, 2013, descrita para São Paulo, por apresentar aviculário latero-oral.

Distribuição. Circuntropical. Atlântico Ocidental: Florida até o Brasil (TILBROOK; HAYWARD; GORDON, 2001). Apesar de ter sido originalmente descrita com base em espécimes da Florida, *Drepanophora tuberculata* atualmente possui distribuição circuntropical (TILBROOK; HAYWARD; GORDON, 2001). Não há diferenças morfológicas e morfométricas significativas entre espécimes dessas localidades, porém nenhuma revisão do material tipo foi realizada. No Brasil, é conhecida apenas para a Bahia (ALMEIDA et al., 2015a). Ocorre na Costa dos Coqueiros e Baía de Todos os Santos, entre 10 e 50 metros de profundidade, sobre corais e nódulos calcários.

Figura 78. A, B, *Celleporaria* sp. nov. (UFBA 2951); C, D, *Drepanophora tuberculata* (UFBA 625). A, C, aspecto geral de porção da colônia; B, detalhe de autozoóides e aviculários; D, detalhe do orifício primário e ovicele. Escalas: A = 500 μ m; B, = 200 μ m; C = 100 μ m; D = 50 μ m.



Fonte: O autor (2018).

4.34 Família Romancheinidae Jullien, 1888

Diagnose. Colônias incrustantes, uni ou multilaminares, ou eretas e bilaminares. Calcificação frontal do tipo umbonuloide, sem poros frontais, porém com poros marginais. Orifício primário com anter arqueado e poster com seio, proximalmente com denticulos proeminentes; espinhos podem estar presentes. Aviculários adventícios tipicamente pareados e marginais. Ovicele hiperestomial a parcialmente imerso, ooécio eschareliforme (HAYWARD; RYLAND, 1999; OSTROVSKY, 2013).

Gênero *Exochella* Jullien, 1888

Diagnose. Colônias incrustantes, uni ou multilamelares. Parede frontal com série única de poros marginais. Orifício primário coberto pela calcificação secundária complexa, resultando em orifício secundário com margem proximal delimitando uma ou duas aberturas geralmente fechadas distalmente, formando um ou dois poros distintos. Espinhos orais tipicamente presentes. Paredes transversais com septulas porosas. Aviculários adventícios proximolaterais ao orifício, um ou mais por autozoóide. Ovicele

não fechado pelo opérculo; ooécio totalmente calcificado (RYLAND; HAYWARD, 1992).

***Exochella frigidula* Winston, Vieira & Woollacott, 2014**

(Figura 79A–D)

Exochella frigidula Winston, Vieira & Woollacott, 2014: 196, fig. 37.

Exochella longirostris: Almeida et al., 2015a: 4 (sin. nov.).

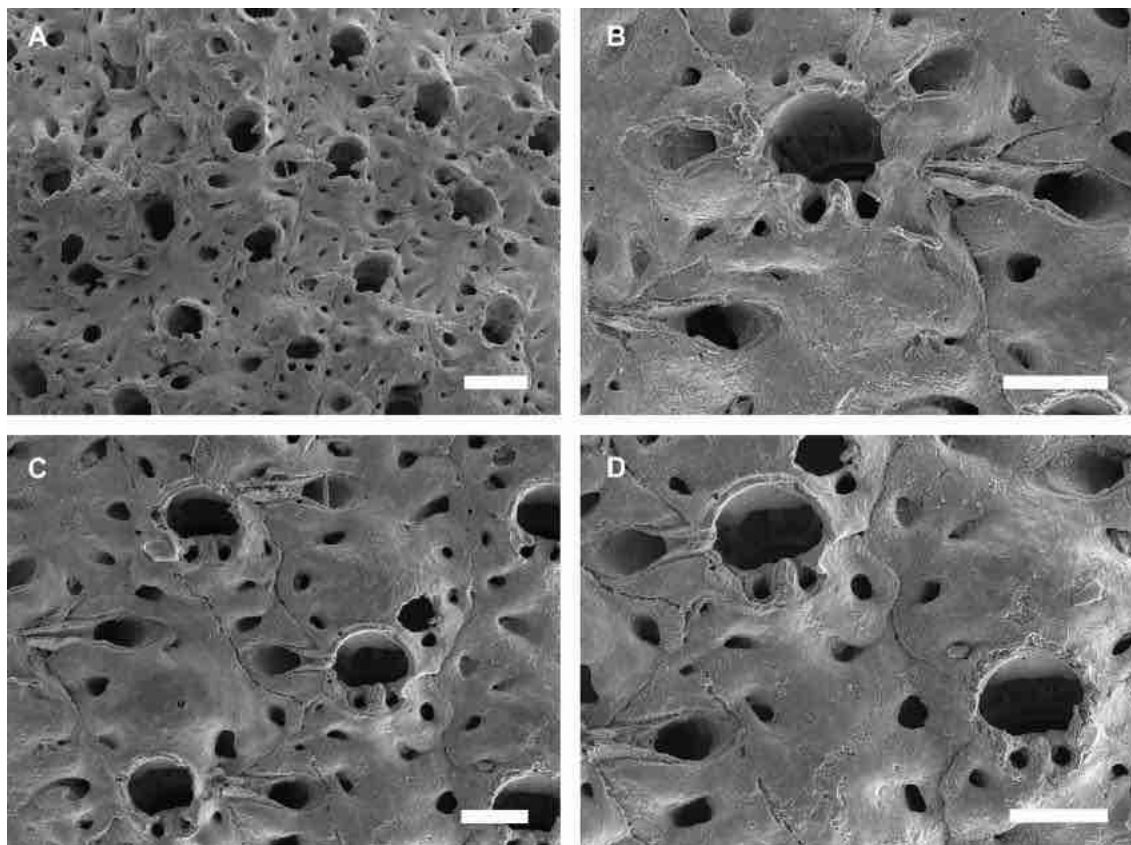
Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, uni a multilaminar. Autozoóides subhexagonais ou losangulares ($Lz = 0,355\text{--}0,488$ mm; $lz = 0,316\text{--}0,434$ mm), dispostos regularmente e delimitados por suturas distintas. Parede frontal umbonuloide, rugosa e com poros marginais. Orifício primário transversalmente elíptico ($Lo = 0,084\text{--}0,128$ mm; $lo = 0,098\text{--}0,1177$ mm) com um par de côneilos retangulares medianos proximais e 2–4 espinhos distais. Orifício secundário bem desenvolvido, formado por borda de calcificação tubular com duas aberturas circulares proximais. Aviculários adventícios de tamanho moderado ($Lav = 0,151\text{--}0,195$ mm; $lav = 0,057\text{--}0,071$ mm), únicos ou pareados, dispostos horizontalmente na região mediana do zoóide, orientados lateralmente, margem proximal semicircular, barra transversal completa e rostro longo e subtriangular. Ovicelo globular, imerso no zoóide distal.

Comentários. Espécimes de *Exochella frigidula* da Bahia (UFBA 252) foram previamente atribuídos à espécie *Exochella longirostris* Jullien, 1888 (ALMEIDA et al., 2015a), por apresentar aviculários com rostro longo e subtriangular orientados lateralmente. Em *Exochella longirostris*, entretanto, o orifício secundário não forma aberturas por não existir fusão dos lobos de calcificação, sendo característico um umbo pontiagudo (em *Exochella frigidula* há duas aberturas circulares resultantes da fusão dos lobos e não há umbo), ocorrem três espinhos orais (2–4 em *Exochella frigidula*), e os aviculários são menores quem em *Exochella frigidula* (HAYWARD, 1995; WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014).

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (ALMEIDA et al., 2015a; WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014). *Exochella frigidula* é endêmica do Brasil, conhecida para São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia (VIEIRA; NASCIMENTO; ALMEIDA, 2018). Na Bahia, ocorre da Costa dos Coqueiros a Costa do Dendê, entre 10 e 40 metros de profundidade, sobre substratos rígidos como corais, rodolitos e nódulos calcários.

Figura 79. *Exochella frigidula* (UFBA 1943). A, aspecto geral de porção da colônia; B, detalhe de autozoóides mostrando orifício primário e aviculários; C, grupo de zoóides ovicelados; D, detalhe dos zoóides ovicelados. Escalas: A = 200 μ m; B, C, D = 100 μ m.



Fonte: O autor (2018).

4.35 Família Metrarabdotosidae Vigneaux, 1949

Diagnose. Colônia incrustante, uni a multilaminar, ou ereta e bilaminar. Calcificação frontal do tipo umbonuloide, sem poros frontais, porém com poros marginais. Orifício secundário bem desenvolvido, sem espinhos orais. Aviculários adventícios comuns, frequentemente latero-orais; aviculários interzooidais de formas variadas. Ovicelo tipicamente formado como um gonozoóide com estruturas com fusão esquelética com zoóide maternal (CHEETHAM; SANNER; JACKSON, 2007; OSTROVSKY, 2013).

Gênero *Metrarabdotos* Canu, 1914

Diagnose. Orifício primário com maior calcificação distal; orifício secundário com um a três denticulos na borda proximal. Aviculários adventícios comuns, frequentemente latero-orais; aviculários interzooidais de formas variadas. Ovicelo como gonozoóide formado da fusão esquelética com zoóide maternal, por vezes maiores que os autozoóides; superfície finamente perfurada entre as costelas radiais e marginalmente por poros areolares; orifício do zoóide maternal crescente, duas ou três vezes mais largos que os dos

autozoóides, sem côneilos ou denticulos (CHEETHAM; SANNER; JACKSON, 2007; OSTROVSKY, 2013).

***Metrarabdotos jani* Winston, Vieira & Woollacott, 2014**

(Figura 80A,B)

Metrarabdotos jani Winston, Vieira & Woollacott, 2014: 198, fig. 38.

Metrarabdotos jani: Almeida et al., 2017: 299, figs. 46–47 (sin. cum.).

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, multilaminar. Coloração roxa escura (*in vivo*). Autozoóides ovais ou poligonais (Lz = 0,753–1,001 mm; lz = 0,531–0,676 mm), delimitados por paredes laterais elevadas. Parede frontal umbonuloide, rugosa e com tubérculos; poros marginais grandes. Orifício primário (Lo = 0,133–0,176 mm; lo = 0,128–0,166 mm) com anter arqueado e seio em forma de U, geralmente coberto pelo orifício secundário desenvolvido completamente, exceto proximalmente como pseudoseio bidentificado. Aviculário latero-oral grande (Lav = 0,221–0,419 mm; lav = 0,114–0,144 mm), disposto desde a margem zooidal até a borda distal do orifício secundário, ocasionalmente pareado, borda proximal semicircular, barra transversal completa e rostro longo, subtriangular e curvado. Gonozoóides maiores que os autozoóides (1,116–1,225 mm de comprimento; 0,713–0,841 mm de largura; n = 3), de abertura semicircular, superfície não perfurada, e com mesma calcificação frontal que os autozoóides.

Comentários. *Metrarabdotos jani* é caracterizada pelas colônias incrustantes de coloração roxa (*in vivo*), aviculários latero-orais grandes e com rostro curvado e gonozoóides com abertura semicircular e superfície rugosa não perfurada. Esta é a única espécie incrustante de *Metrarabdotos* conhecida para a Bahia.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (ALMEIDA et al., 2017; WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014). Endêmica do Brasil, *Metrarabdotos jani* foi descrita com base em espécimes do Rio de Janeiro e Espírito Santo (WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014). Recentemente foi registrada habitando esponjas na Bahia (Baía de Camamu, Costa do Dendê) (ALMEIDA et al., 2017). *Metrarabdotos jani* representa a espécie mais comum de *Metrarabdotos* em praias da Bahia. Ocorre na Costa dos Coqueiros a Costa do Dendê e na Costa do Descobrimento, desde o entremarés até 40 metros de profundidade, sobre esponjas e nódulos calcários.

***Metrarabdotos tuberosum* Canu & Bassler, 1928a**

(Figura 80C,D)

Metrarabdotos tuberosum Canu & Bassler, 1928a: 91, pl. 8, figs. 3, 4.

Metrarabdotos tuberosum: Cheetham; Sanner; Jackson, 2007: 41, figs. 2.3, 18.5–18.8 (sin. cum.); Vieira, Migotto, Winston, 2008: 26 (sin. cum.); Almeida et al., 2015a: 4.

Metrarabdotos sergipensis: Almeida et al., 2015a: 4; Souza & Almeida, 2017: 266 (sin. nov.).

Metrarabdotos auriculatum: Souza & Almeida, 2017: 266 (sin. nov.).

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia ereta rígida, espalmada. Autozoóides subretangulares ($Lz = 0,571\text{--}0,718$ mm; $lz = 0,269\text{--}0,373$ mm). Parede frontal umbonuloide, granulosa e com alguns tubérculos; poros marginais grandes. Orifício primário ($Lo = 0,171\text{--}0,220$ mm; $lo = 0,144\text{--}0,166$ mm) com anter arqueado e seio estreito em forma de U, geralmente coberto pelo orifício secundário desenvolvido, circular e com pseudoseio bidentificado. Aviculário latero-oral pequeno ($Lav1 = 0,073\text{--}0,117$ mm; $lav1 = 0,040\text{--}0,052$ mm), pareado, disposto nas bordas distais, elíptico e curvado. Aviculário interzooidal maiores que aviculário latero-oral ($Lav2 = 0,254\text{--}0,466$ mm; $lav2 = 0,127\text{--}0,220$ mm), colocados nas margens zooidais e em zoóides na bifurcação, disposto adjacente aos ovícelos, borda proximal semicircular, barra transversal completa e rostro longo, subtriangular e reto. Gonozoóides maiores que os autozoóides ($0,463\text{--}0,598$ mm de comprimento; $0,469\text{--}0,567$ mm de largura; $n = 6$), de abertura semicircular, superfície com costelas radiais de calcificação e poros irregulares.

Comentários. *Metrarabdotos tuberosum* é caracterizada pelas colônias eretas espalmadas, aviculários latero-orais pequenos e elípticos e gonozoóides com abertura semicircular e superfície com poros e costelas radiais de calcificação.

Parte dos espécimes de *Metrarabdotos tuberosum* da Bahia foi anteriormente identificada como *Metrarabdotos segipensis* Santana, Ramalho & Guimarães, 2009 (ALMEIDA et al. 2015a; UFBA 453) e *Metrarabdotos auriculatum* Canu & Bassler, 1923 (SOUZA; ALMEIDA, 2017; UFBA 348). *Metrarabdotos segipensis*, entretanto, possui autozoóides e gonozoóides com calcificação frontal como tubérculos, e o aviculário interzooidal associados ao autozoóides, distintos de *Metrarabdotos tuberosum*, que apresentam autozoóides e gonozoóides com calcificação frontal granulosa com poucos tubérculos e aviculário interzooidal associado aos autozoóides e gonozoóides. *Metrarabdotos auriculatum* é uma espécie fóssil, diferenciada de *Metrarabdotos tuberosum* principalmente pelos aviculários latero-orais com tamanhos distintos; em

Metrarabdotos tuberosum os aviculários latero-orais possuem praticamente o mesmo tamanho.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Caribe até o Brasil (CHEETHAM; SANNER; JACKSON, 2007). *Metrarabdotos tuberosum* é comum em águas rasas do Atlântico Ocidental (CHEETHAM; SANNER; JACKSON, 2007). No Brasil, é conhecida para a Bahia e Paraíba (VIEIRA; NASCIMENTO; ALMEIDA, 2018). Na Bahia, ocorre na Baía de Todos os Santos, Costa do Descobrimento e Costa das Baleias, entre 18–40 metros de profundidade. Comum sobre corais e nódulos calários, as colônias eretas formam tanto ramos curtos, logo bifurcados como ramos longos com muitos autozoóides antes da bifurcação.

***Metrarabdotos unguiculatum* (Canu & Bassler, 1928c)**

(Figura 80E,F)

Metrarabdotos unguiculatum Canu & Bassler, 1928c: 128, pl. 23, figs. 6–9.

Material examinado. Apêndice A.

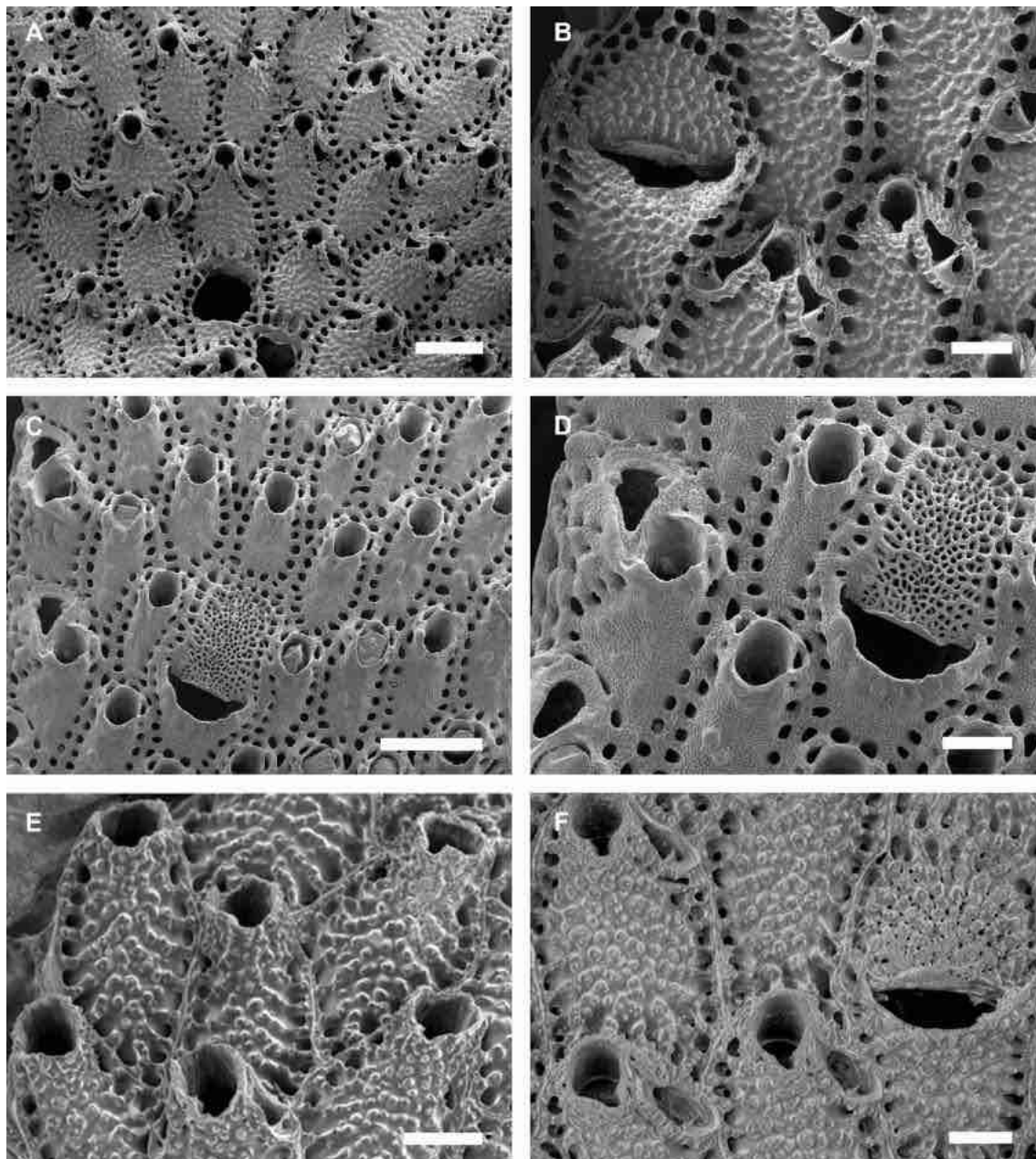
Descrição. Colônia ereta rígida, espalmada. Autozoóides subretangulares ($Lz = 0,617–0,999$ mm; $lz = 0,349–0,471$ mm; $n = 8$). Parede frontal umbonuloide, granulosa e com tubérculos numerosos; poros marginais grandes. Orifício primário ($Lo = 0,152–0,190$ mm; $lo = 0,138–0,188$ mm; $n = 8$) com anter arqueado, seio estreito em forma de U, geralmente coberto pelo orifício secundário circular e com pseudoseio bidenticulado. Aviculário latero-oral grande ($Lav = 0,343–0,419$ mm; $lav = 0,115–0,156$ mm; $n = 7$), disposto desde a margem zooidal até a borda distal do orifício secundário, único ou pareado, borda proximal semicircular, barra transversal completa e rostro longo, subtriangular e curvado. Gonozoóides maiores que os autozoóides (1,078 mm de comprimento; 0,722 mm de largura), de abertura semicircular, superfície com vários poros pequenos e costelas radiais de calcificação com a mesma calcificação frontal que os autozoóides.

Comentários. *Metrarabdotos unguiculatum* é semelhante à *Metrarabdotos jani*, sendo principalmente diferenciada pela forma da colônia e superfície do gonozoóide, que é ereta e com poros pequenos em *M. unguiculatum* (incrustante e não perfurada em *M. jani*).

Distribuição. Atlântico Ocidental: Florida até o Brasil (CHEETHAM; SANNER; JACKSON, 2007). Conhecida em todo o Atlântico Ocidental, *Metrarabdotos unguiculatum* ocorre no Brasil, relatados para o Espírito Santo e Bahia (VIEIRA; NASCIMENTO; ALMEIDA, 2018). Na Bahia, é encontrado em substratos rígidos como

corais e nódulos calcários da Baía de Todos os Santos, Costa do Dendê e Costa das Baleias, entre 18 e 40 metros de profundidade.

Figura 80. A, B, *Metrarabdotos jani* (UFBA 1606); C, D, *Metrarabdotos tuberosum* (UFBA 1380). E, F, *Metrarabdotos unguiculatum* (USNM 8571). A, C, E, aspecto geral de porção da colônia; B, D, F, detalhe de autozoóides, aviculários e gonozoóides. Escalas: A, C = 500 μ m; B = 250 μ m; D, E, F = 200 μ m.



Fonte: O autor (2018).

Superfamília Smittinoidea Levinsen, 1909

4.36 Família Bitectiporidae MacGillivray, 1895

Diagnose. Colônias incrustantes, uni a multilaminares, ou eretas. Calcificação frontal do tipo lepralioide com ou sem pseudoporos frontais e com poros marginais. Orifício primário com anter arqueado e poster com seio; côndilos e espinhos podem estar presentes. Aviculários adventícios e vicariantes podem estar presentes. Ovicelo hiperestomial, ooécio lepralieforme; ectooécio perfurado por poros (GORDON, 1994; OSTROVSKY, 2013).

Gênero *Hippoporina* Neviani, 1895

Diagnose. Colônias incrustantes. Autozoóides com parede frontal com pseudoporos frontais (exceto na região suboral) e poros marginais. Orifício primário arredondado e com côndilos laterais pareados, formando seio raso. Orifício secundário tipicamente desenvolvido como abas laterais calcificadas. Aviculários adventícios desenvolvidos dos poros marginais. Aviculários vicariantes ausentes. Ovicelo não fechado pelo opérculo; ectooécio com poros ou áreas não calcificadas (COOK, 1985).

Hippoporina indica Madhavan Pillai, 1978

(Figura 81A–C)

Hippoporina indica Madhavan Pillai, 1978: 62, figs. 1–4.

Hippoporina indica: McCann et al., 2007: 331, figs. 7A–D; Miranda et al., 2018: 7 (sin. cum.).

Cryptosula pallasiana: Almeida et al., 2015a: 5.

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante. Autozoóides retangulares ($Lz = 0,349\text{--}0,470$ mm; $lz = 0,205\text{--}0,319$ mm), delimitados por paredes laterais elevadas. Parede frontal lepralioide, nodulosa e com poros marginais alongados e pseudoporos frontais grandes e espaçados, exceto na região suboral. Orifício primário subcircular ($Lo = 0,104\text{--}0,135$ mm; $lo = 0,091\text{--}0,117$ mm) com anter arredondado, seio raso, amplo e em forma de U, e côndilos triangulares proximolaterais. Orifício secundário formando projeções rasas e com umbo suboral pontiagudo. Aviculário adventícios ($Lav = 0,089\text{--}0,118$ mm; $lav = 0,055\text{--}0,078$ mm; $n = 5$) latero-orais ou marginais, subtriangulares com borda proximal arredondada, rostro triangular e barra transversal completa. Ovicelo hiperestomial ($Lov = 0,140\text{--}0,181$

mm; $lov = 0,186-0,211$ mm); ectooécio perfurado frontalmente por 10–15 poros grandes e irregulares, geralmente fusionados.

Comentários. *Hippoporina indica* é caracterizada pelos autozoóides retangulares com pseudoporos frontais, aviculários adventícios latero-orais ou marginais subtriangulares e ovicelo com ectooécio com 10–15 poros grandes, geralmente fusionados.

Alguns espécimes de *Hippoporina indica* da Bahia foram anteriormente identificadas como *Cryptosula pallasiana* (Moll, 1803) (ALMEIDA et al., 2015a; UFBA 699). Estas espécies diferem da segunda espécie pelo orifício primário subcircular, aviculários subtriangulares e ovicelos hiperestomiais perfurados, característicos de *Hippoporina indica* (*Cryptosula pallasiana* possui orifício primário campanulado, sem aviculários e ovicelos).

Distribuição. Amplamente distribuída em águas tropicais e temperadas de todo o mundo. Atlântico Ocidental: Estados Unidos até o Brasil (MCCANN et al., 2007; MIRANDA; ALMEIDA; VIEIRA, 2018). Descrita originalmente para a Índia, *Hippoporina indica* é registrada em águas tropicais e temperadas de todos os oceanos (MCCANN et al., 2017). Trata-se de um briozoário comum da comunidade incrustante em substratos artificiais, sendo considerada uma espécie invasora em algumas localidades do Atlântico (MCCANN et al., 2007; MIRANDA; ALMEIDA; VIEIRA, 2018). No Brasil, é relatada como exótica para o Paraná e Bahia, de possível origem o Indo-Pacífico (MIRANDA; ALMEIDA; VIEIRA, 2018). Na Bahia, ocorre desde a Costa dos Coqueiros até a Costa do Dendê, entre 8 e 40 metros de profundidade, sobre conchas de moluscos e nódulos calcários.

***Hippoporina* sp. nov.**

(Figura 81D–F)

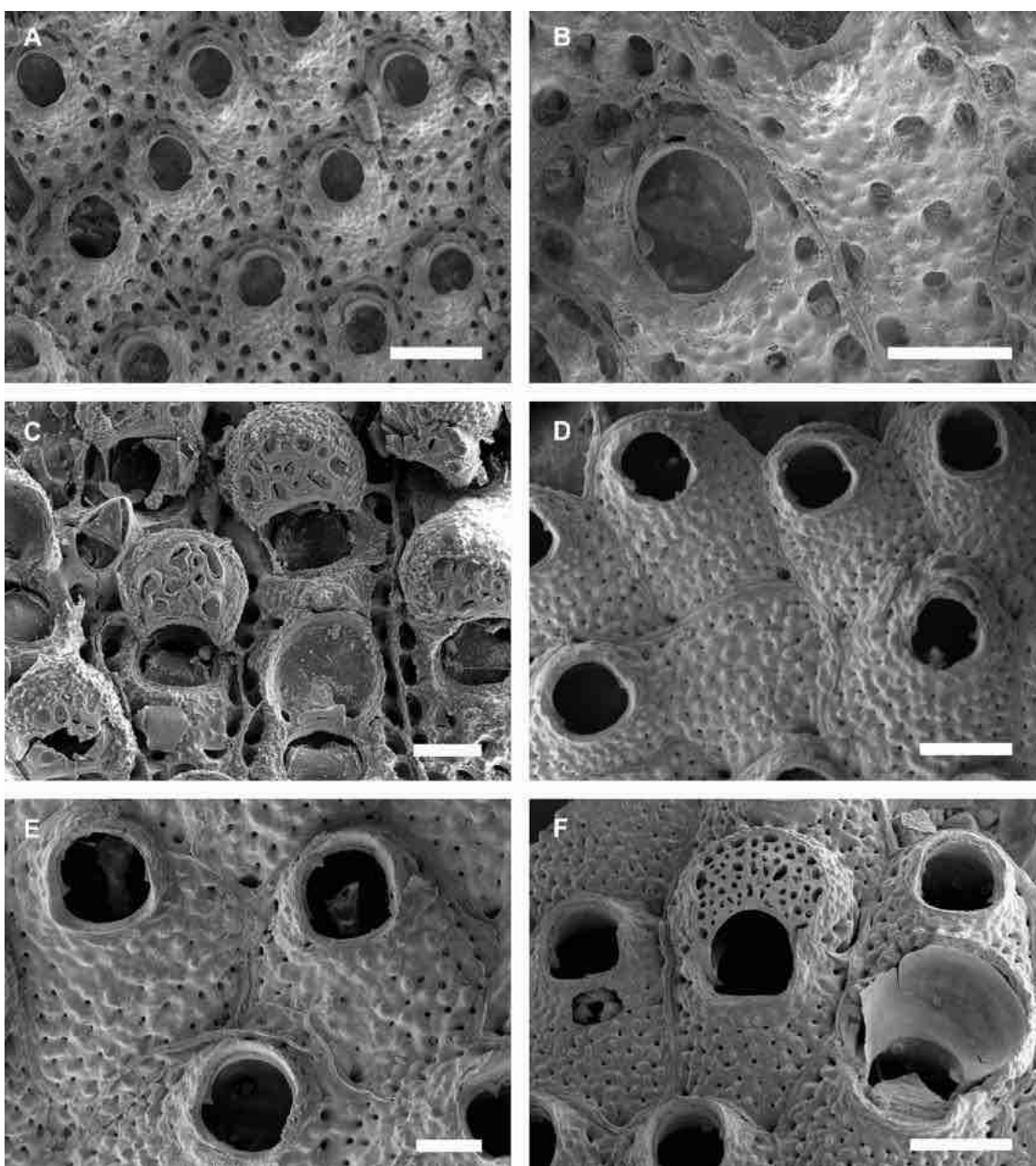
Hippoporina sp.: Almeida et al., 2015a: 4; Souza & Almeida, 2017: 266.

Material examinado. Holótipo: UFPE 2064, Costa dos Coqueiros. Parátipo: UFBA 1974, Costa dos Coqueiros. Material adicional: Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante. Autozoóides quadrangulares, distintamente grandes ($Lz = 1,019-1,497$ mm; $lz = 0,752-1,095$ mm) com borda distal arqueada e delimitados por paredes laterais elevadas. Parede frontal lepralióide com numerosos nódulos arredondados e pequenos pseudoporos frontais intercalados entre os nódulos, exceto na região suboral; poros marginais alongados, especialmente nos cantos zooidais proximais. Orifício primário subcircular ($Lo = 0,338-0,435$ mm; $lo = 0,291-0,388$ mm), anter

arredondado, seio raso e amplo com pequenos côneos mediolaterais triangulares. Orifício secundário mais desenvolvido lateralmente do que distal e proximalmente, formando abas laterais, sem umbo suboral. Aviculários não observados. Zoóides ovicelados com orifício secundário bem desenvolvido proximalmente, formando borda proximal reta cobrindo o orifício primário. Ovicelo hiperestomial (Lov = 0,556–0,693 mm; lov = 0,800–0,931 mm); ectooécio perfurado centralmente por mais de 20 poros irregulares ocasionalmente fusionados.

Figura 81. A–C, *Hippoporina indica* (UFBA 1387); D–F, *Hippoporina* sp. nov. (UFBA 2064). A, D, aspecto geral de porção da colônia; B, E, detalhe do orifício primário; C, F, zoóides ovicelados. Escalas: A = 200 μ m; B, C = 100 μ m; D, F = 500 μ m; E = 250 μ m.



Fonte: O autor (2018).

Comentários. A maioria das 23 espécies de *Hippoporina* conhecidas possui autozoóides atingindo no máximo de 1 mm de comprimento e com grandes pseudoporos frontais, côndilos proximolaterais e umbo suboral; dessa forma, estas espécies são distintas *Hippoporina* sp. nov., que apresenta autozoóides com mais de 1 mm de comprimento, diminutos pseudoporos frontais, côndilos mediolaterais e orifício secundário formando abas laterais distintas.

Ao menos três espécies de *Hippoporina* são registradas para o Brasil, *Hippoporina indica*, *Hippoporina pertusa* (Esper, 1796) e *Hippoporina sertata* (Canu & Bassler, 1930). As três espécies possuem autozoóides de tamanho moderado (menos de 1 mm de comprimento), grande pseudoporos frontais, côndilos proximolaterais e aviculários.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil. Conhecida apenas para a Bahia, *Hippoporina* sp. nov. é comum na Costa dos Coqueiros e Baía de Todos os Santos, entre 15 e 25 metros de profundidade, associada a rodolitos e nódulos calcários.

4.37 Família Lanceoporidae Harmer, 1957

Diagnose. Colônias incrustantes, uni a multilaminares, com formas eretas uni ou bilaminares. Calcificação frontal do tipo lepralióide com pseudoporos frontais e poros marginais. Orifício primário com anter arqueado e poster com seio; côndilos presentes; espinhos tipicamente ausentes. Numerosos aviculários adventícios e vicariantes. Dimorfismo zooidal geralmente presente; autozoóides e zoóides ovicelados com orifício morfologicamente distintos. Ovicelo hiperestomial ou imerso, ooécio lepralieforme, geralmente cormidial; ectooécio perfurado por poros (CUMMING; TILBROOK, 2014; OSTROVSKY, 2013; REVERTER-GIL; SOUTO; FERNÁNDEZ-PULPEIRO, 2012).

Gênero *Calyptotheca* Harmer, 1957

Diagnose. Autozoóides delimitados por fendas (ou suturas) com numerosos pseudoporos frontais e poros marginais alongados. Orifício primário formado por diferentes zooides (maternal e distais); lúnula (placa de calcificação distal) e côndilos proximolaterais conspícuos. Aviculários adventícios frontais, suborais, latero-orais ou marginais. Aviculários vicariantes podem estar presentes. Dimorfismo zooidal conspícuo em algumas espécies. Ovicelo fechado pelo opérculo, mesma calcificação frontal que os autozoóides; ooécio geralmente cormidial (CUMMING; TILBROOK, 2014; VIEIRA, 2008).

***Calypthotheca ornatissima* (Canu & Bassler, 1928a)**

(Figura 82A–D)

Gemelliporidra ornatissima Canu & Bassler, 1928a: 79, pl. 5, figs. 1–2.

Calypthotheca ornatissima: Almeida et al., 2017: 300, figs. 48–53 (sin. cum.).

Gemelliporidra ornatissima: Souza & Almeida, 2017: 266.

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia de coloração alaranjada (*in vivo*), incrustante, multilaminar. Esqueleto com coloração laranja e aviculários brancos. Autozoóides quadrangulares ou retangulares ($Lz = 0,464\text{--}0,711$ mm; $lz = 0,320\text{--}0,551$ mm), delimitados por paredes laterais elevadas. Parede frontal lepralióide com vários tubérculos e totalmente perfurada por 20–50 pseudoporos. Orifício primário circular ($Lo = 0,121\text{--}0,164$ mm; $lo = 0,139\text{--}0,164$ mm), anter arredondado, poster raso, amplo, em forma de V e com côneos arredondados; lúnula presente na margem distal do orifício, co, margem proximal geralmente com pequenos tubérculos. Orifício maiores em zoóides ovicelados. Aviculário adventício suboral pequeno ($Lav1 = 0,094\text{--}0,120$ mm; $lav1 = 0,045\text{--}0,072$ mm), orientado lateralmente no zoóide, de borda proximal arredondada, rostro triangular e barra transversal completa. Aviculário adventício frontal ($Lav2 = 0,128\text{--}0,151$ mm; $lav2 = 0,022\text{--}0,031$ mm) geralmente presentes nas margens zooidais e sobre ovicelos, de morfologia similar ao aviculário suboral. Aviculário adventício marginal alongado ($Lav3 = 0,086\text{--}0,138$ mm; $lav3 = 0,037\text{--}0,066$ mm) colocados distalmente ou medianamente e com rostro pontiagudo, levemente curvado. Aviculário vicariante grande ($Lav4 = 0,367\text{--}0,515$ mm; $lav4 = 0,153\text{--}0,227$ mm) e com margem proximal reta, rostro subespatulado e côneos proximolaterais quadrados. Ovicelo hiperestomial ($Lov = 0,404\text{--}0,503$ mm; $lov = 0,157\text{--}0,181$ mm; $n = 4$) com ooécio lepraliéforme cormidial.

Comentários. *Calypthotheca ornatissima* é distinta de todas as espécies do gênero pela presença de quatro tipos de aviculários: adventício suboral, pequeno e subtriangular; adventício frontal, pequeno e subtriangular; adventício marginal, distal e alongado; e vicariante com rostro subespatulado. Esta espécie também pode ser facilmente reconhecida pelo esqueleto com coloração alaranjada e aviculários com coloração branca.

Calypthotheca ornatissima foi recentemente redescrita por Almeida et al. (2017), que compararam espécimes coletados sobre esponjas da Baía de Camamu (Costa do Dendê, Bahia) com o material tipo também da Bahia (USNM 8554).

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (ALMEIDA et al., 2017). Esta espécie é conhecida apenas para a Bahia (ALMEIDA et al., 2017), da Costa dos Coqueiros a Costa do Dendê, onde é encontrada entre 14 e 20 metros de profundidade, formando incrustações robustas sobre corais, esponjas e nódulos calcários.

***Calypsotheca triangulata* (Canu & Bassler, 1928a)**

(Figura 82D–F)

Cribella triangulata Canu & Bassler, 1928a: 82, pl. 4, fig. 10,

Calypsotheca triangulata: Almeida et al., 2018b: 413, figs. 7A–F (sin. cum.).

Hippoporina triangulata: Souza & Almeida, 2017: 266 (sin. nov.).

Material examinado. Apêndice A.

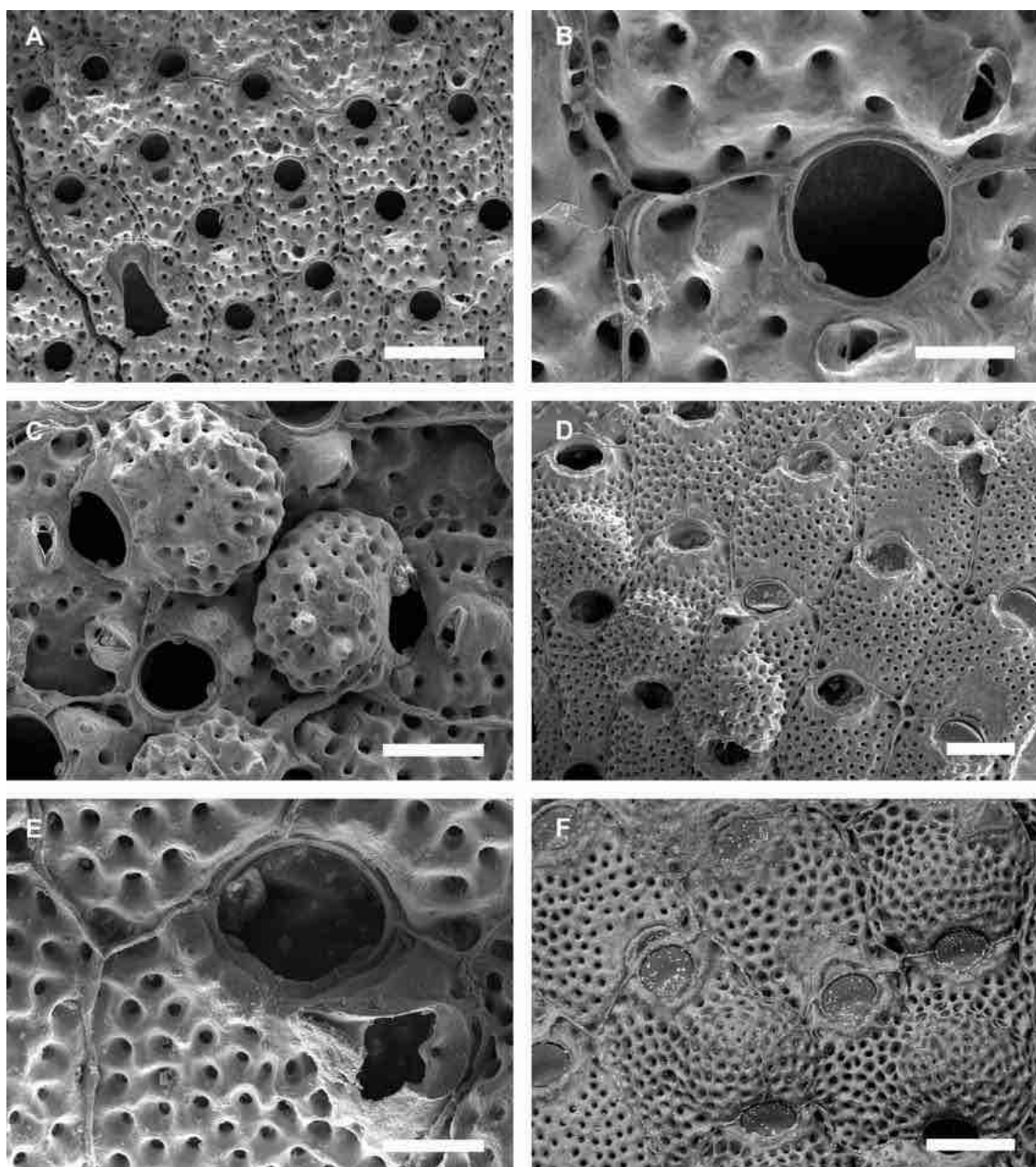
Descrição. Colônia incrustante, unilaminar. Autozoóides subquadrangulares ou irregularmente poligonais ($Lz = 0,456–0,593$ mm; $lz = 0,315–0,530$ mm), delimitados por paredes laterais levemente elevadas. Parede frontal lepralióide com numerosos pseudoporos frontais e poros marginais alongados. Orifício primário transversalmente oval, mais largo que longo ($Lo = 0,101–0,120$ mm; $lo = 0,151–0,197$ mm), seio amplo, raso e em forma de U; um par de côneilos subretangulares proximolaterais; lúnula apenas na borda distal. Sem dimorfismo orifical. Orifício secundário pode estar desenvolvido como pequenos nódulos. Aviculário adventício frontal ($Lav = 0,161–0,195$ mm; $lav = 0,078–0,094$ mm; $n = 7$) raro, único, borda proximal arredondada, rostro triangular com terminação fina, barra transversal completa com protuberância central (columela), disposto abaixo de um dos lados do orifício, orientação variável. Outros aviculários ausentes. Ovicelo hiperestomial ($Lov = 0,370–0,449$ mm; $lov = 0,105–0,124$ mm), ooécio lepralióide cormidial.

Comentários. *Calypsotheca triangulata* é caracterizada pelo orifício primário transversalmente oval com seio amplo e raso, sem dimorfismo orifical, orifício secundário desenvolvido como pequenos nódulos, e aviculário adventício frontal raro, subtriangular e com orientação variável.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil; Indo-Pacífico: Indonésia, Austrália e China (ALMEIDA et al., 2018b). *Calypsotheca triangulata* foi redescrita recentemente com base em espécimes habitantes de conchas de moluscos da Baía de Todos os Santos que foram comparados com o material tipo também da Bahia (USNM 8553). Adicionalmente, a espécie *Calypsotheca tenuata* Harmer, 1957, registrada no Indo-Pacífico, foi sinonimizada com *Calypsotheca triangulata* (ALMEIDA et al., 2018b). Dessa forma,

Calyptotheca triangulata ocorre no Atlântico (Brasil) e em diferentes localidades dos Oceanos Indo-Pacífico. Trata-se provavelmente de uma espécie criptogênica com origem natural não conhecida (ALMEIDA et al., 2018b). No Brasil, *Calyptotheca triangulata* ocorre em São Paulo e na Bahia (ALMEIDA et al., 2018b). Na Bahia, é conhecida para a Costa dos Coqueiros e Baía de Todos os Santos, desde o entremarés até 20 metros de profundidade, vivendo sobre conchas de moluscos, corais e rodolitos.

Figura 82. A–C, *Calyptotheca ornatissima* (UFBA 1178); D–F, *Calyptotheca triangulata* (UFBA 1625). A, D, aspecto geral de porção da colônia; B, E, detalhe do orifício primário e aviculários; C, F, zoóides ovicelados. Escalas: A = 500 μm ; B, E = 100 μm ; C = 200 μm ; D, F = 250 μm .



Fonte: O autor (2018).

***Calypotheca trimorpha* (Canu & Bassler, 1928a) comb. nov.**

(Figura 83A–C)

Schizoporella trimorpha Canu & Bassler, 1928a: 81, pl. 5, figs. 3–4.

Schizoporella trimorpha: Vieira, Migotto, Winston, 2008: 28; Almeida et al., 2015a: 5.

Material examinado. Apêndice A.

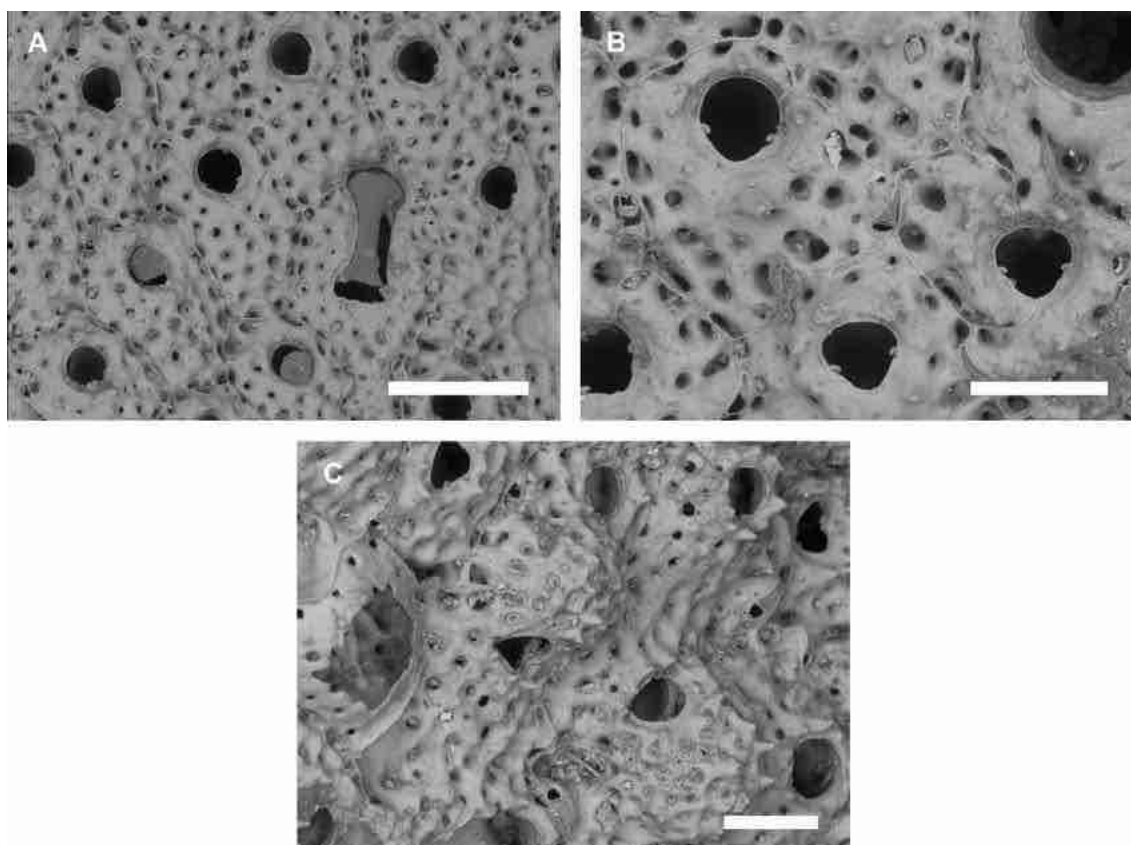
Descrição. Colônia incrustante, unilaminar. Autozoóides subretangulares ou irregularmente poligonais ($Lz = 0,419\text{--}0,553$ mm; $lz = 0,260\text{--}0,409$ mm), delimitados por paredes laterais levemente elevadas. Parede frontal lepralioide, com tubérculos, numerosos pseudoporos frontais, poros marginais alongados. Orifício primário subcircular ($Lo = 0,110\text{--}0,132$ mm; $lo = 0,096\text{--}0,120$ mm), seio amplo, moderado e em forma de V; um par de côndilos arredondados proximolaterais. Orifício secundário desenvolvido como tubérculos pontiagudos curtos. Aviculário adventício marginal ($Lav = 0,087\text{--}0,109$ mm; $lav = 0,026\text{--}0,038$ mm) disposto nas paredes laterais e presente em quase todos os autozoóides; rostro subtriangular ou alongado. Aviculário vicariante gigante ($0,381\text{--}0,391$ mm de comprimento e $0,153\text{--}0,165$ mm de largura) com borda proximal reta, rostro subespatulado e côndilos triangulares proximolaterais. Zoóides ovicelados com orifício em forma de D transversal. Ovicelo hiperestomial ($Lov = 0,184\text{--}0,245$ mm; $lov = 0,221\text{--}0,241$ mm; $n = 5$), ooécio lepralieforme cormidial.

Comentários. Esta espécie foi originalmente descrita no gênero *Schizoporella* Hincks, 1877, porém nunca foi relatada posteriormente após o primeiro registro. A análise do material tipo (USNM 8555) evidenciou características morfológicas conflitantes com *Schizoporella*, especialmente a ausência de aviculários adventícios laterais ao orifício e de umbo ou nervuras na superfície do ovicelo, característicos deste gênero. Por outro lado, o material examinado possui dimorfismo orifical acentuado, aviculários adventícios marginais e grandes vicariantes e ooécio lepralieforme cormidial, que são características atribuídas ao gênero *Calypotheca*. Dessa forma, a nova combinação *Calypotheca trimorpha* comb. nov. é aqui proposta..

Canu & Bassler (1928a) utilizaram o epíteto *trimorpha* em alusão a presença de três tipos de zoóides nas colônias estudadas por eles: autozoóides, aviculários vicariantes e zoóides salientes. Entretanto, os zoóides salientes mencionados por esses autores correspondem às regiões cujos orifícios dos autozoóides tornaram-se alargados por causa das irregularidades existentes no substrato, como a existência de poliquetas tubícolas.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (CANU; BASSLER, 1928a). *Calyptotheca trimorpha* comb. nov. é conhecida apenas a Costa dos Coqueiros e Baía de Todos os Santos, na Bahia. Ocorre entre 10–49 metros de profundidade, sobre corais e rochas.

Figura 83. A–C, *Calyptotheca trimorpha* comb. nov. (USNM 8555). A, aspecto geral de porção da colônia e aviculário interzooidal; B, detalhe dos autozoóides e orifícios; C, zoóides ovicelados. Escalas: A = 400 μ m; B, C = 200 μ m.



Fonte: O autor (2018).

***Calyptotheca vaginata* (Canu & Bassler, 1928a)**

(Figura 84A,B)

Dakaria vaginata Canu & Bassler, 1928a: 83, pl. 4, fig. 6–9.

Calyptotheca vaginata: Vieira, Migotto, Winston, 2008: 30 (sin. cum.).

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, unilaminar. Autozoóides subretangulares ou irregularmente poligonais ($Lz = 0,525\text{--}0,779$ mm; $lz = 0,416\text{--}0,693$ mm), delimitados por paredes laterais elevadas. Parede frontal lepralióide com tubérculos, pseudoporos frontais grandes, dispostos regularmente por toda a parede frontal, poros marginais alongados. Orifício primário subcircular ($Lo = 0,122\text{--}0,146$ mm; $lo = 0,172\text{--}0,219$ mm) com um par

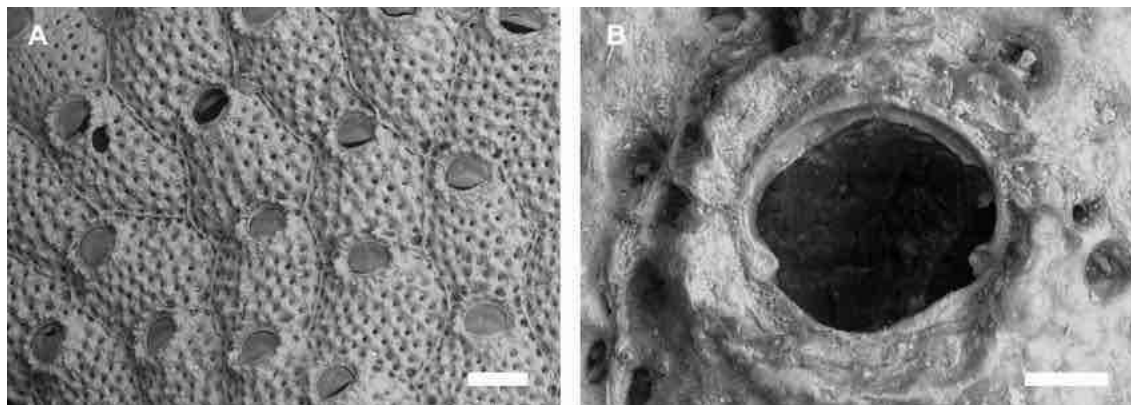
de côneilhos arredondados proximolaterais; orifício com aspecto achatado, anter arqueado e seio amplo, moderado e em forma de U; lúnula presente na margem distal. Orifício secundário completo e com tubérculos pontiagudos. Aviculários e ovicelos não observados.

Comentários. *Calypthotheca vaginata* é distinta de todas as espécies do gênero pelos autozoóides com parede frontal com tubérculos, orifício primário mais largo que longo com côneilhos proximolaterais arredondados e orifício secundário formando tubérculos pontiagudos. A ausência de aviculários também caracteriza essa espécie.

Endêmica do Brasil, *Calypthotheca vaginata* era conhecida previamente para São Paulo e Rio de Janeiro (VIEIRA; MIGOTTO; WINSTON, 2008). Este é o primeiro registro da espécie para a Bahia, onde habita rodolitos da Costa dos Coqueiros.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (VIEIRA; MIGOTTO; WINSTON, 2008; presente estudo).

Figura 84. A, B, *Calypthotheca vaginata* (USNM 8552). A, aspecto geral de porção da colônia; B, detalhe do orifício primário e aviculário. Escalas: A = 250 μ m; B = 50 μ m.



Fonte: O autor (2018).

***Calypthotheca violacea* (Canu & Bassler, 1928a) comb. nov.**

(Figura 85A–D)

Aptonella violacea Canu & Bassler, 1928a: 83, pl. 5, fig. 5–8.

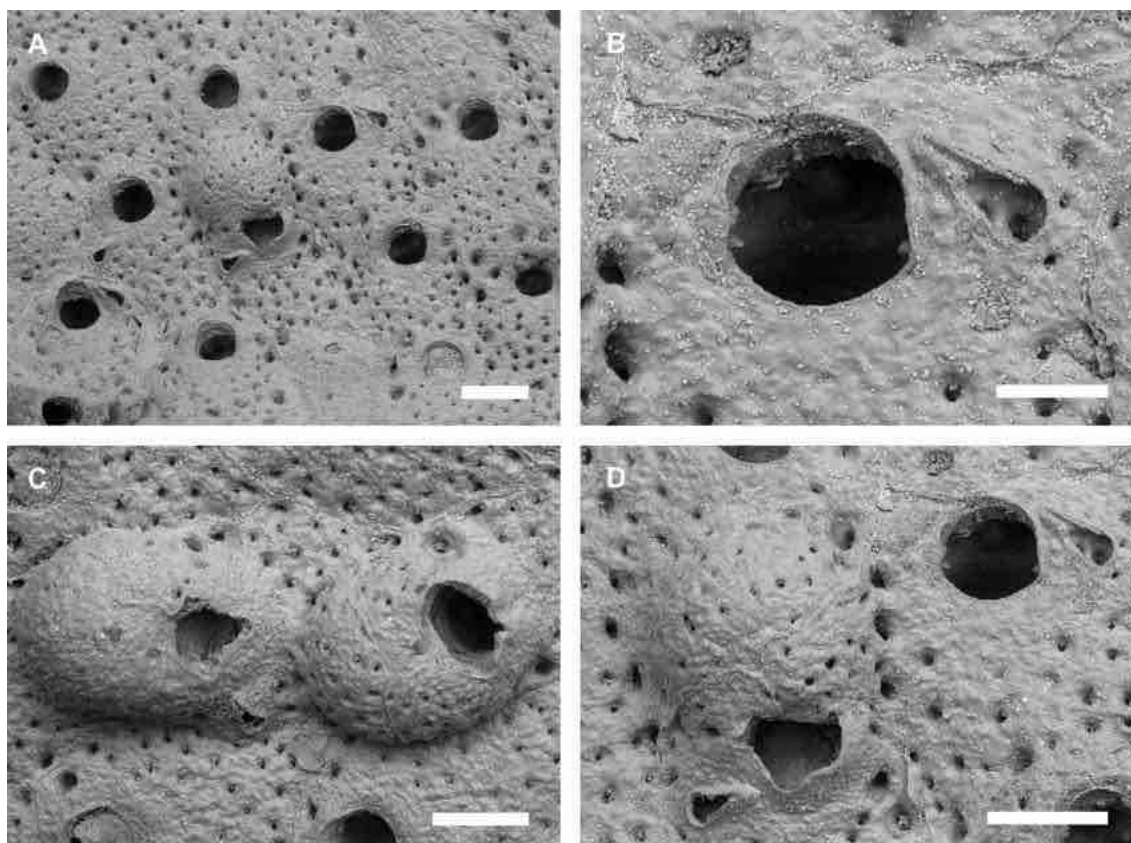
Aptonella violacea: Vieira, Migotto, Winston, 2008: 30 (sin. cum.).

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, uni a multilaminar. Zoóides com esqueleto de coloração roxa. Autozoóides subhexagonais ou irregularmente poligonais ($Lz = 0,659\text{--}0,829$ mm; $lz = 0,532\text{--}0,669$ mm), limitados por paredes laterais elevadas. Parede frontal lepralióide, rugosa; pseudoporos frontais espaçados, ausentes ao redor do orifício primário; poros

marginais grandes. Orifício primário ($L_o = 0,185\text{--}0,245$ mm; $l_o = 0,176\text{--}0,233$ mm) oblongo, seio amplo, moderado e em forma de U, um par de côneos proximolaterais; lúnula apenas na borda distal, terminando logo acima dos côneos. Orifício secundário não desenvolvido nos autozoóides. Aviculário adventício latero-oral único ($L_{av} = 0,121\text{--}0,178$ mm; $l_{av} = 0,043\text{--}0,071$ mm; $n = 8$), perfil subtriangular, rostro triangular curto, barra transversal completa, margens lisas, orientado distolateralmente. Zoóides ovicelados com orifício secundário bem desenvolvido, escondendo orifício primário, formando pseudoseio sinuoso, em forma de U estreito. Ovicelo hiperestomial ($L_{ov} = 0,288\text{--}0,362$ mm; $l_{ov} = 0,376\text{--}0,423$ mm; $n = 5$), ooécio lepralieforme cornidial.

Figura 85. A–D, *Calypthotheca violacea* comb. nov. (USNM 8556). A, aspecto geral de porção da colônia; B, detalhe do orifício primário e aviculário; C, zoóides ovicelados; D, detalhe do zoóide ovicelado. Escalas: A = 250 μm ; B = 100 μm ; C, D = 200 μm .



Fonte: O autor (2018).

Comentários. *Calypthotheca violacea* comb. nov. não havia sido caracterizada a partir de fomomicrografias de MEV desde sua descrição original, o que dificultou o reconhecimento da espécie em estudos anteriores. Canu & Bassler (1928a) descreveram um novo gênero, *Aptonella*, para acomodar esta espécie. Tilbrook; Hayward; Gordon (2001), entretanto, consideraram o gênero como sinônimo junior de *Cosciniopsis* Canu &

Bassler, 1927a, pois ambos os tipos dos gêneros, *Aptonella violacea* e *Cosciniopsis coelatus* Canu & Bassler, 1927a, apresentam coloração roxa, parede frontal com pseudoporos, orifício com côndilos e ovicelo com superfície porosa. *Cosciniopsis coelatus*, por sua vez, difere de *Aptonella violacea* pela presença de orifício secundário formados por extensões das paredes laterais, ovicelo formado pelo zoóide distal e aviculários ausentes. Os espécimes atribuídos à espécie *Aptonella violacea* por Canu & Bassler (1928a) são caracterizados pelo orifício primário com lúnula e côndilos, aviculários adventícios, dimorfismo zooidal orifical acentuado e ovicelo formado por vários zoóides (cormidial). Estas características são diagnósticas do gênero *Calyptotheca* e, assim, é proposta uma nova combinação, *Calyptotheca violacea* comb. nov.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (CANU; BASSLER, 1928a). Conhecida no Brasil desde o Rio de Janeiro até a Bahia. Na Bahia, este briozoário está geralmente associada a corais e rodolitos na Costa dos Coqueiros e Baía de Todos os Santos.

***Calyptotheca* sp. nov.**

(Figura 86A–C)

Material examinado. Holótipo: UFBA 3066, Costa do Dendê. Parátipo: UFBA 3072, Costa do Dendê. Material adicional: Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, unilaminar. Autozoóides subretangulares ou irregularmente poligonais ($Lz = 0,380\text{--}0,515$ mm; $lz = 0,292\text{--}0,364$ mm), delimitados por paredes laterais elevadas. Parede frontal lepraloide com tubérculos e 18–32 pseudoporos frontais. Orifício primário subcircular e transversalmente elíptico ($Lo = 0,100\text{--}0,130$ mm; $lo = 0,124\text{--}0,161$ mm) com um par de côndilos arredondados proximolaterais; anter arqueado, seio amplo, raso e em forma de U. Orifício secundário mais desenvolvido proximalmente, formando umbo suboral pontiagudo. Aviculário adventício frontal e pequeno ($Lav = 0,059\text{--}0,080$ mm; $lav = 0,044\text{--}0,055$ mm), geralmente posicionado próximo-lateralmente o orifício; corpo do aviculário piriforme, margem proximal semicircular e rostro semielíptico, divididos por barra transversal completa. Zoóides ovicelados sem dimorfismo orifical. Ovicelo hiperestomial ($Lov = 0,280\text{--}0,381$ mm; $lov = 0,283\text{--}0,377$ mm; $n = 6$) com ooécio lepralieforme cormidial.

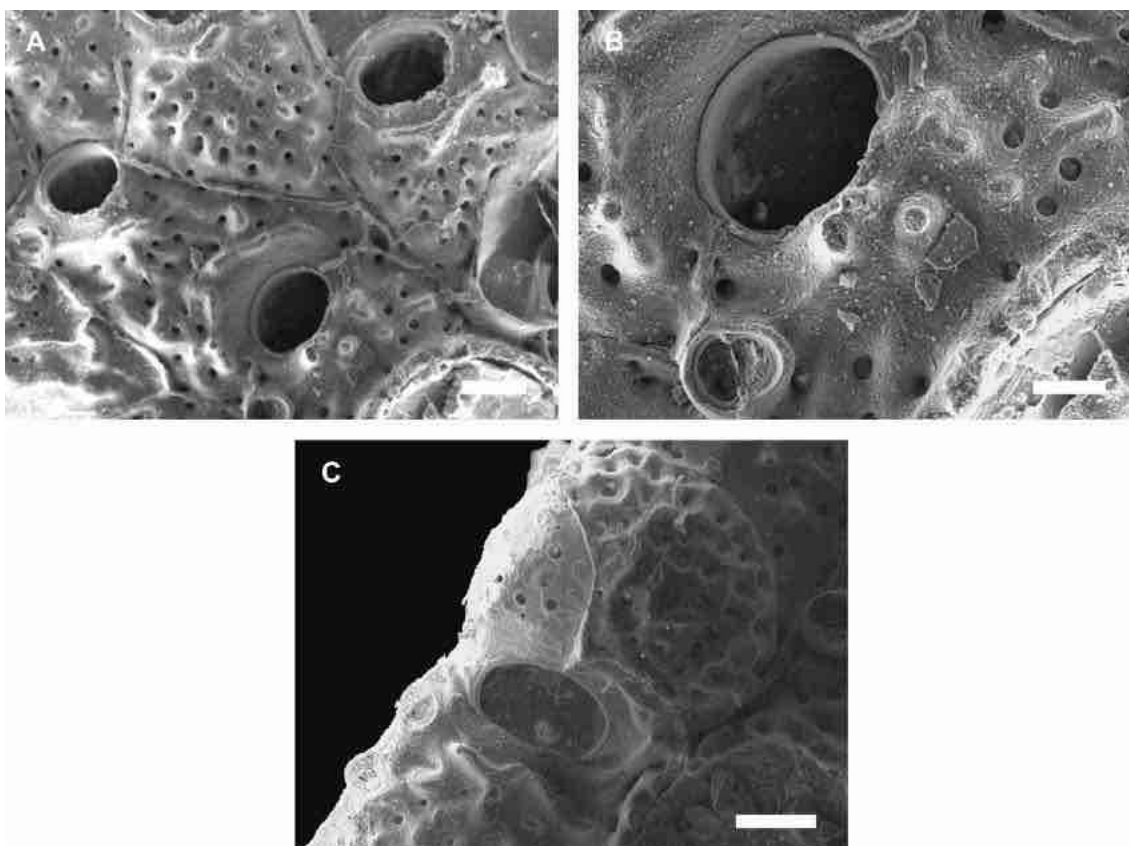
Comentários. *Calyptotheca* sp. nov. pertence ao grupo de espécies de *Calyptotheca* caracterizadas pelo orifício primário com seio amplo, sem dimorfismo orifical, e com aviculários adventícios frontais, incluindo *Calyptotheca nivea* (Busk, 1884),

Calyptotheca porelliformis (Waters, 1918), *Calyptotheca rupicola* Hayward & Ryland, 1995, *Calyptotheca sesokoensis* Dick & Grischenko, 2016 e *Calyptotheca triangulata*.

Entre as espécies do gênero, *Calyptotheca wasinensis* (Waters, 1913) é considerada mais semelhante à *Calyptotheca* sp. nov. pela presença de aviculários variando em forma de elípticos a piriformes (usentes em outras espécies de *Calyptotheca*); porém, *C. wasinensis* possui autozoóides mais longos (0,400–0,700 mm de comprimento), dois aviculários por autozoóide e orifício com seio mais profundo, distintos de *Calyptotheca* sp. nov. que apresenta autozoóides menores (0,380 a 0,515 mm de comprimento), aviculário único e orifício com seio raso.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil. *Calyptotheca* sp. nov. é conhecida apenas para Bahia, onde forma manchas de incrustação pequenas sobre corais e nódulos calcários da Costa do Dendê e Costa das Baleias, entre 20 e 50 metros de profundidade.

Figura 86. A–C, *Calyptotheca* sp. nov. (UFBA 3066). A, aspecto geral de porção da colônia; B, detalhe do orifício primário e aviculário; C, detalhe do ovicelo. Escalas: 100 μ m.



Fonte: O autor (2018).

4.38 Família Smittinidae Levinsen, 1909

Diagnose. Colônias incrustantes, uni a multilaminares, ou eretas. Calcificação frontal do tipo lepralióide com ou sem pseudoporos frontais, porém sempre com poros marginais distintos. Orifício primário com anter arqueado e poster com estruturas diversas, variando de lírula, seio ou côneilos; espinhos geralmente presentes. Orifício secundário tipicamente bem desenvolvido. Aviculários adventícios com número e posições variadas: frontais, suborais, latero-orais ou marginais. Aviculários vicariantes podem estar presentes. Ovicelo hiperestomial ou imerso, ooécio lepralióide; ectooécio perfurado por poros (HAYWARD; RYLAND, 1979; OSTROVSKY, 2013).

Gênero *Hemismittoidea* Soule & Soule, 1973

Diagnose. Autozoóides com parede frontal sem pseudoporos frontais, mas com poros marginais distintos. Orifício primário com lírula e com número variado de espinhos distais. Orifício secundário formando pseudoseio. Aviculário adventício único, originário de poro marginal ou poro oral mediano e adjacente ao pseudoseio. Outros aviculários ausentes. Ovicelo hiperestomial ou imerso; ooécio lepralióide com ectooécio perfurado por poros (SOULE; SOULE, 1973).

***Hemismittoidea* sp. nov.**

(Figura 87A–D)

Material examinado. Holótipo: UFBA 3277, Baía de Todos os Santos. Parátipo: UFBA 3278, Baía de Todos os Santos. Material adicional: Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, unilaminar. Autozoóides subretangulares ou sublosangulares ($Lz = 0,368\text{--}0,503$ mm; $lz = 0,256\text{--}0,362$ mm) delimitados por parede laterais elevadas. Parede frontal lepralióide, rugosa e série única de 10–16 poros marginais. Orifício primário elíptico ($Lo = 0,072\text{--}0,093$ mm; $lo = 0,081\text{--}0,099$ mm) com 6–7 espinhos orais e par de côneilos proximolaterais em forma de gancho e com pontas serrilhadas; anter liso, lírula mediana ocupando cerca de metade do comprimento do orifício. Orifício secundário parcialmente completo, formando duas abas proximolaterais bem desenvolvidas e com pseudoseio em forma de U cobrindo os côneilos laterais. Aviculário adventício pequeno ($Lav = 0,069\text{--}0,103$ mm; $lav = 0,037\text{--}0,057$ mm), único, direcionado obliquamente para porção proximal externa, e colocado látero-proximalmente no orifício secundário, com um par de pequenos poros laterais; rostro triangular curto, margens serrilhadas e com barra transversal completa. Ovicelo

hiperestomial (Lov = 0,168–0,199 mm; lov = 0,220–0,253 mm; n = 6), por vezes imerso no zoóide distal com o aumento da calcificação colonial; ectooécio perfurado por 20 poros grandes, distribuídos por toda a superfície.

Comentários. Sete espécies de *Hemismittoidea* são conhecida para o mundo, porém *Hemismittoidea* sp. nov. representa o primeiro registro do gênero para o Atlântico Ocidental.

Entre todas as espécies do gênero, *Hemismittoidea* sp. nov. é semelhante à espécie *Hemismittoidea corallinea* Soule & Soule, 1973, pela presença de orifício secundário com pseudoseio em forma de U e aviculário com rostro subtriangular curto e margens serrilhadas. Os autozoóides de *Hemismittoidea* sp. nov., entretanto, apresentam apenas uma série de poros marginais (1–2 em *Hemismittoidea corallinea*), 6–7 espinhos orais (apenas 6 em *Hemismittoidea corallinea*), pseudoseio mais estreito (amplamente côncavo em *Hemismittoidea corallinea*) e ectooécio com poros grandes espaçados por toda a superfície (poros distais grandes e poros centrais pequenos em *Hemismittoidea corallinea*). As outras espécies do gênero são distintas de *Hemismittoidea* sp. nov. pela presença de aviculários com rostro alongado (*Hemismittoidea ennea* Gordon & d'Hondt, 1997, *Hemismittoidea lanceolata* Hayward & Winston, 2011 e *Hemismittoidea taiwanensis* Gluhak, Lewis & Popijak, 2007); pelos poros do ectooécio e poros marginais distintamente pequenos (*Hemismittoidea hexaspinosa* (Uttley & Bullivant, 1972)); pelos poros do ectooécio dispostos em série única transversal (*Hemismittoidea transporifera* (Powell, 1967)); ou orifício secundário sem pseudoseio, com côneilos triangulares pequenos e apenas 2–4 espinhos orais (*Hemismittoidea osburni* Soule & Soule, 1973).

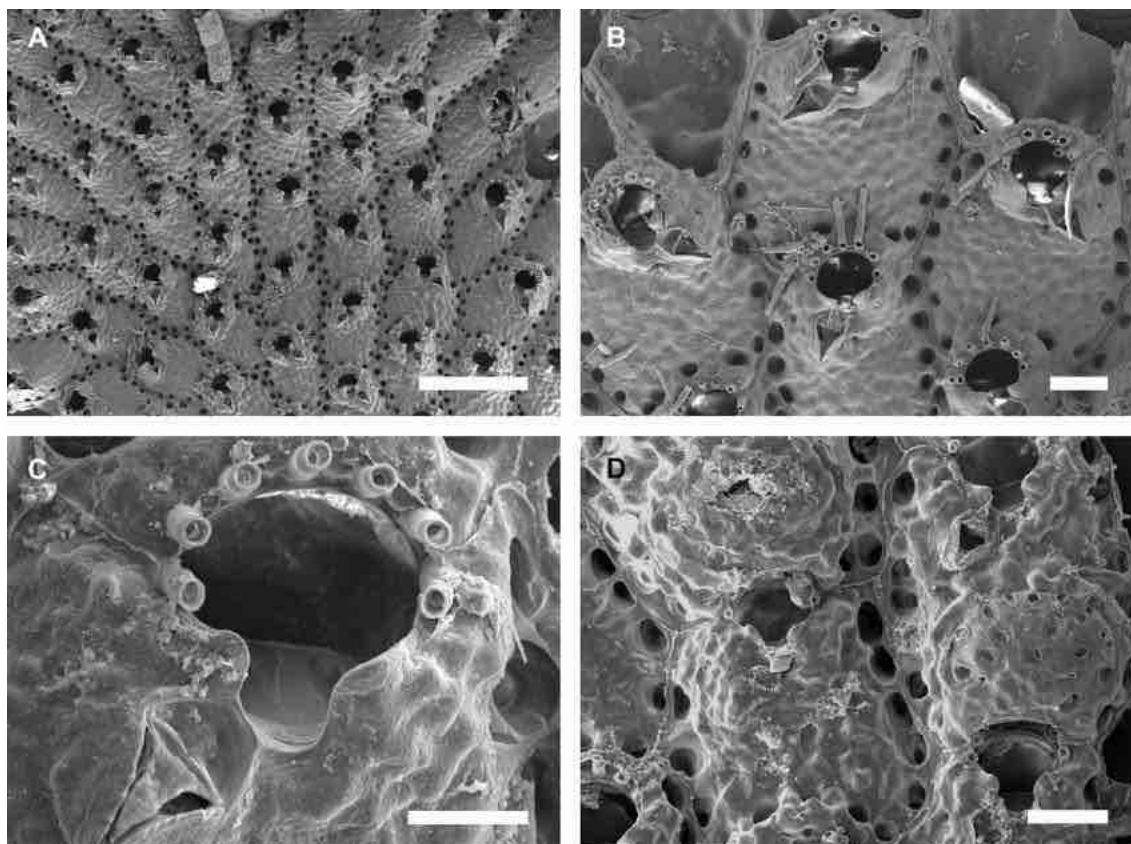
Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil. Conhecida apenas para a Bahia, *Hemismittoidea* sp. nov. ocorre na Baía de Todos os Santos, sobre recifes de corais e superfícies artificiais (placas de PVC), entre 13 e 21 metros de profundidade.

Gênero *Parasmittina* Osburn, 1952

Diagnose. Autozoóides com parede frontal sem pseudoporos, mas com poros marginais distintos. Orifício primário com lírula e com espinhos distais. Orifício secundário com desenvolvimento variável, ocasionalmente formando pseudoseio proximal. Aviculários adventícios formados nos poros marginais e com disposição variada: frontal, latero-oral ou marginais, porém nunca suborais (exceto se deslocados pelo desenvolvimento do ovicelo). Aviculários latero-orais tipicamente grandes. Aviculários vicariantes podem

estar presentes. Outros aviculários ausentes. Ovicelo hiperestomial ou imerso; ooécio lepralieforme com ectooécio perfurado por poros (OSBURN, 1952).

Figura 87. A–D, *Hemismittoidea* sp. nov. (UFBA 3277). A, aspecto geral de porção da colônia; B, detalhe dos autozoóides; C, detalhe do orifício primário e aviculário; D, zoóides ovicelados. Escalas: A = 500 μ m; B, D = 100 μ m; C = 50 μ m.



Fonte: O autor (2018).

***Parasmittina bimucronata* (Hincks, 1884)**

(Figura 88A–C)

Smittia trispinosa form *bimucronata* Hincks, 1884a: 118, pl. 13, fig. 6.

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, uni a multilaminar. Autozoóides subretangulares ou irregularmente poligonais ($Lz = 0,287\text{--}0,475$ mm; $lz = 0,273\text{--}0,378$ mm) delimitados por série única de 18–24 poros marginais. Parede frontal lepralióide e sem pseudoporos frontais, rugosa e com nódulos frontais pequenos. Orifício primário elíptico ($Lo = 0,087\text{--}0,108$ mm; $lo = 0,085\text{--}0,110$ mm) com 1–2 espinhos orais e par de côndilos proximolaterais delgados e triangulares de pontas lisas; anter liso; lírula estreita (0,023–0,028 mm de largura). Orifício secundário inicialmente formando duas abas laterais, podendo formar quatro projeções com amplo pseudoseio em forma de U. Aviculários

com três formas distintas: aviculário proximolateral ao orifício, orientado lateralmente, rostrum triangular (Lav1 = 0,067–0,144 mm; lav1 = 0,049–0,080 mm) e com margens lisas; aviculário marginal, oblongo (Lav2 = 0,086–0,117 mm; lav2 = 0,031–0,057 mm), rostro espatulado e margens lisas, barra transversal completa e com palato ocupando mais da metade de seu comprimento; aviculário gigante (Lav3 = 0,291–0,406 mm; lav3 = 0,034–0,068 mm), sublanceolado, rostro pontiagudo e estreito, palato ocupando metade do comprimento do rostro, barra transversal completa, forâmen subtriangular e margens levemente serrilhadas e margens lisas, proximalmente direcionado. Ovicelo hiperestomial (Lov = 0,149–0,214 mm; lov = 0,183–0,275 mm) ou submerso; ooécio lepraliforme com ectooécio perfurado por 20–37 poros grandes.

Comentários. *Parasmittina bimucronata* foi originalmente descrita para Myanmar, no Oceano Índico (HINCKS, 1884; HAYWARD; PARK, 1994). Os espécimes da Bahia, entretanto, compartilham as mesmas características diagnósticas morfológicas dos espécimes da localidade tipo, incluindo o orifício primário com anter liso, lírula estreita, 1–2 espinhos orais, orifício secundário formando pseudoseio, e três tipos de aviculários adventícios (proximolaterais pequenos, oblongos ou subtriangulares, e aviculários gigantes e sublanceolados). Adicionalmente, não há diferenças morfométricas entre os espécimes do Índico e do Atlântico. Assim, este é o primeiro registro de *Parasmittina bimucronata* desde sua descrição original.

Entre as espécies de *Parasmittina* registradas no Atlântico, *Parasmittina bimucronata* se assemelha mais a *Parasmittina dubitata* Hayward, 1980 e *Parasmittina labellum* (Canu & Bassler, 1928b) pela lírula estreita, côndilos triangulares pequenos e aviculários adventícios gigantes proximalmente direcionados. Estas espécies são distintas, no entanto, pela forma do orifício primário (mais largo que o longo em *Parasmittina bimucronata* e mais longo que largo em *Parasmittina dubitata* e *Parasmittina labellum*), forma do aviculário gigante (sublanceolado em *Parasmittina bimucronata*, subtriangular em *Parasmittina dubitata* e espatulado em *Parasmittina labellum*) e número de poros no ectooécio (20–37 em *Parasmittina bimucronata* e 10–313 em *Parasmittina dubitata*).

Entre as espécies conhecidas para o Brasil, *Parasmittina bimucronata* se assemelha à espécie *Parasmittinas loxoides* Winston, Vieira & Woollacott, 2014, dev pelo orifício primário com anter liso e com 1–2 espinhos orais, lírula estreita e três tipos de aviculários. Diferenças entre *Parasmittina bimucronata* e *Parasmittinas loxoides* incluem a forma do orifício primário (mais largo que o longo em *Parasmittina bimucronata* e

mais longo que largo em *Parasmittina loxoides*), forma dos côneilos (com pontas lisas em *Parasmittina bimucronata* e serrilhadas em *Parasmittina loxoides*), forma do aviculário latero-oral (subtriangular ou oblongo em *Parasmittina bimucronata* e subtriangular, obovado ou truncado em *Parasmittina loxoides*) e a forma direção do aviculário gigante (sublanceolado e proximalmente direcionado em *Parasmittina bimucronata* e espatulado e distalmente direcionado em *Parasmittina loxoides*).

Como outras espécies de briozoários da Bahia, por exemplo, *Biflustra grandicella* e *Calyptotheca triangulata*, *Parasmittina bimucronata* possui uma distribuição disjunta e, dessa forma, estudos integrativos baseados em morfologia, morfometria e molecular são necessários caracterizar melhor a dentidade e origem desses táxons.

Distribuição. Índico: Myanmar (HINCKS, 1884); Atlântico Ocidental: Brasil. Conhecida no Brasil apenas para a Bahia, *Parasmittina bimucronata* ocorre na Baía de Todos os Santos, Costa do Dendê e Costa das Baleias, entre 15 e 50 metros de profundidade, sobre corais e nódulos calcários.

***Parasmittina egyptiaca* (Waters, 1909)**

(Figura 88D–F)

Smittia egyptiaca Waters, 1909: 157, pl. 15, figs. 6, 9.

Smittia egyptiaca var. *heroopolita*: Waters, 1909: 158, pl. 15, figs. 7, 8.

Smittina trispinosa: Luederwaldt, 1929: 65 (sin. nov.).

Smittina trispinosa var. *nitida*: Marcus, 1937: 104, pl. 21, fig. 56 (sin. nov.).

Parasmittina betamorphaea: Vieira, Migotto, Winston, 2008: 27 (sin. nov.).

Parasmittina egyptiaca: Harmelin; Bitar; Zibrowius, 2009: 166, fig. 2.

Parasmittina trispinosa: Almeida et al., 2015a: 4 (sin. nov.).

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, uni a multilaminar. Autozoóides subretangulares ou subquadrangulares ($Lz = 0,295\text{--}0,418$ mm; $lz = 0,206\text{--}0,359$ mm), delimitados por paredes laterais levemente elevadas e bordeados por uma série única de 16–22 poros marginais. Parede frontal lepralioide sem pseudoporos frontais, de superfície reticular ou nodulosa. Orifício primário em forma de D transversal ($Lo = 0,082\text{--}0,111$ mm; $lo = 0,074\text{--}0,096$ mm) com 1–2 espinhos orais e côneilos proximolaterais subtriangulares, levemente curvos com pontas finamente serrilhadas; anter liso; lírula moderada (0,017–0,030 mm de largura). Orifício secundário pouco desenvolvido, formando duas abas laterais. Aviculários com três morfologias distintas: aviculário marginal ($Lav1 = 0,045\text{--}0,088$ mm; $lav1 = 0,019\text{--}0,034$ mm), único, substituindo poros marginais, rostro

triangular alongado e margens lisas; aviculários disto-laterais ao orifício, pequeno ($Lav_2 = 0,019-0,034$ mm; $lav_2 = 0,063-0,073$ mm), rostro triangular, margens lisas; aviculários gigantes ($Lav_3 = 0,291-0,406$ mm; $lav_3 = 0,034-0,068$ mm), proximalmente direcionados, rostro oblongo a espatulado, barra transversal completa, margens lisas, forâmen elíptico e com palato ocupando mais da metade do comprimento do rostro. Ovicelo hiperestomial ($Lov = 0,144-0,161$ mm; $lov = 0,165-0,203$ mm) com ectooécio perfurado por mais de 20 pseudoporos distribuídos por toda a superfície.

Comentários. Entre todas as espécies de *Parasmittina*, *Parasmittina egyptiaca* mais se assemelha a *Parasmittina areolata* (Canu & Bassler, 1927b), *Parasmittina echinata* (Canu e Bassler, 1928b), *Parasmittina mexicana* Pouyet & Herrera-Anduaga, 1986 e *Parasmittina munita* (Hincks, 1884), pelo orifício primário com margem distal lisa, lírula moderada, côneilos serrilhados e aviculário gigante com rostro oblongo ou espatulado. *Parasmittina egyptiaca* pode ser diferenciada de todas estas espécies, no entanto, por ter uma calcificação frontal nodulosa, aviculário proximolateral único com rostro triangular e por não apresentar aviculário distolateral.

Espécimes de *Parasmittina egyptiaca* do Brasil foram previamente identificados como *Parasmittina trispinosa* (Johnston, 1838) (ALMEIDA et al., 2015; LUEDERWALDT, 1929; MARCUS, 1937a) e *Parasmittina nitida* (Verrill, 1875) (MARCUS, 1937a), enquanto que Vieira; Migotto; Winston (2008) atribuíram os espécimes de *Parasmittina nitida* estudados por Marcus (1937a) à espécie *Parasmittina betamorphea* Winston, 2005. *Parasmittina egyptiaca* difere de *Parasmittina trispinosa* no número de espinhos orais (1–2 em *Parasmittina egyptiaca* e 2–3 em *Parasmittina trispinosa*), forma dos aviculários proximolaterais pequenos e grandes (subtriangular e espatulado em *Parasmittina egyptiaca* e oblongo e subtriangular em *Parasmittina trispinosa*, respectivamente) e número de poros no ectooécio (mais de 20 em *Parasmittina egyptiaca* e 2–4 em *Parasmittina trispinosa*). Diferenças entre *Parasmittina egyptiaca* e *Parasmittina nitida* incluem o orifício primário (em forma de D transversal em *Parasmittina egyptiaca* e arredondado em *Parasmittina nitida*), aviculários distolaterais (ausentes em *Parasmittina egyptiaca*) e ovicelo (com mais de 20 poros em *Parasmittina egyptiaca* e 7–24 em *Parasmittina nitida*). Por fim, *Parasmittina egyptiaca* distingue-se de *Parasmittina betamorphea* por ter apenas dois tipos de aviculários (*Parasmittina betamorphea* tem três tipos de avicularia), lírula estreita (a lírula de *Parasmittina betamorphea* é duas vezes maior que a de *Parasmittina egyptiaca*) e

côndilos pequenos e levemente curvos (robustos e fortemente curvados em *Parasmittina betamorphea*).

Distribuição. Mar Vermelho e Mar Mediterrâneo (HARMELIN; BITAR; ZIBROWIUS, 2009); Atlântico Ocidental: Brasil. *Parasmittina egyptiaca* foi originalmente descrita para o Mar Vermelho, mas posteriormente registrada como exótica no Líbano (Mar Mediterrâneo) (HARMELIN; BITAR; ZIBROWIUS, 2009). Não há diferenças morfológicas ou morfométricas entre os espécimes dessas localidades e do Brasil. Dessa forma, assim como *Parasmittina bimucronata*, *Parasmittina egyptiaca* é considerada criptogênica no Brasil. No Brasil, *Parasmittina egyptiaca* é conhecida para São Paulo e Bahia (ALMEIDA et al., 2015a; LUEDERWALDT, 1929, MARCUS, 1937). Na Bahia, ocorre na Costa dos Coqueiros, Baía de Todos os Santos, Costa do Dendê e Costa das Baleias, entre 15 e 50 metros de profundidade, sobre corais e nódulos calcários.

***Parasmittina ligulata* (Ridley, 1881)**

(Figura 89A–F)

Smittia trispinosa var. *ligulata* Ridley, 1881: 53, pl. 6, fig.9.

Smittina areolata: Canu & Bassler, 1928a: 87, pl. 6, fig. 4 (sin. nov.).

Smittina trispinosa spathulata: Canu & Bassler, 1928a: 87, pl. 6, fig. 3 (sin. nov.).

Parasmittina spathulata: Almeida et al., 2015a: 4 (em parte) (sin. nov.).

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, uni a multilaminar. Autozoóides subretangulares ou irregularmente poligonais (Lz = 0,276–0,445 mm; 0,210–0,461 mm), delimitados por paredes laterais levemente elevadas e bordeados por uma série única de 20–28 poros areolares marginais. Parede frontal lepralióide, rugosa e nodulosa, sem pseudoporos frontais. Orifício primário elíptico (Lo = 0,067–0,126 mm; lo = 0,088–0,145 mm) com 2–3 espinhos orais e côndilos proximolaterais em forma de gancho com extremidades serrilhadas; anter liso e poster com lírula estreita (0,015–0,034 mm de largura). Orifício secundário formando 2–4 abas ao redor do orifício e um pseudoseio em forma de U. Aviculários com três morfologias distintas: aviculários de rostro alongado e estreito (Lav1 = 0,083–0,158 mm; lav1 = 0,007–0,028 mm), tipicamente pareados e de comprimentos desiguais, ocasionalmente únicos, disposto lateralmente abaixo do orifício ou na região proximal da parede frontal, tipicamente orientado proximalmente, com margens levemente serrilhadas, barra transversal completa, forâmen elíptico alongado; aviculário látero oral, triangular, pequeno (Lav2 = 0,068–0,099 mm; lav2 = 0,021–0,032

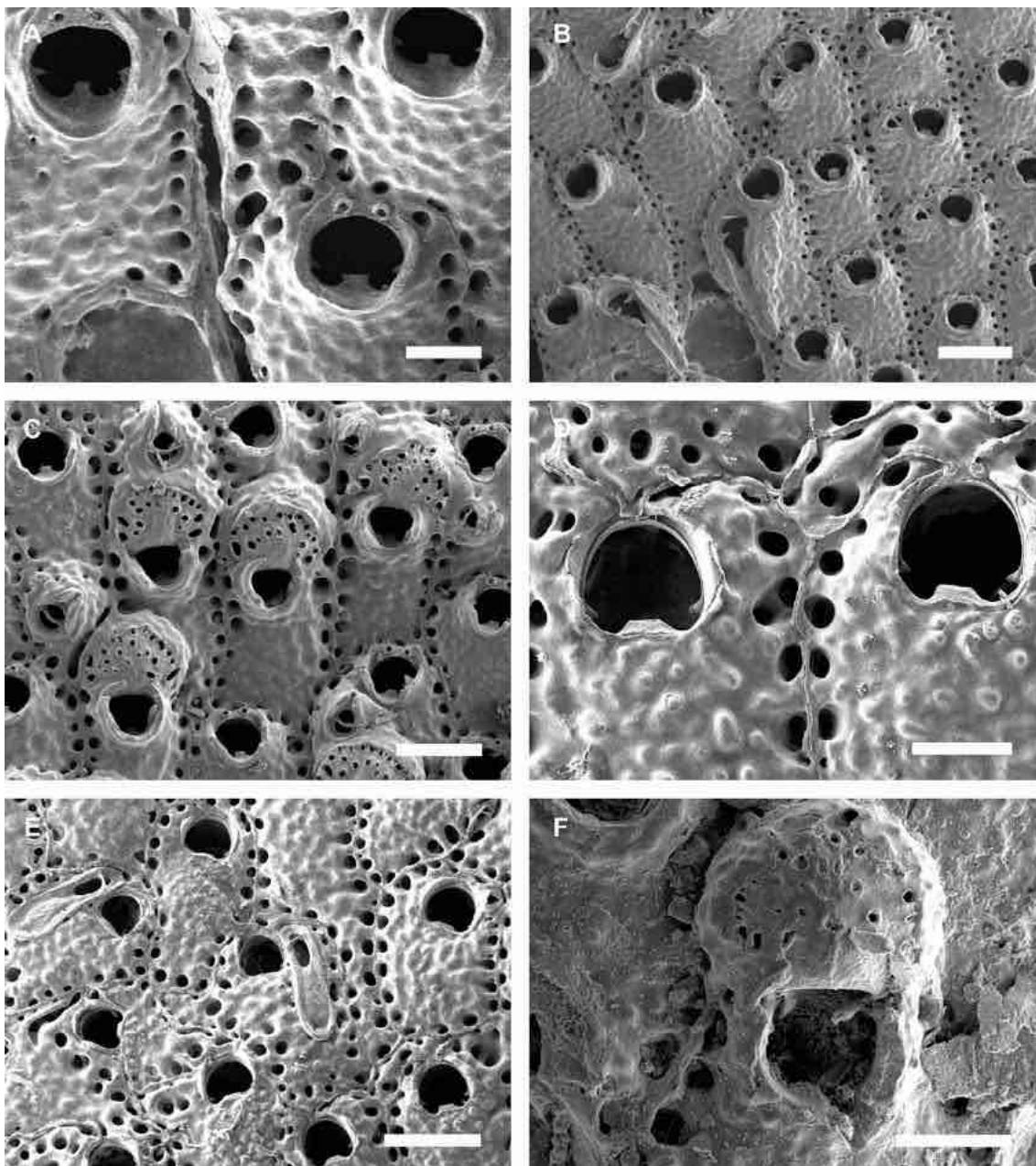
mm), orientado proximalmente, rostro triangular curto e levemente curvo, barra transversal completa, forâmen subtriangular; aviculário gigante ($Lav_3 = 0,263-0,402$ mm; $lav_3 = 0,060-0,091$ mm; $n = 7$), colocado proximal e lateralmente ao orifício, único, orientado proximalmente, rostro espatulado, margens lisas, barra transversal completa, forâmen subretangular e com palato calcificado ocupando mais da metade do comprimento do rostro. Ovicelo hiperestomial ($Lov = 0,111-0,202$ mm, $lov = 0,150-0,232$ mm) com ectooécio perfurado por 20–26 poros concentrados na região distal.

Comentários. Embora originalmente descrita para o Brasil (Espírito Santo), o uso do nome *Parasmittina ligulata* é historicamente confuso. Canu & Bassler (1928a) estudaram espécimes da Bahia, atribuindo estes à duas espécies, *Smittina areolata* e *Smittina trispinosa spathulata*, com base na presença de aviculários (pequenos na primeira espécie e grandes na segunda). Seguindo Canu & Bassler (1928a), Vieira; Migotto; Winston (2008) e Almeida et al. (2015a) também atribuíram espécimes do Espírito Santo e Bahia à espécie *Parasmittina spathulata* (Smitt, 1873). Além disso, Vieira; Migotto; Winston (2008) sinonimizaram a *Smittia trispinosa* var. *ligulata* de Ridley (1881) como *Parasmittina spathulata* e incluíram *Parasmittina areolata* da Bahia, identificada por Canu & Bassler (1928a), como um registro válido para o Brasil. Posteriormente, em 2014, Winston et al. incluíram os espécimes de *Smittina areolata* estudados por Canu & Bassler (1928a) como sinônimos de *Parasmittina simpulata* Winston, Vieira & Woollacott, 2014.

A análise dos espécimes estudados por Ridley (1881) (*Smittia trispinosa* var. *ligulata*; Fig. 89E, F; NHMUK 1879.12.27.78.2, Espírito Santo, Brasil), Canu & Bassler (1927b) (*Smittina areolata*; USNM 8443, Havá, Estados Unidos), Canu & Bassler (1928a) (*Smittina areolata* e *Smittina trispinosa spathulata*; Fig. 89C, D; USNM 8559 e USNM 8558, Bahia, Brasil) e Almeida et al. (2015) (*Parasmittina spathulata*; UFBA 209, Bahia, Brasil), permite atribuir parte do material do Brasil à espécie *Parasmittina ligulata*. Estes espécimes são caracterizados pelos autozoóides com uma série única de poros marginais grandes, orifício primário com anter liso, 2–3 espinhos orais, lírula estreita, orifício secundário tipicamente bem desenvolvido e formando pseudoseio, aviculários adventícios tipicamente pareados, ou latero-orais triangulares ou grande e espatulados, e ectooécio distalmente perfurado. *Parasmittina areolata* difere pela presença de série dupla de poros marginais, apenas 2 espinhos orais, orifício secundário não desenvolvido e ectooécio centralmente perfurado. *Parasmittina spathulata* possui uma lírula grande, ocupando quase toda a largura do orifício e 2–4 espinhos orais. Por

fim, *Parasmittina simpulata* é distinta pelo orifício com anter denticulado, aviculários adventícios pequenos com forma e orientação distintas daqueles de *Parasmittina ligulata* e ectooécio com 8–10 poros grandes.

Figura 88. A–C, *Parasmittina bimucronata* (UFBA 3116); D–F, *Parasmittina egyptiaca* (UFBA 1112). A, D, detalhe do orifício primário; B, E, autozoóides e aviculários; C, F, zoóides ovicelados. Escalas: A, D, F = 100 μ m; B, E = 250 μ m; F = 100 μ m.

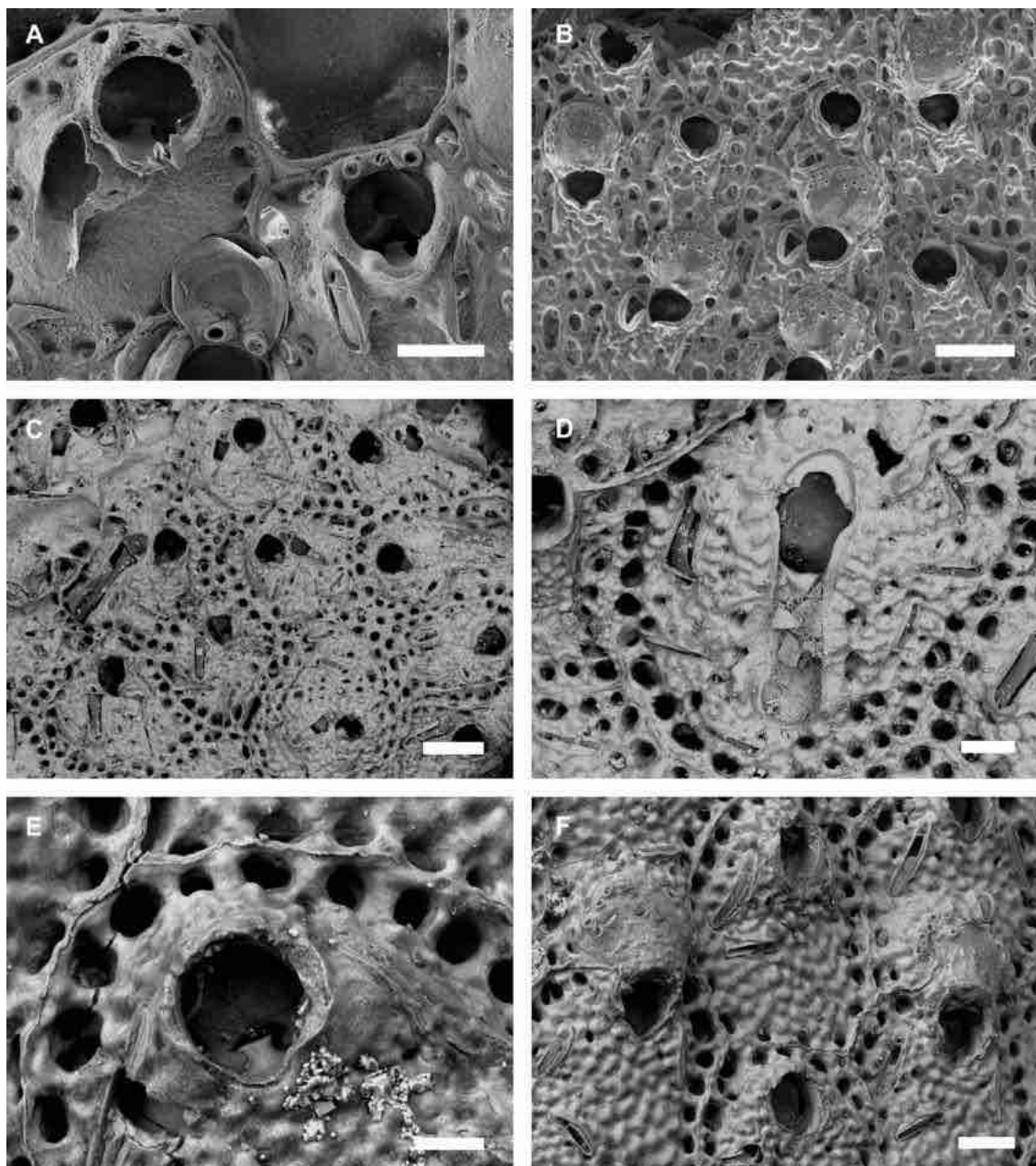


Fonte: O autor (2018).

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (ALMEIDA et al., 2015a; CANU; BASSLER, 1928a; RIDLEY, 1881). *Parasmittina ligulata* é endêmica do Brasil, conhecida para o Espírito Santo e Bahia (ALMEIDA et al., 2015a; CANU; BASSLER, 1928a; RIDLEY,

1881). Na Bahia, ocorre na Costa dos Coqueiros, Baía de Todos os Santos e Costa do Dendê, sobre corais, rodolitos, rochas e estruturas artificiais (placas de PVC).

Figura 89. A–F, *Parasmittina ligulata* (A, B, UFBA 2414; C, D, USNM 8558; E, F, NHMUK 1879.12.27.78.2). A, E, detalhe do orifício primário; B, F, zoóides ovicelados e aviculários adventícios; C, autozoóides e aviculários; D, detalhe dos aviculários. A, D, F = 100 μm ; B, C = 200 μm ; E = 50 μm .



Fonte: O autor (2018).

***Parasmittina loxoides* Winston, Vieira & Woollacott, 2014**

(Figura 90A–C)

Parasmittina loxoides Winston, Vieira & Woollacott, 2014: 202, figure 40 (sin. cum.).

Parasmittina loxoides: Almeida et al., 2018b: 409, fig. 5A–F (sin. cum.).

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, uni a multilaminar. Autozoóides subretangulares ou irregularmente poligonais ($Lz = 0,344-0,561$ mm; $lz = 0,246-0,335$ mm), delimitados por série única de 18–28 poros marginais grandes. Parede frontal lepralióide, sem pseudoporos frontais, rugosa. Orifício primário elíptico ($Lo = 0,113-0,177$ mm; $lo = 0,084-0,126$ mm) com 1–2 espinhos orais e par de côndilos proximolaterais em forma de gancho com pontas serrilhadas; anter liso e poster com lírula curta e estreita ($0,006-0,015$ mm de largura). Orifício secundário formando duas abas latero-orais. Aviculários com três morfologias: aviculário disto ou proximolateral ao orifício (raramente marginal), e de orientação variável, pequeno ($Lav1 = 0,090-0,116$ mm; $lav1 = 0,054-0,060$ mm), ocasionalmente pareado, e com rostro triangular; aviculário marginal pequeno ($Lav2 = 0,060-0,083$ mm; $lav2 = 0,045-0,052$ mm), ocasionalmente pareado, obovado a truncado; aviculário gigante ($Lav3 = 0,283-0,349$ mm; $lav3 = 0,079-0,097$ mm), geralmente lateral e direcionado distalmente (às vezes obliquamente direcionado) ao orifício, espatulado, forâmen subtriangular e com palato calcificado ocupando metade do comprimento do rostro. Ovicelo hiperestomial ($Lov = 0,158-0,200$ mm; $lov = 0,154-0,237$ mm) ou submerso com ectooécio perfurado por 21–26 poros pequenos.

Comentários. *Parasmittina loxoides* é caracterizada pelo orifício com 1–2 espinhos orais, lírula curta e estreita, côndilos com pontas serrilhadas, aviculários com três morfologias (pequeno e triangular; pequeno e obovado a truncado; grande e espatulado) e ectooécio com 21–26 poros pequenos. Entre todas as espécies de *Parasmittina* conhecidas para o Brasil, esta é a única que possui aviculário gigante direcionado distalmente ao orifício.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (ALMEIDA et al., 2018a; WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014). *Parasmittina loxoides* foi caracterizada recentemente por Winston; Vieira; Woollacott (2014) e Almeida et al. (2018b). Endêmica do Brasil, é conhecida para São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia (ALMEIDA et al., 2018b; WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014). Na Bahia, foi relatada como uma habitante comum de conchas de moluscos na Baía de Todos os Santos (ALMEIDA et al., 2018b). Na Bahia, *Parasmittina loxoides* ocorre na Costa dos Coqueiros, Baía de Todos os Santos e Costa do Dendê. É conhecida desde o entremarés até 50 metros de profundidade sobre conchas, rodolitos e rochas.

***Parasmittina simplata* Winston, Vieira & Woollacott, 2014**

(Figura 90D–F)

Parasmittina simplata Winston, Vieira & Woollacott, 2014: 200, figs. 39 A–F.**Material examinado.** Apêndice A.

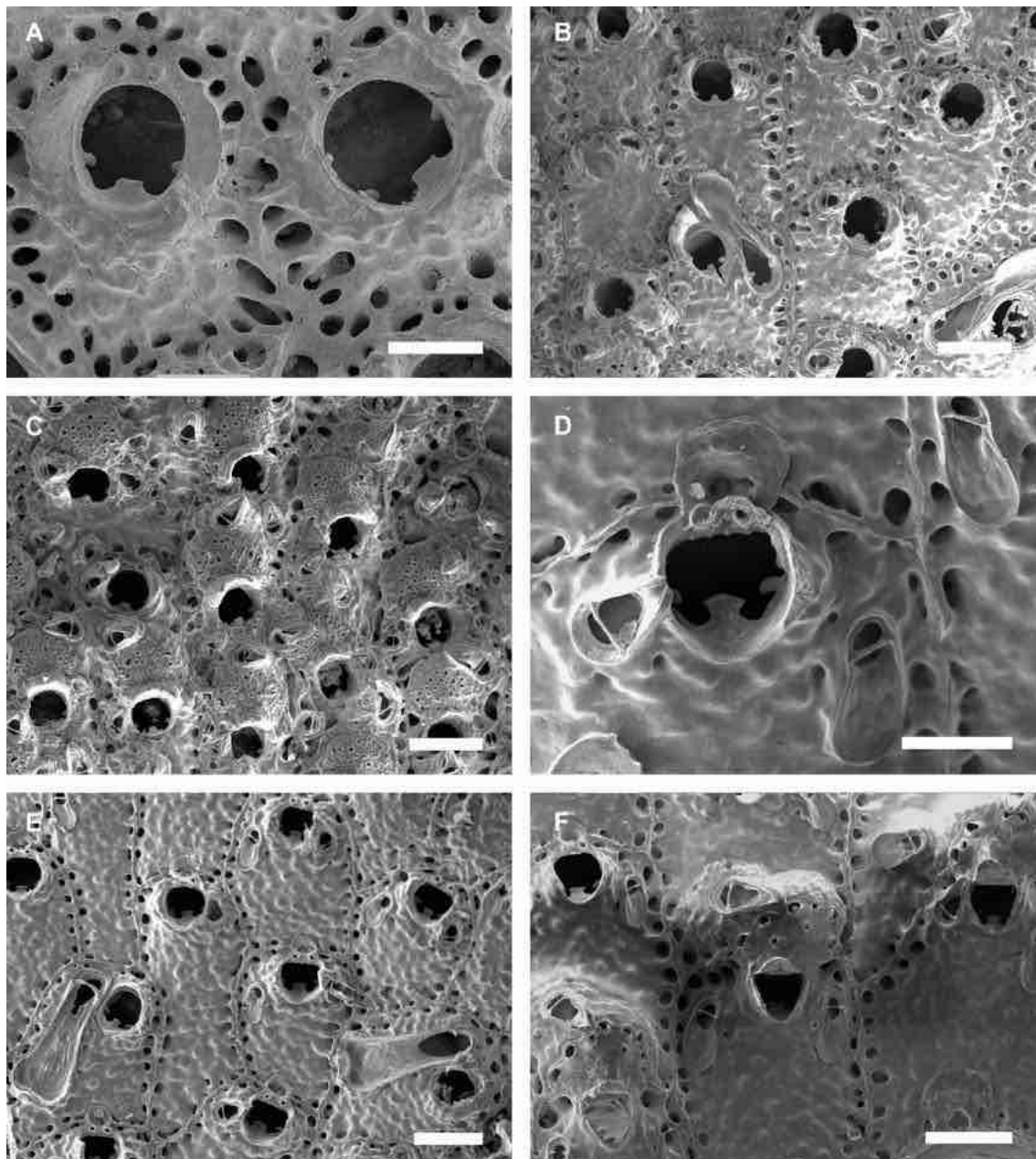
Descrição. Colônia incrustante. Autozoóides subretangulares ou subquadrangulares ($Lz = 0,496–0,800$ mm; $lz = 0,331–0,626$ mm), delimitados por série única de 20–31 poros marginais. Parede frontal lepralióide, sem pseudoporos frontais, granulosa. Orifício primário elíptico ($Lo = 0,116–0,138$ mm; $lo = 0,097–0,121$ mm) com 1–2 espinhos orais e côndilos proximolaterais em forma de gancho com pontas serrilhadas; anter denteado e poster com lírula curta e estreita ($0,027–0,038$ mm de largura). Orifício secundário pode formar duas projeções laterais e pseudoseio amplo em forma de U. Aviculários com três morfologias: aviculário latero-oral ($Lav1 = 0,112–0,188$ mm; $lav1 = 0,052–0,079$ mm), por vezes colocado na região proximal da parede frontal ou acima do ovicelo, triangular, orientado distalmente; aviculário sub-orifical, pequeno ($Lav2 = 0,106–0,163$ mm; $lav2 = 0,041–0,066$ mm), oblongo, rostro espatulado, barra transversal completa, forâmen elíptico curto e com palato calcificado ocupando quase todo o comprimento do forâmen, disposto lateralmente abaixo do orifício, orientado proximalmente, único ou em pares; aviculário gigante ($Lav3 = 0,359–0,575$ mm; $lav3 = 0,099–0,173$ mm), espatulado, rostro alargado distalmente, barra transversal completa, forâmen subtriangular ou elíptico e com palato calcificado ocupando quase todo o comprimento do rostro. Ovicelo hiperestomial ($Lov = 0,235–0,384$ mm; $lov = 0,198–0,322$ mm) ou submerso, com ectooécio perfurado por 8–10 poros grandes.

Comentários. *Parasmittina simplata* pode ser diferenciada de todas as espécies do gênero pela combinação de autozoóides subretangulares ou subquadrangulares com orifício primário com anter denteado, 1–2 espinhos orais, lírula curta e estreita, côndilos com pontas serrilhadas, aviculários com três morfologias (pequeno a moderado e triangular; pequeno a moderado e oblongo; grande e espatulado) e ectooécio com 8–10 poros grandes.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014; presente estudo). *Parasmittina simplata* é conhecida apenas para o Brasil, no Rio de Janeiro (WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014). Este é o primeiro registro da espécie para a Bahia. Trata-se da espécie de *Parasmittina* mais comum em praias,

tipicamente habitando nódulos calcários, rodolitos e rochas da Costa dos Coqueiros e Baía de Todos os Santos.

Figura 90. A–C, *Parasmittina loxoides* (UFBA 2159); D–F, *Parasmittina simpulata* (UFBA 644). A, D, detalhe do orifício primário; B, E, autozoóides e aviculários; C, F, zoóides ovicelados. Escalas: A, D = 100 μ m; B = 500 μ m; C, E, F = 200 μ m.



Fonte: O autor (2018).

***Parasmittina* sp. nov.**

(Figura 91A–D)

Smittina trispinosa var. *munita*: Marcus 1937a: 108, pl. 21, fig. 57 (sin. nov.); Marcus 1938: 44, pl. 10, fig. 24 (sin. nov.).

Parasmittina munita: Vieira, Migotto, Winston, 2008: 26; Almeida et al., 2015a: 4 (sin. nov.).

Material examinado. Holótipo: UFBA 314, Costa do Descobrimento. Parátipo: UFBA 714, Costa do Descobrimento. Material adicional: Apêndice A.

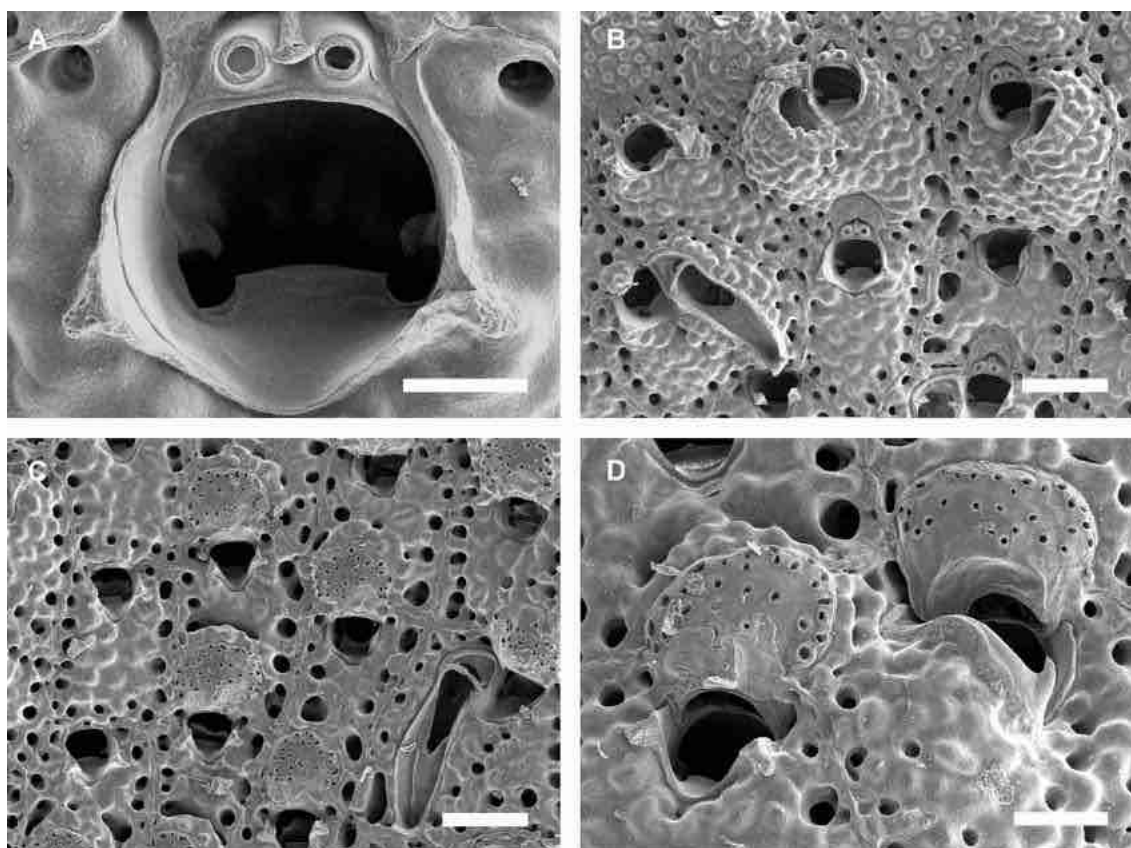
Descrição. Colônia incrustante. Autozoóides subretangulares ou subquadrangulares ($Lz = 0,291-0,483$ mm; $lz = 0,240-0,552$ mm), delimitados por série única de 14–24 poros marginais. Parede frontal lepralioide sem pseudoporos frontais, de superfície reticular ou nodulosa. Orifício primário elíptico ($Lo = 0,080-0,127$ mm; $lo = 0,073-0,117$ mm) com 1–2 espinhos orais e côndilos proximolaterais em forma de gancho com extremidades serrilhadas; anter liso e poster com lírula grande (0,045–0,065 mm de largura). Orifício secundário formando abas laterais e pseudoseio em forma de U. Um tipo único de aviculário adventício que varia em tamanho, disposto em um dos lados do orifício, orientado proximalmente. Aviculário inicialmente pequeno (0,104–0,173 mm de comprimento; $lav = 0,021-0,063$ mm de largura), subtriangular, borda distal em forma de gancho, barra transversal completa e forâmen subtriangular. Aviculário pode se tornar grande (0,344–0,464 mm de comprimento; 0,070–0,010 mm de largura), atingindo quase o mesmo comprimento dos autozoóides, falciforme, rostro subtriangular alongado, barra transversal completa, forâmen oval ou subtriangular, palato calcificado ocupando metade do comprimento do rostro, ponta distal em forma de gancho. Ovicelo hiperestomial ($Lov = 0,157-0,220$ mm; $lov = 0,155-0,256$ mm), ooécio lepralieforme e com ectooécio perfurado por 21–24 poros pequenos.

Comentários. *Parasmittina* sp. nov. foi previamente confundida com *Parasmittina munita* Hincks, 1884 (ALMEIDA et al., 2015a; MARCUS, 1937a, 1938; VIEIRA; MIGOTTO; WINSTON, 2008), originalmente descrita para a Austrália. Essas espécies, entretanto, podem ser diferenciadas pelo desenvolvimento do orifício secundário (curto em *Parasmittina munita* e formando abas laterais em *Parasmittina* sp. nov.), tamanho da lírula (estreita em *Parasmittina munita* e larga em *Parasmittina* sp. nov.), e aviculários (de dois tipos em *Parasmittina munita* e único em *Parasmittina* sp. nov.).

Entre todas as espécies conhecidas de *Parasmittina*, *Parasmittina* sp. nov. é mais semelhante a *Parasmittina indiginella* Winston, 2016, *Parasmittina oculinae* Winston, 2016 e *Parasmittina talismani* (Calvet, 1907), por apresentar apenas um tipo de aviculário. Entretanto, o aviculário de *Parasmittina indiginella* e *Parasmittina talismani* é oblongo, enquanto o aviculário de *Parasmittina oculinae* é oval ou subtriangular, sendo caracteristicamente falciforme em *Parasmittina* sp. nov.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (ALMEIDA et al., 2015a; MARCUS, 1937a, 1938). Conhecida apenas para o Brasil, *Parasmittina* sp. nov. ocorre em São Paulo e na Bahia (ALMEIDA et al., 2015a; MARCUS, 1937a, 1938). Na Bahia, ocorre na Baía de Todos os Santos, Costa do Dendê e Costa do Descobrimento, entre 10 e 35 metros de profundidade, sobre corais, rodolitos e nódulos calcários.

Figura 91. A–D, *Parasmittina* sp. nov. (UFBA 948). A, detalhe do orifício primário; B, autozoóides e aviculários; C, grupo de zoóides ovicelados; D, detalhes dos zoóides ovicelados. Escalas: A = 500 µm; B, C = 200 µm; D = 100 µm.



Fonte: O autor (2018).

Gênero *Pleurocodonellina* Soule & Soule, 1973

Diagnose. Colônia incrustante. Autozoóides com parede frontal sem pseudoporos frontais, poros marginais distintos. Orifício primário sem lírula, número variável de espinhos distais e seio proximal. Orifício secundário com desenvolvimento variável, ocasionalmente formando pseudoseio. Aviculário adventício originário de poro marginal, disposto latero-oralmente, ocasionalmente se desenvolvendo como um aviculário gigante. Outros aviculários ausentes. Ovicelo hiperestomial a imerso, ooécio lepralieforme; ectooécio perfurado por poros (SOULE; SOULE, 1973).

***Pleurocodonellina marcusii* Almeida, Souza, Farias, Alves & Vieira, 2018**

(Figura 92A–C)

Pleurocodonellina marcusii: Almeida et al., 2018b: 411, fig. 6A–F (sin. cum.).**Material examinado.** Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, unilaminar. Autozoóides ovóides alongados a hexagonais ($L_z = 0,387\text{--}0,633$ mm; $l_z = 0,246\text{--}0,353$ mm), delimitados por 16–22 poros marginais. Parede frontal lepralióide, sem pseudoporos frontais, rugosa e reticular. Orifício primário ($L_o = 0,103\text{--}0,125$ mm; $l_o = 0,094\text{--}0,127$ mm) subcircular, anter liso, 1–2 espinhos orais, côneilos proximolaterais em forma de gancho com pontas serrilhadas, poster com seio mediano amplo, em forma de U, de aparência semicircular. Orifício secundário bem desenvolvido e completo. Aviculário adventício frontal, pequeno ($L_{av} = 0,069\text{--}0,089$ mm; $l_{av} = 0,035\text{--}0,045$ mm), oblongo alongado a sublançoado, único, disposto proximolateralmente de um dos lado do orifício. Outros aviculários ausentes. Ovícelo hiperestomial ($L_{ov} = 0,138\text{--}0,194$ mm; $l_{ov} = 0,161\text{--}0,203$ mm) a submerso; ectooécio perfurado por 24–42 poros pequenos.

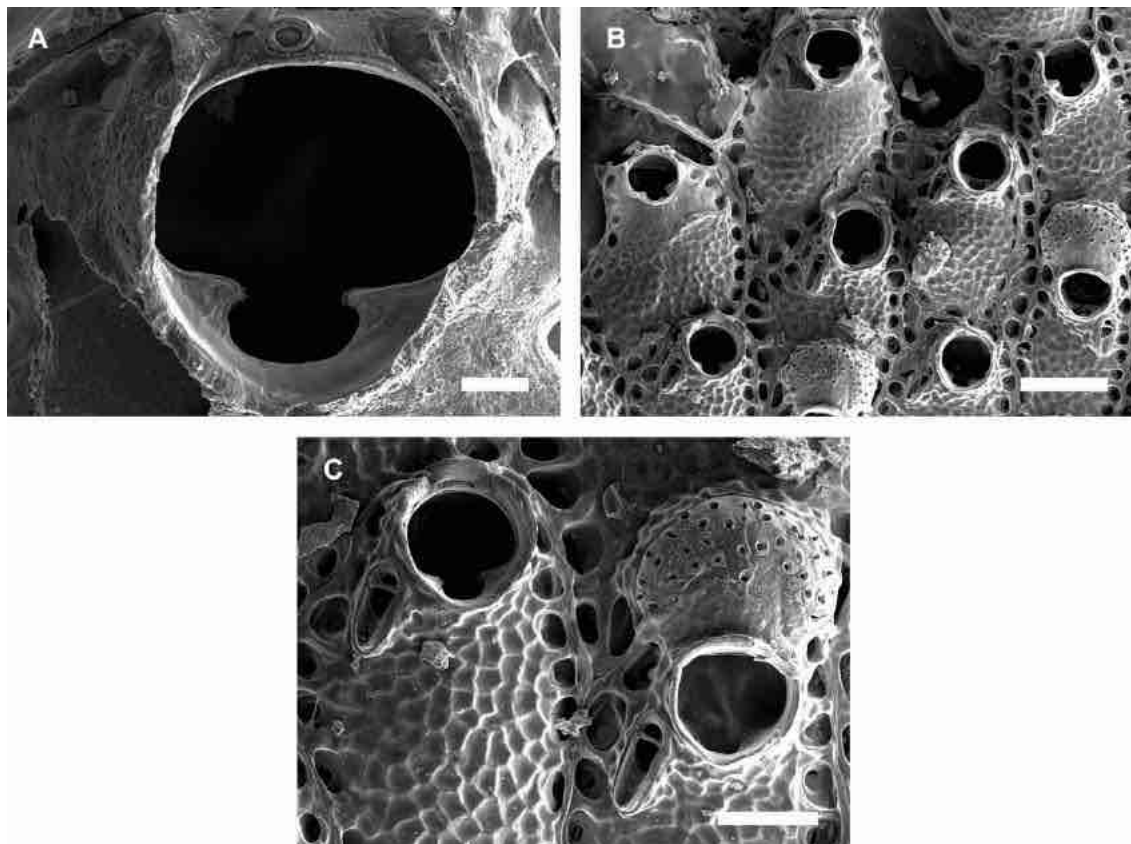
Comentários. *Pleurocodonellina marcusii* é distinta de todas espécies do gênero pela calcificação frontal reticular, orifício com seio semicircular, 1–2 espinhos orais, aviculário oblongo a sublançoado pequeno, único, lateral ao orifício, e ectooécio com 24–42 poros pequenos.

Esta espécie foi descrita recentemente por Almeida et al. (2018b) com base em espécimes habitantes de conchas de moluscos da Baía de Todos os Santos. Esses autores revisaram registros históricos de *Pleurocodonellina horsti* (Osburn, 1927) do Brasil e compararam com o material tipo (USNM 11838) do Caribe. *Pleurocodonellina marcusii* pode ser diferenciada de *Pleurocodonellina horsti* pela forma do rostro do aviculário (arredondado em *Pleurocodonellina marcusii* e agudo em *Pleurocodonellina horsti*), espinhos orais (1–2 em *Pleurocodonellina marcusii* e não observados em *Pleurocodonellina horsti*), calcificação frontal (reticular em *Pleurocodonellina marcusii* e granulosa a nodulosa em *Pleurocodonellina horsti*) e orifício primário (mais curto em *Pleurocodonellina marcusii* e não observados em *Pleurocodonellina horsti*).

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (ALMEIDA et al., 2018b). Conhecida apenas para o Brasil, *Pleurocodonellina marcusii* ocorre em São Paulo, Bahia e Atol das Rocas, geralmente encontrada sobre carapaças de outros animais bentônicos, como moluscos e crustáceos (ALMEIDA et al., 2018a). Na Bahia, colônias dessa espécie formam manchas de incrustações sobre substratos rígidos incluindo conchas, rodólitos e rochas, do

entremarés a 20 metros de profundidade da Costa dos Coqueiros e Baía de Todos os Santos.

Figura 92. A–C, *Pleurocodonellina marcusii* (UFBA 1641). A, detalhe do orifício primário e aviculário; B, aspecto geral de porção da colônia; C, detalhe de autozoóide, aviculários e zoóide ovicelado. Escalas: A = 250 μm ; B = 200 μm ; C = 100 μm .



Fonte: O autor (2018).

Gênero *Smittina* Norman, 1903

Diagnose. Autozoóides com parede frontal com numerosos pseudoporos frontais, poros marginais distintos. Orifício primário com número variável de espinhos distais, lírula e aviculário disposto sobre a lírula. Orifício secundário com desenvolvimento variável, ocasionalmente formando pseudoseio. Aviculários adventícios frontais e latero-orais comuns, ocasionalmente dimórficos (SOULE; SOULE, 1973).

Smittina smittiella Osburn, 1947

(Figura 93A–D)

Smittina smittiella Osburn, 1947: 37, pl. 6, figs. 1–2.

Smittina affinis: Almeida et al., 2015a: 4 (sin. nov.).

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante. Autozoóides retangulares ou irregularmente poligonais ($Lz = 0,304-0,590$ mm, $lz = 0,236-0,386$ mm), delimitados por paredes laterais elevadas. Parede frontal reticulada, inicialmente perfurada por pseudoporos pequenos uniformemente distribuídos; calcificação secundária da parede formando pseudoporos grandes que abrangem de 2–10 pseudoporos primários; poros marginais grandes; superfície frontal granulosa com cristas nodulosas entre os pseudoporos. Orifício primário em forma de ferradura, mais longo que largo ($Lo = 0,103-0,137$ mm, $lo = 0,104-0,116$ mm); lírula larga ($0,071-0,096$ mm de largura); côndilos e espinhos orais não observados. Orifício secundário pouco desenvolvido nos autozoóides, elevados e liso em zoóides ovicelados. Aviculário adventício com morfologia única, pequeno, ($Lav = 0,029-0,048$ mm; $lav = 0,016-0,027$ mm), rostro subespatulado curto, barra transversal completa com protuberância central (columela), margem distal serrilhada com 5 a 8 denticulos, disposto verticalmente sobre a lírula em todos os zoóides ou lateralmente nas margens proximais do orifício, ocasionalmente pareados. Ovicelo hiperestomial ($Lov = 0,125-0,222$ mm, $lov = 0,227-0,295$ mm) a submerso; ectooécio perfurado por pseudoporos pequenos, distribuídos uniformemente.

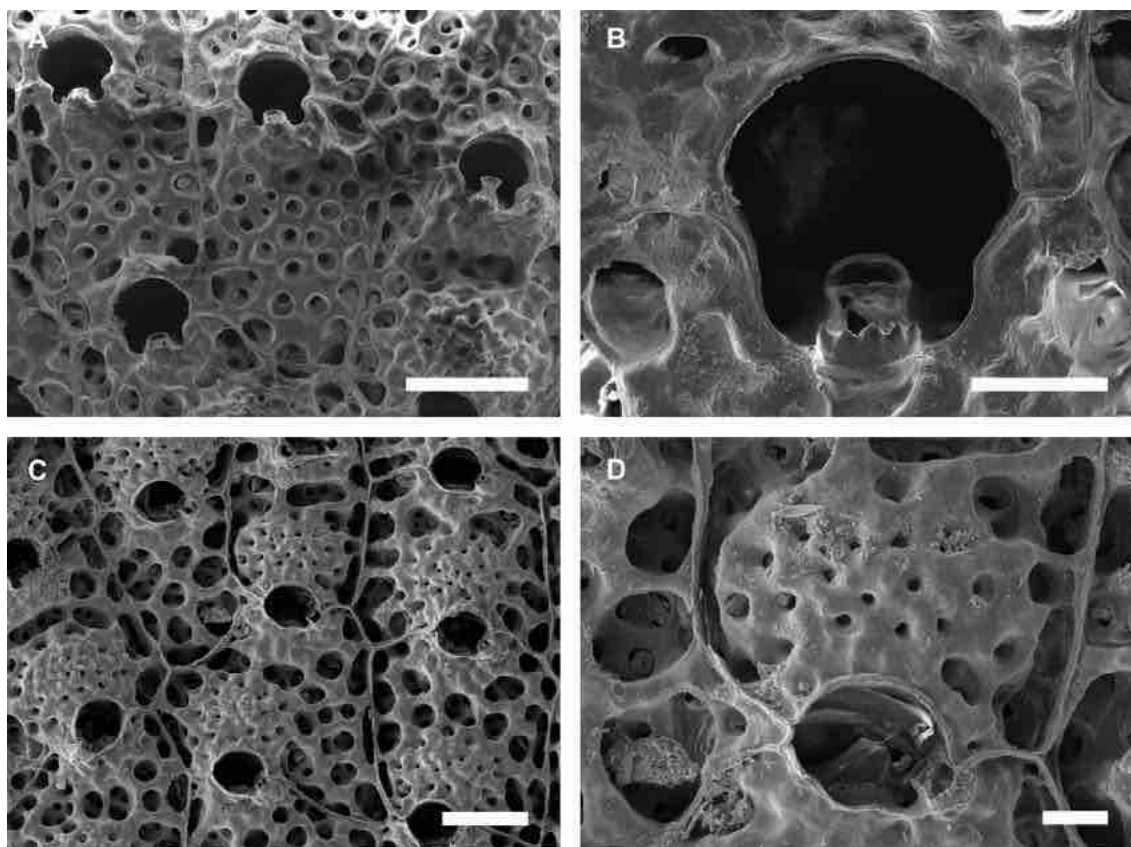
Comentários. *Smittina smittiella* já havia sido reportada no Brasil por Marcus (1955), mas Vieira; Migotto; Winston (2008) atribuíram o material estudado por este autor a *Smittina malleolus* (Hincks, 1884). *Smittina smittiella* e *Smittina malleolus* fazem parte do complexo *Smittina nitidissima* (Hincks, 1880), que compreende espécies com calcificação frontal reticulada e aviculário na lírula com rostro espatulado e margem distal serrilhada (COOK, 1985; HARMELIN; BITAR; ZIBROWIUS, 2009) e que já foi sugerido constituir um novo gênero (HARMELIN; BITAR; ZIBROWIUS, 2009). *Smittina smittiella* é distinta de *Smittina nitidissima* principalmente pela morfologia do orifício primário (em forma de ferradura em *Smittina smittiella* e distintamente trifoliado em *Smittina nitidissima*), número de aviculários orais (1–3 em *Smittina smittiella* e 1–5 em *Smittina nitidissima*) e número de denticulos na margem dos aviculários (no máximo 8 em *Smittina smittiella* e 8–12 em *Smittina nitidissima*). *Smittina malleolus*, por sua vez, possui um único aviculário oral (1–3 em *Smittina smittiella*) e aviculário frontal com rostro longo e pontiagudo (ausente em *Smittina smittiella*). Os espécimes do Brasil estudados por Marcus (1955) provavelmente pertencem a *Smittina smittiella*, mas devem ser analisados para confirmação da real identidade taxonômica.

Almeida et al. (2015a) identificaram espécimes de *Smittina smittiella* da Bahia (UFBA 307) como *Smittina affinis* (Hincks, 1862). *Smittina affinis*, entretanto, possui

orifício primário com anter denteado, lírula estreita e aviculário suboral elíptico disposto transversalmente sobre a lírula, diferindo assim do orifício primário com anter liso, lírula larga e aviculário subespatulado disposto verticalmente sobre a lírula dos espécimes de *Smittina smittiella*.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Estados Unidos até o Brasil (ALMEIDA et al., 2015a; OSBURN, 1947). *Smittina smittiella* já foi reportada sobre corais e algas nos Estados Unidos e Caribe (OSBURN, 1947; WINSTON; EISEMAN 1980). No Bahia, ocorre entre 15–35 metros de profundidade, sobre corais e rodolitos da Costa dos Coqueiros e Baía de Todos os Santos.

Figura 93. A–D, *Smittina smittiella* (UFBA 3287). A, autozoóides e aviculários; B, detalhe do orifício primário; C, grupo de zoóides ovicelados; D, detalhes do zoóide ovicelado. Escalas: A = 100 μm ; B = 20 μm ; C = 200 μm ; D = 50 μm .



Fonte: O autor (2018).

Gênero *Smittoidea* Osburn, 1952

Diagnose. Autozoóides com parede frontal sem pseudoporos, poros marginais distintos. Orifício primário com lírula, côneilos e número variável de espinhos distais. Orifício secundário com desenvolvimento variável, ocasionalmente formando pseudoseio.

Aviculários adventícios originários de poros marginais, sempre suborais, podendo adicionalmente ocorrer em posição latero–oral ao orifício. Outros aviculários ausentes (OSBURN, 1952).

***Smittoidea numma* (Marcus, 1949) comb. nov.**

(Figura 94A–D)

Smittina numma Marcus, 1949: 22, figs. 31–33.

Smittoidea evelinae: Almeida et al., 2015a: 4 (sin. nov.).

Material examinado. Apêndice A.

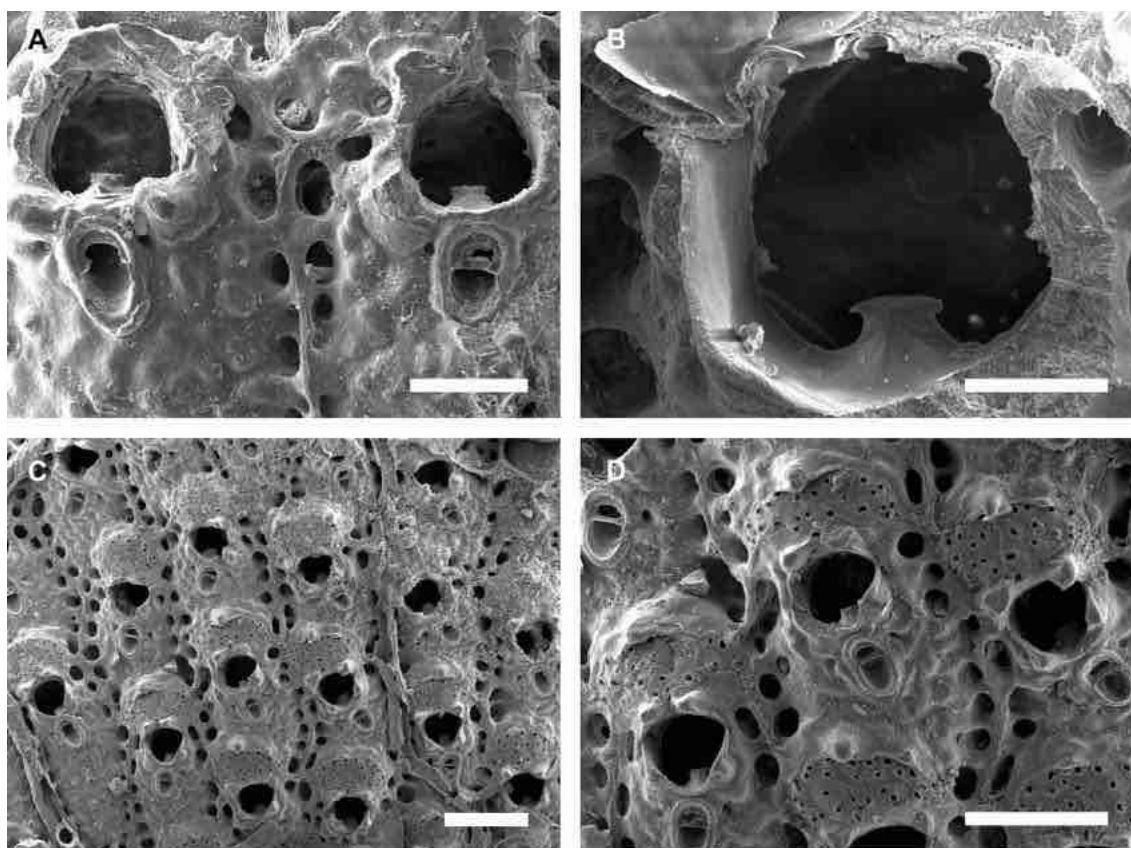
Descrição. Colônia incrustante. Autozoóides hexagonais ou irregularmente poligonais, limitados por paredes laterais levemente elevadas e bordados por uma série única de 14–22 poros marginais. Parede frontal rugosa com numerosos nódulos arredondados. Orifício primário arredondado, mais longo que largo ($L_o = 0,099\text{--}0,121$ mm, $l_o = 0,090\text{--}0,104$ mm) anter liso; 2–3 espinhos orais; lírula estreita (0,023 a 0,037 mm de largura); côneilos diminutos, delgados, levemente curvos, bordas levemente serrilhadas. Orifício secundário formando quatro abas de calcificação, as duas mais distais se fundem em zoóides ovicelados formando capuz, as outras abas são paralelas, formando pseudoseio em forma de U. Aviculário adventício com morfologia única, moderado (0,061–0,117 mm de comprimento, 0,025–0,046 mm de largura), perfil oblongo, barra transversal completa, margens lisas, rostro reto ou levemente inclinado, disposto medianamente abaixo do orifício, orientado proximalmente, bordado por um par de poros pequenos laterais. Ovicelo hiperestomial ($L_{ov} = 0,138\text{--}0,213$ mm, $l_{ov} = 0,192\text{--}0,233$ mm) a submerso; ectooécio perfurado por 25–35 poros pequenos, distribuídos uniformemente.

Comentários. Apesar de ter sido originalmente descrita no gênero *Smittina*, esta espécie não possui parede frontal com pseudoporos e aviculário sobre a lírula, características diagnósticas de *Smittina*. Entretanto, apresenta parede frontal sem pseudoporos e aviculários suboral, evidenciando tratar-se de uma espécie de *Smittoidea*.

Além de *Smittoidea numma*, duas outras espécies de *Smittoidea* são conhecidas para o Brasil, *Smittoidea evelinae* (Marcus, 1937) e *Smittoidea reticulata* (MacGillivray, 1842). Alguns espécimes de *Smittoidea numma* da Bahia já foram confundidos com *Smittoidea evelinae* (ALMEIDA et al., 2015a; UFBA 707), porém *Smittoidea evelinae* possui lírula larga e até cinco espinhos orais (lírula estreita e 2–3 espinhos orais em *Smittoidea numma*). *Smittoidea reticulata* é distinta pela lírula larga e aviculário subtriangular (lírula estreita e aviculário oblongo em *Smittoidea numma*).

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (MARCUS, 1949). Conhecida apenas para o Brasil, *Smittoidea numma* foi originalmente descrita com base em espécimes do Espírito Santo (MARCUS, 1949) e não havia sido relatada desde então. Na Bahia, é a espécie mais comum de *Smittoidea*, ocorrendo ao longo de toda a costa, entre 5–50 metros de profundidade, predominantemente sobre rodolitos e corais.

Figura 94. A–D, *Smittoidea numma* (UFBA 3037). A, autozoóides e aviculários; B, detalhe do orifício primário; C, grupo de zoóides ovicelados; D, detalhes dos zoóides ovicelados. Escalas: A = 100 μ m; B = 50 μ m; C = 250 μ m; D = 200 μ m.



Fonte: O autor (2018).

Smittoidea sp. nov.1

(Figura 95A–D)

Material examinado. Holótipo: UFBA 2289, Baía de Todos os Santos. Parátipo: UFBA 2959, Baía de Todos os Santos. Material adicional: Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante. Autozoóides retangulares ou hexagonais ($Lz = 0,278\text{--}0,630$ mm, $lz = 0,179\text{--}0,315$ mm) limitados por suturas distintas e bordados por uma série única de 14–23 poros marginais. Parede frontal levemente rugosa a lisa. Orifício primário orbicular ($Lo = 0,115\text{--}0,141$ mm, $lo = 0,105\text{--}0,142$ mm), anter liso; espinhos orais e côneilos não observados; lírula larga (0,096–0,123 mm de largura). Orifício

secundário bem desenvolvido, liso e formando pseudoseio em forma de U ou arredondado, com bordas com terminações pontiagudas. Aviculário adventício com morfologia única, longo (0,136–0,246 mm de comprimento, 0,017–0,034 mm de largura), disposto medianamente abaixo do orifício, orientado proximalmente, se estendendo ao menos até metade do comprimento do autozoóide ou mais, rostro reto ou levemente inclinado, perfil lanceolado, barra transversal completa com protuberância central (columela), forâmen elíptico, margens lisas, um par de poros pequenos laterais. Ovicelo hiperestomial ($Lov = 0,123–0,180$ mm, $lov = 0,179–0,243$ mm); ectooécio perfurado por 24–32 pseudoporos pequenos, uniformemente distribuídos.

Comentários. *Smittoidea* sp. nov.1 pertence a um grupo de espécies de *Smittoidea* caracterizadas pelo orifício secundário com pseudoseio em forma de U a arredondado, lírula larga e aviculário lanceolado, incluindo *Smittoidea curtisensis* Gordon, 1984, *Smittoidea hyalina* Gordon, 1984, *Smittoidea levis* (Kirkpatrick, 1890), *Smittoidea pacifica* Soule & Soule, 1973 e *Smittoidea pugiuncula* Hayward & Thorpe, 1989. Em quase todas essas espécies, entretanto, o aviculário é pequeno, nunca atingindo a metade do comprimento do autozoóides, enquanto em *Smittoidea* sp. nov.1 o aviculário se estende ao menos até metade do comprimento do autozoóide e geralmente é mais longo que isso. O aviculário tem grande variação de comprimento apenas em *Smittoidea levis*, por vezes atingindo metade do comprimento do autozoóide em colônias mais velhas, mas nunca atinge mais que esse tamanho, diferindo assim de *Smittoidea* sp. nov.1.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil. Conhecida apenas para a Bahia, *Smittoidea* sp. nov.1 habita recifes de corais, rodolitos e estruturas artificiais (placas de PVC), entre 15 e 50 metros de profundidade, na Baía de Todos os Santos e Costa do Dendê.

***Smittoidea* sp. nov.2**

(Figura 96A–D)

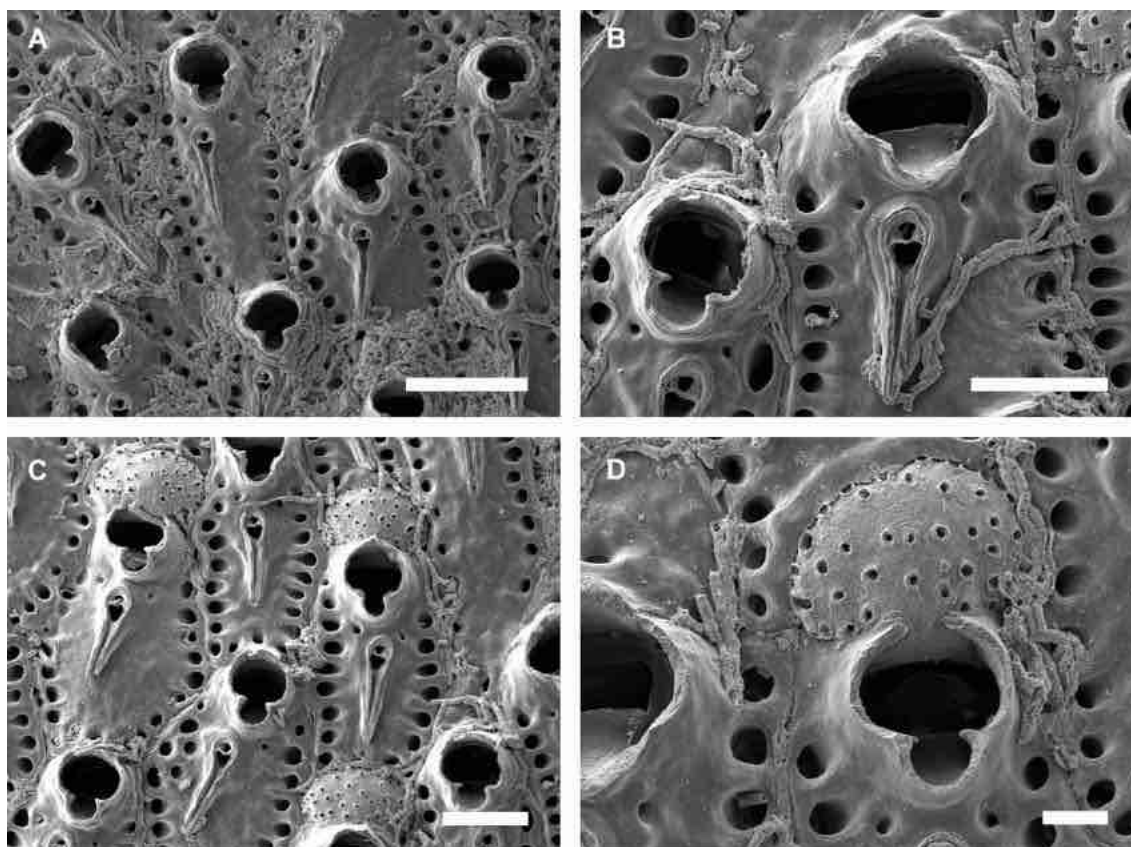
Smittoidea reticulata: Almeida et al., 2015a: 4 (sin. nov.).

Material examinado. Holótipo: UFBA 3000, Baía de Todos os Santos. Parátipo: UFBA 2383, Baía de Todos os Santos. Material adicional: Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante. Autozoóides hexagonais ou irregularmente poligonais ($Lz = 0,344–0,590$ mm, $lz = 0,225–0,411$ mm), limitados por suturas finais, bordados por uma série única de 17–23 poros marginais. Parede frontal rugosa, levemente nodulosa. Orifício primário subcircular ($Lo = 0,112–0,145$ mm; $lo = 0,091–0,118$ mm), anter liso; 2 espinhos orais; lírula estreita (0,022–0,039 mm de largura); côneilos

robustos, levemente curvos, bordas serrilhadas. Orifício secundário bem desenvolvido, liso e, ocasionalmente, com pseudoseio em forma de U com abas laterais nodulosas. Aviculário adventício com morfologia única, tamanho moderado (0,092–0,171 mm de comprimento; 0,025–0,042 mm de largura), perfil sublosangular, disposto diagonalmente abaixo do orifício, orientado proximolateralmente, rostro sublanceolado, barra transversal completa sem protuberância central (columela), forâmen elíptico, margens lisas, um par de poros pequenos laterais. Ovicelo hiperestomial ($L_{ov} = 0,132\text{--}0,204$ mm, $l_{ov} = 0,182\text{--}0,251$ mm); ectooécio perfurado por 34–37 pseudoporos pequenos, uniformemente distribuídos.

Figura 95. A–D, *Smittoidea* sp. nov.1 (UFBA 2959). A, autozoóides e aviculários; B, detalhe do orifício primário e secundário; C, grupo de zoóides ovicelados; D, detalhes dos zoóides ovicelados. Escalas: A = 250 μ m; B = 100 μ m; C = 200 μ m; D = 50 μ m.



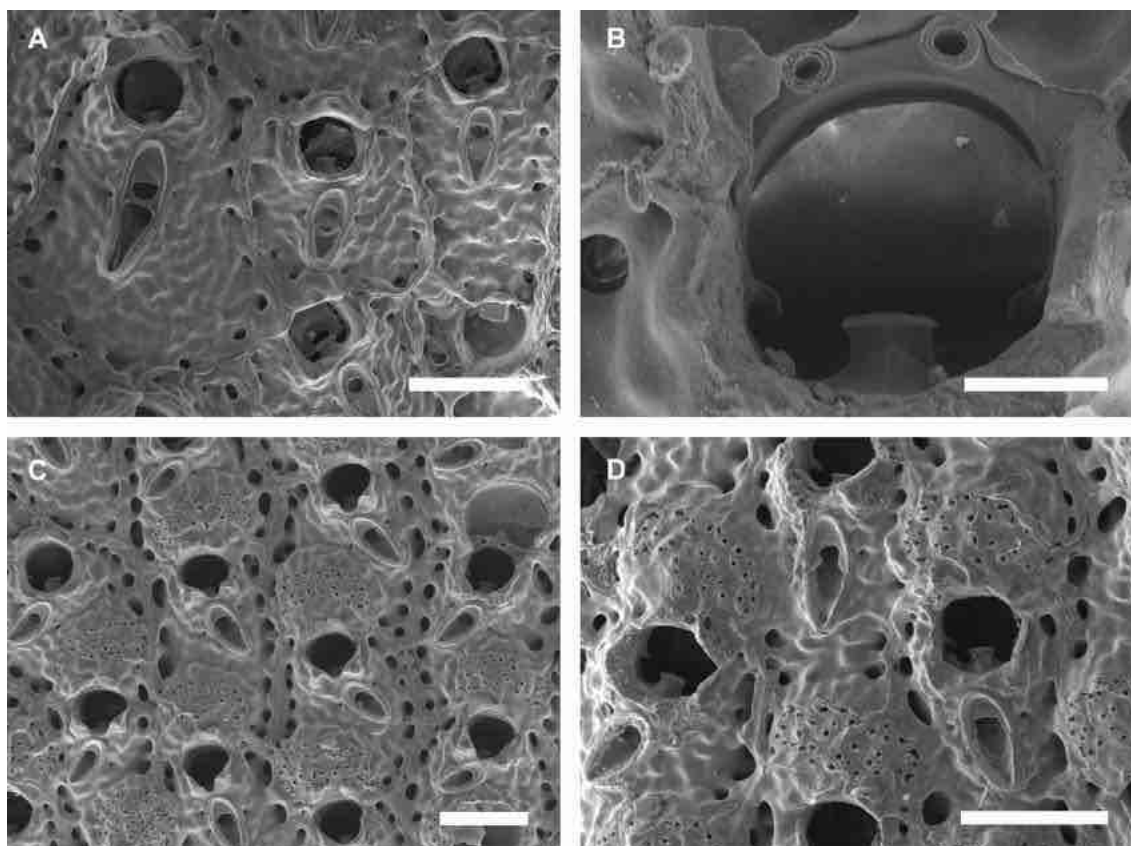
Fonte: O autor (2018).

Comentários. Assim como *Smittoidea* sp. nov.2, outras quatro espécies de *Smittoidea* possuem aviculário com perfil sublosangular, incluindo *Smittoidea dentio* Tilbrook, 2006, *Smittoidea exilis* Hayward, 1994, *Smittoidea incucula* Hayward & Ryland, 1995 e *Smittoidea reticulata* (J.MacGillivray, 1842). Diferenças entre essas espécies incluem o anter do orifício primário (serrilhado em *Smittoidea dentio*, *Smittoidea incucula* e

Smittoidea reticulata, liso em *Smittoidea exilis* e *Smittoidea* sp. nov.2), largura da lírula (ampla em *Smittoidea dentio* e *Smittoidea reticulata*, estreita em *Smittoidea incucula*, *Smittoidea exilis* e *Smittoidea* sp. nov.2), côneilos (serrilhados em *Smittoidea dentio*, *Smittoidea incucula* e *Smittoidea* sp. nov.2, lisos em *Smittoidea exilis* e *Smittoidea reticulata*), e pseudoseio do orifício secundário (profundo em *Smittoidea dentio*, *Smittoidea reticulata* e *Smittoidea* sp. nov.2, raso em *Smittoidea incucula* e *Smittoidea exilis*).

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil. *Smittoidea* sp. nov.2 é conhecida apenas para a Bahia, entre 15–45 metros de profundidade da Costa dos Coqueiros e Baía de Todos os Santos. Ocorre sobre recifes de corais, rodolitos e estruturas artificiais (placas de PVC).

Figura 96. A–D, *Smittoidea* sp. nov.2 (UFBA 3000). A, autozoóides e aviculários; B, detalhe do orifício primário; C, grupo de zoóides ovicelados; D, detalhes dos zoóides ovicelados. Escalas: A, C, D = 200 μ m; B = 50 μ m.



Fonte: O autor (2018).

4.39 Família Watersiporidae Vigneaux, 1949

Diagnose. Colônias incrustantes, uni a multilaminares, ou eretas, bilaminares. Calcificação frontal do tipo lepralióide com pseudoporos e septulas porosas frontais. Paredes transversais com septulas multiporosas. Orifício primário com ou sem seio,

côndilos laterais presentes. Espinhos e aviculários ausentes. Sem ovicelos, embriões incubados internamente (HAYWARD; RYLAND, 1979; OSTROVSKY, 2013).

Gênero *Watersipora* Neviani, 1895

Diagnose. Colônias avermelhadas a pretas (*in vivo*). Opérculo marrom a preto (*in vivo*), tipicamente com bandas demarcadas. Autozoóides subretangulares ou hexagonais, delimitados por paredes laterais elevadas. Parede frontal perfurada por poros arredondados numerosos; septulas porosas latero-orais e transversais podem estar presentes. Orifício primário subcircular a oval, às vezes com seio bem definido, côndilos laterais conspícuos (VIEIRA et al., 2014).

***Watersipora subtorquata* (d'Orbigny, 1852)**

(Figura 97A,B)

Cellepora subtorquata d'Orbigny, 1852: 399.

Watersipora subtorquata: Vieira et al., 2014c: 155, figs. 1–5, 12–16, 18–24, 67, 70 (sin. cum.); Miranda et al., 2018: Apêndice A, 11 (sin. cum.).

Watersipora sp.: Almeida et al., 2015a: 5; Souza & Almeida, 2017: 266.

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, uni a multilaminar. Coloração laranja-avermelhada a lilás ou preta (*in vivo*); opérculo escuro com regiões proximolaterais semicirculares mais claras. Autozoóides subretangulares ou hexagonais ($Lz = 0,687\text{--}1,108$ mm; $lz = 0,366\text{--}0,562$ mm), delimitados por paredes laterais levemente elevadas. Parede frontal lepralióide, numerosos pseudoporos frontais menos comuns apenas logo abaixo do orifício. Orifício primário subcircular a oval ($Lo = 0,181\text{--}0,222$ mm; $lo = 0,205\text{--}0,233$ mm), seio amplo, raso e arredondado; um par de côndilos triangulares proximolaterais. Orifício secundário pode estar desenvolvido como abas laterais de calcificação.

Comentários. *Watersipora subtorquata* é reconhecida pelas colônias avermelhadas ou pretas (*in vivo*), opérculo escuro com regiões proximolaterais semicirculares mais claras e orifício primário subcircular com um par de côndilos triangulares proximolaterais delimitando o seio arredondado raso.

Distribuição. Oceano Atlântico, Mares Mediterrâneo, Vermelho e Arábico e em diversas localidades do Oceano Pacífico (VIEIRA et al., 2014c). Vieira et al. (2014c) forneceram uma ampla revisão dos registros dessa espécie com base na análise de espécimes de todo o mundo. *Watersipora subtorquata* é conhecida para diversas localidades, tanto em

suportes naturais como artificiais e provavelmente representando um complexo de espécies (MIRANDA; ALMEIDA; VIEIRA, 2018; VIEIRA et al., 2014c). Trata-se de um briozoário comum na comunidade incrustante flutuante, considerada uma espécie criptogênica no Brasil (MIRANDA; ALMEIDA; VIEIRA, 2018; VIEIRA et al., 2014c). No Brasil, ocorre em São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo e na Bahia (VIEIRA et al., 2014c). Na Bahia, *Watersipora subtorquata* é comum sobre algas vermelhas, hidrozoários, outros briozoários e rochas, na Costa do Coqueiros, Baía de Todos os Santos e Costa do Dendê, desde o entremarés até 20 metros de profundidade.

Superfamília Schizoporelloidea Jullien, 1883

4.40 Família Buffonellodidae Gordon & d'Hondt, 1997

Diagnose. Colônias incrustantes, uni a multilaminares. Calcificação frontal do tipo lepralioide, sem pseudoporos frontais, porém com poros marginais. Orifício primário com seio de desenvolvimento variável, cêndilos laterais e espinhos podem estar presentes. Orifício secundário geralmente formando umbo suboral. Aviculário adventício único, suboral ou frontal. Ovicelo hiperestomial, ooécio lepralieforme; ectooécio membranoso (GORDON; D'HONDT, 1997).

Gênero *Aimulosia* Jullien, 1888

Diagnose. Autozoóides com poros marginais pequenos. Orifício primário em forma de sino, mais largo proximalmente, seio côncavo amplo; cêndilos laterais e espinhos distais presentes. Aviculário suboral ou mediofrontal. Ovicelo não fechado pelo opérculo (OSBURN, 1952).

***Aimulosia* sp.**

(Figura 97C)

Material examinado. Apêndice A.

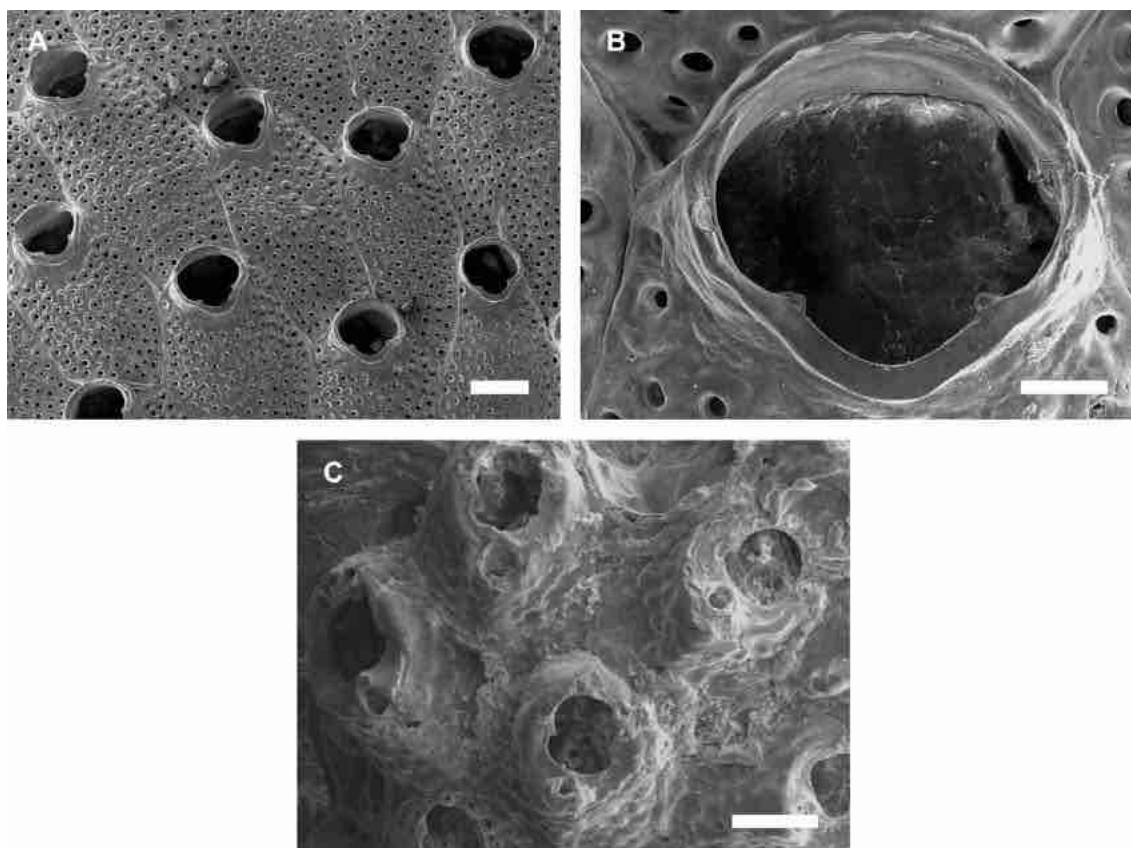
Descrição. Colônia incrustante, pontual. Autozoóides hexagonais ou ovais (Lz = 0,209–0,295 mm; lz = 0,149–0,233 mm), delimitados por sulcos distintos. Parede frontal lepralioide com nódulos arredondados e poros frontais diminutos. Orifício primário (Lo = 0,069–0,091 mm; lo = 0,065–0,093 mm) com anter arqueado, poster côncavo e amplo; um par de cêndilos triangulares mediolaterais; 5–7 espinhos orais. Orifício secundário noduloso com umbo pontiagudo mediano. Aviculário adventício pequeno (Lav = 0,031–

0,056 mm; lav = 0,019–0,039 mm; n = 5), suboral, disposto sobre o umbo, forma de gota em vista frontal, borda proximal arredondada e rostro subtriangular, direcionado distalmente. Ovicelo hiperestomial.

Comentários. Espécimes de *Aimulosia* sp. da Bahia são representados por pequenos fragmentos e aparentemente nenhum foi coletado em vida. Todos os ovicelos estavam quebrados e poucos aviculários foram observados. Dessa forma, a determinação específica só poderá ser confirmada com a análise de mais material.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil. *Aimulosia* sp. é conhecida apenas para a Bahia, na Costa dos Coqueiros. Ocorre em 20 metros de profundidade, sobre grãos de cascalho.

Figura 97. A, B, *Watersipora subtorquata* (UFBA 261); C, *Aimulosia* sp. (UFBA 3353). A, aspecto geral de porção da colônia; B, detalhe do orifício primário; C, grupo de zoóides mostrando orifício primário e aviculário. Escalas: A = 200 μ m; B = 50 μ m; C = 100 μ m.



Fonte: O autor (2018).

4.41 Família Escharinidae Tilbrook, 2006

Diagnose. Colônias incrustantes a eretas. Calcificação frontal do tipo lepralióide com ou sem pseudoporos frontais; poros marginais pequenos. Orifício primário com anter amplo e poster com seio distinto. Espinhos orais presentes ou ausentes. Aviculários adventícios

e interzooidais. Ovicelo hiperestomial a imerso; ooécio eschareliforme. Paredes transversais distais com septulas porosas (TILBROOK, 2006; OSTROVSKY, 2013).

Gênero *Bryopesanser* Tilbrook, 2006

Diagnose. Colônia incrustante. Parede frontal totalmente perfurada por pseudoporos pequenos, poros marginais distintos. Orifício primário em forma de D transversal, anter arqueado, poster com seio em forma de gota, côneilos proximolaterais lisos ou serrados; espinhos orais presentes. Aviculários adventícios latero-orais, mandíbula em forma de leque. Ovicelo não fechado pelo opérculo zooidal com mesma calcificação que a parede frontal (TILBROOK, 2006).

***Bryopesanser pesanseris* (Smitt, 1873)**

(Figura 98A–D)

Hippothoa pesanseris Smitt, 1873: 43, pl. 7, figs. 159, 160,

Bryopesanser pesanseris: Tilbrook, 2012: 41, figs. 1–4 (sin. cum.); Almeida et al., 2015a: 5.

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante. Autozoóides irregularmente poligonais (Lz = 0,471–0,618 mm; lz = 0,346–0,465 mm), delimitados por sulcos distintos. Parede frontal lepralióide, convexa, pseudoporos frontais pequenos e numerosos. Orifício primário (Lo = 0,122–0,158 mm; lo = 0,110–0,131 mm) em forma de D transversal, anter arqueado, poster reto, seio mediano em forma de gota; côneilos proximolaterais como barra de margem serrilhada; 7 espinhos orais. Orifício secundário formando umbo suboral pontiagudo elevado. Aviculários latero-orais pareados, elípticos (Lav = 0,072–0,093 mm; lav = 0,039–0,072 mm), direcionados distalmente. Ovicelo globular (Lov = 0,134–0,187 mm; lov = 0,192–0,241 mm; n = 3).

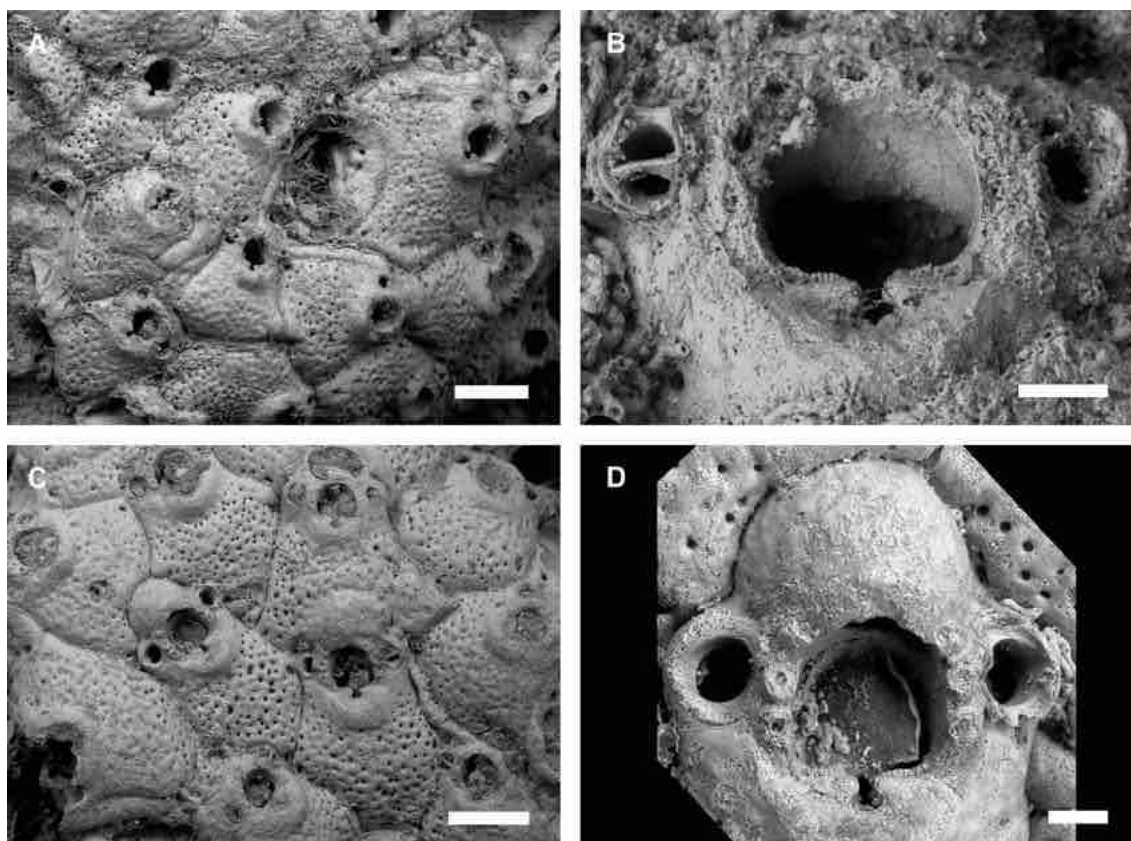
Comentários. *Bryopesanser pesanseris* é reconhecida pelos autozoóides com orifício primário em forma de D transversal com 7 espinhos orais, côneilos serrilhados e seio em forma de gota, umbo suboral pontiagudo e aviculários latero-orais elípticos.

Apesar de espécimes de *Bryopesanser pesanseris* de diversas localidades do Atlântico Ocidental serem morfologicamente idênticos, há possibilidade de constituírem um complexo de espécies crípticas (TILBROOK, 2012). Estudos compreensivos utilizando técnicas como análises moleculares devem ajudar a determinar a identidade desses registros (TILBROOK, 2012).

No Brasil, é conhecida para Santa Catarina, São Paulo, Bahia e Atol das Rocas (VIEIRA; NASCIMENTO; ALMEIDA, 2018). Na Bahia, ocorre da Costa dos Coqueiros a Costa do Dendê e na Costa do Descobrimento. Habita algas, rodolitos e grãos de cascalho, do entremarés a 31 metros de profundidade.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Estados Unidos até o Brasil (TILBROOK, 2012).

Figura 98. A–D, *Bryopesanser pesanseris* (USNM 8572). A, aspecto geral de porção da colônia; B, detalhe do orifício primário e aviculários; C, grupo de zoóides ovicelados; D, detalhes do zoóide ovicelado e aviculários. Escalas: A, C = 250 µm; B, D = 50 µm.



Fonte: O autor (2018).

4.42 Família Gigantoporidae Bassler, 1935

Diagnose. Colônias incrustantes, uni a multilaminares; ou eretas, uni ou bilaminares. Autozoóides tipicamente grandes (maiores que 1 mm de comprimento). Calcificação frontal do tipo lepralióide com pseudoporos frontais e poros marginais. Orifício primário com anter amplo e poster côncavo formando seio amplo, um par de côndilos laterais. Espinhos orais ausentes. Orifício secundário geralmente tubular. Aviculários adventícios tipicamente latero-orais e pareados. Geralmente um espirâmen frontal bem desenvolvido, colocado abaixo do orifício. Ovicelo hiperestomial a imerso; ooécio eschareliforme (OSBURN, 1952; OSTROVSKY, 2013).

Gênero *Gigantopora* Ridley, 1881

Diagnose. Parede frontal com pseudoporos frontais, poucos poros marginais. Espirâmen frontal bem desenvolvido, elíptico, disposto abaixo do orifício. Orifício primário elíptico, côndilos proximolaterais presentes. Orifício secundário como calcificação tubular longa. Aviculários adventícios latero-orais pareados. Ovicelo hiperestomial a imerso e com a mesma calcificação que a parede frontal (HARMER, 1957).

***Gigantopora lyncoides* Ridley, 1881**

(Figura 99A–D)

Gigantopora lyncoides Ridley, 1881: 47, pl. 6, fig. 3.

Gigantopora lyncoides: Vieira, Migotto, Winston, 2008: 30 (sin. cum.); Almeida et al., 2015a: 5.

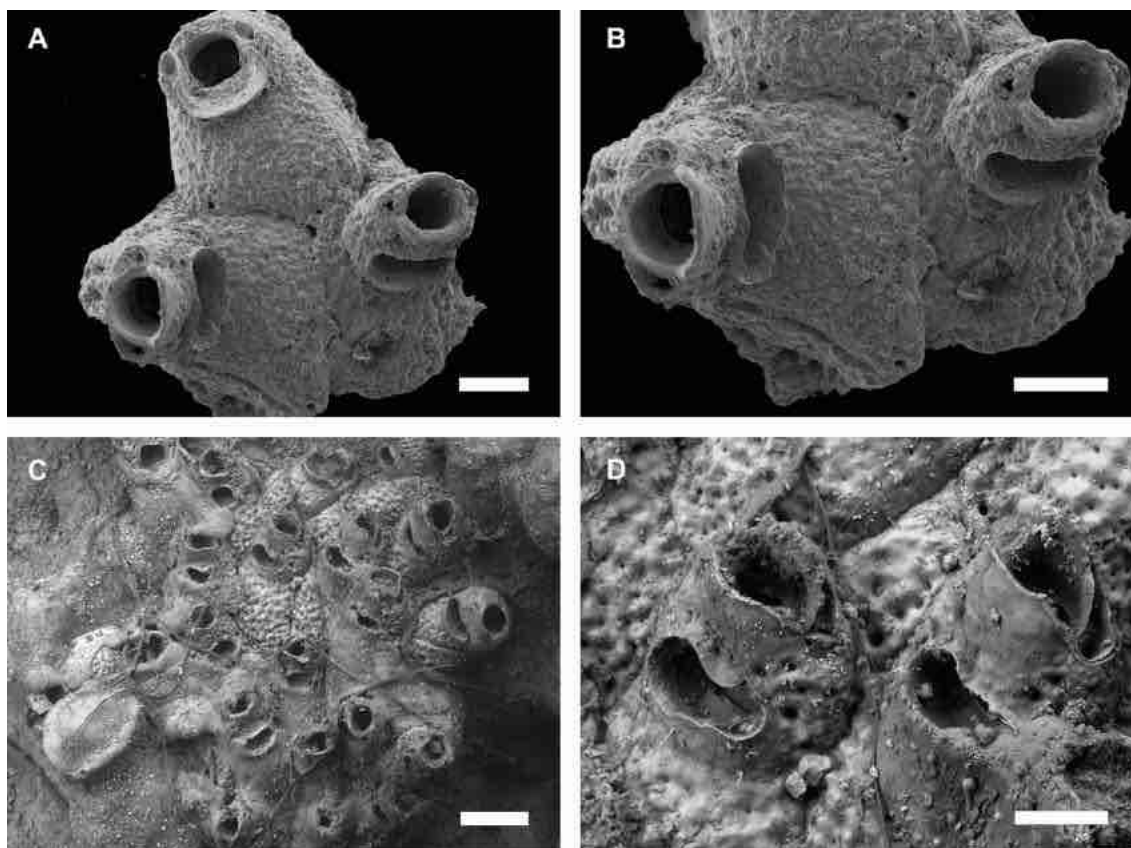
Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, unilaminar. Autozoóides subretangulares ou irregularmente poligonais (Lz = 0,677–1,117 mm; lz = 0,356–0,564 mm), semi-erectos, limitados por suturas profundas. Parede frontal lepralióide, nodulosa; pseudoporos frontais pequenos espaçados; 1–2 poros marginais proximais. Espirâmen frontal transversalmente elíptico (0,084–0,150 mm de comprimento; 0,227–0,328 mm de largura), disposto abaixo do orifício, margem formando curta aba ondulada. Orifício primário (Lo = 0,141–0,169 mm; lo = 0,131–0,145 mm; n = 5) subcircular, anter amplo e arqueado e poster raso e côncavo, formando seio amplo; um par de côndilos triangulares proximolaterais. Orifício secundário bem desenvolvido, tubular e longo, se estendendo acima do espirâmen até a margem distal, cobrindo todo o orifício primário. Par de pequenos aviculários adventícios latero-orais (Lav = 0,151–0,208 mm; lav = 0,072–0,100 mm), em forma de gota frontalmente, borda proximal côncava e rostro triangular, dispostos nas bordas do orifício secundário, orientados distalmente. Ovicelo não observado.

Comentários. Originalmente descrita para o Espírito Santo (RIDLEY, 1881), *Gigantopora lyncoides* não havia sido descrita ou figurada desde então. Os espécimes da Bahia foram comparados com o material tipo (NHMUK 1879.12.27.78; Figura 99D,E) e compartilham todas as características diagnósticas da espécie, incluindo a calcificação frontal nodulosa, forâmen transversalmente elíptico e orifício secundário longo e tubular com aviculários latero-orais pareados.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (ALMEIDA et al., 2015a; RIDLEY, 1881). Previamente relatada vivendo sobre conchas (RIDLEY, 1881), espécimes de *Gigantopora lyncoides* da Bahia foram coletados sobre grãos de cascalho na Costa do Dendê e recifes de corais na Costa das Baleias, entre 20 e 30 metros de profundidade.

Figura 99. A–D, *Gigantopora lyncoides* (A, B, UFBA 672; C, D, NHMUK 1879.12.27.78.1). A, grupo de zoóides; B, D, detalhe dos zoóides mostrando aviculários e espirâmens; C, aspecto geral de porção da colônia. Escalas: A, B, D = 200 μ m; C = 500 μ m.



Fonte: O autor (2018).

4.43 Família Hippaliosinidae Winston, 2005

Diagnose. Colônias incrustantes, uni a multilaminares. Autozoóides com limites distintos. Calcificação frontal do tipo lepralióide, sem pseudoporos frontais e com poros marginais em uma ou mais séries. Orifício primário em forma de ferradura, anter arqueado e poster com seio côncavo amplo divididos por côneilos laterais triangulares. Orifício secundário pouco desenvolvido. Aviculários adventícios, únicos ou em pares, adjacentes ao orifício primário. Aviculários vicariantes ocasionalmente presentes. Zoóide ovicelado com orifício maiores que os autozoóides não ovicelados. Ovicelo endozooidal (WINSTON, 2005).

Gênero *Hippaliosina* Canu, 1918

Diagnose. Parede frontal com superfície nodulosa, poros marginais numerosos. Orifício primário com côneilos proximo ou mediolaterais. Aviculários adventícios pareados podem ser dimórficos; aviculários vicariantes ocasionais. Acentuado dimorfismo orifício sexual (WINSTON, 2005).

Hippaliosina imperfecta (Canu & Bassler, 1928a)

(Figura 100A,B)

Gephyrophora imperfecta Canu & Bassler, 1928a: 86, pl. 7, fig. 1.

Hippaliosina imperfecta: Almeida et al., 2015a: 5; Almeida et al., 2017: 303, figs. 60, 61 (sin. cum.); Souza & Almeida, 2017: 266.

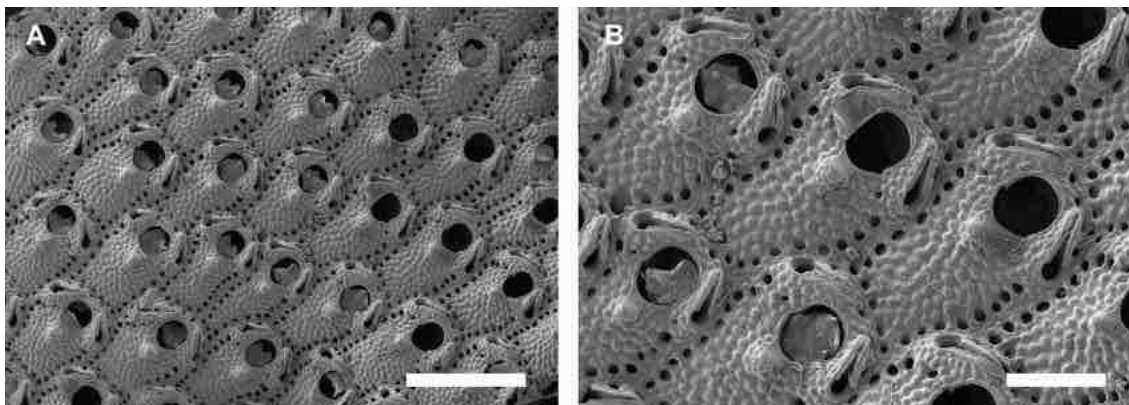
Material examinado. Apêndices A.

Descrição. Colônia incrustante. Autozoóides arredondados, hexagonais ou irregularmente poligonais ($Lz = 0,422\text{--}0,522$ mm; $lz = 0,230\text{--}0,281$ mm). Parede frontal lepralióide, distintamente rugosa, sem pseudoporos frontais, mais de 20 poros marginais. Orifício primário ($Lo = 0,118\text{--}0,139$ mm; $lo = 0,096\text{--}0,114$ mm) oblongo, seio amplo, raso e em forma de U; um par de côneilos proximolaterais; umbo suboral pontiagudo. Aviculário latero-oral ($Lav = 0,129\text{--}0,166$ mm; $lav = 0,045\text{--}0,053$ mm) lanceolado em vista frontal, margem proximal arredondada e rostro subtriangular alongado, geralmente pareado, orientados distolateralmente. Zoóides em brotamento com orifício mais amplo e seio mais raso que os autozoóides.

Comentários. *Hippaliosina imperfecta* é facilmente reconhecida pelos autozoóides com orifício primário oblongo com um par de côneilos proximolaterais, umbo suboral pontiagudo, e aviculários latero-orais lanceolados pareados, orientados distolateralmente. Esta é a única espécie de *Hippaliosina* conhecida para o Brasil.

Distribuição. Atlântico Ocidental: endêmica do Brasil (ALMEIDA et al., 2015a, 2017; WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014). *Hippaliosina imperfecta* vive associada a outros briozoários, conchas de moluscos e algas no litoral do Rio de Janeiro, Espírito Santo e Bahia (WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014), sendo considerada endêmica do país. Foi recentemente relatada habitando esponjas na Baía de Camamu, na Costa do Dendê (Bahia) (ALMEIDA et al., 2017). Na Bahia, está distribuída em toda a costa, vivendo sobre esponjas, outros briozoários, rodolitos, nódulos calcários e rochas.

Figura 100. A, B, *Hippaliosina imperfecta* (UFBA 1187). A, aspecto geral de porção da colônia; B, detalhe dos autozoóides e aviculários. Escalas: A = 500 µm; B = 200 µm.



Fonte: O autor (2018).

4.44 Família Hippopodidae Levinsen, 1909

Diagnose. Colônias incrustantes, uni a multilaminares. Autozoóides com limites distintos. Calcificação frontal do tipo lepralióide, numerosos pseudoporos frontais e poros marginais por vezes distintos. Orifício primário com anter arqueado, poster com seio raso e côncavo ou com seio distinto ou convexo a reto; côneilos laterais podem estar presentes. Espinhos ausentes ou presentes. Orifício secundário de desenvolvimento variável. Aviculários adventícios sub o latero-orais, únicos ou pareados, mono ou dimórficos. Ovicelo parcial ou totalmente imerso, fechado pelo opérculo; ooécio microporeliforme; superfície com a mesma calcificação que a parede frontal (HAYWARD; RYLAND, 1992; OSTROVSKY, 2013).

Gênero *Hippopodina* Levinsen, 1909

Diagnose. Parede frontal totalmente perfurada por pequenos e numerosos pseudoporos. Orifício primário em forma de casco, anter arqueado e poster com seio raso e côncavo ou conexo a reto, divididos por pequenos côneilos laterais. Espinhos ausentes. Orifício secundário pouco desenvolvido. Aviculários adventícios adjacentes ao orifício, às vezes dimórficos. Pode haver dimorfismo zooidal sexual com autozoóides e zoóides ovicelados com orifício morfologicamente distintos. Ovicelo fechado pelo opérculo zooidal (TILBROOK, 1999).

***Hippopodina feegeensis* (Busk, 1884)**

(Figura 101A–D)

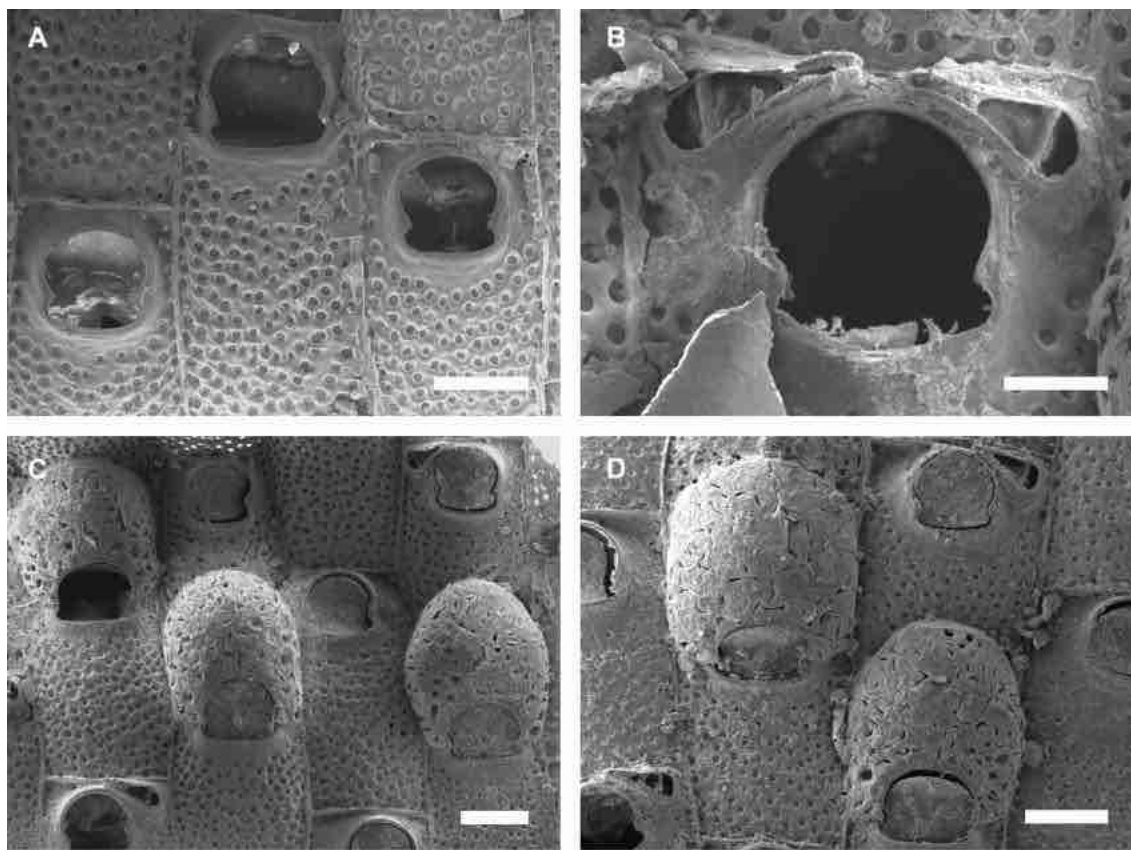
Lepralia feegeensis Busk, 1884: 144, pl. 22, figs. 9, 9a, 9b.*Hippopodina feegeensis*: Tilbrook, 1999: 451, figs. 1a–f (sin. cum.); Almeida et al., 2015a: 5; Miranda et al., 2018: Apêndice A, 7 (sin. cum.).**Material examinado.** Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, pouco calcificada. Autozoóides retangulares ($Lz = 0,754\text{--}0,907$ mm; $lz = 0,422\text{--}0,518$ mm), delimitados por sulcos distintos. Parede frontal lepralioide, com tubérculos com numerosos pseudoporos frontais; poros marginais pouco distintos. Orifício primário em forma de casco ($Lo = 0,192\text{--}0,236$ mm; $lo = 0,179\text{--}0,219$ mm), anter arqueado e poster quase reto a levemente côncavo, um par de pequenos côneilos triangulares proximolaterais. Orifício secundário pouco desenvolvido, formando curta borda de calcificação lisa. Aviculários adventícios tipicamente pareados ($Lav = 0,176\text{--}0,224$ mm; $lav = 0,061\text{--}0,085$ mm), raramente único, lanceolados em vista frontal, borda proximal côncava e rostro triangular curto, forâmen lanceolado e barra transversal completa, dispostos transversalmente e distolaterais ao orifício, orientados medianamente. Zoóides ovicelados com orifício maior que nos autozoóides, sem aviculários. Ovicelo hiperestomial ($Lov = 0,431\text{--}0,523$ mm; $lov = 0,499\text{--}0,575$ mm), globular.

Comentários. *Hippopodina feegeensis* é caracterizada pelos autozoóides retangulares com aviculários tipicamente pareados, dispostos transversalmente e distolaterais ao orifício, orientados medianamente.

Distribuição. Circuntropical: diversas localidades dos Oceanos Atlântico, Índico e Pacífico (MIRANDA; ALMEIDA; VIEIRA, 2018). Apesar de originalmente descrita para as Filipinas, no Oceano Pacífico, *Hippopodina feegeensis* é reportada sobre suportes naturais e artificiais em diversas localidades do mundo (MIRANDA; ALMEIDA; VIEIRA, 2018; TILBROOK, 1999). Variações morfológicas em relação a forma do orifício primário em autozoóides e zoóides ovicelados e a posição dos aviculários são relatadas para espécimes de diferente localidades. Entretanto, a maioria das variações foram também observadas no material tipo, sugerindo tratar-se de plasticidade intra-específica (TILBROOK, 1999). No Brasil, *Hippopodina feegeensis* é conhecida para São Paulo, Bahia e Pernambuco, sendo considerada uma espécie criptogênica (MIRANDA; ALMEIDA; VIEIRA, 2018). Na Bahia, ocorre na Costa dos Coqueiros e Baía de Todos os Santos, do entremarés a 30 metros de profundidade, sobre conchas de moluscos.

Figura 101. A–D, *Hippopodina feegeensis* (UFBA 681). A, autozoóides; B, detalhe do orifício primário e aviculários; C, D, zoóides ovicelados e aviculários. Escalas: A = 200 μm ; B = 100 μm ; C, D = 250 μm .



Fonte: O autor (2018).

***Hippopodina pulcherrima* (Canu & Bassler, 1928a)**

(Figura 102A–D)

Lepralia pulcherrima Canu & Bassler, 1928a: 82, pl. 6, figs. 1, 2.

Hippopodina pulcherrima: Tilbrook, 1999: 452, figs. 1g–h (sin. cum.); Vieira, Migotto, Winston, 2008: 29; Almeida et al., 2015a: 5; Souza & Almeida, 2017: 266.

Material examinado. Apêndice A.

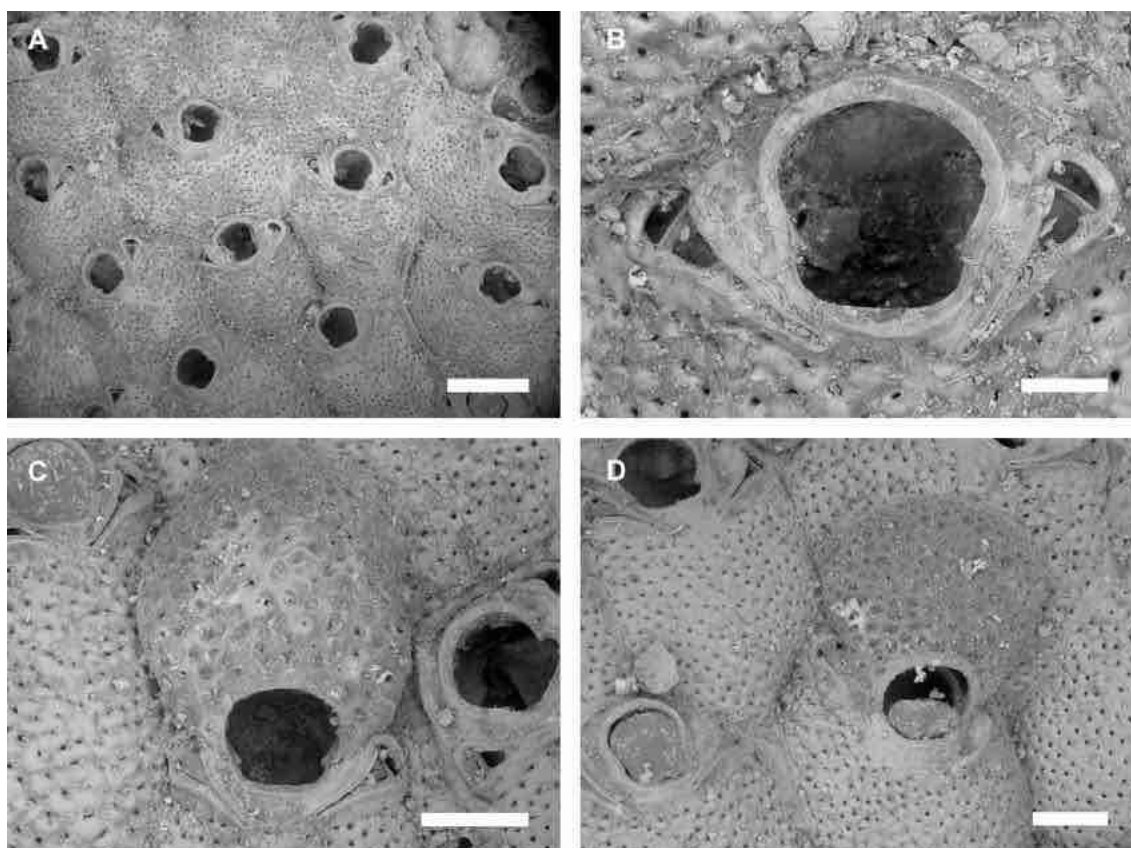
Descrição. Colônia incrustante. Autozoóides subretangulares ou subhexagonais ($Lz = 0,778\text{--}1,176\text{ mm}$; $lz = 0,631\text{--}0,887\text{ mm}$), por vezes alargados, delimitados por sulcos distintos. Parede frontal lepralióide, nodulosa, numerosos pseudoporos frontais; poros marginais pouco distintos. Orifício primário em forma de casco ($Lo = 0,224\text{--}0,252\text{ mm}$; $lo = 0,186\text{--}0,217\text{ mm}$), anter arqueado e poster quase reto, um par de pequenos côneos triangulares proximolaterais. Orifício secundário pouco desenvolvido, formando curta borda de calcificação lisa. Aviculários adventícios pareados ($Lav = 0,268\text{--}0,313\text{ mm}$; $lav = 0,085\text{--}0,120\text{ mm}$), raramente único, lanceolados frontalmente, borda proximal côncava e longo rostro triangular, forâmen elíptico e barra transversal completa; dispostos diagonalmente proximolaterais ao orifício, orientados medioproximalmente. Zoóides

ovicelados com mesmo orifício que os autozoóides, geralmente com aviculários. Ovicelo hiperestomial ($Lov = 0,567-0,570$ mm; $lov = 0,644-0,742$ mm; $n = 2$), globular.

Comentários. *Hippopodina pulcherrima* é caracterizada pelos autozoóides grandes, aviculários tipicamente pareado e, colocados na margem proximal do orifício, orientados medioproximalmente. A principal diferença entre *H. pulcherrima* e *H. feegeensis* é a disposição do aviculário, colocado distalmente no orifício em *H. feegeensis*.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Caribe até o Brasil; Mar Vermelho (TILBROOK, 1999). *Hippopodina pulcherrima* foi originalmente descrita para a Bahia, mas já registrada no Mar Vermelho (TILBROOK, 1999), distante de sua distribuição natural esperada. Não houve diferenças morfológicas e morfométricas significativas entre espécies das duas localidades (TILBROOK, 1999). No Brasil, é conhecida apenas para a Bahia (VIEIRA; NASCIMENTO; ALMEIDA, 2018), onde ocorre em toda a costa, sobre corais e nódulos calcários, entre 15–50 metros de profundidade.

Figura 102. A–D, *Hippopodina pulcherrima* (USNM 8557). A, autozoóides e aviculários; B, detalhe do orifício primário e aviculários; C, D, zoóides ovicelados e aviculários. Escalas: A = 500 μ m; B = 100 μ m; C, D = 250 μ m.



Fonte: O autor (2018).

***Hippopodina* sp. nov.**

(Figura 103A–D)

Material examinado. Holótipo: UFBA 3344, Costa do Dendê. Parátipo: UFBA 3559, Costa do Dendê. Material adicional: Apêndice A.

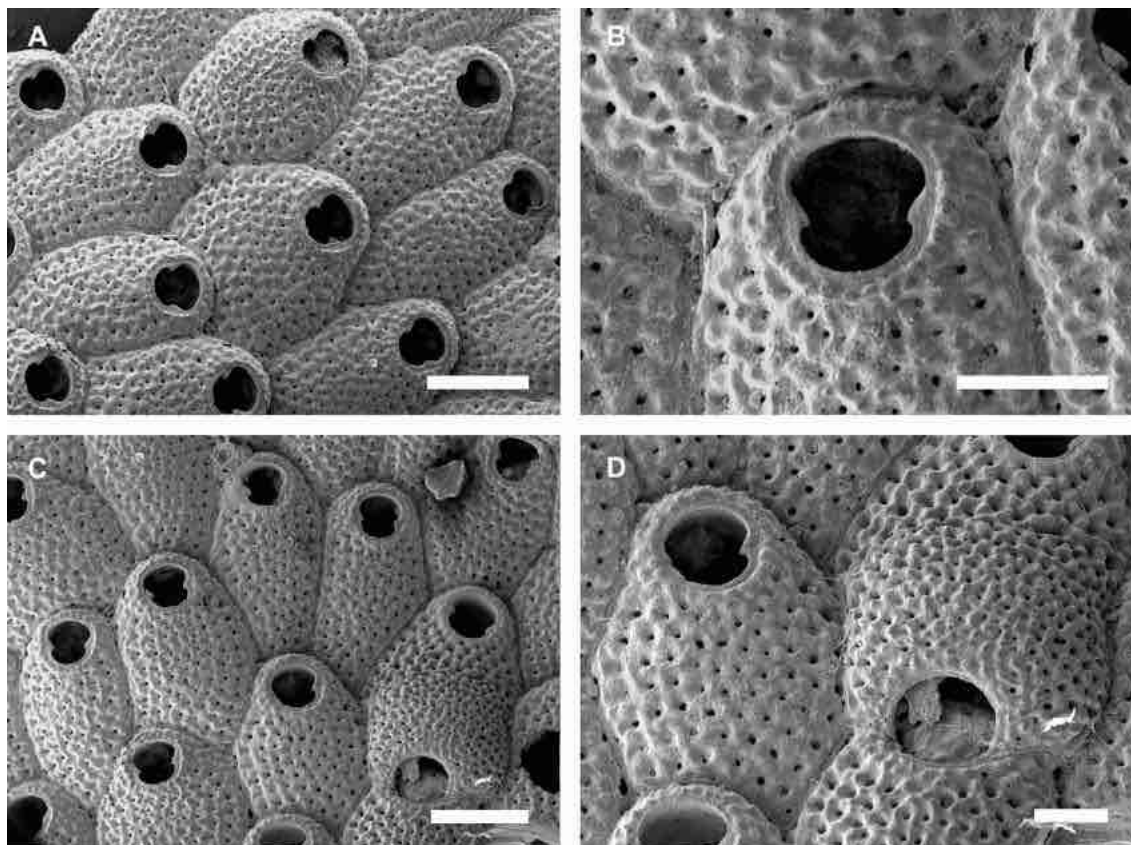
Descrição. Colônia incrustante. Autozoóides subretangulares ou subhexagonais ($Lz = 0,929\text{--}1,120$ mm; $lz = 0,516\text{--}0,702$ mm), delimitados por sulcos distintos. Parede frontal lepralióide, com tubérculos e com numerosos pseudoporos frontais; poros marginais conspícuos. Orifício primário em forma de casco ($Lo = 0,207\text{--}0,227$ mm; $lo = 0,174\text{--}0,201$ mm), anter arqueado e poster côncavo; um par de côneilos triangulares mediolaterais. Orifício secundário formando borda curta de calcificação nodulosa. Aviculários não observados. Zoóides ovicelados com orifício maior que nos autozoóides. Ovicelo hiperestomial ($Lov = 0,421\text{--}0,434$ mm; $lov = 0,685\text{--}0,715$ mm; $n = 2$), globular.

Comentários. Entre as 11 espécies viventes de *Hippopodina*, *Hippopodina* sp. nov. mais se assemelha a *Hippopodina ambita* (Hayward, 1974), por ambas possuírem côneilos mediolaterais, contrastando com as outras espécies que possuem côneilos proximolaterais. *Hippopodina* sp. nov. difere de *Hippopodina ambita*, entretanto, pelo orifício secundário como borda de calcificação nodulosa (com abas laterais em *Hippopodina ambita*) e por não apresentar aviculários (latero-oral em *Hippopodina ambita*).

Assim como *Hippopodina* sp. nov., *Hippopodina californica* Osburn, 1952, *Hippopodina irregularis* Osburn, 1940 e *Hippopodina pectoralis* Harmer, 1957 também não possuem aviculários. *Hippopodina californica* possui côneilos proximolaterais, orifício secundário com abas laterais e umbo suboral; *Hippopodina irregulares* também possui côneilos proximolaterais e o orifício secundário é uma curta borda de calcificação lisa; *Hippopodina pectoralis* possui orifício transversalmente elíptico, côneilos proximolaterais e umbo suboral. Dessa forma, a combinação de parede frontal totalmente perfurada sem umbo suboral, orifício primário em forma de casco, côneilos mediolaterais, orifício secundário como borda nodulosa de calcificação e ausência de aviculários distingue *Hippopodina* sp. nov. de todas as congêneres.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil. Conhecida apenas para a Bahia, *Hippopodina* sp. nov. ocorre desde a Costa do Dendê até a Costa das Baleias, entre 25 e 50 metros de profundidade, sobre corais e nódulos calcários.

Figura 103. A–D, *Hippopodina* sp. nov. (UFBA 3344). A, aspecto geral de porção da colônia; B, detalhe do orifício primário; C, autozoóides e zoóide ovicelado; D, detalhe do zoóide ovicelado. Escalas: A, B, C = 500 μ m; D = 200 μ m.



Fonte: O autor (2018).

4.45 Família Lacernidae Jullien, 1888

Diagnose. Colônias incrustantes, uni a multilaminares. Autozoóides com parede frontal lepralioide, tipicamente sem pseudoporos frontais centrais, mas com poros laterais e marginais. Pseudoporos e poros podem ser simples ou crivados. Orifício primário com seio distinto; côneilos laterais tipicamente presentes. Espinhos orais e aviculários podem estar presentes. Orifício secundário com desenvolvimento variável. Ovicelo hiperestomial; ooécio lepralieforme, ectooécio membranoso. Paredes transversais com septulas porosas (PARKER; GORDON, 1992).

Gênero *Arthropoma* Levinsen, 1909

Diagnose. Parede frontal com pseudoporos frontais redondos e numerosos. Orifício primário com seio estreito, em forma de U; côneilos laterais com morfologias variadas. Orifício secundário pouco desenvolvido. Espinhos orais ausentes. Aviculários raros, vicariantes. Ovicelo fechado pelo opérculo; superfície sem poros (GORDON, 1984; HAYWARD; RYLAND, 1979).

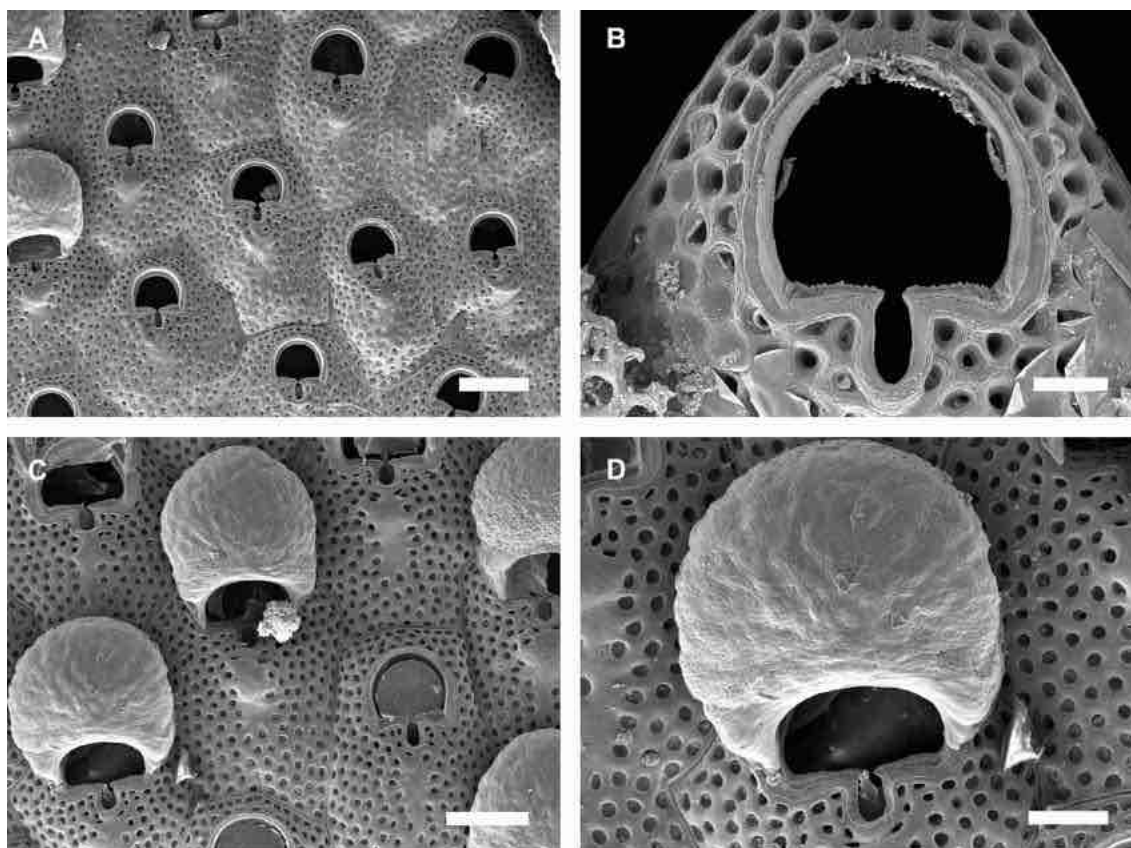
***Arthropoma* sp. nov.**

(Figura 104A–D)

Material examinado. Holótipo: UFBA 3345, Baía de Todos os Santos. Parátipo: UFBA 3354, Baía de Todos os Santos. Material adicional: Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante. Autozoóides hexagonais ($Lz = 0,597\text{--}0,737$ mm; $lz = 0,408\text{--}0,624$ mm), delimitados por sulcos distintos. Parede frontal lepralióide, lisa; 1–3 séries de 60–66 poros ao redor do orifício e 120–140 pseudoporos frontais (total de 180–200 pseudoporos), exceto em área mediana elíptica formando umbo central pontiagudo e liso. Orifício primário em forma de D transversal ($Lo = 0,139\text{--}0,150$ mm; $lo = 0,150\text{--}0,183$ mm), anter arqueado e poster reto com seio mediano profundo, em forma de U alongado, borda distal com constrição; côndilos proximolaterais em forma de barra com margem denticulada. Ovicelo hiperestomial ($Lov = 0,292\text{--}0,354$ mm; $lov = 0,353\text{--}0,410$ mm), globular, superfície rugosa.

Figura 104. A–D, *Arthropoma* sp. nov. (UFBA 3345). A, aspecto geral de porção da colônia; B, detalhe do orifício primário; C, autozoóides e zoóides ovicelados; D, detalhe do ovicelo. Escalas: A = 250 μ m; B = 50 μ m; C = 200 μ m; D = 100 μ m.



Fonte: O autor (2018).

Comentários. Apenas seis espécies viventes de *Arthropoma* são conhecidas e, tradicionalmente, a maioria dos registros do gênero se refere a espécie *Arthropoma ceciliae* (Audouin, 1826). Apesar de descrita originalmente para o Egito, *Arthropoma ceciliae* já foi registrada em diversas localidades temperadas e tropicais de todo o mundo (DICK; GRISCHENKO, 2017; MIN et al., 2017). Entretanto, não é possível determinar se trata-se de uma espécie que há muito vem se dispersando por incrustações em suportes móveis, como cascos de navios, ou se representa um complexo de espécies morfológicamente similares (DICK; GRISCHENKO, 2017; MIN et al., 2017). Como apontado por Dick & Grischenko (2017), pequenas diferenças morfológicas são observadas em espécimes de diferentes localidades e podem constituir caracteres diagnósticos para espécies distintas. Na ausência de espécimes tipos originais, espécimes examinados e descritos por Hayward & Ryland (1999) tem sido considerados como representantes de *Arthropoma ceciliae* sensu stricto (DICK; GRISCHENKO, 2017; MIN et al., 2017). Nesse sentido, *Arthropoma* sp. nov. difere de *Arthropoma ceciliae* pela parede frontal com maior número de pseudoporos (180–200 em *Arthropoma* sp. nov. e 120–130 em *Arthropoma ceciliae*) e área não porosa elíptica central com umbo mediano em todos os zoóides (sem área não porosa central e umbo mediano apenas nos zoóides mais velhos em *Arthropoma ceciliae*), orifício primário mais largo do que longo (em *Arthropoma ceciliae* o orifício primário possui largura e comprimento de mesmo tamanho), e ooécio com superfície rugosa (granuloso e com faixa de calcificação lisa distal em *Arthropoma ceciliae*). Outros espécimes de *Arthropoma* do Brasil, de São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo, foram atribuídos à espécie *Arthropoma ceciliae* (MARCUS, 1937, 1955; RAMALHO et al., 2011). Entretanto, esses espécimes diferem de *Arthropoma ceciliae* nas mesmas características listadas para *Arthropoma* sp. nov., mas são distintos de *Arthropoma* sp. nov. por possuírem seio mais curto e arredondado, cêndilos menos desenvolvidos e ooécio mais longo (*Arthropoma ceciliae* sensu Ramalho et al. (2011)), ou seio mais curto e arredondado e cêndilos menos desenvolvidos (*Arthropoma ceciliae* sensu Marcus (1937, 1955)). Adicionalmente, os espécimes estudados por Marcus (1937, 1955) não foram analisados com micrografias em MEV e as medidas zooidais não são conhecidas.

Arthropoma sp. nov. é caracterizada pela parede frontal com 180–200 pseudoporos, orifício primário mais largo que longo, seio estreito e profundo e ooécio com superfície rugosa. Outras congêneres são diferenciadas pelo menor número de pseudoporos frontais, cêndilos inconspícuos e ooécio granuloso com faixa de calcificação lisa distal (*Arthropoma harmelini* Dick & Grischenko, 2017 e *Arthropoma minus* Min,

Seo, Grischenko, Lee, & Gordon, 2017); menor número de pseudoporos frontais, orifício primário mais longo que largo e seio mais largo (*Arthropoma magniporosum* Min, Seo, Grischenko, Lee, & Gordon, 2017); menor número de pseudoporos frontais que são ornamentados com estrutura radial (*Arthropoma inarmata* Gontar, 1992); e pseudoporos frontais reniformes (*Arthropoma lioneli* Florence, 2016).

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil. *Arthropoma* sp. nov. é conhecida apenas para a Baía de Todos os Santos, na Bahia. Vive sobre recifes de corais e estruturas artificiais na Baía de Todos os Santos, entre 10 e 20 metros de profundidade.

Gênero *Rogicka* Uttley & Bullivant, 1972

Diagnose. Parede frontal com numerosos pseudoporos frontais redondos, exceto logo abaixo do orifício e, ocasionalmente, centralmente. Orifício primário com seio amplo ou estreito, em forma de U. Orifício bordado por duas séries de espinhos distais. Aviculários ausentes. Ovicelo fechado pelo opérculo; superfície lisa ou levemente perfurada (GORDON, 1984; UTTLEY; BULLIVANT, 1972).

***Rogicka scopae* (Canu & Bassler, 1928a)**

(Figura 105A–D)

Mastigophora scopae Canu & Bassler, 1928a: 97, pl. 9, figs. 2, 3.

Rogicka scopae: Vieira et al., 2010: 23, figs. 48–51.

Material examinado. Apêndice A.

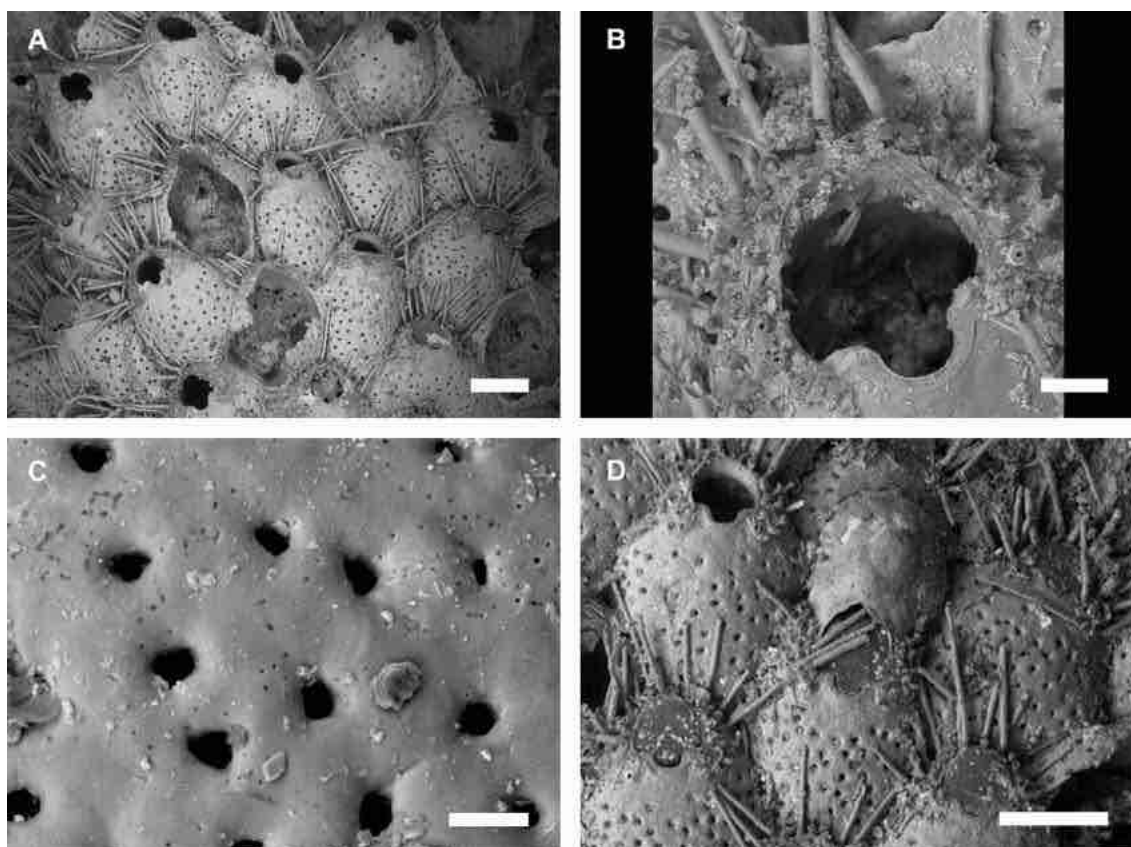
Descrição. Colônia incrustante, unilaminar. Autozoóides subhexagonais ou globulares (Lz = 0,500–0,689 mm; lz = 0,379–0,562 mm), convexos, delimitados por sulcos distintos. Parede frontal lepralióide, lisa; 36–58 pseudoporos frontais simples, espaçados, ausentes apenas ao redor e logo abaixo do orifício. Orifício primário em forma de D transversal (Lo = 0,125–0,442 mm; lo = 0,129–0,156 mm), seio estreito e profundo em forma de U; um par de curtos côneilos proximolaterais; espinhos distais longos (10–17) em 2 ou 3 séries. Aviculários ausentes. Ovicelo hiperestomial, globular (Lov = 0,276–0,288 mm; lz = 0,309–0,323 mm; n = 3); ooécio lepralióide, endooécio totalmente calcificado e ectooécio membranoso, superfície lisa e borda distal em forma de V invertido.

Comentários. *Rogicka scopae* é caracterizada pelos autozoóides com pseudoporos frontais simples, orifício bordado por 36–58 espinhos distais e com seio estreito e profundo, e ooécio com borda distal em forma de V invertido. Esta é a única espécie de

Rogicka conhecida para a Bahia. No Brasil, também ocorre *Rogicka joannae* Vieira, Gordon, Souza & Haddad, 2010, registrada para São Paulo. Esta espécie, entretanto, difere de *Rogicka scopae* pela presença de pseudoporos frontais crivados, orifício com menos espinhos distais (10–14) e seio amplo e raso.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (VIEIRA et al., 2010). Conhecida apenas para a Bahia (CANU; BASSLER, 1928a), *Rogicka scopae* ocorre na Costa dos Coqueiros e Baía de Todos os Santos, entre 10 e 49 metros de profundidade, algas, corais e hidrozoários.

Figura 105. A–D, *Rogicka scopae* (USNM 8573). A, aspecto geral de porção da colônia; B, detalhe do orifício primário e espinhos; C, detalhes dos pseudoporos frontais; D, autozoóides e zoóide ovicelado. Escalas: A, D = 250 μ m; B = 50 μ m; C = 25 μ m.



Fonte: O autor (2018).

4.46 Família Marcusadoreidae Winston, Vieira & Woollacott, 2014

Diagnose. Colônias incrustantes, uni a multilaminares, às vezes formando ramos tubulares. Autozoóides grandes (ocasionalmente atingindo mais de 1 mm de comprimento), um parede frontal convexa. Calcificação frontal do tipo lepralióide com pseudoporos frontais e poros marginais. Orifício primário com seio amplo e côndilos laterais; espinhos ausentes. Orifício secundário bem desenvolvido, às vezes com

aviculário associado. Ovicelo hiperestomial a imerso, não fechado pelo opérculo; ooécio lepralieforme, totalmente calcificado (WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014).

Gênero *Marcusadorea* Vieira, Migotto & Winston, 2010

Diagnose. Autozoóides irregularmente poligonais ou retangulares, separados por paredes laterais distintas. Parede frontal granulosa a com tubérculos, geralmente com pseudoporos frontais pequenos e grandes poros marginais. Orifício primário com côneos diminutos; orifício secundário bem desenvolvido com ou sem aviculário associado. Outros aviculários ausentes. Ovicelo hiperestomial a imerso, não fechado pelo opérculo; ooécio lepralieforme, totalmente calcificado (VIEIRA et al., 2010).

***Marcusadorea pinheiroi* Almeida, Souza, Menegola & Vieira, 2017**

(Figura 106A–C)

Marcusadorea pinheiroi Almeida, Souza, Menegola & Vieira, 2017: 303, figs. 62–65.

Marcusadorea corderoi: Almeida et al., 2015a: 5 (sin. nov.).

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, pontual. Colônia amarelada a bege (*in vivo*). Autozoóides semi-eretos (Lz = 0,862–1,480 mm; lz = 0,669–1,057 mm), globulares, delimitados por paredes laterais elevadas. Parede frontal lepralióide, granulosa e nodulosa; 20–24 pseudoporos frontais. Orifício primário (Lo = 0,272–0,450 mm; lo = 0,261–0,384 mm) com anter arredondado, seio amplo, raso e em forma de U; um par de côneos triangulares proximolaterais. Orifício secundário tubular, não poroso, granuloso. Aviculários ausentes. Ovicelo hiperestomial (Lov = 0,396–0,460 mm; lov = 0,625–0,660 mm; n = 3), ooécio lepralieforme com mesma calcificação frontal que os autozoóides.

Comentários. *Marcusadorea pinheiroi* é a única espécie do gênero que possui autozoóides semi-eretos. Adicionalmente, pode ser diferenciada de todas as outras espécies do gênero pela parede frontal inteiramente perfurada e ausência de pseudoseio e aviculários.

Almeida et al. (2015) identificaram alguns espécimes de *Marcusadorea pinheiroi* da Costa do Dendê na Bahia (UFBA 126) como *Marcusadorea corderoi* (Marcus, 1949). Entretanto, ao analisar tais espécimes em MEV, observou-se que estes possuem autozoóides semi-eretos, um parede frontal com numerosos pseudoporos, orifício primário em forma de casco e não há aviculários, correspondendo a *Marcusadorea pinheiroi*. Em *Marcusadorea corderoi* os autozoóides são planos, os poros frontais

escassos, o orifício primário tem forma de sino e os aviculários suborais estão ocasionalmente presentes.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (ALMEIDA et al., 2017). Descrita recentemente com base em espécimes habitantes de esponjas da Baía de Camamu (Costa do Dendê) na Bahia (ALMEIDA et al., 2017), *Marcusadorea pinheiroi* é conhecida apenas para a Bahia. Ocorre na Costa dos Coqueiros, Costa do Dendê, Costa do Descobrimento e Costa das Baleias, do entremarés a 20 metros de profundidade, principalmente sobre esponjas, rodolitos e rochas.

***Marcusadorea tubulosa* (Canu & Bassler, 1928b)**

(Figura 106D–F)

Holoporella (?) *tubulosa* Canu & Bassler 1928b: 147, pl. 24, figs 1–6, text-fig. 33a.

Marcusadorea tubulosa: Vieira; Migotto; Winston, 2010: 63, figs. 12–15, 18–19; Almeida et al., 2015a: 5; Souza & Almeida, 2017: 266.

Material examinado. Apêndice A.

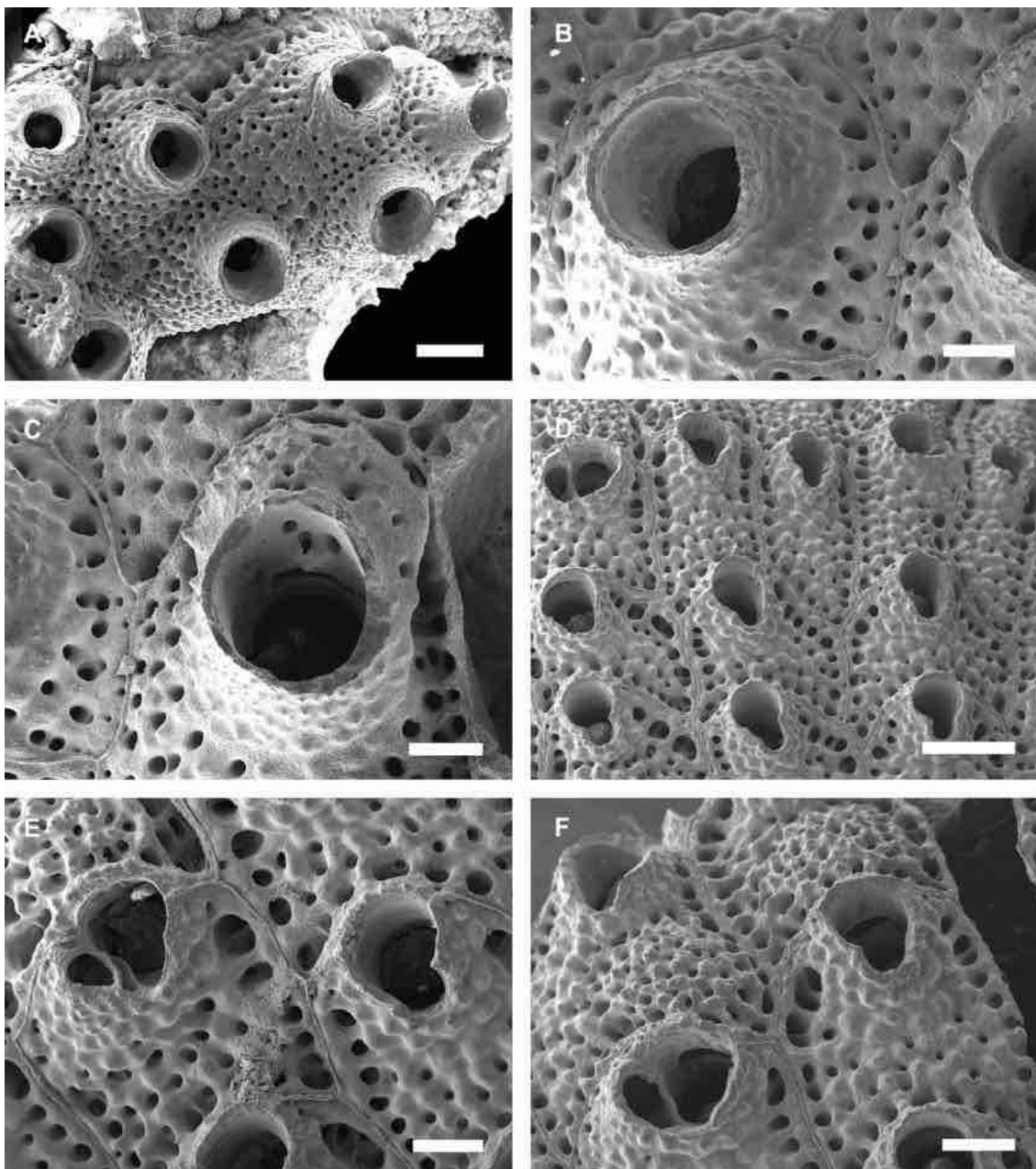
Descrição. Colônia incrustante e unilaminar, ou ereta e cilíndrica. Autozoóides retangulares ou irregulares ou oblongos (Lz = 0,690–1,148 mm; lz = 0,567–0,865 mm), delimitados por paredes laterais elevadas. Parede frontal lepralióide, granulosa e nodulosa; pseudoporos frontais irregularmente dispersos, mais comuns centralmente; série única de poros marginais mais alargados. Orifício primário coberto pelo orifício secundário em forma de sino, pseudoseio proximal em forma de U, calcificação nodulosa. Aviculário latero-oral (Lav = 0,200–0,284 mm; lav = 0,113–0,148 mm; n = 6), único, retangular a oblongo em vista frontal, região proximal reta a levemente côncava, rostro subquadrangular, barra transversal completa, orientado diagonalmente, disposto de um dos lados do orifício secundário. Ovicelo hiperestomial, globular (Lov = 0,294–0,449 mm; lov = 0,451–0,567 mm; n = 8), tonando-se imerso com o desenvolvimento colonial; ooécio lepralióide, mesma calcificação frontal que os autozoóides.

Comentários. *Marcusadorea tubulosa* é reconhecida pelos autozoóides com orifício secundário em forma de sino e pseudoseio proximal, aviculário latero-oral único e ovicelo tonando-se imerso com o desenvolvimento colonial.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Estados Unidos até o Brasil (VIEIRA; MIGOTTO; WINSTON, 2011). *Marcusadorea tubulosa* foi originalmente descrita para o Golfo do México e atualmente ocorre em toda a costa do Atlântico Ocidental (VIEIRA; MIGOTTO; WINSTON, 2011). No Brasil, é conhecida para Alagoas e Bahia (VIEIRA;

MIGOTTO; WINSTON, 2011). Na Bahia, habita rodolitos e rochas, do entremarés até 50 metros de profundidade, na Costa dos Coqueiros, Costa do Dendê e Costa do Descobrimento.

Figura 106. A–C, *Marcusadorea pinheiroi* (UFBA 469); D–F, *Marcusadorea tubulosa* (UFBA 624). A, D, aspecto geral de porção da colônia; B, E, detalhe do orifício; C, F, zoóides ovicelados. Escalas: A, D = 500 μ m; B, C, E = 200 μ m; F = 250 μ m.



Fonte: O autor (2018).

4.47 Família Margarettidae Harmer, 1957

Diagnose. Colônia ereta, articulada, fixa por rizoides. Entrenós frequentemente longos e curvados, formados por séries espirais de zoóides. Calcificação frontal do tipo lepralióide

com pseudoporos frontais e poros marginais. Orifício primário terminal, coberto pelo orifício secundário tubular bem desenvolvido. Ascoporo presente. Aviculários ausentes. Ovicelo perioral (peristomial), ooécio eschareliforme (HARMER, 1957; OSTROVSKY, 2013).

Gênero *Margaretta* Gray, 1843

Diagnose. Entrenós cilíndricos, retos ou curvados, conectados por nós cuticulares marrons, cada um brotando de uma base calcificada curta desenvolvida no entrenó parental. Autozoóides (2–8) dispostos em espirais ao redor do eixo. Parede frontal lepralioide densamente granulosa, aparência reticulada, totalmente perfurada por pseudoporos frontais. Ascoporo disto-medial. Orifício primário subcircular, coberto pelo orifício secundário tipicamente tubular e longo, perfurado e com sulcos longitudinais. Espinhos e aviculários ausentes. Zoóides ovicelados com orifício secundário dimórfico, bulboso na base, geralmente longo e curvo. Ovicelo perioral (peristomial), ooécio eschareliforme (OSTROVSKY, 2013; TILBROOK, 2006).

***Margaretta buski* Harmer, 1957**

(Figura 107A–D)

Margaretta buski Harmer, 1957: 834, pl. 15, fig. 29, text-fig. 91.

Margaretta buski: Vieira, Migotto, Winston, 2008: 29 (sin. cum.); Almeida et al., 2015a: 5; Souza & Almeida, 2017: 266.

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia ereta, articulada, fixa por rizoides. Entrenós cilíndricos retos ou levemente curvado. Autozoóides em trios, dispostos em espirais ao redor do eixo, losangulares (Lz = 0,802–1,030 mm; lz = 0,376–0,498 mm), delimitados por sulcos distintos. Parede frontal densamente granulosa, aparência reticulada, totalmente perfurada por pseudoporos frontais. Ascoporo circular (0,023–0,037 mm de diâmetro) disposto disto-medialmente, acima do meio do autozoóide e abaixo do orifício secundário tubular. Parede frontal lepralioide, granulosa e nodulosa; pseudoporos frontais regularmente dispersos; poros marginais geralmente mais alongados que pseudoporos frontais. Orifício primário coberto pelo orifício secundário tubular (0,166–0,219 mm de comprimento), rugoso e noduloso, perfurado e com sulcos longitudinais. Zoóides ovicelados com orifício secundário dimórfico, bulboso na base, longo e curvo, abertura transversalmente elíptica. Ovicelo perioral (peristomial), ooécio eschareliforme.

Comentários. *Margaretta buski* é reconhecida pelas colônias eretas articuladas formadas por trios de autozoóides dispostos em espirais ao redor do eixo, ascoporo circular, orifício secundário tubular com superfície não perfurada e com sulcos longitudinais e zoóides ovicelados com orifício secundário dimórfico, sendo bulboso na base, longo e curvo. Esta é a única espécie do gênero relatada para o Brasil. Descrita originalmente para o Arquipélago de São Paulo, Di Martino et al. (2017) forneceram fotomicrografias em MEV do material tipo da espécie.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Estados Unidos até o Brasil (DI MARTINO et al., 2017; VIEIRA et al., 2012b). *Margaretta buski* é uma habitante comum de algas vermelhas, mas encontrada em todo tipo de suporte natural (invertebrados como esponjas e hidroides e recifes de corais) e artificial (naufrágios e detritos) (VIEIRA et al., 2012b; WINSTON; EISEMAN, 1980). Conhecida no Brasil desde o Espírito Santo até Pernambuco (VIEIRA; NASCIMENTO; ALMEIDA, 2018), é um dos briozoários mais comuns de toda a costa da Bahia, ocorrendo do entremarés até 50 metros de profundidade, sobre algas, rodolitos, grãos de cascalho e nódulos calcários.

4.48 Família Microporellidae Hincks, 1879

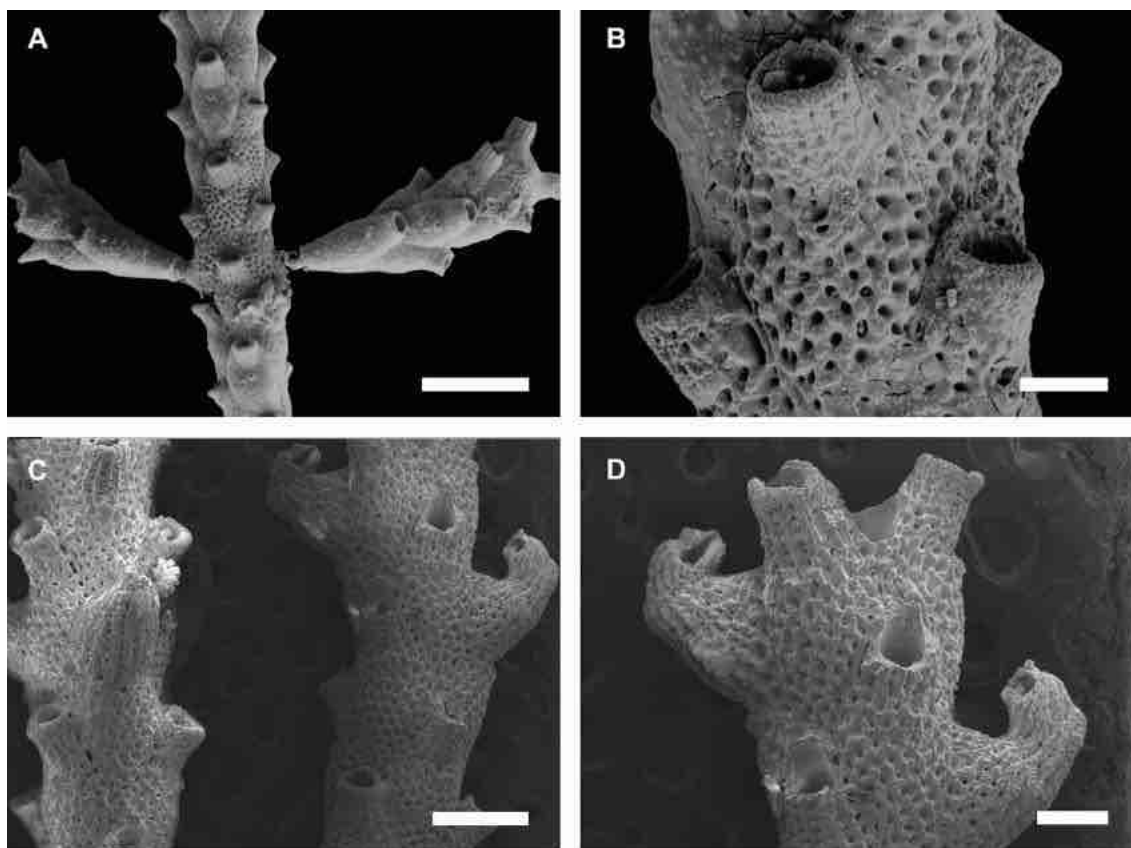
Diagnose. Colônia incrustante, uni a multilaminar, podendo formar lâminas extensas, ou eretas bifoliadas. Autozoóides tipicamente retangulares ou hexagonais, convexos. Calcificação frontal do tipo lepralióide com pseudoporos frontais e poros marginais. Orifício primário semicircular em vista frontal, anter arqueado e poster praticamente reto, sem seio; côneilos e espinhos podem estar presentes. Orifício secundário de desenvolvimento variável. Ascoporo proximal presente. Aviculários adventícios tipicamente adjacentes ao orifício. Ovicelo tipicamente hiperestomial; ooécio microporeliforme, mesma calcificação que a parede frontal (HAYWARD; RYLAND, 1999; OSTROVSKY, 2013).

Gênero *Microporella* Hincks, 1877

Diagnose. Parede frontal pustulosa a com tubérculos, totalmente perfurada por pseudoporos frontais e com poros marginais distintos. Orifício primário semicircular, poster quase reto com crenulações em forma de denticulos e geralmente com par de côneilos; espinhos distais ausentes ou presentes. Orifício secundário com desenvolvimento variável. Ascoporo variando de subcircular a reniforme. Aviculários adventícios, únicos ou pareados, dispostos mediolateralmente nas margens do autozoóide

ou adjacente ao orifício, orientado distal ou lateralmente, barra transversal completa. Ovicelo hiperestomial, por vezes associado com o orifício secundário do zoóide maternal; ooécio microporeliforme, mesma calcificação que a parede frontal (KUKLINSKI; TAYLOR, 2008; OSTROVSKY, 2013).

Figura 107. A–D, *Margaretta buskii* (UFBA 001). A, aspecto geral de porção da colônia; B, detalhe dos autozoóides; C, ramos com autozoóides e zoóides ovicelados; D, detalhe dos zoóides ovicelados. Escalas: A = 1 mm; B = 200 μ m; C = 500 μ m; D = 250 μ m.



Fonte: O autor (2018).

***Microporella curta* Almeida, Souza, Menegola & Vieira, 2017**

(Figura 108A–C)

Microporella curta Almeida, Souza, Menegola & Vieira, 2017: 305, figs. 66–71.

Microporella cucullata: Almeida et al., 2015a: 5.

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, uni a multilaminar. Autozoóides hexagonais ou irregularmente poligonais ($Lz = 0,433\text{--}0,605$ mm; $lz = 0,335\text{--}0,424$ mm), delimitados por paredes laterais elevadas. Parede frontal lepralióide, nódulos frontais pequenos e arredondados, uniformemente perfurada por numerosos pseudoporos, poros marginais

alongados. Orifício primário em forma de D ($L_o = 0,074-0,107$ mm; $l_o = 0,099-0,125$ mm), anter liso, poster com 12–18 denticulos; 3–4 espinhos orais em zoóides não ovicelados. Orifício secundário não desenvolvido. Ascoporo logo abaixo do orifício primário, crescente (0,041–0,062 mm de diâmetro), denticulos pontiagudos marginais. Aviculário único ($L_{av} = 0,129-0,165$ mm; $l_{av} = 0,072-0,092$ mm), disposto proximolateral e abaixo do orifício, direcionado obliquamente, semicircular proximalmente, rostro afunilando como uma calha, barra transversal completa. Ovicelo hiperestomial ($L_{ov} = 0,192-0,233$ mm; $l_{ov} = 0,234-0,306$ mm), ooécio microporeliforme, associado com o orifício secundário do zoóide maternal, formando orifício secundário bem desenvolvido nos zoóides ovicelados.

Comentários. *Microporella curta* é distinta de todas as congêneres pela parede frontal com nódulos pequenos e arredondados, orifício primário com 3–4 espinhos, orifício secundário não desenvolvido, ascoporo crescente e denticulado, aviculário único com rostro em forma de calha e ovicelo associado com o orifício secundário do zoóide maternal. Esta é a única espécie de *Microporella* conhecida para a Bahia e foi descrita com base em colônias associadas a esponjas da Baía de Todos os Santos (ALMEIDA et al., 2017).

Alguns espécimes de *Microporella curta* da Bahia foram confundidos com *Microporella cucullata* Canu & Bassler, 1928a (ALMEIDA et al., 2015a; UFBA 613), entretanto esta segunda espécie possui autozoóides maiores (0.544–0.638 mm de comprimento e 0.438–0.700 mm de largura), aviculários direcionados lateralmente e ovicelo submerso.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (ALMEIDA et al., 2017). Conhecida apenas para a Bahia, *Microporella curta* ocorre na Costa dos Coqueiros, Baía de Todos os Santos e Costa das Baleias, do entremarés a 30 metros de profundidade, sobre corais, esponjas e rodolitos.

4.49 Família Petraliellidae Harmer, 1957

Diagnose. Colônia incrustante, unilaminar a semi-ereta ou tubular, ocasionalmente discoide. Autozoóides geralmente grandes. Calcificação frontal do tipo lepralioide com pseudoporos frontais e poros marginais distintos. Orifício primário ocasionalmente com endentações proximais, ou côneilos laterais, ou com denticulos proximolaterais, ou poster com seio distinto. Espinhos orais raros. Orifício secundário ocasionalmente formando umbo suboral. Aviculários adventícios desenvolvidos dos poros marginais, latero-orais ou

proximais e associados ao umbo suboral. Ovicelos tipicamente hiperestomiais, fechados pelo opérculo zooidal; ooécio lepralieforme, superfície densamente porosa. Parede basal com câmaras radiculares ou septulas porosas (OSTROVSKY, 2013; TILBROOK; COOK, 2005).

Gênero *Utinga* Marcus, 1949

Diagnose. Colônia incrustante, unilaminar. Parede frontal nodulosa a com tubérculos, totalmente perfurada por pseudoporos frontais e com poros marginais distintos. Orifício primário subquadrangular, poster com lábio convexo mediano, um par de côndilos laterais; espinhos ausentes. Orifício secundário pouco desenvolvido. Aviculários adventícios tipicamente latero-orais, únicos ou pareados, ocasionalmente associados aos ovicelos. Ovicelo hiperestomial, ooécio lepralieforme, superfície com pequenos e numerosos poros (MARCUS, 1949; OSTROVSKY, 2013).

***Utinga castanea* (Busk, 1884)**

(Figura 108D–F)

Mucronella castanea Busk, 1884: 157, pl. 19, fig. 6.

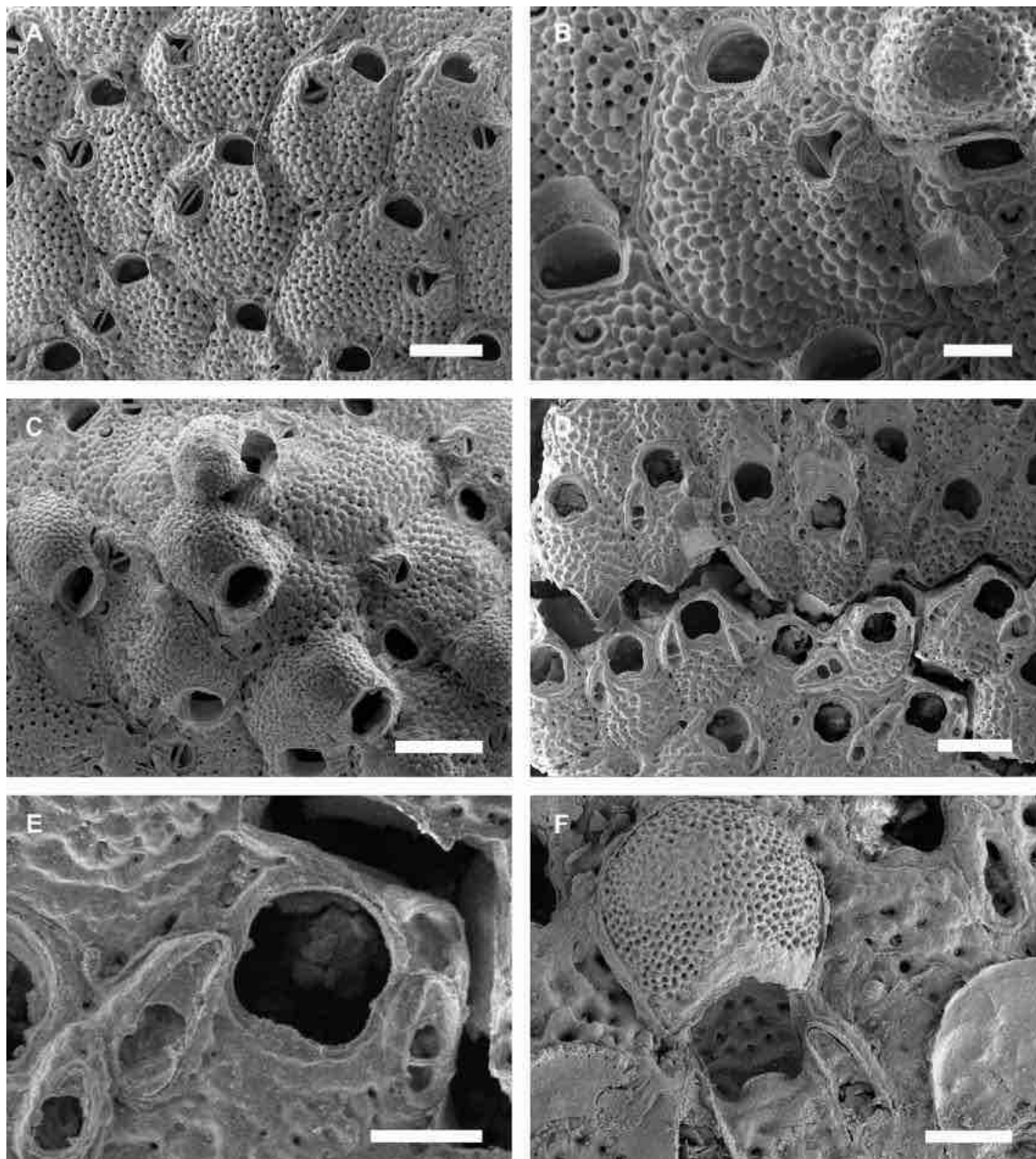
Utinga castanea: Vieira et al., 2018: 30 (sin. cum.); Almeida et al., 2015a: 5; Souza & Almeida, 2017: 266.

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, unilaminar. Autozoóides subretangulares ou subhexagonais ($Lz = 0,786\text{--}0,957$ mm; $lz = 0,434\text{--}0,573$ mm), limitados por paredes laterais elevadas. Parede frontal lepralióide, nodulosa, numerosos e pseudoporos pequenos frontais, exceto logo abaixo do orifício; poros marginais ocasionalmente maiores que pseudoporos frontais. Orifício primário subquadrangular ($Lo = 0,227\text{--}0,265$ mm; $lo = 0,225\text{--}0,253$ mm), anter arqueado, poster com lábio proximal mediano convexo e um par de côndilos subtriangulares mediolaterais. Aviculário adventício de tamanho moderado ($Lav1 = 0,253\text{--}0,334$ mm; $lav1 = 0,097\text{--}0,130$ mm), subtriangular a sublanceolado em forma, margem proximal arredondada, rostro triangular curto, barra transversal completa e forâmen elíptico, único ou pareado, disposto lateralmente ao orifício, orientado distalmente. Ocasionalmente o aviculário subtriangular a sublanceolado está pareado com aviculário adventício pequeno ($Lav2 = 0,091\text{--}0,126$ mm; $lav2 = 0,054\text{--}0,082$ mm), elíptico em forma, barra transversal completa e forâmen elíptico. Ovicelo hiperestomial, globular ($Lov = 0,441\text{--}0,478$ mm; $lov = 0,409\text{--}0,481$

mm; n = 6); ooécio lepralieforme, superfície totalmente perfurada por pequenos e numerosos poros.

Figura 108. A–C, *Microporella curta* (UFBA 1580); D–F, *Utinga castanea* (UFBA 287). A, D, aspecto geral de porção da colônia; B, E, detalhe de autozoóides, orifício e aviculários; C, F, zoóides ovicelados. Escalas: A, E, F = 200 μ m; B = 100 μ m; C = 250 μ m; D = 500 μ m.



Fonte: O autor (2018).

Comentários. *Utinga castanea* é caracterizada pelo orifício primário quadrangular com um par de côneos subtriangulares mediolaterais, aviculários adventícios laterais ao orifício subtriangulares a lanceolados, únicos ou pareados, ocasionalmente pareado com aviculário pequeno elíptico e ovicelo com numerosos poros.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (VIEIRA; MIGOTTO; WINSTON, 2008, 2012). Esta é a única espécie do gênero *Utinga* conhecida para o Brasil, considerada endêmica e registrada desde o Espírito Santo até o Rio Grande do Norte (VIEIRA et al., 2012, 2018). Desde a descrição original, *Utinga castanea* nunca tinha sido caracterizada ou figurada novamente. Na Bahia, ocorre em toda a costa, entre 10–48 metros de profundidade, sobre nódulos calcários e rochas.

4.50 Família Schizoporellidae Jullien, 1883

Diagnose. Colônias incrustantes, uni a multilaminar; ou eretas, uni ou bilaminares. Autozoóides com limites distintos. Calcificação frontal do tipo lepralióide com pseudoporos frontais e poros marginais. Orifício primário com anter amplo e poster com seio distinto, em forma de U ou V, amplo ou estreito; um par de côndilos laterais. Aviculários adventícios latero-orais e aviculários interzoidais são comuns. Ovicelo hiperestomial com aberturas de formas variadas; ooécio microporeliforme, ectooécio membranoso; superfície porosa (HAYWARD; RYLAND, 1999; OSTROVSKY, 2013).

Gênero *Schizobrachiella* Canu & Bassler, 1920

Diagnose. Parede frontal totalmente perfurada por pseudoporos regularmente dispostos. Seio amplo ou estreito, côndilos laterais proeminentes. Aviculários adventícios desenvolvidos de septulas porosas frontais adjacentes ao orifício, dispostos nas paredes distais ou distolaterais do autozoóides, latero-orais, únicos ou pareados, monomórficos. Ovicelo fechado pelo opérculo zooidal, ooécio microporeliforme, ectooécio membranoso; superfície porosa (HAYWARD; RYLAND, 1999; OSTROVSKY, 2013).

Schizobrachiella lacrimosa (Cook, 1964) comb. nov.

(Figura 109A–C)

Hippoporina lacrimosa Cook, 1964: 7, text-fig. 2A.

Hippoporina sp.2: Almeida et al., 2015a: 4; Souza & Almeida, 2017: 266.

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante. Autozoóides quadrangulares a retangulares (Lz = 0,294–0,422 mm; lz = 0,232–0,348 mm), delimitados por paredes laterais elevadas. Parede frontal lepralióide, com tubérculos, totalmente perfurada por pseudoporos, exceto logo abaixo do orifício; poros marginais geralmente maiores que pseudoporos frontais. Orifício primário subcircular (Lo = 0,106–0,126 mm; lo = 0,097–0,119 mm), anter

arredondado, poster com seio raso e amplo; um par de côneilos proximolaterais arredondados. Orifício secundário noduloso geralmente com umbo suboral. Aviculário adventício ($L_{av} = 0,136\text{--}0,187$ mm; $l_{av} = 0,054\text{--}0,065$ mm) único ou em pares, comprimento maior que o orifício primário, forma de um número 8 desigual, margem proximal arredondada curta e rostro subespatulado e amplo, barra transversal completa formando constrição proximal, disposto vertical e lateralmente ao orifício, orientado proximalmente. Ovicelo hiperestomial ($L_{ov} = 0,203\text{--}0,219$ mm; $l_{ov} = 0,243\text{--}0,267$ mm); ooécio microporeliforme, numerosos poros e tubérculos pequenos.

Comentários. Esta espécie foi originalmente descrita no gênero *Hippoporina*, porém a espécie é distinta pelo tipo de ooécio, que é microporeliforme (com ectooécio não calcificado e entooécio conectado com escudo frontal do zoóide distal). Espécies de *Hippoporina* possuem ooécio lepralieforme, de endo e ectooécio calcificados, o ectooécio com calcificação e poros distintos daqueles do escudo frontal. A morfologia do ooécio, presença de orifício primário com seio e côneilos laterais, ausência de espinhos orais e aviculários tipicamente adjacentes ao orifício (HAYWARD; RYLAND, 1979), permitiu reclassificar a espécie no gênero *Schizobrachiella*.

Schizobrachiella lacrimosa comb. nov. foi originalmente descrita para o Atlântico Oriental (Gana) com base em colônias incrustadas sobre outros briozoários (COOK, 1964). Não foram observadas diferenças morfológicas e morfométricas entre os espécimes descritos por Cook (1964) e o material aqui analisado. *Schizobrachiella lacrimosa* comb. nov. difere de todas as congêneres principalmente na forma do aviculário, que lembra um número 8 desigual.

Distribuição. Atlântico Oriental: Gana; Atlântico Ocidental: Brasil (ALMEIDA et al., 2015a; COOK, 1964). Relatada no Brasil apenas para a Bahia, ocorre na Costa dos Coqueiros e Baía de Todos os Santos, desde o entremarés até 35 metros de profundidade, frequentemente sobre conchas de moluscos e rochas.

***Schizobrachiella* sp. nov.**

(Figura 109D–F)

Schizoporella unicornis: Almeida et al., 2015a: 5; Souza & Almeida, 2017: 266.

Material examinado. Holótipo: UFBA 712, Baía de Todos os Santos. Parátipo: UFBA 2388, Baía de Todos os Santos. Material adicional: Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante. Autozoóides quadrangulares a retangulares ($L_z = 0,679\text{--}0,846$ mm; $l_z = 0,563\text{--}0,756$ mm), ocasionalmente poligonais, delimitados por paredes

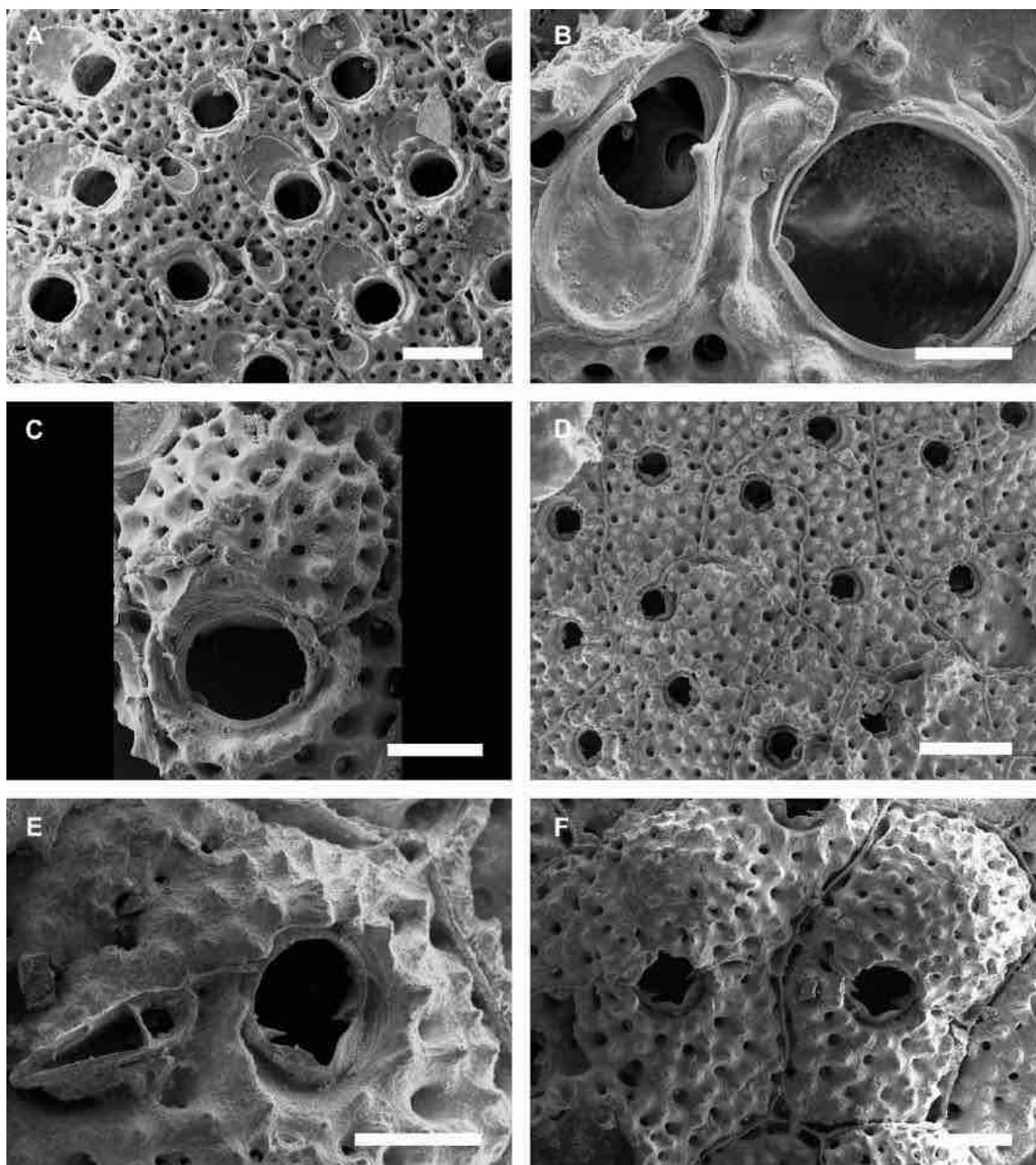
laterais elevadas. Parede frontal lepralióide, levemente a densamente com tubérculos, perfurada por pseudoporos frontais espaçados; poros marginais pequenos. Orifício primário ($L_o = 0,173-0,188$ mm; $l_o = 0,137-0,168$ mm), anter semicircular, poster com seio mediano estreito e em forma de V; côneilos proximolaterais triangulares, terminando em pontas afiladas, conspícuos. Orifício secundário noduloso, geralmente com borda crenulada conspícua. Aviculário adventício ($L_{av} = 0,462-0,546$ mm; $l_{av} = 0,133-0,202$ mm), único, aspecto geral lanceolado, margem proximal arredondada curta e rostro subtriangular e longo, forâmen lanceolado e barra transversal completa, disposto horizontal e lateralmente ao orifício, orientado latero-proximalmente. Ovicelo hiperestomial ($L_{ov} = 0,477-0,573$ mm; $l_{ov} = 0,546-0,719$ mm; $n = 6$); ooécio microporeliforme, poroso e tuberculoso.

Comentários. Alguns espécimes de *Schizobrachiella* sp. nov. da Bahia estavam previamente identificados como *Schizoporella unicornis* (Johnston em Wood, 1844), espécie tradicionalmente considerada cosmopolita, mas cujos registros longe da distribuição natural esperada (Atlântico Norte Oriental e Mediterrâneo) são duvidosos (HAYWARD; RYLAND, 1999). Entretanto, análise desse material com MEV evidenciou que estes possuem aviculários adventícios monomórficos desenvolvidos de septulas porosas adjacentes ao orifício e ooécio com superfície densamente porosa. Estas são características diagnósticas de *Schizobrachiella*, contrastantes com espécies de *Schizoporella* que possuem aviculários adventícios ocasionalmente dimórficos desenvolvidos de septulas porosas frontais e ooécio com superfície com umbo e nervuras (HAYWARD; RYLAND, 1999). Adicionalmente, *Schizoporella unicornis* possui aviculários latero-orais pareados e pequenos, seio orifício arredondado, côneilos pequenos e indistintos e umbo suboral. Em *Schizobrachiella* sp. nov. os aviculários são únicos, grandes e lanceolados, com seio orifício profundo e em forma de V, os côneilos são conspícuos e triangulares e não há umbo suboral. Essa combinação de características morfológicas também distingue *Schizobrachiella* sp. nov. de todas as suas sete congêneres: *Schizobrachiella convergens* Harmer, 1957, *Schizobrachiella sanguinea* (Norman, 1868) e *Schizobrachiella verrilli* (Maturó & Schopf, 1968) possuem orifício com seio raso, côneilos pequenos e aviculários pequenos, por vezes pareados; *Schizobrachiella candida* (Stimpson, 1854) e *Schizobrachiella stylifera* (Levinsen, 1886) possuem seio em forma de U e côneilos arredondados e não há aviculários; *Schizobrachiella lacrimosa* possui seio amplo e raso, côneilos arredondados e aviculários

em forma de 8 desigual; *Schizobrachiella porosa* (Verrill, 1879) possui numerosos pseudoporos frontais, côneilos em forma de gancho e não há aviculários.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil. *Schizobrachiella* sp. nov. é comum sobre suportes rígidos como conchas de moluscos e nódulos calcários, de 5 a 45 metros de profundidade ao longo de toda a costa da Bahia.

Figura 109. A–C, *Schizobrachiella lacrimosa* comb. nov. (UFBA 360); D–F, *Schizobrachiella* sp. nov. (UFBA 712). A, D, aspecto geral de porção da colônia; B, E, detalhe do orifício e aviculários; C, F, zoóides ovicelados. Escalas: A, E = 200 μ m; B = 50 μ m; C = 100 μ m; D = 500 μ m; F = 250 μ m.



Fonte: O autor (2018).

Gênero *Stylopoma* Levinsen, 1909

Diagnose. Colônia incrustante, inicialmente unilaminar e geralmente desenvolvendo colônia extensiva multilaminar. Parede frontal totalmente perfurada por numerosos pseudoporos e com poros marginais distintos. Orifício primário com seio tipicamente estreito, côndilos proeminentes de formas variadas; espinhos orais ausentes. Aviculários adventícios tipicamente proximolaterais ao orifício, ocasionalmente frontais; aviculários vicariantes presentes em várias espécies. Ovicelo fechando totalmente o orifício do zoóide materno, disposto na parede frontal de um ou mais autozoóides distais, apresentando mesma calcificação que a parede frontal; abertura oocel de forma variada (TILBROOK, 2001).

***Stylopoma aurantiacum* Canu & Bassler, 1928a**

(Figura 110A–D)

Stylopoma aurantiacum Canu & Bassler, 1928a: 78, pl. 4, figs. 3, 4.

Stylopoma aurantiacum: Almeida et al., 2017: 303, figs. 54–59 (sin. cum.).

Material examinado. Apêndice A.

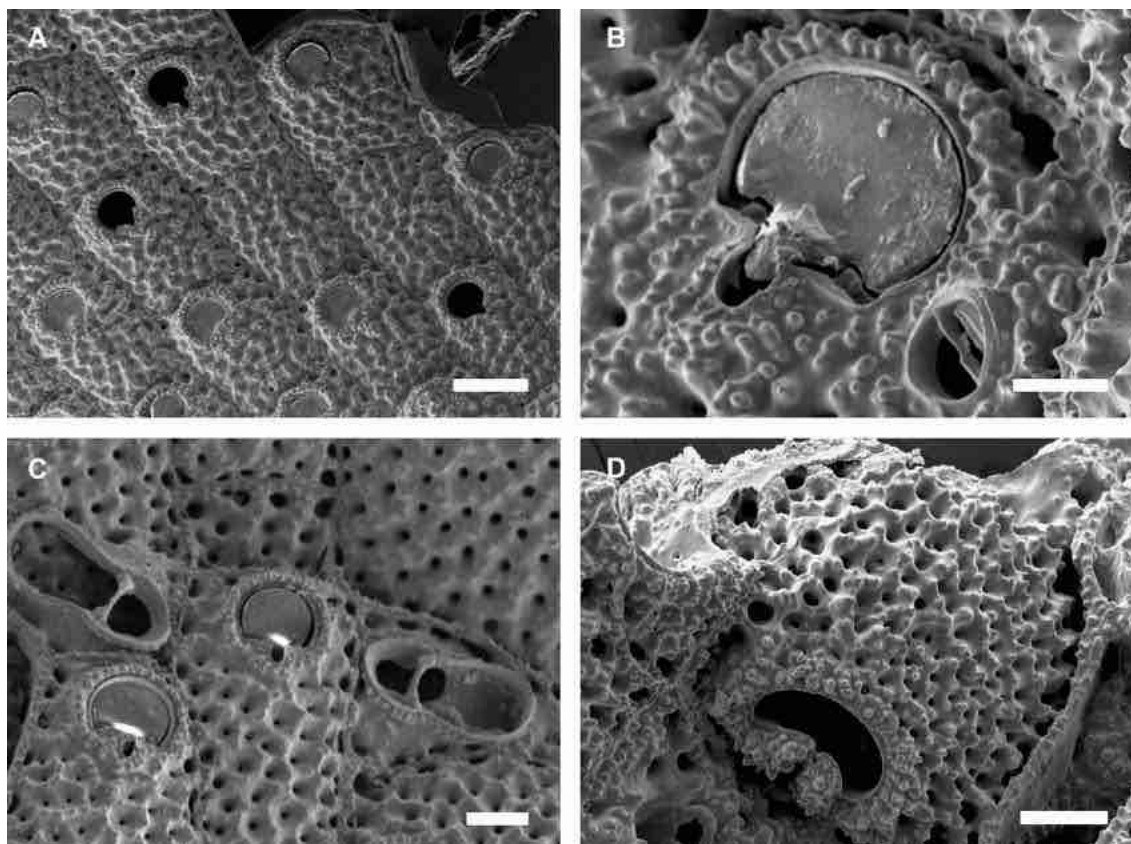
Descrição. Colônia incrustante, uni a multilaminar. Autozoóides retangulares ou irregularmente poligonais ($Lz = 0,455\text{--}0,614$ mm; $lz = 0,302\text{--}0,514$ mm), delimitados por suturas pouco elevadas. Parede frontal lepralióide, rugosa e com numerosos pseudoporos pequenos frontais e poros marginais distintamente alongados. Orifício primário em forma de D transversal ($Lo = 0,098\text{--}0,124$ mm; $lo = 0,124\text{--}0,142$ mm), anter arqueado e poster com seio estreito, em forma de U; um par de côndilos subretangulares proximolaterais. Orifício secundário pouco desenvolvido, podendo formar pequenos tubérculos. Aviculário adventício frontal pequeno ($Lav1 = 0,056\text{--}0,078$ mm; $lav1 = 0,045\text{--}0,063$ mm; $n = 6$), único, disposto de um dos lados do orifício, orientado distalmente, com rostro arredondado ou oval, barra transversal completa e com forâmen oval. Aviculário interzooidal grande ($Lav2 = 0,298\text{--}0,282$ mm; $lav2 = 0,099\text{--}0,102$ mm; $n = 2$) com orientação variável, em forma de pé em vista frontal, região proximal semicircular, palato subespatulado, barra transversal completa, forâmen oval e com palato ocupando cerca de metade do comprimento do rostro. Ovicelo hiperestomial ($Lov = 0,405\text{--}0,492$ mm; $lov = 0,416\text{--}0,557$ mm; $n = 6$), abertura com extensões em forma de garra, não fusionadas; oocel microporeliforme com superfície porosa entre tubérculos.

Comentários. *Stylopoma aurantiacum* é caracterizada e distinta de todas as outras espécies do gênero pela presença do orifício com seio estreito em forma de U, côndilos

subretangulares, aviculário adventício latero-oral, oval e pequeno, aviculário interzooidal em forma de pé e abertura do ovicelo com extensões em forma de garra.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014; ALMEIDA et al., 2017). *Stylopoma aurantiacum* foi recentemente descrita pela primeira vez desde o relato original (WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014). Também foi relatada habitando esponjas na Baía de Camamu (Costa do Dendê), Bahia. Endêmica do Brasil, é conhecida para Pernambuco e Bahia (WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014; ALMEIDA et al., 2017). Na Bahia, ocorre na Baía de Todos os Santos e Costa do Dendê, do entremarés a 50 metros de profundidade, sobre outros briozoários, corais, esponjas, nódulos calcários e rochas.

Figura 110. A–D, *Stylopoma aurantiacum* (UFBA 1182). A, aspecto geral de porção da colônia; B, detalhe do orifício e aviculário; C, autozoóides e aviculários interzooidais; D, detalhe do ovicelo. Escalas: A = 250 μ m; B = 50 μ m; C, D = 100 μ m.



Fonte: O autor (2018).

Stylopoma carioca Winston, Vieira & Woollacott, 2014

(Figura 111A–D)

Stylopoma smitti: Almeida et al., 2015a: 5; Souza & Almeida, 2017: 266.

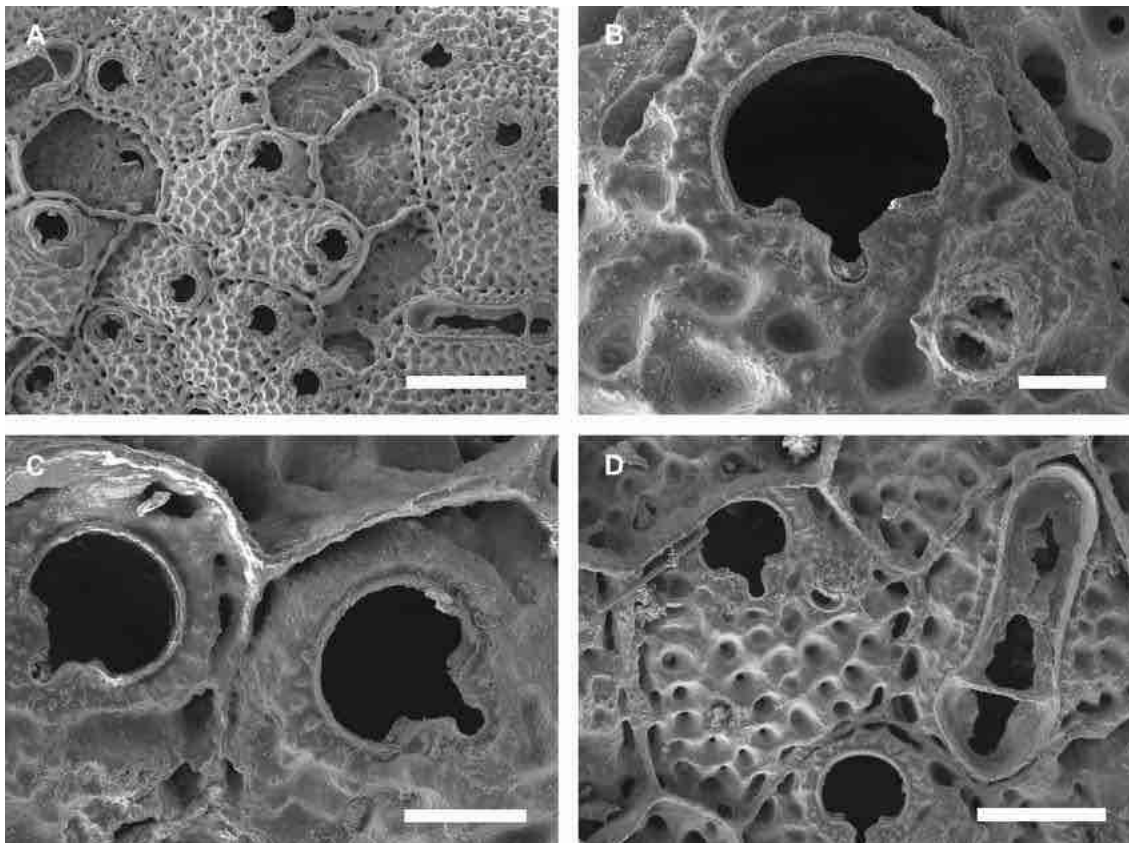
Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, uni a multilaminar. Autozoóides subretangulares ou irregularmente poligonais ($Lz = 0,495-0,664$ mm; $lz = 0,296-0,623$ mm), delimitados por suturas rasas. Parede frontal lepralióide, rugosa, numerosos e pseudoporos pequenos frontais, poros marginais alongados. Orifício primário em forma de D transversal ($Lo = 0,100-0,116$ mm; $lo = 0,121-0,147$ mm), anter arqueado e poster com seio em forma de funil com região proximal arredondada; um par de dentículos em forma de barra, subretangulares, ponta arredondada, proximolaterais. Orifício secundário formando tubérculos diminutos. Aviculário adventício frontal pequeno ($Lav1 = 0,051-0,080$ mm; $lav1 = 0,043-0,057$ mm), arredondado a oval, único, barra transversal completa e forâmen oval, disposto de um dos lados do orifício, orientado distalmente. Aviculário interzooidal alongado ($Lav2 = 0,480-0,571$ mm; $lav2 = 0,150-0,178$ mm; $n = 8$), região proximal semicircular, rostro suboblongo, barra transversal completa, forâmen elíptico alongado e palato ocupando menos de metade do comprimento do rostro, orientação variável. Ovicelo não observado.

Comentários. Espécimes de *Stylopoma carioca* da Bahia estavam previamente identificados como *Stylopoma smitti* Winston, 2005 (ALMEIDA et al., 2015a). Apesar de ambas possuírem côneilos em forma de barra, orifício secundário com pequenos nódulos, aviculário adventício latero-oral arredondado ou oval e aviculário interzooidal grande, os espécimes da Bahia possuem caracteres morfológicos diagnósticos concordantes com *Stylopoma carioca*, incluindo autozoóides com pseudoporos pequenos frontais (maiores em *Stylopoma smitti*), orifício primário com seio em forma de funil com região proximal arredondada (em forma de gota em *Stylopoma smitti*) e aviculário interzooidal com palato suboblongo (espatulado em *Stylopoma smitti*).

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (ALMEIDA et al., 2015a; WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014). Endêmica do Brasil, *Stylopoma carioca* foi descrita recentemente com base em espécimes coletados no Rio de Janeiro (WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014). Este é o primeiro registro da espécie desde sua descrição original. Na Bahia, ocorre na Costa dos Coqueiros, Baía de Todos os Santos, Costa do Dendê e Costa das Baleias, entre 15–35 metros de profundidade. Na Costa dos Coqueiros, *Stylopoma carioca* forma incrustações largas sobre suportes rígidos como nódulos calcários e rochas.

Figura 111. A–D, *Stylopoma carioca* (UFBA 269). A, aspecto geral de porção da colônia; B, C, detalhe do orifício e aviculário (B); D, autozoóides e aviculário interzooidal. Escalas: A = 500 μm ; B = 50 μm ; C = 100 μm ; D = 200 μm .



Fonte: O autor (2018).

***Stylopoma rotundum* Winston, Vieira & Woollacott, 2014**

(Figura 112A–D)

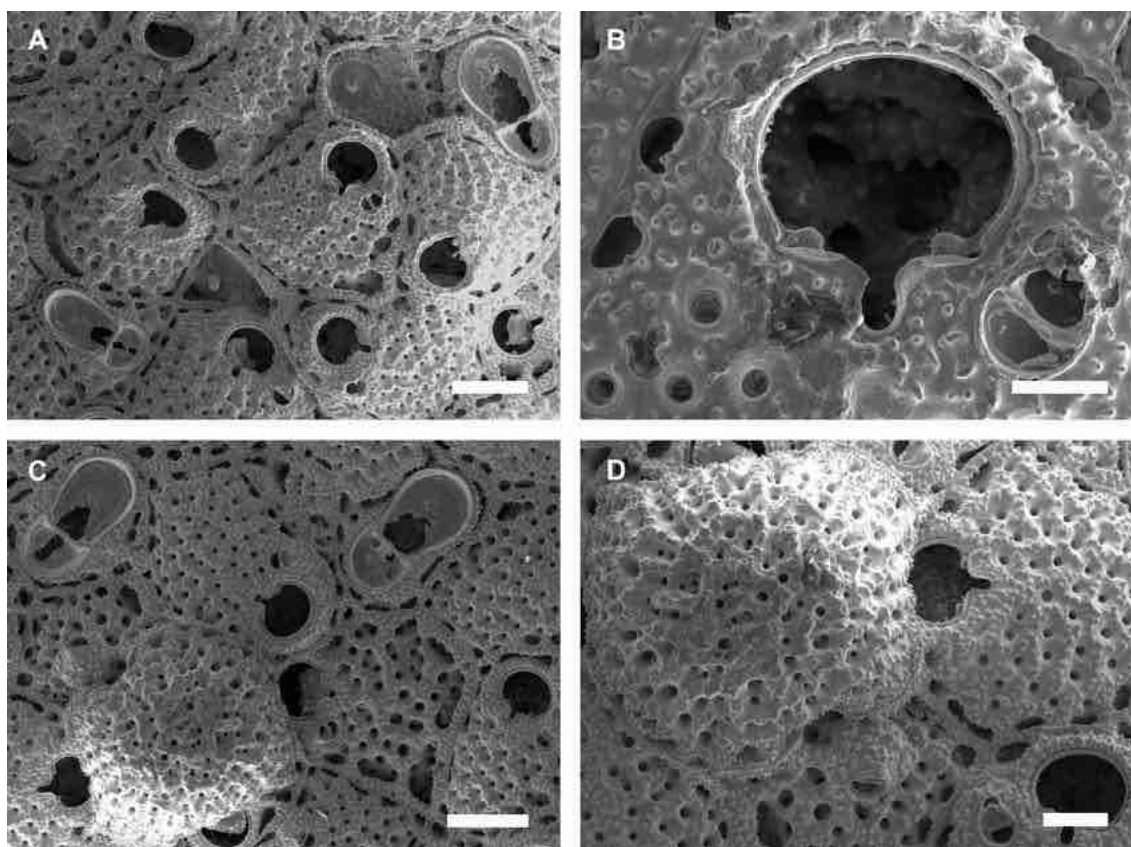
Stylopoma spongites: Almeida et al., 2015a: 5; Souza & Almeida, 2017: 266.

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, uni a multilaminar, geralmente formando incrustações tubulares ao redor do suporte. Autozoóides subretangulares, subhexagonais ou irregularmente poligonais ($Lz = 0,444\text{--}0,553$ mm; $lz = 0,303\text{--}0,413$ mm), delimitados por suturas rasas. Parede frontal lepralióide, rugosa, formando nódulos frontais pequenos e arredondados; pseudoporos frontais numerosos e poros marginais alongados. Orifício primário em forma de D transversal ($Lo = 0,106\text{--}0,113$ mm; $lo = 0,114\text{--}0,146$ mm), anter arqueado e poster com seio em forma de gota; um par de denticulos em forma de barra, subretangulares, ponta em forma de gancho, proximolaterais. Orifício secundário com pequenos tubérculos e nódulos, geralmente com umbo suboral pontiagudo com mesma calcificação da parede frontal. Aviculário adventício frontal pequeno ($Lav1 = 0,053\text{--}0,085$ mm; $lav1 = 0,043\text{--}0,061$ mm), arredondado a oval, único, barra transversal

completa e forâmen oval, disposto de um dos lados do orifício, orientado distalmente. Aviculário interzooidal variando em comprimento, tipicamente menor ($L_{av2} = 0,162-0,388$ mm; $lav2 = 0,117-0,150$ mm) e ocasionalmente com até o dobro do comprimento de um autozoóide, região proximal semicircular, rostro espatulado, barra transversal completa, forâmen elíptico e palato ocupando mais da metade do comprimento do rostro, orientação variável. Ovicelo hiperestomial ($L_{ov} = 0,577-0,462$ mm; $lov = 0,492-0,570$ mm; $n = 4$), abertura com extensões em forma de garra; ooécio microporeliforme, superfície com poros e tubérculos.

Figura 112. A–D, *Stylopoma rotundum* (UFPE 157). A, aspecto geral de porção da colônia; B, detalhe do orifício e aviculário; C, autozoóides, aviculários interzooidais e ovicelo; D, detalhe do ovicelo. Escalas: A, C = 200 μ m; B = 50 μ m; D = 100 μ m.



Fonte: O autor (2018).

Comentários. Conhecida até o momento apenas para o Rio de Janeiro, *Stylopoma rotundum* é caracterizada pelos autozoóides com grande pseudoporos frontais, orifício primário com seio em forma de gota e denticulos em forma de barra com ponta em forma de gancho, aviculário adventício latero-oral arredondado a oval e aviculário interzooidal gigante com rostro espatulado.

Espécimes de *Stylopoma rotundum* da Bahia foram confundidos com *Stylopoma spongites* (Pallas, 1766), originalmente descrita para o Caribe, mas historicamente considerada distribuída por todo o Atlântico (TILBROOK, 2001). Ambas possuem aviculários adventícios latero-orais tipicamente não pareados e aviculários interzooidais variando em comprimento de metade a até o dobro de um autozoóide. *Stylopoma spongites* difere de *Stylopoma rotundum*, entretanto, pelo seio em forma de fenda (em forma de gota em *Stylopoma rotundum*), aviculários adventícios com rostro subtriangular (semicircular em *Stylopoma rotundum*) e ovicelo com abertura semicircular (com extensões em forma de garra em *Stylopoma rotundum*).

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014). *Stylopoma rotundum* é a espécie de *Stylopoma* mais comum da Bahia, ocorrendo ao longo de toda a costa, de 10 a 35 metros de profundidade. Colônias incrustantes são comuns sobre rodolitos e fragmentos de corais e colônias tubulares estão associadas a suportes diversos, como algas, hidroides e esponjas.

***Stylopoma* sp. nov.1**

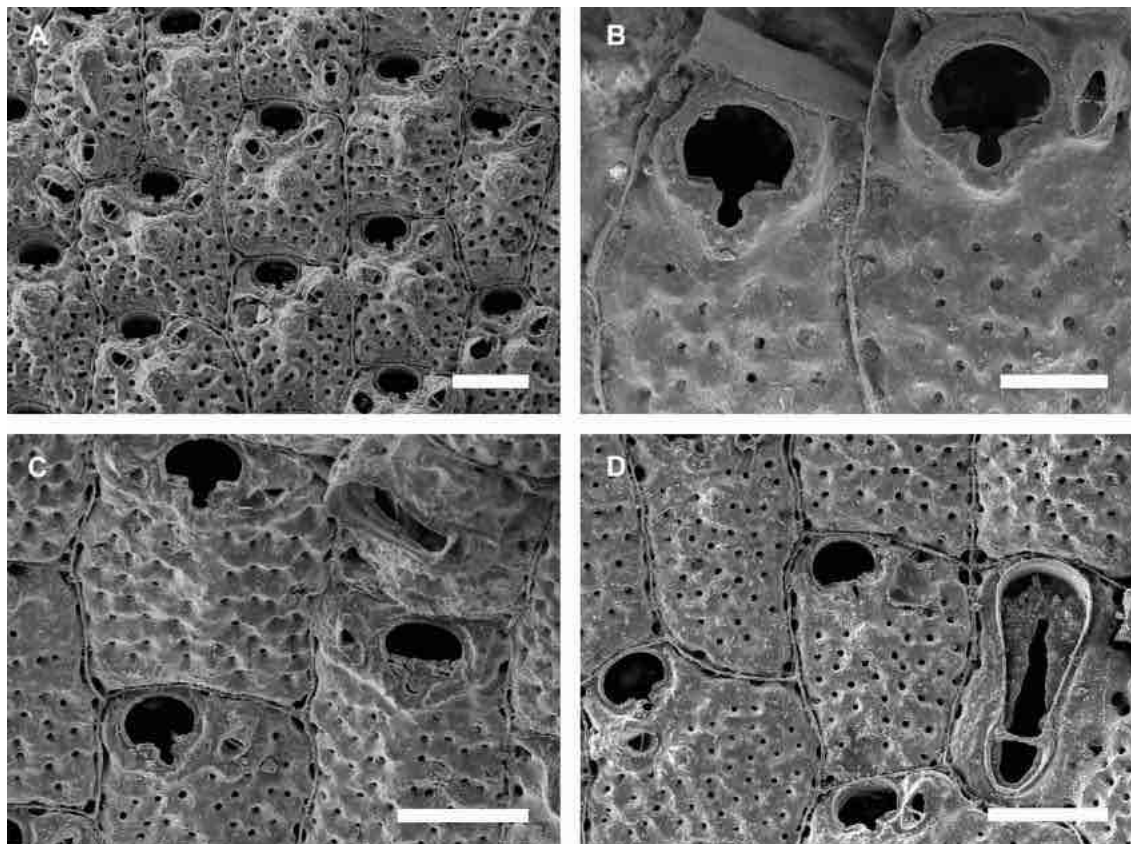
(Figura 113A–D)

Material examinado. Holótipo: UFPE 116, Costa dos Coqueiros. Parátipo: UFPE 147, Costa dos Coqueiros. Material adicional: Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, uni a multilaminar. Autozoóides subretangulares ou subquadrangulares ($Lz = 0,391\text{--}0,505$ mm; $lz = 0,248\text{--}0,396$ mm), delimitados por paredes laterais elevadas. Parede frontal lepralióide com superfície rugosa, granulosa e com 38–42 pseudoporos frontais e poros marginais distintamente alongados. Orifício primário em forma de D transversal ($Lo = 0,073\text{--}0,084$ mm; $lo = 0,099\text{--}0,117$ mm) com par de denticulos proximolaterais em forma de barra, subretangulares e de margens retas; anter arqueado e poster com seio em forma de gota;. Orifício secundário levemente elevado e formando pequenos tubérculos, com umbo suboral pontiagudo sem poros e com mesma calcificação nodulosa. Aviculário adventício frontal pequeno ($Lav1 = 0,073\text{--}0,098$ mm; $lav1 = 0,041\text{--}0,056$ mm), único ou pareado, tipicamente colocado lateralmente na altura (ou pouco abaixo) do seio do orifício, orientado distolateralmente, rostro subtriangular ou rômbo, barra transversal completa e com forâmen elíptico; Aviculário interzooidal tipicamente com mesmo comprimento que um autozoóide ($Lav2 = 0,399\text{--}0,407$ mm; $lav2 = 0,099\text{--}0,107$ mm; $n = 3$), orientação variável (tipicamente distalmente orientado), rostro espatulado, região proximal semicircular, barra transversal

completa, forâmen elíptico e com palato ocupando menos da metade do comprimento do rostro. Ovicelo não observado.

Figura 113. A–D, *Stylopoma* sp. nov.1 (UFPE 116). A, aspecto geral de porção da colônia; B, detalhe do orifício e aviculário; C, D, autozoóides e aviculários interzooidais. Escalas: A, C, D = 200 μ m; B = 100 μ m.



Fonte: O autor (2018).

Comentários. *Stylopoma* sp. nov.1 é caracterizada pelo orifício com côneos retangulares não serreados e seio em forma de gota, pequenos aviculários latero-orais, (únicos ou pareados) orientados distalmente, raramente nas margens zooidais proximais, um parede frontal com umbo suboral pontiagudo e aviculário interzooidal com rostro espantado. Essa combinação de caracteres diferencia *Stylopoma* sp. nov.1 de todas as espécies do gênero registradas para o Brasil (*S. aurantiacum*, *S. carioca*, *S. rotundum*, *S. smitti* e *S. spongites*).

Entre as 34 espécies conhecidas de *Stylopoma*, *Stylopoma* sp. nov.1 é mais semelhante a *Stylopoma haywardi* Winston & Woollacott, 2009, mas a segunda espécie possui uma parede frontal mais de 80 pseudoporos frontais (cerca de 40 em *Stylopoma* sp. nov.1), orifícios maiores (0,091–0,127 mm de comprimento e 0,109–0,127 mm de largura em *Stylopoma haywardi*; 0,073–0,084 mm de comprimento e 0,099–0,117 mm de largura

Stylopoma sp. nov.1), seio profundo (arredondado em *Stylopoma* sp. nov.1) e aviculário sem constrição (com constrição mediana em *Stylopoma* sp. nov.1).

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil. Endêmica da Bahia, *Stylopoma* sp. nov.1 é habitante de rodolitos da Costa dos Coqueiros e nódulos calcários na Baía de Todos os Santos.

***Stylopoma* sp. nov.2**

(Figura 114A–D)

Material examinado. Holótipo: UFPE 152, Costa dos Coqueiros. Parátipo: UFBA 095, Costa dos Coqueiros. Material adicional: Apêndice A.

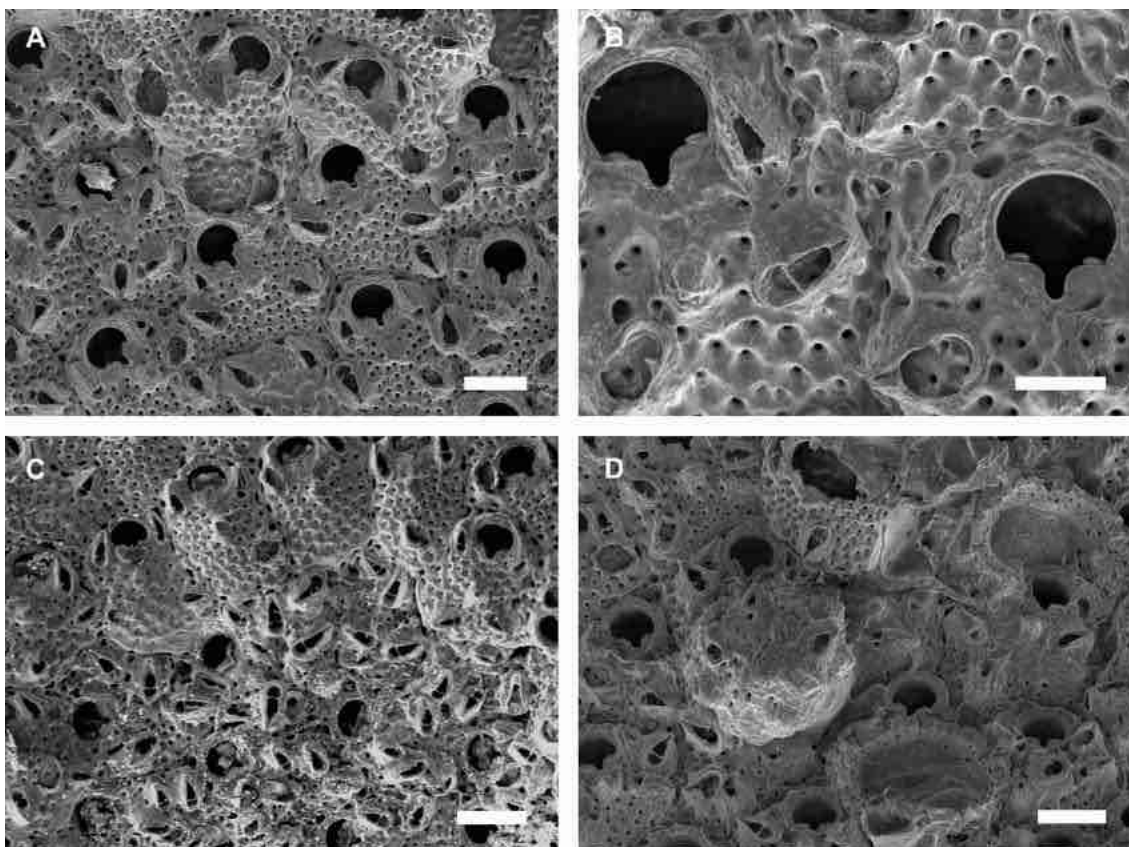
Descrição. Colônia incrustante, uni a multilaminar. Autozoóides inicialmente regularmente orientados, subhexagonais ou irregularmente poligonais ($Lz = 0,439–0,543$ mm; $lz = 0,323–0,408$ mm), delimitados suturas finas, tipicamente com 1–3 aviculários adventícios, sendo 1 ou 2 latero-orais orientados distalmente e 1 ou 2 frontais, dispostos mais proximalmente, orientação variável. Autozoóides tornando-se irregularmente dispostos com o desenvolvimento colonial, 4–6 aviculários adventícios frontais com orientação variável. Parede frontal lepralióide, rugosa e granulosa, 40–62 pseudoporos frontais e poros marginais alongados. Orifício primário em forma de D transversal ($Lo = 0,094–0,110$ mm; $lo = 0,118–0,143$ mm), anter arqueado e poster com seio em forma U; um par de denticulos em forma de barra, subretangulares, margens lisas e pontas arredondadas ou em forma de gancho, proximolaterais. Orifício secundário desenvolvido e granuloso, formando umbo suboral pontiagudo não perfurado. Aviculário adventício subtriangular ($Lav1 = 0,118–0,147$ mm; $lav1 = 0,051–0,067$ mm), latero-oral ou frontal, barra transversal completa e forâmen elíptico, tipicamente dispostos únicos ou pareados lateralmente ao meio do orifício e orientado distalmente ou próximo as margens zooidais laterais e proximais, orientação variável. Ovicelo hiperestomial ($Lov = 0,386–0,532$ mm; $lov = 0,469–0,548$ mm; $n = 5$); ooécio microporeliforme, superfície granulosa com diversos aviculários subtriangulares.

Comentários. *Stylopoma* sp. nov.2 é caracterizada pelos autozoóides subhexagonais ou irregularmente poligonais com umbo suboral pontiagudo, orifício primário com seio em forma de U, côneilos em forma de barra com pontas arredondadas ou em forma de gancho, aviculários latero-orais pareados, orientados distalmente e 1–2 aviculários frontais com orientação variável em autozoóides mais jovens, e numerosos aviculários frontais em autozoóides mais velhos.

Stylopoma sp. nov.2 é semelhante a *Stylopoma* sp. nov.1, *Stylopoma haywardi* e *Stylopoma horarium*, por possuírem autozoóides com aviculários latero-orais únicos ou pareados e aviculários frontais com orientação variável. *Stylopoma* sp. nov.2, entretanto, possui autozoóides subhexagonais ou irregularmente poligonais (subretangulares ou subquadrangulares em *Stylopoma* sp. nov.1, *Stylopoma haywardi* e *Stylopoma horarium*), orifício com seio em forma de U (em forma de gota e arredondado em *Stylopoma* sp. nov.1; em forma de gota e profundo em *Stylopoma haywardi* e *Stylopoma horarium*), aviculários latero-orais dispostos verticalmente (inclinados lateralmente em *Stylopoma* sp. nov.1, *Stylopoma haywardi* e *Stylopoma horarium*) e não possui aviculários interzooidais (espatulados em *Stylopoma* sp. nov.1, *Stylopoma haywardi* e *Stylopoma horarium*).

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil. Conhecida apenas para a Bahia, *Stylopoma* sp. nov.2 ocorre na Costa dos Coqueiros, Baía de Todos os Santos e Costa do Descobrimento, entre 15 e 35 metros, sobre outros briozoários, nódulos calcários e rochas.

Figura 114. A–D, *Stylopoma* sp. nov.2 (UFPE 152). A, autozoóides mais jovens na colônia; B, detalhe do orifício e aviculários; C, autozoóides e aviculários; D, zoóides ovicelados. Escalas: A, D = 200 μ m; B = 100 μ m; C = 250 μ m.



Fonte: O autor (2018).

***Stylopoma* sp. nov.3**

(Figura 115A–D)

Material examinado. Holótipo: UFPE 153, Costa dos Coqueiros. Parátipo: UFBA 062, Costa dos Coqueiros. Material adicional: Apêndice A.

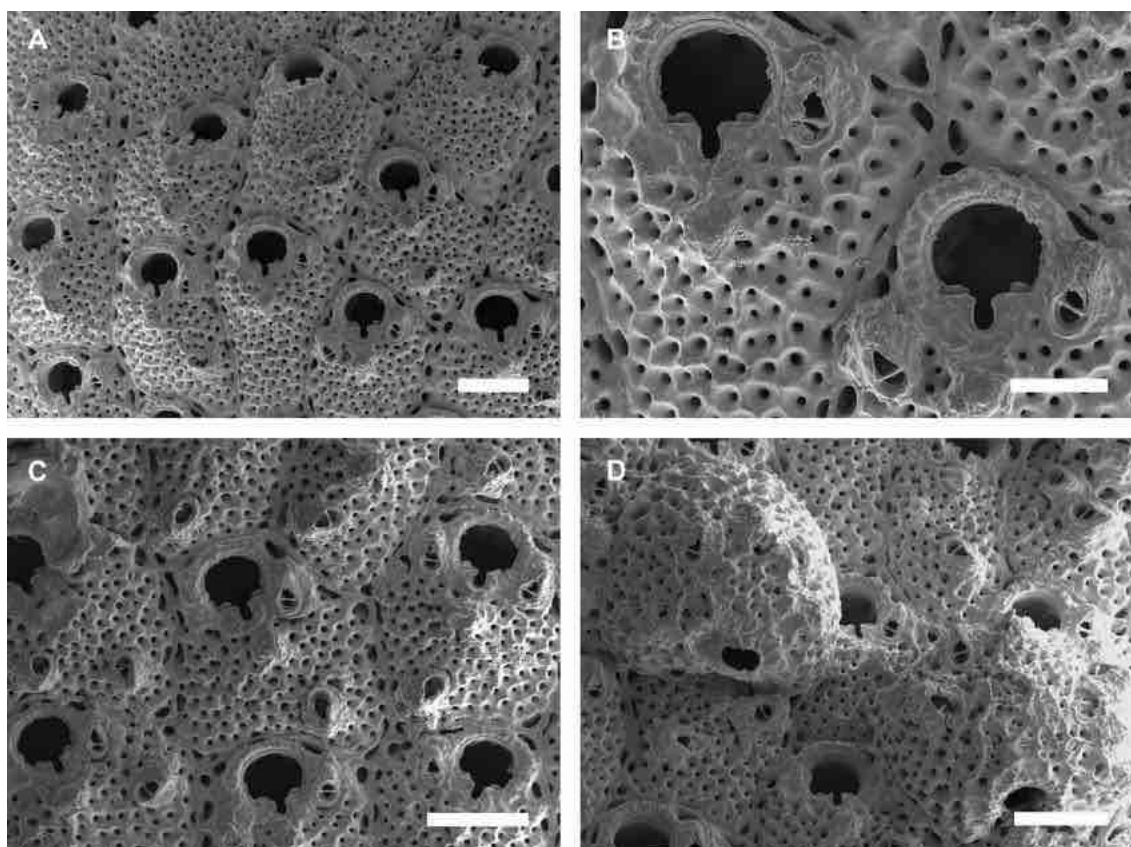
Descrição. Colônia incrustante, uni a multilaminar. Autozoóides subhexagonais ou sublosangulares ($Lz = 0,429\text{--}0,486$ mm; $lz = 0,303\text{--}0,412$ mm), delimitados suturas finas. Parede frontal lepralióide, nodulosa, mais de 60–102 pseudoporos frontais e poros marginais distintamente alongados e espaçados. Orifício primário em forma de D transversal ($Lo = 0,098\text{--}0,105$ mm; $lo = 0,108\text{--}0,119$ mm), anter arqueado e poster com seio em forma de gota e profundo; um par de dentículos em forma de barra, subretangulares, margens lisas e ponta em forma de gancho, proximolaterais. Orifício secundário granuloso, geralmente com umbo suboral pontiagudo e não perfurado. Aviculário adventício frontal pequeno ($Lav1 = 0,070\text{--}0,092$ mm; $lav1 = 0,033\text{--}0,047$ mm), tipicamente disposto mediolateralmente ao orifício, único ou pareado e orientado distalmente (por vezes colocados próximos às margens zooidais e orientado proximalmente), subtriangular, levemente inclinado lateralmente e com barra transversal completa e forâmen elíptico. Aviculário interzooidal não observado. Ovicelo hiperestomial ($Lov = 0,409\text{--}0,504$ mm; $lov = 0,478\text{--}0,531$ mm; $n = 3$), abertura semicircular; ooécio microporeliforme, superfície granulosa com aviculários subtriangulares.

Comentários. Assim como as congêneres *Stylopoma* sp. nov.1, *Stylopoma* sp. nov.2 e *Stylopoma haywardi*, *Stylopoma* sp. nov.3 possui autozoóides com umbo suboral pontiagudo bem desenvolvido, aviculários latero-orais únicos ou pareados e aviculários frontais com orientação variável. Diferenças entre *Stylopoma* sp. nov.3, *Stylopoma* sp. nov.1 e *Stylopoma* sp. nov.2 incluem a forma dos autozoóides (subhexagonais ou sublosangulares em *Stylopoma* sp. nov.3; subretangulares ou subquadrangulares em *Stylopoma* sp. nov.1; subhexagonais ou irregularmente poligonais em *Stylopoma* sp. nov.2), número de pseudoporos frontais (60–102 em *Stylopoma* sp. nov.3; 38–42 em *Stylopoma* sp. nov.2; 40–62 em *Stylopoma* sp. nov.3), seio do orifício primário (em forma de gota e profundo em *Stylopoma* sp. nov.3; em forma de gota e arredondado em *Stylopoma* sp. nov.1; em forma de U em *Stylopoma* sp. nov.2), e número de aviculários adventícios (1–3 em *Stylopoma* sp. nov.3; 1–2 em *Stylopoma* sp. nov.1; 3–6 em *Stylopoma* sp. nov.2). *Stylopoma* sp. nov.3 é distinta de *Stylopoma haywardi*, por sua vez, pela forma dos autozoóides (subhexagonais ou sublosangulares em *Stylopoma* sp. nov.3 e

subretangulares ou subquadrangulares em *Stylopoma haywardi*), seio (sem constrição distal em *Stylopoma* sp. nov.3 e com constrição distal em *Stylopoma haywardi*), côneilos (com ponta em forma de gancho em *Stylopoma* sp. nov.3 e retos em *Stylopoma haywardi*), e aviculário interzooidal (ausente em *Stylopoma* sp. nov.3 e espatulados em *Stylopoma haywardi*).

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil. *Stylopoma* sp. nov.3 ocorre na Bahia na Costa dos Coqueiros e Baía de Todos os Santos, entre 15 e 35 metros de profundidade, sobre outros briozoários, nódulos calcários e rochas.

Figura 115. A–D, *Stylopoma* sp. nov.3 (UFPE 153). A, aspecto geral de porção da colônia; B, detalhe do orifício e aviculários; C, autozoóides e aviculários; D, zoóides ovicelados. Escalas: A, C, D = 200 μ m; B = 100 μ m.



Fonte: O autor (2018).

***Stylopoma* sp. nov.4**

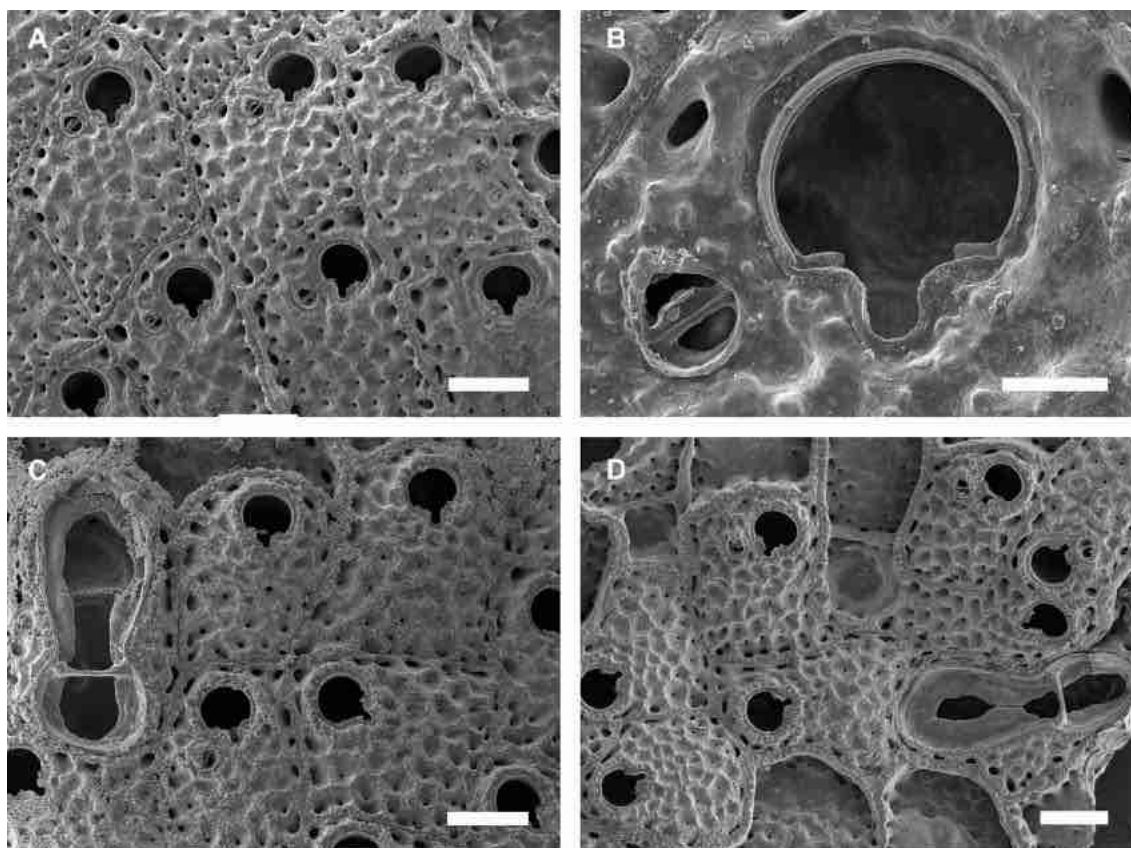
(Figura 116A–D)

Material examinado. Holótipo: UFBA 597, Costa dos Coqueiros. Parátipo: UFBA 723, Costa dos Coqueiros. Material adicional: Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, uni a multilaminar. Autozoóides sublosangulares a subretangulares ($Lz = 0,536\text{--}0,744$ mm; $lz = 0,330\text{--}0,453$ mm), delimitados parede

laterais granuladas levemente elevadas. Parede frontal lepralióide, nodulosa e granulosa, 10–30 pseudoporos pequenos frontais proximais, nunca ao redor ou abaixo do orifício, poros marginais distintamente alongados. Orifício primário em forma de D transversal ($L_o = 0,097\text{--}0,117\text{ mm}$; $l_o = 0,110\text{--}0,133\text{ mm}$), anter arqueado e poster com seio em forma de U raso; um par de dentículos em forma de barra, subretangulares, margens lisas e ponta afilada, proximolaterais. Orifício secundário desenvolvido, granuloso ou noduloso, sem umbo suboral. Aviculário adventício frontal pequeno ($L_{av1} = 0,055\text{--}0,069\text{ mm}$; $l_{av1} = 0,043\text{--}0,064\text{ mm}$), elíptico proximalmente, rostro pontiagudo, único, barra transversal completa e forâmen elíptico, disposto lateralmente ao orifício na altura ou um pouco abaixo do seio, orientado distolateralmente. Aviculário interzooidal com mesmo comprimento ou mais longo que um autozoóide ($L_{av2} = 0,580\text{--}0,762\text{ mm}$; $l_{av2} = 0,159\text{--}0,219\text{ mm}$; $n = 8$), em forma de 8, região proximal semicircular, rostro espatulado, barra transversal completa, forâmen elíptico e palato ocupando menos da metade do comprimento do rostro, orientação variável, tipicamente distalmente orientado. Ovicelo não observado.

Figura 116. A–D, *Stylopoma* sp. nov.4 (UFBA 597). A, aspecto geral de porção da colônia; B, detalhe do orifício e aviculário; C, D, autozoóides e aviculários interzooidais. Escalas: A, C, D = 200 μm ; B = 50 μm .



Fonte: O autor (2018).

Comentários. A morfologia do aviculário interzooidal de *Stylopoma* sp. nov.4, em forma de 8 com região proximal semicircular e rostro espatulado, distingue esta espécie de todas as congêneres. Entre aquelas que possuem aviculário interzooidal, a maioria possui perfil espatulado e duas possuem perfil alongado (*Stylopoma falcifera* (Canu & Bassler, 1928b) e *Stylopoma* sp. nov.5), sendo então facilmente diferenciadas de *Stylopoma* sp. nov.4.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil. *Stylopoma* sp. nov. 4. é conhecida para a Costa dos Coqueiros e Baía de Todos os Santos, entre 15 e 35 metros de profundidade, habitando nódulos calcários e rochas.

***Stylopoma* sp. nov.5**

(Figura 117A–D)

Material examinado. Holótipo: UFBA 2931, Baía de Todos os Santos. Parátipo: UFBA 2932, Baía de Todos os Santos. Material adicional: Apêndice A.

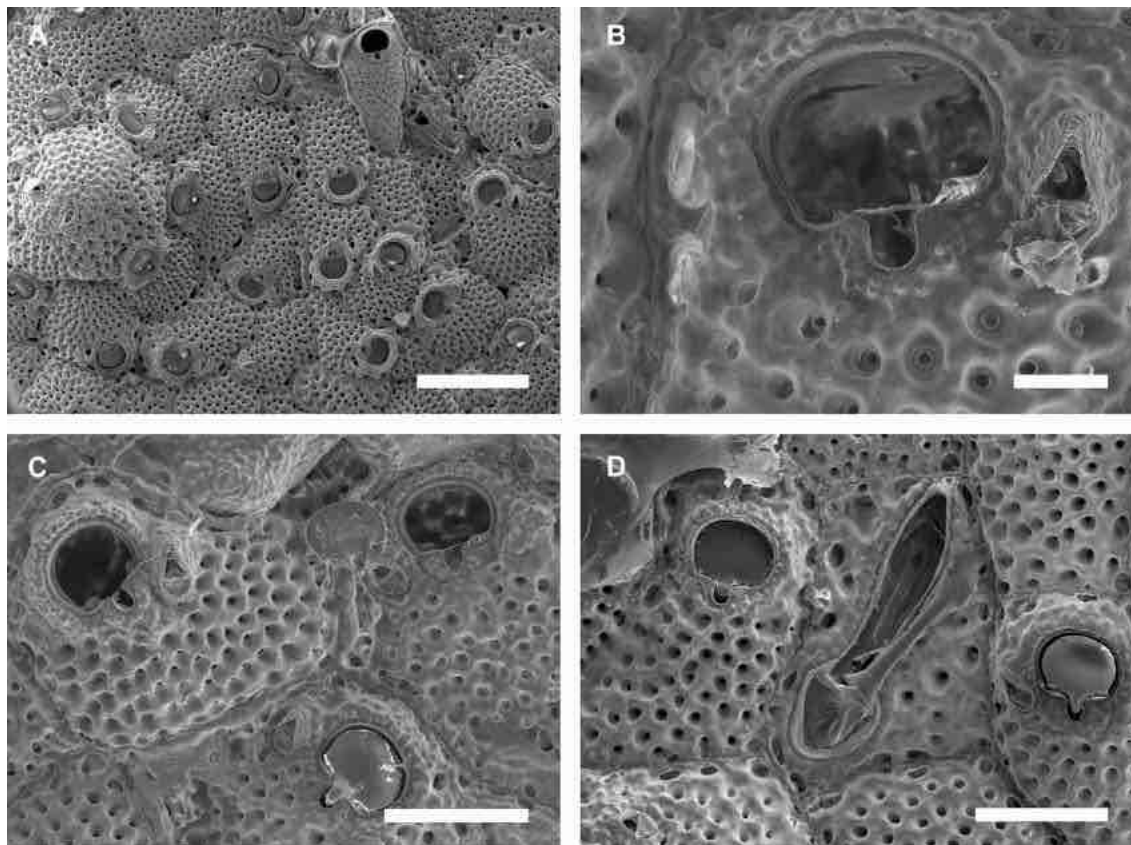
Descrição. Colônia incrustante, uni a multilaminar. Autozoóides subretangulares ou irregularmente poligonais ($Lz = 0,454\text{--}0,532$ mm; $lz = 0,266\text{--}0,364$ mm), ocasionalmente convexos, delimitados por suturas finas. Parede frontal lepralióide, granulosa, 42–66 pseudoporos frontais, poros marginais alongados. Orifício primário em forma de D transversal ($Lo = 0,084\text{--}0,101$ mm; $lo = 0,106\text{--}0,125$ mm), anter arqueado e poster com seio em forma de U raso; um par de denticulos em forma de barra, subretangulares, margens lisas, ponta em forma de gancho, proximolaterais. Orifício secundário granuloso, sem umbo suboral. Aviculário adventício frontal pequeno ($Lav1 = 0,064\text{--}0,084$ mm; $lav1 = 0,038\text{--}0,048$ mm), elíptico proximalmente, rostro triangular, único ou pareado, barra transversal completa e forâmen elíptico, disposto lateralmente ao orifício na altura ou um pouco abaixo do seio, orientado distolateralmente. Aviculário interzooidal com mesmo comprimento ou menor que um autozoóide ($Lav2 = 0,341\text{--}0,460$ mm; $lav2 = 0,099\text{--}0,117$ mm; $n = 2$), região proximal circular, rostro alongado, subtriangular com dilatações proximais, barra transversal completa, forâmen elíptico, orientação variável. Ovicelo não observado.

Comentários. Entre todas as espécies de *Stylopoma*, *Stylopoma* sp. nov.5 mais se assemelha a *Stylopoma falcifera*, pela presença de aviculário latero-oral subtriangular e aviculário interzooidal com rostro alongado, e pela ausência de aviculários frontais proximais e marginais. *Stylopoma falcifera*, entretanto, possui orifício com seio em forma de V (em forma de U raso em *Stylopoma* sp. nov.5), aviculário latero-orais únicos (únicos

ou pareados em *Stylopoma* sp. nov.5) e aviculário interzooidal com rostro falciforme (subtriangular com dilatações proximais em *Stylopoma* sp. nov.5).

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil. Conhecida apenas para a Bahia, *Stylopoma* sp. nov.5 é habitante de recifes de corais na Baía de Todos os Santos.

Figura 117. A–D, *Stylopoma* sp. nov.5 (UFBA 3346). A, aspecto geral de porção da colônia; B, detalhe do orifício e aviculário; C, autozoóides e aviculários adventícios; D, autozoóides e aviculários interzooidais. Escalas: A = 500 μ m; B = 50 μ m; C, D, = 200 μ m.



Fonte: O autor (2018).

4.51 Família Tetraplariidae Harmer, 1957

Diagnose. Colônia ereta, articulada. Zoóides dispostos em pares, alternados. Entrenós conectados por tubos quitinosos. Autozoóides geralmente alongados. Calcificação frontal do tipo lepralióide com pseudoporos frontais e poros marginais. Orifício primário dividido por côndilos laterais, anter amplo e poster com seio distinto. Orifício secundário pouco desenvolvido. Aviculários ausentes. Pode haver dimorfismo zooidal sexual. Ovicelos hiperestomiais, porosos ou ausentes (HARMER, 1957; OSTROVSKY, 2013).

Gênero *Tetraplaria* Tenison Woods, 1879

Diagnose. Autozoóides tipicamente losangulares a hexagonais, delimitados por paredes laterais elevadas. Parede frontal com pseudoporos conspícuos. Orifício primário com seio distinto, côndilos proximolaterais. Pode haver dimorfismo zooidal sexual ou ovicelo hiperestomial, poroso (HARMER, 1957; OSTROVSKY, 2013).

Tetraplaria dichotoma (Osburn, 1914)

(Figura 118A,B)

Cellepora dichotoma Osburn, 1914: 214.

Tetraplaria dichotoma: Winston, 1986: 28.

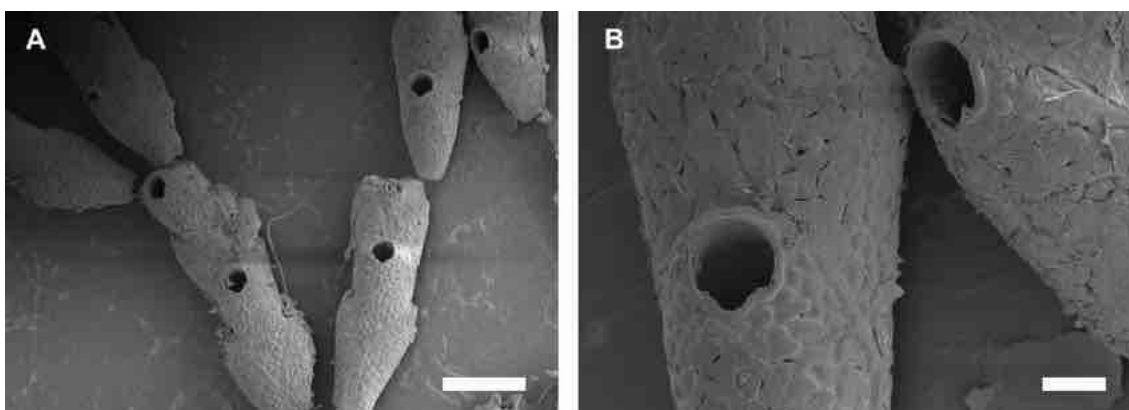
Tetraplaria sp.: Almeida *et al.*, 2015a: 5; Souza & Almeida, 2017: 266.

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia ereta articulada, ramificada. Entrenós curtos, poucos autozoóides de comprimento. Autozoóides losangulares a hexagonais ($Lz = 0,617\text{--}0,759$ mm; $lz = 0,324\text{--}0,371$ mm), limitados por paredes laterais elevadas. Parede frontal lepralióide, nodulosa, pseudoporos frontais pequenos e numerosos. Orifício primário ($Lo = 0,131\text{--}0,165$ mm; $lo = 0,109\text{--}0,152$ mm) com anter arqueado, poster com seio moderado em forma de V amplo; um par de pequenos côndilos triangulares proximolaterais. Ovicelo não observado.

Comentários. *Tetraplaria dichotoma* é reconhecida pelas colônias eretas e articuladas, formadas por autozoóides com orifício primário com seio moderado em forma de V e com côndilos triangulares proximolaterais. A forma do orifício primário diferencia *Tetraplaria dichotoma* de todas as congêneres.

Figura 118. A, B, *Tetraplaria dichotoma* (UFBA 671). A, aspecto geral de porção da colônia; B, detalhe dos autozoóides e orifício. Escalas: A = 500 μm ; B = 100 μm .



Fonte: O autor (2018).

Distribuição. Atlântico Ocidental: Estados Unidos até o Brasil (ALMEIDA et al., 2015a; WINSTON, 1986). *Tetraplaria dichotoma* é comum sobre corais no Golfo do México e Caribe (WINSTON, 1986). No Brasil, é conhecida apenas para a Bahia. Ocorre entre 15 e 50 metros de profundidade sobre corais, grãos de cascalho e nódulos calcários da Costa dos Coqueiros, Costa do Dendê e Costa do Descobrimento.

Superfamília Didymoselloidea Brown, 1952

4.52 Família Didymosellidae Brown, 1952

Diagnose. Colônias incrustantes, fortemente calcificadas, às vezes com expansões frondosas. Autozoóides com orifício primário embebido no orifício secundário tubular bem desenvolvido com ou sem forâmens (aberturas frontais largas). Calcificação frontal do tipo lepralióide com numerosos pseudoporos frontais, septulas frontais ou com espirâmen. Espinhos orais podem estar presentes. Aviculários adventícios, desenvolvidos de septula frontal oral, usualmente únicos, câmaras rostrais largas e rostro agudo. Outros aviculários ausentes. Zoóides reprodutivos dimórficos, reconhecidos pela expansão da região distal do orifício secundário tubular; brotamento em sacos de incubação internos; ovicelos ausentes (COOK; CHIMONIDES, 1981; OSTROVSKY, 2013).

Gênero *Didymosella* Canu & Bassler, 1917

Diagnose. Parede frontal totalmente perfurada por numerosos pseudoporos frontais, poros marginais pouco distintos; espirâmen ausente. Orifício primário coberto pelo orifício secundário tubular com um par de forâmens frontais. Espinhos orais presentes. Aviculários adventícios frontais ou marginais, rostro agudo. Outros aviculários ausentes. Zoóides reprodutivos dimórficos, reconhecidos pela expansão da região distal do orifício secundário tubular; brotamento em sacos de incubação internos; ovicelos ausentes (CANU; BASSLER, 1920; COOK; CHIMONIDES, 1981; OSTROVSKY, 2013).

***Didymosella pluma* Cook & Chimonides, 1981**

(Figura 119A,B)

Didymosella pluma Cook & Chimonides, 1981: 76, figs. 21, 22, 25.

Didymosella pluma: Almeida et al., 2015a: 5.

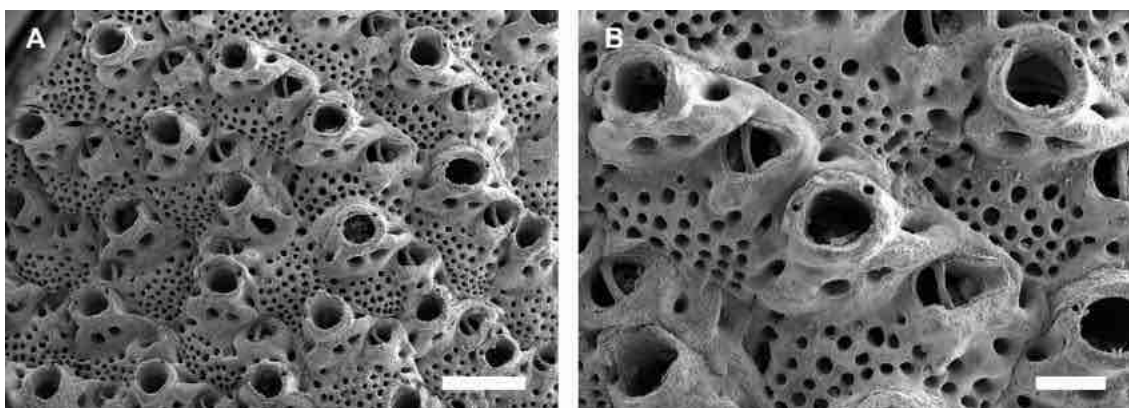
Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, unilaminar. Autozoóides hexagonais ou losangulares ($Lz = 0,636-1,046$ mm; $lz = 0,642-0,762$ mm), delimitados por sulcos distintos. Parede frontal lepralióide, lisa, apresentando 15–25 pseudoporos frontais e poros marginais levemente distintos. Orifício primário oval transversal ($Lo = 0,133-0,183$ mm; $lo = 0,177-0,217$ mm); 2 espinhos orais. Orifício secundário tubular bem desenvolvido, não perfurado, exceto por dois poros frontais centrais (forâmens) desenvolvidos proximalmente e um par de poros arredondados dispostos lateralmente, acima dos forâmens, proximolaterais ao orifício. Aviculário adventício marginal único ($Lav = 0,227-0,290$ mm; $lav = 0,127-0,163$ mm), disposto em câmara de calcificação lisa, aspecto de gota, margem proximal semicircular e rostro subtriangular curto, forâmen oval e barra transversal completa, orientado lateralmente, disposto marginalmente no meio do comprimento do autozoóide. Zoóides reprodutivos não observados.

Comentários. *Didymosella pluma* é caracterizada pelos autozoóides com grandes pseudoporos frontais, dois forâmens frontais centrais e um par de poros acima desses forâmens, orifício secundário tubular e aviculário adventício marginal único, subtriangular.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (ALMEIDA et al., 2015a; COOK; CHIMONIDES, 1981). Endêmica do Brasil, *Didymosella pluma* foi originalmente descrita para o Espírito Santo (COOK; CHIMONIDES, 1981) e é conhecida apenas para o Espírito Santo e Bahia. Esta é a primeira vez que a espécie é figurada e caracterizada desde seu primeiro relato. Na Bahia, ocorre na Costa do Dendê, Costa do Descobrimento e Costa das Baleias, entre 10 e 40 metros, sobre corais e nódulos calcários.

Figura 119. A, B, *Didymosella pluma* (UFBA 710). A, aspecto geral de porção da colônia; B, detalhe dos autozoóides, orifício e aviculários. Escalas: A = 500 μ m; B = 200 μ m.



Fonte: O autor (2018).

Superfamília Mamilloporoidea Canu & Bassler, 1927a

4.53 Família Cleidochasmatidae Cheetham & Sandberg, 1964

Diagnose. Colônias incrustantes, uni a multilaminares; ou eretas, ramificadas, tipicamente dicotômicas, densamente calcificadas. Calcificação frontal do tipo lepralioide com pseudoporos frontais de diferentes morfologias e poros marginais. Orifício primário com anter amplo e poster com seio distinto côncavo, amplo ou profundo; um par de côndilos laterais. Espinhos orais podem estar presentes. Aviculários adventícios tipicamente adjacentes ao orifício ou marginais, por vezes pareados. Dimorfismo sexual zooidal em alguns gêneros. Ovicelo hiperestomial a submerso, não fechado pelo opérculo; ooécio lepralieforme, ectooécio com poros, fenda ou fenestra (CHEETHAM; SANDBERG, 1964; OSTROVSKY, 2013).

Gênero *Calyptoecia* Winston, 1984

Diagnose. Colônias incrustantes, multilaminares. Autozoóides eretos, hexagonais. Pseudoporos frontais numerosos, arredondados a cruciformes. Orifício primário com anter amplo e poster com seio raso. Espinhos orais ausentes. Aviculários adventícios tipicamente suborais. Zoóide reprodutivos dimórficos, aqueles em brotamento com orifícios menores e parede frontal menos extensa que os autozoóides (ALMEIDA; SOUZA, 2014; WINSTON, 1984).

***Calyptoecia conuma* Almeida & Souza, 2014**

(Figura 120A–C)

Calyptoecia conuma Almeida & Souza, 2014: 285, figs. 2–5.

Calyptoecia conuma: Almeida et al., 2017: 307, figs. 72–73.

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, multilaminar, pontual. Parede frontal lepralioide, rugosa, pseudoporos frontais dispersos, arredondados a cruciformes. Zoóides dimórficos: autozoóides poligonais (0,235–0,494 mm de comprimento; 0,365–0,469 mm de largura), orifício primário grande e em forma de D transversal (0,095–0,122 mm de comprimento; 0,103–0,145 mm de largura), um par de côndilos proximolaterais e 4–5 tubérculos orais cônicos; zoóides em brotamento hexagonais (0,163–0,278 mm de comprimento; 0,221–0,361 mm de largura), orifício primário pequeno (0,057–0,075 mm de comprimento; 0,058–0,079 mm de largura), em forma de campânula, um par de côndilos proximolaterais e sem tubérculos orais. Aviculário adventício suboral (0,081–0,120 mm

de comprimento; 0,128–0,184 mm de largura), único e em forma de gota, margem proximal semicircular e rostro subtriangular curto, forâmen subcircular, barra transversal completa e protuberância central (columela) triangular curta, disposto obliquamente, direcionado proximolateralmente.

Comentários. *Calyptoecia conuma* é facilmente reconhecida pelo acentuado dimorfismo zooidal no qual autozoóides possuem orifícios grandes e 4–5 tubérculos orais enquanto zoóides em brotamento possuem orifícios pequenos e sem tubérculos orais.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (ALMEIDA; SOUZA, 2014; ALMEIDA et al., 2017). Conhecida para o Espírito Santo e Bahia, *Calyptoecia conuma* forma colônias pontuais em suportes diversos, incluindo nódulos calcários, conchas, rodolitos e esponjas (ALMEIDA; SOUZA, 2014; ALMEIDA et al., 2017). Na Bahia, ocorre em toda a costa, entre 10 e 50 metros de profundidade, também habitante de algas e corais.

Gênero *Gemelliporina* Bassler, 1926

Diagnose. Colônias eretas, ramificadas, tipicamente dicotômicas, densamente calcificadas. Autozoóides ovais a claviformes. Pseudoporos frontais dispersos. Orifício primário com anter amplo e poster com seio profundo. Espinhos orais presentes. Aviculários adventícios tipicamente marginais. Ovicelo hiperestomial a submerso, não fechado pelo opérculo; ooécio lepralieforme, ectooécio com poros, fenda ou fenestra (BASSLER, 1926; OSTROVSKY, 2013).

***Gemelliporina glabra* (Smitt, 1873)**

(Figura 120D–F)

Gemellipora Forma *glabra* (typica) Smitt, 1873: 37, pl. 11, figs. 208–210,

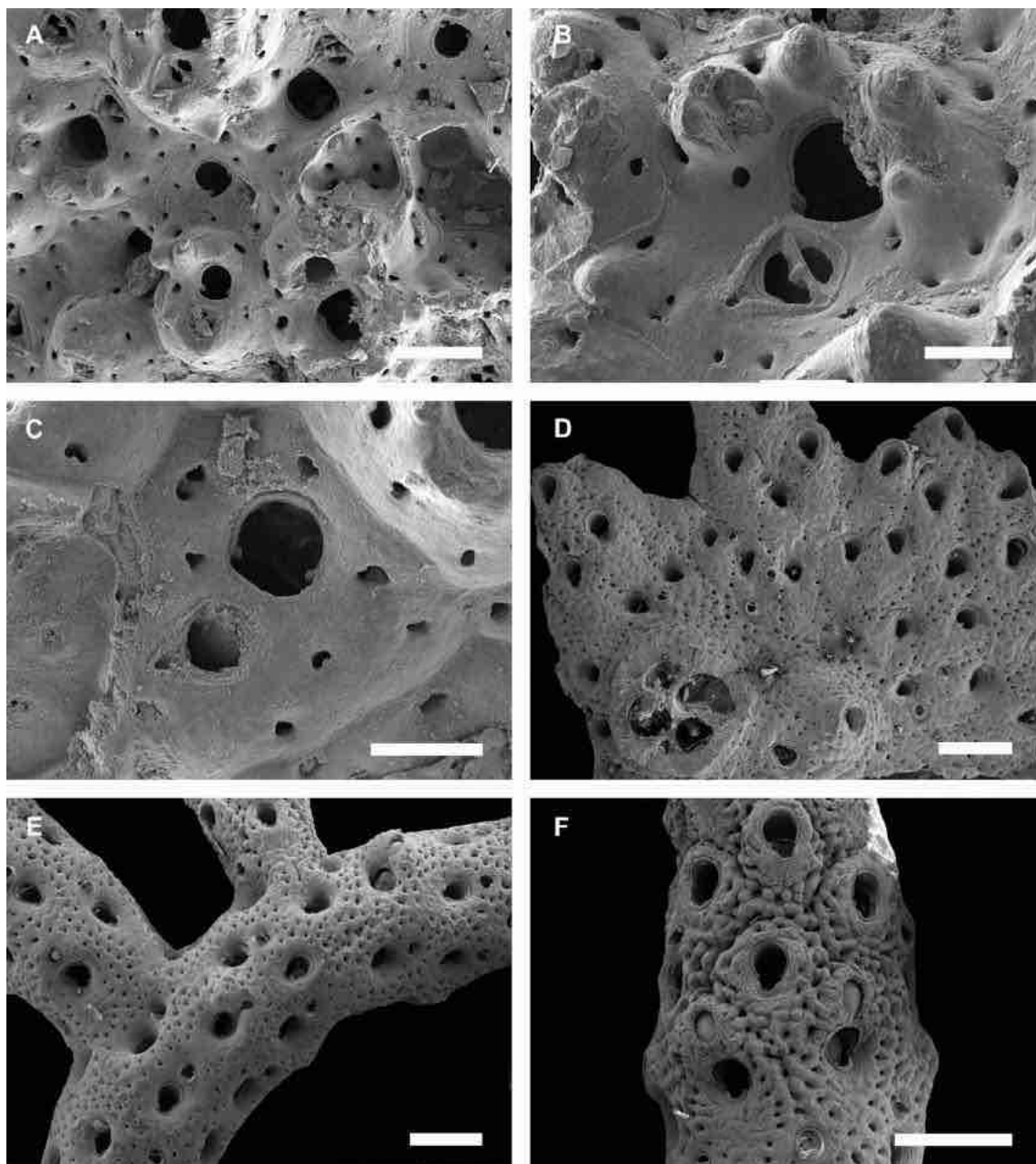
Gemelliporina glabra: Winston, 2005: 89, figs. 236–243 (sin. cum.); Vieira, Migotto, Winston, 2008: 29 (sin. cum.); Almeida et al., 2015a: 5; Souza & Almeida, 2017: 266.

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia ereta, ramificada rígida, presa ao substrato por porção basal incrustante. Autozoóides ovais a claviformes ($Lz = 0,491\text{--}0,803$ mm; $lz = 0,346\text{--}0,434$ mm). Parede frontal lepralieoide, rugosa a nodulosa, poucos pseudoporos frontais e série única de poros marginais. Orifício primário em forma de fechadura ($Lo = 0,182\text{--}0,224$ mm; $lo = 0,092\text{--}0,114$ mm), anter acentuadamente arqueado, poster com seio mediano profundo e amplo em forma de U, um par de côndilos proximolaterais; 5 espinhos orais. Aviculário adventício pequeno ($Lav = 0,081\text{--}0,115$ mm; $lav = 0,065\text{--}0,103$ mm),

arredondado a elíptico, forâmen elíptico e barra transversal completa, disposto nas margens zooidais ou próximo ao orifício. Ovicelo globular ($Lov = 0,262-0,285$ mm; $lov = 0,268-0,364$ mm; $n = 5$), hiperestomial inicialmente e tornando-se submerso com a calcificação; ooécio lepralieforme, ectooécio com fenestra mediana.

Figura 120. A–C, *Calyptoecia conuma* (UFBA 1183); D–F, *Gemelliporina glabra* (UFBA 2935). A, aspecto geral de porção da colônia; B, autozoóide, orifício e aviculário; C, zoóides em brotamento e aviculário; D, porção basal incrustante da colônia; E, aspecto geral de ramo ereto; F, detalhe dos autozoóides e zoóides ovicelados. Escalas: A, C = 200 μ m; B = 100 μ m; D, E, F = 500 μ m.



Fonte: O autor (2018).

Comentários. *Gemelliporina glabra* possui colônias eretas, ramificadas, rígidas, formadas por autozoóides com orifício primário em forma de fechadura e com 5 espinhos orais, aviculários adventício pequenos e elípticos e ectooécio com fenestra mediana.

Conhecida em todo o Atlântico Ocidental, *Gemelliporina glabra* é uma espécie habitante de algas, tanto incrustantes como flutuantes (WINSTON, 2005). Na Bahia, ocorre especialmente em algas vermelhas e em *Sargassum*, entre 10 e 80 metros de profundidade, ao longo de toda a costa da Bahia. Também ocorre sobre substratos artificiais (placas de PVC), corais e grãos de cascalho.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Estados Unidos até o Brasil (WINSTON, 2005).

4.54 Família Crepidacanthidae Levinsen, 1909

Diagnose. Colônias incrustantes. Calcificação frontal do tipo lepralioide, sem pseudoporos frontais, poros marginais conspícuos e espinhos periféricos. Orifício primário com aspecto trifoliado, anter arqueado e poster sem sinus, côndilos laterais presentes. Aviculários adventícios pequenos, um pareados, adjacentes ao orifício ou frontais, mandíbula setiforme. Ovicelo hiperestomial; ooécio lepralieforme, ectooécio com poros (GORDON, 1984; OSTROVSKY, 2013).

Gênero *Crepidacantha* Levinsen, 1909

Diagnose. Autozoóides bordados por espinhos distolaterais. Orifício primário trifoliado, anter arqueado, poster côncavo a convexo, ocasionalmente formando lábio proximal e abas proximolaterais distintas; côndilos laterais presentes. Aviculários adventícios pequenos, um pareados, adjacentes ao orifício ou frontais, mandíbula setiforme. Ovicelo hiperestomial; ooécio lepralieforme, ectooécio com arco ou fenestra porosa (BROWN, 1954; OSTROVSKY, 2013).

***Crepidacantha* sp. nov.1**

(Figura 121A–C)

Crepidacantha setigera: Almeida et al., 2015a: 5.

Material examinado. Holótipo: UFBA 2898, Baía de Todos os Santos. Parátipo: UFBA 2899, Baía de Todos os Santos. Material adicional: Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, unilaminar, delicada. Autozoóides subpentagonais, globulares (Lz = 0,375–0,555 mm; lz = 0,262–0,340 mm), 10–12 longos espinhos marginais distais. Parede frontal lepralioide, calcificação lisa, sem pseudoporos frontais,

3–4 poros marginais proximais. Orifício primário ($L_o = 0,094\text{--}0,106$ mm; $l_o = 0,051\text{--}0,064$ mm) com anter circular, um par de côneilos proximolaterais triangulares, poster reto, formando abas proximais laterais semicirculares, retas. Orifício secundário formando umbo pontiagudo suboral. Aviculários adventícios latero-orais pequenos ($L_{av} = 0,053\text{--}0,063$ mm; $l_{av} = 0,023\text{--}0,033$ mm), um pareados, em forma de gota, borda proximal arqueada e rostro subtriangular curto, dispostos verticalmente no meio do comprimento do orifício, direcionados distalmente. Zoóide ovicelados com orifício primário com poster convexo, formando abas proximais laterais arredondadas, levemente curvadas. Ovicelo hiperestomial ($L_{ov} = 0,135\text{--}0,174$ mm; $l_{ov} = 0,160\text{--}0,199$ mm); ooécio lepralieforme, ectooécio com arco poroso distal.

Comentários. *Crepidacantha* sp. nov.1 é caracterizada pelos autozoóides pentagonais com 3–4 poros marginais, orifício primário com poster reto (em autozoóides) a convexo em (zoóides ovicelados), orifício secundário formando umbo suboral, aviculários mediolatero-orais pareados dispostos verticalmente, rostro subtriangular curto e ectooécio com arco poroso distal.

Entre as espécies viventes do gênero, *Crepidacantha* sp. nov.1 é mais semelhante a *Crepidacantha anakenensis* Moyano, 1973, *Crepidacantha bracebridgei* Brown, 1954, e *Crepidacantha longiseta* Canu & Bassler, 1928c, por possuírem aviculários mediolatero-orais pareados dispostos verticalmente. As três diferem de *Crepidacantha* sp. nov.1, entretanto, por apresentarem ectooécio com fenestra porosa frontal (em *Crepidacantha* sp. nov.1 há arco poroso distal). Alguns espécimes de *Crepidacantha* sp. nov.1 estavam previamente identificados como *Crepidacantha setigera* (Smitt, 1873), mas diferem desta pelo ectooécio com fenestra porosa e poster côncavo (em *Crepidacantha* sp. nov.1 o poster dos autozoóides é reto e dos zoóides ovicelados é convexo).

No Brasil, três espécies de *Crepidacantha* são conhecidas, *Crepidacantha longiseta*, *Crepidacantha setigera* e *Crepidacantha teres* (Hincks, 1880). As duas primeiras já foram diferenciadas de *Crepidacantha* sp. nov.1 (ver acima). *Crepidacantha teres* possui aviculários laterais dispostos horizontalmente, dispostos abaixo do orifício (em *Crepidacantha* sp. nov.1 os aviculários são laterais ao orifício, dispostos verticalmente).

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil. Conhecida apenas para a Bahia, *Crepidacantha* sp. nov.1 ocorre sobre recifes de corais da Baía de Todos os Santos. Também já foi coletada sobre superfícies artificiais (placas de PVC) na mesma área.

***Crepidacantha* sp. nov.2**

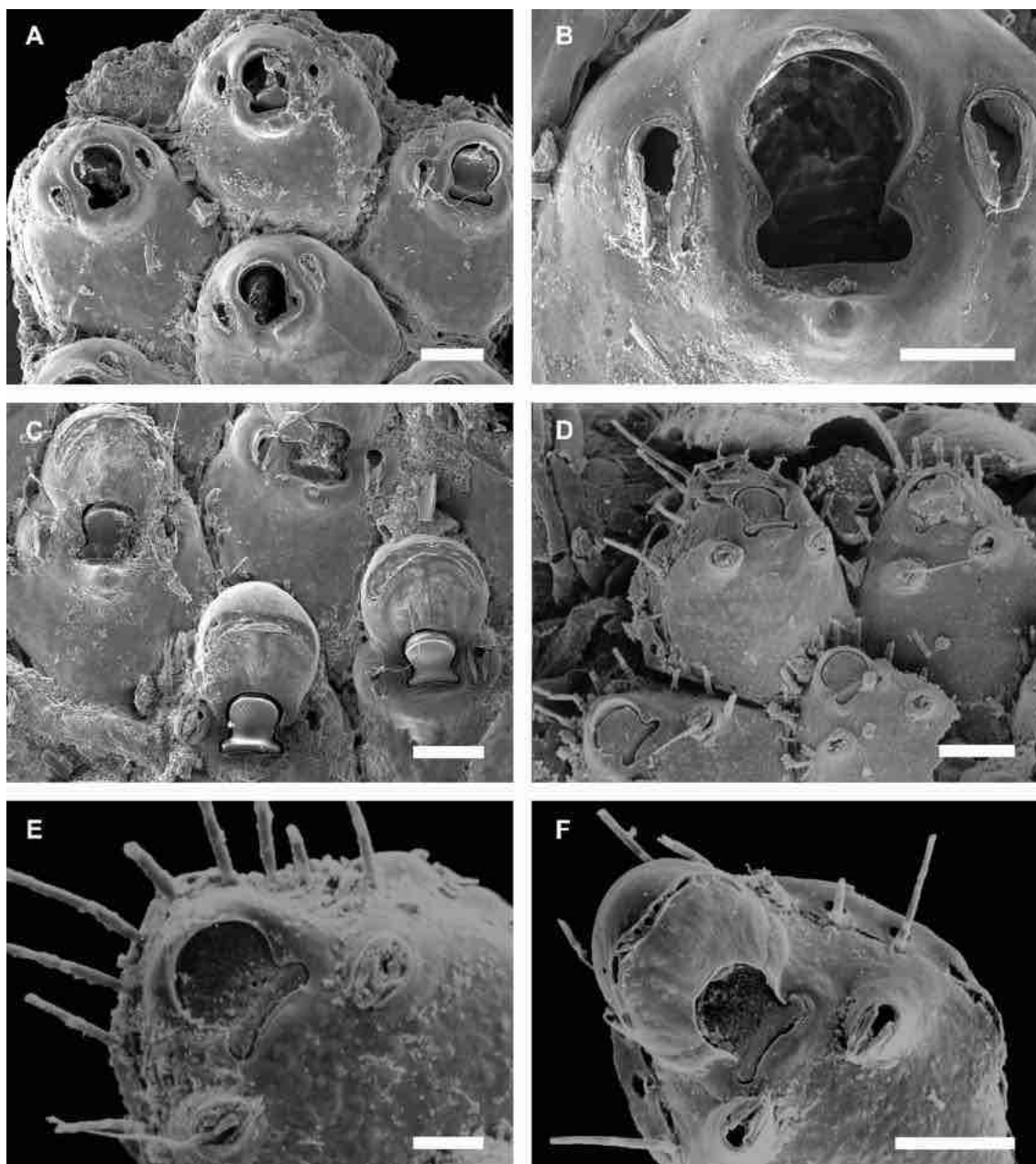
(Figura 121D–F)

Crepidacantha teres: Almeida et al., 2015a: 5.**Material examinado.** Holótipo: UFBA 777, Costa dos Coqueiros. Parátipo: UFBA 728, Costa dos Coqueiros. Material adicional: Apêndice A.**Descrição.** Colônia incrustante, unilaminar, delicada. Autozoóides sublosangulares ($Lz = 0,320\text{--}0,408$ mm; $lz = 0,231\text{--}0,311$ mm; $n = 8$), 6–10 longos espinhos marginais distais. Parede frontal lepralióide, calcificação lisa, sem pseudoporos frontais, 2–3 poros marginais proximais. Orifício primário ($Lo = 0,061\text{--}0,084$ mm; $lo = 0,048\text{--}0,064$ mm; $n = 8$) com anter circular, um par de côndilos proximolaterais triangulares, poster convexo, formando abas proximais laterais semicirculares, levemente curvadas. Orifício secundário completo, sem umbo suboral. Aviculários adventícios pequenos ($Lav = 0,036\text{--}0,057$ mm; $lav = 0,019\text{--}0,035$ mm), frontais, um pareados, em forma de gota, borda proximal arqueada e rostro subtriangular curto, desenvolvido em câmara calcificada saliente, dispostos horizontalmente, abaixo das abas proximais laterais do orifício e acima do meio do comprimento do autozoóide, direcionados medianamente. Zoóide ovicelados com mesmo orifício primário que autozoóides. Ovicelo hiperestomial ($Lov = 0,116\text{--}0,120$ mm; $lov = 0,141\text{--}0,167$ mm); ooécio lepralieforme, ectooécio com arco poroso.**Comentários.** *Crepidacantha* sp. nov.2 pertence a um grupo de espécies (*Crepidacantha carsioseta* Winston & Heimberg, 1986, *Crepidacantha poissonii* (Audouin, 1826) e *Crepidacantha teres* (Smitt, 1873)) caracterizadas por possuírem aviculários adventícios frontais dispostos horizontalmente. *Crepidacantha carsioseta*, entretanto, possui orifício primário com poster e abas proximais laterais acentuadamente convexos, formando lábio proximal distinto, umbo suboral e possui autozoóides e orifícios grandes ($lz = 0,396\text{--}0,522$; $lo = 0,072\text{--}0,126$ mm); em *Crepidacantha* sp. nov.2 o orifício possui poster menos convexo com abas proximais levemente curvadas, não há umbo suboral e os autozoóides e orifícios são menores ($lz = 0,231\text{--}0,311$; $lo = 0,048\text{--}0,064$ mm). *Crepidacantha poissonii* é distinta de *Crepidacantha* sp. nov.2 pelo orifício distintamente trifoliado com processo pontiagudo distal e lábio proximal bem desenvolvido; na segunda espécie o orifício possui poster e abas proximais levemente curvados, sem processo pontiagudo distal ou lábio proximal distinto. Por fim, *Crepidacantha teres* distingue-se de *Crepidacantha* sp. nov.2 pelo orifício com poster e abas proximais retos, ao contrário do poster convexo e abas proximais curvadas da nova espécie.

As três espécies de *Crepidacantha* reportadas para o Brasil, *Crepidacantha longiseta*, *Crepidacantha setigera* e *Crepidacantha* sp. nov.1, possuem aviculários mediolatero-orais dispostos verticalmente, sendo prontamente diferenciados dos aviculários frontais dispostos horizontalmente de *Crepidacantha* sp. nov.2.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil. *Crepidacantha* sp. nov.2 é conhecida para toda a costa da Bahia, entre 10 e 40 metros de profundidade, incrustando corais e rodólitos.

Figura 121. A–C, *Crepidacantha* sp. nov.1 (UFBA 2898); D–F, *Crepidacantha* sp. nov.2 (UFBA 728). A, D, autozoóides; B, E, detalhe do orifício e aviculários; C, F, zoóides ovicelados. Escalas: A, C, D, F = 100 μ m; B, E = 50 μ m.



Fonte: O autor (2018).

4.55 Família Mamilloporidae Canu & Bassler, 1927a

Diagnose. Colônias incrustantes, domais, cônicas ou cilíndricas. Zoóides brotam radialmente. Substrato colonial inicial não incorporado na calcificação basal. Autozoóides semi-erectos, delimitados por sulcos. Calcificação frontal do tipo lepralioide, sem pseudoporos frontais, poros marginais distintos. Orifício primário central, elíptico alongado, anter e poster arqueados e amplos, divididos por um par de côneilos laterais pontiagudos. Aviculários adventícios ou interzooidais; rostro arredondado a agudo, um par de côneilos laterais arredondados. Parede basal com calcificação densa, por vezes rugosa e com câmaras largas; poros e aviculários podem estar presentes. Dimorfismo sexual zooidal tipicamente presente; zoóide ovicelado com orifícios maiores que os autozoóides. Ovicelo hiperestomial, fechado pelo opérculo; ooécio lepralieforme, ectooécio poroso (COOK; CHIMONIDES, 1994b; OSTROVSKY, 2013).

Gênero *Mamillopora* Smitt, 1873

Diagnose. Colônia domal variando de cônica baixa a achatada, aspecto arredondado. Autozoóides distintamente semi-erectos. Orifício primário grande e central, côneilos laterais robustos, ocupando a maior parte da parede frontal. Orifício secundário bem desenvolvido, geralmente com nódulos. Aviculários adventícios elípticos, dispostos entre os autozoóides ou na parede basal. Zoóide ovicelado tipicamente com orifícios maiores que os autozoóides. Ovicelo hiperestomial; ooécio lepralieforme, ectooécio poroso (OSBURN, 1952; OSTROVSKY, 2013).

***Mamillopora cupula* Smitt, 1873**

(Figura 122A–D)

Mamillopora cupula Smitt, 1873: 33, pl. 7, figs. 146, 147a–c.

Mamillopora cupula: Winston, 2005: 85, figs. 236–243 (sin. cum.); Vieira, Migotto, Winston, 2008: 31 (sin. cum.); Almeida et al., 2015a: 5; Souza & Almeida, 2017: 266.

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia cônica baixa a achatada, domal. Autozoóides ovais a trapezoidais ($Lz = 0,241\text{--}0,320$ mm; $lz = 0,228\text{--}0,291$ mm), tipicamente inclinados. Parede frontal lepralioide, lisa e nodulosa, sem pseudoporos frontais, até 4 poros marginais distintos, dispostos nos cantos zooidais. Orifício primário oval ($Lo = 0,148\text{--}0,187$ mm; $lo = 0,108\text{--}0,126$ mm), anter arqueado e poster com seio amplo e em forma de U, um par de côneilos triangulares proximolaterais. Orifício secundário formado por nódulos arredondados mais

elevados que o orifício primário, mas não escondendo o mesmo. Aviculários interzoidais elípticos (Lav1 = 0,102–0,127 mm; lav1 = 0,071–0,089 mm), côneilos triangulares proximolaterais e rostro semicircular, bordado por mesma calcificação nodulosa que os autozoóides, disposto latero-oralmente. Zoóides ovicelados maiores que os autozoóides (0,305 a 0,364 mm de largura), orifício em forma de D transversal (0,081–0,156 mm de comprimento; 0,146–0,170 mm de largura), poster levemente côncavo a reto, sem seio próximal. Ovicelo mais comum nas margens coloniais, globular; ooécio lepralieforme, ectooécio uniformemente perfurado. Superfície abfrontal da colônia com setores irregulares, poros pequenos e aviculários (Lav2 = 0,071–0,100 mm; lav2 = 0,068–0,079 mm) com a mesma morfologia, mas um pouco menores que os frontais.

Comentários. *Mamillopora cupula* é caracterizada pelas colônias domais, autozoóides com orifício secundário com nódulos arredondados, aviculários interzoidais elípticos, zoóides ovicelados com orifício em forma de D transversal e ectooécio perfurado.

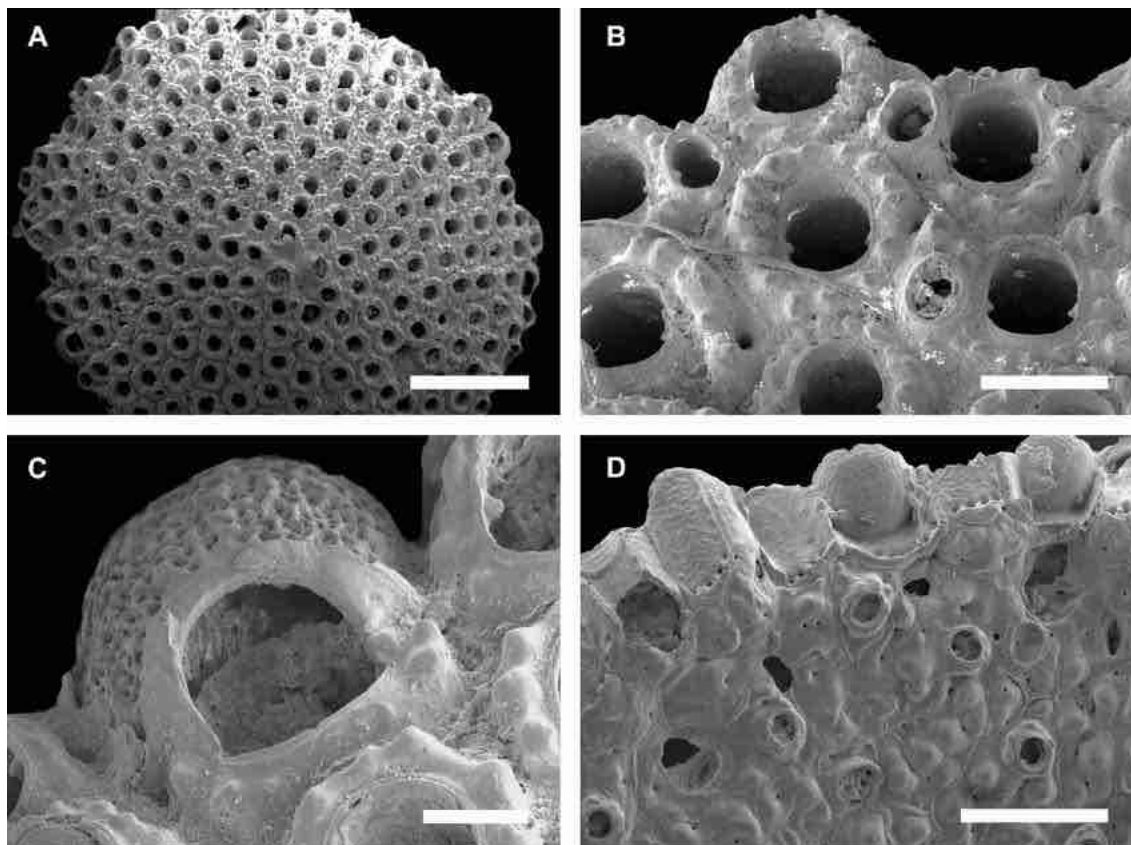
Distribuição. Atlântico Ocidental: Estados Unidos até o Brasil (WINSTON, 2005). Comum em todo o Atlântico Ocidental, *Mamillopora cupula* é encontrada em toda a costa da Bahia. É típica de fundos compostos por sedimento fino, como areia e lama, mas também em leitos cascalhosos e coralíneos (CANU; BASSLER, 1928b; WINSTON, 2005; presente estudo). Junto com outros briozoários de colônias discoides, como os representantes da família Cupuladriidae, *Mamillopora cupula* compõe a areia de briozoários típica de algumas localidades da costa da Bahia.

Superfamília Celleporoidea Johnston, 1838

4.56 Família Celleporidae Johnston, 1838

Diagnose. Colônia incrustante, multilaminar, pontual, pontual ou massiva; ou ereta ramificada. Autozoóides regular ou irregularmente dispostos. Calcificação frontal do tipo lepralieoide, sem pseudoporos frontais e com poros marginais. Orifício com anter arqueado e poster côncavo, usualmente com seio distinto; um par de côneilos laterais. Espinhos orais podem estar presentes. Orifício secundário bem desenvolvido, geralmente com pequeno aviculário adventício associado, disposto lateral ou suboralmente. Aviculários vicariantes usualmente presentes, às vezes maiores que os autozoóides. Ovicelo hiperestomial a submerso, não fechado pelo opérculo; ooécio lepralieoide, entooécio totalmente calcificado, ectooécio com poros, fenda ou fenestra (HAYWARD; RYLAND, 1999; OSTROVSKY, 2013).

Figura 122. A–D, *Mamillopora cupula* (UFBA 163). A, aspecto geral da colônia; B, autozoóides, orifícios e aviculários; C, detalhe de zoóide ovicelado; D, superfície abffrontal da colônia. Escalas: A = 1 mm; B = 200 μ m; C = 100 μ m; D = 500 μ m.



Fonte: O autor (2018).

Gênero *Celleporina* Gray, 1848

Diagnose. Colônia incrustante, multilaminar, pontual ou massiva. Autozoóides sub-eretos, irregularmente dispostos. Parede frontal com poucos e conspícuos poros marginais. Orifício com anter arqueado e poster côncavo, geralmente com seio distinto; um par de côneilos laterais; espinhos orais ausentes. Orifício secundário tipicamente com um par de aviculários adventícios laterais. Aviculários vicariantes podem estar presentes. Ovicelo hiperestomial a submerso, não fechado pelo opérculo; ooécio lepralieforme, ectooécio com poros distribuídos formando área central (tabula) expondo entoócio totalmente calcificado (HAYWARD; RYLAND, 1999; OSTROVSKY, 2013).

Celleporina joannae Almeida, Souza, Menegola & Vieira, 2017

(Figura 123A–C)

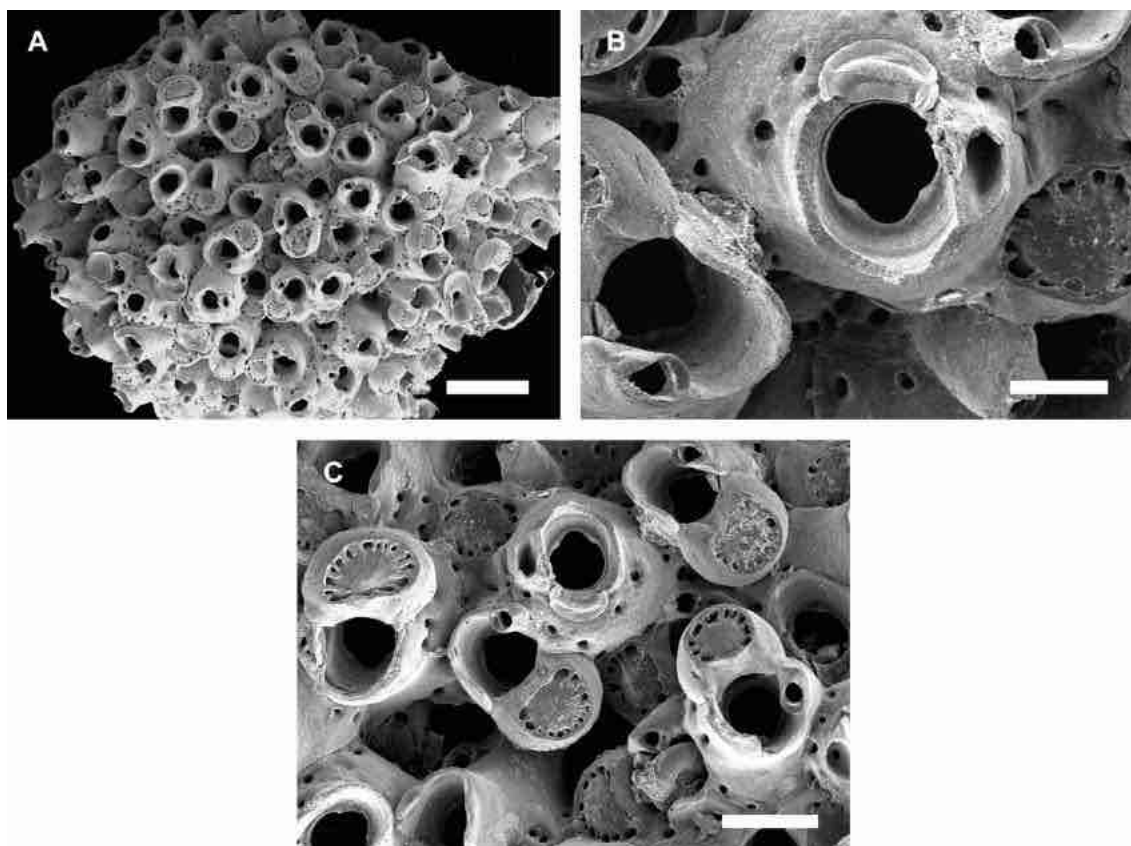
Celleporina joannae Almeida, Souza, Menegola & Vieira, 2017: 308, figs. 74–77.

Celleporina costazii: Souza & Almeida, 2017: 267 (sin. nov.).

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, multilaminar, pontual. Autozoóides globulares a suberetros ($Lz = 0,232\text{--}0,401\text{ mm}$; $lz = 0,245\text{--}0,352\text{ mm}$), irregularmente dispostos. Parede frontal lepralióide, lisa; 6–8 poros marginais. Orifício primário terminal ($Lo = 0,108\text{--}0,133\text{ mm}$; $lo = 0,103\text{--}0,138\text{ mm}$), anter circular, poster com seio amplo e em forma de U, um par de pequenos côneos arredondados proximolaterais. Orifício secundário desenvolvido como borda de calcificação tubular. Aviculário adventício tipicamente único, raramente pareado, latero-oral, disposto nas abas laterais da calcificação secundária tubular, aspecto subtriangular ($Lav = 0,068\text{--}0,092\text{ mm}$; $lav = 0,036\text{--}0,057\text{ mm}$), margem proximal semicircular e rostro subtriangular curto, forâmên elíptico e barra transversal completa. Outros aviculários ausentes. Ovicelo hiperestomial ($Lov = 0,130\text{--}0,227\text{ mm}$; $lov = 0,150\text{--}0,237\text{ mm}$); ooécio lepralióide, entooécio calcificado em tabula larga, ectooécio com 8–12 poros distolaterais, formando costelas distintas com o desenvolvimento colonial.

Figura 123. A–C, *Celleporina joannae* (UFBA 3347). A, aspecto geral da colônia; B, autozoóide, orifício e aviculários; C, grupo de zoóides ovicelados. Escalas: A = 500 μm ; B = 100 μm ; C = 200 μm .



Fonte: O autor (2018).

Comentários. *Celleporina joannae* é distinta de todas as congêneres pelo orifício secundário tubular com 1–2 aviculários subtriangulares, orifício com seio amplo em forma de U com côndilos arredondados, e ectooécio com 8–12 poros distolaterais.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017). Endêmica da Bahia, esta espécie foi recentemente descrita com base em espécimes habitantes de esponjas na Baía de Camamu, Costa do Dendê (ALMEIDA et al., 2017). Ocorre também na Costa dos Coqueiros, Baía de Todos os Santos e Costa do Descobrimento, entre 18–20 metros, sobre algas, esponjas e nódulos calcários.

Gênero *Pourtalesella* Winston, 2005

Diagnose. Colônia incrustante, multilaminar, pontual ou massiva; ou ereta bilaminar. Autozoóides regularmente dispostos. Parede frontal lisa, pseudoporos frontais pequenos e poros marginais distintos. Orifício com anter arqueado e poster com seio distinto; um par de côndilos laterais; espinhos orais ausentes. Orifício secundário tipicamente com aviculários adventícios laterais. Aviculários adventícios frontais podem estar presentes. Ovicelo hiperestomial, não fechado pelo opérculo; ooécio lepralieforme, ectooécio com fenestra (WINSTON, 2005; OSTROVSKY, 2013).

***Pourtalesella carvalhoi* (Marcus, 1937)**

(Figura 124A–D)

Schizoporella carvalhoi Marcus, 1937: 89, pl. 18, fig. 47A–B.

Pourtalesella carvalhoi: Vieira, Migotto, Winston, 2008: 32 (sin. cum.); Almeida et al., 2015a: 5; Souza & Almeida, 2017: 267.

Material examinado. Apêndice A.

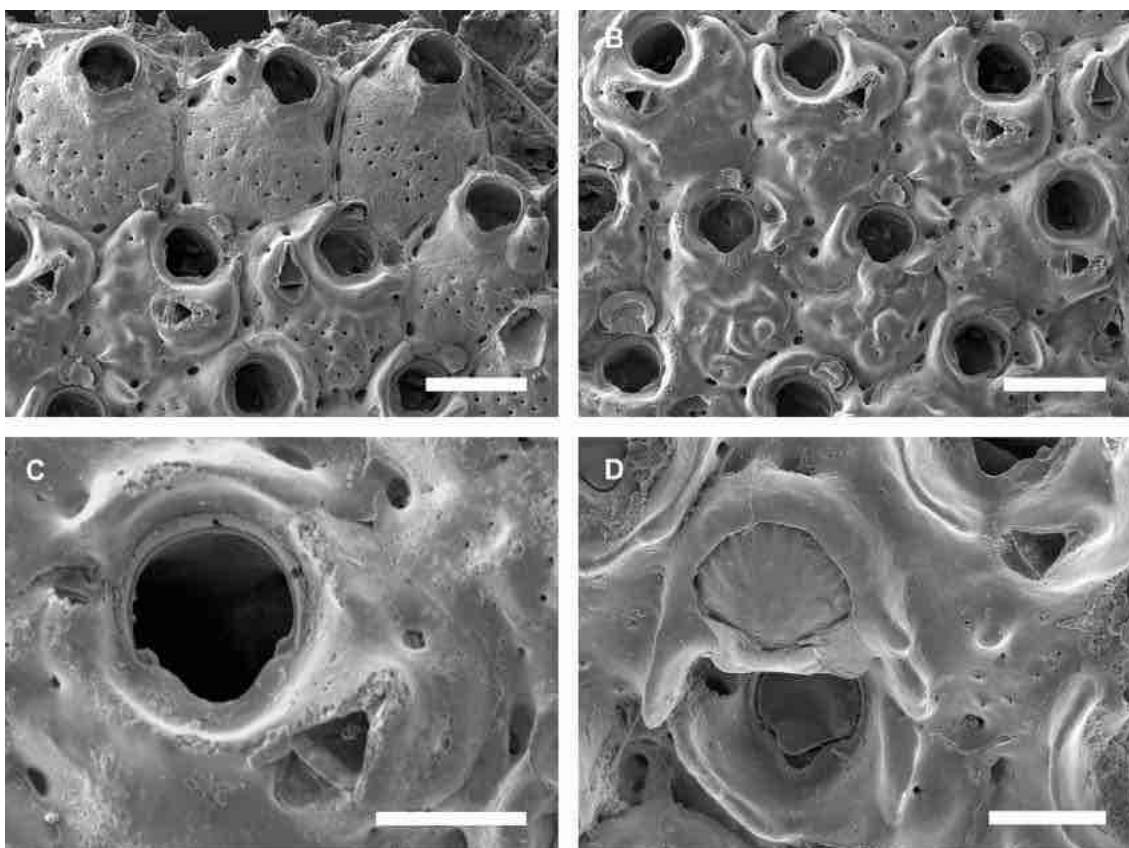
Descrição. Colônia amarelada (*in vivo*), incrustante. Autozoóides subhexagonais ou irregularmente poligonais ($Lz = 0,368\text{--}0,433$ mm; $lz = 0,256\text{--}0,330$ mm), delimitados por paredes laterais levemente elevadas. Parede frontal lepralieoide, rugosa a verrugosa, pseudoporos frontais pequenos, exceto logo abaixo do orifício; 4–10 poros marginais. Orifício primário ($Lo = 0,100\text{--}0,121$ mm; $lo = 0,096\text{--}0,110$ mm) com anter semicircular e poster com seio amplo em forma de V; côndilos arredondados proximolaterais. Orifício secundário desenvolvido como borda de calcificação nodulosa a com tubérculos; aviculário adventício latero-oral pequeno ($Lav1 = 0,034\text{--}0,052$ mm; $lav1 = 0,030\text{--}0,091$ mm), disposto em um dos lados da borda de calcificação secundária, aspecto elíptico e margem proximal serrilhada. Aviculário adventício frontal subtriangular ($Lav2 = 0,091\text{--}$

0,124 mm; lav2 = 0,051–0,066 mm), mais que o dobro do latero-oral, borda proximal semicircular e rostro triangular, disposto logo abaixo de um dos lados do orifício secundário. Ovicelo hiperestomial (Lov = 0,152–0,185 mm; lov = 0,178–0,224 mm); ooécio lepralieforme, entooécio calcificado em tabula larga com calcificação rugosa radial, ectooécio com fenestra mediana semicircular.

Comentários. *Pourtalesella carvalhoi* é diagnosticada pelo orifício com seio amplo em forma de V, côneilos arredondados, aviculário latero-oral pequeno e elíptico e frontal grande e subtriangular, disposto logo abaixo de um dos lado do orifício, e ovicelo com tabula larga com calcificação rugosa radial.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (ALMEIDA et al. 2015a; VIEIRA; MIGOTTO; WINSTON, 2008). Endêmica do Brasil, conhecida para o Paraná, São Paulo e Bahia (VIEIRA; NASCIMENTO; ALMEIDA, 2018). Na Bahia, ocorre da Costa dos Coqueiros a Costa do Dendê, do entremarés a 48 metros, sobre suportes rígidos como outros briozoários, rodolitos, rochas, nódulos calcários e estruturas artificiais (placas de PVC).

Figura 124. A–D, *Pourtalesella carvalhoi* (UFBA 2906). A, zoóides na borda de crescimento; B, grupo de autozoóides; C, detalhe do orifício primário e aviculário; D, zoóide ovicelado. Escalas: A, B = 200 μ m; C, D = 100 μ m.



Fonte: O autor (2018).

Gênero *Turbicellepora* Ryland, 1963

Diagnose. Colônia incrustante, multilaminar, pontual ou massiva; ou ereta, ramificada. Autozoóides sub-eretos, irregularmente dispostos. Parede frontal com poucos poros marginais. Orifício com anter arqueado e poster côncavo, às vezes com seio distinto; um par de côndilos laterais; espinhos orais ausentes. Aviculários adventícios laterais tipicamente presentes. Aviculários adventícios frontais e vicariantes podem estar presentes. Ovicelo hiperestomial, não fechado pelo opérculo; ooécio lepralieforme, ectooécio com poros (HAYWARD; RYLAND, 1999; OSTROVSKY, 2013).

***Turbicellepora iarae* Almeida, Souza, Menegola & Vieira, 2017**

(Figura 125A–C)

Turbicellepora iarae Almeida, Souza, Menegola & Vieira, 2017: 310, figs. 78–80,

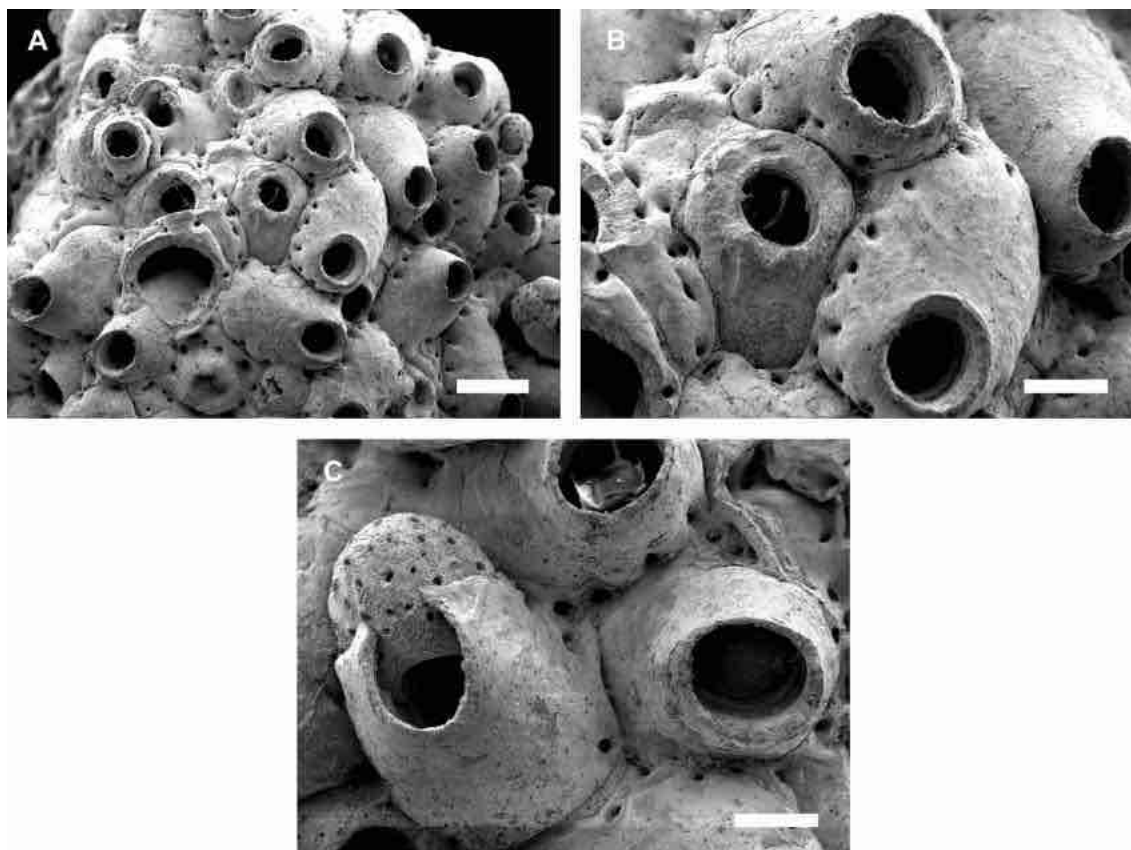
Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, multilaminar, pontual. Autozoóides semi-eretos, hexagonais (Lz = 0,617–0,944 mm; lz = 0,459–0,645 mm), irregularmente dispostos. Parede frontal lepralioide, lisa a levemente rugosa; 5–20 poros marginais. Orifício primário oval (Lo = 0,196–0,272 mm; lo = 0,166–0,224 mm), anter arqueado e poster amplo e em forma de U, um par de côndilos triangulares proximolaterais. Orifício secundário tubular e liso. Aviculários ausentes. Ovicelo hiperestomial a submerso (Lov = 0,270–0,358 mm; lov = 0,283–0,405 mm; n = 5); ooécio lepralieforme, ectooécio com 10–25 poros.

Comentários. *Turbicellepora iarae* é a única espécie de *Turbicellepora* que não possui nenhum tipo de aviculário. Além dessa característica, *Turbicellepora iarae* é distinta de todas as congêneres pelos autozoóides semi-eretos, orifício primário com anter amplo coberto pelo orifício secundário tubular, e ectooécio com 10–25 poros.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017). *Turbicellepora iarae* é apenas conhecida para a Bahia, onde é comum sobre esponjas na Baía de Camamu, Costa do Dendê (ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017). Também ocorre na Costa dos Coqueiros e Baía de Todos os Santos, entre 18 e 20 metros de profundidade.

Figura 125. A–C, *Turbicellepora iarae* (UFBA 1185). A, aspecto geral da colônia; B, autozoóides e orifícios; C, autozoóides e zoóide ovicelado. Escalas: A = 500 μ m; B = 250 μ m; C = 200 μ m.



Fonte: O autor (2018).

***Turbicellepora brasiliensis* Winston, Vieira & Woollacott, 2014**

(Figura 126A–D)

Turbicellepora brasiliensis Winston, Vieira & Woollacott, 2014: 217, fig. 49.

Turbicellepora pourtalesi: Almeida et al., 2015a: 5.

Material examinado. Apêndice A.

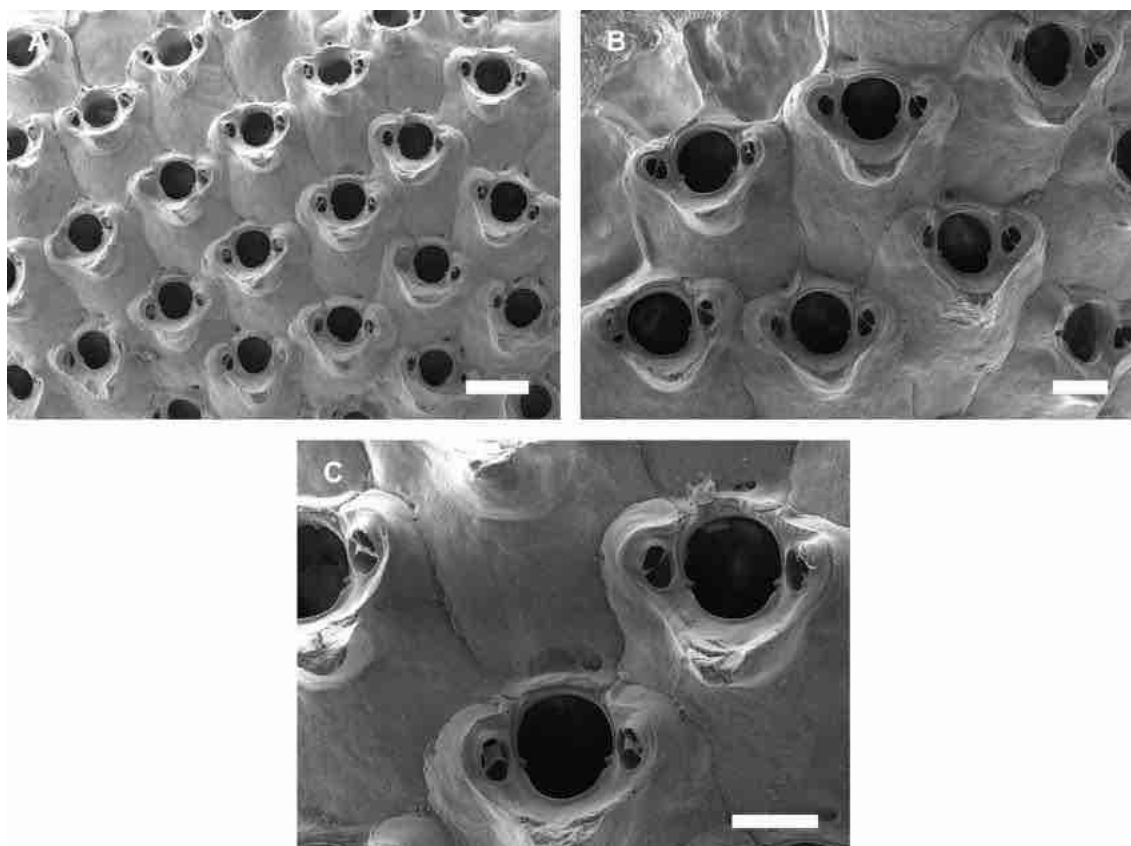
Descrição. Colônia incrustante, uni a multilaminar. Autozoóides subretangulares ($Lz = 0,321\text{--}0,416$ mm; $lz = 0,272\text{--}0,314$ mm), regularmente dispostos. Parede frontal lepralióide, lisa, com 2–4 poros marginais espaçados. Orifício primário oval ($Lo = 0,119\text{--}0,132$ mm; $lo = 0,098\text{--}0,124$ mm), anter arqueado e poster amplo e profundo, em forma de U, um par de côneos triangulares proximolaterais. Orifício secundário desenvolvido como três abas de calcificação, sendo uma suboral formando umbo pontiagudo e duas laterais abrigando um par de pequenos aviculários. Aviculários adventícios pequenos ($Lav = 0,043\text{--}0,056$ mm; $lav = 0,036\text{--}0,046$ mm), latero-orais, elípticos, forâmen oval e barra transversal completa, dispostos distolateralmente. Outros aviculários e ovicelos não observados.

Comentários. *Turbicellepora brasiliensis* é diferenciada de outras espécies do gênero pelo orifício secundário formando três abas de calcificação, sendo uma o umbo suboral pontiagudo e as outras duas abrigando um par de aviculários elípticos dispostos distolateralmente. A ausência de aviculários gigantes também é característica da espécie.

Alguns espécimes de *Turbicellepora brasiliensis* da Bahia estavam previamente identificados como *Turbicellepora pourtalesi* Winston, 2005 (ALMEIDA et al., 2015a). Entretanto, em *Turbicellepora pourtalesi* os aviculários adventícios são suborais e há aviculário gigantes (ausentes em *Turbicellepora brasiliensis*).

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014). *Turbicellepora brasiliensis* é apenas conhecida para a Bahia (WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014). É comum na Costa dos Coqueiros, Baía de Todos os Santos, Costa do Dendê e Costa das Baleias, sobre rodolitos, nódulos calcários e rochas.

Figura 126. A–C, *Turbicellepora brasiliensis* (UFBA 666). A, aspecto geral da colônia; B, grupo de autozoóides; C, detalhe dos autozoóides, orifícios e aviculários. Escalas: A = 200 μ m; B, C = 100 μ m.



Fonte: O autor (2018).

***Turbicellepora* sp. nov.**

(Figura 127A–D)

Material examinado. Holótipo: UFPE 3348, Costa do Cacau. Parátipo: UFBA 3560, Costa do Cacau. Material adicional: Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, uni a multilaminar, pontual. Autozoóides subhexagonais ou ovais ($Lz = 0,477\text{--}0,862$ mm; $lz = 0,354\text{--}0,515$ mm), irregularmente dispostos. Parede frontal lepralioide, rugosa a verrugosa, nódulos frontais pequenos e arredondados; 6–10 poros marginais. Orifício primário oval ($Lo = 0,189\text{--}0,220$ mm; $lo = 0,152\text{--}0,189$ mm), anter arqueado e poster amplo e em forma de U, um par de côneilos triangulares proximolaterais. Orifício secundário tubular e com bordas laterais com par de aviculários laterais. Aviculários adventícios pequenos ($Lav = 0,081\text{--}0,120$ mm; $lav = 0,048\text{--}0,068$ mm), latero-orais, tipicamente pareados, elípticos com borda distal pontiagudo, forâmen oval e barra transversal completa. Outros aviculários ausentes. Ovicelo hiperestomial ($Lov = 0,233\text{--}0,250$ mm; $lov = 0,268\text{--}0,307$ mm; $n = 5$), globular; ooécio lepralieforme, ectooécio com mais de 20 poros pequenos distribuídos por toda a superfície.

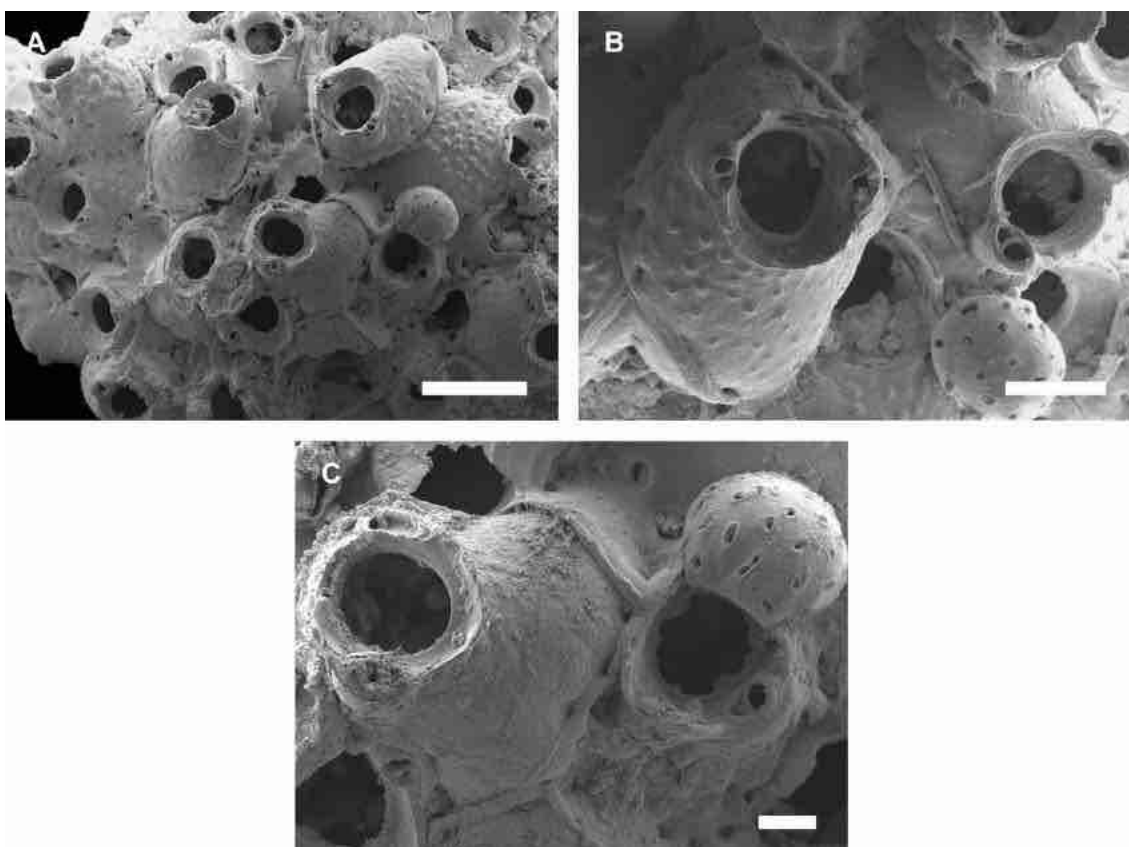
Comentários. *Turbicellepora* sp. nov. é caracterizada pelas colônias pontuais, autozoóides com superfície frontal nodulosa, orifício com poster côncavo amplo, aviculários adventícios latero-orais tipicamente pareados e ausência de aviculários interzoidais. A maioria das espécies de *Turbicellepora* possui aviculários interzoidais e aviculários adventícios suborais, sendo, então, facilmente diferenciadas de *Turbicellepora* sp. nov.

Assim como *Turbicellepora* sp. nov., outras quatro congêneres possuem colônias incrustantes pontuais, *Turbicellepora iarae*, *Turbicellepora coronopus* (Wood, 1844), *Turbicellepora nodulosa* (Lorenz, 1886) e *Turbicellepora winstonae* Vieira, Gordon, Souza & Haddad, 2010, *Turbicellepora iarae* difere de *Turbicellepora* sp. nov. pela superfície frontal lisa e ausência de aviculários (em *Turbicellepora* sp. nov. a superfície frontal é nodulosa e os aviculários adventícios latero-orais são tipicamente pareados). *Turbicellepora coronopus* possui orifício com seio distinto, aviculários adventícios sub ou latero-orais e aviculários interzoidais espatulados (o orifício de *Turbicellepora* sp. nov. não possui seio distinto, os aviculários adventícios são latero-orais e não há aviculários interzoidais). *Turbicellepora nodulosa* é distinta de *Turbicellepora* sp. nov. pelo orifício com poster mais estreito (amplo em *Turbicellepora* sp. nov.), aviculários adventícios latero-orais únicos (tipicamente pareados em *Turbicellepora* sp. nov.) e ovicelo com 2–6 poros pequenos (mais de 20 poros em *Turbicellepora* sp. nov.).

Diferenças entre *Turbicellepora winstonae* e *Turbicellepora* sp. nov. incluem a superfície frontal (lisa em *Turbicellepora winstonae* e nodulosa em *Turbicellepora* sp. nov.), forma do poster do orifício primário (pontagudo medianamente em *Turbicellepora winstonae* e semicircular em *Turbicellepora* sp. nov.) e orifício secundário (com tubérculos pontiagudos em *Turbicellepora winstonae* e tubular em *Turbicellepora* sp. nov.).

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil. Na Bahia, colônias pontuais de *Turbicellepora* sp. nov. crescem ao redor de substratos rígidos como grãos de cascalho e nódulos calcários, sendo componentes frequentes do fundo entre 20 e 50 metros de profundidade da Costa do Cacau e Costa das Baleias.

Figura 127. A–C, *Turbicellepora* sp. nov. (UFBA 3348). A, aspecto geral da colônia; B, autozoóides, orifícios e aviculários; C, autozoóide e zoóide ovicelado. Escalas: A = 500 μ m; B = 200 μ m; C = 100 μ m.



Fonte: O autor (2018).

4.57 Família Colatoecciidae Winston, 2005

Diagnose. Colônia incrustante, uni a multilaminar, formando colônias pontuais ou manchas extensas; ou ereta e bilaminar. Calcificação frontal do tipo lepralióide, perfurada por pseudoporos frontais e com poros marginais; calcificação robusta em zoóides mais velhos. Espirâmen ocasionalmente visível, conspícuo e abaixo do orifício em autozoóides

jovens e imerso na parede frontal em autozoóides mais velhos na colônia. Orifício primário em forma de D transversal a arredondado, anter arqueado e poster com desenvolvimento variável, não formando seio mediano; côndilos laterais presentes ou ausentes. Espinhos ausentes. Orifício secundário tipicamente bem desenvolvido e com tubérculos cônicos. Aviculários adventícios pequenos, suborais, frontais ou marginais, ocasionalmente dimórficos; aviculários interzoidais com morfologias variadas geralmente presentes. Ovicelo hiperestomial a submerso, não fechado pelo opérculo; ooécio lepralieforme, entooécio totalmente calcificado e ectooécio com poros, fenda ou fenestra (ALMEIDA et al., 2014; WINSTON, 2005).

Gênero *Trematoecia* Osburn, 1940

Diagnose. Colônia incrustante, uni a multilaminar, formando colônias pontuais ou manchas extensas; ou ereta e bilaminar. Parede frontal com pseudoporos frontais e poros marginais. Orifício primário em forma de D transversal a arredondado; côndilos laterais presentes ou ausentes; sem espinhos. Orifício secundário tipicamente bem desenvolvido; tubérculos cônicos orais. Aviculários adventícios pequenos, tipicamente um suboral, e poucos frontais ou marginais, ocasionalmente dimórficos; aviculários interzoidais com morfologias variadas geralmente presentes. Ovicelo hiperestomial a submerso, não fechado pelo opérculo; ooécio lepralieforme, entooécio totalmente calcificado e ectooécio com fenda ou fenestra (ALMEIDA et al., 2014; OSBURN, 1940).

***Trematoecia arborescens* (Canu & Bassler, 1928a)**

(Figura 128A–C)

Rhynchozoon arborescens Canu & Bassler, 1928a: 32, pl. 7, figs. 4–10,

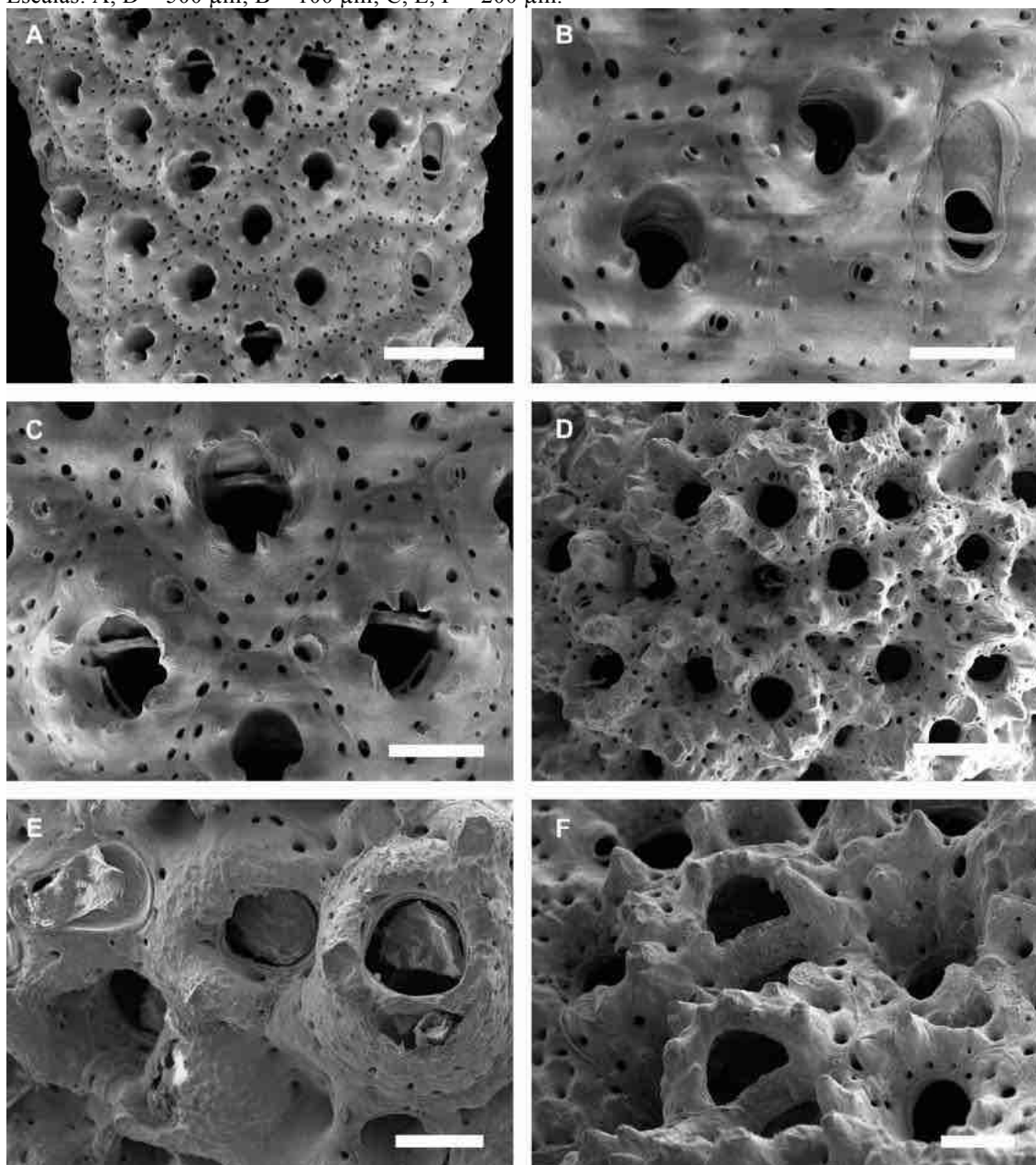
Trematoecia arborescens: Almeida et al., 2014: 40, figs. 25–26 (sin. cum.); Almeida et al., 2015a: 5; Souza & Almeida, 2017: 267.

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia ereta, bilaminar, espalmada. Autozoóides hexagonais ou irregularmente poligonais ($Lz = 0,516\text{--}0,757$ mm; $lz = 0,297\text{--}0,433$ mm). Parede frontal lepralieoide, lisa, 18–24 poros marginais. Orifício primário elíptico, seio proximal amplo e raso e côndilos laterais triangulares, tipicamente coberto pelo orifício secundário fortemente calcificado e formado por 4–6 tubérculos curtos. Aviculário adventício suboral elíptico de dois tamanhos: pequeno (0,044–0,050 mm de comprimento; 0,022–0,050 mm de largura; $n = 8$) com margem distal lisa, e grande (0,115–0,126 mm de

comprimento; 0,037–0,055 mm de largura) com margem distal serrilhada. Aviculários frontais elípticos (0,040–0,051 mm de comprimento; 0,031–0,038 mm de largura), margens lisas. Aviculário interzooidal gigante (0,258–0,330 mm de comprimento; 0,093–0,117 mm de largura; $n = 6$) com margem proximal semicircular, rostro espatulado, foramen elíptico e barra transversal completa. Zoóides ovicelados maiores que os autozoóides. Ovicelo imerso; ooécio lepralieforme, subglobular; ectooécio com fenestra membranosa semicircular.

Figura 128. A–C, *Trematooecia arborescens* (UFBA 555); D–F, *Trematooecia ridleyi* (UFBA 623). A, D, aspecto geral de porção da colônia; B, E, detalhe dos autozoóides e aviculários; C, F, zoóides ovicelados. Escalas: A, D = 500 μm ; B = 100 μm ; C, E, F = 200 μm .



Fonte: O autor (2018).

Comentários. *Trematooecia arborescens* é caracterizada pelas colônias eretas e espalmadas, orifício elíptico, aviculários suborais dimórficos, aviculários frontais elípticos, aviculários interzoidais espatulados e ectooécio com fenestra semicircular.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (ALMEIDA et al., 2014). Conhecida para o Rio de Janeiro e Bahia (ALMEIDA et al., 2014), *Trematooecia arborescens* é um dos briozoários eretos mais comuns da costa da Bahia. Habitante comum de fundo cascalhosos, ocorre entre 14 e 50 metros de profundidade da Costa dos Coqueiros, Baía de Todos os Santos, Costa do Dendê e Costa das Baleias.

***Trematooecia ridleyi* (Kirkpatrick, 1890)**

(Figura 128D–F)

Cellepora ridleyi Kirkpatrick, 1890: 505, fig. 2.

Trematooecia ridleyi: Almeida et al., 2014: 48, figs. 30–31 (sin. cum.); Almeida et al., 2015a: 5.

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, uni a multilaminar. Autozoóides poligonais, com parede frontal conexa ($Lz = 0,438\text{--}0,690$ mm; $lz = 0,409\text{--}0,648$ mm). Parede frontal lepralióide, rugosa, numerosos e curtos tubérculos frontais, perfurada por poucos pseudoporos frontais e 10–20 poros marginais. Orifício primário em forma de D transversal ($Lo = 0,174\text{--}0,216$ mm; $lo = 0,172\text{--}0,204$ mm), anter arqueado e poster levemente côncavo, sem côneilos. Orifício secundário formado por 3–5 tubérculos curtos. Aviculários adventícios suborais elípticos, pequenos (0,072–0,118 mm de comprimento; 0,048–0,089 mm de largura), margens lisas. Aviculários adventícios frontais com a mesma morfologia e tamanho que os suborais. Aviculário interzoidal gigante (0,300–0,443 mm de comprimento; 0,088–0,118 mm de largura), margem proximal semicircular, rostro espatulado, forâmen elíptico e barra transversal completa. Ovicelo proeminente; ooécio lepralieforme, subglobular; ectooécio com fenestra membranosa semicircular.

Comentários. *Trematooecia ridleyi* é caracterizada pelas colônias incrustantes, orifício em forma de D transversal, aviculários suborais e frontais elípticos, aviculários interzoidais espatulados e ectooécio com fenestra semicircular.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (ALMEIDA et al., 2014, 2015a). Originalmente descrita para Fernando de Noronha (Pernambuco), *Trematooecia ridleyi* é também conhecida para o Espírito Santo e Bahia (ALMEIDA et al., 2014). Na Bahia, ocorre entre 15–50 metros de profundidade da Costa dos Coqueiros, Baía de Todos os Santos e Costa das Baleias, sobre substratos rígidos.

***Trematooecia rotunda* Almeida, Souza, Menegola, Sanner & Vieira, 2014**

(Figura 129A–C)

Trematooecia rotunda Almeida, Souza, Menegola, Sanner & Vieira, 2014: 53, fig. 34.**Material examinado.** Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, unilaminar. Autozoóides hexagonais ou irregularmente poligonais, por vezes arredondados ($Lz = 0,300\text{--}0,459$ mm; $lz = 0,294\text{--}0,408$ mm). Parede frontal lepralióide, levemente rugosa, perfurada por poucos pseudoporos frontais, 8–15 poros marginais. Orifício primário subcircular ($Lo = 0,134\text{--}0,150$ mm; $lo = 0,114\text{--}0,150$ mm), anter arqueado, seio proximal amplo e raso; côndilos laterais triangulares. Orifício secundário formado por 3–4 tubérculos que geralmente possuem aviculários elípticos nas pontas. Aviculários frontais pequenos (0,044–0,069 mm de comprimento; 0,040–0,058 mm de largura), elípticos, margens lisas. Aviculário interzooidal gigante (0,200–0,340 mm de comprimento; 0,099–0,136 mm de largura), margem proximal semicircular, rostro obvado, forâmen elíptico e barra transversal completa. Ovicelo proeminente; ooécio lepralióide, subglobular; ectooécio com fenda mediana.

Comentários. *Trematooecia rotunda* é distinta de todas as congêneres pelos tubérculos com aviculários elípticos nas pontas. Esta espécie também não possui aviculário suboral e o ectooécio possui fenda mediana, diferindo de todas as congêneres relatadas para a Bahia.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (ALMEIDA et al., 2014). Conhecida apenas para a Bahia, *Trematooecia rotunda* é comum sobre suportes calcários como nódulos, rodolitos e rochas, ocorrendo entre 20–50 metros de profundidade da Costa dos Coqueiros, Baía de Todos os Santos, Costa do Dendê e Costa das Baleias.

***Trematooecia* sp. nov.**

(Figura 129D–F)

Palmicellaria skenei: Canu & Bassler, 1928a: 87, pl. 6, fig. 4.Non *Millepora skenei* Ellis & Solander, 1786: 135.

Material examinado. Holótipo: UFBA 3349, Costa do Dendê. Parátipo: UFBA 3355, Costa do Dendê. Material adicional: Apêndice A.

Descrição. Colônia ereta, bilaminar, espalmada. Ramos tipicamente com 6 zoóides de largura. Autozoóides subhexagonais, retangulares ou irregularmente poligonais ($Lz = 0,516\text{--}0,757$ mm; $lz = 0,297\text{--}0,433$ mm). Parede frontal lepralióide, lisa, 12–20

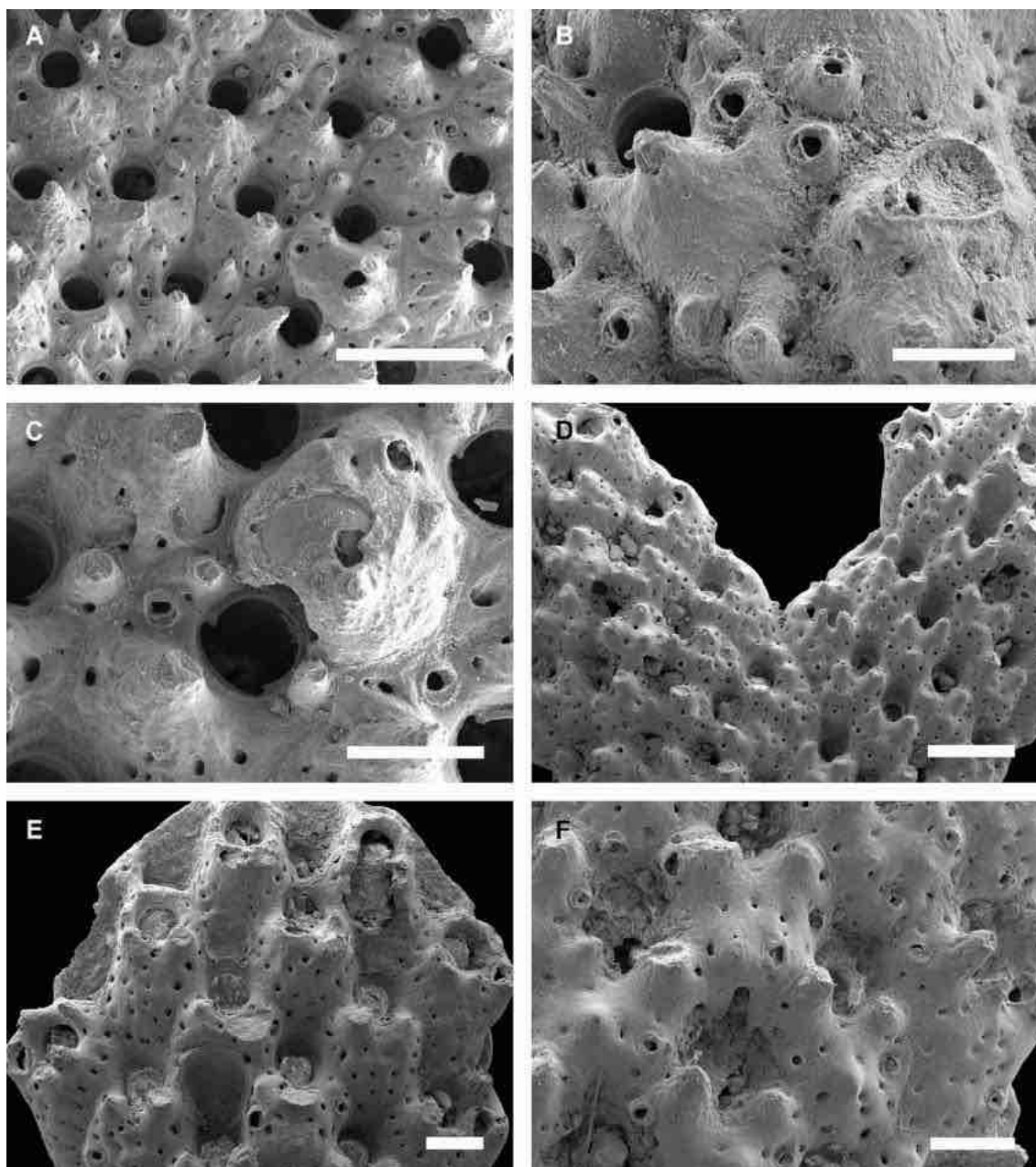
pseudoporos frontais, incluindo uma série de poros mais marginais. Orifício primário elíptico, seio proximal amplo e raso e côndilos laterais triangulares, tipicamente coberto pelo orifício secundário fortemente calcificado e formado por 3–4 tubérculos longos. Aviculários adventícios suborais dimórficos: pequeno e elíptico (0,044–0,050 mm de comprimento; 0,022–0,050 mm de largura; n = 8), margens lisas e mais comuns nos autozoóides mais interno no ramo; gigante e circular (0,115–0,126 mm de comprimento; 0,037–0,055 mm de largura), rostro semicircular amplo, mais comuns nos autozoóides marginais ou naqueles dispostos nas bifurcações. Aviculários frontais elípticos (0,040–0,051 mm de comprimento; 0,031–0,038 mm de largura), margens lisas, proximais ou marginais, 1–3 por autozoóide. Aviculário interzoidal gigante (0,258–0,330 mm de comprimento; 0,093–0,117 mm de largura; n = 6) com margem proximal semicircular, rostro espatulado, foramen elíptico e barra transversal completa, geralmente na bifurcação do ramo. Ovicelo proeminente a submerso; ooécio lepralieforme, subglobular; ectooécio com fenda mediana.

Comentários. Espécimes de *Trematooecia* sp. nov. da Bahia foram confundidos com a espécie *Palmiskenea skenei* (Ellis & Solander, 1786) (CANU; BASSLER, 1928a), por apresentar colônias eretas formada por autozoóides com aviculários suborais e frontais. Entretanto, os espécimes da Bahia possuem pseudoporos frontais, orifício secundário com tubérculos, aviculários suborais dimórficos e ectooécio com fenda mediana, características diagnósticas de *Trematooecia*. *Palmiskenea skenei* não possui pseudoporos frontais, o orifício secundário forma mucro suboral, os aviculários suborais são monomórficos e o ectooécio é poroso.

Entre as 12 espécies viventes de *Trematooecia*, *Trematooecia* sp. nov. mais se assemelha a *Trematooecia gemmea* (Winston & Woollacott, 2009) e *Trematooecia verticalis* (Maplestone, 1910) por possuírem colônias eretas e ovicelo com ectooécio com fenda mediana. *Trematooecia gemmea*, entretanto, possui ramos formados por 3 ou 4 autozoóides de largura (6 em *Trematooecia* sp. nov.), um parede frontal com poucos pseudoporos frontais (em *Trematooecia* sp. nov. há numerosos pseudoporos frontais), aviculários suborais monomórficos (dimórficos em *Trematooecia* sp. nov.) e tubérculos orais curtos (longos e robustos em *Trematooecia* sp. nov.). *Trematooecia verticalis*, por sua vez, é distinta de *Trematooecia* sp. nov. pelas colônias em forma de leque (espalmadas em *Trematooecia* sp. nov.), calcificação frontal granulosa com poucos pseudoporos frontais (lisa e com numerosos pseudoporos em *Trematooecia* sp. nov.),

orifício secundário sem tubérculos (com 3–4 tubérculos longos em *Trematooecia* sp. nov.), ausência de aviculários interzooidais (espatulados em *Trematooecia* sp. nov.).

Figura 129. A–C, *Trematooecia rotunda* (UFBA 550); D–F, *Trematooecia* sp. nov. (UFBA 3349). A, aspecto geral de porção da colônia; B, detalhe dos autozoóides e aviculários; C, zoóide ovicelado; D, porção de colônia ereta e aviculário interzooidal (na bifurcação no ramo da direita); E, detalhe dos autozoóides e aviculários adventícios suborais e frontais; F, zoóides ovicelados. Escalas: A, D = 500 μ m; B, C, E, F = 200 μ m.



Fonte: O autor (2018).

No Brasil, quatro espécies do gênero são conhecidas, *Trematooecia arborescens*, *Trematooecia osburni* Marcus, 1955, *Trematooecia ridleyi* e *Trematooecia rotunda*. A primeira difere de *Trematooecia* sp. nov. principalmente pelos tubérculos orais curtos

(longos em *Trematooecia* sp. nov.), aviculário suboral gigante de rostro elíptico (circular em *Trematooecia* sp. nov.) e ovicelo com ectooécio com fenestra mediana (com fenda em *Trematooecia* sp. nov.). *Trematooecia osburni*, *Trematooecia ridleyi* e *Trematooecia rotunda* possuem colônias incrustantes, poucos pseudoporos frontais (em *Trematooecia osburni* e *Trematooecia rotunda*), aviculários suborais monomórficos (em *Trematooecia ridleyi*) ou ausentes (em *Trematooecia osburni* e *Trematooecia rotunda*), orifício secundário sem tubérculos (em *Trematooecia osburni*) e ectooécio com fenestra (em *Trematooecia ridleyi*), diferindo das colônias eretas, autozoóides com numerosos pseudoporos frontais, aviculários suborais dimórficos, orifício secundário com 3–4 tubérculos longos e ectooécio com fenda mediana da nova espécie.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (CANU; BASSLER, 1928a; presente estudo). *Trematooecia* sp. nov. é conhecida apenas para Bahia, ocorrendo entre 14–40 metros de profundidade da Costa dos Coqueiros, Baía de Todos os Santos e Costa do Dendê. Ocorre sobre esponjas, grãos de cascalho e rochas.

4.58 Família Hippoporidridae Vigneaux, 1949

Diagnose. Colônia incrustante, uni a multilaminar, formando colônias pontuais ou manchas. Frequentemente incrustam conchas de moluscos, especialmente gastrópodes, e pequenos nódulos calcários. Calcificação frontal do tipo lepralióide, ocasionalmente perfurada por pseudoporos frontais, poros marginais distintos ou indistintos. Orifício primário com anter arqueado e poster côncavo a reto; côndilos laterais presentes. Orifício secundário tipicamente pouco desenvolvido, tubérculos podem estar presentes. Aviculários adventícios pequenos, suborais, frontais ou marginais; aviculários interzoidais com morfologias variadas podem estar presentes. Pode haver dimorfismo zooidal sexual e brotamento em sacos internos; ou ovicelo hiperestomial a submerso, não fechado pelo opérculo; ooécio lepralieforme, entooécio totalmente calcificado e ectooécio com fenda ou fenestra (HAYWARD; RYLAND, 1999).

Gênero *Abditoporella* Sosa-Yañez, Vieira & Solís-Marín, 2015

Diagnose. Colônia incrustante, uni a multilaminar. Autozoóides poligonais. Parede frontal com numerosos pseudoporos frontais. Orifício primário com anter arqueado e poster côncavo; côndilos laterais presentes. Espinhos orais ausentes. Orifício secundário tipicamente pouco desenvolvido. Aviculários adventícios ou interzoidais. Zoóides reprodutivos dimórficos, orifícios maiores que os autozoóides; brotamento em sacos de

incubação internos; ovicelos ausentes (SOSA-YAÑEZ, VIEIRA & SOLÍS-MARÍN, 2015).

***Abditoporella* sp. nov.**

(Figura 130A–D)

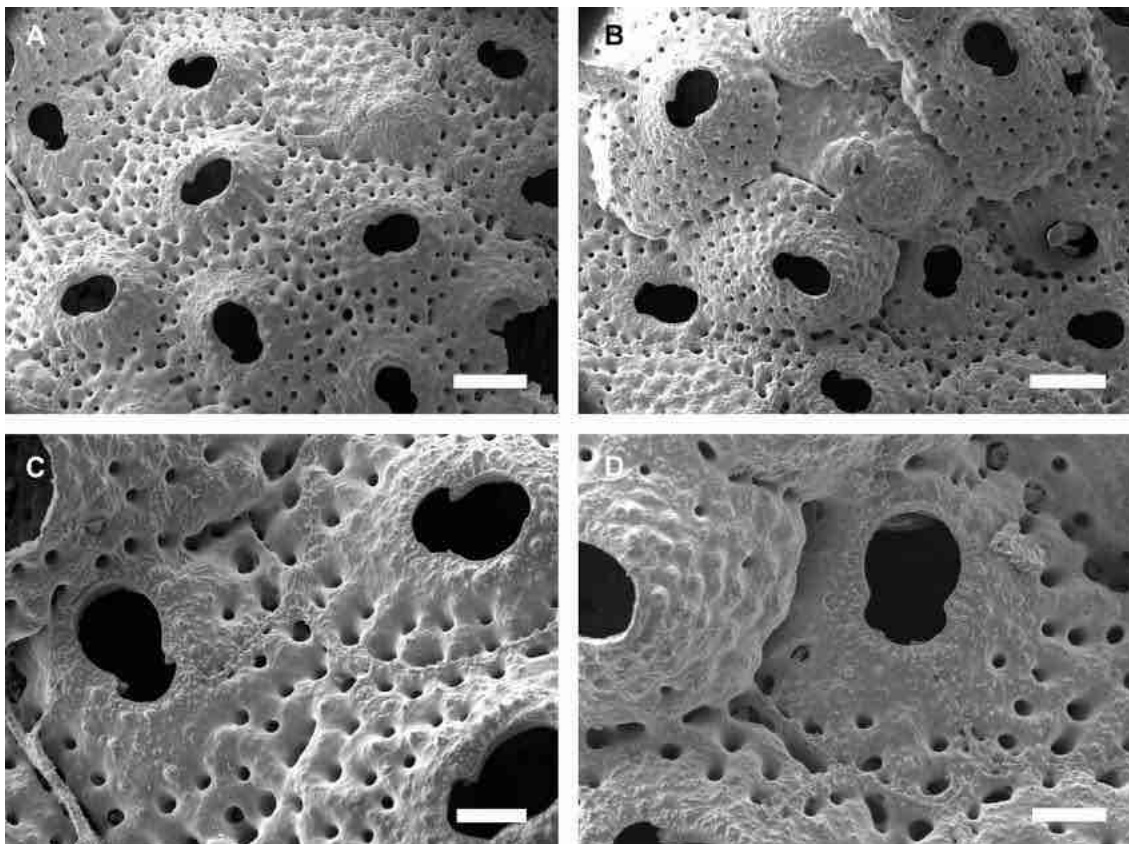
Material examinado. Holótipo: UFBA 3350, Costa dos Coqueiros. Parátipo: UFBA 3352, Costa dos Coqueiros. Material adicional: Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, multilaminar. Autozoóides poligonais, limitados por paredes laterais elevadas. Parede frontal lepralióide, rugosa a granulosa, perfurada por numerosos pseudoporos frontais arredondados ausentes apenas ao redor do orifício, poros marginais alongados. Zoóides dimórficos: autozoóides gigantes (1,300–1,520 mm de comprimento; 1,001–1,190 mm de largura), semi-erectos, orifício primário (0,399–0,454 mm de comprimento; 0,180–0,227 mm de largura), anter arqueado, poster côncavo amplo, um par de côneilos triangulares proximolaterais; zoóides em brotamento menores que os autozoóides (0,872–1,169 mm de comprimento; 0,662–0,796 mm de largura), tipicamente mais planos, orifício primário (0,349–0,383 mm de comprimento; 0,157–0,218 mm de largura) com anter arqueado, poster mais profundo que os autozoóides, um par de côneilos triangulares proximolaterais. Orifício secundário pouco desenvolvido tanto em autozoóides como em zoóides em brotamento, formado por borda de calcificação granulosa e com pequenos tubérculos. Aviculários não observados.

Comentários. Apenas duas espécies de *Abditoporella* são conhecidas, *Abditoporella dimorpha* Sosa-Yañez, Vieira & Solís-Marín, 2015 e *Abditoporella turrita* (Osburn, 1952), registradas para o Oceano Pacífico. Ambas são facilmente diferenciadas de *Abditoporella* sp. nov. pelas menores medidas zoidais (em *Abditoporella* sp. nov. os zoóides variam de 0,872–1,520 mm de comprimento e 0,662–1,190 mm de largura; em *Abditoporella dimorpha* variam de 0,470–0,580 mm de comprimento e 0,240–0,390 de largura e em *Abditoporella turrita* os zoóides possuem 0,400–0,550 mm de comprimento e 0,300–0,350 mm de largura). Adicionalmente, *Abditoporella dimorpha* possui aviculários e cenozoóides e *Abditoporella turrita* apresenta calcificação secundária do orifício formando tubérculos pontiagudos; nenhuma dessas características são observadas em *Abditoporella* sp. nov. Dessa forma, este é o primeiro registro do gênero *Abditoporella* para o Atlântico.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil. Conhecida apenas para a Bahia, *Abditoporella* sp. nov. é comum sobre nódulos calcários e rochas entre 23–50 metros de profundidade na Costa dos Coqueiros e Costa do Dendê.

Figura 130. A–D, *Abditoporella* sp. nov. (UFBA 3350). A, aspecto geral de porção da colônia; B, grupo de zoóides; C, autozoóides; D, zoóide em brotamento. Escalas: A, B = 500 μ m; C, D = 200 μ m.



Fonte: O autor (2018).

Gênero *Hippotrema* Canu & Bassler, 1927a

Diagnose. Colônia incrustante, uni a multilaminar. Parede frontal com textura rugosa, diminutos pseudoporos frontais exceto centralmente, poucos e poros marginais. Orifício primário com anter arqueado e poster raso, amplo e côncavo; côndilos laterais presentes. Espinhos orais ausentes. Orifício secundário tipicamente pouco desenvolvido. Aviculários adventícios frontais. Ovicelo hiperestomial a submerso, não fechado pelo opérculo; ooécio lepralieforme, ectooécio com fenda ou fenestra (ALMEIDA; SOUZA, 2014; OSTROVSKY, 2013).

Hippotrema fissurata Almeida & Souza, 2014

(Figura 131A–C)

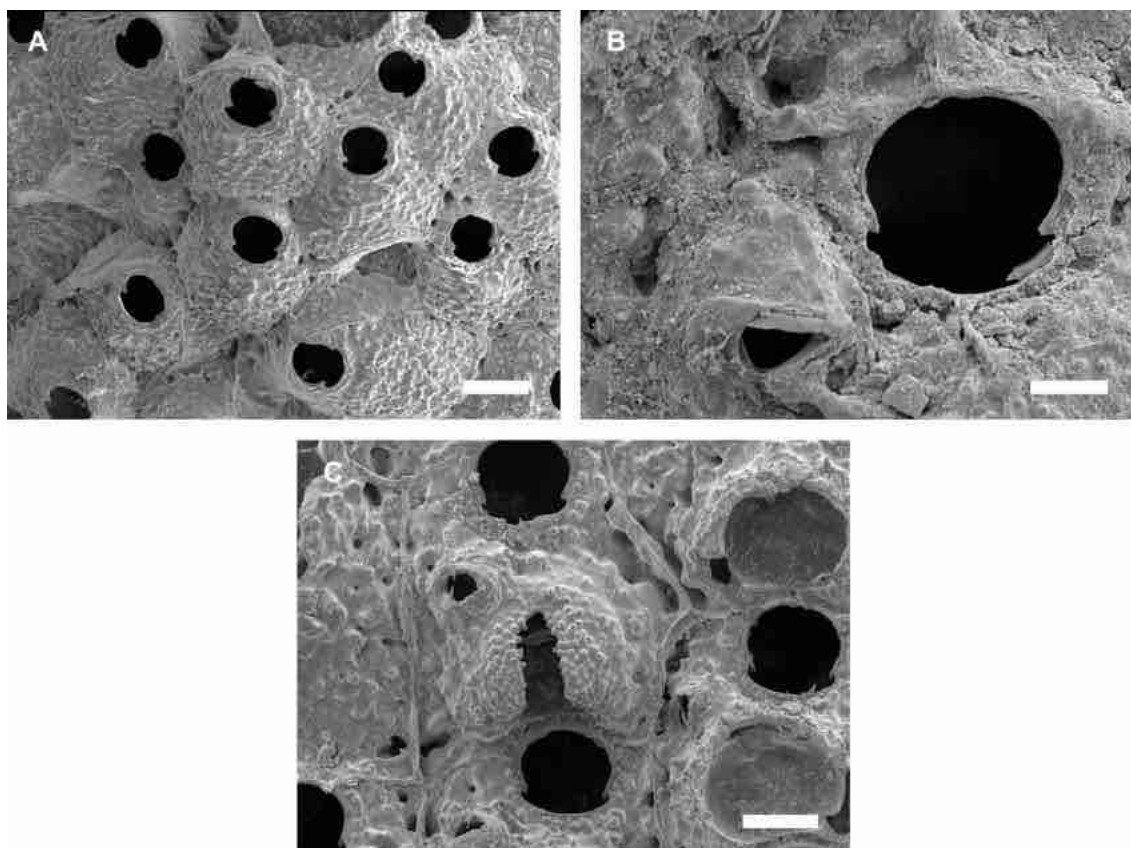
Hippotrema fissurata Almeida & Souza, 2014: 287, figs. 6–9.

Hippotrema fissurata: Almeida et al., 2015a: 5; Souza & Almeida, 2017: 267.

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, uni a multilaminar, formando nódulos pequenos ou lamina extensas. Autozoóides convexos, hexagonais ou irregularmente poligonais ($Lz = 0,340\text{--}0,500$ mm; $lz = 0,270\text{--}0,403$ mm), inicialmente orientados, mas tornando-se sem orientação com o desenvolvimento colonial. Parede frontal lepralióide, rugosa, perfurada por poucos e pseudoporos pequenos frontais, poros marginais alargados. Orifício primário ($Lo = 0,100\text{--}0,140$ mm; $lo = 0,097\text{--}0,145$ mm) com anter arqueado, poster amplo e raso, côneilos proximolaterais triangulares. Orifício secundário pouco desenvolvido, formado por borda de calcificação granulosa. Aviculários adventícios frontais com perfil subtriangular ($Lav = 0,050\text{--}0,084$ mm; $lav = 0,054\text{--}0,063$ mm) e rostro curto, barra transversal completa e forâmên elíptico, tipicamente disposto abaixo de um dos lados do orifício. Ovicelo proeminente ($Lov = 0,144\text{--}0,188$ mm; $lov = 0,189\text{--}0,243$ mm); ooécio lepralióide, globular; ectooécio com fenda mediana.

Figura 131. A–C, *Hippotrema fissurata* (UFBA 339). A, aspecto geral da colônia; B, detalhe do orifício e aviculário; C, zoóides ovicelados. Escalas: A = 200 μ m; B = 50 μ m; C = 100 μ m.



Fonte: O autor (2018).

Comentários. *Hippotrema fissurata* é caracterizada pelos autozoóides convexos com orifício primário com poster amplo e raso e condilos proximolaterais triangulares, aviculários adventícios subtriangulares dispostos abaixo de um dos lado do orifício, e ectooécio com fenda mediana.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (ALMEIDA et al., 2015a; ALMEIDA; SOUZA, 2014). Até o momento, *Hippotrema fissurata* só é conhecida para a Bahia (ALMEIDA et al., 2015a; ALMEIDA; SOUZA, 2014), onde constitui um dos briozoários mais comuns. Ocorre ao longo de toda a costa da Bahia, entre 23–45 metros de profundidade, habitante de nódulos calcários, rodolitos, conchas e outros briozoários.

Gênero *Scorpidinipora* Balavoine, 1959

Diagnose. Colônia incrustante, unilaminar. Autozoóides hexagonais. Parede frontal sem pseudoporos frontais, poros marginais e costelas radiais entre os poros. Orifício primário com anter arqueado e poster côncavo de tamanhos semelhantes; côneilos mediolaterais ou um pouco abaixo da metade do comprimento do orifício. Espinhos orais ausentes. Orifício secundário tipicamente pouco desenvolvido. Aviculários e ovicelos ausentes (HARMELIN et al., 2012).

***Scorpidinipora costulata* (Canu & Bassler, 1929)**

(Figura 132A–C)

Schizoporella costulata Canu & Bassler, 1929: 317 (in part), pl. 36, fig. 10,

Odontoporella parva: Vieira, Migotto, Winston, 2008: 32.

Scorpidinipora costulata: Harmelin et al., 2012: 127, figs. 1–5 (sin. cum.); Almeida et al., 2015a: 5; Miranda et al., 2018: Apêndice A, 10 (sin. cum.).

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, unilaminar, geralmente sobre conchas. Autozoóides subhexagonais ou sublosangulares ($Lz = 0,358\text{--}0,407$ mm; $lz = 0,223\text{--}0,279$ mm), inicialmente delimitados por suturas, mas logo se tornando indistintos. Parede frontal lepralióide, rugosa, sem pseudoporos frontais, nódulos arredondados numerosos; 15–20 poros marginais. Orifício primário oblongo ($Lo = 0,119\text{--}0,138$ mm; $lo = 0,086\text{--}0,097$ mm), poster com seio amplo em forma de U; um par de côneilos triangulares mediolaterais. Orifício secundário noduloso. Aviculários e ovicelos ausentes.

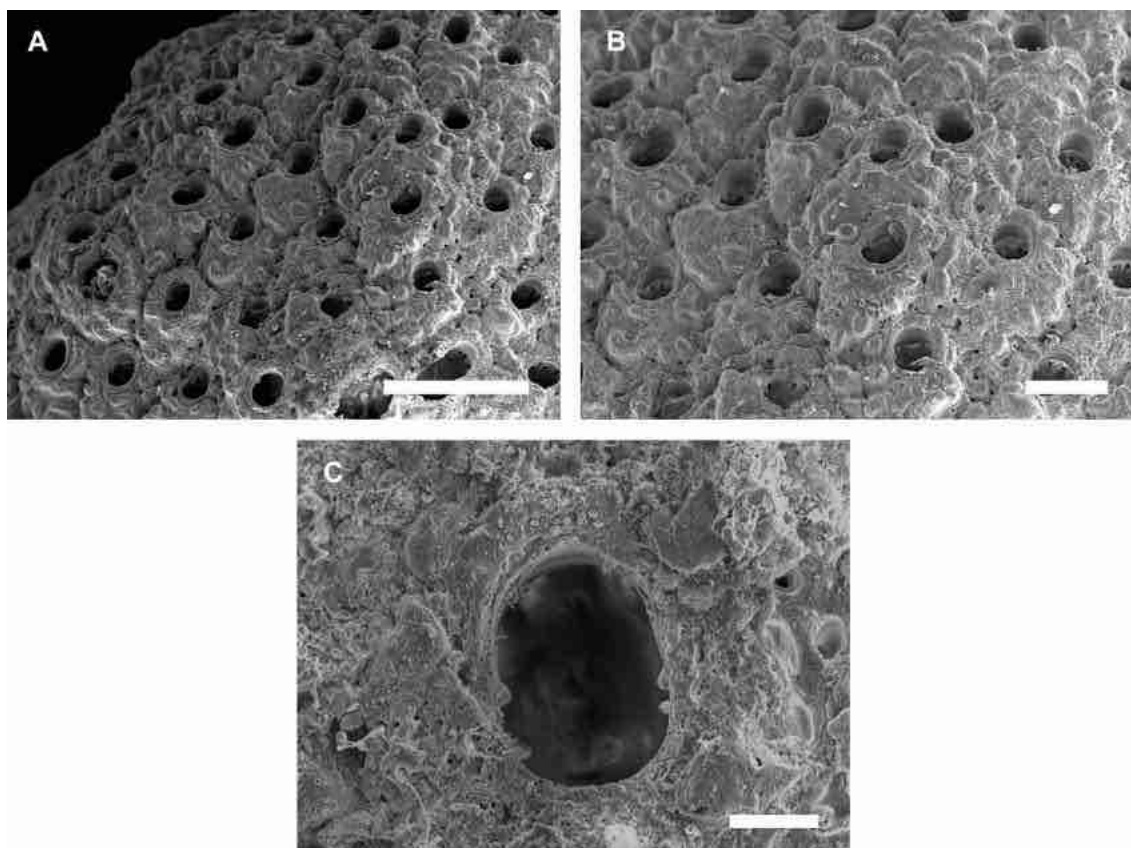
Comentários. *Scorpidinipora costulata* é reconhecida pelas colônias incrustantes formadas por autozoóides com nódulos frontais arredondados e orifício primário oblongo

dividido por um par de côndilos triangulares mediolaterais. A ausência de aviculários e ovicelos também são características dessa espécie.

Originalmente descrita para as Filipinas, *Scorpiodinipora costulata* possui poucos caracteres diagnósticos e já foi registrada em diversas localidades em todo o mundo (HARMELIN et al., 2012; MIRANDA; ALMEIDA; VIEIRA, 2018). Pequenas variações morfológicas e morfométricas observadas entre espécimes atribuídos à este táxon de diferentes localidades do mundo dão indícios que trata-se de um complexo de espécies (HARMELIN et al., 2012; MIRANDA; ALMEIDA; VIEIRA, 2018).

Distribuição. Oceanos Atlântico e Pacífico e Mares Vermelho, Arábico e Mediterrâneo (HARMELIN et al., 2012). *Scorpiodinipora costulata* é comum sobre suportes orgânicos calcários, especialmente sobre conchas de gastrópodes (HARMELIN et al., 2012). No Brasil, é conhecida para o Paraná, São Paulo e Bahia (VIEIRA; NASCIMENTO; ALMEIDA, 2018). Na Bahia, ocorre do entremarés a 20 metros de profundidade, na Costa dos Coqueiros e Baía de Todos os Santos, exclusivamente sobre conchas de moluscos.

Figura 132. A–C, *Scorpiodinipora costulata* (UFBA 554). A, aspecto geral da colônia; B, detalhe dos autozoóides; C, detalhe do orifício. Escalas: A = 500 μm ; B = 200 μm ; C = 50 μm .



Fonte: O autor (2018).

4.59 Família Phidoloporidae Gabb & Horn, 1862

Diagnose. Colônia incrustante, uni a multilaminar, formando colônias pontuais ou manchas extensas; ou ereta e uni ou bilaminar; ou ereta fenestradas. Calcificação frontal do tipo lepralioide, superfície ocasionalmente com verrugas, tipicamente sem pseudoporos frontais, porém com poros marginais; calcificação robusta em zoóides mais velhos. Orifício primário arredondado, anter arqueado eventualmente com denticulos distais; poster com desenvolvimento variável, por vezes com seio mediano ou endentações; côndilos laterais presentes ou ausentes. Espinhos podem estar presentes. Orifício secundário tipicamente bem desenvolvido, ocasionalmente formando pseudoespirâmen e com tubérculos. Aviculários adventícios pequenos, suborais, frontais ou marginais, tipicamente numerosos; aviculários interzoidais com morfologias variadas geralmente presentes. Ovicelo hiperestomial a submerso, não fechado pelo opérculo; ooécio lepralieforme, ectooécio com poros, complexos de fissuras, fenda ou fenestra (HAYWARD; RYLAND, 1999; OSTROVSKY, 2013).

Gênero *Fodinella* Tilbrook, Hayward & Gordon, 2001

Diagnose. Colônia incrustante. Autozoóides subretangulares ou irregularmente poligonais. Parede frontal sem pseudoporos frontais, 2–6 poros marginais. Orifício primário mais longo que largo, anter arqueado e com denticulos distais, poster raso, amplo e côncavo; côndilos laterais bem desenvolvidos. Espinhos orais presentes. Orifício secundário tipicamente formando umbo suboral. Aviculários adventícios frontais, marginais ou interzoidais. Ovicelo hiperestomial, não fechado pelo opérculo; ooécio lepralieforme, ectooécio com fenestra (TILBROOK; HAYWARD; GORDON, 2001; OSTROVSKY, 2013).

***Fodinella atlantica* Winston, Vieira & Woollacott, 2014**

(Figura 133A–D)

Fodinella atlantica Winston, Vieira & Woollacott, 2014: 218, fig. 50,

Hippoporella labiata: Almeida et al., 2015a: 5.

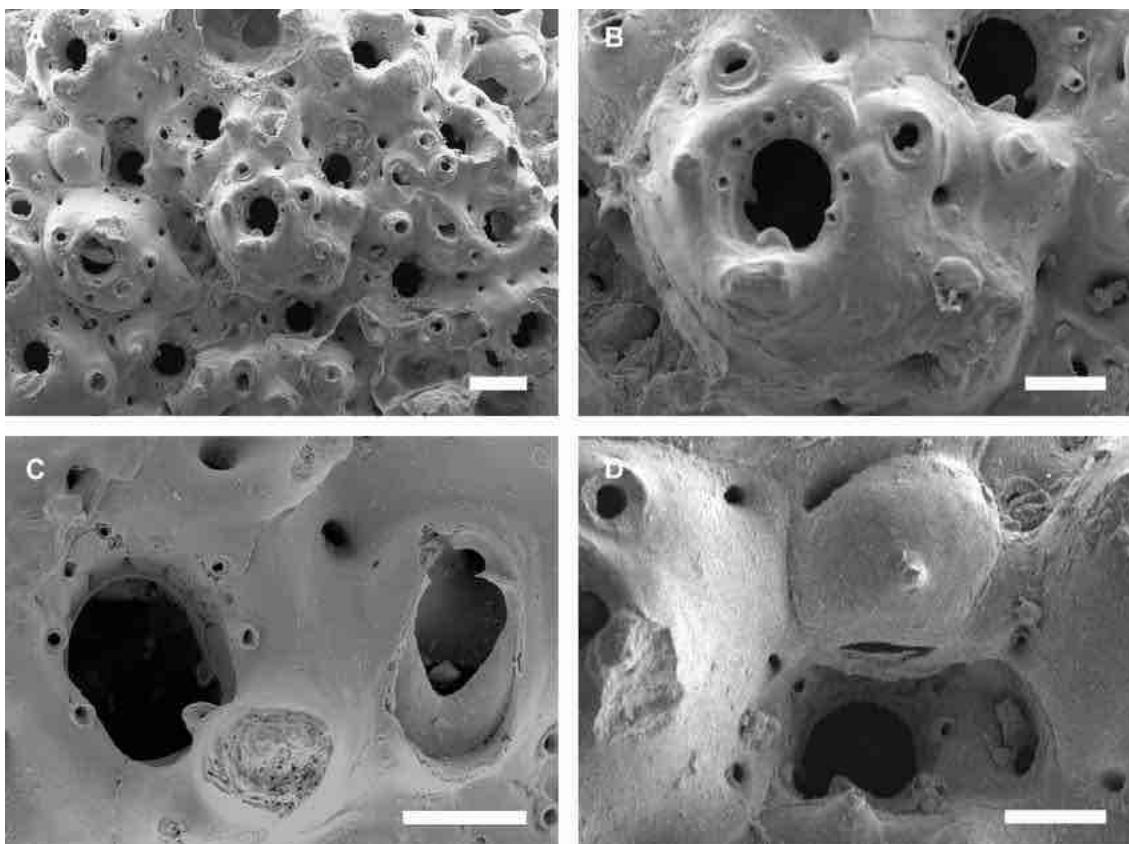
Fodinella atlantica: Almeida et al., 2018b: 416, figs. 8A–B.

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, multilaminar, pontual. Autozoóides ovais ou poligonais (Lz = 0,396–0,468 mm; lz = 0,298–0,421 mm), inicialmente delimitados por paredes laterais levemente elevadas, mas logo se tornando indistintos. Parede frontal lepralioide,

lisa, sem pseudoporos frontais, 4–6 poros marginais distintos. Orifício primário em forma de sino (Lo = 0,095–0,156 mm; lo = 0,103–0,131 mm), 12–16 denticulos distais e poster com seio proximal amplo e raso; 6–8 espinhos orais; côneilos proximolaterais. Orifício secundário tubular, tipicamente com tubérculo cônico suboral mediano. Aviculários adventícios frontais dimórficos: pequenos (Lav1 = 0,054–0,074 mm; lav1 = 0,050–0,060 mm; n = 6), oval, disposto próximo as margens zooidais; grandes (Lav2 = 0,151–0,218 mm; lav2 = 0,075–0,085 mm; n = 3), oblongo, rostro semicircular, barra transversal completa, forâmen oval e palato calcificado curto. Ovicelo proeminente (Lov = 0,183–0,191 mm; lov = 0,223–0,285 mm; n = 3); ooécio lepralieforme, subglobular e com tubérculo frontal; ectooécio com fenestra semicircular.

Figura 133. A–D, *Fodinella atlantica* (UFBA 1631). A, aspecto geral de porção da colônia; B, detalhe dos autozoóides e aviculários; C, detalhe do orifício e aviculário; D, ovicelo. Escalas: A = 200 μ m; B, C, D = 100 μ m.



Fonte: O autor (2018).

Comentários. *Fodinella atlantica* é caracterizada pelo orifício com denticulos distais, seio amplo e raso, 6–8 espinhos orais, umbo suboral cônico, aviculários adventícios ovais pequenos (às vezes maiores e oblongos) e ectooécio com fenestra semicircular. Esta é a única espécie do gênero conhecida para o Brasil.

Almeida et al. (2015a) identificaram espécimes de *Fodinella atlantica* da Bahia como *Hippoporella labiata* Hayward & Cook 1983, baseados nas semelhanças do orifício primário e aviculários. Entretanto, o ovicele de *Hippoporella labiata* possui abas na borda proximal, enquanto aqueles de *Fodinella atlantica* possuem fenestra ampla, assim como os espécimes estudados por Almeida et al. (2015a).

Fodinella atlantica é apenas conhecida para a Bahia, sendo comum sobre suportes rígidos como conchas (ALMEIDA et al., 2018b), rodolitos, nódulos calcários e rochas. Ocorre na Costa dos Coqueiros, Baía de Todos os Santos, Costa do Dendê e Costa do Descobrimento, do entremarés a 20 metros de profundidade.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (ALMEIDA et al., 2018b).

Gênero *Plesioleidochasma* Soule, Soule & Chaney, 1991

Diagnose. Colônia incrustante, uni a multilaminar. Autozoóides irregularmente ovoides, hexagonais ou irregularmente poligonais, inicialmente delimitados por paredes laterais elevadas, às vezes com lacunas entre os zoóides. Parede frontal convexa, granulosa, sem pseudoporos frontais, 3–8 poros marginais. Orifício primário com anter liso, poster com seio raso ou amplo; côneilos proximolaterais bem desenvolvidos. Espinhos orais presentes. Orifício secundário pouco desenvolvido. Aviculários adventícios tipicamente laterais ao orifício, únicos ou pareados, ou frontais e menores que os laterais. Ovicele hiperestomial a submerso, não fechado pelo opérculo; ooécio lepralieforme, ectooécio com lábio proximal ocasionalmente formando abas (BERNING, 2012; SOULE et al., 1991; OSTROVSKY, 2013).

***Plesioleidochasma* sp. nov.1**

(Figura 134A–D)

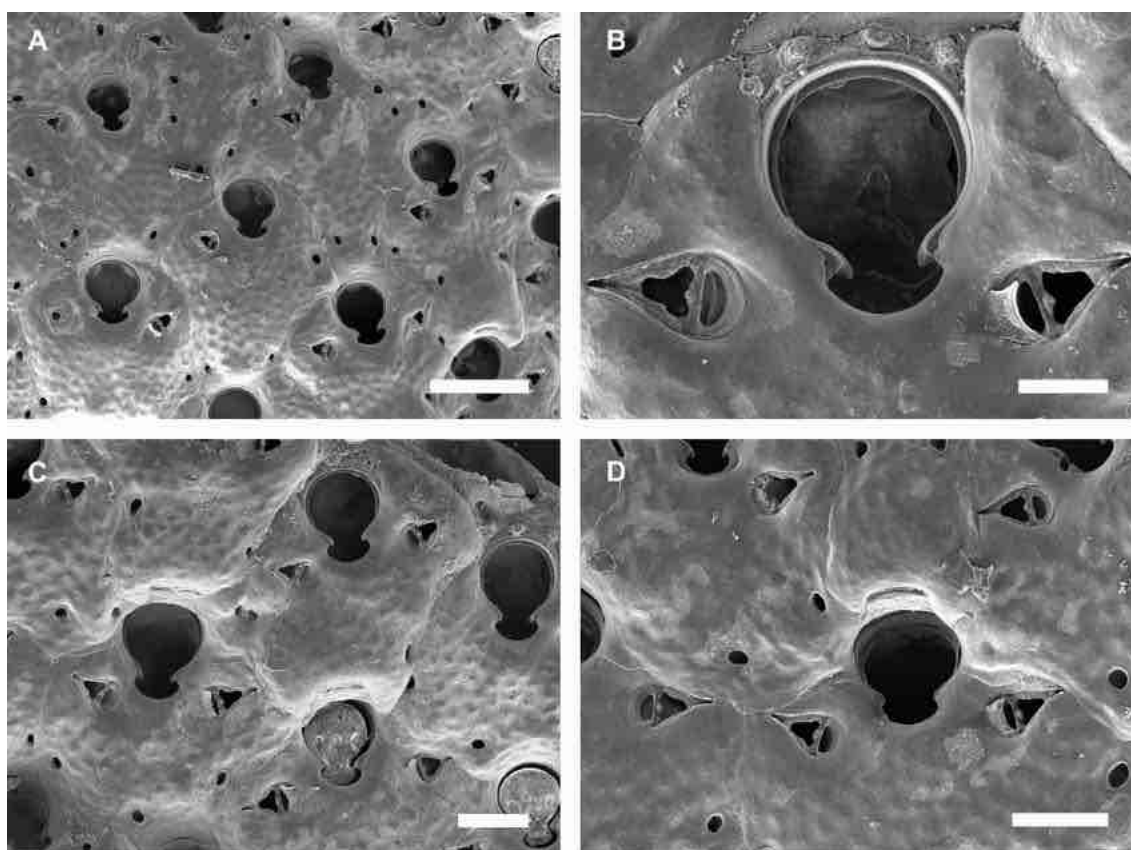
Plesioleidochasma porcellanum: Almeida et al., 2015a: 5.

Material examinado. Holótipo: UFPE 2885.1, Baía de Todos os Santos. Parátipo: UFBA 2885.2, Baía de Todos os Santos. Material adicional: Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, unilaminar. Autozoóides subhexagonais ou irregularmente poligonais (Lz = 0,353–0,427 mm; lz = 0,280–0,394 mm), delimitados por suturas finas. Parede frontal lepralieoide, rugosa, sem pseudoporos frontais; 3–6 poros marginais. Orifício primário em forma de fechadura (Lo = 0,122–0,143 mm; lo = 0,081–0,106 mm), anter liso e arqueado, poster mais estreito que anter, seio amplo, semicircular, em forma de U e raso; 3–4 espinhos orais; côneilos proximolaterais triangulares,

robustos, pontas curvadas para baixo. Orifício secundário não desenvolvido. Aviculários adventícios laterais ao orifício, dispostos no mesmo nível ou logo abaixo do seio, direcionados lateralmente, únicos ou pareados, pequenos ($L_{av} = 0,074\text{--}0,095\text{ mm}$; $l_{av} = 0,041\text{--}0,048\text{ mm}$), subtriangular, rostro triangular curto, barra transversal completa com protuberância central (columela) curta, região proximal semicircular e forâmen subtriangular. Ovicelo submerso ($L_{ov} = 0,138\text{--}0,173\text{ mm}$; $l_{ov} = 0,151\text{--}0,228\text{ mm}$); ooécio lepralieforme, ectooécio com lábio proximal semicircular.

Figura 134. A–D, *Plesioleidochasma* sp. nov.1 (UFBA 2885). A, aspecto geral de porção da colônia; B, detalhe orifício e aviculários; C, autozoóides e zoóides ovicelados; D, detalhe do zoóide ovicelado. Escalas: A = 200 μm ; B = 50 μm ; C, D = 100 μm .



Fonte: O autor (2018).

Comentários. Entre as 11 espécies viventes de *Plesioleidochasma*, *Plesioleidochasma* sp. nov.1 se assemelha a *Plesioleidochasma foliosum* Winston, Vieira & Woollacott, 2014, *Plesioleidochasma mediterraneum* Chimenz Gusso & Soule, 2003, *Plesioleidochasma porcellaniforme* (Soule, Soule & Chaney, 1991) e *Plesioleidochasma porcellanum* (Busk, 1860), por possuírem aviculários laterais ao orifício pequenos, subtriangulares. Três dessas são distintas de *Plesioleidochasma* sp. nov.1 por possuírem poster com seio mais estreito e profundo (amplo e raso em

Plesioleidochasma sp. nov.1) e forâmen com morfologia distinta (subtriangular em *Plesioleidochasma* sp. nov.1; trifoliado em *Plesioleidochasma foliosum*; elíptico em *Plesioleidochasma mediterraneum* e *Plesioleidochasma porcellaniforme*). *Plesioleidochasma porcellanum* é distinta de *Plesioleidochasma* sp. nov.1 pela presença de 2 poros marginais, orifício com seio mais amplo, pouco menor que o anter, aviculário usualmente único, raramente pareado e com forâmen elíptico (3–6 poros marginais, orifício com seio distintamente mais estreito que o anter, aviculários únicos ou pareados e com foramen subtriangular em *Plesioleidochasma* sp. nov.1).

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil. *Plesioleidochasma* sp. nov.1 é a espécie de *Plesioleidochasma* mais comum da Bahia, ocorrendo em toda a costa, desde a região entremarés até a plataforma continental, geralmente formando colônias pequenas sobre nódulos calcários e rodolitos.

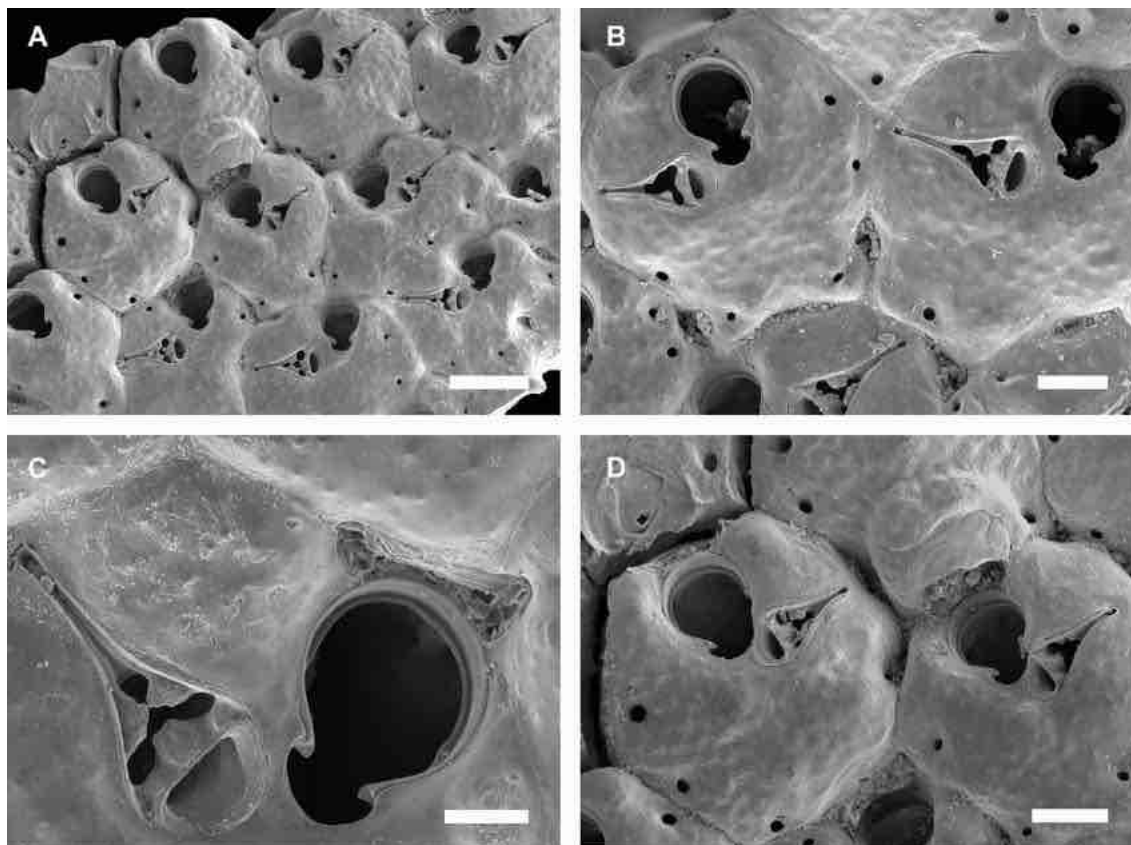
***Plesioleidochasma* sp. nov.2**

(Figura 135A–D)

Material examinado. Holótipo: UFBA 1129, Baía de Todos os Santos. Parátipo: UFBA 2916, Baía de Todos os Santos. Material adicional: Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, unilaminar. Autozoóides subhexagonais, globulares ou irregularmente poligonais ($Lz = 0,290\text{--}0,355$ mm; $lz = 0,269\text{--}0,356$ mm), delimitados por suturas finas. Parede frontal lepralióide, rugosa, sem pseudoporos frontais, 3–5 poros marginais distintos. Orifício primário em forma de fechadura ($Lo = 0,091\text{--}0,114$ mm; $lo = 0,061\text{--}0,078$ mm), anter liso e arqueado, poster pouco mais estreito que anter com seio semicircular, região mediana aguda, moderado; 3 espinhos orais; côneilos proximolaterais triangulares, robustos, pontas curvadas para baixo. Orifício secundário não desenvolvido, por vezes formando umbo suboral. Aviculário adventício lateral ao orifício, disposto no mesmo nível ou logo abaixo do seio, direcionado lateralmente, único ($Lav = 0,122\text{--}0,166$ mm; $lav = 0,047\text{--}0,069$ mm), subtriangular, rostro triangular longo e afilado, barra transversal completa com protuberância central (columela) bem desenvolvida, região proximal semicircular e forâmen trifoliado. Ovicelo hiperestomial a submerso ($Lov = 0,127\text{--}0,135$ mm; $lov = 0,139\text{--}0,159$ mm; $n = 4$); ooécio lepralióide, ectooécio com lábio proximal subretangular.

Figura 135. A–D, *Plesioleidochasma* sp. nov.2 (UFBA 1129). A, aspecto geral de porção da colônia; B, autozoóides; C, detalhe orifício, aviculários e lábio proximal do ectooécio; D, autozoóides e zoóides ovicelados. Escalas: A = 200 μ m; B, D = 100 μ m; C = 50 μ m.



Fonte: O autor (2018).

Comentários. Entre as espécies de *Plesioleidochasma*, apenas duas, *Plesioleidochasma normani* (Livingstone, 1926) e *Plesioleidochasma septemspinosa* Tilbrook, 2006, possuem aviculários grandes, semelhantes aqueles de *Plesioleidochasma* sp. nov.2. *Plesioleidochasma normani*, entretanto, possui orifício com anter achatado, 1–3 espinhos orais e aviculários ocasionalmente pareados, diferindo de *Plesioleidochasma* sp. nov.2 que possui orifício com anter circular, 3 espinhos orais e aviculários únicos. *Plesioleidochasma septemspinosa* possui orifício com poster raso e amplo, 7 espinhos orais e aviculários com perfil oblongo; em *Plesioleidochasma* sp. nov.2 o poster é moderado e estreito, há 3 espinhos e os aviculários possuem perfil subtriangular. Adicionalmente, nenhuma das espécies de *Plesioleidochasma* reportadas para o Brasil possuem aviculários grandes.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil. *Plesioleidochasma* sp. nov.2 é conhecida apenas para a Bahia, na Costa dos Coqueiros e Baía de Todos os Santos, entre 10 e 30 metros de profundidade. É habitante de corais, rodolitos, nódulos calcários e substratos artificiais.

***Plesioleidochasma* sp. nov.3**

(Figura 136A–D)

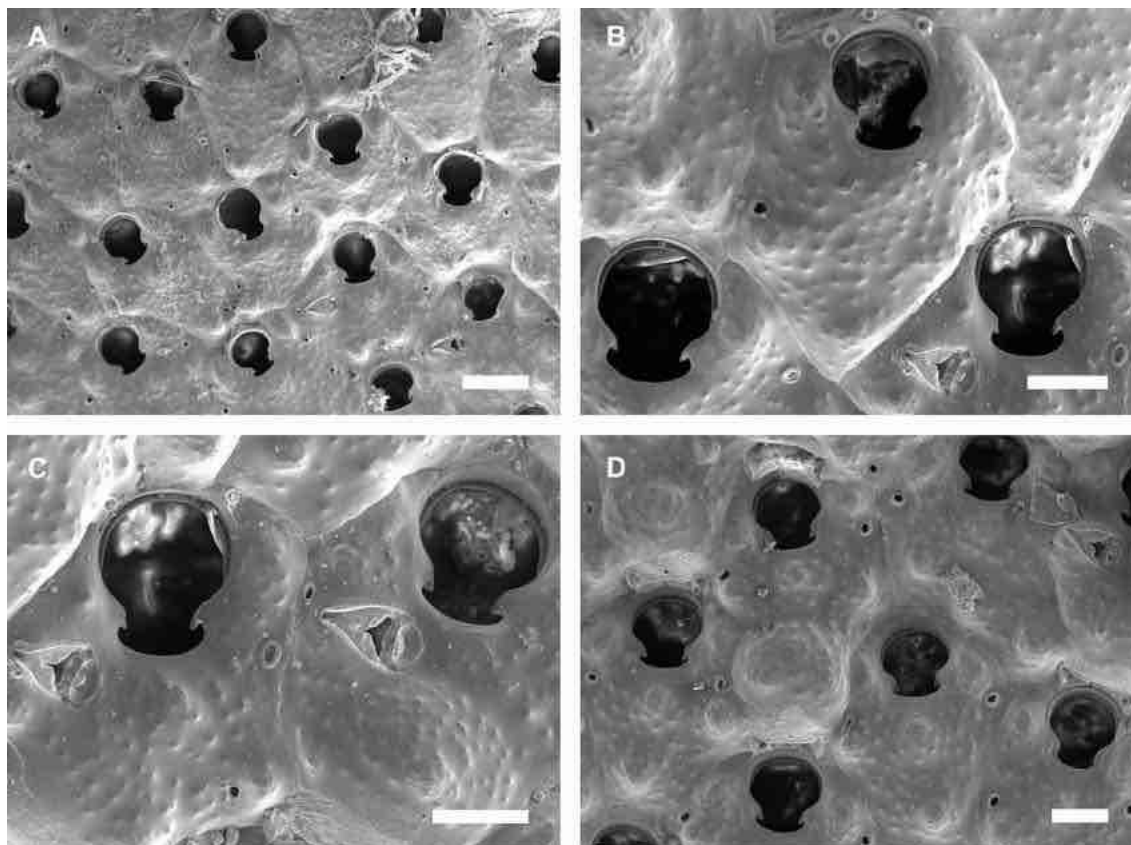
Material examinado. Holótipo: UFBA 2907.1, Baía de Todos os Santos. Parátipo: UFBA 2907.2, Baía de Todos os Santos. Material adicional: Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, unilaminar. Autozoóides subhexagonais, globulares ou irregularmente poligonais ($Lz = 0,352\text{--}0,541$ mm; $lz = 0,277\text{--}0,455$ mm), delimitados por suturas finas. Parede frontal lepralioide, rugosa e granulosa, geralmente com cristas arredondadas marginais e central de calcificação, sem pseudoporos frontais, 2–3 poros pequenos marginais. Orifício primário em forma de fechadura ($Lo = 0,141\text{--}0,185$ mm; $lo = 0,096\text{--}0,133$ mm), anter liso e arqueado, poster mais estreito que anter com seio semicircular moderado, quase reto a levemente concâvo; 3 espinhos orais; côneilos proximolaterais triangulares, pequenos, pontas curvadas para baixo. Orifício secundário não desenvolvido. Aviculários adventícios laterais ao orifício, dispostos abaixo do seio, direcionados lateralmente, únicos, moderados ($Lav = 0,107\text{--}0,131$ mm; $lav = 0,056\text{--}0,068$ mm), subtriangular, rostro triangular curto, barra transversal completa com protuberância central (columela) bem desenvolvida, região proximal semicircular e forâmen subtriangular. Ovicelo hiperestomial a submerso ($Lov = 0,175\text{--}0,218$ mm; $lov = 0,200\text{--}0,246$ mm; $n = 6$); ooécio lepralieforme, ectooécio com lábio proximal subretangular.

Comentários. Assim como *Plesioleidochasma* sp. nov.1, *Plesioleidochasma* sp. nov.3 pertence a um grupo de espécies (i.e., *Plesioleidochasma foliosum*, *Plesioleidochasma mediterraneum*, *Plesioleidochasma porcellaniforme* e *Plesioleidochasma porcellanum*), distintas por possuírem aviculários laterais ao orifício com perfil subtriangular. *Plesioleidochasma* sp. nov.3, entretanto, é distinta de todas essas congêneres pela parede frontal com cristas arredondadas marginais e central de calcificação e orifício com poster quase reto a levemente concâvo; nas demais espécies não há cristas de calcificação e o poster do orifício é distintamente côneavo.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil. *Plesioleidochasma* sp. nov.3 é conhecida apenas para substratos naturais rígidos e artificiais da Costa dos Coqueiros e Baía de Todos os Santos, na Bahia.

Figura 136. A–D, *Plesioleidochasma* sp. nov.3 (UFBA 2907). A, aspecto geral de porção da colônia; B, autozoóides; C, detalhe orifício e aviculários; D, autozoóides e zoóides ovicelados. Escalas: A = 200 μ m; B, C, D = 100 μ m.



Fonte: O autor (2018).

Gênero *Reteporellina* Harmer, 1933

Diagnose. Colônia ereta, ramificada, espalmada, entrelaçada. Parede frontal sem pseudoporos frontais, poucos poros marginais. Espinhos orais ausentes. Orifício secundário tipicamente bem desenvolvido, tubular, com processos marginais e pseudoseio. Aviculários adventícios frontais presentes. Ovicelo hiperestomial, não fechado pelo opérculo; ooécio lepralieforme, ectooécio com fenestra frontal e lábio proximal (GORDON, 1989; OSTROVSKY, 2013).

Reteporellina evelinae Marcus, 1955

(Figura 137A–D)

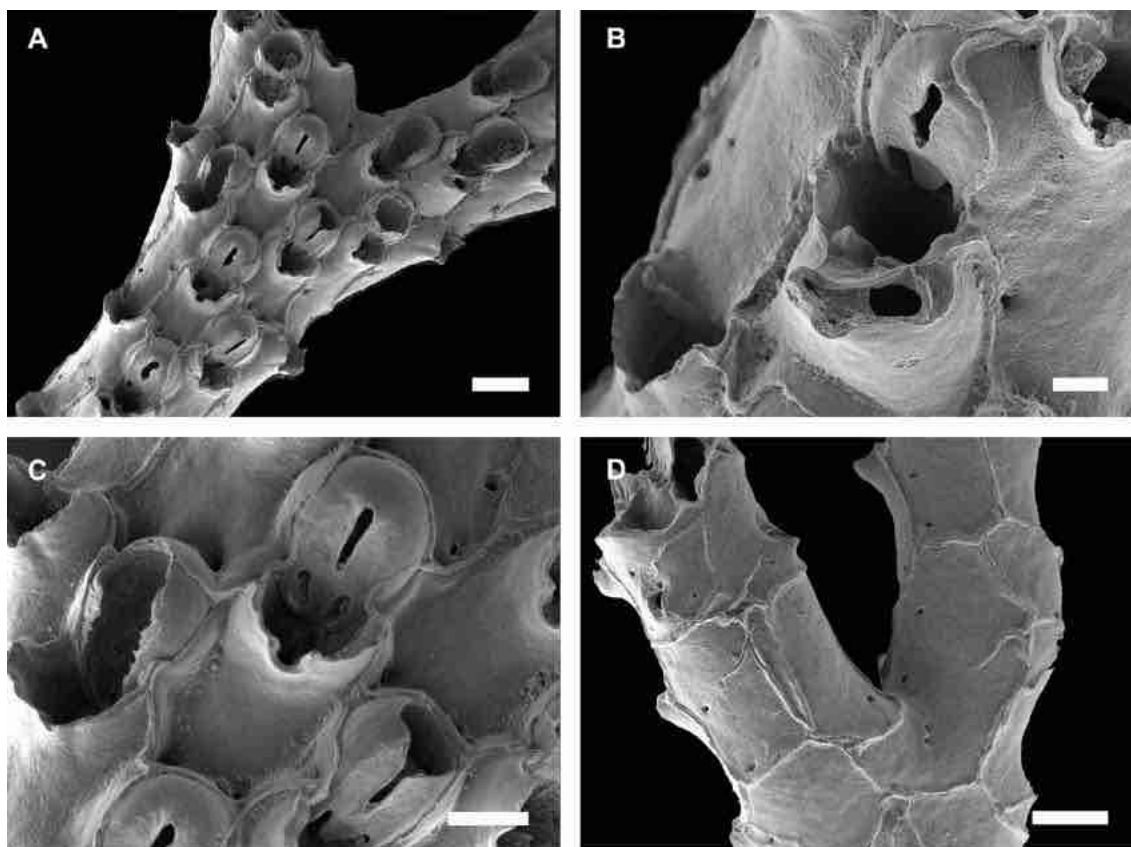
Reteporellina evelinae Marcus, 1955: 302, figs. 66–69.

Reteporellina evelinae: Ramalho et al., 2011: 785, fig. 8 (sin. cum.); Almeida et al., 2015a: 5; Souza & Almeida, 2017: 267.

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia ereta, espalmada. Autozoóides retangulares ($Lz = 0,406\text{--}0,497\text{ mm}$; $lz = 0,195\text{--}0,222\text{ mm}$), alternados, dispostos apenas no lado frontal dos ramos. Parede frontal lepralióide, geralmente com 2 poros marginais proximais e raramente com pseudoporo frontal único. Orifício primário coberto pelo orifício secundário em forma de colar, frequentemente com protuberâncias laterais e pseudoseio em forma de U. Aviculário suboral grande geralmente presente ($Lav = 0,146\text{--}0,167\text{ mm}$; $lav = 0,050\text{--}0,068\text{ mm}$), perfil subretangular com duas cúspides distais. Ovicelo inicialmente proeminente ($Lov = 0,137\text{--}0,218\text{ mm}$; $lov = 0,110\text{--}0,173\text{ mm}$), tornando-se imerso com desenvolvimento colonial; ooécio lepralióide, subglobular; ectooécio com fissura elíptica mediana. Superfície abfrontal da colônia com setores subretangulares ou subquadrangulares com 2–4 poros e com aviculários com perfil subtriangular.

Figura 137. A–D, *Reteporellina evelinae* (UFBA 455). A, aspecto geral de porção da colônia; B, detalhe do aviculário suboral; C, zoóides ovicelados; D, superfície abfrontal da colônia. Escalas: A, D = 200 μm ; B = 50 μm ; C = 100 μm .



Fonte: O autor (2018).

Comentários. *Reteporellina evelinae* é reconhecida pelas colônias eretas, espalmadas, autozoóides com orifício secundário em forma de colar e tipicamente com aviculário

suboral grande, subretangular e com duas cúspides distais, e ectooécio com fissura elíptica mediana.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (ALMEIDA et al. 2015a; MARCUS, 1955; RAMALHO et al., 2011). Endêmica do Brasil, é conhecida para o Rio de Janeiro, Espírito Santo e Bahia (VIEIRA; NASCIMENTO; ALMEIDA, 2018). Muito comum sobre algas, também já foi coletada em estruturas artificiais (MARCUS, 1955; RAMALHO et al., 2011). Na Bahia, ocorre entre 0–50 metros de profundidade, sobre algas e nódulos calcários, na Costa dos Coqueiros, Baía de Todos os Santos, Costa do Dendê e Costa das Baleias.

Gênero *Rhynchozoon* Hincks, 1895

Diagnose. Colônia incrustante, uni a multilaminar, formando colônias pontuais ou manchas. Parede frontal sem pseudoporos frontais, poros marginais distintos. Orifício primário com anter denticulado, poster com seio distinto; côndilos laterais bem desenvolvidos. Espinhos orais presentes. Orifício secundário bem desenvolvido, ocasionalmente formado por tubérculos ou com pseudoseio assimétrico. Aviculários adventício suboral, pequeno ou alongado com ou sem processo uncinado (projeção para dentro do orifício). Aviculários adventícios frontais e marginais tipicamente abundantes. Ovicelo hiperestomial, não fechado pelo opérculo; ooécio lepralieforme, ectooécio com fenestra e região calcificada proximal (labelo) com morfologias variadas (HAYWARD; RYLAND, 1999; OSTROVSKY, 2013).

***Rhynchozoon brasiliensis* Almeida, Souza, Menegola & Vieira, 2017**

(Figura 138A–D)

Rhynchozoon brasiliensis Almeida, Souza, Menegola & Vieira, 2017: 312, fig. 84–89.

Rhynchozoon sp.2: Almeida et al., 2015a: 5.

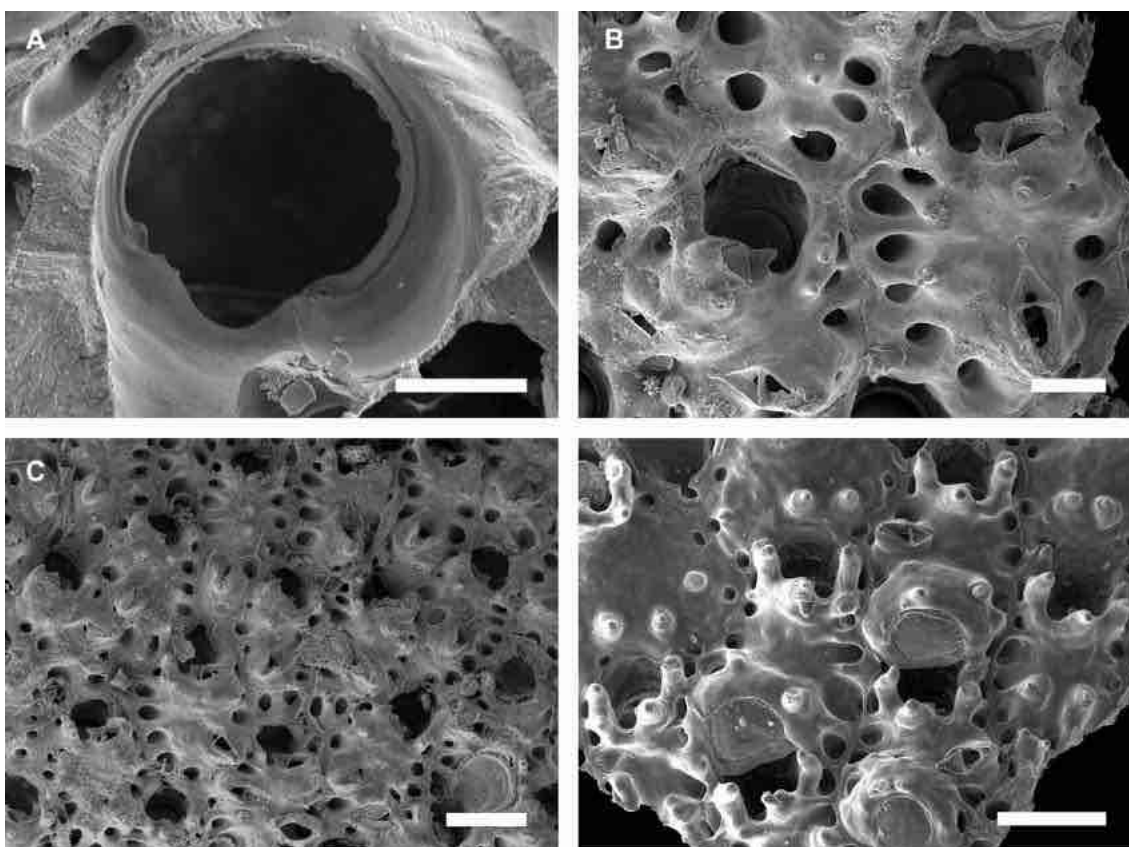
Rhynchozoon brasiliensis: Almeida et al., 2018b: 418, figs. 8C–D (sin. cum.).

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, uni a multilaminar. Autozoóides inicialmente retangulares ou hexagonais (Lz = 0,280–0,397 mm; lz = 0,250–0,379 mm), aviculário suboral pequeno (Lav1 = 0,081–0,102 mm; lav1 = 0,043–0,051 mm), perfil subtriangular e processo calcificado (uncinado) pequeno projetado para dentro do orifício. Autozoóides mais desenvolvidos quase indistintos, orifício bordado por 4–6 tubérculos que escondem o orifício primário e o aviculário suboral. Parede frontal lepralieoide, com tubérculos, não

perfurada frontalmente; 10–16 poros marginais. Orifício primário arredondado ($L_o = 0,056\text{--}0,113\text{ mm}$; $l_o = 0,037\text{--}0,062\text{ mm}$), 10–20 denticulos distais e seio proximal em forma de V; côndilos laterais triangulares pequenos. Aviculários adventícios frontais com perfil rômboide ($L_{av2} = 0,124\text{--}0,210\text{ mm}$; $l_{av2} = 0,175\text{--}0,262\text{ mm}$), numerosos e de posição variável, frequentemente nas margens coloniais. Ovicelo inicialmente proeminente ($L_{ov} = 0,095\text{--}0,118\text{ mm}$; $l_{ov} = 0,079\text{--}0,113\text{ mm}$), tornando-se imerso com desenvolvimento colonial; ooécio lepralieforme, subglobular e frontalmente achatado; ectooécio com tabula circular.

Figura 138. A–D, *Rhynchozoon brasiliensis* (UFBA 1579). A, orifício primário; B, autozoóides e aviculários suborais e frontais; C, aspecto geral de porção da colônia; D, zoóides ovicelados. Escalas: A = 50 μm ; B = 100 μm ; C = 250 μm ; D = 200 μm .



Fonte: O autor (2018).

Comentários. *Rhynchozoon brasiliensis* é caracterizada pelo orifício primário com seio em forma de V, aviculário suboral pequeno, subtriangular e com processo uncinado curto, e aviculários frontais rômboide. O seio em forma de V e o aviculário suboral pequeno diferenciam esta espécie de todas as congêneres conhecidas para a Brasil.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (ALMEIDA et al., 2017). *Rhynchozoon brasiliensis* é a espécie de *Rhynchozoon* mais comum na costa da Bahia, ocorrendo desde

o entremarés até o 60 metros de profundidade. Colônias multilaminares são geralmente encontradas sobre substratos rígidos, tais como esponjas e conchas (ALMEIDA et al., 2017, 2018b), mas também ocorrem sobre rodolitos, nódulos calcários e outros briozoários.

***Rhynchozoon itaparicaensis* Almeida, Souza, Farias, Alves & Vieira, 2018**

(Figura 139A–D)

Rhynchozoon itaparicaensis Almeida, Souza, Farias, Alves & Vieira, 2018: 420, figs. 10, 11.

Rhynchozoon sp.: Almeida et al., 2015a: 5; Souza & Almeida, 2017: 267.

Rhynchozoon verruculatum: Souza & Almeida, 2017: 267.

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, uni a multilaminar. Autozoóides inicialmente rômnicos (Lz = 0,498–0,575 mm; lz = 0,365–0,446 mm), se tornando irregulares com o desenvolvimento colonial. Parede frontal lepralióide, rugosa e com processos verrugosos, sem pseudoporos frontais; 12–16 poros marginais. Orifício primário semicircular (Lo = 0,083–0,100 mm; lo = 0,096–0,115 mm), 14–18 dentículos distais e seio proximal moderado em forma de U; côndilos laterais pequenos. Orifício secundário formado por 3–4 tubérculos. Aviculário suboral grande (Lav1 = 0,198–0,265 mm; lav1 = 0,198–0,265 mm), em forma de cimitarra com processo calcificado (uncinado) projetado para dentro do orifício. Aviculários frontais com perfil rômnico (Lav2 = 0,145–0,194 mm; lav2 = 0,061–0,082 mm), até 4 por zoóide, frequentemente nas margens coloniais. Ovicelo inicialmente proeminente, tornando-se imerso com desenvolvimento colonial; ooécio lepralióide, subglobular e frontalmente achatado; ectooécio com tabula semicircular.

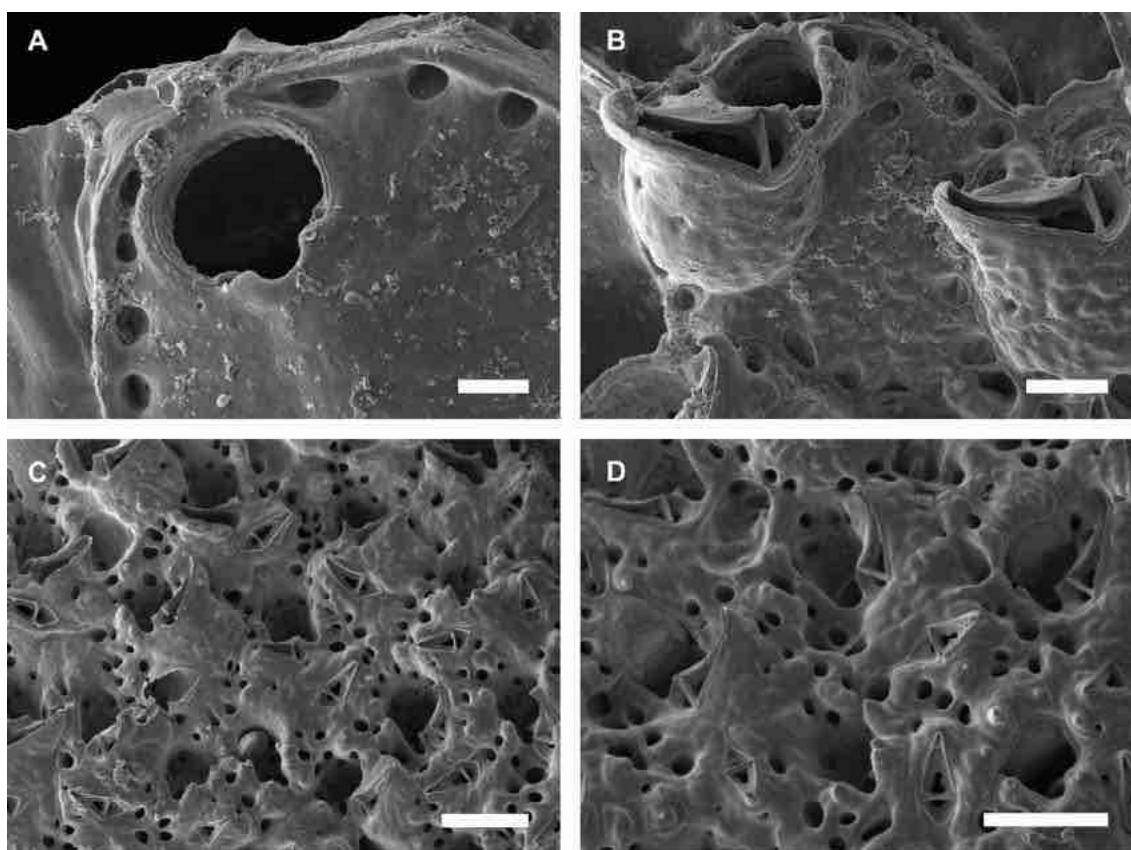
Comentários. *Rhynchozoon itaparicaensis* é caracterizada pelo orifício primário com seio moderado em forma de U, aviculário suboral grande, em forma de cimitarra e com processo uncinado curto, e aviculários frontais rômnicos. Nenhuma das outras espécie de *Rhynchozoon* da Bahia possui orifício primário e aviculário suboral com tais morfologias.

Rhynchozoon itaparicaensis foi descrita recentemente a partir de colônias habitantes de conchas de moluscos na Ilha de Itaparica, Baía de Todos os Santos, Bahia (ALMEIDA et al., 2018b). Almeida et al. (2018b) revisaram registros de *Rhynchozoon verruculatum* (Smitt, 1873) para a Bahia (CANU; BASSLER, 1928a; ALMEIDA et al., 2015a) e determinaram tratar-se de *Rhynchozoon itaparicaensis*. Essas espécies diferem principalmente no número de tubérculos orais (2–4 em *Rhynchozoon itaparicaensis* e 4–6 em *Rhynchozoon verruculatum*) e forma do aviculário suboral (semelhante a uma

cimitarra em *Rhynchozoon itaparicaensis* e semelhante a um diamante *Rhynchozoon verruculatum*).

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (ALMEIDA et al., 2018a). *Rhynchozoon itaparicaensis* é conhecida apenas para a Bahia, ocorrendo na Costa dos Coqueiros, Baía de Todos os Santos e Costa do Dendê. Está distribuída do entremarés a 60 metros de profundidade, sobre conchas de moluscos, corais, nódulos calcários e estruturas artificiais.

Figura 139. A–D, *Rhynchozoon itaparicaensis* (UFBA 1629). A, orifício primário; B, autozoóides e aviculários suborais; C, aspecto geral de porção da colônia; D, zoóides ovicelados. Escalas: A = 50 μ m; B = 100 μ m; C, D = 250 μ m.



Fonte: O autor (2018).

***Rhynchozoon phrynoglossum* Marcus, 1937**

(Figura 140A–D)

Rhynchozoon phrynoglossum Marcus, 1937: 115, pl. 23, fig. 61A, pl. 22, figs. 61B–C.

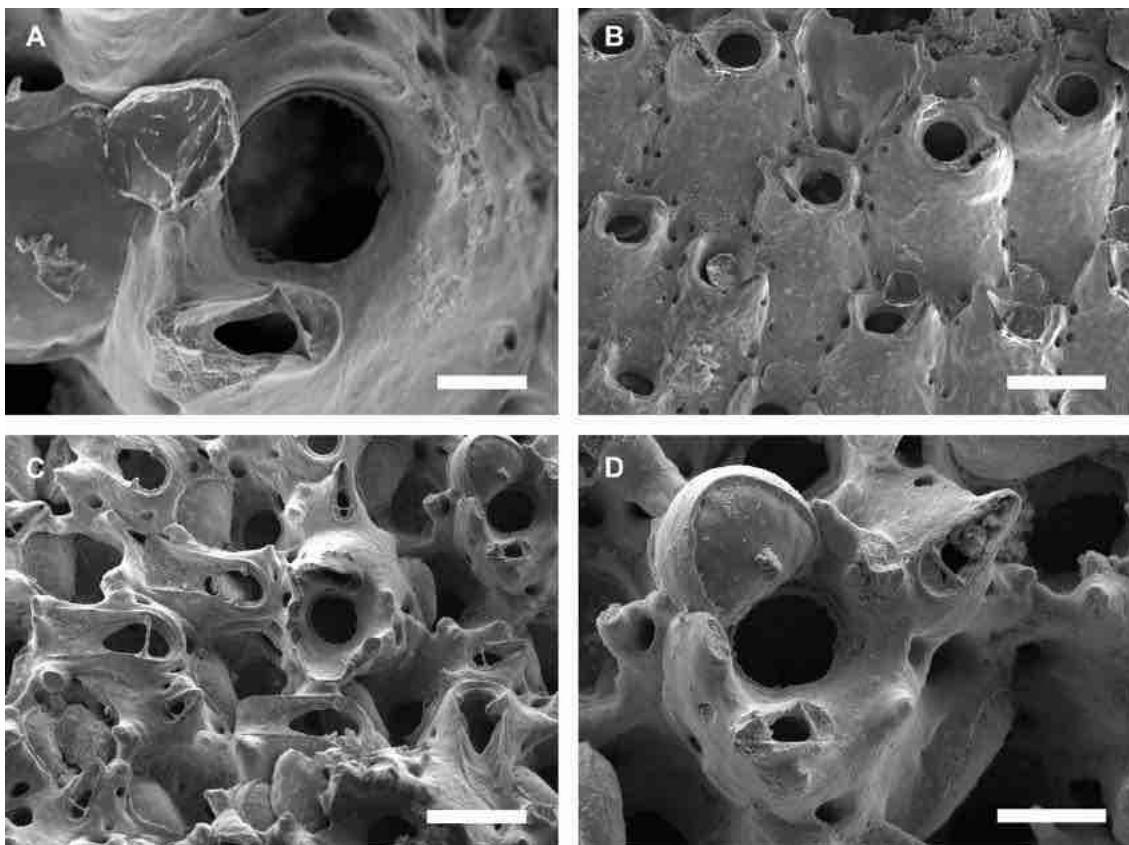
Rhynchozoon phrynoglossum: Almeida et al., 2015a: 5; Almeida et al., 2018b: 418, figs. 9A–D (sin. cum.).

Material examinado. Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, uni a multilaminar. Autozoóides inicialmente subretangulares ($Lz = 0,355\text{--}0,624$ mm; $lz = 0,201\text{--}0,395$ mm), se tornando globulares e

quase indistintos com o desenvolvimento colonial. Parede frontal lepralióide, lisa, sem pseudoporos frontais; 6–12 poros marginais. Orifício primário arredondado ($L_o = 0,087\text{--}0,108\text{ mm}$; $l_o = 0,093\text{--}0,113\text{ mm}$), 12–16 dentículos distais e seio proximal raso e amplo; côneilos laterais pequenos. Orifício secundário formado por 1–3 tubérculos. Aviculário suboral ($L_{av1} = 0,105\text{--}0,160\text{ mm}$; $l_{av1} = 0,038\text{--}0,062\text{ mm}$) colocado entre tubérculo lateral e mediano, aspecto geral subtriangular e rostro alongado. Aviculários frontais com perfil subtriangular ($L_{av2} = 0,079\text{--}0,128\text{ mm}$; $l_{av2} = 0,036\text{--}0,051\text{ mm}$), geralmente 1–2 autozoóides com posição variável e frequentemente nas margens coloniais. Aviculário vicariante grande ($L_{av3} = 0,257\text{--}0,371\text{ mm}$; $l_{av3} = 0,087\text{--}0,129\text{ mm}$), aspecto geral retangular, disposto entre os autozoóides. Ovicelo inicialmente proeminente ($L_{ov} = 0,102\text{--}0,136\text{ mm}$; $l_{ov} = 0,149\text{--}0,195\text{ mm}$), tornando-se imerso com desenvolvimento colonial; ooécio lepralióide, subglobular e frontalmente achatado; ectooécio com tabula semicircular.

Figura 140. A–D, *Rhynchozoon phrynoglossum* (UFBA 1650). A, orifício primário e aviculário suboral; B, grupo de autozoóides; C, autozoóides, zoóides ovicelados, aviculários frontais e interzooidais; D, zoóide ovicelado. Escalas: A = 50 μm ; B = 250 μm ; C = 200 μm ; D = 100 μm .



Fonte: O autor (2018).

Comentários. *Rhynchozoon phrynoglossum* difere de todas as espécies do gênero pela presença de 1–3 tubérculos ao redor do orifício, aviculário suboral grande, aviculário frontal com mesma morfologia que o suboral, aviculário vicariante subretangular e ectooécio com tabula semicircular. De todas as espécies de *Rhynchozoon* conhecidas para a Bahia, esta é a única que possui aviculários interzooidais.

Descrita originalmente com base em material de São Paulo, *Rhynchozoon phrynoglossum* foi recentemente caracterizada e ilustrada com MEV pela primeira vez desde seu primeiro relato (ALMEIDA et al., 2018b).

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (ALMEIDA et al., 2018b). Endêmica do Brasil, é conhecida para São Paulo, Espírito Santo, Bahia e Atol das Rocas (VIEIRA; NASCIMENTO; ALMEIDA, 2018). Já foi relatada como habitante típica de suportes rígidos, especialmente conchas (ALMEIDA et al., 2018b; MARCUS, 1937, 1955). Na Bahia, ocorre da Costa dos Coqueiros a Costa do Dendê, do entremarés a 40 metros de profundidade, associada a conchas de moluscos e nódulos calcários.

***Rhynchozoon* sp. nov.**

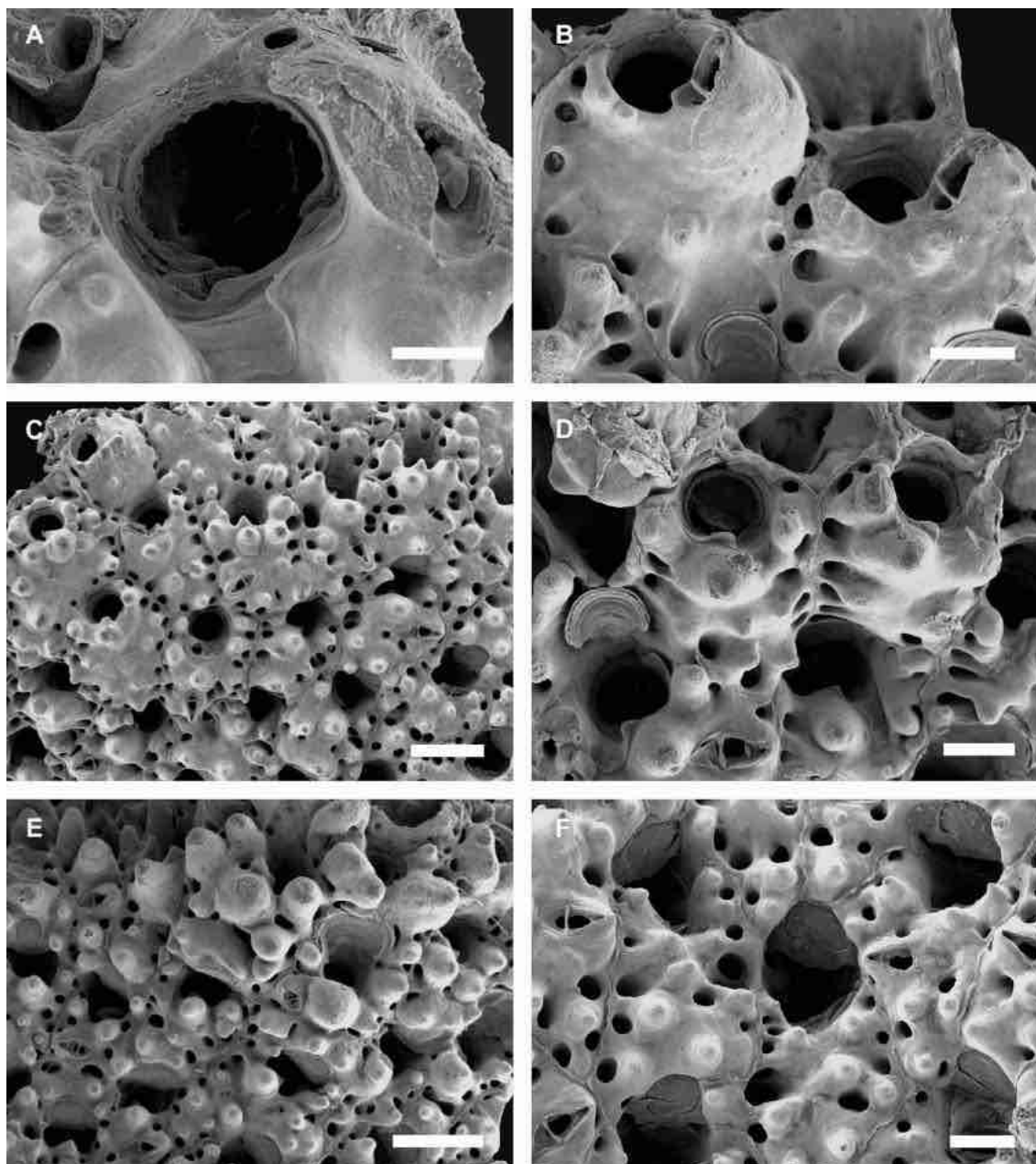
(Figura 141A–F)

Material examinado. Holótipo: UFBA 3551, Costa do Descobrimento. Parátipo: UFBA 3554, Costa do Descobrimento. Material adicional: Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, unilaminar. Autozoóides subretangulares ou irregularmente poligonais ($Lz = 0,271\text{--}0,421$ mm; $lz = 0,237\text{--}0,345$ mm), limitados por paredes laterais elevadas. Parede frontal lepralióide, lisa, não perfurada frontalmente, numerosos tubérculos pontiagudos a arredondados frontais, tipicamente proximais, ao redor do orifício e próximo aos poros marginais, geralmente fundidos em zoóides mais velhos; 10–12 poros marginais, ocasionalmente fundidos. Orifício primário achatado ($Lo = 0,076\text{--}0,109$ mm; $lo = 0,097\text{--}0,127$ mm), 16–20 dentículos distais e seio proximal em forma de U, raso e amplo; côndilos laterais retangulares. Orifício secundário formado por 3–6 tubérculos. Aviculário suboral moderado ($Lav1 = 0,107\text{--}0,137$ mm; $lav1 = 0,028\text{--}0,047$ mm), aspecto geral subtriangular e processo calcificado (uncinado) pequeno projetado para dentro do orifício, geralmente coberto pelo orifício secundário. Aviculários adventícios frontais com perfil rômboide ($Lav2 = 0,089\text{--}0,129$ mm; $lav2 = 0,040\text{--}0,058$ mm), tipicamente um por zoóide, disposto nas margens coloniais. Ovicelo submerso ($Lov = 0,191\text{--}0,254$ mm; $lov = 0,251\text{--}0,325$ mm; $n = 6$), inclinado, tornando-se imerso com o desenvolvimento colonial; ooécio lepralieforme, semicircular e

frontalmente achatado; ectooécio com tabula semicircular com região proximal formando seio mediano côncavo.

Figura 141. A–D, *Rhynchozoon* sp. nov. (UFBA 3351). A, orifício primário; B, autozoóides e aviculários suborais; C, aspecto geral de porção jovem da colônia; D, autozoóides e aviculário frontal; E, porção mais desenvolvida da colônia; F, zoóides ovicelados. Escalas: A = 50 μ m; B, D, F = 100 μ m; C, E = 250 μ m.



Fonte: O autor (2018).

Comentários. Assim como as congêneres *Rhynchozoon brasiliensis* e *Rhynchozoon incrassatum* (Hincks, 1882), *Rhynchozoon* sp. nov. é caracterizada pelos autozoóides com numerosos tubérculos frontais, orifício primário com seio distinto, aviculários adventícios suborais e frontais com tamanho e morfologia similares, ovicelo imerso com o

desenvolvimento colonial e pela ausência de espinhos orais e aviculários vicariantes. *Rhynchozoon* sp. nov. difere de *Rhynchozoon brasiliensis*, entretanto, pelas colônias apenas unilaminares (uni a multilaminares em *Rhynchozoon brasiliensis*), orifício primário mais largo (0,097–0,127 mm em *Rhynchozoon* sp. nov.; 0,037–0,062 mm em *Rhynchozoon brasiliensis*), seio do orifício primário em forma de U, raso e amplo (em forma de V em *Rhynchozoon brasiliensis*), côndilos retangulares (triangulares em *Rhynchozoon brasiliensis*), e aviculários frontais menores (0,089–0,129 mm de comprimento e 0,040–0,058 mm de largura em *Rhynchozoon* sp. nov.; 0,124–0,210 mm de comprimento e 0,175–0,262 mm de largura em *Rhynchozoon brasiliensis*) e menos numerosos (tipicamente um em *Rhynchozoon* sp. nov.; 2 ou mais por autozoóide em *Rhynchozoon brasiliensis*). *Rhynchozoon incrassatum*, por sua vez, é distinta de *Rhynchozoon* sp. nov. pelos autozoóides subhexagonais ou ovais (subretangulares ou irregularmente poligonais em *Rhynchozoon* sp. nov.), um parede frontal com superfície rugosa (lisa em *Rhynchozoon* sp. nov.), aviculário suboral disposto em câmara calcificada (não desenvolvida em *Rhynchozoon* sp. nov.) e aviculário frontal disposto no meio da parede (marginal em *Rhynchozoon* sp. nov.). Adicionalmente, colônias bem desenvolvidas de *Rhynchozoon* sp. nov. possuem tubérculos frontais fundidos, formando cumes arredondados que escondem o orifício, aviculários e ovicelos, característica que distingue *Rhynchozoon* sp. nov. das demais congêneres.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil. *Rhynchozoon* sp. nov. ocorre predominantemente sobre algas vermelhas, entre 10 e 40 metros de profundidade da Baía de Todos os Santos e Costa do Descobrimento.

Gênero *Stephanollona* Duvergier, 1921

Diagnose. Colônia incrustante, uni a multilaminar. Parede frontal sem pseudoporos frontais, poros marginais distintos. Orifício primário sinuoso, anter denticulado e poster com seio distinto; côndilos laterais bem desenvolvidos. Espinhos orais presentes ou ausentes. Aviculários adventícios dimórficos: latero-orais, um pareados ou único, rostro curto oval ou alongado pequeno ou alongado, rostro tipicamente espatulado. Ovicelo hiperestomial, não fechado pelo opérculo; ooécio lepralieforme, totalmente calcificado e com lábio proximal (HAYWARD; RYLAND, 1999; OSTROVSKY, 2013).

***Stephanollona* sp. nov.1**

(Figura 142A–D)

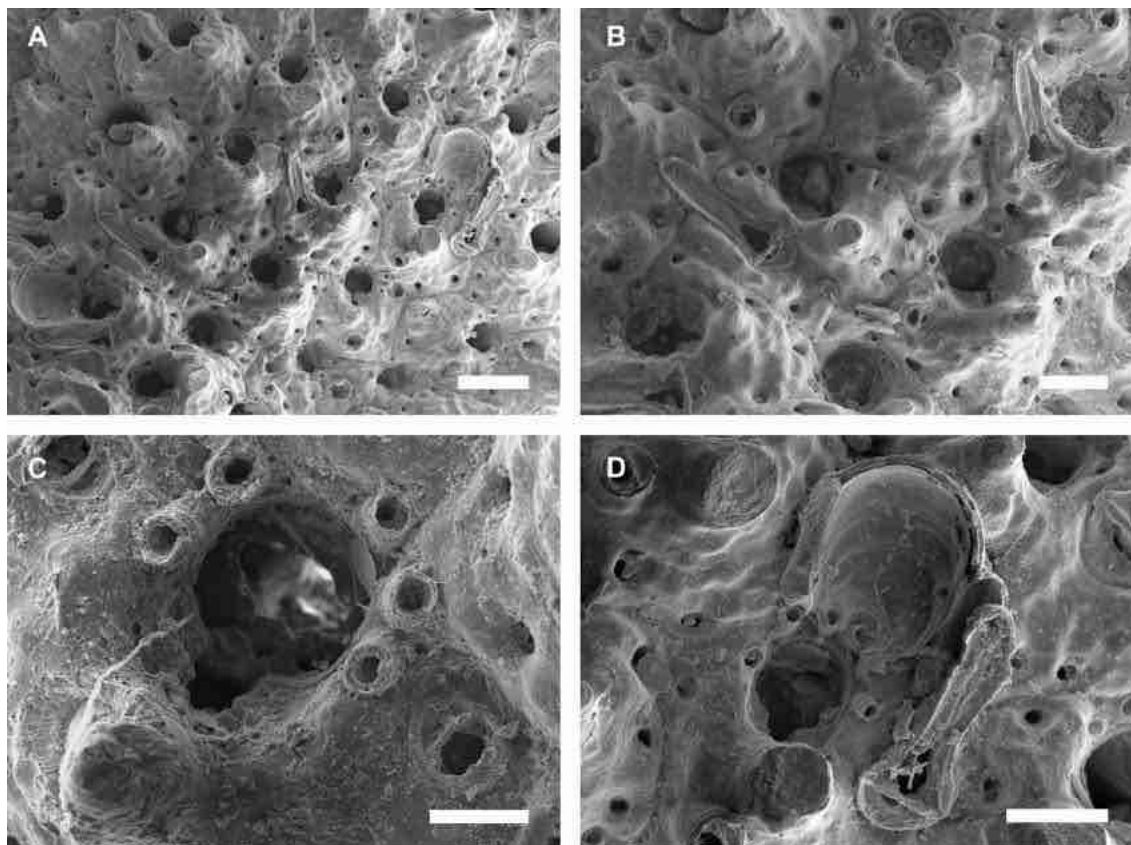
Material examinado. Holótipo: UFBA 565, Costa dos Coqueiros. Parátipo: UFBA 566, Costa dos Coqueiros. Material adicional: Apêndice A.

Descrição. Colônia incrustante, uni a multilaminar. Autozoóides subhexagonais ou irregularmente poligonais ($Lz = 0,274\text{--}0,388$ mm; $lz = 0,262\text{--}0,331$ mm), delimitados por suturas finas. Parede frontal lepralióide, rugosa, sem pseudoporos frontais; 6–8 poros marginais. Orifício primário arredondado ($Lo = 0,102\text{--}0,139$ mm; $lo = 0,078\text{--}0,100$ mm), 5–7 espinhos orais; 12–15 dentículos distais; seio proximal estreito, profundo, em forma de U, borda proximal estrelada; côneilos laterais triangulares. Orifício secundário pouco desenvolvido; umbo suboral pontiagudo presente em todos os autozoóides. Aviculários adventícios dimórficos: latero-orais, orientados distalmente, únicos, o primeiro tipo mais comum, comprimento maior que o orifício ($Lav1 = 0,048\text{--}0,056$ mm; $lav1 = 0,032\text{--}0,049$ mm), perfil sublanceolado, região proximal semicircular, rostro subtriangular alongado, pontiagudo distalmente, tipicamente com dilatações medianas, barra transversal completa, forâmen subtriangular, palato calcificado compreendendo quase todo o comprimento do rostro; segundo tipo menor em comprimento que o orifício primário ($Lav2 = 0,210\text{--}0,342$ mm; $lav2 = 0,071\text{--}0,119$ mm), aspecto geral elíptico, barra transversal completa e rostro elíptico, ocorre também frontalmente, próximo as margens coloniais. Ovicelo hiperestomial ($Lov = 0,178\text{--}0,196$ mm; $lov = 0,162\text{--}0,176$ mm; $n = 5$); ooécio lepralieforme.

Comentários. A maioria das espécies de *Stephanollona* conhecidas possui orifício primário com seio amplo e raso ou arredondado, sendo facilmente distintas de *Stephanollona* sp. nov.1. Entretanto, as congêneres *Stephanollona angusta* Vieira, Gordon, Souza & Haddad, 2010, *Stephanollona arborescens* Vieira, Gordon, Souza & Haddad, 2010, *Stephanollona armata* (Hincks, 1862), *Stephanollona robustaspinosa* Ramalho, Muricy & Taylor, 2011 e *Stephanollona scintillans* (Hincks, 1885), também possuem seio estreito e profundo, assim como *Stephanollona* sp. nov.1. *Stephanollona* sp. nov.1 é distinta de todas essas espécies pelo orifício com seio proximalmente estrelado (semicircular uni ou bidenticulado nas demais) e aviculário latero-oral com perfil sublanceolado (subtriangular em *Stephanollona angusta*, *Stephanollona arborescens*, *Stephanollona robustaspinosa* e *Stephanollona scintillans*; subespatulado em *Stephanollona armata*).

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil. Endêmica da Bahia, *Stephanollona* sp. nov.1 habita nódulos calcários e rochas, entre 10 e 35 metros de profundidade, na Costa dos Coqueiros.

Figura 142. A–D, *Stephanollona* sp. nov.1 (UFBA 565). A, aspecto geral de porção da colônia; B, autozoóides e aviculários; C, detalhe do orifício primário; D, zoóide ovicelado e aviculário. Escalas: A = 200 μ m; B, D = 100 μ m; C = 50 μ m.



Fonte: O autor (2018).

***Stephanollona* sp. nov.2**

(Figura 143A–D)

Material examinado. Holótipo: UFBA 3352, Costa dos Coqueiros. Parátipo: UFBA 3355, Costa dos Coqueiros. Material adicional: Apêndice A.

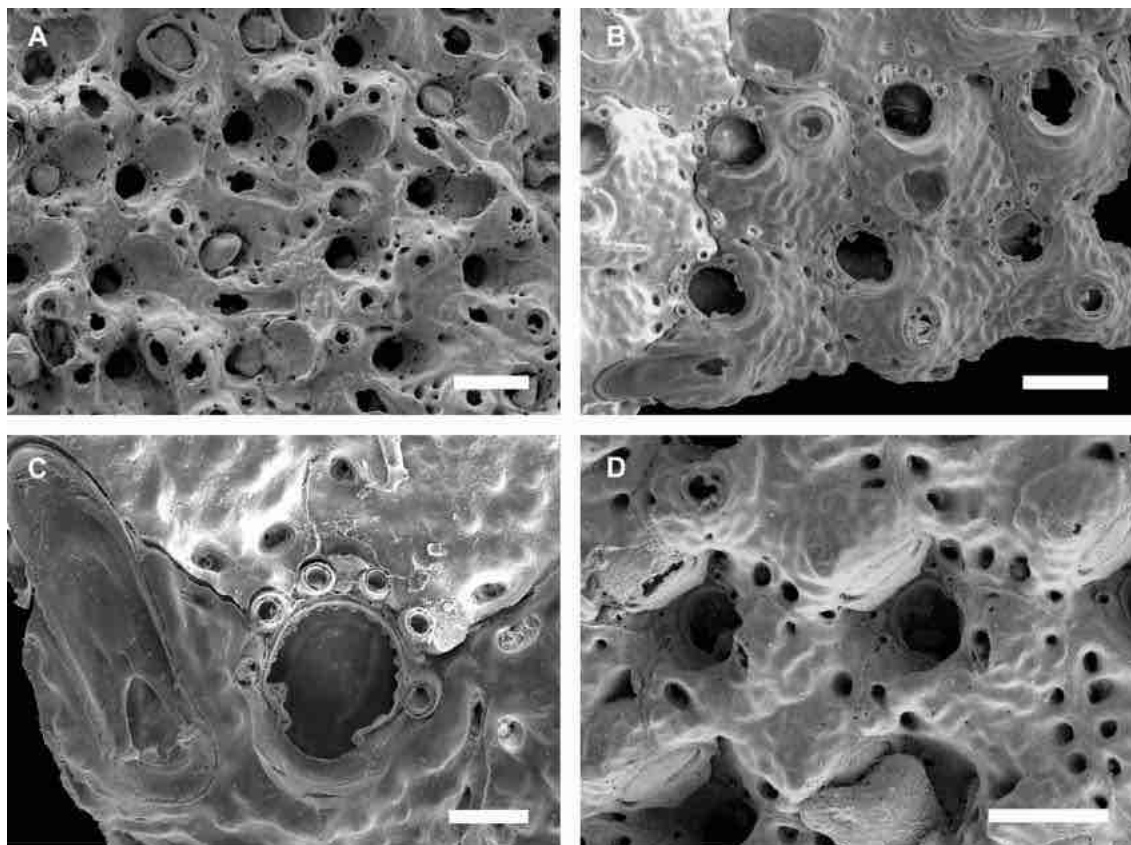
Descrição. Colônia incrustante, uni a multilaminar. Autozoóides subhexagonais ou irregularmente poligonais ($Lz = 0,345\text{--}0,418$ mm; $lz = 0,245\text{--}0,377$ mm), delimitados por suturas finas. Parede frontal lepralióide, rugosa, nódulos frontais pequenos, sem pseudoporos frontais; 5–9 poros marginais. Orifício primário arredondado ($Lo = 0,100\text{--}0,126$ mm; $lo = 0,088\text{--}0,0110$ mm), 6 espinhos orais; 14–20 denticulos distais; seio proximal amplo, em forma de U raso; côneilos laterais triangulares robustos. Orifício secundário rugoso e levemente granulosa; umbo suboral ausente. Aviculários adventícios

dimórficos: latero-orais, orientados distolateralmente, únicos, o primeiro tipo mais comum, comprimento maior que o orifício ($Lav1 = 0,276-0,325$ mm; $lav1 = 0,071-0,118$ mm), região proximal semicircular, rostró oblongo alongado, sem dilatações, barra transversal completa, forâmen subtriangular, palato calcificado compreendendo quase todo o comprimento do rostró; segundo tipo pouco menor em comprimento que o orifício primário ($Lav2 = 0,088-0,110$ mm; $lav2 = 0,069-0,089$ mm), aspecto geral elíptico, barra transversal completa, protuberância central (columela) arredondada, rostró elíptico e margens lisas, ocorre também no meio da parede frontal ou próximo as margens coloniais e com orientação variável, ou suboralmente, tendo margem proximal serrilhada. Ovicelo hiperestomial ($Lov = 0,138-0,182$ mm; $lov = 0,165-0,209$ mm), inclinado; ooécio lepralieforme; ectooécio com lábio proximal transversalmente elíptico.

Comentários. *Stephanollona* sp. nov.2 pertence a um grupo de espécies de *Stephanollona* caracterizadas pelo orifício primário com seio semicircular distintamente amplo, pouco menor em comprimento que o anter, incluindo *Stephanollona contracta* (Waters, 1899), *Stephanollona cryptostoma* (MacGillivray, 1885), *Stephanollona eopacifica* (Soule, Soule & Chaney, 1991), *Stephanollona orbicularis* (Hincks, 1881), *Stephanollona propinqua* Winston & Woollacott, 2009 e *Stephanollona serrata* (Osburn, 1912). *Stephanollona* sp. nov.2 é distinta de *Stephanollona contracta* pela presença de 6 espinhos orais (4–6 em *Stephanollona contracta*), seio com a mesma morfologia em autozoóides jovens e mais velhos (mais profundo em autozoóides mais desenvolvidos de *Stephanollona contracta*), umbo suboral ausente (ocasional em *Stephanollona contracta*), aviculários mais longos e estreitos (mais curtos e robustos em *Stephanollona contracta*), e ectooécio com lábio proximal transversalmente elíptico (semicircular a semielíptico em *Stephanollona contracta*). *Stephanollona cryptostoma* difere de *Stephanollona* sp. nov.2 pelo orifício secundário bem desenvolvido e umbo suboral (ausentes em *Stephanollona* sp. nov.2) e aviculário latero-oral grande com perfil subtriangular e ocasionalmente pareado (oblongo e único em *Stephanollona* sp. nov.2). *Stephanollona eopacifica*, *Stephanollona propinqua* e *Stephanollona serrata* possuem aviculário latero-oral tipicamente elíptico (oblongo em *Stephanollona* sp. nov.2), aviculário grande colocado na parede frontal (latero-oral em *Stephanollona* sp. nov.2) e ectooécio com lábio proximal semicircular (transversalmente elíptico em *Stephanollona* sp. nov.2). Por fim, *Stephanollona orbicularis* possui apenas aviculários adventícios elípticos (dimórficos em *Stephanollona* sp. nov.2), côneilos distintamente robustos e ectooécio com lábio proximal semicircular (transversalmente elíptico em *Stephanollona* sp. nov.2).

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil. Conhecida apenas para a Bahia, na Costa dos Coqueiros, *Stephanollona* sp. nov.2 ocorre sobre suportes rígidos, tais como nódulos calcários e rochas, entre 10 e 35 metros de profundidade.

Figura 143. A–D, *Stephanollona* sp. nov.2 (UFBA 3352). A, aspecto geral de porção da colônia; B, autozoóides e aviculários; C, detalhe do orifício primário; D, zoóides ovicelados e aviculários suborais. Escalas: A = 250 μ m; B, D = 200 μ m; C = 100 μ m.



Fonte: O autor (2018).

Gênero *Triphyllozoon* Canu & Bassler, 1917

Diagnose. Colônia ereta, fenestrada. Autozoóides apenas na superfície frontal; superfície basal com setores e, ocasionalmente, aviculários. Parede frontal sem pseudoporos frontais; poros marginais distintos. Orifício primário com anter denticulado e poster com seio distinto; côndilos laterais bem desenvolvidos. Espinhos orais presentes. Orifício secundário geralmente formando espirâmen oral. Aviculários adventícios pequenos, frontais ou associados ao orifício. Aviculários vicariantes comuns nas margens e bifurcações dos ramos. Ovicelo hiperestomial, não fechado pelo opérculo; ooécio lepralieforme, ectooécio com suturas trifoliadas (GORDON, 1989; OSTROVSKY, 2013).

***Triphyllozoon arcuatum* (MacGillivray, 1889)**

(Figura 144A–D)

Retepora monilifera form *arcuata* MacGillivray, 1889: 29.*Triphyllozoon arcuatum*: Almeida et al., 2017: 312, figs. 81–183 (sin. cum.); Miranda et al., 2018: Apêndice A, 11 (sin. cum.).**Material examinado.** Apêndice A.

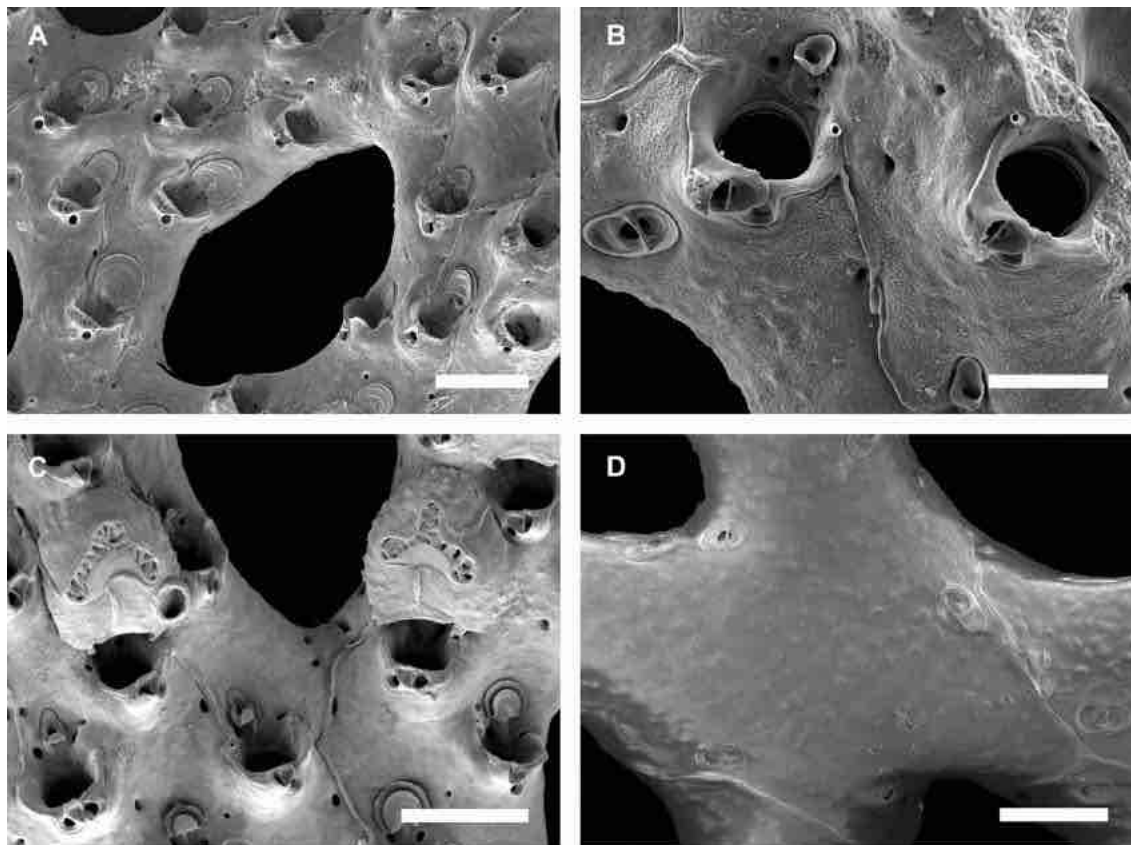
Descrição. Colônia ereta, fenestrada, rígida, bordas de crescimento franzidas formando aberturas de diâmetro variável. Autozoóides na borda de crescimento alongados ($Lz = 0,143\text{--}0,190$ mm; $lz = 0,101\text{--}0,127$ mm), tornando-se quase indistintos com o desenvolvimento colonial. Parede frontal lepralióide, lisa frontalmente, 1–2 poros marginais. Orifício primário em forma de D transversal, anter com crenulações; côndilos laterais assimétricos, cobertos pela calcificação secundária; poster com poro labial redondo e aviculário pequeno com perfil subtriangular e margem proximal serrilhada ($Lav1 = 0,028\text{--}0,036$ mm; $lav1 = 0,016\text{--}0,021$ mm). Aviculários adventícios frontais pequenos com dois perfis: arredondados ($Lav2 = 0,033\text{--}0,046$ mm; $lav2 = 0,020\text{--}0,041$ mm), margem proximal serrilhada e oblongos ($Lav3 = 0,035\text{--}0,043$ mm; $lav3 = 0,017\text{--}0,026$ mm; $n = 7$), margem proximal lisa. Aviculário colunar grande, perfil subretangular, rostro espatulado, margem proximal reta. Ovicelo hiperestomial ($Lov = 0,175\text{--}0,247$ mm; $lov = 0,151\text{--}0,230$ mm), ooécio lepralieforme, ectooécio com suturas trifoliadas irregulares. Superfície abfrontal da colônia granulosa, numerosos aviculários de perfil oblongo.

Comentários. *Triphyllozoon arcuatum* é caracterizada pelas colônias fenestradas, orifício primário com crenulações distais e poro labial e aviculário subtriangular proximais, aviculários adventícios arredondados a oblongos, aviculário colunar espatulado e ectooécio com suturas trifoliadas.

Esta espécie é facilmente reconhecida no ambiental natural pelas colônias tridimensionais, os “corais de renda”, já que é a única espécie da Bahia que possui esse tipo de colônia. Entretanto, vale ressaltar que *Triphyllozoon arcuatum* é uma espécie exótica no Atlântico, originária da região do Indo-Pacífico (ALMEIDA et al., 2015c). Sua ocorrência na costa do Brasil parece estar associada a substratos artificiais, tais como plataformas de petróleo e píeres (ALMEIDA et al., 2015c, 2017), já que é conhecida nesse tipo de estruturas no Porto de Suape, em Pernambuco, e na Baía de Todos os Santos, Bahia, regiões associadas a trânsito marítimo intenso e onde outras espécies exóticas já foram coletadas.

Distribuição. Atlântico Ocidental: Brasil (Pernambuco e Bahia); Indo-Pacífico: Austrália e Cingapura (ALMEIDA et al., 2015c). Na Bahia, está amplamente distribuída na Baía de Todos os Santos Costa do Dendê, sendo também encontrada em recifes de esponjas e corais (ALMEIDA et al., 2015c, 2017).

Figura 144. A–D, *Triphyllozoon arcuatum* (UFBA 1184). A, aspecto geral de porção da colônia; B, autozoóides e aviculários; C, zoóides ovicelados; D, superfície abfrontal da colônia. Escalas: A, C, D = 200 μ m; B = 100 μ m.



Fonte: O autor (2018).

5 DISCUSSÃO

5.1 DIVERSIDADE DE BRIOZOÁRIOS NA BAHIA

No Brasil, são conhecidas 441 espécies de briozoários, das quais 404 pertencem à classe Gymnolaemata, sendo 362 espécies da ordem Cheilostomata e 42 espécies de Ctenostomata (VIEIRA; NASCIMENTO; ALMEIDA, 2018). Assim, um total de 97 famílias e 224 gêneros de briozoários são conhecidos (VIEIRA; NASCIMENTO; ALMEIDA, 2018). Destes, 70 famílias e 185 gêneros pertencem à Ordem Cheilostomata e 17 famílias e 20 gêneros são classificadas na Ordem Ctenostomata, totalizando 87 famílias e 205 gêneros na classe Gymnolaemata (VIEIRA; MIGOTTO; WINSTON, 2008, 2018). A fauna da Bahia representa 68% (59) das famílias e 46% (95) dos gêneros da fauna de Gymnolaemata do país. Comparando com o total de espécies de Gymnolaemata conhecidas no mundo—5.240 espécies de Gymnolaemata, sendo 4.921 de Cheilostomata e 319 de Ctenostomata (BOCK; GORDON, 2013)—, a briozoofauna da Bahia compreende 3% da fauna global de Cheilostomata, 3% da fauna de Cheilostomata e 2,5% da fauna de Ctenostomata vivente.

Entre as 441 espécies de briozoários do Brasil, 169 são consideradas endêmicas, representando 38% do total (VIEIRA; NASCIMENTO; ALMEIDA, 2018). Seguindo este mesmo padrão, a Bahia possui 30% da fauna composta por espécies endêmicas para o estado e 31% de espécies endêmicas para o país. Adicionalmente, cerca de 13% das espécies de Gymnolaemata da Bahia são relatadas em todo o Atlântico Ocidental, evidenciando pouco compartilhamento da fauna com esta região. Entretanto, a maioria dos gêneros e famílias registradas são representantes típicos da fauna do Atlântico Ocidental (e.g., WINSTON; HAYWARD, 2012; WINSTON; WOOLLACOTT, 2009; WINSTON, 2016).

Nesse sentido, as 174 espécies de briozoários Gymnolaemata da Bahia representam cerca de 43% da fauna conhecida no Brasil (46% e 19% das espécies Cheilostomata e Ctenostomata, respectivamente). Entre os estados do Brasil, o litoral da Bahia é considerado o segundo de maior diversidade conhecida, atrás apenas do litoral de São Paulo, historicamente mais estudado e que abriga aproximadamente metade de todas as espécies conhecidas para o país (VIEIRA; MIGOTTO; WINSTON, 2008, 2018).

No nordeste do Brasil, a Bahia representa o estado mais bem amostrado, somando-se a extensa linha de costa e então a disponibilidade de ambientes e substratos marinhos

diversos (e.g., ALMEIDA, 2009; AMORIM, 2005; BARROS et al., 2012; SEMARH, 2003) que fornecem habitats favoráveis para o assentamento larval e desenvolvimento colonial. Uma vez que a abundância, distribuição e diversidade de briozoários marinhos é fortemente influenciada pela oferta de substratos (ALMEIDA et al., 2017; HAYWARD; RYLAND, 1998; KUKLINSKI; BARNES 2005; WINSTON, 1982), uma grande diversidade pode ser esperada para a região. Esse resultado também é verificado para outros grupos de invertebrados bentônicos que possuem fauna conhecida superior a 100 espécies para a Bahia, tais como as esponjas e os crustáceos decápodes (CARQUEIJA et al., 2017; HAJDU; PEIXINHO; FERNANDEZ, 2011). Ainda assim, algumas áreas da Bahia (e.g., Costa do Cacau de Costa das Baleias), permanecem pouco amostradas.

Até recentemente, o conhecimento da fauna de briozoários da Bahia era baseado em trabalhos antigos, sem revisão taxonômica acurada e com dados morfológicos obtidos sob microscópio óptico, em registros pontuais de espécies e inventários taxonômicos sem descrições ou ilustrações (CANU; BASSLER, 1928a; BUSK, 1884, 1886; SOUZA, 1989). Apenas recentemente a reavaliação desse material utilizando técnicas atuais de MEV e comparação com espécimes tipo permitiu o reconhecimento de características morfológicas diagnósticas, revelando uma diversidade até então desconhecida (e.g., ALMEIDA; SOUZA, 2014; ALMEIDA et al., 2014, 2015b, 2015c, 2017, 2018a, 2018b; ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017; WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014; VIEIRA; SPENCER JONES; WINSTON, 2013a; VIEIRA; MIGOTTO; WINSTON, 2014).

Até o presente estudo, 166 espécies de briozoários da classe Gymnolaemata foram relatadas para a Bahia (ALMEIDA; SOUZA, 2014; ALMEIDA et al., 2014, 2015a, 2015b, 2015c, 2017, 2018a, 2018b; BUSK, 1884, 1886; ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017; CANU; BASSLER, 1928a; SOUZA, 1989; WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014; VIEIRA MIGOTTO; WINSTON, 2008; VIEIRA; MIGOTTO; WINSTON, 2014; VIEIRA; SPENCER JONES; WINSTON, 2013a). O estudo dos espécimes com base em fotomicrografias de MEV e comparação com espécimes tipo, entretanto, possibilitou a elucidação de 59 identidades taxonômicas, atualizando 66 nomes específicos previamente aplicados para material coletado para a costa da Bahia (Apêndice G).

Entre as 27 espécies de briozoários relatadas para Bahia por Canu & Bassler (1928a), 12 são aqui descritas e figuradas pela primeira vez desde o trabalho original. As outras espécies relatadas por Canu & Bassler (1928a) também foram reavaliadas por

Almeida et al. (2015b, 2017, 2018a), Cáceres-Chamizo et al. (2017), Tilbrook (1999, 2012), Vieira et al. (2010) e Winston; Vieira; Woollacott (2014) (Apêndice H).

Das 174 espécies relatadas neste estudo, 45 (25%) foram descritas nos últimos quatro anos. Somando-se com as 35 novas espécies aqui descritas, é possível verificar que 46% (80 espécies) da fauna de briozoários marinhos da Bahia foi relatada e caracterizada apenas recentemente, evidenciando que a diversidade da área foi historicamente subestimada (ALMEIDA; SOUZA, 2014; ALMEIDA et al., 2015a, 2015b, 2017, 2018a, 2018b). Dessa forma, é evidente a necessidade de reavaliação dos registros históricos dos briozoários do Brasil, e da realização de novos estudos faunísticos ao longo da costa, como já indicado por outros autores, cujos resultados apresentam mais de 100 novas espécies para o país (ALMEIDA; SOUZA, 2014; ALMEIDA et al., 2014, 2015a, 2015b, 2015c, 2017; ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017; RAMALHO; MURICY; TAYLOR, 2008, 2009, 2010, 2011; RAMALHO; CALLIARI, 2015; SANTANA; RAMALHO; GUIMARÃES, 2009; VIEIRA et al., 2010; VIEIRA; MIGOTTO; WINSTON, 2008, 2010; VIEIRA et al., 2012b, 2012c, 2013, 2014b, 2016; VIEIRA; GORDON; CORREIRA, 2007; VIEIRA; MIGOTTO; WINSTON, 2010, 2014; VIEIRA; STAMPAR, 2014; WINSTON; VIEIRA, 2013; WINSTON; VIEIRA; WOOLLACOTT, 2014).

5.2 FORMAS COLONIAIS DOS BRIOZOÁRIOS DA BAHIA

A fauna de briozoários marinhos da Bahia possui espécies representantes de todas as formas coloniais (Apêndice I), exceto formas eretas foliosas. A maioria das espécies (69%) possui colônias que formam manchas (92 espécies) ou extensas lâminas (29 espécies) de incrustações sobre o substrato. O segundo tipo colonial mais representativo na Bahia são colônias ramificadas delicadas, encontradas em 13 espécies (7%). A única espécie com colônia ereta fenestrada conhecida para a Bahia é do briozoário exótico *Triphyllozoon arcuatum*. Esta espécie é considerada nativa para o Indo-Pacífico, região que abriga a maior diversidade de briozoários com colônias fenestradas, popularmente conhecido como “coral de renda” [*lace corals*] (ALMEIDA et al., 2015c; HAYWARD, 2000).

Apesar de nenhuma forma colonial ser restrita a um único tipo de ambiente, a maior ocorrência de uma ou algumas formas coloniais específicas numa determinada área estão relacionados com interpretações ambientais (e.g. AMINI et al., 2004; HAGEMAN

et al., 1998). Colônias incrustantes em forma de mancha ou laminares são comuns no litoral e na zona sublitoral, até 200 metros de profundidade (AMINI et al., 2004; SMITH, 1995; STACH, 1936), como foi observado na área estudada. Briozoários com essa forma colonial são adaptados a viver em praticamente todo tipo de substrato, sendo por vezes considerados oportunistas (AMINI et al., 2004; MCKINNEY; JACKSON, 1989). Das 121 espécies incrustantes em forma de mancha ou laminares, 42 ocorrem desde a região entremarés até a plataforma continental (até 60 metros de profundidade). As demais espécies (79) ocorrem a partir da região sublitoral até a quebra da plataforma continental. A maioria dos gêneros e espécies incrustantes inventariados neste trabalho são considerados comuns em águas rasas, conhecidos em profundidades de até 100 metros (NELSON et al., 1988), assim como a área de estudo.

Em termos gerais, em ambientes com alto hidrodinamismo, como a região entremarés e parte do sublitoral, os briozoários com colônias eretas são menos comuns que aqueles com formas incrustantes (MCKINNEY; JACKSON, 1989; SMITH, 1995). Entretanto, por formarem estruturas flexíveis, as colônias eretas delicadas e articuladas são consideradas comuns em ambientes com energia moderada ou alta (AMINI et al., 2004; STACH, 1936). Entre as 22 espécies com formas eretas rígidas, delicadas e articuladas, cerca de 45% (10 espécies) foram encontradas na região entremarés. Todas as espécies com colônias eretas estoloníferas (9 espécies) também foram comuns nessa região. Estes briozoários vivem associados a algas bentônicas, especialmente algas vermelhas, algas flutuantes, ou a hidrozoários e outros briozoários, que servem de suporte para a fixação das estruturas de ancoragem (bases calcificadas e rizoides). A maioria das espécies com colônias eretas bilaminares (quatro espécies) e espalmadas (cinco espécies), por sua vez, habita desde a zona sublitoral, a partir de 14 metros de profundidade, até a plataforma continental. Dessa maneira, a ocorrência de diferentes formas de briozoários ao longo da costa da Bahia segue o padrão conhecido para outras áreas tropicais e subtropicais, onde a ocorrência de colônias eretas bilaminares e espalmadas se mostra relacionada com menor energia da água e com aumento da profundidade (AMINI et al., 2004; CHEETHAM; THOMSEN, 1981; STACH, 1936).

As colônias de vida livre, juntamente com a única espécie com colônia domal (*Mamillopora cupula*), estão tipicamente associadas às áreas de fundos não consolidados formados por grãos de areia, cascalho ou lamosos, especialmente próximos à desembocadura de rios. Estas espécies não são encontradas no entremarés, e estão ausentes em áreas adjacentes às praias do litoral da Bahia. Por sua vez, em algumas

regiões da Baía de Todos os Santos e Costa do Cacau, esses briozoários formam, juntamente com ramos soltos de colônias eretas articuladas, o fundo marinho reconhecido como “areia de briozoários” (APOLUCENO, 1998). Ocasionalmente, também servem de suportes para outros briozoários com colônias incrustantes pontuais, que necessitam apenas de pequenas superfícies para o estabelecimento colonial (ALMEIDA et al., 2017).

5.3 UTILIZAÇÃO DE SUBSTRATO E DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL NA COSTA DA BAHIA

A disponibilidade de substrato é considerada um dos fatores mais importantes na ocorrência e distribuição de briozoários marinhos (BEN ISMAIL et al., 2012; LÓPEZ GAPPA, 2000; KUKLINSKI et al., 2005). Como previamente mencionado, comparada com os outros estados brasileiros, a costa da Bahia possui o maior trecho de costa do país e abriga uma grande heterogeneidade de habitats, fornecendo assim diversos substratos para colonização por invertebrados bentônicos, incluindo os briozoários (ALMEIDA et al., 2017, 2018b; DOMINGUEZ et al., 2016; HAJDU; PEIXINHO; FERNANDEZ, 2011). Dessa forma, a ocorrência de briozoários em uma ampla variedade de substratos é um resultado esperado (ALMEIDA et al., 2017, 2018b; VIEIRA; MIGOTTO; WINSTON, 2011; WINSTON, 1982). Estudos recentes já haviam relatado espécies de briozoários da Bahia habitantes de estruturas artificiais (ALMEIDA et al., 2015c; VIEIRA; SPENCER JONES; WINSTON, 2013a), esponjas (ALMEIDA et al., 2017) e conchas (ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017, 2017). Neste trabalho, também são relatadas espécies sobre algas, outros briozoários, corais, hidrozoários, rodólitos, nódulos calcários e grãos de areia ou cascalho (Apêndices J–S).

Os resultados dos trabalhos de Almeida et al. (2017, 2018b) forneceram evidências que as assembleias de briozoários da Bahia em diferentes substratos são influenciadas por fatores tais como profundidade, substrato e estrutura do habitat, incluindo características como rugosidade da superfície colonizada (BEN ISMAIL et al., 2012; KUKLINSKI et al., 2006). Adicionalmente, alguns desses fatores são diretamente afetados por outros parâmetros, como hidrodinamismo e topografia, especialmente em ambientes de águas rasas (BARNES; KUKLINSKI, 2003; KUKLINSKI, 2002). Em linhas gerais, a profundidade possui forte influência sobre características do substrato (BALAZY; KUKLINSKI, 2017), já que pode estar relacionada a diferentes fatores ambientais, tais como luminosidade e temperatura da água (KUKLINSKI et al., 2006).

Para a fauna de briozoários habitante de recifes de esponjas (região sublitoral) da Baía de Todos os Santos e Baía de Camamu (Costa do Dendê), verificou-se que, apesar da predominância de espécies incrustantes, o número absoluto de colônias eretas é maior (ALMEIDA et al., 2017). Este resultado pode ser relacionado com a necessidade de maior disponibilização de espaço para fixação e desenvolvimento colonial em espécies incrustantes, bem como a vantagem das colônias eretas de fixar as colônias através de rizoides em pequenos pontos de inserção (ALMEIDA et al., 2017). Comparativamente, a fauna de briozoários associada às conchas de moluscos bivalves na região entremarés da Ilha de Itaparica (Baía de Todos os Santos) é majoritariamente representada por espécies e colônias incrustantes (mancha e formas laminares) (ALMEIDA et al., 2018b). Nessa região, apenas uma espécie ereta, *Licornia* aff. *diadema*, foi encontrada, e as espécies *Parasmittina loxoides* e *Rhynchozoon brasiliensis* representam 72% das 109 colônias identificadas (ALMEIDA et al., 2018b). Apesar desses resultados contrastantes em relação à dominância de diferentes formas coloniais e número absoluto de colônias, deve-se notar também a diferença no ambiente de cada assembleia, sendo a de esponjas proveniente da região sublitoral e a de conchas da região entremarés. Como previamente mencionado, a maior ocorrência de formas coloniais incrustantes em áreas com maior hidrodinamismo é conhecida para assembleias de briozoários e está relacionada com sua capacidade de resistência ao movimento de ondas e de colonização de praticamente todo tipo de substrato (AMINI et al., 2004; MCKINNEY; JACKSON, 1989; SMITH, 1995; STACH, 1936). Por outro lado, os dois trabalhos mostraram certa preferência dos briozoários em colonizar superfícies mais ásperas (ALMEIDA et al., 2017, 2018b), como já relatado para tais organismos em outros tipos de substratos (KUKLINSKI; BARNES, 2005; MARSHALL; KEOUGH, 2003; WARD; THORPE, 1989).

No presente estudo, entre as 35 espécies de briozoários encontradas sobre esponjas, 14 não foram relatadas por Almeida et al. (2017) e, entre essas, a maioria (9 espécies) formam colônias eretas, principalmente estoloníferas. Além da Baía de Todos os Santos e Costa do Dendê (Baía de Camamu), as esponjas servem amplamente como substrato para os briozoários na Costa dos Coqueiros (27 espécies), Costa do Descobrimento (17 espécies), Costa das Baleias (17 espécies cada), e Costa do Cacau (10 espécies) (Apêndice J).

Na Bahia, em relação à fauna de briozoários que crescem sobre conchas de moluscos, 16 (do total de 34) espécies encontradas não haviam sido previamente relatadas nesse tipo de substrato (Apêndice K). Apenas duas espécies não possuem

colônias incrustantes, *Licornia* aff. *diadema* (ereta ramificada delicada), também registrada por Almeida et al. (2018b), e *Nolella stipata* (estolonífera). De fato, a ocorrência de briozoários eretos em conchas é pouco frequente, sendo a briozoofauna desse substrato tipicamente composta por formas incrustantes (DE BLAUWE, 2006; MCKINNEY, 1996; WARD; THORPE, 1991). Na Bahia, esse tipo de substrato foi mais utilizado por briozoários na Baía de Todos os Santos (33 espécies) e Costa dos Coqueiros (29 espécies). Nessas duas regiões, conchas são frequentemente encontradas no entremarés ou formando o fundo da zona sublitoral (ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017, b; ALVES; MUEHE; DOMINGUEZ, 2006; LESSA; DIAS, 2009).

Entre as 77 espécies de briozoários habitantes de corais na Bahia (Apêndice L), a grande maioria formam colônias incrustantes (59 espécies; 76%), como manchas ou lâminas. Grande parte das espécies são classificadas em seis gêneros considerados típicos desse tipo de substrato: *Antropora*, *Calypthotheca*, *Celleporaria*, *Parasmittina*, *Reptadeonella* e *Rhynchozoon* (e.g., GORDON, 1984; WINSTON; HEIMBERG, 1986; WINSTON, 2016). A maioria dessas espécies também foi encontrada a partir de 5 metros de profundidade na Baía de Todos os Santos (64 espécies), Costa dos Coqueiros (58 espécies), e Costa das Baleias (48 espécies). Estas regiões são conhecidas por abrigarem recifes de corais com morfologias variadas, desde aqueles que ficam emersos nas marés baixas, como na Costa dos Coqueiros, ou recifes mais afastados da costa, como nas outras duas regiões (LEÃO; KIKUCHI; TESTA, 2003; LEÃO; OLIVEIRA; KIKUCHI, 2008).

Os nódulos calcários abrigaram 42% (74 espécies) das espécies de briozoários relatados para Bahia (Apêndice M). A maioria dessas espécies (61; 82%) formam colônias incrustantes como manchas ou formas laminares. Nos nódulos, são estão presentes espécies eretas ramificadas delicadas (7 espécies) e com formas eretas espalmadas (4 espécies). Os nódulos calcários compõe o leito marinho de diversas regiões subtidais da Bahia e são oriundos de carapaças de organismos bentônicos ou da quebra de afloramentos rochosos comuns na área, especialmente na Costa dos Coqueiros e Baía de Todos os Santos (BARROS et al., 2012; DOMINGUEZ et al., 2016; LIVRAMENTO, 2008; SEMARH, 2003). Tal substrato é reconhecido como habitat comum para a fauna bentônica da Bahia (BARROS et al., 2012; LIVRAMENTO, 2008; SEMARH, 2003) e, dessa forma, inclui também os briozoários.

Os rodolitos, que serviram de substrato para 63 espécies (33% do total inventariado), seguiram a composição geral da fauna de briozoários do estado, com espécies incrustantes como manchas ou laminares (53 espécies; 84% das espécies de

rodolitos) (Apêndice N). Essas espécies são frequentemente encontradas na Costa dos Coqueiros e Baía de Todos os Santos, regiões onde fundos de rodolitos são reconhecidos por abrigar uma ampla variedade organismos (BAHIA et al., 2010; SEMARH, 2003). Tipicamente, rodolitos incluem espécies classificadas nos gêneros *Plesioleidochasma*, *Puellina*, *Reptadeonella*, *Smittipora* e *Smittoidea* (e.g., GORDON, 1984; WINSTON; HEIMBERG, 1986; WINSTON, 2016). Entretanto, pouco é conhecido sobre a fauna de briozoários habitante de rodolitos, e a maioria dos registros representam relatos pontuais de ocorrências de espécies (e.g., HINOJOSA; RIOSMENA, 2004; SOUTO et al., 2014).

Sobre algas (Apêndice O) e outros briozoários (Apêndice P) (35 e 33 espécies de briozoários, respectivamente), as coloniais mais comuns são representadas por formas incrustantes como manchas ou laminar, e formas eretas ramificadas delicadas. A maioria das espécies habitantes de algas, a exemplo de representantes dos gêneros *Aetea*, *Arbocuspis*, *Biflustra*, *Catenicella*, *Hippothoa* e *Synnotum*, já são amplamente relatadas nesse tipo de substrato (e.g., ALMEIDA et al., 2017; LIPERT et al., 2001; ROGICK; CROASDALE, 1949; VIEIRA; ALMEIDA; WINSTON, 2016). Espécies dos gêneros *Plesioleidochasma* e *Rhynchozoon* são mais encontradas em substratos rígidos como conchas (e.g., ALMEIDA et al., 2018b; GORDON, 1984), porém estes gêneros também foram encontrados sobre algas na Baía de Todos os Santos. Apenas três espécies foram exclusivamente encontradas sobre algas, *Bugula gnoma* e *Jellyella tuberculata*, que ocorrem tipicamente neste substrato (e.g., ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017; VIEIRA; ALMEIDA; WINSTON, 2016; VIEIRA; WINSTON; FEHLAUER–ALE, 2012), e *Rhynchozoon* sp. nov., a única espécie de *Rhynchozoon* da Bahia que não ocorrem em substratos rígidos. Alguns gêneros de briozoários são amplamente relatados sobre outros briozoários, incluindo *Aetea*, *Amathia*, *Beania* e *Stylopoma* (e.g., ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017; VIEIRA; ALMEIDA; WINSTON, 2016). A maioria das espécies de briozoários encontrados sobre algas e outros briozoários ocorrem desde o entremarés até a quebra da plataforma continental (0 a 60 metros de profundidade). Bancos de algas vermelhas e algas pardas flutuantes são muitos comuns na região entremarés da Costa dos Coqueiros e Baía de Todos os Santos (DOMINGUEZ et al., 2016; SEMARH, 2003), áreas que abrigaram maior diversidade de briozoários sobre esse tipo de suporte.

Mesmo com menor diversidade de briozoários quando comparados aos outros tipos de substratos, nenhuma espécie foi encontrada exclusivamente em substratos artificiais (Apêndice Q) ou sobre hidrozoários (Apêndice R). Entre os táxons habitantes de substratos artificiais, quatro são considerados exóticos (*Amathia verticillata*, *Conopeum*

loki, *Licornia jolloisii* e *Triphyllozoon arcuatum*) e outros quatro representam complexos de espécies (*Amathia crispa*, *Amathia distans*, *Amathia vidovici* e *Licornia* aff. *diadema*). Essas oito espécies ocorreram na Costa dos Coqueiros e Baía de Todos os Santos, áreas onde briozoários exóticos já foram relatados (ALMEIDA et al., 2015c; ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017; VIEIRA; SPENCER JONES; WINSTON, 2013a). Essas espécies também são amplamente relatadas em estruturas artificiais em diferentes localidades do mundo (e.g., ALMEIDA et al., 2015c; ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017; MIRANDA; ALMEIDA; VIEIRA, 2018). Entre as espécies coletadas em substratos artificiais na Costa dos Coqueiros e Baía de Todos os Santos, 10 espécies são novas para a ciência, sendo coletadas tanto na estrutura artificial como na área adjacente.

A maioria dos briozoários encontrados sobre hidrozoários formam colônias pouco calcificadas, incluindo espécies de *Aetea*, *Beania*, *Arbocuspis*, *Hippothoa*, *Savignyella* e *Synnotum*, ocorrendo do entremarés até 50 metros de profundidade. Os hidrozoários examinados são tipicamente encontrados associados às algas vermelhas e esponjas da Costa dos Coqueiros, Baía de Todos os Santos e Costa do Dendê, servindo então de suporte para os briozoários. Muito pouco ainda é conhecido sobre a fauna de briozoários habitante desse tipo de substrato em todo o mundo (e.g., KUKLINSKI; BARNES, 2005; PUCE et al., 2007), sendo assim recomendados estudos adicionais sobre esta fauna.

A fauna de briozoários da Bahia habitantes de grãos de areia ou cascalho inclui espécies com distribuição principalmente a partir da região sublitoral até 80 metros de profundidade (Apêndice S). Diferentemente dos demais substratos estudados, abriga em sua maioria espécies com colônias eretas (12 espécies; 48%), incluindo aquelas articuladas (quatro espécies), espalmadas (três espécies), bilaminares (duas espécies), ramificadas delicadas (duas espécies) e ramificada rígida (uma espécie). Essas colônias são fixas por rizoides (articuladas e ramificadas delicadas) ou por bases curtas mais ou menos planas (demais formas eretas), que necessitam de pequenos espaços para fixação e estabelecimento colonial. As espécies com colônias de vida livre (três espécies) e domal (uma espécie) da Bahia só foram encontradas nesse tipo de substrato e todos os gêneros, *Cupuladria*, *Discoporella* e *Mamillopora*, são tipicamente relatados na fauna de grãos de outras localidades do mundo (e.g., COOK; CHIMONIDES, 1983; dick; HERRERA; JACKSON, 2003; WINSTON; VIEIRA, 2013). Apesar desses resultados, nenhum estudo foi realizado com objetivo específico de inventariar a fauna de grãos de areia ou cascalho da Bahia, como já feito para outras regiões do mundo (WINSTON; HÅKANSSON, 1986) e do Brasil (WINSTON; VIEIRA, 2013). Nesses trabalhos, a maioria das espécies

inventariadas possuem colônias incrustantes, contrastando com as espécies eretas aqui encontradas (WINSTON; HÅKANSSON, 1986; WINSTON; VIEIRA, 2013). Entretanto, como resultado do baixo esforço amostral, mais estudos são necessários para determinar a diversidade de briozoários sobre grãos na Bahia.

5.4 ESPÉCIES COM DISTRIBUIÇÃO DISJUNTA

O total de 33 espécies encontradas na Bahia apresentam uma distribuição disjunta, as quais são classificadas como espécies exóticas (10), criptogênicas (quatro), complexos de espécies (14) e apenas cinco espécies com distribuição disjuntas não foram classificadas (por falta de estudos sobre estas). Recentemente, Miranda; Almeida; Vieira (2018) forneceram o primeiro diagnóstico das espécies de briozoários marinhos exóticos do Brasil, relatando um elevado número de espécies criptogênicas (17 espécies) em relação às espécies exóticas (12 espécies). Entre as espécies exóticas relatadas por Miranda; Almeida; Vieira (2018), apenas uma, *Hippopodina tahitiensis* (Leca & d'Hondt, 1993), não foi registrada para a Bahia. Por outro lado, ao menos duas espécies aqui classificadas como criptogênicas, *Caulibugula dendrograpta* e *Parasmittina egyptiaca*, não foram incluídas no trabalho de Miranda; Almeida; Vieira (2018). A primeira espécie já havia sido relatada para o Brasil (MARCUS, 1938a, 1941b), mas sua ocorrência era considerada duvidosa por falta de material de referência recente associado a essa espécie (MIRANDA; ALMEIDA; VIEIRA, 2018). *Parasmittina egyptiaca*, por sua vez, foi anteriormente confundida com a congênera *Parasmittina trispinosa* (ALMEIDA et al., 2015; LUEDERWALDT, 1929; MARCUS, 1937a), sendo apenas aqui reclassificada. As duas espécies já foram consideradas exóticas em outras localidades do mundo (GORDON, 2016; HARMELIN; BITAR; ZIBROWIUS, 2009; MATURO, 1966), mas mais estudos são necessários para determinar a origem dos espécimes da Bahia.

Os briozoários representam componentes comuns e importantes da comunidade incrustante, às vezes com maior diversidade de espécies do que outros organismos da comunidade incrustante reconhecida como *fouling* (ALMEIDA et al., 2017c; MARQUES et al., 2013; MIRANDA; ALMEIDA; VIEIRA, 2018). Além de possuírem hábito predominantemente sésstil, muitas espécies apresentam rápido crescimento e tolerância a diferentes tipos de substrato, sendo relativamente adaptáveis à diferentes distúrbios ambientais (ALMEIDA et al., 2015a; GORDON; MAWATARI, 1992; MCCANN et al., 2007). Assim, esses animais coloniais constituem um grupo potencial invasor, por

apresentarem espécies exóticas amplamente relatadas em área portuárias e baías de todo o mundo (ALMEIDA et al., 2015a; MCCANN et al., 2007; MIRANDA; ALMEIDA; VIEIRA, 2018).

No presente estudo, as espécies classificadas como complexos de espécies incluem táxons de ampla distribuição geográfica cujas populações de diferentes localidades apresentam variação morfológica conhecida. Oito espécies (*Amathia crispa*, *Amathia distans*, *Antropora minor*, *Arbocuspis bellula*, *Copidozoum tenuirostre*, *Hippothoa flagellum*, *Jellyella tuberculata* e *Steginoporella connexa*) aqui classificadas como complexos de espécies não foram incluídas por Miranda; Almeida; Vieira (2018). Por fim, cinco espécies não classificadas quanto à origem, *Arbocuspis bicornis*, *Calypthoeca triangulata*, *Catenicella contei*, *Hippopodina pulcherrima*, *Parasmittina bimucronata*, são conhecidas apenas para suas localidades-tipos e foram posteriormente relatadas uma ou poucas vezes em áreas distantes de suas distribuições nativas esperadas. Ao menos três dessas, *Arbocuspis bicornis*, *Catenicella contei* e *Parasmittina bimucronata* vivem associadas às algas flutuantes ou estruturas artificiais, sendo estas relatadas para a Baía de Todos os Santos. A área é considerada importante pelo intenso tráfego marítimo e atividades de exploração de petróleo, com outras espécies de invertebrados já relatadas como exóticas ou criptogênicas (e.g., ALMEIDA et al., 2015c; ALMEIDA; SOUZA; VIEIRA, 2017; MIRANDA; ALMEIDA; VIEIRA, 2018), o que poderia indicar a introdução dessas espécies na região.

Para as espécies consideradas como pertencentes à parte de complexos de espécies, espécies criptogênicas e táxons não classificados quanto à origem, são indicados novos estudos integrativos com morfologia e dados moleculares, para auxiliar a elucidação da classificação das espécies envolvidas. É necessário também elucidar a origem e entender os mecanismos de dispersão desses animais, porque a introdução de espécies pode constituir o primeiro passo para eventos de bioinvasões, atualmente considerados um dos maiores impactos resultantes de atividade humana em ambientes aquáticos (IGNACIO et al., 2010; MIRANDA; ALMEIDA; VIEIRA, 2018).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

- A fauna de briozoários marinhos do Estado da Bahia é considerada diversa, incluindo 174 espécies, 95 gêneros e 59 famílias, compreendendo 43% da fauna conhecida para o Brasil e 3% da fauna global de Cheilostomata.
- O conhecimento taxonômico dos briozoários na região era considerado subestimado e incipiente, visto o elevado número de novos táxons (35 espécies consideradas novas para a ciência), novas combinações propostas (*Schizobrachiella lacrimosa* comb. nov., *Calypthotheca trimorpha* comb. nov. e *Calypthotheca violacea* comb. nov.), e presença de novos registros para o Brasil (20 espécies).
- A fauna da Bahia é representada, em sua grande maioria, por espécies endêmicas do Brasil, ou amplamente distribuída no Atlântico Ocidental.
- A fauna de briozoários marinhos da Bahia é representada por espécies representantes de todas as formas coloniais conhecidas para filo, exceto formas eretas foliosas, sendo as formas incrustantes consideradas dominantes na região.
- A Baía de Todos os Santos e Costa dos Coqueiros apresentam a maior diversidade de briozoários, o que pode estar relacionada com a maior quantidade de estudos realizados nessas duas regiões.
- Os briozoários colonizam praticamente todo tipo e substrato no ambiente marinho, incluindo estruturas artificiais (placas de PVC, fragmentos plásticos e estruturas de concreto, como plataformas de petróleo) e naturais (algas, principalmente aquelas flutuantes como *Sargassum* spp. e algas vermelhas comuns no entremarés, outros briozoários, corais, esponjas, hidrozoários, conchas de moluscos, hidrozoários, rodolitos e grãos de areia e cascalho).
- Na Bahia, a maior diversidade de briozoários é encontrada sobre corais, nódulos calcários e rodolitos; e, raramente esses animais ocorrem sobre hidrozoários.
- Existe uma necessidade de novos estudos integrativos com morfologia e dados moleculares, afim de elucidar a identidade de diferentes táxons de Bryozoa na região.
- O estado da Bahia, em especial a Baía de Todos os Santos, é uma área considerada vulnerável e suscetível às introduções biológicas, visto o elevado número de espécies exóticas e criptogênicas de Bryozoa.

REFERÊNCIAS

- ALLMANN, G. J. **A monograph of the Freshwater Polyzoa, including all the known species, both British and Foreign.** London: The Ray Society, 1856. 119 p.
- ALMEIDA, A. C. S.; ALVES, O.; PESO-AGUIAR, M.; DOMINGUEZ, J.; SOUZA, F. Gymnolaemata bryozoans of Bahia State, Brazil. **Marine Biodiversity Records**, v. 8, e120, 2015a.
- ALMEIDA, A. C. S.; SOUZA F. B. C.; MENEGOLA, C.; VIEIRA, L. M. Diversity of marine bryozoans inhabiting demosponges in Northeastern Brazil. **Zootaxa**, v. 4290, n. 2, p. 281–323, 2017.
- ALMEIDA, A. C. S.; SOUZA F. B. C.; VIEIRA, L. M. Malacostegine bryozoans (Bryozoa: Cheilostomata) from Bahia State, northeast Brazil: taxonomy and non-indigenous species. **Marine Biodiversity**, 2017.
- ALMEIDA, A. C. S.; SOUZA, F. B. C. Two new species of cheilostome bryozoans from the South Atlantic Ocean. **Zootaxa**, v. 3753, n. 3, p. 283–290, 2014.
- ALMEIDA, A. C. S.; SOUZA, F. B. C.; FARIAS, J.; ALVES, O.; VIEIRA, L. M. Bryozoa on disarticulated Bivalve Shells from Todos os Santos Bay, Northeast Brazil, with the description of a new species. **Zootaxa**, v. 4434, n. 3, p. 401–428, 2018b.
- ALMEIDA, A. C. S.; SOUZA, F. B. C.; GORDON, D.; VIEIRA, L. M. The non-indigenous bryozoan *Triphyllozoon* Canu & Bassler, 1917 in the Atlantic: morphology and dispersion on the Brazilian coast. **Zoologia**, v. 32, n. 6, p. 476–484, 2015b.
- ALMEIDA, A. C. S.; SOUZA, F. B. C.; MENEGOLA, C. M. S.; SANNER, J.; VIEIRA, L. M. Taxonomic review of the family Colatooeciidae Winston, 2005 (Bryozoa, Cheilostomata), with description of seven new species. **Zootaxa**, v. 3868, n. 1, p. 1–61, 2014.
- ALMEIDA, A. C. S.; SOUZA, F. B. C.; SANNER, J.; VIEIRA, L. M. Taxonomy of recent Adeonidae (Bryozoa, Cheilostomata) from Brazil, with the description of four new species. **Zootaxa**, v. 4013, n. 3, p. 348–368, 2015c.
- ALMEIDA, A. C. S.; SOUZA, F. B. C.; VIEIRA, L. M. A new species of *Cellaria* (Bryozoa: Cheilostomata) from northeastern Brazil, with a tabular identification key to the Atlantic species. **Zoologia**, v. 35, n. e24571, p. 1–7, 2018a.
- ALMEIDA, A. O. **Composição taxonômica e zoogeografia de Crustáceos Decápodos marinhos e estuarinos da Bahia, Brasil.** 2009. 479 p. Tese (Doutorado em Oceanografia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- ALVES, G. L. **Fitobentos associados a Banco de Rodólitos do Litoral Norte da Bahia: aspectos taxonômicos e ecológicos.** Dissertação (Mestrado em Botânica) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, p. 175, 2012.

- ALVES, O. F. S.; MUEHE, D.; DOMINGUEZ, J. M. L. Carbonate contents of bottom sediments of Todos os Santos Bay, Bahia, Brazil: their importance for biodiversity. **Journal of Coastal Research**, Special Issue, v. 39, p. 1671–1675, 2006.
- AMINI, Z. Z.; ADABI, M. H.; BURRETT, C. F.; QUILTY, P. G. Bryozoan distribution and growth form associations as a tool in environmental interpretation, Tasmania, Australia. **Sedimentary Geology**, v. 167, p. 1–15, 2004.
- AMORIM, F. N. **Caracterização oceanográfica da Baía de Camamu e adjacências e mapeamento das áreas de risco a derrame de óleo**. Dissertação (Mestrado em Geologia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, p. 191, 2005.
- APOLUCENO, D. M. **A influência do porto de Ilhéus (BA) nos processos de acreção/erosão desenvolvidos após a sua instalação**. Dissertação (Mestrado em Geologia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, p. 132, 1998.
- APPELTANS, W. et al. [119 autores] The Magnitude of Global Marine Species Diversity. **Cell Biology**, v. 22, n. 23, p. 2189–2202, 2012.
- AUDOUIN, J. V. Explication sommaire des planches de Polypes de l’Egypte et de la Syrie, publiées par Jules–César Savigny. In: PANCKOUCKE, C. L. F. (Ed.). **Description de l’Egypte ou recueil des observations et des recherches qui ont été faites en Egypte pendant l’Expedition de l’Armée française ... Histoire naturelle**. France, Paris: Imprimerie Impériale, p. 225–244, 1826.
- BAHIA, R. G.; ABRANTES, D. P.; BRASILEIRO, P. S.; PEREIRA FILHO, G. H.; AMADO FILHO, G. M. Rhodolith bed structure along a depth gradient on the northern coast of Bahia State, Brazil. **Brazilian Journal of Oceanography**, v. 58, n. 4, p. 323–337, 2001.
- BALAVOINE, P. Bryozoa. In: Mission Robert Ph. Dollfuss en Egypte 1927–29. **Résultats scientifiques**, 3e partie (XXIII–XXXIV), p. 257–282, 1959. (CNRS, Paris).
- BALAVOINE, P. Bryozoaires recueillis en juillet et aout 1957 dans la région de Dinard et Saint–Malo. **Bull Lab marit Dinard**, v. 44, p. 12–22, 1959.
- BALAZY, P.; KUKLINSKI, P. Arctic field experiment shows differences in epifaunal assemblages between natural and artificial substrates of different heterogeneity and origin. **Journal of Experimental Marine Biology and Ecology**, v. 486, p. 178–187, 2017.
- BARNES, D. K. A.; KUKLINSKI, P. High polar spatial competition: extreme hierarchies at extreme latitude. **Marine Ecology Progress Series**, v. 259, p. 17–28, 2003.
- BARROS F.; COSTA P. C.; CRUZ I.; MARIANO D. L. S.; MIRANDA R. J. Habitats Bentônicos na Baía de Todos os Santos. **Revista Virtual de Química**, v. 4, n. 5, p. 551–565, 2012.

- BASSLER, R. S. Bryozoa. Generum et Genotyporum. Index et Bibliographica. In: Quenstedt, W. (editor) **Fossilium Catalogus I. Animalia** Vol. Part 67, p. 229, 1935. (W.Junk, s'Gravenhage).
- BEN ISMAIL D.; RABAOUI L.; DIAWARA, M.; BEN HASSINE, O. K. The Bryozoan assemblages and their relationship with certain environmental factors along the shallower and subtidal Tunisian coasts. **Cahiers de Biologie Marine**, v. 53, 231–242, 2012.
- BERNAL, J. M. S. **Contribuição do aporte fluvial de sedimentos para a construção das principais planícies quaternárias do Estado da Bahia**. Tese (Doutorado em Geologia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, p. 104, 2016.
- BERNING, B. Taxonomic notes on some Cheilostomata (Bryozoa) from Madeira. **Zootaxa**, v. 3236, p. 36–54, 2012.
- BISHOP, J. D. D. Colony form and the exploitation of spatial refuges by encrusting Bryozoa. **Biological Reviews**, v. 64, p. 197–218, 1989.
- BISHOP, J. D. D.; HOUSEHAM, B. C. *Puellina* (Bryozoa; Cheilostomatida; Cribrilinidae) from British and adjacent waters. **Bulletin of the British Museum of Natural History, Zoology**, v. 53, n. 1, 1–63, 1987.
- BITTENCOURT, A. C. S. P.; DOMINGUEZ, J. M. L.; MARTIN, L.; SILVA, I. R. Patterns of sediment dispersion coastwise the State of Bahia – Brazil. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**, v. 72, n. 2, 271–287, 2000.
- BORG, F. Studies on Recent Cyclostomatous Bryozoa. **Zoologiska Bidrag från Uppsala**, v. 10, p. 181–507, 1926.
- BOSC, L. A. G. **Histoire naturelle des vers**. Paris, v. 3, 1802.
- BRAGA, L. M. Notas sobre alguns briozoários incrustantes da região de Cabo Frio. **Publicação do Instituto de Pesquisa da Marinha**, n. 25, p. 1–28, 1968.
- BRAGA, L. M. Notas sobre alguns briozoários marinhos brasileiros coletados pelo Navio Oceanográfico Almirante Saldanha. **Instituto de Pesquisa da Marinha, Notas Técnicas**, n. 2, p. 1–12, 1967.
- BROWN, D. A. On the polyzoan genus *Crepidacantha* Levinsen. **Bulletin of the British Museum (Natural History), Zoology**, v. 2, p. 243–263, 1954.
- BROWN, D. A. Six new Recent and Tertiary genera of cheilostomatous Polyzoa from New Zealand. **Annals and Magazine of Natural History**, v. 12, n. 1, p. 108–122, 1948.
- BROWN, D. A. The Tertiary cheilostomatous Polyzoa of New Zealand. **Trustees of the British Museum (Natural History), London**, p.1–405, 1952.

BUGE, E. Campagne de la Calypso au large des côtes Atlantiques de l'Amérique du Sud (1961–1962). 1. 34. Bryozoaires cyclostomes. **Annales de l'Institut Océanographique**, n. 55, p. 207–261, 1979.

BUGE, E. Distribution des bryozoaires lunulitiformes sur les côtes du Brésil. In: POUYET, S. (Ed). **Bryozoa 1974: Proceedings of the Third Conference, International Bryozoology Association**. France, Lyon: Université Claude Bernard, p. 439–448, 1975.

BUSK, G. An Account of the Polyzoa, and Sertularian Zoophytes, collected in the Voyage of the Rattlesnake, on the coasts of Australia and the Louisiade Archipelago, & C. In: MACGILLIVRAY, J. (Ed). **Narrative of Voyage of H.M.S. Rattlesnake, commanded by the late Captain Owen Stanley, R.S., F.R.S. & C. during the years 1846–1850; including discoveries and surveys in New Guinea, the Louisiade Archipelago, etc., to which is added the Account of Mr. E. B. Kennedy's expedition for the exploration of the Cape York Peninsula, 1**. London: T.W. Boone, 1852a.

BUSK, G. An account of the Polyzoa, and sertularian zoophytes, collected in the Voyage of the Rattlesnake, on the coasts of Australia and the Louisiade Archipelago. In: MacGillivray, J. (editor) **Narrative of the Voyage of the H.M.S. Rattlesnake**, London: T. W. Boone, 1852b.

BUSK, G. On the priority of the term Polyzoa for the Ascidian Polypes. **Annals and Magazine of Natural History**, v. 2, n. 10: p. 352–354, 1852c.

BUSK, G. Catalogue of marine Polyzoa in the collection of the British Museum, II. Cheilostomata (part). **Trustees of the British Museum of Natural History**, v. 1, p. 55–120, 1854.

BUSK, G. Zoophytology. **Quarterly Journal of Microscopical Science**, v. 4, 176–179, 1856.

BUSK, G. Zoophytology. On some Madeiran Polyzoa. **Quarterly journal of microscopical science**, v. 6, p. 124–130, 1858.

BUSK, G., 1859. A monograph of the fossil Polyzoa of the Crag. **The Palaeontographical Society, London**, p. 1–136, 1859.

BUSK, G. Zoophytology. On some Madeiran Polyzoa collected by J. Yates Johnson, Esq. **Quarterly journal of microscopical science**, v. 7, p. 65–67, 1859.

BUSK, G. Descriptive catalogue of the species of Cellepora collected on the 'Challenger' expedition. **Journal of the Linnean Society of London, Zoology**, v. 15, p. 341–356, 1881.

BUSK, G. Report on the Polyzoa collected by H.M.S. Challenger during the years 1873–1876. Part 1. The Cheilostomata. Report on the Scientific Results of the Voyage of the H.M.S. "Challenger". **Zoology**, v. 10, p. 1–216, 1884.

BUSK, G. Report on the Polyzoa collected by H.M.S. Challenger during the years 1873–1876. Part 2, The Cyclostomata, Ctenostomata and Pedicellinea. Report on the Scientific Results of H.M.S. “Challenger”. **Zoology**, v. 17, 1–47, 1886.

CÁCERES–CHAMIZO, J. P.; SANNER, J.; TILBROOK, K. J.; OSTROVSKY, A. N. Revision of the Recent species of *Exechonella* Canu & Bassler in Duvergier, 1924 and *Actiseeos* Canu & Bassler, 1927 (Bryozoa, Cheilostomata): systematics, biogeography and evolutionary trends in skeletal morphology. **Zootaxa**, v. 4305, n. 1, p. 1–79, 2017.

CALVET, L. Note préliminaire sur les bryozoaires recueillis par les expéditions du "Travailleur" (1881–1882) et du "Talisman" (1883). **Bulletin du Muséum National d'Histoire Naturelle**, v. 12, p. 154–166, 1906.

CANU, F. Bryozoaires fossiles d’Egypte, I. **Bulletin de l'Institut d'Egypte**, série 4, n. 4, p. 223–229, 1904.

CANU, F. Les Bryozoaires fossiles des terrains du Sud-Ouest de la France. **Bulletin de la Société géologique de France**, Series 4, v. 14, p. 465–474, 1914.

CANU, F. Les ovicelles des Bryozoaires cyclostomes. Étude sur quelques familles nouvelles et anciennes. **Bulletin de la Société géologique de France**, v. 4, n. 17, p. 345–347, 1918.

CANU, F. & BASSLER, R. S. A synopsis of American Early Tertiary Cheilostome Bryozoa. **United States National Museum Bulletin**, v. 96, p. 1–87, 1917.

CANU, F.; BASSLER, R. S. Fossil Bryozoa from the West Indies. **Publications of the Carnegie Institution**, v. 291, p. 75–102, 1919.

CANU, F.; BASSLER, R. S. North American early Tertiary Bryozoa. **United States National Museum Bulletin**, 106, p. 1–879, 1920.

CANU, F.; BASSLER, R. S. Classification of the cheilostomatous Bryozoa. **Proceedings of the United States National Museum**, v. 69, p. 1–42, 1927a.

CANU, F.; BASSLER, R. S. Bryozoaires des îles Hawaï. **Bulletin de la Société des Sciences de Seine–et–Oise**, v. 8, p. 1–67, 1927b.

CANU, F.; BASSLER, R. S. Fossil and Recent Bryozoa of the Gulf of Mexico region. **Proceedings of the United States National Museum**, v. 72, p. 1–199, 1928a.

CANU, F.; BASSLER, R. S. Bryozoaires du Brésil. **Bulletin de la Société des Sciences de Seine–et–Oise**, v. 9, p. 58–110, 1928b.

CANU, F.; BASSLER, R. S. Les bryozoaires du Maroc et de Mauritanie, 2me mémoire. **Mémoires de la Société des Sciences Naturelles du Maroc**, v. 18, p. 1–85, 1928c.

CANU, F.; BASSLER, R. S. Bryozoa of the Philippine region. **United States National Museum Bulletin**, v. 100, p. 1–685, 1929.

- CANU, F.; BASSLER, R. S. The Bryozoa of the Galapagos Islands. **Proceedings of the United States National Museum**, v. 76, p. 1–78, 1930a.
- CANU, F.; BASSLER, R. S. Bryozoaires marins de Tunisie. **Annales de la Station océanographique de Salambô**, v. 5, p. 1–91, 1930b.
- CARQUEIJA, C. R. G.; SILVA, F. P. M.; GOUVÊA, E. P. Os crustáceos decápodes. In: José Marcos de Castro Nunes; Mara Rojane Barros de Matos. (Org.). **Litoral Norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação**. Salvador: EDUFBA, 2017. p. 269-301.
- CARLE, K. J.; RUPPERT, E. E. Comparative ultrastructure of the bryozoan funiculus: A blood vessel homologue. **Journal of Zoological Systematics and Evolutionary Research**, v. 21, n. 3, p. 181–193, 1983.
- CARTER, M. C. **The functional morphology of avicularia in Cheilostome Bryozoans**. Tese (Doutorado em Biologia Marinha) – Victoria University of Wellington, Nova Zelândia, p. 233, 2008.
- CARTER, M. C.; GORDON, D. P. Substratum and morphometric relationships in the bryozoan genus *Odontoporella*, with a description of a new paguridean–symbiont species from New Zealand. **Zoological Science**, v. 24, n. 1, p. 47–56, 2007.
- CHEETHAM, A. H., SANNER, J.; JACKSON, J. B. C. *Metrarabdotos* and related genera (Bryozoa: Cheilostomata) in the Late Paleogene and Neogene of tropical America. **Journal of Paleontology**, v. 81 Supplement 1, p. 1–91, 2007.
- CHEETHAM, A. H.; COOK, P. L. General features of the Class Gymnolaemata. In: BOARDMAN, R. S.; CHEETHAM, A. H.; BLAKE, D. B.; UTGAARD, J.; KARKLINS, O. L.; COOK, P. L.; SANDBERG, P. A.; LUTAUD, G.; WOOD, T. S. (Eds). **Bryozoa. Treatise on Invertebrate Paleontology Part G (Revised)**. Geological Society of America and University of Kansas. United States: Boulder and Lawrence, p. 138–207, 1983.
- CHEETHAM, A. H.; SANDBERG, P. A. Quaternary Bryozoa from Louisiana mudlumps. **Journal of Paleontology**, v. 38, p. 1013–1046, 1964.
- CHEETHAM, A. H.; THOMSEN, E. Functional morphology of arborescent animals: strength and design of cheilostome bryozoan skeletons. **Paleobiology**, vol. 7, 355–383, 1981.
- CHIMENZ GUSSO, C.; SOULE, D. F. First recognized occurrence of the genus *Plesiocheilochasma* in the Mediterranean region (Bryozoa, Cheilostomatida) with *Plesiocheilochasma mediterraneum*, new species. **Bollettino del Museo Civico di Storia Naturale di Verona**, v. 27, p. 71–76, 2003.
- COOK, P. L. Polyzoa from West Africa. Notes on the genera *Hippoporina* Neviani, *Hippoporella* Canu, *Cleidochasma* Harmer and *Hippoporidra* Canu & Bassler. **Bulletin of the British Museum (Natural History), Zoology**, v. 12, p. 1–35, 1964.

- COOK, P. L. Notes on the Cupuladriidae (Polyzoa, Anasca). **Bulletin of the British Museum of Natural History, Zoology**, v. 13, p. 151–187, 1965.
- COOK, P. L. Polyzoa (Bryozoa) from West Africa. The Pseudostega, the Cribrimorpha and some Ascophora Imperfecta. **Bulletin of the British Museum of Natural History, Zoology**, v. 15, p. 321–35, 1967.
- COOK, P. L. Bryozoa from Ghana. A preliminary survey. **Annales Musee r. de l'Afrique centrale, Sciences zoologiques, Tervuren**, v. 238, p. 1–315, 1985.
- COOK, P. L.; CHIMONIDES, P. J. Morphology and systematics of some interior-walled cheilostome bryozoans. **Bulletin of the British Museum (Natural History), Zoology**, v. 41: 53–89, 1981.
- COOK, P. L.; CHIMONIDES, P. J. A short history of the lunulite Bryozoa. **Bulletin of Marine Science**, 33: 566–581, 1983.
- COOK, P. L.; CHIMONIDES, P. J. Notes on the family Cupuladriidae (Bryozoa), and on *Cupuladria remota* sp. n. from the Marquesas Islands. **Zoologica Scripta**, v. 23, p. 251–268, 1994.
- CORRÊA, C. S. **Tipologia morfodinâmica de sistemas praias condicionados por diferentes níveis de energia de onda e características granulométricas: Costa das Baleias e Costa do Cacau – Bahia**. Dissertação (Mestrado em Geologia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, p.103, 2010.
- COUCH, R. Q. **A Cornish fauna: being a compendium of the natural history of the country, intended to form a companion to the collection in the Royal Institution of Cornwall... part 3. The zoophytes and calcareous corallines**. Reino Unido, Truro: Royal Institution of Cornwall, p. 1–164, 1844.
- CUFFEY, R. J.; BLAKE, D. B. Cladistic analysis of the Phylum Bryozoa. In: BIGEY, F. P.; D'HONDT, J.–L. (Eds). **Bryozoaires Actuels et Fossiles: Bryozoa Living and Fossil**. Bulletin de la Societe des Sciences Naturelles de l'Ouest de la France Mémoire HS 1. Nantes: Société des Sciences Naturelles de l'Ouest de la France, p. 97–108, 1991.
- D'HONDT, J. –L. Nouvelle contribution à l'étude des Bryozoaires Eurystomes bathyaux et abyssaux de l'Océan Atlantique. **Bulletin du Muséum national d'histoire naturelle**, v.4, n.5, p. 73–79, 1983.
- D'HONDT, J. – L. Contribution à la systématique des Bryozoaires Eurystomes. Apports récents et nouvelles propositions. **Annales des Sciences naturelles, Zoologie & Biologie animale**, v. 7, p. 1–12, 1985.
- D'HONDT, Jean–Loup. Flustrina versus Neocheilostomina (Bryozoaires). Remarques sur la biosystematique aux niveaux supraspécifiques. **Bulletin de la Société zoologique de France**, v. 126, n. 4, p. 391–406, 2001.
- D'HONDT, J. L.; SCHOPF, T. J. M. Bryozoaires des grandes profondeurs recueillis lors des campagnes océanographiques de la Woods Hole Oceanographic Institution de

1961 à 1968. **Bulletin du Muséum National d'Histoire Naturelle**, v. 4, n. 6, p. 907–973, 1984.

D'ORBIGNY, A. Zoophytes. **Voyage dans L'Amérique Méridionale**, v. 5, n. 4, p. 7–28, 1841–1847.

D'ORBIGNY, A. Recherches zoologiques sur la classe des Mollusques Bryozoaires. **Annales des Sciences naturelles, Zoologie & Biologie animale**, v. 3, n. 16, p. 292–339, 1851.

D'ORBIGNY, A. Recherches zoologiques sur la classe des Mollusques Bryozoaires. **Annales des Sciences naturelles, Zoologie & Biologie animale**, v. 17, p. 273–348, 1852.

DANTAS, M. E.; MEDINA, A. I. M.; SHINZATO, E. Geomorfologia da Costa do Descobrimento – extremo Sul da Bahia: municípios de Porto Seguro e Santa Cruz Cabrália. **Augustus**, v. 7, n. 14, p. 41–47, 2002.

DAVIDSON, S. K.; HAYGOOD, M. G. Identification of sibling species of the bryozoan *Bugula neritina* that produce different anticancer bryostatins and harbor distinct strains of the bacterial symbiont “*Candidatus endobugula sertula*”. **The Biological Bulletin**, v. 196, n. 3, p. 273–280, 1999.

DAVIS, A. G. English Lutetian Polyzoa. **Proceedings of the Geological Association of London**, v. 45, p. 205–245, 1934.

DE BLAINVILLE, H. M. D. Zoophytes. In: CUVIER, G. F. (Ed) **Dictionnaire des sciences naturelles, dans lequel on traite méthodiquement des différents êtres de la nature ... par plusieurs professeurs du Muséum Nationale d'Histoire Naturelle et des autres principales écoles de Paris**, Paris: F.G.Levrault, v. 60, p. 535–546. 1830.

DE BLAUWE, H. Bryozoa on shells from the Kwintebank, Southern bight of the North Sea (Belgium). **Bulletin de l'Institut royal des Sciences naturelles de Belgique. Biologie**, v. 767, p. 125–138, 2006.

DEFRANCE, M. 1823. **Polypiers**. In: *Dictionnaire des Sciences Naturelles*, v. 26, Paris.

DI MARTINO, E., TAYLOR, P. D.; PORTELL, R. W. Bryozoans from the Lower Miocene Chipola Formation, Calhoun County, Florida, USA. **Bulletin of the Florida Museum of Natural History**, v. 53, n. 4, p. 97–200, 2017.

DIAS, K. A. **Estudos das texturas sedimentares da superfície de fundo oceânico da Baía de Todos os Santos**. Monografia (Graduação em Geologia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, p. 45, 2003.

DICK, M. H.; GRISCHENKO, A. V. Rocky-intertidal cheilostome bryozoans from the vicinity of the Sesoko Biological Station, west-central Okinawa, Japan. **Journal of Natural History**, v. 51, n. (3–4), p. 141–266, 2016.

DICK, M. H.; HERRERA, C. A.; JACKSON, J. B. C. Molecular phylogeny and phylogeography of free-living Bryozoa (Cupuladriidae) from both sides of the Isthmus of Panama. **Molecular Phylogenetics and Evolution**, v. 27, p. 355–371, 2003.

DICK, M. H.; MAWATARI, S. F. Morphological and molecular concordance of *Rhynchozoon* clades (Bryozoa, Cheilostomata) from Alaska. **Invertebrate Biology**, v. 124, n. 4, p. 344–354, 2005.

DICK, M. H.; MAWATARI, S. F. Resolving taxonomic problems of North Pacific Bryozoans. In: MAWATARI, S. F.; OKADA, H. (Eds). **Neo-science of Natural History: Integration of Geoscience and Biodiversity Studies**. Proceedings of International Symposium on "Dawn of a new Natural History – Integration of Geoscience and Biodiversity Studies", p. 67–74, 2004.

DOMINGUEZ, J. M. L.; BITTENCOURT, A. C. S. P.; NASCIMENTO, L.; SANTOS, A. N. Chapter 12 – Beaches in the State of Bahia: The Importance of Geologic Setting. In: A. D. SHORT; A. H. F. KLEIN (Eds). **Brazilian Beach Systems**. Coastal Research, Springer International Publishing Switzerland, p. 307–332, 2006.

DOMINGUEZ, J. M. L.; RAMOS, J. M. F.; REBOUÇAS, R. C.; NUNES, A. S.; MELO, L. C. F. **A plataforma continental do município de Salvador: geologia, usos múltiplos e recursos minerais**. Salvador: Companhia baiana de Pesquisa Mineral, Série Arquivos Abertos, v. 1, p. 72, 2011.

DUVERGIER, J. Deuxième notes sur les bryozoaires du Néogène de l'Aquitaine. **Actes de la Société Linnéenne de Bordeaux**, v. 75, p. 145–190, 1924.

DUVERGIER, J. Note sur les Bryozoaires du Néogène de l'Aquitaine. **Actes de la Société linnéenne Bordeaux**, v. 72, p. 145–182, 1921.

EHRENBERG, C. G. **Symbolae Physicae, seu icones et descriptiones corporum naturalium novorum aut minus cognitorum, quae ex itineribus per Libyam, Aegyptum, Nubiam, Dongalam, Syriam, Arabian et Habessiniam ... studio annis 1820–25 redierunt. Pars Zoologica. Vol 4. Animalia Evertebrata exclusis Insects**. Berlin: Mittler, p.18, 1831.

ELLIS, J.; SOLANDER, D. C. **The natural history of many curious and uncommon zoophytes, collected from various parts of the globe**. White & Elmsly, London, p. pp.1–206, 1786.

ERNST, A.; KÖNIGSHOF, P. The role of bryozoans in fossil reefs—an example from the Middle Devonian of the Western Sahara. **Facies**, v. 54, p. 613–620, 2008.

ESPER, E. J. C. **Forsetzungen der Pflanzenthiere in Abbildungen nach der Natur mit Farben erleuchtet hebst Beschreibungen**, Nürnberg, 230 p. 1976.

FEHLAUER–ALE, K. H.; MACKIE, J. A.; LIM–FONG, G. E.; ALE, E., PIE, M. R.; WAESCHENBACH, A. Cryptic species in the cosmopolitan *Bugula neritina* complex (Bryozoa, Cheilostomata). **Zoologica Scripta**, v. 43, n. 2, p. 193–205, 2013.

FEHLAUER–ALE, K. H., VIEIRA, L. M.; WINSTON, J. E. Molecular and morphological characterization of *Amathia distans* Busk and *Amathia brasiliensis* Busk (Bryozoa: Ctenostomata) from the tropical and subtropical Western Atlantic. **Zootaxa**, v. 2962, p. 49–62, 2011.

FEHLAUER–ALE, K. H., WINSTON, J. E., TILBROOK, K. J., NASCIMENTO, K. B. & VIEIRA, L. M. Identifying monophyletic groups within *Bugula* sensu lato (Bryozoa, Buguloidea). **Zoologica Scripta** (online), 2015.

FLEMING, J. **A history of British animals, exhibiting their descriptive characters and systematic arrangement of the genera and species of quadrupeds, birds, reptiles, fishes, Mollusca, and Radiata of the United Kingdom**, p.1–565, 1828. Bell & Bradfute, Edinburgh.

FLORENCE, W. K. Some deep–water cheilostome Bryozoa from the south coast of South Africa. **African Natural History**, v. 12, p. 5–11, 2016.

FREIRE, A. F. M. **A sequencia Holocênica na plataforma continental central do Estado da Bahia – Costa do Cacau**. Dissertação (Mestrado em Geologia – Universidade Federal da Bahia, Salvador, p.172, 2006.

FRIEDL, P. H. Bryozoen der Adria. **Zoologischer Anzeiger**, v. 49, p. 225–240, 1917.

FUCHS, J.; OBST, M.; SUNDBERG, P. The first comprehensive molecular phylogeny of Bryozoa (Ectoprocta) based on combined analyses of nuclear and mitochondrial genes. **Molecular Phylogenetics and Evolution**, v. 52, p. 225–233, 2009.

GABB, W. M.; HORN, G. H. The fossil Polyzoa of the Secondary and Tertiary Formations of North America. **Journal of the Academy of Natural Sciences of Philadelphia**, v. 5, p. 111–179, 1862.

GALVÃO, T. A.; NOLASCO, M. C. Urbanization and coral reefs in Guarajuba Beach, north coast of Bahia, Brazil. **Ocean & Coastal Management**, v. 77, p. 50–58, 2013.

GENZ, F. **Avaliação dos efeitos da barragem Pedra do Cavalo sobre a circulação estuarine do Rio Paraguaçu de Baía de Iguape**. Tese (Doutorado em Geologia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, p. 266, 2006.

GONTAR, V. I.; HOP, H.; VORONKOV, A. Y. Diversity and distribution of Bryozoa in Kongsfjorden, Svalbard. **Polish Polar Research**, v. 22, n. 3–4, p. 187–204, 2001.

GORDON, D. P. The marine fauna of New Zealand: Bryozoa: Gymnolaemata from the Kermadec Ridge. **New Zealand Oceanographic Institute Memoir**, v. 91, p. 1–198, 1984.

GORDON, D. P. The marine fauna of New Zealand: Bryozoa: Gymnolaemata (Ctenostomata and Cheilostomata Anasca) from the western south Island continental shelf and slope. **New Zealand Oceanographic Institute Memoir**, v. 95, p. 1–121, 1986.

- GORDON, D. P. Intertidal bryozoans from coral reef–flat rubble in Sa'aga, Western Samoa. **New Zealand Journal of Zoology**, 16: 447–463, 1989.
- GORDON, D. P. Bryozoan frontal shields: studies on umbonulomorphs and impacts on classification. **Zoologica Scripta**, v. 22, n. 2, p. 203–221, 1993.
- GORDON, D. P. Tertiary bryozoan genera in the present–day Australian fauna – Implications for classification and biogeography. **Invertebrate Taxonomy**, v. 8, p. 283–298, 1994.
- GORDON, D. P. Towards a phylogeny of Cheilostomes – morphological models of frontal wall/shield evolution. In: HERRERA–CUBILLA A.; JACKSON J. B. C. (Eds). **Proceedings of the 11th International Bryozoology Association Conference, Smithsonian Tropical Research Institute, Panama**, p. 17–37, 2000.
- GORDON, D. P. Life below the sea ice. **Biodiversity Update**, n. 3, p. 1–8, 2001.
- GORDON, D. P. Living Lace. **New Zealand Geographic**, n. 61, p. 80–95, 2003.
- GORDON, D. P. *Baudina* gen. nov., constituting the first record of Pasytheidae from Australia, and Sinoflustridae fam. nov., with a checklist of Bryozoa and Pterobranchia from Beagle Gulf. **The Beagle, Records of the Museums and Art Galleries of the Northern Territory**, v. 25, p. 41–52, 2009.
- GORDON, D. P. Bryozoa of the South China Sea—an overview. **Raffles Bulletin of Zoology**, v. 34, p. 604–618, 2016.
- GORDON, D. P.; COSTELLO, M. J. Bryozoa—not a minor phylum. **New Zealand Science Review**, v. 73, n. 3–4, p. 63–66, 2016.
- GORDON, D. P.; D'HONDT, J. –L. Bryozoa: Lepraliomorpha and other Ascophorina from New Caledonian waters. **Mémoires du Muséum National d'Histoire Naturelle**. (Résultats des Campagnes MUSORSTOM, Vol. 18), v. 176, p. 9–124, 1997.
- GORDON, D. P.; D'HONDT, J. –L. *Talivittaticella*, a new genus of Catenicellidae (Bryozoa) from the deep sea. **Records of the New Zealand Oceanographic Institute**, v. 5, n. 2, p. 13–19, 1985.
- GORDON, D. P.; GRISCHENKO, A.V. Bryozoan frontal shields: the type species of *Desmacystis*, *Rhamphostomella*, *Rhamphosmittina*, *Rhamphostomellina*, and a new genus *Arctonula*. **Zoologica Scripta**, v. 23, n. 1, p. 61–72, 1994.
- GORDON, D. P.; MAWATARI, S. F. Atlas of marine–fouling Bryozoa of New Zealand ports and harbours. **Miscellaneous publications of the New Zealand Oceanographic Institute**, v. 107: 1–52, 1992.
- GORDON, D. P.; MAWATARI, S. F. Atlas of marine–fouling Bryozoa of New Zealand ports and harbours. **Miscellaneous publications of the New Zealand Oceanographic Institute**, n. 107, p. 1–52, 1992.

- GORDON, D. P.; SPENCER J. M. The amathiiiform Ctenostomata (phylum Bryozoa) of New Zealand – including four new species, two of them of probable alien origin. *Zootaxa*, v. 3647, n. 1, 75–95, 2013.
- GORDON, D.P., TAYLOR, P.D.; BIGEY, F.P. Phylum Bryozoa. In: GORDON, D. P. (Ed) **New Zealand Inventory of Biodiversity. Volume One. Animalia. Radiata, Lophotrochozoa, Deuterostomia**, Canterbury: Canterbury University Press, p. 271–297, 2009.
- GOSSE, P. H. Notes on some new or little-known animals. **Annals and Magazine of Natural History**, v. 2, n. 16, p. 27–36, 1855.
- GOULD, S. J.; ELDREDGE, N. Punctuated equilibria: the tempo and mode of evolution reconsidered. **Paleobiology**, v. 3, p. 115–151, 1977.
- GRAY, J. E. Additional radiated animals and Annelides. In: Dieffenback, E. (Ed) **Travels in New Zealand: with contributions to the geography, geology, botany, and natural history of that country**, London: John Murray, v. 2, p. 292–295, 1843.
- GRAY, J. E. List of the specimens of British animals in the collections of the British Museum. Part 1. Centrifonae or radiated animals **Trustees of the British Museum, London**, pp. 91–151, 1848.
- GREGORY, J. W. On the British Palaeogene Bryozoa. **Transactions of the Zoological Society of London**, v.13, p. 219–279, 1893.
- HAGEMAN, S. J. Complexity Generated by Iteration of Hierarchical Modules in Bryozoa. **Integrative and Comparative Biology**, v. 43, p. 87–98, 2003.
- HAGEMAN, S. J.; BOCK, P. E.; BONE, Y.; MCGOWRAN, B. Bryozoan growth habits: Classification and analysis. **Journal of Paleontology**, v. 72, p. 418–436, 1998.
- HAJDU, E., PEIXINHO, S.; FERNANDEZ, J. **Esponjas marinhas da Bahia: Guia de campo e laboratório**. Rio de Janeiro: Museu Nacional, Série Livros, n. 45, p. 276, 2011.
- HALANYCH, K. M. The new view of animal phylogeny. **Annual Review of Ecology, Evolution, and Systematics**, v. 35, p. 229–256, 2004.
- HARMELIN, J.–G.; ARISTEGUI, J. New Cribrilinidae (Bryozoa, Cheilostomata) from the upper bathyal of the Atlanto–Mediterranean region. **Journal of Natural History**, v. 22, p. 507–535, 1988.
- HARMELIN, J.–G.; BITAR, G.; ZIBROWIUS, H. Smittinidae (Bryozoa, Cheilostomata) from coastal habitats of Lebanon (Mediterranean Sea), including new and non-indigenous species. **Zoosystema**, v. 31, n. 1, p. 163–187, 2009.

HARMELIN, J. –G.; BITAR, G.; ZIBROWIUS, H. High xenodiversity versus low native diversity in the south–eastern Mediterranean: bryozoans from the coastal zone of Lebanon. **Mediterranean Marine Science**, v. 17, p. 417–439, 2016.

HARMELIN, J. –G.; VIEIRA, L. M.; OSTROVSKY, A. N.; CÁCERES–CHAMIZO, J. P.; SANNER, J. *Scorpiodiniopora costulata* (Canu & Bassler, 1929) (Bryozoa, Cheilostomata), a taxonomic and biogeographic dilemma: complex of cryptic species or human–mediated cosmopolitan colonizer? **Zoosystema**, v. 34, n.1, p. 123–138, 2012.

HARMER, S. F. A revision of the genus *Steganoporella*. **Quarterly journal of microscopical science**, v. 43, p. 225–297, 1900.

HARMER, S. F. The Polyzoa of the Siboga Expedition. Part 1. Entoprocta, Ctenostomata and Cyclostomata. **Siboga Expedition Reports**, v. 28A: p. 1–180, 1915.

HARMER, S. F. The Polyzoa of the Siboga Expedition, 2. Cheilostomata Anasca. **Siboga Expedition Reports**, v.28b, p.183–501, 1926.

HARMER, S. F. The genera of Reteporidae. **Proceedings of the Zoological Society of London**, p. 615–627, 1933.

HARMER, S. F. The Polyzoa of the Siboga Expedition, Part 4. Cheilostomata Ascophora II. **Siboga Expedition Reports** 28d: p. 641–1147, 1957.

HARTIKAINEN, H.; WAESCHENBACH, A.; WÖSS, E. R.; WOOD, T. S.; OKAMURA, B. Divergence and species discrimination in freshwater bryozoans (Bryozoa: Phylactolaemata). **Zoological Journal of the Linnean Society**, v. 168, n. 1, p. 61–80, 2013.

HASTINGS, A. B. Zoological results of the Cambridge expedition to the Suez Canal, 1924, 20. Report on the Polyzoa. **Transactions of the Zoological Society of London**, v. 22, p. 331–353, 1927.

HASTINGS, A. B. Cheilostomatous Polyzoa from the vicinity of the Panama Canal collected by Dr. C. Crossland on the cruise of the S.Y. "St George". **Proceedings of the Zoological Society of London**, v. 1929, p. 697–740, 1930.

HATJE, V.; BARROS, F.; MAGALHÃES, W.; RIATTO, V. B.; AMORIM, F. N.; FIGUEIREDO, M. B.; SPANÓ S.; CIRANO, M. Trace metals and benthic macrofauna distributions in Camamu Bay, Brazil: sediment quality prior oil and gas exploration. **Marine Pollution Bulletin**, v. 56, p. 348–379, 2008.

HAYWARD, P. J. Cheilostomata (Bryozoa) from the South Atlantic. **Journal of natural history**, v. 14, p. 701–722, 1980.

HAYWARD, P. J. Ctenostome Bryozoans. In: KERMAK, D. M.; BARNES, R. S. K. **Synopses of the British Fauna (New Series)**, n. 33. London: E.J. Brill for the Linnaean Society, p. 1–169, 1985.

- HAYWARD, P. J. **Antarctic cheilostomatous Bryozoa**. Oxford, New York, Tokyo: Oxford University Press, 355 p., 1995.
- HAYWARD, P. J. Lace corals (Bryozoa: Phidoloporidae) from Australia and the tropical south–west Pacific. **Journal of zoology, London**, v. 252, p. 109–136, 2000.
- HAYWARD, P. J.; COOK, P. L. The South African Museum's Meiring Naude Cruises. Part 13, Bryozoa II. **Annals of the South African Museum**, v. 91, p. 1–161, 1983.
- HAYWARD, P. J.; MCKINNEY, F. K. Northern Adriatic Bryozoa from the vicinity of Rovinj, Croatia. **Bulletin of the American Museum of Natural History**, v. 270, p. 1–139, 2002.
- HAYWARD, P. J.; PARKER, S. A. Notes on some species of *Parasmittina* Osburn, 1952 (Bryozoa: Cheilostomatida). **Zoological Journal of the Linnean Society**, v. 110, p. 53–75, 1994.
- HAYWARD, P. J.; RYLAND, J. S. British Ascophoran Bryozoans. In: KERMAK, D. M.; BARNES, R. S. K. **Synopses of the British Fauna (New Series)**, n. 14. London: Academic Press for the Linnaean Society, p. 1–312, 1979.
- HAYWARD, P. J.; RYLAND, J. S. Bryozoa from Heron Island, Great Barrier Reef. 2. **Memoirs of the Queensland Museum**, v. 38, p. 533–573, 1992.
- HAYWARD, P. J.; RYLAND, J. S. *Cyclostome Bryozoans*. (Kermack, D.M. & Barnes, R.S.K. Synopses of the British Fauna (n. 34). **E.J.Brill for the Linnaean Society, London**, p. 1–147, 1985.
- HAYWARD, P. J.; RYLAND, J. S. Cheilostomatous Bryozoa. Part 1. Aeteoidea – Cribrilinoidea. In: KERMAK, D. M.; BARNES, R. S. K.; CROTHERS, J. H. **Synopses of the British Fauna (New Series)**, n. 10 (Second Edition). Shrewsbury: Field Studies Council, p. 1–366, 1998.
- HAYWARD, P. J.; RYLAND, J. S. Cheilostomatous Bryozoa. Part 2. Hippothoidea – Celleporoidea. In: BARNES, R. S. K.; CROTHERS, J. H. **Synopses of the British Fauna (New Series)**, n. 14 (Second Edition). Shrewsbury: Field Studies Council, p. 1–416, 1999.
- HAYWARD, P. J.; RYLAND, J. S. Systematic notes on some British Cyclostomata (Bryozoa). **Journal of Natural History**, v. 19, p. 1073–1078, 1985.
- HAYWARD, P. J.; RYLAND, J. S. The British species of *Schizoporella* (Bryozoa, Cheilostomatida). **Journal of Zoology**, London, v. 237, p. 37–47, 1995.
- HELLER, C. Die Bryozoen des adriatischen Meeres. **Verhandlungen der zoologisch–botanischen Gesellschaft in Wien**, v. 17, 77–136, 1867.
- HERRERA, C. A.; DICK, M. H.; SANNER, J.; JACKSON, J. B. C. Neogene Cupuladriidae of tropical America. I: Taxonomy of Recent *Cupuladria* from opposite sides of the Isthmus of Panama. **Journal of Paleontology**, v. 80, n. 2, p. 245–263, 2006.

- HERRERA, C. A.; JACKSON, J. B. C., 2014. Phylogeny of genus *Cupuladria* (Bryozoa, Cheilostomata) in the Neogene of tropical America. **Journal of Paleontology**, v. 88, n. 5, p. 851–894, 2014.
- HINCKS, T. Catalogue of the Zoophytes of South Devon and Cornwall. **Annals and Magazine of Natural History**, v. 3, n. 9, p. 22–30, 1862.
- HINCKS, T. On British Polyzoa. **Annals and Magazine of Natural History**, v. 4, n. 20, p. 212–218, 1877.
- HINCKS, T. On the classification of the British Polyzoa. **Annals and Magazine of Natural History**, v. 5, n. 3, p. 153–164, 1879.
- HINCKS, T. Contributions towards a general history of the marine Polyzoa. Part I. Madeiran Polyzoa. **Annals and Magazine of Natural History**, v. 5, n. 6, p. 69–80, 1880a.
- HINCKS, T. Contributions towards a general history of the marine Polyzoa. Part II. Foreign Membraniporina. **Annals and Magazine of Natural History**, v. 5, n. 6, p. 81–92, 1880b.
- HINCKS, T. Contributions towards a general history of the marine Polyzoa. Part VI. Polyzoa from Bass's Straits continued, no title. **Annals and Magazine of Natural History**, v. 5, n. 8, p. 122–129, 1881.
- HINCKS, T. Contributions towards a general history of the marine Polyzoa. Part IX. Foreign Cheilostomata (Miscellaneous). **Annals and Magazine of Natural History**, v. 5, n. 9, p. 116–127, 1882.
- HINCKS, T. Contributions towards a general history of the marine Polyzoa. Part XII. Polyzoa from India (coast of Burmah). **Annals and Magazine of Natural History**, v. 5, n. 13, p. 356–362, 1884.
- HINCKS, T. Contributions towards a general history of the marine Polyzoa. Part XIV. Polyzoa from New Zealand and Australia. **Annals and Magazine of Natural History**, v. 5, n. 15, p. 244–254, 1885.
- HINCKS, T. On the Polyzoa and Hydroida of the Mergui Archipelago collected for the Trustees of the Indian Museum, Calcutta, by Dr J. Anderson, F.R.S., Superintendent of the Museum. **Journal of the Linnean Society (zoology) London**, v. 21, p. 121–135, 1887.
- HINCKS, T. **Contributions towards a general History of the marine Polyzoa, 1880–1891. Appendix (no. 5)**, London: T. Hincks, 1895.
- HIROSE, M. Diversity of Freshwater and Marine Bryozoans in Japan. In: MOTOKAWA, M.; KAJIHARA, H. (Eds). **Species Diversity of Animals in Japan, Diversity and Commonality in Animals**. Japan: Springer, p. 629–649, 2017.

- HUGHES, R. N.; GÓMEZ, A.; WRIGHT, P. J.; MOYANO, H. I.; CANCINO, J. M.; CARVALHO, G. R.; LUNT, D. H. Molecular phylogeny supports division of the 'cosmopolitan' taxon *Celleporella* (Bryozoa; Cheilostomata) into four major clades. **Molecular Phylogenetics and Evolution**, v. 46, p. 369–374, 2008.
- HYMAN, L. H. **The Invertebrates, Vol. 5, Smaller Coelomate Groups**. New York: McGraw–Hill, p. 783, 1959.
- JACKSON, J. B. C.; CHEETHAM, A. H. Evolutionary significance of morphospecies: A test with cheilostome Bryozoa. **Science**, v. 248, p. 579–583, 1990.
- JEBRAM, D. Zooid individuality and brooding organs (Bryozoa). Additional aspects in the discussion about the phylogeny of the Bryozoa. **Zeitschrift für Morphologie und Ökologie der Tiere**, v. 75, n. 3, p. 255–258, 1973.
- JOHNSTON, G. **A history of British Zoophytes**. Edinburgh, London & Dublin: W.H. Lizars, 1838.
- JOHNSTON, G. Miscellanea Zoologica. Description of a new genus of British Zoophyte. **Annals and Magazine of Natural History**, v. 1, n. 5, p. 272–274, 1840.
- JOHNSTON, G. **A History of British Zoophytes**. Van Voorst, London, 1847.
- JULLIEN, J. Remarques sur quelques espèces des Bryozoaires cheilostomiens. **Bulletin de la Société zoologique de France**, v. 6, p. 163–168, 1881.
- JULLIEN, J. Note sur une nouvelle division des Bryozoaires Cheilostomiens. **Bulletin de la Société zoologique de France**, v. 6, p. 271–285, 1882.
- JULLIEN, J. Dragages du 'Travailleur'. Bryozoaires, Espèces draguées dans l'Océan Atlantique en 1881. **Bulletin de la Société zoologique de France**, v. 7, p. 497–529, 1883.
- JULLIEN, J. Les Costulidées, nouvelle famille de Bryozoaires. **Bulletin de la Société zoologique de France**, v.11, p. 601–620, 1886.
- JULLIEN, J. Bryozoaires. **Mission Scientifique du Cap Horn 1882–1883**, v. 6, p. 1–92, 1888.
- KELMO, F.; ATTRILL, M. J.; GOMES, R. C. T.; JONES, M. B. El Niño induced local extinction of coral reef bryozoan species from Northern Bahia, Brazil. **Biological Conservation**, n. 118, p. 609–661, 2004.
- KIKUCHI, R. K. P.; OLIVEIRA, M. D. M.; LEÃO, Z. M. A. M.; SILVA, R. M.; MARTINS, P. M. R. **Os recifes de Tinharé–Boipeba–Camamu, Bahia**. Rio Oil & Gas Expo and Conference 2008. Instituto Brasileiro de Petróleo, Gás e Biocombustíveis – IBP, p. 8, 2008.
- KIRKPATRICK, R. Polyzoa of Mauritius. **Annals and Magazine of Natural History**, v. 6, n. 1, p. 72–85, 1888.

KIRKPATRICK, R. Polyzoa, Zoology of Fernando de Noronha. **Journal of the Linnean Society of London, Zoology**, v. 20, p. 504–506, 1890.

KUKLINSKI, P. Fauna of bryozoans in Kongsfjorden, West Spitsbergen. **Polish Polar Research**, v. 23, n. 2, p. 193–206, 2002.

KUKLINSKI, P. Bryozoan mode of life in the high Arctic dynamic fjordic environment, Spitsbergen. In: Moyano G.; Hugo I.; Cancino, J. M.; Wyse Jackson, P. N. (Eds), **Bryozoan Studies 2004**. Leiden, London, New York, Philadelphia, Singapore: A.A. Balkema Publishers, p. 153–160, 2005.

KUKLINSKI, P.; BARNES, D. K. A; TAYLOR, P D. Latitudinal patterns of diversity and abundance in North Atlantic intertidal boulder–fields. **Marine Biology**, v.149, p. 1577–1583, 2006.

KUKLINSKI, P.; BARNES, D. K. Microhabitat diversity of Svalbard Bryozoa. **Journal of Natural History**, v. 39, n. 7, p. 539–554, 2005.

KUKLINSKI, P.; GULLIKSEN, B.; LØNNE, O. J.; WESLAWSKI, J. M. Composition of bryozoan assemblages related to depth in Svalbard fjords and sounds. **Polar Biology**, v. 28, n. 8, p. 619–630, 2005.

KUKLINSKI, P.; GULLIKSEN, B.; LØNNE, O. J.; WESLAWSKI, J. M. Substratum as a structuring influence on assemblages of Arctic bryozoans. **Polar Biology**, v. 29, n. 8, p. 652–661, 2006.

KUKLINSKI, P.; TAYLOR, P. D. Arctic species of the cheilostome bryozoan *Microporella*, with a redescription of the type species. **Journal of Natural History**, v. 42, n. 27–28, p. 1893–1906, 2008.

LAGAAIJ, R. New additions to the bryozoan fauna of the Gulf of Mexico. **Institute of Marine Science, Texas, Publication**, v. 9, p. 181–236, 1963.

LAGAAIJ, R. The Pliocene Bryozoa of the Low Countries and their bearing on the marine stratigraphy of the North Sea region. **Mededelingen van de Geologische Stichting**, v. 5, p. 6–233, 1952.

LAGAAIJ, R. *Cupuladria canariensis* (Busk) - portrait of a bryozoan. **Palaeontology**, v. 6, p. 172–217, 1963.

LAMARCK, J. B. P. A. DE M. DE. **Histoire naturelle des Animaux sans Vertèbres ... précédée d'une introduction offrant la détermination des caractères essentiels de l'animal, sa distinction du végétal et des autres corps naturels, enfin, exposition des principes fondamentaux de la zoologie**, Vol.2. pp.1–568, 1816. Verdiere, Paris.

LAMOUREUX, J. V. F. Extrait d'un mémoire sur la classification des Polypiers coralligènes non entièrement pierreux. **Nouveau Bulletin scientifique de la Société Philosophique**, v. 3, p. 181–188, 1812.

LAMOUREUX, J. V. F. **Histoire des polypiers Coralligènes Flexibles, vulgairement nommés Zoophytes**, Caen: F. Poisson, p.1–559, 1816.

LANA, P. C.; CAMARGO, M. G.; BROGIM, R. A.; ISAAC, V. J. **O Bentos da costa brasileira: avaliação crítica e levantamento bibliográfico (1858–1996)**. Rio de Janeiro: REVIZEE, MMA / CIRM / FEMAR, p. 432, 1996.

LEÃO, Z. M. A. N.; DOMINGUEZ, J. M. L. Tropical Coast of Brazil. **Marine Pollution Bulletin**, n. 41, n. 1–6, p. 112–122, 2000.

LEÃO, Z. M. A. N.; KIKUCHI, R. K. P.; TESTA, V. Corals and coral reefs of Brazil. In: CORTÉS, J. (Ed). **Latin American Coral Reefs**. Amsterdam: Elsevier Science, p. 9–52, 2003.

LEÃO, Z. M. A. N.; OLIVEIRA, M. D. M.; KIKUCHI, R. K. P. Os recifes de coral da APA Ponta da Baleia, Bahia. **OLAM Ciência e Tecnologia**, v. 8, n. 1, p. 287–315, 2008.

LECA, L.; D'HONDT, J.–L. *Hippopetraliella tahitiensis* n. sp., nouveau Bryozoaire Cheilostome (Petraliellidae) de Polynésie française. **Cahiers de Biologie Marine**, v. 34, p. 401–409, 1993.

LESSA, G. C.; CIRANO, M.; GENZ, F.; TANAJURA, C. A. S.; SILVA, R. R. Oceanografia Física. In: HATJE, V.; ANDRADE, J. B. (Org). **Baía de Todos os Santos – Aspectos Oceanográficos**, v. 1. Salvador: EDUFBA, p. 71–119, 2009.

LEVINSEN, G. M. R. Bryozoer fra Kara–Havet. **Dijmphna–Togtets Zoologisk botanisk Udbytte, Kjøbenhavn**, p. 305–328, 1886.

LEVINSEN, G. M. R. Studies on Bryozoa. **Videnskabelige Meddelelser fra den naturhistoriske Foreningi København**, v. 54, p. 1–31, 1902.

LEVINSEN, G. M. R. Morphological and systematic studies on the cheilostomatous Bryozoa. **Nationale Forfatterers Forlag, Copenhagen**, p. 1–431, 1909.

LINNAEUS, C. **Systema naturae per regna tria naturae, secundum classes, ordines, genera, species, cum characteribus, differentiis, synonymis, locis**. 10th edition. Laurentii Holmiae Salvii, p. 795, 1758.

LIU XIXING; HU, Y. On the cheilostome bryozoans from the northwest waters off the Antarctic Peninsula, **Studia Marina Sinica**, v. 32, 7–160, 1991.

LIVINGSTONE, A. A. Studies on Australian Bryozoa. No.3. **Records of the Australian Museum** v. 15, p. 79–99, 1926.

LIVRAMENTO, F. C. **Padrões de dispersão de sedimentos ao longo do Litoral Norte do Estado da Bahia: subsídios para o gerenciamento costeiro**. Monografia (Graduação em Geologia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, p. 51, 2008.

LOPANIK, N.; LINDQUIST, N.; TARGETT, N. Potent cytotoxins produced by a

- microbial symbiont protect host larvae from predation. **Oecologia**, v. 139, n. 1, 131–139, 2004.
- LOPEZ GAPPA, J. Species richness of marine Bryozoa in the continental shelf and slope off Argentina (south–west Atlantic). **Diversity and Distributions**, v. 6, p. 15–27, 2000.
- LORENZ, L. V. Bryozoen von Jan Mayen. Die Internationale Polarforschung 1882–83. **Die Österreichische Polarstation Jan Mayen Band III**, p. 83–100, 1886.
- LUEDERWALDT, H. Resultados de uma excursão científica à Ilha de São Sebastião no litoral do Estado de São Paulo em 1925. **Revista Museu Paulista** v. 16, p. 1–79, 1929
- MACGILLIVRAY, P. H. Descriptions of some new genera and species of Australian Polyzoa; to which is added a list of species found in Victoria. **Transactions and Proceedings of the Royal Society of Victoria**, v. 9, p. 126–148, 1869.
- MACGILLIVRAY, P. H. A monograph of the Tertiary Polyzoa of Victoria. **Transactions of the Royal Society of Victoria** 4: 1–166, 1895.
- MACGILLIVRAY, P. H. Polyzoa. In: McCoy, F. (Ed) **Prodromus of the Zoology of Victoria**, Vol. Decade XII, Melbourne: Government Printer, p. 63–73, 1886.
- MACGILLIVRAY, P. H. Polyzoa. In: McCoy, F. (Ed) **Prodromus of the Zoology of Victoria**, Vol. Decade XVIII, Melbourne: Government Printer, p. 271–291, 1889.
- MACHADO, A. J.; SOUZA, F. B. C. Principais espécies de foraminíferos e briozoários do Atol das Rocas. **Revista Brasileira de Geociências**, v. 24, p. 247–261, 1994.
- MADHAVEN PILLAI, S. R. A new species of *Hippoporina* (Ectoprocta, Ascophora) from Bombay coast. **Current Science**, v. 47, n. 2, p. 61–63, 1978
- MANZONI, A. Bryozoi fossili Italiani. Terza contribuzione. **Sitzungsberichte der Akademie der Wissenschaften in Wien** (Abt. 1), v. 60, p. 930–944, 1870.
- MAPLESTONE, C. M. On a new species of *Cellepora* from the south Australian coast. **Proceedings of the Royal Society of Victoria**, v. 23, p. 39–41, 1910.
- MARCUS, E. Sobre o systema natural dos Bryozoarios. **Boletim de Biologia**, v. 2, p. 129–135, 1936.
- MARCUS, E. Bryozoarios marinhos brasileiros I. **Boletim da Faculdade de filosofia, ciências e letras, Universidade de São Paulo, Zoologia**, v. 1, p. 5–224, 1937.
- MARCUS, E. Bryozoarios Marinhos Brasileiros, 2. **Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Zoologia**, v. 2, p. 1–196, 1938a.
- MARCUS, E. Bryozoarios Perfurados de Conchas. **Arquivos do Instituto Biológico**, v. 9, n. 25, p. 273–296, 1938b.

MARCUS, E. Bryozoários Marinhos Brasileiros, 3. **Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Zoologia**, v. 3, p. 111–353, 1939.

MARCUS, E. Briozoários Marinhos do Litoral Paranaense. **Arquivos do Museu Paranaense**, v. 1, n. 1, p. 7–36, 1941a.

MARCUS, E. Sobre os Bryozoa do Brasil, 1. **Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Zoologia**, v. 5, p. 2–208, 1941b.

MARCUS, E. *Cryptopolyzoon evelinae*, a new Ctenostomatous bryozoan from the Brazilian coast. **Proceedings of the American Scientific Congress, Washington**, v. 3, p. 477–479, 1942a.

MARCUS, E. Sobre Bryozoa do Brasil, 2. **Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Zoologia**, v. 6, p. 57–105, 1942b.

MARCUS, E. *Beania cupulariensis* Osb. (Bryozoa Cheilost.) nova para o Brasil. **Comunicaciones Zoológicas del Museo de Historia Natural de Montevideo**, v. 1, n. 12, p. 1–3, 1944.

MARCUS, E. Some Bryozoa from the Brazilian coast. **Comunicaciones Zoológicas Del Museo de Historia Natural de Montevideo**, v. 3, p. 1–33, 1949.

MARCUS, E. Notas sobre briozoos marinhos brasileiros. **Arquivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro**, v. 42, p. 273–342, 1955.

MARCUS, E. B. –R.; MARCUS, E. On some Lunulitiform Bryozoa. **Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Zoologia**, v. 24, p. 281–324, 1962.

MARQUES, A. C.; KLÔH, A. S.; MIGOTTO, A. E.; CABRAL, A. C.; RAVEDUTTI, T. A. P.; BETTIM, A. L.; RAZZOLINI, E. L.; CASCON, J. M.; BARDI, J.; KREMER L. P.; VIEIRA, L. M.; BEZERRA, L. E. A.; HADDAD, M. A.; DE OLIVEIRA FILHO, R. R.; GUTIERRE, S. M. M.; MIRANDA, T. P.; FRANKLIN, W. JR.; ROCHA, R. M. Rapid assessment survey for exotic benthic species in the São Sebastião Channel, Brazil. **Latin American Journal of Aquatic Research**, v. 41, p. 265–285, 2013.

MARQUES, A. C.; LAMAS, C. J. E. Taxonomia zoológica no Brasil: estado da arte, expectativas e sugestões de ações futuras. **Papéis Avulsos de Zoologia**, v. 46, n. 13, p. 139–174, 2006.

MARSHALL, D. J.; KEOUGH, M. J. Variation in the dispersal potential of non-feeding invertebrate larvae: the desperate larva hypothesis and larval size. **Marine Ecology Progress Series**, v. 255, p. 145–153, 2003.

- MATURO, F. J. S. Bryozoa of the south–east coast of the United States: Bugulidae and Beaniidae (Cheilostomata: Anasca). **Bulletin of Marine Science**, v.16, p. 556–583, 1966.
- MATURO, F. J. S.; SCHOPF, T. J. M. Ectoproct and entoproct type material: re–examination of species from Bermuda and New England collected by A.E. Verrill, J.W. Dawson and E. Desor. **Postilla**, v. 120, p. 1–95, 1968.
- MCCANN D. L.; HITCHCOCK N. G.; WINSTON, J.E.; RUIZ, G. M. Non–native bryozoans in coastal embayments of the Southern United States: new records for the Western Atlantic. **Bulletin of Marine Science**, v. 80, n. 2, p. 319–342, 2007.
- MCKINNEY, F. K.; JACKSON, J. B. C. **Bryozoan Evolution**. Studies in Paleobiology. Boston: Unwin Hyman, p. 238, 1989.
- MCKINNEY, F. Encrusting organisms on co–occurring disarticulated valves of two marine bivalves: comparison of living assemblages and skeletal residues. **Paleobiology**, v. 22, p. 543–567, 1996.
- MIGOTTO A. E.; MARQUES A. C. **Avaliação do estado de conhecimento da diversidade biológica do Brasil. Invertebrados Marinhos, versão preliminar**. Ministério do Meio Ambiente, p. 87, 2003.
- MIN, B. S.; SEO, J. E.; GRISCHENKO, A. V.; GORDON, D. P. Intertidal Bryozoa from Korea–new additions to the fauna and a new genus of Bitectiporidae (Cheilostomata) from Baengnyeong Island, Yellow Sea. **Zootaxa**, v. 4226, n. 4, p. 451–470, 2017.
- MIRANDA, A. A., ALMEIDA, A. C. S.; VIEIRA, L. M. Non–native marine bryozoans (Bryozoa: Gymnolaemata) in Brazilian waters: Assessment, dispersal and impacts. **Marine Pollution Bulletin**, v. 130, p. 184–191, 2018.
- MMA, Ministério do Meio Ambiente. **Proposição de Unidades de Conservação na Região dos Abrolhos, Documento–Base**. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio, p. 27, 2012.
- MORRIS, P. A. The bryozoan family Hippothoidae (Cheilostomata–Ascophora) with emphasis on the genus *Hippothoa*. **Allan Hancock Monographs in Marine Biology**, v. 10, p. 1–115, 1980.
- MUKAI, H.; TERAKADO, K.; REED, C. G. Bryozoa. In: HARRISON, F.W.; WOOLLACOTT, R. M. (Eds). **Microscopic anatomy of invertebrates**. New York, Chichester, etc: Wiley–Liss, p. 45–206, 1997.
- NELSON, C. S.; HYDEN, F. M.; KEANE, S. L.; LEASK, W. L.; GORDON, D. P. Application of bryozoan zoarial growth–form studies in facies analysis of non–tropical carbonate deposits in New Zealand. **Sedimentary Geology**, v. 60, p. 301–322, 1988.

- NEVIANI, A. Briozoi Eocenici del calcare nummulitico di Mosciano presso Firenze. **Bolletino della Società Geologica Italiana**, v. 14, p. 119–127, 1895.
- NIELSEN, C. The Phylogenetic Position of Entoprocta, Ectoprocta, Phoronida, and Brachiopoda. **Integrative and Comparative Biology**, v. 42, n. 3, p. 685–691, 2002.
- NIKULINA, E. A. Three new genera of Electridae (Bryozoa): *Arbopercula*, *Osburnea*, and *Arbocuspis*. **Schriften des Naturwissenschaftlichen Vereins für Schleswig-Holstein**, v. 72, p. 25–28, 2010.
- NORMAN, A. M. Notes on some rare British Polyzoa, with descriptions of new species. **Quarterly Journal of Microscopical Science**, v. 8, p. 212–222, 1868.
- NORMAN, A. M. On the Polyzoa Hydrozoa, and Spongozoa. **Proceedings of the Royal Society, of London**, p. 25, 202–215, 1876.
- NORMAN, A. Notes on the natural history of East Finmark, Polyzoa. **Annals and Magazine of Natural History**, v. 7, n. 12, p. 81–128, 1903.
- NUNES, J. M. C.; GUIMARÃES, S. M. P. B.; DONNANGELO A.; FARIAS, J.; HORTA P. A. Aspectos taxonômicos de três espécies de coralináceas não articuladas do litoral do Estado da Bahia, Brasil. **Rodriguésia**, v. 59, n. 1, p. 75–86, 2008.
- OKADA, Y. On a collection of Bryozoa from the Straits of Corea. **Annotationes zoologicae japonenses** v.10, p. 215–234, 1923.
- OKEN, L. **Lehrbuch der Naturgeschichte, III, Zoologie. Abteiling 1, Fleischlose Thiere**. Leipzig: Jena, 1815.
- ORTMANN, A. Die Japanische Bryozoenfauna. Bericht über die von Herrn Dr.L.Döderlein in Jahre 1880–81, gemachten Sammlungen. **Archiv für Naturgeschichte**, v. 56, p. 1–74, 1890.
- OSBURN, R. C. The Bryozoa of the Tortugas Islands, Florida. **Carnegie Inst Washington Pub**, v. 182, p. 183–222, 1914.
- OSBURN, R. C., 1940. Bryozoa of Porto Rico with a resume of West Indian Bryozoan fauna. **Scientific Survey of Porto Rico and the Virgin Islands**, v. 16, p. 321–486, 1940.
- OSBURN, R. C. Bryozoa of the Pacific coast of America, part 1, Cheilostomata–Anasca. **Report of the Allan Hancock Pacific Expeditions**, v. 14, p. 1–269, 1950.
- OSBURN, R.C. Bryozoa of the Pacific coast of America, Part 2. Cheilostomata, Ascophora. **Report of the Allan Hancock Pacific Expeditions**, v. 14, p. 271–611, 1952.
- OSBURN, R. C. Bryozoa of the Pacific coast of America, part 3, Cyclostomata, Ctenostomata, Entoprocta and Addenda. **Report of the Allan Hancock Pacific Expeditions** 14: 613–841, 1953.

- OSTROVSKY, A. N. **Evolution of Sexual Reproduction in Marine Invertebrates. Example of Gymnolaemate Bryozoans.** Dordrecht: Springer, p.356, 2013. p.1–431, 1909.
- PAIXÃO, J. F.; DE OLIVEIRA, O. M. C.; DOMINGUEZ, J. M. L.; ALMEIDA, E. S.; CARVALHO, G. C.; MAGALHÃES, W. F. Integrated assessment of mangrove sediments in the Camamu Bay (Bahia, Brazil). **Ecotoxicology and Environmental Safety**, v. 74, p. 403–415, 2011.
- PALLAS, P. S. **Elenchus zoophytorum sistens generum adumbrationes generaliores et speciarum cognitarum succinctas descriptiones cum selectis auctoris synonymis.** Petrum van Cleef, Hagae–Comitum, p. 451, 1766.
- PARKER, S. A.; GORDON, D. P. A new genus of the bryozoan superfamily Schizoporelloidea, with remarks on the validity of the family Lacernidae Jullien, 1888. **Records of the South Australian Museum**, v. 26, p. 67–71, 1992.
- PENNELL, M. W.; HARMON, L. J.; UYEDA J. C. Is there room for punctuated equilibrium in macroevolution? **Trends in Ecology & Evolution**, v. 29, n. 1, p. 23–32, 2014.
- PIEPER, F. W. Eine neue Bryozoe der Adria, *Gemellaria (?) avicularia*. **Jahresbericht der Westfälischen Provinzialvereins für Wissenschaft und Kunst, Münster pro 1880**, p. 43–48, 1881.
- PORTER, J. S.; SPENCER JONES M. E.; KUKLINSKI P.; ROUSE S. First records of marine invasive non–native Bryozoa in Norwegian coastal waters from Bergen to Trondheim. **BioInvasions Records**, v. 4, n. 3, p. 157–169, 2015.
- POUYET, S.; HERRERA–ANDUAGA, Y. Systematics and palaeogeographical studies of some species of Bryozoa (Cheilostomata) from the Gulf of Mexico. **Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Geología, Revista** 6, p. 204–221, 1986.
- PUCE, S.; BAVESTRELLO, G.; DI CAMILLO, C. G.; BOERO, F. Symbiotic relationships between hydroids and bryozoans. **Symbiosis**, v. 44, n. (1–3), p. 137–143, 2007.
- QUEIROZ, A. F. S.; CELINO, J. J. Manguezais e ecossistemas estuarinos da Baía de Todos os Santos. In: QUEIROZ, A. F. S.; CELINO, J. J. (Orgs). **Avaliação de ambientes na Baía de Todos os Santos, aspectos geoquímicos, geofísicos e biológicos.** Salvador: EDUFBA, p. 39–58, 2008.
- RAMALHO, L. V.; CALLIARI, L. Bryozoans from Rio Grande do Sul Continental Shelf, Southern Brazil. **Zootaxa**, v. 3955, n. 4, p. 569–587, 2015.
- RAMALHO, L. V.; MURICY, G.; TAYLOR P. D. Two new species of Bitectiporidae (Bryozoa, Ascophora) from Rio de Janeiro State, Brazil. In: WINSTON J. E.; KEY M.M.; HAGEMAN S.J. (Eds). **Bryozoan Studies 2007. Virginia Museum of Natural History Special Publication**, v. 15, p. 235–241, 2008.

- RAMALHO, L. V.; MURICY, G.; TAYLOR P. D. Cyclostomata (Bryozoa, Stenolaemata) from Rio de Janeiro State, Brazil. **Zootaxa**, v. 2057, p. 32–52, 2009.
- RAMALHO, L. V.; MURICY, G.; TAYLOR P. D. Taxonomy of *Beania* Johnston, 1840 (Bryozoa, Flustrina) from Arraial do Cabo, Rio de Janeiro State, Brazil. **Arquivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro**, v. 66, n. 3–4, p. 449–508, 2010.
- RAMALHO, L. V.; MURICY, G.; TAYLOR P. D. Taxonomic revision of some lepraliomorph cheilostome bryozoans (Bryozoa: Lepraliomorpha) from Rio de Janeiro State, Brazil. **Journal of Natural History**, v. 45, p. 767–798, 2011.
- RAMALHO, L. V., TAYLOR, P. D.; MURICY, G.. New records of *Catenicella* de Blainville, 1830 (Catenicellidae: Cheilostomata: Ascophora) in Rio de Janeiro State, Brazil. **Check List**, v. 10, n. 1, p. 170–174, 2014.
- RAMALHOSA, P.; SOUTO, J.; CANNING-CLODE, J. Diversity of Bugulidae (Bryozoa, Cheilostomata) colonizing artificial substrates in the Madeira Archipelago (NE Atlantic Ocean), **Helgoland Marine Research**, v. 71, n. 1, p. 2–18, 2016.
- REUSS, A. E. Die fossilen Polyparien des Wiener Tertiärbeckens. **Haidingers Naturwissenschaftlichen Abhandlungen**, v. 2, p. 1–109, 1848.
- REVERTER, O.; FERNANDEZ, E. Cribrilinidae (Bryozoa: Cheilostomatida) from the Ria de Ferrol (NW Spain). **Journal of natural history**, v. 30, p. 1247–1260, 1996.
- REVERTER GIL, O.; FERNÁNDEZ–PULPEIRO, E. Species of genus *Schizotheca* Hincks (Bryozoa, Cheilostomata) described in the Atlantic–Mediterranean region, with notes on some species of *Parasmittina* Osburn. **Journal of Natural History**, v. 41, (29–32), p. 1929–1953, 2007.
- REVERTER–GIL, O., SOUTO, J.; FERNÁNDEZ–PULPEIRO, E. New and little known species of Bryozoa from Iberian Atlantic waters. **Zoosystema**, v. 34, n. 1, p. 157–170, 2012.
- RIDLEY, S. O. Account of the zoological collections made during the survey of H.M.S. Alert in the straits of Magellan and on the coast of Patagonia. **Proceedings of the Zoological Society of London**, p. 44–61, 1881.
- RISTEDT, H.; HILLMER, G. The cheilostomate bryozoan–fauna from shallow waters of the Hilutangan Channel, Cebu, Philippines: Part I. **The Philippine Scientist**, v. 22, p. 133–143, 1985.
- ROCHA, R. M.; D’HONDT, J. L. Filo Ectoprocta ou Bryozoa. In: MIGOTTO, A. E.; TIAGO, C. G. (Eds) **Biodiversidade do Estado de São Paulo, Brasil. Síntese do conhecimento ao final do século XX, 3: Invertebrados marinhos**. São Paulo: FAPESP, p. 241–249, 1999.
- ROGICK, M. D.; CROASDALE, H. Studies on Marine Bryozoa, III. Woods Hole

region Bryozoa associated with algae. **Biological Bulletin, Woods Hole**, v. 96, p. 32–69, 1949.

RYLAND, J. S. Some species of *Bugula* (Bryozoa) from the Bay of Naples. **Publicazioni della Stazione Zoologica di Napoli**, v. 33, p. 20–31, 1962.

RYLAND, J. S. Systematic and biologic studies on Polyzoa (Bryozoa) from western Norway. **Sarsia**, v. 14, p. 1–59, 1963.

RYLAND, J. S. **Bryozoans**. London: Hutchinson University Library, p. 175, 1970.

RYLAND, J. S. Bryozoa: an introductory overview. **Denisia**, v. 16, p. 9–20, 2005.

RYLAND, J. S.; HAYWARD, P. J. 1977. **British Anascan Bryozoans**. London: Academic Press for the Linnaean Society, p.188, 1977.

RYLAND, J. S.; HAYWARD, P. J. Bryozoa from Heron Island, Great Barrier Reef. **Memoirs of the Queensland Museum**, v. 32, p. 223–301, 1992.

RYLAND, J. S.; BISHOP, J. D. D.; DE BLAUWE, H.; EL NAGAR, A.; MINCHIN, D.; WOOD, C. A.; YUNNIE, A. L. E. Alien species of *Bugula* (Bryozoa) along the Atlantic coasts of Europe. **Aquatic Invasions**, v. 6, n. 1, p. 17–31, 2011.

SANTANA, F. T.; RAMALHO, L. V.; GUIMARÃES, C. R. P. New species of *Metrarabdotos* (Bryozoa, Ascophora) from Brazil. **Zootaxa**, v. 2222, p. 57–65, 2009.

SANTOS, A. N. **Diagnóstico das condições geoambientais da orla marítima da Costa das Baleias, Extremo Sul do Estado da Bahia**. Dissertação (Mestrado em Geologia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, p.152, 2006.

SANTOS, M. C. F. **Análise geoambiental da região da Costa do Cacau – Bahia**. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, p. 215, 2012.

SEMARH, Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos. Centro de Recursos Ambientais (CRA). **Projeto de Gerenciamento costeiro – Diagnóstico Oceanográfico e proposição de disciplinamento de usos da faixa marinha do Litoral Norte do Estado da Bahia**. Bahia, p. 127, 2003.

SEO, J.–E. A new parasmittinid bryozoan (Cheilostomata) from Korea. **Korean Journal of Biological Sciences**, v. 6, n. 1, p. 41–43, 2002.

SETUR, Secretaria de Turismo do Estado da Bahia. **Prodetur Nacional, Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável – PDITS, Polo Turístico da Baía de Todos–os–Santos**. Salvador, p. 355, 2012.

SILÉN, L. Carnosa and Stolonifera (Bryozoa) collected by Prof. Sixten Bock's Expedition to Japan and the Bonin Islands 1914. **Arkiv för zoologi**, v. 34A, p. 1–33, 1942.

SILVA, E. B.; LAGE, C. S. Repercussões ambientais no processo de apropriação social do espaço na Baía do Pontal no município de Ilhéus/BA. **GeoTextos**, vol. 10, n. 1, 209–239, 2014.

SILVA, I. R.; SILVA, S. B. M. Caracterização geo-ambiental e de ocupação das praias da Costa do Dendê, Litoral Sul do Estado da Bahia. **Geosul**, v. 22, n. 44, p. 27–46, 2007.

SILVA, I. R. Subsídios para a Gestão Ambiental das praias da Costa do Descobrimento, Litoral Sul do Estado da Bahia, Brasil. **Revista da Gestão Costeira Integrada**, v. 8, n. 2, p. 47–60, 2008.

SILVA, R. P. **Sedimentos Holocênicos da plataforma continental da Costa do Dendê, Bahia, Brasil**. Tese (Doutorado em Geologia) – Universidade Federal da Bahia, p. 179, 2011.

SIMA, P.; VETVICKA, V. Bioactive substances with anti-neoplastic efficacy from marine invertebrates: Bryozoa, Mollusca, Echinodermata and Urochordata. **World Journal of Clinical Oncology**, v. 2, n. 11, 362–366, 2011.

SMITH, A. M. Palaeoenvironmental interpretation using bryozoans: a review. **Geological Society of London Special Publication**, n. 83, p. 231–243, 1995.

SMITT, F. A. Kritisk förteckning öfver Skandinaviens Hafs-Bryozoer. IV. Öfversigt af Kongliga Vetenskaps-Akademiens Förhandlingar, v. 25, p. 3–230, 1868.

SMITT, F. A. Floridan Bryozoa collected by Count L.F. de Pourtales, Part 2. **Kongliga Svenska Vetenskaps-Akademiens Handlingar**, v. 11, n. 4, p. 1–83, 1873.

SOSA-YAÑEZ, A., VIEIRA, L. M.; SOLÍS-MARÍN, F. A. A new cheilostome bryozoan genus, *Abditoporella* (Hippoporidridae), from the eastern Pacific. **Zootaxa**, v. 3994, n. 2, p. 275–282, 2015.

SOULE, D. F.; SOULE, J. D. New species of *Thalamoporella* (Ectoprocta) from Hawaii, examined by scanning electron microscopy. **American Museum Novitates**, v. 2417, p. 1–18, 1970.

SOULE, D. F.; SOULE, J. D. Morphology and speciation of Hawaiian and eastern Pacific Smittinidae (Bryozoa, Ectoprocta). **Bulletin of the American Museum of Natural History**, v.152, n. 6, p. 365–440, 1973.

SOULE, D. F., SOULE, J. D.; CHANEY, H. W. New tropical Pacific and Indian Ocean Cleidochasmatidae (Cheilostomata: Ascophora). In: BIGEY, F. P.; D'HONDT, J.-L., (Eds) **Bryozoaires Actuels et Fossiles: Bryozoa Living and Fossil**. **Bulletin de la Societe des Sciences Naturelles de l'Ouest de la France Mémoire HS 1**. Nantes: Société des Sciences Naturelles de l'Ouest de la France, p. 465-486, 1991.

SOULE, D. F., SOULE, J. D.; CHANEY, H. W. The genus *Thalamoporella* worldwide (Bryozoa, Anasca): Morphology, evolution and speciation. *Irene McCulloch Foundation Monograph series*, 1, p. 1–93, 1992.

SOULE, D. F., SOULE, J. D.; CHANEY, H. W. New species of *Thalamoporella* (Bryozoa) with acute or subacute avicularium mandibles and review of known species worldwide. **Irene McCulloch Foundation Monograph** Series Number 4, p. 1–57, 1999.

SOULE, D. F.; SOULE, J. D. The Eastern Pacific *Parasmittina trispinosa* Complex (Bryozoa, Cheilostomatida): New and Previously Described Species. **Irene McCulloch Foundation Monograph**, v. 5, p. 1–40, 2002.

SOUZA, F. B. C. Espécies de briozoários da Bahia. **Anais do XI Congresso Brasileiro de Paleontologia**, Curitiba, p. 493–507, 1989.

SOUZA, F. B. C.; ALMEIDA, A. C. S. Briozoários Marinhos. In: José Marcos de Castro Nunes; Mara Rojane Barros de Matos. (Org.). **Litoral Norte da Bahia: caracterização ambiental, biodiversidade e conservação**. Salvador: EDUFBA, 2017. p. 254–268.

STACH, L. W. Correlation of zoarial form with habitat. **Journal of Geology**, v. 44, p. 60–65, 1936.

STACH, L. W. The application of the Bryozoa in Cainozoic stratigraphy, **Report ANZAAS**, p. 80–83, 1937.

STIMPSON, W. Synopsis of the marine Invertebrata of Grand Manan: or the region about the mouth of the Bay of Fundy, New Brunswick. **Smithsonian Contributions to Knowledge**, v. 6, p. 1–66, 1854.

STOLICZKA, F. On the anatomy of *Sagartia schilleriana* and *Membranipora bengalensis*, a new coral and a bryozoon living in brackish water at Port Canning. **J. Asiat. Soc. Beng**, v. 38, p. 28–63, 1869.

TAYLOR, P. D. Skeletal morphology of malacostegan grade cheilostome Bryozoa. In: ROSS, J. R. P. (Ed.) **Bryozoa: present and past**. Bellingham: Western Washington University, p. 269–276, 1987.

TAYLOR, P. D.; JAMES, N. P. Secular changes in colony-forms and bryozoan carbonate sediments through geological history. **Sedimentology**, v. 60, p. 1184–1212, 2013.

TAYLOR, P. D.; WAESCHENBACH, A. Phylogeny and diversification of bryozoans. **Palaeontology**, v. 58, n. 4, p. 585–599, 2015.

TAYLOR, P. D.; WAESCHENBACH, A.; SMITH, A. M.; GORDON, D. P. In search of phylogenetic congruence between molecular and morphological data in bryozoans with extreme adult skeletal heteromorphy. **Systematics and Biodiversity**, v. 13, n. 6, p. 525–544, 2015.

- TAYLOR, P. D.; MCKINNEY, F. K. Cretaceous Bryozoa from the Campanian and Maastrichtian of the Atlantic and Gulf Coastal Plains, United States. **Scripta Geologica (Leiden)**, v. 132, p. 1–346, 2006.
- TAYLOR, P. D.; MONKS, N. A new cheilostome bryozoan genus pseudoplanktonic on molluscs and algae. **Invertebrate Biology**, v. 116, p. 39–51, 1997.
- TEIXEIRA, A. C. O.; ALMEIDA, T. M.; LAVENÈRE–WANDERLEY A. A. O. Erosão costeira na Praia de São Miguel, Ilhéus–BA. **Caminhos de Geografia**, v. 12, n. 38, p. 108–122, 2011.
- TENISON WOODS, J. E. On some Australian Tertiary fossil corals and Polyzoa. **Journal and Proceedings of the Royal Society of New South Wales**, v. 12, 57–61, 1879.
- THORNELY, L. R. Report on the Polyzoa collected by Professor Herdmann, at Ceylon, in 1902. **Report to the Government of Ceylon on the Pearl Oyster Fisheries of the Gulf of Manar**, v. 4, p. 107–130, 1905.
- TILBROOK, K. J. The species of *Antropora* Norman, 1903 (Bryozoa: Cheilostatida), with the description of a new genus in the Calloporoidea. **Records of the South Australian Museum**, v. 31, p. 25–49, 1998.
- TILBROOK, K. J. Description of *Hippopodina feegeensis* and three other species of *Hippopodina* Levinsen, 1909 (Bryozoa: Cheilostatida). **Journal of Zoology, London**, v. 247, p. 449–456, 1999.
- TILBROOK, K. J. Indo–West Pacific species of the genus *Stylopoma* Levinsen, 1909 (Bryozoa: Cheilostomea). **Zoological Journal of the Linnean Society**, v. 131, n. 1, p. 1–34, 2001.
- TILBROOK, K. J. Cheilostatous Bryozoa from the Solomon Islands. **Santa Barbara Museum of Natural History, Monographs 4** (Studies in Biodiversity Number 3), p. 1–386, 2006.
- TILBROOK, K. J. Review of the bryozoan genus *Bryopesanser* Tilbrook, 2006 (Escharinidae: Cheilostomata) with the description of 11 new species. **Zootaxa**, v. 3165, p. 39–63, 2012.
- TILBROOK, K. J., HAYWARD, P. J.; GORDON, D. P. Cheilostatous Bryozoa from Vanuatu. **Zoological Journal of the Linnean Society**, v. 131, n. 1, p. 35–109, 2001.
- TILBROOK, K. J.; GRISCHENKO, A. V. New sub–Arctic species of the tropical genus *Antropora* (Bryozoa: Cheilostomata): a gastropod–pagurid crab associate. **Journal of the Marine Biological Association of the United Kingdom**, v. 84: p. 1001–1004, 2004.
- TILBROOK, K. J.; COOK, P. L. Petraliellidae Harmer, 1957 (Bryozoa: Cheilostomata) from Queensland, Australia. **Systematics and Biodiversity**, v. 2, p. 319–339, 2005.

- TILBROOK, K. J.; VIEIRA, L. M. *Scrupocellaria* (Bryozoa: Cheilostomata) from the Queensland coast, with the description of three new species. **Zootaxa**, v. 3528, p. 29–48, 2012.
- TOMMASI, L. R.; MARINI, C. F.; ROSA, C. F. A. Briozoários lunulitiformes da região da Ilha Grande (RJ). **Boletim do Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo**, v. 21, p. 137–148, 1972.
- UTTLEY, G. H.; BULLIVANT, J. S. Biological results of the Chatham Islands 1954 Expedition. Part 7. Bryozoa Cheilostomata. **New Zealand Oceanographic Institute Memoir**, v. 57, p. 1–61, 1972.
- VAN BENEDEN, P. J. Recherches sur les polypes bryozoaires de la Mer du Nord, et projet d'une classification des animaux de ce groupe. **Bulletin de l'Academie Royale de Belgique. Classes des Sciences**, v.16, p. 644–658, 1850.
- VERRILL, A. E. Brief contributions to zoology from the Museum of Yale College. No.42. Notice of recent additions to the marine fauna of the eastern coast of North America. No.5. Polyzoa. **American Journal of Science and Arts**, v. 17, p. 472–474, 1879.
- VERRILL, A. E. Brief contributions to zoology from the Museum of Yale College. No.33. Results of dredging expeditions off the New England coast in 1874. **American Journal of Science and Arts**, v.10, p. 36–44, 1875.
- VERRILL, A. E. Additions to the Tunicata and Molluscoidea of the Bermudas. **Transactions of the Connecticut Academy of Arts and Sciences**, v.10, p. 592–594, 1900.
- VIEIRA, L. M.; ALMEIDA, A. C. S.; WINSTON, J. E. Taxonomy of intertidal cheilostome Bryozoa of Maceió, northeastern Brazil. Part 1: Suborders Inovicellina, Malacostegina and Thalamoporellina. **Zootaxa**, v. 4097, n. 1, p. 59–83, 2016.
- VIEIRA, L. M.; FARRAPEIRA, C. M. R.; AMARAL, F. D.; LIRA, S. M. A. Bryozoan biodiversity in Saint Peter and Saint Paul Archipelago, Brazil. **Cahiers de Biologie Marine**, v. 53, p. 159–167, 2012b.
- VIEIRA, L. M.; GORDON D. P.; SOUZA F. B. C.; HADDAD M. A. New and little-known cheilostomatous Bryozoa from the south and southeastern Brazilian continental shelf and slope. **Zootaxa**, v. 2722, p. 1–30, 2010b.
- VIEIRA, L. M.; GORDON, D. P.; CORREIA, M. D. First record of a living ditaxiporine catenicellid in the Atlantic, with a description of *Vasignyella ovicellata* n. sp. (Bryozoa). **Zootaxa**, v. 1582, p. 49–58, 2007.
- VIEIRA, L. M.; MIGOTTO A. E.; WINSTON J. E. Shallow-water species of *Beania* Johnston, 1840 (Bryozoa, Cheilostomata) from the tropical and subtropical Western Atlantic. **Zootaxa**, v. 2550, p. 1–20, 2010.

- VIEIRA, L. M.; MIGOTTO, A. E.; WINSTON, J. E. Ctenostomatous Bryozoa from São Paulo, Brazil, with descriptions of twelve new species. **Zootaxa**, n. 3889, v. 4, p. 485–524, 2014.
- VIEIRA, L. M.; MIGOTTO, A. E.; WINSTON, J. E. *Marcusadoreia*, a new genus of lepralioid bryozoan from warm waters. **Zootaxa**, v. 2348, p. 57–68, 2010c.
- VIEIRA, L. M.; MIGOTTO, A. E.; WINSTON, J. E. Synopsis and annotated checklist of recent marine Bryozoa from Brazil. **Zootaxa**, v. 1810, p. 1–39, 2008.
- VIEIRA, L. M.; NASCIMENTO K.B.; ALMEIDA, A. C. S. Bryozoa em Catálogo Taxonômico da Fauna do Brasil. Disponível em: <<http://fauna.jbrj.gov.br/fauna/faunadobrasil/157416>>. Acesso em: 10 de mar. 2018.
- VIEIRA, L. M.; SPENCER JONES, M. E.; WINSTON, J. E.; MIGOTTO, A. E.; MARQUES, A. C. Evidence for Polyphyly of the Genus *Scrupocellaria* (Bryozoa: Candidae) Based on a Phylogenetic Analysis of Morphological Characters. **PLoS ONE**, n. 9, p. e95296, 2014b.
- VIEIRA, L. M.; SPENCER JONES, M.; WINSTON, J. E. *Cradoscrupocellaria*, a new bryozoan genus for *Scrupocellaria bertholletii* (Audouin) and related species (Cheilostomata, Candidae): taxonomy, biodiversity and distribution. **Zootaxa**, v. 3707, n. 1, p. 001–063, 2013b.
- VIEIRA, L. M.; SPENCER JONES, M.; WINSTON, J. E. Resurrection of the genus *Licornia* for *Scrupocellaria jolloisii* (Bryozoa) and related species, with documentation of *L. jolloisii* as a non-indigenous species in the western Atlantic. **Journal of the Marine Biological Association of the United Kingdom**, v. 93, n. 7, p. 1911–1921, 2013a.
- VIEIRA, L. M.; STAMPAR, S. N. A new *Fenestrulina* (Bryozoa, Cheilostomata) comensal with tube-dwelling anemones (Cnidaria, Ceriantharia) in the tropical southwestern Atlantic. **Zootaxa**, v. 3780, n. 2, p. 365–374, 2014.
- VIEIRA, L. M.; WINSTON J. E.; FEHLAUER-ALE K. H. Nine new species of *Bugula* Oken (Bryozoa: Cheilostomata) in Brazilian shallow waters. **PLoS ONE**, v. 7, n. 7, p. 1–20, 2012.
- VIGNEAUX, M. Révision des Bryozoaires néogènes du Bassin d'Aquitaine et essai de classification. **Mémoires de la Société Géologique de France**, n.s. 28, p. 1–153, 1949.
- VON MOLL, J. P. C. **Eschara, ex zoophytorum, seu, phytozoorum ordine pulcherrimum ac notatu dignissimum genus, novis speciebus auctum, methodice descriptum et iconibus ad naturam delineatis illustratum**, pp.1–70, 1803. Camesiniana, Vindobonae.
- WAESCHENBACH, A.; TAYLOR, P. D.; LITTLEWOOD, D. T. J. A molecular phylogeny of bryozoans. **Molecular Phylogenetics and Evolution**, v. 62, p. 718–735, 2012.

- WAESCHENBACH, A.; VIEIRA, L. M.; REVERTER–GIL, OSCAR; SOUTO–DERUNGS, J.; NASCIMENTO, K. B.; FEHLAUER–ALE, K. H. A phylogeny of Vesiculariidae (Bryozoa, Ctenostomata) supports synonymization of three genera and reveals possible cryptic diversity. **Zoologica Scripta** (online), 2015.
- WARD, M. A.; THORPE, J. P. Assessment of space utilisation in a subtidal temperate bryozoan community. **Marine Biology**, v. 103, p. 215–224, 1989.
- WARD, M. A.; THORPE, J. P. Distribution of encrusting bryozoans and other epifauna on the subtidal bivalve *Chlamys opercularis*. **Marine Biology**, v. 110, p. 253–259, 1991.
- WATERS, A. W. The marine fauna of British East Africa and Zanzibar, from collections made by Cyril Crossland M.A., B.Sc., F.Z.S., in the years 1901–1902. Bryozoa – Cheilostomata. **Proceedings of the Zoological Society of London**, p. 458–537, 1913.
- WATERS, A. W. Some collections of the littoral fauna of the Cape Verde Islands. Bryozoa. **Journal of the Linnean Society (zoology) London**, v. 34, p. 1–45, 1918.
- WINSTON, J. E.; EISEMAN, N. J. Bryozoan–algal associations in coastal and continental shelf waters of Eastern Florida. **Florida Scientist**, v. 43, p. 65–74, 1980.
- WINSTON, J. E. Marine Bryozoans (Ectoprocta) of the Indian River area (Florida). **Bulletin of the American Museum of Natural History**, v. 173, n. 2, p. 99–176, 1982.
- WINSTON, J. E. Shallow–water bryozoans of Carrie Bow Bay, Belize. **American Museum Novitates**, 2799, p. 1–38, 1984.
- WINSTON, J. E.; HÅKANSSON, E. The interstitial fauna of the Capron Shoals, Florida. **American Museum Novitates**, v. 2865, p. 1–98, 1986.
- WINSTON, J. E.; HEIMBERG, B. F. Bryozoans from Bali, Lombok, and Komodo. **American Museum Novitates**, v. 2847, p. 1–49, 1986.
- WINSTON, J. E. Cold comfort: systematics and biology of Antarctic bryozoans. In: *Smithsonian at the Poles. Contribution to International Polar Year Science. I*, (Eds, Krupnik, M., Lang, A., & Miller, S.E.), (Smithsonian Institution Scholarly Press), p. 205–221, 2009.
- WINSTON, J. E.; VIEIRA, L. M. Systematics of interstitial encrusting bryozoans from southeastern Brazil. **Zootaxa**, v. 3710, n. 2, p. 101–146, 2013.
- WINSTON, J. E.; VIEIRA, L. M.; WOOLLACOTT, R. M. Scientific results of the Hassler expedition. Bryozoa. No. 2. Brazil. **Bulletin of the Museum of Comparative Zoology**, v. 161, n. 5, 139–239, 2014.
- WINSTON, J. E.; WOOLLACOTT, R. M. Scientific Results of the Hassler Expedition. Bryozoa. No.1. Barbados. **Bulletin of the Museum of Comparative Zoology**, v. 159, n. 5, p. 239–300, 2009.

WINSTON, J.E.; HAYWARD, P. J. The Marine Bryozoans of the Northeast Coast of the United States: Maine to Virginia. **Virginia Museum of Natural History Memoir**, n. 11, p. 1–180, 2012.

WINSTON, J. E. Re-description and revision of Smitt's "Floridan Bryozoa" in the collection of the Museum of Comparative Zoology, Harvard University. **Virginia Museum of Natural History Memoir**, Number 7: x, p. 1–147, 2005.

WINSTON, J. E. Bryozoa of Floridan Oculina reefs. **Zootaxa**, v. 4071, n. 1, p. 1–81, 2016.

WOOD, S. V. Descriptive catalogue of the zoophytes of the Crag. **Annals and Magazine of Natural History**, v. 1, n. 13. p. 10–21, 1844.

WOOD, T. S. General features of the Class Phylactolaemata. In: BOARDMAN, R. S.; CHEETHAM, A. H.; BLAKE, D. B.; UTGAARD, J.; KARKLINS, O. L.; COOK, P. L.; SANDBERG, P. A.; LUTAUD, G.; WOOD, T. S. (Eds). Bryozoa. **Bryozoa. Treatise on Invertebrate Paleontology Part G (Revised)**. Geological Society of America and University of Kansas. United States: Boulder and Lawrence, p. 287–303, 1983.

APÊNDICE A - MATERIAL EXAMINADO NESSE ESTUDO (em ordem alfabética).

Localidades: Costa dos Coqueiros (11°21'-12°37'S); Baía de Todos os Santos (12°55'-13°11'S); Costa do Dendê (13°12'-14°17'S); Costa do Cacau (14°18'-15°39'S); Costa do Descobrimento (15°40'-16°52'S); Costa das Baleias (16°52'-18°20'S). Profundidade de 0 corresponde a região entremarés. Museus: UFBA, Museu de Zoologia da Universidade Federal da Bahia; UFPE, Coleção de Bryozoa da Universidade Federal de Pernambuco; USNM, Natural History Museum, Smithsonian Institution.

Espécie	Museu	Tombo	Prof. (m)	Localidade	Data
<i>Abditoporella</i> sp. nov.	UFBA	3350	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Abditoporella</i> sp. nov.	UFBA	3352	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Abditoporella</i> sp. nov.	UFBA	1725	50	Costa do Dendê	fev/08
<i>Abditoporella</i> sp. nov.	UFBA	1726	25	Costa do Dendê	jul/08
<i>Adeonellopsis subsulcata</i>	UFBA	1000	23-28	Costa dos Coqueiros	jan/00
<i>Adeonellopsis subsulcata</i>	UFBA	907	38	Baía de Todos os Santos	fev/76
<i>Adeonellopsis subsulcata</i>	UFBA	910	40	Baía de Todos os Santos	fev/76
<i>Adeonellopsis subsulcata</i>	UFBA	914	50	Costa do Dendê	jan/04
<i>Adeonellopsis subsulcata</i>	UFBA	271	28	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Aetea arcuata</i>	UFBA	313	23	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Aetea arcuata</i>	UFBA	2363	23	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Aetea arcuata</i>	UFBA	320	25	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Aetea arcuata</i>	UFBA	1714	25	Costa dos Coqueiros	1998
<i>Aetea arcuata</i>	UFBA	1719	23	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Aetea arcuata</i>	UFBA	1720	25	Costa dos Coqueiros	ago/95
<i>Aetea arcuata</i>	UFBA	1721	25	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Aetea arcuata</i>	UFBA	1722	30	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Aetea arcuata</i>	UFBA	1724	30	Costa dos Coqueiros	ago/95
<i>Aetea arcuata</i>	UFBA	1727	30	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Aetea arcuata</i>	UFBA	1728	30	Costa do Descobrimento	jul/08
<i>Aetea arcuata</i>	UFBA	2824	24	Costa do Descobrimento	mar/96
<i>Aetea arcuata</i>	UFBA	3107	23	Costa do Descobrimento	fev/08
<i>Aetea arcuata</i>	UFBA	3244	37	Costa do Descobrimento	2003
<i>Aetea arcuata</i>	UFBA	103.2	23	Costa do Descobrimento	fev/08
<i>Aetea arcuata</i>	UFBA	107.2	23	Costa do Descobrimento	fev/08
<i>Aetea arcuata</i>	UFBA	111.2	23	Costa do Descobrimento	fev/08
<i>Aetea arcuata</i>	UFBA	1713.1	23	Costa do Descobrimento	jul/07
<i>Aetea arcuata</i>	UFBA	1716.1	37	Costa do Descobrimento	fev/06
<i>Aetea arcuata</i>	UFBA	1723.1	25	Costa do Descobrimento	ago/95
<i>Aetea arcuata</i>	UFBA	1736.1	30	Costa do Descobrimento	ago/95
<i>Aetea arcuata</i>	UFBA	2043.2	30	Costa do Descobrimento	ago/95
<i>Aetea arcuata</i>	UFBA	2269.5	23	Costa do Descobrimento	fev/08
<i>Aetea arcuata</i>	UFBA	2305.2	30	Costa do Descobrimento	ago/95

<i>Aetea arcuata</i>	UFBA	2837.1	23	Costa dos Coqueiros	jul/00
<i>Aetea arcuata</i>	UFBA	2964.7	22	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Aetea arcuata</i>	UFBA	3292.10	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Aetea arcuata</i>	UFBA	3302.8	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Aetea arcuata</i>	UFBA	3407.4	27	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Aetea arcuata</i>	UFBA	68.2	23	Costa do Descobrimento	fev/08
<i>Aetea arcuata</i>	UFBA	315	23	Costa do Descobrimento	jul/08
<i>Aetea cultrata</i>	UFBA	1715	34	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Aetea cultrata</i>	UFBA	2566	21	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Aetea cultrata</i>	UFBA	3193	25	Costa dos Coqueiros	mar/97
<i>Aetea cultrata</i>	UFBA	1717.1	21	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Aetea cultrata</i>	UFBA	1718.1	31	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Aetea cultrata</i>	UFBA	1860.3	23	Costa do Descobrimento	jul/02
<i>Aetea cultrata</i>	UFBA	2268.1	0	Costa do Descobrimento	fev/06
<i>Aetea cultrata</i>	UFBA	2286.2	23	Costa do Descobrimento	mar/02
<i>Aetea cultrata</i>	UFBA	2289.2	31	Costa do Descobrimento	mar/02
<i>Aetea cultrata</i>	UFBA	2290.4	23	Costa do Descobrimento	fev/07
<i>Aetea cultrata</i>	UFBA	2330.3	24	Costa do Descobrimento	fev/07
<i>Aetea cultrata</i>	UFBA	2401.5	0	Costa do Descobrimento	fev/07
<i>Aetea cultrata</i>	UFBA	2402.3	29	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Aetea cultrata</i>	UFBA	2544.2	0	Costa do Dendê	ago/04
<i>Aetea cultrata</i>	UFBA	2581.2	25	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Aetea cultrata</i>	UFBA	2863.1	21	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Aetea cultrata</i>	UFBA	2875.6	21	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Aetea cultrata</i>	UFBA	2993.2	22	Costa dos Coqueiros	mar/03
<i>Aetea cultrata</i>	UFBA	2996.1	21	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Aetea cultrata</i>	UFBA	3000.4	26	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Aetea cultrata</i>	UFBA	3188.5	23	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Aetea cultrata</i>	UFBA	90.3	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Aetea curta</i>	UFBA	1777.2	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Aetea curta</i>	UFBA	2269.13	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Aetea curta</i>	UFBA	2336.7	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Aetea curta</i>	UFBA	235.1	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Aetea curta</i>	UFBA	236.3	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Aetea curta</i>	UFBA	67.2	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Aetea curta</i>	UFBA	69.2	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Aetea curta</i>	UFBA	83.2	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Aetea curta</i>	UFBA	1729	25	Costa dos Coqueiros	ago/95
<i>Aetea curta</i>	UFBA	1730	25	Costa dos Coqueiros	ago/95
<i>Aetea curta</i>	UFBA	1731	30	Costa dos Coqueiros	ago/95
<i>Aetea curta</i>	UFBA	1732	30	Costa dos Coqueiros	ago/95
<i>Aetea curta</i>	UFBA	1733	24	Costa do Descobrimento	fev/07

<i>Aetea curta</i>	UFBA	1734	25	Costa do Descobrimento	fev/07
<i>Aetea curta</i>	UFBA	1735	30	Costa do Descobrimento	fev/07
<i>Aetea curta</i>	UFBA	2403	26	Costa do Descobrimento	fev/07
<i>Aetea curta</i>	UFBA	2265.5	23	Costa do Descobrimento	fev/07
<i>Aetea curta</i>	UFBA	230.8	23	Costa do Descobrimento	fev/07
<i>Aetea curta</i>	UFBA	3002.5	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Aetea curta</i>	UFBA	3302.4	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Aetea curta</i>	UFBA	3389.6	25	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Aetea curta</i>	UFBA	3416.1	23	Costa dos Coqueiros	jul/00
<i>Aetea curta</i>	UFBA	82.2	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Aimulosia</i> sp.	UFBA	2340.5	20	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Aimulosia</i> sp.	UFBA	2963.4	20	Costa dos Coqueiros	jul/00
<i>Aimulosia</i> sp.	UFBA	3353	20	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Akatopora leucocypha</i>	UFBA	381	0	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Akatopora leucocypha</i>	UFBA	382	0	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Akatopora leucocypha</i>	UFBA	383	25	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Akatopora leucocypha</i>	UFBA	384	25	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Amathia brasiliensis</i>	UFBA	385	0-20	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Amathia brasiliensis</i>	UFBA	391	0-20	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Amathia brasiliensis</i>	UFBA	372.1	0-20	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Amathia brasiliensis</i>	UFBA	399.2	0-20	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Amathia crispa</i>	UFBA	1310	20	Costa das Baleias	1992/1993
<i>Amathia crispa</i>	UFBA	2148	10	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Amathia crispa</i>	UFBA	3210	0	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Amathia crispa</i>	UFBA	2544.1	20	Costa do Dendê	ago/04
<i>Amathia crispa</i>	UFBA	2864.1	0	Baía de Todos os Santos	jul/03
<i>Amathia crispa</i>	UFBA	224	0	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Amathia crispa</i>	UFBA	284	0	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Amathia distans</i>	UFBA	1578	0	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Amathia distans</i>	UFBA	1581	0	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Amathia distans</i>	UFBA	1600	20	Costa do Dendê	fev/08
<i>Amathia distans</i>	UFBA	1617	0	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Amathia distans</i>	UFBA	2147	25	Costa do Descobrimento	jul/03
<i>Amathia distans</i>	UFBA	2541	23	Costa dos Coqueiros	jul/00
<i>Amathia distans</i>	UFBA	2583	23	Costa dos Coqueiros	ago/04
<i>Amathia distans</i>	UFBA	2349	3-8	Baía de Todos os Santos	2013
<i>Amathia distans</i>	UFBA	2350	3-8	Baía de Todos os Santos	2013
<i>Amathia distans</i>	UFBA	2351	18-20	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Amathia distans</i>	UFBA	2352	18-20	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Amathia distans</i>	UFBA	2353	18-20	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Amathia ernsti</i>	UFBA	400.4	18-20	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Amathia ernsti</i>	UFBA	3423	18-20	Baía de Todos os Santos	out/12

<i>Amathia evelinae</i>	UFBA	3424	0-5	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Amathia evelinae</i>	UFBA	3441.2	0-5	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Amathia verticillata</i>	UFPE	S/N	0-5	Baía de Todos os Santos	jan/12
<i>Amathia verticillata</i>	UFPE	S/N	0-5	Baía de Todos os Santos	jan/12
<i>Amathia vidovici</i>	UFBA	3425	18-20	Baía de Todos os Santos	jan/12
<i>Amathia vidovici</i>	UFBA	395	27	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	390	51	Baía de Todos os Santos	1996
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	1266	51	Baía de Todos os Santos	1996
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	1267	10	Baía de Todos os Santos	1996
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2313	21	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2321	32	Costa dos Coqueiros	jun/08
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2360	22	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2369	23	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2372	26	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2378	32	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2486	22	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2495	28	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2829	21	Costa dos Coqueiros	dez/12
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2362.1	32	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2367.2	32	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2437.2	23	Costa dos Coqueiros	jul/09
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2485.4	23	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2493.2	22	Costa do Cacau	jul/08
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2625.1	23	Costa do Cacau	jul/08
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2644.1	23	Costa do Cacau	jul/08
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	65.2	23	Costa do Cacau	fev/08
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	79	23	Costa do Cacau	fev/08
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	84	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	87	22	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	94	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	101	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	113	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	111.1	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	122.2	23	Costa dos Coqueiros	fev/04
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	69.3	40	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	93.1	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	1699	25	Costa dos Coqueiros	ago/95
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	1700	26	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	1701	41	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	1702	37	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	1703	28	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	1705	32	Costa dos Coqueiros	fev/97

<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	1708	26	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	1709	28	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	1710	26	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	1711	28	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	1712	23	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	1890	23	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2677	23	Costa dos Coqueiros	jul/00
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2973	25	Costa dos Coqueiros	jul/00
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	3006	28	Costa dos Coqueiros	jul/00
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	1704.1	26	Costa dos Coqueiros	set/96
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	1706.1	26	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	1707.1	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	1919.2	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	3007.1	26	Costa dos Coqueiros	jul/00
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	3009.2	25	Costa dos Coqueiros	jul/00
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2549	23	Costa dos Coqueiros	jul/06
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2567	21	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2630	24	Costa dos Coqueiros	mar/96
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2969	28	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	3055	23	Costa dos Coqueiros	fev/03
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	3056	27	Costa dos Coqueiros	fev/03
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	3065	23	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	3079	28	Costa dos Coqueiros	fev/04
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	3082	28	Costa dos Coqueiros	fev/03
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	3084	28	Costa dos Coqueiros	fev/03
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	3099	27	Costa dos Coqueiros	2003
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	3139	22	Costa dos Coqueiros	fev/04
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	3231	22	Costa dos Coqueiros	fev/04
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	3235	26	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	3420	22	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	1716.2	37	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	1717.2	21	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	1787.2	21	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	1860.1	23	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	1900.2	22	Costa dos Coqueiros	jul/06
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	1902.2	22	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	1906.2	23	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	1912.2	22	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	1939.1	22	Costa dos Coqueiros	mar/05
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	1997.2	28	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2005.3	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2024.2	28	Costa dos Coqueiros	jan/97

<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2102.2	25	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2115.3	32	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2117.4	25	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2170.4	22	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2171.8	25	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2172.8	22	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2176.1	26	Costa dos Coqueiros	jul/06
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2178.3	26	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2181.4	25	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2183.1	23	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2238.8	22	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2240.4	27	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2243.1	37	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2265.8	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2272.10	23	Costa dos Coqueiros	jul/05
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2274.6	32	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2275.1	22	Costa dos Coqueiros	jan/07
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2291.11	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2292.16	27	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2329.9	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2334.2	22	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2336.3	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2341.3	26	Costa dos Coqueiros	mar/05
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2342.1	22	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2349.2	37	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2356.1	23	Costa dos Coqueiros	jul/06
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2381.13	28	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2386.8	23	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2447.1	23	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2514.2	35	Costa do Dendé (Baía de Camamu)	ago/04
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2526.3	23	Costa dos Coqueiros	fev/02
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2530.1	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2704.2	23	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2827.3	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2828.1	23	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2876.7	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2990.1	25	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2992.5	25	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2993.9	22	Costa dos Coqueiros	mar/03
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2994.6	27	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2996.6	21	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	2997.5	23	Costa dos Coqueiros	jul/09

<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	3000.9	26	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	3002.11	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	3033.6	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	3038.3	21	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	3184.2	27	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	3186.5	22	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	3188.2	23	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	3418.5	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	3438.13	26	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	389.1	23	Costa dos Coqueiros	set/96
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	16	25	Costa dos Coqueiros	ago/95
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	54	23	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	60	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	409	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	410	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	412	23	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	413	25	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	414	25	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	411.1	25	Costa do Dendê	dez/06
<i>Ammatophora arenacea</i>	UFBA	415.1	25	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Antropora minor</i>	UFBA	367.3	15	Baía de Todos os Santos (Salvador)	abr/12
<i>Antropora minor</i>	UFBA	371.2	25	Baía de Todos os Santos (Salvador)	mar/12
<i>Antropora minor</i>	UFBA	376.5	50	Costa dos Coqueiros	abr/12
<i>Antropora minor</i>	USNM	8536	49	Costa dos Coqueiros	1877
<i>Antropora minor</i>	USNM	347	47	Baía de Todos os Santos	1877
<i>Antropora</i> sp. nov.	UFBA	1263	48	Baía de Todos os Santos	abr/12
<i>Antropora</i> sp. nov.	UFBA	241.1	48	Baía de Todos os Santos	abr/97
<i>Antropora</i> sp. nov.	UFBA	2990.8	25	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Antropora</i> sp. nov.	UFBA	3299.2	10	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Antropora</i> sp. nov.	UFBA	3389.9	15	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Antropora</i> sp. nov.	UFBA	2847.2	25	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Antropora</i> sp. nov.	UFBA	3036.7	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Antropora typica</i>	UFBA	1492	10	Baía de Todos os Santos	out/97
<i>Antropora typica</i>	UFBA	3027.1	12	Costa do Dendê	ago/04
<i>Antropora typica</i>	USNM	8540	49	Costa dos Coqueiros	1877
<i>Antropora typica</i>	USNM	347	47	Baía de Todos os Santos	1877
<i>Antropora typica</i>	UFBA	408	31	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Antropora typica</i>	UFBA	398.2	12	Costa das Baleias	ago/04
<i>Antropora typica</i>	UFBA	400.2	50	Costa das Baleias	ago/04
<i>Aplousina errans</i>	USNM	8537	49	Costa dos Coqueiros	1877
<i>Aplousina errans</i>	USNM	347	47	Baía de Todos os Santos	1877
<i>Arbocuspis bellula</i>	UFBA	3357	0	Baía de Todos os Santos	out/12

<i>Arbocuspis bellula</i>	UFBA	3358	0	Costa do Descobrimento	jul/03
<i>Arbocuspis bellula</i>	UFBA	3359	22	Costa do Descobrimento	jul/03
<i>Arbocuspis bellula</i>	UFBA	2386.12	23	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Arbocuspis bellula</i>	UFBA	289	23	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Arbocuspis bicornis</i>	UFBA	3354	0	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Arbocuspis bicornis</i>	UFBA	3355	0	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Arbocuspis bicornis</i>	UFBA	3356	21	Costa do Descobrimento	jul/03
<i>Arbocuspis bicornis</i>	UFBA	3427	22	Costa do Descobrimento	jul/03
<i>Arbopercula bengalensis</i>	UFBA	1675	2-19	Baía de Todos os Santos (Baía de Iguape)	jan/97
<i>Arbopercula bengalensis</i>	UFBA	2867	2-19	Baía de Todos os Santos (Baía de Iguape)	jan/97
<i>Arthropoma</i> sp. nov.	UFBA	1427	10-20	Baía de Todos os Santos	2017
<i>Arthropoma</i> sp. nov.	UFBA	1404.5	10-20	Baía de Todos os Santos	2017
<i>Arthropoma</i> sp. nov.	UFBA	3345	10-20	Baía de Todos os Santos	2017
<i>Beania americana</i>	UFBA	2998.6	0	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Beania americana</i>	UFBA	2610	0	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Beania americana</i>	UFBA	3024	0	Costa dos Coqueiros	ago/04
<i>Beania americana</i>	UFBA	2286.5	23	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Beania americana</i>	UFBA	2287.4	23	Baía de Todos os Santos	jun/08
<i>Beania americana</i>	UFBA	2324.2	23	Baía de Todos os Santos	mar/02
<i>Beania americana</i>	UFBA	2332.4	26	Costa do Dendê	fev/08
<i>Beania americana</i>	UFBA	2997.10	23	Costa do Dendê	jul/09
<i>Beania americana</i>	UFBA	3000.14	26	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Beania americana</i>	UFBA	3002.3	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Beania americana</i>	UFBA	3438.9	26	Costa das Baleias	fev/07
<i>Beania americana</i>	UFBA	3439.3	23	Costa das Baleias	fev/07
<i>Beania americana</i>	UFBA	286	23	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Beania americana</i>	UFBA	219.1	27	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Beania americana</i>	UFBA	343.1	35	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	mar/96
<i>Beania australis</i>	UFBA	1866.2	34	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	mar/96
<i>Beania australis</i>	UFBA	2386.6	0	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Beania australis</i>	UFBA	2390.4	0	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Beania australis</i>	UFBA	116.1	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Beania correiae</i>	UFBA	3432	0	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Beania correiae</i>	UFBA	3214	0	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Beania correiae</i>	UFBA	2991.6	26	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Beania correiae</i>	UFBA	285	25	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Beania correiae</i>	UFBA	259.1	26	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Beania correiae</i>	UFBA	267	0	Costa dos Coqueiros	abr/05
<i>Beania correiae</i>	UFBA	1819.2	24	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Beania correiae</i>	UFBA	2993.3	22	Costa dos Coqueiros	mar/03
<i>Beania correiae</i>	UFBA	3394.9	26	Costa dos Coqueiros	jul/06
<i>Biflustra arborescens</i>	UFBA	1674.1	26	Costa dos Coqueiros	jan/97

<i>Biflustra arborescens</i>	UFBA	256	23	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Biflustra arborescens</i>	UFBA	3069	26	Costa dos Coqueiros	fev/98
<i>Biflustra arborescens</i>	UFBA	3195	25	Costa do Dendê	abr/98
<i>Biflustra arborescens</i>	UFBA	3204	30	Costa do Dendê	fev/98
<i>Biflustra arborescens</i>	UFBA	3391.3	27	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Biflustra arborescens</i>	UFBA	243	22	Baía de Todos os Santos	abr/97
<i>Biflustra arborescens</i>	UFBA	260	23	Costa das Baleias	1992/1993
<i>Biflustra arborescens</i>	UFBA	272	0	Baía de Todos os Santos	mai/97
<i>Biflustra arborescens</i>	UFBA	1678	0	Baía de Todos os Santos (Baía de Iguape)	jan/97
<i>Biflustra arborescens</i>	UFBA	1681	23	Baía de Todos os Santos (Baía de Iguape)	jan/97
<i>Biflustra arborescens</i>	UFBA	68.1	0	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Biflustra arborescens</i>	UFBA	90.1	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Biflustra arborescens</i>	UFBA	1258	0	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Biflustra arborescens</i>	UFBA	2876.8	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Biflustra arborescens</i>	UFBA	1160	0	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Biflustra arborescens</i>	UFBA	2542.3	0	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Biflustra grandicella</i>	UFBA	1682	22	Baía de Todos os Santos	abr/97
<i>Biflustra grandicella</i>	UFBA	1688	48	Baía de Todos os Santos	2015
<i>Biflustra grandicella</i>	UFBA	1691	23	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Biflustra grandicella</i>	UFBA	1694	22	Baía de Todos os Santos	mai/97
<i>Biflustra irregulata</i>	UFBA	836	20	Baía de Todos os Santos	jun/05
<i>Biflustra irregulata</i>	UFBA	1256	28	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Biflustra marcusii</i>	UFBA	1162	0	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Biflustra marcusii</i>	UFBA	1685	30	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Biflustra marcusii</i>	UFBA	256	23	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Biflustra marcusii</i>	UFBA	1246	22	Costa do Dendê	fev/08
<i>Biflustra marcusii</i>	UFBA	1685	23	Costa do Descobrimento	jul/03
<i>Biflustra marcusii</i>	UFBA	2031	33	Baía de Todos os Santos	abr/97
<i>Biflustra okadae</i>	UFBA	1680	0	Baía de Todos os Santos	2015
<i>Biflustra okadae</i>	UFBA	1683	23	Costa dos Coqueiros	jul/96
<i>Biflustra paulensis</i>	UFBA	1679	22	Baía de Todos os Santos (Baía de Iguape)	jan/97
<i>Biflustra paulensis</i>	UFBA	1689	18	Baía de Todos os Santos (Baía de Iguape)	jan/97
<i>Biflustra paulensis</i>	UFBA	1690	16	Baía de Todos os Santos (Baía de Iguape)	jan/97
<i>Biflustra paulensis</i>	UFBA	1692	22	Baía de Todos os Santos	mai/97
<i>Biflustra paulensis</i>	UFBA	1693	18	Baía de Todos os Santos (Baía de Iguape)	jan/97
<i>Biflustra paulensis</i>	UFBA	2033	18	Baía de Todos os Santos (Baía de Iguape)	jan/97
<i>Biflustra paulensis</i>	UFBA	1687.1	0	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Biflustra paulensis</i>	USNM	8544	49	Costa dos Coqueiros	1877
<i>Biflustra paulensis</i>	USNM	347	47	Baía de Todos os Santos	1877
<i>Biflustra tenuis</i>	UFBA	3396.2	22	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Biflustra tenuis</i>	UFBA	2034	28	Baía de Todos os Santos (Baía de Iguape)	jan/97
<i>Biflustra tenuis</i>	UFBA	2036	0	Baía de Todos os Santos	abr/97

<i>Biflustra tenuis</i>	UFBA	2037	0	Baía de Todos os Santos	abr/97
<i>Biflustra tenuis</i>	UFBA	1426.3	23	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Biflustra tenuis</i>	UFBA	2032.1	23	Baía de Todos os Santos	abr/97
<i>Biflustra tenuis</i>	UFBA	2035.1	23	Baía de Todos os Santos	1997
<i>Bryopesanser pesanseris</i>	UFBA	1513	18-20	Costa do Dendê	fev/08
<i>Bryopesanser pesanseris</i>	UFBA	2272.8	23	Costa dos Coqueiros	jul/05
<i>Bryopesanser pesanseris</i>	UFBA	2381.15	28	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Bryopesanser pesanseris</i>	UFBA	2401.7	18-20	Costa do Dendê	fev/08
<i>Bryopesanser pesanseris</i>	UFBA	3035.2	31	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Bryopesanser pesanseris</i>	UFBA	1460.2	23	Costa das Baleias	1992/1993
<i>Bryopesanser pesanseris</i>	USNM	8572	49	Costa dos Coqueiros	1877
<i>Bryopesanser pesanseris</i>	USNM	347	47	Baía de Todos os Santos	1877
<i>Bryopesanser pesanseris</i>	UFBA	225.1	23	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	fev/08
<i>Bugula gnoma</i>	UFBA	3360	0	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Bugula gnoma</i>	UFBA	3429	20	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Bugula gnoma</i>	UFBA	1575	23	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Bugula gnoma</i>	UFBA	221	23	Baía de Todos os Santos	fev/08
<i>Bugula gnoma</i>	UFBA	258	26	Costa dos Coqueiros	jul/00
<i>Bugula gnoma</i>	UFBA	230.3	23	Baía de Todos os Santos	fev/08
<i>Bugula gnoma</i>	UFBA	1780	23	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Bugula gnoma</i>	UFBA	2846	26	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Bugula gnoma</i>	UFBA	1777.1	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Bugula gnoma</i>	UFBA	2269.12	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Bugula gnoma</i>	UFBA	2290.3	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Bugula gnoma</i>	UFBA	2291.15	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Bugula gnoma</i>	UFBA	2292.12	27	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Bugula gnoma</i>	UFBA	3000.13	26	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Bugula gnoma</i>	UFBA	3033.7	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Bugula neritina</i>	UFBA	2983	0	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Bugula neritina</i>	UFBA	419	26	Baía de Todos os Santos	mar/97
<i>Bugula neritina</i>	UFBA	1763	24	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Bugula neritina</i>	UFBA	1764	24	Baía de Todos os Santos	1996
<i>Bugula neritina</i>	UFBA	1765	25	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Bugula neritina</i>	UFBA	1770	24	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Bugula neritina</i>	UFBA	1771	26	Costa dos Coqueiros	1996
<i>Bugula neritina</i>	UFBA	1774	34	Costa dos Coqueiros	1996
<i>Bugulina stolonifera</i>	UFBA	1775	20	Costa dos Coqueiros	1998
<i>Bugulina stolonifera</i>	UFBA	1783	20	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Bugulina stolonifera</i>	UFBA	1784	20	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Bugulina stolonifera</i>	UFBA	1786	0	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Bugulina stolonifera</i>	UFBA	2865	0	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Bugulina stolonifera</i>	UFBA	1781.2	9	Baía de Todos os Santos	mar/02

<i>Bugulina stolonifera</i>	UFBA	2269.8	9	Baía de Todos os Santos	fev/08
<i>Bugulina stolonifera</i>	UFBA	3430	20	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Caberea boryi</i>	UFBA	2676	0	Baía de Todos os Santos	jun/05
<i>Caberea boryi</i>	UFBA	2198	12	Baía de Todos os Santos	jan/97
<i>Caberea boryi</i>	UFBA	2462	20	Costa dos Coqueiros	1997
<i>Calyptoocacia conuma</i>	UFBA	552	12	Costa dos Coqueiros	jul/06
<i>Calyptoocacia conuma</i>	UFBA	534	48	Costa do Dendê	jun/05
<i>Calyptoocacia conuma</i>	UFBA	537	10	Costa do Descobrimento	jul/03
<i>Calyptoocacia conuma</i>	UFBA	538	12	Costa das Baleias	1992/1993
<i>Calyptoocacia conuma</i>	UFBA	540	50	Costa do Cacau	fev/08
<i>Calyptoocacia conuma</i>	UFBA	1183	18-20	Costa do Dendê	out/02
<i>Calyptotheca lacrimosa</i>	UFBA	360	35	Baía de Todos os Santos (Salvador)	mar/12
<i>Calyptotheca lacrimosa</i>	UFBA	2611	22	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Calyptotheca lacrimosa</i>	UFBA	104.2	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Calyptotheca lacrimosa</i>	UFBA	2287.12	23	Costa dos Coqueiros	jun/08
<i>Calyptotheca ornatissima</i>	UFBA	2291.10	14	Costa dos Coqueiros	jun/05
<i>Calyptotheca ornatissima</i>	UFBA	2679.2	20	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Calyptotheca ornatissima</i>	UFBA	605	18-20	Costa do Dendê	out/02
<i>Calyptotheca ornatissima</i>	UFBA	3380	50	Costa dos Coqueiros	jun/05
<i>Calyptotheca ornatissima</i>	UFBA	3381	16	Costa do Dendê	jun/05
<i>Calyptotheca ornatissima</i>	UFBA	3382	14	Costa do Dendê	jul/97
<i>Calyptotheca ornatissima</i>	UFBA	1178	18-20	Costa do Dendê	ago/04
<i>Calyptotheca ornatissima</i>	UFBA	1179	18-20	Costa do Dendê	ago/04
<i>Calyptotheca ornatissima</i>	USNM	8554	49	Costa dos Coqueiros	1877
<i>Calyptotheca ornatissima</i>	USNM	347	49	Costa dos Coqueiros	1877
<i>Calyptotheca ornatissima</i>	USNM	347	47	Baía de Todos os Santos	1877
<i>Calyptotheca</i> sp. nov.	UFBA	3108	20	Costa do Dendê	out/02
<i>Calyptotheca</i> sp. nov.	UFBA	3111	22	Costa do Dendê	out/02
<i>Calyptotheca</i> sp. nov.	UFBA	3143	50	Costa das Baleias	1992/1993
<i>Calyptotheca triangulata</i>	UFBA	1696	20	Costa dos Coqueiros	fev/16
<i>Calyptotheca triangulata</i>	UFBA	3354	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	jun/05
<i>Calyptotheca triangulata</i>	UFBA	3355	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	jun/05
<i>Calyptotheca triangulata</i>	UFBA	3356	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	jun/05
<i>Calyptotheca triangulata</i>	UFBA	2557.2	23	Costa dos Coqueiros	jul/06
<i>Calyptotheca triangulata</i>	UFBA	2561.2	23	Costa dos Coqueiros	jul/06
<i>Calyptotheca triangulata</i>	UFBA	3066	23	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Calyptotheca triangulata</i>	UFBA	344	35	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	mar/96
<i>Calyptotheca triangulata</i>	UFBA	1171	20	Baía de Todos os Santos	jun/05
<i>Calyptotheca triangulata</i>	UFBA	402.1	18	Baía de Todos os Santos	jun/05
<i>Calyptotheca triangulata</i>	UFBA	2152	-	Baía de Todos os Santos	jun/05
<i>Calyptotheca trimorpha</i>	USNM	8555	49	Costa dos Coqueiros	1877
<i>Calyptotheca trimorpha</i>	USNM	347	47	Baía de Todos os Santos	1877

<i>Calypsotheca violacea</i>	USNM	8556	49	Costa dos Coqueiros	1877
<i>Calypsotheca violacea</i>	USNM	347	47	Baía de Todos os Santos	1877
<i>Canda alsia</i>	UFBA	1192	18-20	Costa do Dendê	fev/08
<i>Canda alsia</i>	UFBA	1315	68	Costa das Baleias	1992/1993
<i>Canda alsia</i>	UFBA	1497	23	Costa das Baleias	1992/1993
<i>Canda alsia</i>	UFBA	1529	23	Costa das Baleias	1992/1993
<i>Canda alsia</i>	UFBA	2361	18-20	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Canda alsia</i>	UFBA	2362	18-20	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Canda alsia</i>	UFBA	2363	18-20	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Canda alsia</i>	UFBA	2364	18-20	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Canda alsia</i>	UFBA	2365	18-20	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Canda alsia</i>	UFBA	2366	18-20	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Canda alsia</i>	UFBA	2367	18-20	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Canda alsia</i>	UFBA	1392.8	23	Costa das Baleias	1992/1993
<i>Canda alsia</i>	UFBA	1412.7	23	Costa das Baleias	1992/1993
<i>Canda alsia</i>	UFBA	1419.3	23	Costa das Baleias	1992/1993
<i>Canda alsia</i>	UFBA	1834	18-20	Costa do Dendê	fev/08
<i>Canda alsia</i>	UFBA	1835	18-20	Costa do Dendê	fev/08
<i>Canda alsia</i>	UFBA	1836	18-20	Costa do Dendê	fev/08
<i>Canda alsia</i>	UFBA	3247	50	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Canda alsia</i>	UFBA	406	12	Costa do Cacau	fev/08
<i>Canda alsia</i>	UFBA	1131	35	Costa das Baleias	1992/1993
<i>Canda alsia</i>	UFBA	263.1	28	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Canda alsia</i>	UFBA	306	68	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	mar/96
<i>Catenicella contei</i>	UFBA	2206.1	23	Costa dos Coqueiros	mai/93
<i>Catenicella contei</i>	UFBA	273	26	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Catenicella contei</i>	UFBA	279	48	Baía de Todos os Santos	abr/97
<i>Catenicella contei</i>	UFBA	1436	35	Costa das Baleias	1992/1993
<i>Catenicella contei</i>	UFBA	1441	35	Costa das Baleias	1992/1993
<i>Catenicella contei</i>	UFBA	1452	35	Costa das Baleias	1992/1993
<i>Catenicella contei</i>	UFBA	1936	30	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Catenicella contei</i>	UFBA	1938	30	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Catenicella contei</i>	UFBA	1940	23	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Catenicella contei</i>	UFBA	1941	30	Costa dos Coqueiros	mar/96
<i>Catenicella contei</i>	UFBA	2163	-	Baía de Todos os Santos	abr/97
<i>Catenicella contei</i>	UFBA	2678	24	Costa dos Coqueiros	set/93
<i>Catenicella contei</i>	UFBA	3237	25	Costa dos Coqueiros	fev/98
<i>Catenicella contei</i>	UFBA	1413.8	35	Costa das Baleias	1992/1993
<i>Catenicella contei</i>	UFBA	1414.1	35	Costa das Baleias	1992/1993
<i>Catenicella contei</i>	UFBA	1937.1	30	Costa dos Coqueiros	jan/97

<i>Catenicella uberrima</i>	UFBA	2296.2	37	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Catenicella uberrima</i>	UFBA	2386.9	23	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Catenicella uberrima</i>	UFBA	2542.8	-	Baía de Todos os Santos	abr/97
<i>Catenicella uberrima</i>	UFBA	2573.1	-	Baía de Todos os Santos	jan/03
<i>Catenicella uberrima</i>	UFBA	2837.2	23	Costa dos Coqueiros	jul/00
<i>Catenicella uberrima</i>	UFBA	2951.2	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Catenicella uberrima</i>	UFBA	3403.3	23	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Catenicella uberrima</i>	UFBA	2617	45	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Catenicella uberrima</i>	UFBA	2269.3	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Caulibugula armata</i>	UFBA	1766	24	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Caulibugula armata</i>	UFBA	1772	26	Costa dos Coqueiros	1996
<i>Caulibugula armata</i>	UFBA	1773	24	Costa dos Coqueiros	1996
<i>Caulibugula armata</i>	UFBA	1782	25	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Caulibugula armata</i>	UFBA	1785	24	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Caulibugula armata</i>	UFBA	2205	28	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Caulibugula armata</i>	UFBA	1787.1	21	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Caulibugula armata</i>	UFBA	1860.4	23	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Caulibugula armata</i>	UFBA	2291.3	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Caulibugula armata</i>	UFBA	2386.14	23	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Caulibugula armata</i>	UFBA	2389.5	23	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Caulibugula armata</i>	UFBA	2390.5	23	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Caulibugula armata</i>	UFBA	2490.1	23	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Caulibugula armata</i>	UFBA	2542.4	-	Baía de Todos os Santos	abr/97
<i>Caulibugula armata</i>	UFBA	2839.3	26	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Caulibugula armata</i>	UFBA	3008.1	23	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Caulibugula armata</i>	UFBA	3187.3	30	Costa do Dendê	ago/04
<i>Caulibugula armata</i>	UFBA	2078.8	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Caulibugula dendrograpta</i>	UFBA	2318	26	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Caulibugula dendrograpta</i>	UFBA	1779	26	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Caulibugula dendrograpta</i>	UFBA	1713.2	23	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Caulibugula dendrograpta</i>	UFBA	1768.1	25	Costa dos Coqueiros	1997
<i>Caulibugula dendrograpta</i>	UFBA	2336.6	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Caulibugula dendrograpta</i>	UFBA	2997.9	23	Costa dos Coqueiros	jul/09
<i>Caulibugula dendrograpta</i>	UFBA	3033.1	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Caulibugula dendrograpta</i>	UFBA	1776	25	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Caulibugula dendrograpta</i>	UFBA	280	48	Baía de Todos os Santos	abr/97
<i>Cellaria oraneae</i>	UFBA	2256	15	Baía de Todos os Santos	abr/97
<i>Cellaria oraneae</i>	UFBA	2257	22	Baía de Todos os Santos	abr/97
<i>Cellaria oraneae</i>	UFBA	2258	18	Baía de Todos os Santos	abr/97
<i>Cellaria oraneae</i>	UFBA	2259	26	Baía de Todos os Santos	abr/97
<i>Cellaria oraneae</i>	UFBA	2260	28	Baía de Todos os Santos	abr/97
<i>Cellaria oraneae</i>	UFBA	2261	16	Baía de Todos os Santos	abr/97

<i>Cellaria oraneae</i>	UFBA	2262	16	Baía de Todos os Santos	abr/97
<i>Cellaria oraneae</i>	UFBA	2263	16	Baía de Todos os Santos	abr/97
<i>Cellaria oraneae</i>	UFBA	2264	36	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	-
<i>Cellaria oraneae</i>	UFBA	1325	41	Costa das Baleias	1992/1993
<i>Cellaria oraneae</i>	UFBA	1446	41	Costa das Baleias	1992/1993
<i>Cellaria oraneae</i>	UFBA	1473	41	Costa das Baleias	1992/1993
<i>Cellaria oraneae</i>	UFBA	2150	36	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	abr/97
<i>Cellaria oraneae</i>	UFBA	2629	30	Costa dos Coqueiros	fev/99
<i>Cellaria oraneae</i>	UFBA	3026	30	Costa dos Coqueiros	-
<i>Cellaria oraneae</i>	UFBA	1412.9	41	Costa das Baleias	1992/1993
<i>Cellaria oraneae</i>	UFBA	1419.1	41	Costa das Baleias	1992/1993
<i>Cellaria oraneae</i>	UFBA	1423.2	41	Costa das Baleias	1992/1993
<i>Cellaria oraneae</i>	UFBA	1789.2	18-20	Costa do Dendê	ago/04
<i>Cellaria oraneae</i>	UFBA	2840.3	18-20	Costa do Dendê	dez/06
<i>Celleporaria atlantica</i>	UFBA	281	48	Baía de Todos os Santos	abr/97
<i>Celleporaria atlantica</i>	UFBA	1138	68	Costa das Baleias	1992/1993
<i>Celleporaria atlantica</i>	UFBA	1180	18-20	Costa do Dendê	ago/04
<i>Celleporaria atlantica</i>	UFBA	1181	18-20	Costa do Dendê	ago/04
<i>Celleporaria atlantica</i>	UFBA	1188	18-20	Costa do Dendê	ago/04
<i>Celleporaria atlantica</i>	UFBA	1486	68	Costa das Baleias	1992/1993
<i>Celleporaria atlantica</i>	UFBA	1541	68	Costa das Baleias	1992/1993
<i>Celleporaria atlantica</i>	UFBA	1542	12	Costa do Cacau	fev/08
<i>Celleporaria atlantica</i>	UFBA	1543	12	Costa do Cacau	fev/08
<i>Celleporaria atlantica</i>	UFBA	1544	12	Costa do Cacau	fev/08
<i>Celleporaria atlantica</i>	UFBA	1545	68	Costa das Baleias	1992/1993
<i>Celleporaria atlantica</i>	UFBA	1546	36	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	abr/97
<i>Celleporaria atlantica</i>	UFBA	1547	36	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	abr/97
<i>Celleporaria atlantica</i>	UFBA	1548	68	Costa das Baleias	1992/1993
<i>Celleporaria atlantica</i>	UFBA	1549	68	Costa das Baleias	1992/1993
<i>Celleporaria atlantica</i>	UFBA	1550	68	Costa das Baleias	1992/1993
<i>Celleporaria atlantica</i>	UFBA	2186	25	Costa dos Coqueiros	1997
<i>Celleporaria atlantica</i>	UFBA	2389	18-20	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Celleporaria atlantica</i>	UFBA	2390	18-20	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Celleporaria atlantica</i>	UFBA	2391	18-20	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Celleporaria atlantica</i>	UFBA	2392	18-20	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Celleporaria atlantica</i>	UFBA	1394.3	68	Costa das Baleias	1992/1993
<i>Celleporaria atlantica</i>	UFBA	1395.3	68	Costa das Baleias	1992/1993
<i>Celleporaria atlantica</i>	UFBA	1411.5	68	Costa das Baleias	1992/1993
<i>Celleporaria atlantica</i>	UFBA	1416.3	68	Costa das Baleias	1992/1993

<i>Celleporaria atlantica</i>	UFBA	1463.1	68	Costa das Baleias	1992/1993
<i>Celleporaria atlantica</i>	UFBA	1961.1	26	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Celleporaria atlantica</i>	UFBA	2951.1	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Celleporaria atlantica</i>	UFBA	2633	22	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Celleporaria atlantica</i>	UFBA	1418.4	68	Costa das Baleias	1992/1993
<i>Celleporaria atlantica</i>	UFBA	1420.1	68	Costa das Baleias	1992/1993
<i>Celleporaria atlantica</i>	UFBA	1422.2	68	Costa das Baleias	1992/1993
<i>Celleporaria carvalhoi</i>	UFBA	1586	3-8	Baía de Todos os Santos	jan/03
<i>Celleporaria carvalhoi</i>	UFBA	1610	18-20	Costa do Dendê	ago/04
<i>Celleporaria carvalhoi</i>	UFBA	1611	18-20	Costa do Dendê	ago/04
<i>Celleporaria carvalhoi</i>	UFBA	1945	18-20	Costa do Dendê	out/12
<i>Celleporaria carvalhoi</i>	UFBA	1947	30	Costa dos Coqueiros	mar/96
<i>Celleporaria carvalhoi</i>	UFBA	1948	30	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Celleporaria carvalhoi</i>	UFBA	1949	25	Costa dos Coqueiros	ago/95
<i>Celleporaria carvalhoi</i>	UFBA	1950	30	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Celleporaria carvalhoi</i>	UFBA	1951	30	Costa dos Coqueiros	mar/96
<i>Celleporaria carvalhoi</i>	UFBA	1952	30	Costa dos Coqueiros	set/96
<i>Celleporaria carvalhoi</i>	UFBA	1958	30	Costa dos Coqueiros	set/96
<i>Celleporaria carvalhoi</i>	UFBA	1962	30	Costa dos Coqueiros	set/96
<i>Celleporaria carvalhoi</i>	UFBA	2527	25	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Celleporaria carvalhoi</i>	UFBA	2616	23	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Celleporaria carvalhoi</i>	UFBA	2618	22	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Celleporaria carvalhoi</i>	UFBA	2624	31	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Celleporaria carvalhoi</i>	UFBA	3172	50	Costa dos Coqueiros	jul/03
<i>Celleporaria carvalhoi</i>	UFBA	1405.2	68	Costa das Baleias	1992/1993
<i>Celleporaria carvalhoi</i>	UFBA	250	48	Baía de Todos os Santos	abr/97
<i>Celleporaria carvalhoi</i>	UFBA	275	-	Baía de Todos os Santos	mai/97
<i>Celleporaria carvalhoi</i>	UFBA	2393	18-20	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Celleporaria carvalhoi</i>	UFBA	2381.8	28	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Celleporaria mordax</i>	UFBA	389.2	23	Costa dos Coqueiros	set/96
<i>Celleporaria mordax</i>	UFBA	3321	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	jan/03
<i>Celleporaria mordax</i>	UFBA	3322	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	jan/03
<i>Celleporaria sp. nov.</i>	UFBA	374	35	Baía de Todos os Santos (Salvador)	jan/03
<i>Celleporaria sp. nov.</i>	UFBA	1323	35	Baía de Todos os Santos (Salvador)	jan/03
<i>Celleporaria sp. nov.</i>	UFBA	1431	68	Costa das Baleias	1992/1993
<i>Celleporaria sp. nov.</i>	UFBA	1461	68	Costa das Baleias	1992/1993
<i>Celleporaria sp. nov.</i>	UFBA	1480	68	Costa das Baleias	1992/1993
<i>Celleporaria sp. nov.</i>	UFBA	1505	35	Baía de Todos os Santos (Salvador)	jan/03
<i>Celleporaria sp. nov.</i>	UFBA	1879	35	Baía de Todos os Santos (Salvador)	jan/03
<i>Celleporaria sp. nov.</i>	UFBA	1963	68	Costa das Baleias	mar/94
<i>Celleporaria sp. nov.</i>	UFBA	2185	35	Baía de Todos os Santos (Salvador)	jan/03

<i>Celleporaria</i> sp. nov.	UFBA	2395	68	Costa das Baleias	jul/04
<i>Celleporaria</i> sp. nov.	UFBA	2398	31	Baía de Todos os Santos (Salvador)	jul/04
<i>Celleporaria</i> sp. nov.	UFBA	2585	26	Costa das Baleias	1992/1993
<i>Celleporaria</i> sp. nov.	UFBA	2821	31	Baía de Todos os Santos (Salvador)	dez/06
<i>Celleporaria</i> sp. nov.	UFBA	2872	26	Costa das Baleias	dez/06
<i>Celleporaria</i> sp. nov.	UFBA	3101	50	Baía de Todos os Santos (Salvador)	jul/03
<i>Celleporaria</i> sp. nov.	UFBA	3152	26	Costa das Baleias	jul/03
<i>Celleporaria</i> sp. nov.	UFBA	3157	31	Baía de Todos os Santos (Salvador)	jan/03
<i>Celleporaria</i> sp. nov.	UFBA	3164	26	Costa das Baleias	jan/04
<i>Celleporaria</i> sp. nov.	UFBA	1392.2	31	Baía de Todos os Santos (Salvador)	jan/03
<i>Celleporaria</i> sp. nov.	UFBA	1393.1	26	Costa das Baleias	1992/1993
<i>Celleporaria</i> sp. nov.	UFBA	1397.2	26	Costa das Baleias	1992/1993
<i>Celleporaria</i> sp. nov.	UFBA	1401.1	26	Costa das Baleias	1992/1993
<i>Celleporaria</i> sp. nov.	UFBA	1403.1	26	Costa das Baleias	1992/1993
<i>Celleporaria</i> sp. nov.	UFBA	1408.3	26	Costa das Baleias	1992/1993
<i>Celleporaria</i> sp. nov.	UFBA	1411.6	26	Costa das Baleias	1992/1993
<i>Celleporaria</i> sp. nov.	UFBA	1413.2	26	Costa das Baleias	1992/1993
<i>Celleporaria</i> sp. nov.	UFBA	1420.2	24	Costa das Baleias	1992/1993
<i>Celleporaria</i> sp. nov.	UFBA	1426.4	24	Costa das Baleias	1992/1993
<i>Celleporaria</i> sp. nov.	UFBA	1463.4	24	Costa das Baleias	1992/1993
<i>Celleporaria</i> sp. nov.	UFBA	1896.2	-	Baía de Todos os Santos	mai/97
<i>Celleporaria</i> sp. nov.	UFBA	1985.6	26	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Celleporina joannae</i>	UFBA	2614	25	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Celleporina joannae</i>	UFBA	2078.6	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Celleporina joannae</i>	UFBA	2241.6	23	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Celleporina joannae</i>	UFBA	2358.3	25	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Celleporina joannae</i>	UFBA	3037.6	22	Costa dos Coqueiros	mar/05
<i>Celleporina joannae</i>	UFBA	3389.2	25	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Celleporina joannae</i>	UFBA	3397.4	27	Costa dos Coqueiros	jul/05
<i>Celleporina joannae</i>	UFBA	2396	18-20	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Celleporina joannae</i>	UFBA	2397	18-20	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Celleporina joannae</i>	UFBA	3241	23	Costa dos Coqueiros	fev/03
<i>Celleporina joannae</i>	UFBA	2990.4	25	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Celleporina joannae</i>	UFBA	3003.2	25	Costa dos Coqueiros	mai/02
<i>Celleporina joannae</i>	UFBA	2393	22	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Celleporina joannae</i>	UFBA	244	-	Baía de Todos os Santos	abr/04
<i>Celleporina joannae</i>	UFBA	389.3	23	Costa dos Coqueiros	set/96
<i>Conopeum loki</i>	UFBA	1883	18	Baía de Todos os Santos (Baía de Iguape)	jan/97
<i>Conopeum loki</i>	UFBA	274	18	Baía de Todos os Santos (Baía de Iguape)	jan/97
<i>Copidozoum tenuirostre</i>	UFBA	276	48	Baía de Todos os Santos	abr/97

<i>Copidozoum tenuirostre</i>	UFBA	291	30	Costa do Dendê	ago/04
<i>Copidozoum tenuirostre</i>	UFBA	1493	23	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Copidozoum tenuirostre</i>	UFBA	270.1	28	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Cradoscupocellaria calypso</i>	UFBA	2473	24	Costa dos Coqueiros	1997
<i>Cradoscupocellaria calypso</i>	UFBA	2188	30	Costa dos Coqueiros	1997
<i>Cradoscupocellaria calypso</i>	UFBA	2543	28	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Cradoscupocellaria calypso</i>	UFBA	2238.13	22	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Cradoscupocellaria calypso</i>	UFBA	2265.7	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Cradoscupocellaria calypso</i>	UFBA	2292.13	27	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Cradoscupocellaria calypso</i>	UFBA	2994.3	27	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Cradoscupocellaria calypso</i>	UFBA	3000.12	26	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Cradoscupocellaria calypso</i>	UFBA	3440.1	27	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Cradoscupocellaria calypso</i>	UFBA	2496	25	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Cradoscupocellaria calypso</i>	UFBA	3232	25	Costa dos Coqueiros	abr/98
<i>Cradoscupocellaria calypso</i>	UFBA	1422.3	24	Costa das Baleias	1992/1993
<i>Cradoscupocellaria calypso</i>	UFBA	2381.14	28	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Cradoscupocellaria calypso</i>	UFBA	2828.11	23	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Cradoscupocellaria calypso</i>	UFBA	1840	23	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Cradoscupocellaria calypso</i>	UFBA	3192	24	Costa dos Coqueiros	abr/98
<i>Crepidacantha</i> sp. nov.1	UFBA	2898	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Crepidacantha</i> sp. nov.1	UFBA	2889.3	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Crepidacantha</i> sp. nov.2	UFBA	777	10	Baía de Todos os Santos	-
<i>Crepidacantha</i> sp. nov.2	UFBA	728	20	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Crepidacantha</i> sp. nov.2	UFBA	2808.1	22	Costa das Baleias	1992/1993
<i>Crepidacantha</i> sp. nov.2	UFBA	2836.3	26	Costa do Descobrimento	jul/03
<i>Crepidacantha</i> sp. nov.2	UFBA	2991.2	40	Costa do Cacau	fev/08
<i>Crepidacantha</i> sp. nov.2	UFBA	3034.4	39	Costa do Dendê	ago/04
<i>Cupuladria monotrema</i>	UFBA	1475	8	Costa das Baleias	1992/1993
<i>Cupuladria monotrema</i>	UFBA	1495	10	Baía de Todos os Santos	-
<i>Cupuladria monotrema</i>	UFBA	1737	20	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Cupuladria monotrema</i>	UFBA	1738	22	Costa das Baleias	1992/1993
<i>Cupuladria monotrema</i>	UFBA	2187	26	Costa do Descobrimento	jul/03
<i>Cupuladria monotrema</i>	UFBA	2405	40	Costa do Cacau	fev/08
<i>Cupuladria monotrema</i>	UFBA	1484.1	39	Costa do Dendê	ago/04
<i>Cupuladria monotrema</i>	UFBA	1494.1	10	Baía de Todos os Santos	-
<i>Cupuladria monotrema</i>	UFBA	2367.1	20	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Cupuladria monotrema</i>	UFBA	2404.2	22	Costa das Baleias	1992/1993
<i>Cupuladria monotrema</i>	UFBA	7	26	Costa do Descobrimento	jul/03
<i>Cupuladria monotrema</i>	UFBA	125	40	Costa do Cacau	fev/08
<i>Cupuladria monotrema</i>	UFBA	132	39	Costa do Dendê	ago/04
<i>Cupuladria monotrema</i>	UFBA	133	10	Baía de Todos os Santos	ago/04

<i>Cupuladria monotrema</i>	UFBA	162	8	Costa dos Coqueiros	jan/09
<i>Cupuladria monotrema</i>	UFBA	163	24	Costa das Baleias	abr/97
<i>Cupuladria monotrema</i>	UFBA	164	26	Costa do Descobrimento	abr/97
<i>Cupuladria monotrema</i>	UFBA	166	39	Costa do Cacau	abr/97
<i>Cupuladria monotrema</i>	UFBA	169	48	Costa do Dendê	abr/97
<i>Cupuladria monotrema</i>	UFBA	190	9	Costa do Descobrimento	ago/04
<i>Cupuladria monotrema</i>	UFBA	191	33	Costa do Cacau	ago/04
<i>Cupuladria monotrema</i>	UFBA	193	50	Costa do Dendê	ago/04
<i>Cupuladria monotrema</i>	UFBA	195	13	Baía de Todos os Santos	jan/09
<i>Cupuladria sp.</i>	UFBA	1410.2	50	Costa das Baleias	abr/97
<i>Cupuladria sp.</i>	UFBA	1411.2	29	Costa das Baleias	abr/97
<i>Cupuladria sp.</i>	UFBA	1424.1	29	Costa das Baleias	abr/97
<i>Cupuladria sp.</i>	UFBA	2365.1	25	Costa dos Coqueiros	jul/00
<i>Cupuladria sp.nov.</i>	UFBA	165	39	Costa dos Coqueiros	abr/97
<i>Cupuladria sp.nov.</i>	UFBA	167	8	Baía de Todos os Santos	-
<i>Cupuladria sp.nov.</i>	UFBA	168	20	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Cupuladria sp.nov.</i>	UFBA	170	22	Costa das Baleias	abr/97
<i>Cupuladria sp.nov.</i>	UFBA	189	26	Costa do Descobrimento	ago/04
<i>Cupuladria sp.nov.</i>	UFBA	192	40	Costa do Cacau	ago/04
<i>Cupuladria sp.nov.</i>	UFBA	194	39	Costa do Dendê	ago/04
<i>Cupuladria sp.nov.</i>	UFBA	196	8	Baía de Todos os Santos	jan/09
<i>Cupuladria sp.nov.</i>	UFBA	197	8	Baía de Todos os Santos	jan/09
<i>Cupuladria sp.nov.</i>	UFBA	198	8	Baía de Todos os Santos	jan/08
<i>Cupuladria sp.nov.</i>	UFBA	199	20	Costa dos Coqueiros	jan/08
<i>Cupuladria sp.nov.</i>	UFBA	130	8	Baía de Todos os Santos	jul/08
<i>Cupuladria sp.nov.</i>	UFBA	131	20	Costa dos Coqueiros	fev/03
<i>Cupuladria sp.nov.</i>	UFBA	129	8	Baía de Todos os Santos	jul/08
<i>Cupuladria sp.nov.</i>	UFBA	2533	20	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Cupuladria sp.nov.</i>	UFBA	2720	9	Costa do Dendê	ago/04
<i>Cupuladria sp.nov.</i>	UFBA	2842	50	Costa do Dendê	ago/04
<i>Cupuladria sp.nov.</i>	UFBA	2584.1	30	Costa do Dendê (Baía de Camamu)	ago/04
<i>Didymosella pluma</i>	UFBA	300	31	Costa do Dendê	1996
<i>Didymosella pluma</i>	UFBA	2344.2	35	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	1992
<i>Didymosella pluma</i>	UFBA	453.2	51	Costa das Baleias	1996
<i>Didymosella pluma</i>	UFBA	454.2	51	Costa das Baleias	1996
<i>Didymosella pluma</i>	UFBA	2749	51	Costa das Baleias	1992
<i>Discoporella salvadorensis</i>	UFBA	2479	22	Costa dos Coqueiros	mar/05
<i>Discoporella salvadorensis</i>	UFBA	2743	37	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Discoporella salvadorensis</i>	UFBA	2738.2	26	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Discoporella salvadorensis</i>	UFBA	3304	28	Costa dos Coqueiros	ago/95
<i>Discoporella salvadorensis</i>	UFBA	1484.2	24	Costa das Baleias	abr/97
<i>Discoporella salvadorensis</i>	UFBA	2239.4	50	Costa dos Coqueiros	jan/97

<i>Discoporella salvadorensis</i>	UFBA	2240.5	27	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Discoporella salvadorensis</i>	UFBA	2244.2	24	Costa dos Coqueiros	mar/96
<i>Discoporella salvadorensis</i>	UFBA	2245.1	25	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Discoporella salvadorensis</i>	UFBA	2883.2	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Discoporella salvadorensis</i>	UFBA	2884.4	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Discoporella salvadorensis</i>	UFBA	2885.2	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Discoporella salvadorensis</i>	UFBA	2886.4	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Discoporella salvadorensis</i>	UFBA	2887.3	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Discoporella salvadorensis</i>	UFBA	3128.4	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Discoporella salvadorensis</i>	UFBA	2292.18	27	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Discoporella salvadorensis</i>	UFBA	2613.1	30	Costa do Dendê (Baía de Camamu)	ago/04
<i>Discoporella salvadorensis</i>	UFBA	2577	30	Costa do Dendê	2004
<i>Discoporella salvadorensis</i>	UFBA	2	28	Costa dos Coqueiros	ago/95
<i>Discoporella salvadorensis</i>	UFBA	4	34	Costa dos Coqueiros	ago/95
<i>Discoporella salvadorensis</i>	UFBA	18	34	Costa dos Coqueiros	ago/95
<i>Discoporella salvadorensis</i>	UFBA	21	30	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Discoporella salvadorensis</i>	UFBA	22	25	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Discoporella salvadorensis</i>	UFBA	23	30	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Discoporella salvadorensis</i>	UFBA	248	48	Baía de Todos os Santos	abr/97
<i>Discoporella salvadorensis</i>	UFBA	2911	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Discoporella salvadorensis</i>	UFBA	3273	24	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Discoporella salvadorensis</i>	UFBA	3286.2	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Discoporella salvadorensis</i>	UFBA	3293.2	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Drepanophora tuberculata</i>	UFBA	3370	18	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Drepanophora tuberculata</i>	UFBA	3371	21	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Drepanophora tuberculata</i>	UFBA	3372	44	Baía de Todos os Santos	1996
<i>Drepanophora tuberculata</i>	UFBA	1167	50	Baía de Todos os Santos	1997
<i>Exechonella brasiliensis</i>	USNM	8547	49	Costa dos Coqueiros	1877
<i>Exechonella brasiliensis</i>	USNM	8581	49	Costa dos Coqueiros	1877
<i>Exechonella brasiliensis</i>	USNM	347	47	Baía de Todos os Santos	1877
<i>Exechonella brasiliensis</i>	USNM	347	47	Baía de Todos os Santos	1877
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	2379	27	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	1943.1	26	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	2166.4	22	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	2287.3	23	Costa dos Coqueiros	jun/08
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	2336.5	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	2582.3	30	Costa do Dendê (Baía de Camamu)	ago/04
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	31	26	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	2269.7	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	2274.7	32	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	2876.5	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	96.2	23	Costa dos Coqueiros	fev/08

<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	282	26	Costa dos Coqueiros	mai/93
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	2471	25	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	2534	26	Costa dos Coqueiros	jul/00
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	2639	31	Baía de Todos os Santos (Salvador)	jan/09
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	3307	30	Costa do Dendê	ago/04
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	1935.1	33	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	2237.1	26	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	2238.3	22	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	2282.8	23	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	2286.4	23	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	2291.12	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	2292.2	27	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	2335.2	22	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	2336.2	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	2342.7	22	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	2381.3	28	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	2386.13	23	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	2388.9	23	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	2390.2	23	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	2447.6	23	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	2467.2	26	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	2470.2	22	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	2526.2	23	Costa dos Coqueiros	fev/02
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	2584.2	30	Costa do Dendê (Baía de Camamu)	ago/04
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	2809.2	30	Costa dos Coqueiros	set/96
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	2810.4	22	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	2828.6	23	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	2988.1	30	Costa do Dendê	ago/04
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	2990.6	25	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	3035.5	31	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	3187.2	30	Costa do Dendê	ago/04
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	366.1	31	Baía de Todos os Santos (Salvador)	mar/12
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	376.3	31	Baía de Todos os Santos (Salvador)	abr/12
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	2690	28	Costa dos Coqueiros	jul/06
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	238	-	Baía de Todos os Santos	abr/97
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	1933	23	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	1934	26	Costa dos Coqueiros	jan/12
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	2465	32	Costa dos Coqueiros	2007
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	2522	22	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	2578	27	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	2689	22	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	2732	26	Costa dos Coqueiros	ago/95

<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	2823	31	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	1417.2	24	Costa das Baleias	abr/97
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	2170.2	22	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	2174.3	22	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	2276.2	23	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	2755.1	22	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	2808.2	26	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	2827.1	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	2962.5	23	Costa dos Coqueiros	jul/00
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	2965.5	22	Costa dos Coqueiros	jul/00
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	2998.4	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	3000.7	26	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	3034.9	23	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	3184.1	27	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	3389.12	25	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	3438.6	26	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Exechonella vieirai</i>	UFBA	3439.4	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Exochella frigidula</i>	UFBA	252	10	Baía de Todos os Santos	mai/97
<i>Exochella frigidula</i>	UFBA	1944	12	Costa do Dendê	dez/06
<i>Exochella frigidula</i>	UFBA	1943	40	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Fodinella atlantica</i>	UFBA	2162	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	2015
<i>Fodinella atlantica</i>	UFBA	2830.3	18	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Fodinella atlantica</i>	UFBA	1631	20	Costa do Dendê	ago/04
<i>Fodinella atlantica</i>	UFBA	3406	12	Costa do Descobrimento	ago/04
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	35	24	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	1300	16	Baía de Todos os Santos	-
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	1342	12	Costa do Cacau	ago/04
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	1483	24	Costa das Baleias	abr/97
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	2010	25	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	2012	28	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	2013	26	Costa dos Coqueiros	set/96
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	2014	22	Costa dos Coqueiros	set/96
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	2015	33	Costa dos Coqueiros	set/96
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	2016	21	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	2319	23	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	2320	12	Costa do Dendê	ago/04
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	2670	26	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	2717	12	Costa do Dendê	ago/04
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	2925	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	2926	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	2980	30	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	3059	24	Costa dos Coqueiros	jul/07

<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	3086	24	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	3163	24	Costa dos Coqueiros	ago/97
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	3239	50	Baía de Todos os Santos (Salvador)	jan/05
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	3240	37	Costa dos Coqueiros	fev/03
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	3256	24	Costa dos Coqueiros	ago/98
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	1411.9	24	Costa das Baleias	abr/97
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	2011.2	22	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	2239.5	50	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	2303.4	50	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	2365.6	25	Costa dos Coqueiros	jul/00
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	2376.2	25	Costa dos Coqueiros	jul/00
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	2542.2	-	Baía de Todos os Santos	abr/97
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	2673.3	28	Costa dos Coqueiros	jul/00
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	2881.3	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	2884.1	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	2887.2	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	2891.2	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	2910.1	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	2918.2	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	2919.2	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	2935.1	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	2936.1	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	2937.1	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	3306.2	50	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	3392.2	30	Costa dos Coqueiros	fev/99
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	137	37	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	138	45	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	139	45	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	140	24	Costa dos Coqueiros	mar/94
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	141	24	Costa dos Coqueiros	ago/99
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	142	26	Baía de Todos os Santos (Salvador)	mar/96
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	143	24	Costa dos Coqueiros	ago/99
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	144	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	145	-	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	mar/96
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	147	23	Costa dos Coqueiros (Camaçari)	jul/07
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	148	-	Baía de Todos os Santos	-
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	149	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	150	26	Baía de Todos os Santos (Salvador)	mar/96
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	151	23	Costa dos Coqueiros	set/93
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	152	23	Costa dos Coqueiros	mai/93
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	153	18-20	Costa do Dendê	ago/04
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	156	23	Costa dos Coqueiros	ago/95

<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	172	22	Costa das Baleias	abr/97
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	175	51	Costa das Baleias	1992
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	176	41	Costa das Baleias	abr/96
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	178	80	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	abr/96
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	179	35	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	abr/96
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	180	68	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	abr/96
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	186	23	Costa dos Coqueiros	mai/93
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	187	35	Costa das Baleias	abr/78
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	157.1	48	Baía de Todos os Santos	abr/97
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	216	22	Costa do Dendê	1993
<i>Gemelliporina glabra</i>	UFBA	2368.2	22	Costa do Dendê	ago/04
<i>Gigantopora lyncoides</i>	UFBA	672	26	Costa das Baleias	abr/97
<i>Gigantopora lyncoides</i>	UFBA	394	20	Costa das Baleias	1992
<i>Gigantopora lyncoides</i>	UFBA	404	25	Costa do Dendê	ago/04
<i>Gigantopora lyncoides</i>	UFBA	302	30	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	1996
<i>Hemimittoidea</i> sp. nov.	UFBA	2280	28	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Hemimittoidea</i> sp. nov.	UFBA	2913	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Hemimittoidea</i> sp. nov.	UFBA	3117	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Hemimittoidea</i> sp. nov.	UFBA	3125	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Hemimittoidea</i> sp. nov.	UFBA	3127	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Hemimittoidea</i> sp. nov.	UFBA	3265	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Hemimittoidea</i> sp. nov.	UFBA	3267	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Hemimittoidea</i> sp. nov.	UFBA	3289	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Hemimittoidea</i> sp. nov.	UFBA	3294	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Hemimittoidea</i> sp. nov.	UFBA	3296	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Hemimittoidea</i> sp. nov.	UFBA	3297	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Hemimittoidea</i> sp. nov.	UFBA	2035.2	-	Baía de Todos os Santos	1997
<i>Hemimittoidea</i> sp. nov.	UFBA	2383.2	3-8	Baía de Todos os Santos	2013
<i>Hemimittoidea</i> sp. nov.	UFBA	2532.1	28	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Hemimittoidea</i> sp. nov.	UFBA	2912.1	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Hemimittoidea</i> sp. nov.	UFBA	2936.2	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Hemimittoidea</i> sp. nov.	UFBA	3041.1	12	Costa do Dendê	ago/04
<i>Hemimittoidea</i> sp. nov.	UFBA	3293.1	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Hiantopora</i> sp. nov.	UFBA	3428	10	Costa do Dendê	ago/04
<i>Hiantopora</i> sp. nov.	UFBA	3556	10	Costa do Dendê	ago/04
<i>Hiantopora</i> sp. nov.	UFBA	2400.2	12	Costa do Cacau	ago/04
<i>Hipoporina indica</i>	UFBA	1677	18	Baía de Todos os Santos (Baía de Iguape)	jan/97
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	1978	27	Costa dos Coqueiros	mar/05
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	1979	22	Costa dos Coqueiros	ago/97
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	1980	23	Costa dos Coqueiros	jul/06
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	1981	26	Costa dos Coqueiros	mar/05
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	1984	30	Costa dos Coqueiros	set/96

<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	1986	28	Costa dos Coqueiros	jul/06
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	1987	26	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	1988	25	Costa dos Coqueiros	mar/05
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	1989	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	1990	34	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	1992	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	1993	28	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	1994	26	Costa dos Coqueiros	set/96
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	1996	23	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	1998	28	Costa dos Coqueiros	mar/05
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	1999	25	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	2002	25	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	2065	18-20	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	1901.1	27	Costa dos Coqueiros	mar/05
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	1985.1	26	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	1995.1	22	Costa dos Coqueiros	jul/05
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	1997.1	28	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	2001.1	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	2078.3	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	2166.5	22	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	2167.1	27	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	2172.2	22	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	USNM	8563	49	Costa dos Coqueiros	1877
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	USNM	347	47	Baía de Todos os Santos	1877
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	41	34	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	61	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	346	35	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	abr/96
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	1859	23	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	1983	30	Costa dos Coqueiros	1996
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	2285	23	Costa dos Coqueiros	jul/05
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	2384	28	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	2395	18-20	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	2494	27	Costa dos Coqueiros	mar/05
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	2539	34	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	2569	27	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	3011	23	Costa dos Coqueiros	jul/00
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	3017	24	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	3049	22	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	3051	22	Costa dos Coqueiros	jul/03
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	3110	28	Costa dos Coqueiros	jul/03
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	3150	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	3170	23	Costa dos Coqueiros	fev/04

<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	1404.6	26	Costa das Baleias	abr/97
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	1418.1	26	Costa das Baleias	abr/97
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	1419.6	26	Costa das Baleias	abr/97
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	1871.1	26	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	1873.4	28	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	1961.3	26	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	2023.1	27	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	2237.2	26	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	2238.2	22	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	2245.3	25	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	2266.1	27	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	2269.1	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	2270.1	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	2272.2	23	Costa dos Coqueiros	jul/05
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	2274.3	32	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	2282.2	23	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	2291.4	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	2292.9	27	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	2293.1	26	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	2301.4	31	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	2323.2	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	2332.5	26	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	2341.1	26	Costa dos Coqueiros	mar/05
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	2342.5	22	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	2386.1	23	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	2388.7	23	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	2390.8	23	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	2447.4	23	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	2467.4	26	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	2582.2	30	Costa do Dendê (Baía de Camamu)	ago/04
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	2625.2	23	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	2808.5	26	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	2809.3	30	Costa dos Coqueiros	set/96
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	2876.4	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	2877.1	25	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	2962.4	23	Costa dos Coqueiros	jul/00
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	2964.8	22	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	2965.2	22	Costa dos Coqueiros	jul/00
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	2986.2	28	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	2988.4	30	Costa do Dendê	ago/04
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	2990.7	25	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	2992.4	25	Costa dos Coqueiros	mar/02

<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	3000.15	26	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	3033.2	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	3034.2	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	3035.4	31	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	3184.3	27	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	3188.6	23	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	3389.10	25	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	3391.4	27	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	3394.2	26	Costa dos Coqueiros	jul/06
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	341.2	35	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	abr/96
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	401.3	23	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	75	-	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	110	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	UFBA	1991	26	Costa dos Coqueiros	set/96
<i>Hippopodina feegeensis</i>	UFBA	681	30	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Hippopodina feegeensis</i>	UFBA	3138	0	Baía de Todos os Santos (Salvador)	mar/96
<i>Hippopodina pulcherrima</i>	UFBA	311	15	Costa das Baleias	1992
<i>Hippopodina pulcherrima</i>	UFBA	377	26	Baía de Todos os Santos (Salvador)	mar/96
<i>Hippopodina pulcherrima</i>	UFBA	3072	18	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Hippopodina pulcherrima</i>	UFBA	3406	30	Costa das Baleias	abr/97
<i>Hippopodina pulcherrima</i>	UFBA	1982.5	50	Costa do Descobrimento	ago/04
<i>Hippopodina pulcherrima</i>	USNM	8557	49	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Hippopodina pulcherrima</i>	USNM	8557	49	Costa dos Coqueiros	1877
<i>Hippopodina pulcherrima</i>	USNM	347	47	Baía de Todos os Santos	1877
<i>Hippopodina</i> sp. nov.	UFBA	2003	25	Costa das Baleias	2012
<i>Hippopodina</i> sp. nov.	UFBA	2009	26	Costa do Descobrimento	jul/00
<i>Hippopodina</i> sp. nov.	UFBA	3344	40	Costa do Cacau	ago/04
<i>Hippopodina</i> sp. nov.	UFBA	262.1	39	Costa do Dendê	ago/04
<i>Hippoporina fissurata</i>	UFBA	112	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Hippoporina indica</i>	UFBA	2730.2	37	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Hippoporina indica</i>	UFBA	2845.1	27	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Hippoporina indica</i>	UFBA	2993.7	8	Baía de Todos os Santos	mar/03
<i>Hippoporina indica</i>	UFBA	1387	8	Baía de Todos os Santos (Baía de Iguape)	jan/97
<i>Hippoporina indica</i>	UFBA	2145	23	Costa do Dendê	jan/12
<i>Hippoporina indica</i>	UFBA	2815	40	Costa do Dendê	jul/07
<i>Hippoporina indica</i>	UFBA	1888	18	Baía de Todos os Santos (Baía de Iguape)	jan/97
<i>Hippoporina indica</i>	UFBA	1969	18	Baía de Todos os Santos (Baía de Iguape)	jan/97
<i>Hippoporina</i> sp. nov.	UFBA	1453	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Hippoporina</i> sp. nov.	UFBA	1974	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Hippoporina</i> sp. nov.	UFBA	2154	23	Costa dos Coqueiros	1986
<i>Hippoporina</i> sp. nov.	UFBA	2237.5	26	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Hippoporina</i> sp. nov.	UFBA	2716.2	-	Baía de Todos os Santos	-

<i>Hippoporina</i> sp. nov.	UFBA	2997.8	23	Baía de Todos os Santos	jul/09
<i>Hippoporina</i> sp. nov.	UFBA	99.3	23	Baía de Todos os Santos	fev/08
<i>Hippoporina</i> sp. nov.	UFBA	213.1	23	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Hippothoa brasiliensis</i>	UFBA	3435	0	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Hippothoa brasiliensis</i>	UFBA	3002.16	45	Baía de Todos os Santos	jul/07
<i>Hippothoa flagellum</i>	UFBA	2401.4	15	Baía de Todos os Santos	-
<i>Hippothoa flagellum</i>	UFBA	3436	50	Baía de Todos os Santos	-
<i>Hippothoa flagellum</i>	UFBA	2291.9	23	Baía de Todos os Santos	fev/07
<i>Hippothoa flagellum</i>	UFBA	3389.4	25	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Hippothoa flagellum</i>	UFBA	3397.2	27	Costa dos Coqueiros	jul/05
<i>Hippotrema fissurata</i>	UFBA	2819	50	Costa do Dendê	ago/04
<i>Hippotrema fissurata</i>	UFBA	1935.2	33	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Hippotrema fissurata</i>	UFBA	2083.2	30	Costa do Dendê	ago/04
<i>Hippotrema fissurata</i>	UFBA	2745.10	33	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Hippotrema fissurata</i>	UFBA	3442.4	23	Costa dos Coqueiros	mar/05
<i>Hippotrema fissurata</i>	UFBA	1428	26	Costa das Baleias	abr/97
<i>Hippotrema fissurata</i>	UFBA	1853	26	Costa dos Coqueiros	jan/13
<i>Hippotrema fissurata</i>	UFBA	1854	37	Costa dos Coqueiros	jul/11
<i>Hippotrema fissurata</i>	UFBA	1855	37	Costa dos Coqueiros	jan/12
<i>Hippotrema fissurata</i>	UFBA	1856	31	Costa dos Coqueiros	jan/10
<i>Hippotrema fissurata</i>	UFBA	1857	27	Costa dos Coqueiros	jul/09
<i>Hippotrema fissurata</i>	UFBA	1858	22	Costa dos Coqueiros	jan/13
<i>Hippotrema fissurata</i>	UFBA	1876	37	Costa dos Coqueiros	jul/11
<i>Hippotrema fissurata</i>	UFBA	2136	23	Costa dos Coqueiros	jan/13
<i>Hippotrema fissurata</i>	UFBA	2137	37	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Hippotrema fissurata</i>	UFBA	2138	31	Costa dos Coqueiros	jul/09
<i>Hippotrema fissurata</i>	UFBA	2144	22	Costa dos Coqueiros	jan/13
<i>Hippotrema fissurata</i>	UFBA	2444	7	Baía de Todos os Santos	dez/06
<i>Hippotrema fissurata</i>	UFBA	2628	26	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Hippotrema fissurata</i>	UFBA	2972	31	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Hippotrema fissurata</i>	UFBA	3020	34	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Hippotrema fissurata</i>	UFBA	3230	28	Costa dos Coqueiros	fev/04
<i>Hippotrema fissurata</i>	UFBA	1871.3	26	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Hippotrema fissurata</i>	UFBA	332	23	Baía de Todos os Santos	mar/02
<i>Hippotrema fissurata</i>	UFBA	333	37	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Hippotrema fissurata</i>	UFBA	334	31	Costa das Baleias	mar/02
<i>Hippotrema fissurata</i>	UFBA	335	23	Costa do Descobrimento	mar/02
<i>Hippotrema fissurata</i>	UFBA	336	28	Costa do Cacau	mar/02
<i>Hippotrema fissurata</i>	UFBA	337	28	Costa do Dendê	mar/02
<i>Hippotrema fissurata</i>	UFBA	342	35	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	mar/96
<i>Hippotrema fissurata</i>	UFBA	2140	35	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	1996
<i>Hippotrema fissurata</i>	UFBA	2141	28	Costa dos Coqueiros	jul/07

<i>Hippotrema fissurata</i>	UFBA	2143	26	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Hippotrema fissurata</i>	UFBA	2755.3	22	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Hippotrema fissurata</i>	UFBA	1893	35	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	abr/96
<i>Hippotrema fissurata</i>	UFBA	1707.2	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Hippotrema fissurata</i>	UFBA	2376.3	25	Costa dos Coqueiros	jul/00
<i>Hippotrema fissurata</i>	UFBA	2400.4	32	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Hippotrema fissurata</i>	UFBA	3439.2	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Hippotrema fissurata</i>	UFBA	28	26	Costa dos Coqueiros	ago/95
<i>Jellyella brasiliensis</i>	UFBA	1698	0	Baía de Todos os Santos	jan/07
<i>Jellyella brasiliensis</i>	UFBA	2064	45	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Jellyella tuberculata</i>	UFBA	246	-	Baía de Todos os Santos	abr/97
<i>Jellyella tuberculata</i>	UFBA	362	26	Baía de Todos os Santos (Salvador)	mar/12
<i>Jellyella tuberculata</i>	UFBA	1247	-	Baía de Todos os Santos	-
<i>Jellyella tuberculata</i>	UFBA	50	23	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Jellyella tuberculata</i>	UFBA	90.2	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	1136	68	Costa das Baleias	abr/97
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	1152	-	Baía de Todos os Santos	-
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	1444	31	Costa das Baleias	abr/97
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	1530	31	Costa das Baleias	abr/97
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	1864	27	Costa dos Coqueiros	mar/05
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	2436	32	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	2550	23	Costa dos Coqueiros	jul/06
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	2622	23	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	2737	32	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	2742	23	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	2870	25	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	3005	25	Costa dos Coqueiros	jul/99
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	1396.6	31	Costa das Baleias	abr/97
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	1398.5	31	Costa das Baleias	abr/97
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	1463.2	31	Costa das Baleias	abr/97
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	1531.1	31	Costa das Baleias	abr/97
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	1847.2	77	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	1863.1	23	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	1907.2	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	2001.2	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	2170.9	22	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	2171.1	25	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	2171.3	25	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	2172.1	22	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	2265.9	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	2266.2	27	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	2269.6	23	Costa dos Coqueiros	fev/08

<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	2274.1	32	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	2277.1	23	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	2284.2	28	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	2287.10	23	Costa dos Coqueiros	jun/08
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	2292.8	27	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	2293.2	26	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	2300.2	28	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	2329.5	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	2329.8	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	2332.3	26	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	2334.4	22	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	2350.2	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	2356.3	23	Costa dos Coqueiros	jul/06
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	2358.4	25	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	2400.3	32	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	2437.4	23	Costa dos Coqueiros	jul/09
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	2439.1	23	Costa dos Coqueiros	jul/09
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	2442.1	18-20	Costa do Dendê	jul/07
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	2443.1	23	Costa dos Coqueiros	jul/09
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	2454.2	28	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	2493.3	22	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	2519.3	22	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	2528.2	30	Costa do Dendê	ago/04
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	2530.4	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	2557.4	23	Costa dos Coqueiros	jul/06
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	2560.3	23	Costa dos Coqueiros	jul/06
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	2730.1	37	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	2759.3	18-20	Costa do Dendê	jul/04
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	2810.2	22	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	2828.5	23	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	2963.7	18-20	Costa do Dendê	jul/07
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	2997.7	23	Costa dos Coqueiros	jul/09
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	2998.8	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	3000.16	26	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	3002.12	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	3007.2	18-20	Costa do Dendê	jul/07
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	3009.1	25	Costa dos Coqueiros	jul/00
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	3034.5	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	3299.3	25	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	3302.12	18-20	Costa do Dendê	jul/07
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	3302.9	18-20	Costa do Dendê	jul/07
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	3397.11	27	Costa dos Coqueiros	jul/05

<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	3409.2	18-20	Costa do Dendê	jul/07
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	3418.4	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	3421.4	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	3439.1	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	3440.2	27	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	3442.1	23	Costa dos Coqueiros	mar/05
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	52	23	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	55	23	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	56	23	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	373.3	26	Baía de Todos os Santos (Salvador)	mar/96
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	376.4	26	Baía de Todos os Santos (Salvador)	abr/12
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	389.4	23	Costa dos Coqueiros	set/96
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	407.1	23	Costa dos Coqueiros	jul/09
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	416.2	23	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	417.2	23	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	418.2	23	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	65.3	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	66.1	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	71	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	77	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	89	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	106	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	102.1	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	103.1	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	104.1	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	105.1	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	121.2	23	Costa dos Coqueiros	fev/04
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	214.1	23	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	74.2	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	96.1	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	97.3	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	99.2	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	57	23	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	375	26	Baía de Todos os Santos (Salvador)	abr/12
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	1865	23	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	2284.3	28	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	2686.2	23	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	2830.4	50	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	2873.3	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	2967.3	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	2989.3	12	Costa do Dendê	ago/04

<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	3036.4	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	1686	28	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	2757	21	Costa dos Coqueiros	fev/03
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	1684.1	26	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	3181.7	26	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	2987	28	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	3062	23	Costa dos Coqueiros	fev/04
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	3068	22	Costa dos Coqueiros	fev/04
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	3071	28	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	3077	31	Costa dos Coqueiros	jul/03
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	3078	31	Costa dos Coqueiros	fev/04
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	3091	23	Costa dos Coqueiros	fev/04
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	3142	31	Costa dos Coqueiros	fev/04
<i>Labioporella tuberculata</i>	UFBA	1871.2	26	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Labioporella tuberculata</i>	USNM	8551	49	Costa dos Coqueiros	1877
<i>Labioporella tuberculata</i>	USNM	347	47	Baía de Todos os Santos	1877
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	2368	18-20	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	2369	18-20	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	2370	18-20	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	2371	18-20	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	2372	18-20	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	2373	18-20	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	2374	18-20	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	2375	3-8	Baía de Todos os Santos	2013
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	2376	3-8	Baía de Todos os Santos	2013
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	2377	3-8	Baía de Todos os Santos	2013
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	2378	3-8	Baía de Todos os Santos	2013
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	2379	3-8	Baía de Todos os Santos	2013
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	2380	3-8	Baía de Todos os Santos	2013
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	2381	3-8	Baía de Todos os Santos	2013
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	2382	3-8	Baía de Todos os Santos	2013
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	2384	18-20	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	2385	18-20	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	2386	18-20	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	2387	18-20	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	2383.1	3-8	Baía de Todos os Santos	2013
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	3317	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	3318	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	3319	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	3320	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	2189	-	Baía de Todos os Santos	jan/03

<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	2204	26	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	2076.1	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	2650.1	25	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	3034.1	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	3421.6	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	1821	28	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	1796	37	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	1813	26	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	1792	-	Baía de Todos os Santos	jan/03
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	1793	-	Baía de Todos os Santos	jul/07
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	1794	24	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	1797	23	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	1798	23	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	1799	-	Baía de Todos os Santos	jan/03
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	1800	24	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	1801	-	Baía de Todos os Santos	jul/03
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	1802	31	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	1803	24	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	1804	-	Baía de Todos os Santos	jul/03
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	1805	23	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	1806	34	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	1807	-	Baía de Todos os Santos	jul/03
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	1809	24	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	1810	-	Baía de Todos os Santos	jan/03
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	1811	24	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	1812	25	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	1815	23	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	1817	24	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	1820	25	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	1822	25	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	1823	25	Costa dos Coqueiros	abr/05
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	2399	24	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	2497	26	Costa dos Coqueiros	jul/00
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	2536	-	Baía de Todos os Santos	abr/97
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	2680	25	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	3190	11	Baía de Todos os Santos (Salvador)	fev/03
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	3196	26	Costa dos Coqueiros	jul/03
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	3197	-	Baía de Todos os Santos	jul/03
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	3200	23	Costa dos Coqueiros	2003
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	3201	-	Baía de Todos os Santos	jan/03
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	3202	26	Baía de Todos os Santos (Salvador)	fev/08
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	3203	23	Costa dos Coqueiros	2003

<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	3205	-	Baía de Todos os Santos	jan/03
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	3206	11	Baía de Todos os Santos (Salvador)	fev/03
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	3208	-	Baía de Todos os Santos	jan/03
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	3211	-	Baía de Todos os Santos	jan/03
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	3212	-	Baía de Todos os Santos	-
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	3215	24	Costa dos Coqueiros	ago/97
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	3217	22	Costa dos Coqueiros	fev/04
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	3218	28	Costa dos Coqueiros	jan/03
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	3219	25	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	3220	23	Costa dos Coqueiros	jan/03
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	3221	22	Costa dos Coqueiros	jul/03
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	3222	50	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	3223	-	Baía de Todos os Santos	jan/03
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	3227	27	Baía de Todos os Santos (Salvador)	fev/03
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	3228	-	Baía de Todos os Santos	jan/03
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	3229	26	Costa dos Coqueiros	ago/97
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	3233	23	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	3234	35	Baía de Todos os Santos (Salvador)	fev/03
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	3236	21	Costa dos Coqueiros	fev/04
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	3245	11	Baía de Todos os Santos (Salvador)	fev/03
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	3248	27	Baía de Todos os Santos (Salvador)	fev/03
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	3251	23	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	3254	-	Baía de Todos os Santos	jan/03
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	1788.1	26	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	1789.1	18-20	Costa do Dendê	jul/07
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	1790.3	23	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	1795.1	22	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	1818.3	22	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	1819.1	24	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	2282.5	23	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	2324.1	23	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	2339.5	23	Costa dos Coqueiros	fev/04
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	2386.5	23	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	2388.2	23	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	2402.4	30	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	2407.4	23	Costa dos Coqueiros	jul/05
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	2457.2	22	Costa dos Coqueiros	mar/05
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	2635.2	27	Costa dos Coqueiros	jun/07
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	2836.2	24	Costa dos Coqueiros	jan/13
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	2839.2	26	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	3186.8	22	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	3250.2	-	Baía de Todos os Santos	jan/03

<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	UFBA	3404.1	23	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Licornia jolloisii</i>	UFBA	3437	0-5	Baía de Todos os Santos	jan/13
<i>Licornia jolloisii</i>	UFPE	S/N	0-5	Baía de Todos os Santos	jan/13
<i>Licornia jolloisii</i>	UFPE	S/N	0-5	Baía de Todos os Santos	jan/13
<i>Licornia</i> sp. nov.	UFBA	1172	18-20	Costa do Dendê	jul/07
<i>Licornia</i> sp. nov.	UFBA	1173	18-20	Costa do Dendê	jul/07
<i>Licornia</i> sp. nov.	UFBA	1190	18-20	Costa do Dendê	jul/07
<i>Licornia</i> sp. nov.	UFBA	1574	3-8	Baía de Todos os Santos	-
<i>Licornia</i> sp. nov.	UFBA	1576	3-8	Baía de Todos os Santos	-
<i>Licornia</i> sp. nov.	UFBA	1613	18-20	Costa do Dendê	jul/07
<i>Licornia</i> sp. nov.	UFBA	1614	18-20	Costa do Dendê	jul/07
<i>Licornia</i> sp. nov.	UFBA	2877.2	25	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Licornia</i> sp. nov.	UFBA	2962.6	23	Costa dos Coqueiros	jul/00
<i>Licornia</i> sp. nov.	UFBA	2966.8	25	Costa dos Coqueiros	jan/13
<i>Licornia</i> sp. nov.	UFBA	1134	68	Costa das Baleias	abr/97
<i>Licornia</i> sp. nov.	UFBA	1317	44	Costa das Baleias	mar/96
<i>Licornia</i> sp. nov.	UFBA	1132.1	35	Costa das Baleias	mar/96
<i>Licornia</i> sp. nov.	UFBA	3207	22	Costa dos Coqueiros	jan/13
<i>Licornia</i> sp. nov.	UFBA	1816.1	23	Costa dos Coqueiros	jan/13
<i>Licornia</i> sp. nov.	UFBA	3186.1	22	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Licornia</i> sp. nov.	UFBA	265	28	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Mamillopora cupula</i>	UFBA	2079	30	Costa dos Coqueiros	mar/96
<i>Mamillopora cupula</i>	UFBA	2080	30	Costa dos Coqueiros	mar/96
<i>Mamillopora cupula</i>	UFBA	2081	30	Costa dos Coqueiros	1996
<i>Mamillopora cupula</i>	UFBA	2082	23	Costa dos Coqueiros	jul/06
<i>Mamillopora cupula</i>	UFBA	2084	33	Costa dos Coqueiros	set/96
<i>Mamillopora cupula</i>	UFBA	2085	30	Costa dos Coqueiros	1996
<i>Mamillopora cupula</i>	UFBA	2086	30	Costa dos Coqueiros	1996
<i>Mamillopora cupula</i>	UFBA	2087	30	Costa dos Coqueiros	set/96
<i>Mamillopora cupula</i>	UFBA	2088	34	Costa dos Coqueiros	mar/96
<i>Mamillopora cupula</i>	UFBA	2149	20	Baía de Todos os Santos	1997
<i>Mamillopora cupula</i>	UFBA	2373	20	Costa dos Coqueiros	fev/03
<i>Mamillopora cupula</i>	UFBA	2548	22	Costa das Baleias	mar/96
<i>Mamillopora cupula</i>	UFBA	2674	26	Costa do Descobrimento	jun/97
<i>Mamillopora cupula</i>	UFBA	2691	40	Costa do Cacao	mai/01
<i>Mamillopora cupula</i>	UFBA	2741	39	Costa do Dendê	fev/03
<i>Mamillopora cupula</i>	UFBA	3089	39	Costa do Dendê	fev/03
<i>Mamillopora cupula</i>	UFBA	3399	45	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Mamillopora cupula</i>	UFBA	1496.2	20	Baía de Todos os Santos	ago/04
<i>Mamillopora cupula</i>	UFBA	1866.3	20	Costa dos Coqueiros	jul/00
<i>Mamillopora cupula</i>	UFBA	2083.1	22	Costa das Baleias	mar/96
<i>Mamillopora cupula</i>	UFBA	2365.2	26	Costa do Descobrimento	jul/00

<i>Mamillopora cupula</i>	UFBA	2985.1	40	Costa do Cacau	dez/06
<i>Mamillopora cupula</i>	UFBA	2446	39	Costa do Dendê	jul/06
<i>Mamillopora cupula</i>	UFBA	2404.1	20	Baía de Todos os Santos	out/95
<i>Mamillopora cupula</i>	UFBA	134	20	Costa dos Coqueiros	fev/03
<i>Mamillopora cupula</i>	UFBA	135	22	Costa das Baleias	jul/08
<i>Mamillopora cupula</i>	UFBA	136	26	Costa do Descobrimento	jul/08
<i>Mamillopora cupula</i>	UFBA	203	40	Costa do Cacau	ago/04
<i>Mamillopora cupula</i>	UFBA	212	39	Costa do Dendê	ago/04
<i>Marcusadorea pinheiroi</i>	UFBA	2343	35	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	-
<i>Marcusadorea pinheiroi</i>	UFBA	2344.1	35	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	-
<i>Marcusadorea pinheiroi</i>	UFBA	341.1	35	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	abr/96
<i>Marcusadorea pinheiroi</i>	UFBA	343.2	35	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	mar/96
<i>Marcusadorea pinheiroi</i>	UFBA	373.1	10	Baía de Todos os Santos	jul/06
<i>Marcusadorea pinheiroi</i>	UFBA	126	20	Costa dos Coqueiros	out/95
<i>Marcusadorea pinheiroi</i>	UFBA	127	22	Costa das Baleias	fev/03
<i>Marcusadorea pinheiroi</i>	UFBA	128	26	Costa do Descobrimento	jul/08
<i>Marcusadorea pinheiroi</i>	UFBA	2028.4	40	Costa do Cacau	jul/08
<i>Marcusadorea pinheiroi</i>	UFBA	2764.2	39	Costa do Dendê	ago/04
<i>Marcusadorea pinheiroi</i>	UFBA	1186	18-20	Costa do Dendê	jul/07
<i>Marcusadorea tubulosa</i>	UFBA	1137	68	Costa das Baleias	mar/96
<i>Marcusadorea tubulosa</i>	UFBA	1343	35	Costa das Baleias	mar/96
<i>Marcusadorea tubulosa</i>	UFBA	1946	0	Baía de Todos os Santos	abr/12
<i>Marcusadorea tubulosa</i>	UFBA	297	35	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	1996
<i>Marcusadorea tubulosa</i>	UFBA	299	35	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	1996
<i>Marcusadorea tubulosa</i>	UFBA	2748.1	25	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	1435	31	Costa das Baleias	mar/96
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	1443	31	Costa das Baleias	mar/96
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	1482	31	Costa das Baleias	mar/96
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	1563	31	Costa das Baleias	mar/96
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2006	26	Costa dos Coqueiros	jan/13
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2008	27	Costa dos Coqueiros	mar/05
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2214	37	Costa dos Coqueiros	jan/13
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2215	28	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2216	26	Costa dos Coqueiros	jan/13
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2217	26	Costa dos Coqueiros	set/96
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2218	25	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2219	21	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2220	22	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2221	27	Costa dos Coqueiros	mar/05
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2222	27	Costa dos Coqueiros	jul/05
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2223	30	Costa dos Coqueiros	jan/13
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2224	28	Costa dos Coqueiros	jan/13

<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2225	26	Costa dos Coqueiros	set/96
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2226	30	Costa dos Coqueiros	mar/96
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2227	22	Costa dos Coqueiros	set/96
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2228	26	Costa dos Coqueiros	ago/95
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2229	30	Costa dos Coqueiros	ago/95
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2230	34	Costa dos Coqueiros	set/96
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2231	26	Costa dos Coqueiros	set/96
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2232	25	Costa dos Coqueiros	mar/96
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2233	34	Costa dos Coqueiros	mar/96
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2234	28	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2235	26	Costa dos Coqueiros	set/96
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2236	28	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2317	30	Costa dos Coqueiros	jan/13
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2337	30	Costa dos Coqueiros	set/96
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2338	10	Baía de Todos os Santos	jul/06
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2391	20	Costa dos Coqueiros	out/95
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2394	22	Costa das Baleias	fev/03
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2396	26	Costa do Descobrimento	jul/08
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2455	40	Costa do Cacau	jul/08
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2456	39	Costa do Dendê	ago/04
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2458	27	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2459	27	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2460	25	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2461	28	Costa dos Coqueiros	fev/03
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2463	24	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2464	37	Costa dos Coqueiros	jul/05
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2466	24	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2468	22	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2469	21	Costa dos Coqueiros	mar/05
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2472	26	Costa dos Coqueiros	jul/06
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2474	26	Costa dos Coqueiros	ago/95
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2488	26	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2491	10	Baía de Todos os Santos	jul/06
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2498	20	Costa dos Coqueiros	out/95
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2499	22	Costa das Baleias	fev/03
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2500	26	Costa do Descobrimento	jul/08
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2501	40	Costa do Cacau	jul/08
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2502	39	Costa do Dendê	ago/04
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2503	35	Costa do Dendê (Baía de Camamu)	ago/04
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2504	30	Costa do Dendê (Baía de Camamu)	ago/04
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2505	30	Costa do Dendê (Baía de Camamu)	dez/06
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2506	47	Costa do Dendê (Baía de Camamu)	ago/04

<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2507	35	Costa do Dendê (Baía de Camamu)	dez/06
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2508	30	Costa do Dendê (Baía de Camamu)	ago/04
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2509	10	Baía de Todos os Santos	jul/06
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2510	20	Costa dos Coqueiros	out/95
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2511	22	Costa das Baleias	fev/03
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2512	26	Costa do Descobrimento	jul/08
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2513	40	Costa do Cacau	jul/08
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2514	39	Costa do Dendê	ago/04
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2515	35	Costa do Dendê (Baía de Camamu)	ago/04
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2516	13	Costa do Dendê (Baía de Camamu)	ago/04
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2517	47	Costa do Dendê (Baía de Camamu)	ago/04
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2518	35	Costa do Dendê (Baía de Camamu)	ago/04
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2521	26	Costa dos Coqueiros	jul/03
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2531	10	Baía de Todos os Santos	jul/06
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2586	20	Costa dos Coqueiros	out/95
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2621	22	Costa das Baleias	fev/03
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2626	26	Costa do Descobrimento	jul/08
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2640	40	Costa do Cacau	jul/08
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2646	39	Costa do Dendê	ago/04
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2648	22	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2651	34	Costa dos Coqueiros	set/96
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2652	30	Costa dos Coqueiros	mar/96
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2653	26	Costa dos Coqueiros	mar/96
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2654	24	Costa dos Coqueiros	ago/95
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2655	22	Costa dos Coqueiros	mar/05
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2656	30	Costa dos Coqueiros	mar/96
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2657	26	Costa dos Coqueiros	set/96
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2658	30	Costa dos Coqueiros	set/96
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2659	26	Costa dos Coqueiros	mar/96
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2660	30	Costa dos Coqueiros	mar/96
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2661	30	Costa dos Coqueiros	set/96
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2662	34	Costa dos Coqueiros	set/96
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2663	24	Costa dos Coqueiros	set/96
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2664	26	Costa dos Coqueiros	set/96
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2665	33	Costa dos Coqueiros	out/93
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2666	34	Costa dos Coqueiros	mar/93
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2667	30	Costa dos Coqueiros	mar/96
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2668	34	Costa dos Coqueiros	set/96
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2669	27	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2710	35	Costa do Dendê (Baía de Camamu)	ago/04
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2740	10	Baía de Todos os Santos	jul/06
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2744	20	Costa dos Coqueiros	out/95

<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2825	22	Costa das Baleias	fev/03
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2835	26	Costa do Descobrimento	jul/08
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	3019	40	Costa do Cacau	jul/08
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	3043	39	Costa do Dendê	ago/04
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	3048	24	Costa dos Coqueiros	ago/97
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	3050	10	Baía de Todos os Santos	jul/06
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	3057	20	Costa dos Coqueiros	out/95
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	3058	22	Costa das Baleias	fev/03
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	3081	26	Costa do Descobrimento	jul/08
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	3087	40	Costa do Cacau	jul/08
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	3088	39	Costa do Dendê	ago/04
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	3094	10	Baía de Todos os Santos	jul/06
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	3097	20	Costa dos Coqueiros	out/95
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	3100	22	Costa das Baleias	fev/03
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	3106	26	Costa do Descobrimento	jul/08
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	3109	40	Costa do Cacau	jul/08
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	3122	39	Costa do Dendê	ago/04
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	3124	30	Costa do Dendê	jan/04
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	3144	10	Baía de Todos os Santos	jul/06
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	3145	20	Costa dos Coqueiros	out/95
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	3147	22	Costa das Baleias	fev/03
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	3149	26	Costa do Descobrimento	jul/08
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	3153	40	Costa do Cacau	jul/08
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	3165	39	Costa do Dendê	ago/04
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	3166	10	Baía de Todos os Santos	jul/06
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	3167	20	Costa dos Coqueiros	out/95
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	3168	22	Costa das Baleias	fev/03
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	3169	26	Costa do Descobrimento	jul/08
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	3171	40	Costa do Cacau	jul/08
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	3173	39	Costa do Dendê	ago/04
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	3174	28	Costa dos Coqueiros	jan/04
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	3177	28	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	3178	28	Costa dos Coqueiros	jul/03
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	3298	30	Costa do Dendê	ago/04
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	3398	28	Costa dos Coqueiros	dez/06
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	1394.1	22	Costa das Baleias	1997
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	1395.1	22	Costa das Baleias	1997
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	1397.3	22	Costa das Baleias	1997
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	1401.2	22	Costa das Baleias	1997
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	1403.2	22	Costa das Baleias	1997
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	1405.1	22	Costa das Baleias	1997
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	1407.2	22	Costa das Baleias	1997

<i>Margaretta buski</i>	UFBA	1408.1	22	Costa das Baleias	1997
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	1410.4	22	Costa das Baleias	1997
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	1411.3	22	Costa das Baleias	1997
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	1413.4	22	Costa das Baleias	1997
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	1416.4	22	Costa das Baleias	1997
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	1418.3	22	Costa das Baleias	1997
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	1419.5	22	Costa das Baleias	1997
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	1426.1	22	Costa das Baleias	1997
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	1716.3	37	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	1781.1	21	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	1788.2	26	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	1790.2	23	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	1795.2	22	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	1818.4	22	Costa dos Coqueiros	mar/05
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	1829.2	30	Costa dos Coqueiros	jan/13
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	1909.2	21	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	1914.2	21	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	1931.2	21	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	1939.2	22	Costa dos Coqueiros	mar/05
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	1943.3	26	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2011.1	22	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2023.3	27	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2182.1	27	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2252.2	24	Costa dos Coqueiros	jan/13
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2254.2	30	Costa dos Coqueiros	jan/13
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2255.2	28	Costa dos Coqueiros	mar/05
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2267.3	27	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2303.5	50	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2345.1	25	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2362.2	32	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2365.3	25	Costa dos Coqueiros	jul/00
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2402.2	28	Costa dos Coqueiros	jan/13
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2407.2	23	Costa dos Coqueiros	jan/13
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2457.1	22	Costa dos Coqueiros	mar/05
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2475.1	28	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2493.4	22	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2523.1	26	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2613.2	30	Costa do Dendê (Baía de Camamu)	ago/04
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	2863.4	21	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	3140.1	27	Costa dos Coqueiros	fev/03
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	3187.1	30	Costa do Dendê	ago/04
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	3306.1	50	Costa dos Coqueiros	jul/04

<i>Margaretta buski</i>	UFBA	3308.2	30	Costa do Dendê	ago/04
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	3309.2	12	Costa do Dendê	ago/04
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	3312.2	47	Costa do Dendê	ago/04
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	3392.1	30	Costa dos Coqueiros	fev/99
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	3397.3	27	Costa dos Coqueiros	jul/05
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	3403.2	23	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Margaretta buski</i>	UFBA	3411.1	35	Costa do Dendê	ago/04
<i>Margaretta buskii</i>	UFBA	40	26	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Margaretta buskii</i>	UFBA	1	30	Costa dos Coqueiros	ago/95
<i>Margaretta buskii</i>	UFBA	3	30	Costa dos Coqueiros	ago/95
<i>Margaretta buskii</i>	UFBA	6	25	Costa dos Coqueiros	ago/95
<i>Margaretta buskii</i>	UFBA	9	26	Costa dos Coqueiros	ago/95
<i>Margaretta buskii</i>	UFBA	10	25	Costa dos Coqueiros	ago/95
<i>Margaretta buskii</i>	UFBA	19	34	Costa dos Coqueiros	ago/95
<i>Margaretta buskii</i>	UFBA	30	24	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Margaretta buskii</i>	UFBA	32	30	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Margaretta buskii</i>	UFBA	33	24	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Margaretta buskii</i>	UFBA	37	34	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Metrarabdotos jani</i>	UFBA	1604	18-20	Costa do Dendê	jul/07
<i>Metrarabdotos jani</i>	UFBA	1606	18-20	Costa do Dendê	jul/07
<i>Metrarabdotos jani</i>	UFBA	1607	18-20	Costa do Dendê	jul/07
<i>Metrarabdotos jani</i>	UFBA	2830.1	50	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Metrarabdotos jani</i>	UFBA	2966.2	25	Costa dos Coqueiros	jan/13
<i>Metrarabdotos jani</i>	UFBA	264	28	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Metrarabdotos jani</i>	UFBA	348	50	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Metrarabdotos tuberosum</i>	UFBA	1554	31	Costa das Baleias	mar/96
<i>Metrarabdotos tuberosum</i>	UFBA	1957	23	Costa dos Coqueiros	jul/00
<i>Metrarabdotos tuberosum</i>	UFBA	2197.2	23	Costa dos Coqueiros	jul/00
<i>Metrarabdotos tuberosum</i>	UFBA	2269.2	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Metrarabdotos tuberosum</i>	UFBA	2673.1	28	Costa dos Coqueiros	jul/00
<i>Metrarabdotos tuberosum</i>	UFBA	1551	31	Costa das Baleias	mar/96
<i>Metrarabdotos tuberosum</i>	UFBA	1552	31	Costa das Baleias	mar/96
<i>Metrarabdotos tuberosum</i>	UFBA	34	24	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Metrarabdotos tuberosum</i>	UFBA	115	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Metrarabdotos tuberosum</i>	UFBA	1124	32	Costa das Baleias	mar/96
<i>Metrarabdotos tuberosum</i>	UFBA	1125	32	Costa das Baleias	mar/96
<i>Metrarabdotos tuberosum</i>	UFBA	453.1	63	Costa das Baleias	1992
<i>Metrarabdotos tuberosum</i>	UFBA	454.1	63	Costa das Baleias	1992
<i>Metrarabdotos tuberosum</i>	UFBA	1176	18-20	Costa do Dendê	jul/07
<i>Metrarabdotos tuberosum</i>	UFBA	1177	18-20	Costa do Dendê	jul/07
<i>Metrarabdotos tuberosum</i>	UFBA	1409	31	Costa das Baleias	mar/96
<i>Metrarabdotos tuberosum</i>	UFBA	1471	31	Costa das Baleias	mar/96

<i>Metrarabdotos tuberosum</i>	UFBA	1553	31	Costa das Baleias	mar/96
<i>Metrarabdotos tuberosum</i>	UFBA	1878	48	Baía de Todos os Santos	abr/97
<i>Metrarabdotos tuberosum</i>	UFBA	2894	28	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Metrarabdotos tuberosum</i>	UFBA	2895	28	Costa dos Coqueiros	2003
<i>Metrarabdotos tuberosum</i>	UFBA	2896	48	Baía de Todos os Santos	abr/97
<i>Metrarabdotos tuberosum</i>	UFBA	2900	48	Baía de Todos os Santos	abr/97
<i>Metrarabdotos tuberosum</i>	UFBA	2902	23	Baía de Todos os Santos	-
<i>Metrarabdotos tuberosum</i>	UFBA	2903	-	Baía de Todos os Santos	jul/97
<i>Metrarabdotos tuberosum</i>	UFBA	2904	-	Baía de Todos os Santos	abr/97
<i>Metrarabdotos tuberosum</i>	UFBA	3271	51	Costa das Baleias	1992
<i>Metrarabdotos tuberosum</i>	UFBA	3275	24	Costa dos Coqueiros	mai/93
<i>Metrarabdotos tuberosum</i>	UFBA	1393.2	31	Costa das Baleias	mar/96
<i>Metrarabdotos tuberosum</i>	UFBA	1397.1	31	Costa das Baleias	mar/96
<i>Metrarabdotos tuberosum</i>	UFBA	1401.6	31	Costa das Baleias	mar/96
<i>Metrarabdotos tuberosum</i>	UFBA	1407.1	31	Costa das Baleias	mar/96
<i>Metrarabdotos tuberosum</i>	UFBA	1410.5	36	Costa das Baleias	mar/96
<i>Metrarabdotos tuberosum</i>	UFBA	1411.4	36	Costa das Baleias	mar/96
<i>Metrarabdotos tuberosum</i>	UFBA	1413.1	36	Costa das Baleias	mar/96
<i>Metrarabdotos tuberosum</i>	UFBA	1416.5	36	Costa das Baleias	mar/96
<i>Metrarabdotos tuberosum</i>	UFBA	1417.4	36	Costa das Baleias	mar/96
<i>Metrarabdotos tuberosum</i>	UFBA	1418.13	36	Costa das Baleias	mar/96
<i>Metrarabdotos tuberosum</i>	UFBA	1426.7	36	Costa das Baleias	mar/96
<i>Metrarabdotos tuberosum</i>	UFBA	2386.7	23	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Metrarabdotos tuberosum</i>	UFBA	3306.3	50	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Metrarabdotos tuberosum</i>	UFBA	3314	30	Costa dos Coqueiros	ago/99
<i>Metrarabdotos tuberosum</i>	UFBA	3312.1	47	Costa do Dendê	ago/04
<i>Metrarabdotos unguiculatum</i>	UFBA	3047	23	Costa dos Coqueiros	fev/03
<i>Metrarabdotos unguiculatum</i>	UFBA	3151	24	Costa dos Coqueiros	ago/98
<i>Metrarabdotos unguiculatum</i>	UFBA	3179	21	Costa dos Coqueiros	jul/03
<i>Metrarabdotos unguiculatum</i>	UFBA	3443	47	Costa do Dendê	ago/04
<i>Metrarabdotos unguiculatum</i>	UFBA	2901	-	Baía de Todos os Santos	jul/97
<i>Metrarabdotos unguiculatum</i>	UFBA	3064	50	Costa dos Coqueiros	jul/03
<i>Metrarabdotos unguiculatum</i>	UFBA	1460.1	36	Costa das Baleias	mar/96
<i>Metrarabdotos unguiculatum</i>	UFBA	2197.1	23	Costa dos Coqueiros	jul/00
<i>Metrarabdotos unguiculatum</i>	UFBA	2028.1	50	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Metrarabdotos unguiculatum</i>	UFBA	2764.4	50	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	1440	36	Costa das Baleias	mar/96
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2707	30	Costa do Dendê (Baía de Camamu)	ago/04
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	3045	50	Costa dos Coqueiros	fev/03
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	3104	22	Costa dos Coqueiros	fev/04
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2582.1	30	Costa do Dendê (Baía de Camamu)	ago/04
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2810.5	22	Costa dos Coqueiros	jan/13

<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2863.5	21	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2876.2	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2988.3	30	Costa do Dendê	ago/04
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2990.5	25	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2992.3	25	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2993.1	22	Costa dos Coqueiros	mar/03
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2994.1	27	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2996.5	21	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2997.1	23	Costa dos Coqueiros	jul/09
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2998.1	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2999.7	22	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	3000.1	26	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	3000.8	26	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	3002.10	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	3004.2	23	Costa dos Coqueiros	jul/06
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	3033.4	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	3037.5	22	Costa dos Coqueiros	mar/05
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	3186.9	22	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	3389.13	25	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	3391.1	27	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	3407.3	27	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	3407.5	27	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	3418.2	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	3421.1	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	3438.5	26	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	3440.3	27	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	3442.2	23	Costa dos Coqueiros	mar/05
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	219.5	27	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2747.3	25	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2199	23	Costa dos Coqueiros	jul/00
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2310	22	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2328	26	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2554	27	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2687	28	Costa dos Coqueiros	mar/05
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2693	25	Costa dos Coqueiros	mar/96
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2695	21	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2698	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2699	21	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2701	25	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2078.7	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2104.2	26	Costa dos Coqueiros	mai/93
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2117.2	25	Costa dos Coqueiros	fev/06

<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2166.8	22	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2168.1	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2170.10	22	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2172.7	22	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2174.1	22	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2190.1	26	Costa dos Coqueiros	set/96
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2237.4	26	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2238.5	22	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2241.5	23	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2265.2	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2266.6	27	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2267.1	27	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2269.9	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2272.1	23	Costa dos Coqueiros	jul/05
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2282.10	23	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2287.7	23	Costa dos Coqueiros	jun/08
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2290.1	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2291.1	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2292.15	27	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2329.3	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2332.2	26	Costa dos Coqueiros	jan/13
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2335.1	22	Costa dos Coqueiros	jan/13
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2340.3	26	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2341.2	26	Costa dos Coqueiros	mar/05
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2342.6	22	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2345.2	25	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2388.3	23	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2389.4	23	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2390.10	23	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2437.3	23	Costa dos Coqueiros	jul/09
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2439.2	23	Costa dos Coqueiros	jul/09
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2447.3	23	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2519.5	22	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2547.2	27	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2560.1	23	Costa dos Coqueiros	jul/06
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2579.2	27	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2581.4	25	Costa dos Coqueiros	jan/13
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2644.3	23	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2684.2	22	Costa dos Coqueiros	jan/07
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2685.3	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2703.1	23	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	3394.7	26	Costa dos Coqueiros	jul/06

<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	53	23	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	420.1	23	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	67.1	20	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	76	20	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	81	20	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	102.2	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	73.1	20	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	97.1	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	1850	25	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	1851	22	Costa dos Coqueiros	jan/13
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2191	23	Costa dos Coqueiros	jul/00
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2974	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	1684.2	26	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2276.3	23	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2828.8	23	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2962.7	23	Costa dos Coqueiros	jul/00
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2965.3	22	Costa dos Coqueiros	jul/00
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	2966.7	25	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	3036.2	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	3301.3	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Micropora angustiscapulis</i>	UFBA	376.1	27	Baía de Todos os Santos (Salvador)	abr/12
<i>Microporella curta</i>	UFBA	2882.2	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Microporella curta</i>	UFBA	2893.2	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Microporella curta</i>	UFBA	3002.15	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Microporella curta</i>	UFBA	1580	-	Baía de Todos os Santos	-
<i>Microporella curta</i>	UFBA	1582	-	Baía de Todos os Santos	-
<i>Microporella curta</i>	UFBA	2750	51	Costa das Baleias	1992
<i>Mollia elongata</i>	UFBA	2532.5	28	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Mollia elongata</i>	UFBA	3028.1	28	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Mollia elongata</i>	UFBA	294	35	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	1996
<i>Mollia elongata</i>	UFBA	1338	22	Costa das Baleias	mar/96
<i>Mollia elongata</i>	UFBA	2108	23	Costa dos Coqueiros	jul/06
<i>Mollia elongata</i>	UFBA	2078.9	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Mollia elongata</i>	UFBA	2292.3	27	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Mollia elongata</i>	UFBA	2332.1	26	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Mollia elongata</i>	UFBA	2340.1	26	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Mollia elongata</i>	UFBA	2351.2	22	Costa dos Coqueiros	jul/03
<i>Mollia elongata</i>	UFBA	2390.9	23	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Mollia elongata</i>	UFBA	2432.3	23	Costa dos Coqueiros	jul/09
<i>Mollia elongata</i>	UFBA	2696.1	23	Costa dos Coqueiros	jul/06
<i>Mollia elongata</i>	UFBA	2704.1	23	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Mollia elongata</i>	UFBA	2752.5	23	Costa dos Coqueiros	jul/02

<i>Mollia elongata</i>	UFBA	3000.5	26	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Mollia elongata</i>	UFBA	3002.1	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Mollia elongata</i>	UFBA	3391.5	27	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Mollia elongata</i>	UFBA	3394.4	26	Costa dos Coqueiros	jul/06
<i>Mollia elongata</i>	UFBA	3407.8	27	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Mollia elongata</i>	UFBA	3438.2	26	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Mollia elongata</i>	USNM	8539	49	Costa dos Coqueiros	1877
<i>Mollia elongata</i>	USNM	347	47	Baía de Todos os Santos	1877
<i>Mollia elongata</i>	UFBA	2382	28	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Monoporella divae</i>	UFBA	2333	50	Costa dos Coqueiros	ago/99
<i>Monoporella divae</i>	UFBA	2706	50	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Monoporella divae</i>	UFBA	2685.1	10	Costa do Dendê	jul/07
<i>Monoporella divae</i>	UFBA	1777.3	16	Costa do Dendê	jul/07
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	1439	22	Costa das Baleias	mar/96
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	1449	22	Costa das Baleias	mar/96
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	1476	22	Costa das Baleias	mar/96
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	1478	22	Costa das Baleias	mar/96
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	1522	22	Costa das Baleias	mar/96
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	1523	22	Costa das Baleias	mar/96
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	1524	22	Costa das Baleias	mar/96
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	1616	-	Baía de Todos os Santos	-
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	1739	-	Baía de Todos os Santos	-
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	1740	-	Baía de Todos os Santos	-
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	1741	26	Costa dos Coqueiros	set/96
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	1742	26	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	1744	24	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	1746	-	Baía de Todos os Santos	ago/95
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	1748	23	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	1750	33	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	1751	-	Baía de Todos os Santos	ago/95
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	1756	23	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	2354	18-20	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	2355	18-20	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	2480	18-20	Costa do Dendê	jul/07
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	2529	28	Costa dos Coqueiros	2003
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	2545	23	Costa dos Coqueiros	fev/04
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	2575	23	Costa dos Coqueiros	2004
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	2576	24	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	3246	50	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	1392.7	29	Costa das Baleias	mar/96
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	1396.7	29	Costa das Baleias	mar/96
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	1400.3	29	Costa das Baleias	mar/96

<i>Nellia tenella</i>	UFBA	1402.2	29	Costa das Baleias	mar/96
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	1404.2	29	Costa das Baleias	mar/96
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	1406.3	29	Costa das Baleias	mar/96
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	1407.6	29	Costa das Baleias	mar/96
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	1412.1	29	Costa das Baleias	mar/96
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	1414.2	29	Costa das Baleias	mar/96
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	1416.6	29	Costa das Baleias	mar/96
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	1419.2	29	Costa das Baleias	mar/96
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	1423.3	29	Costa das Baleias	mar/96
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	2303.1	50	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	2339.2	23	Costa dos Coqueiros	fev/04
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	2407.1	23	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	2573.2	-	Baía de Todos os Santos	jan/03
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	2574.2	28	Costa dos Coqueiros	2003
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	2590.2	23	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	2752.3	23	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	2864.2	-	Baía de Todos os Santos	jul/03
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	3250.1	-	Baía de Todos os Santos	jan/03
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	1601	18-20	Costa do Dendê	jul/07
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	1745	28	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	1753	28	Costa dos Coqueiros	07/00
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	1754	24	Costa dos Coqueiros	fev/99
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	1759	24	Baía de Todos os Santos	-
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	1761	24	Costa dos Coqueiros	fev/99
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	1762	34	Costa dos Coqueiros	fev/99
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	2208	18-20	Costa do Dendê	dez/06
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	2209	23	Costa dos Coqueiros	jul/00
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	2210	25	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	2211	28	Costa dos Coqueiros	jul/00
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	2212	18-20	Costa do Dendê	jul/07
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	2213	24	Costa dos Coqueiros	fev/99
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	1743	24	Costa dos Coqueiros	jun/07
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	1747	24	Costa dos Coqueiros	jun/07
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	1749	23	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	1752	34	Baía de Todos os Santos (Salvador)	mar/96
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	1755	34	Costa dos Coqueiros	jun/07
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	1757	24	Costa dos Coqueiros	jun/07
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	1758	26	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	1760	-	Costa dos Coqueiros	dez/92
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	1778	24	Costa dos Coqueiros	mar/96
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	2066	24	Costa dos Coqueiros	jun/07
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	2484	26	Costa dos Coqueiros	jul/08

<i>Nellia tenella</i>	UFBA	2671	22	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	1943.4	26	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	2370.3	23	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	2485.1	23	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	2635.1	27	Costa dos Coqueiros	jun/07
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	2650.2	25	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	2673.2	28	Costa dos Coqueiros	jul/00
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	2684.1	22	Costa dos Coqueiros	jan/07
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	27	30	Costa dos Coqueiros	dez/92
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	42	24	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Nellia tenella</i>	UFBA	116.2	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Nolella stipata</i>	UFBA	3426	0-5	Baía de Todos os Santos	fev/13
<i>Nolella stipata</i>	UFPE	S/N	0-5	Baía de Todos os Santos	fev/13
<i>Nolella stipata</i>	UFPE	S/N	0-5	Baía de Todos os Santos	fev/13
<i>Onychocella</i> sp. nov.1	UFBA	109.1	22	Costa das Baleias	fev/03
<i>Onychocella</i> sp. nov.1	UFBA	73.2	22	Costa das Baleias	fev/03
<i>Onychocella</i> sp. nov.1	UFBA	3141	22	Costa das Baleias	fev/03
<i>Onychocella</i> sp. nov.1	UFBA	2245.2	25	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Onychocella</i> sp. nov.1	UFBA	2286.1	23	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Onychocella</i> sp. nov.1	UFBA	2381.9	28	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Onychocella</i> sp. nov.1	UFBA	2637.2	25	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Onychocella</i> sp. nov.1	UFBA	2845.2	26	Costa do Descobrimento	jul/08
<i>Onychocella</i> sp. nov.1	UFBA	2994.7	26	Costa do Descobrimento	jul/08
<i>Onychocella</i> sp. nov.1	UFBA	47	26	Costa do Descobrimento	jul/08
<i>Onychocella</i> sp. nov.1	UFBA	88	22	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Onychocella</i> sp. nov.1	UFBA	91	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Onychocella</i> sp. nov.1	UFBA	298	35	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	1996
<i>Onychocella</i> sp. nov.1	UFBA	1843	35	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	1996
<i>Onychocella</i> sp. nov.1	UFBA	1846	35	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	1996
<i>Onychocella</i> sp. nov.1	UFBA	1848	22	Costa das Baleias	fev/03
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	1852	22	Costa das Baleias	fev/03
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2007	22	Costa das Baleias	fev/03
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2101	25	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2103	23	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2105	28	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2106	25	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2107	26	Costa do Descobrimento	jul/08
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2109	26	Costa do Descobrimento	jul/08
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2116	26	Costa do Descobrimento	jul/08
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2119	22	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2121	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2123	35	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	1996

<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2124	35	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	1996
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2125	35	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	1996
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2126	22	Costa das Baleias	fev/03
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2127	22	Costa das Baleias	fev/03
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2128	22	Costa das Baleias	fev/03
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2129	25	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2130	23	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2131	28	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2132	25	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2134	26	Costa do Descobrimento	jul/08
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2135	26	Costa do Descobrimento	jul/08
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2375	26	Costa do Descobrimento	jul/08
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2450	22	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2483	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2559	35	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	1996
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	3001	35	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	1996
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	3080	35	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	1996
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	3083	22	Costa das Baleias	fev/03
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	3085	22	Costa das Baleias	fev/03
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	3093	22	Costa das Baleias	fev/03
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	3148	25	Baía de Todos os Santos	mar/02
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	1844.1	23	Baía de Todos os Santos	mar/02
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	1847.1	28	Baía de Todos os Santos	jul/02
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	1902.3	25	Baía de Todos os Santos	mar/02
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2078.2	26	Baía de Todos os Santos	jul/08
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2102.1	26	Baía de Todos os Santos	jul/08
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2104.1	26	Costa do Descobrimento	jul/08
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2113.1	22	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2117.1	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2120.1	35	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	1996
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2166.2	35	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	1996
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2167.2	35	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	1996
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	219.4	27	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2237.6	26	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2238.1	22	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2267.4	27	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2272.9	23	Costa dos Coqueiros	jul/05
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2278.2	23	Costa dos Coqueiros	mar/05
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2287.1	23	Costa dos Coqueiros	jun/08
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2332.7	26	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2334.1	22	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2335.3	22	Costa dos Coqueiros	jan/97

<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2342.1	22	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2354.1	23	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2380.1	28	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2381.10	28	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	239.3	22	Costa das Baleias	fev/03
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	240.1	22	Costa das Baleias	fev/03
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2434.1	22	Costa das Baleias	fev/03
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2443.2	25	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2556.3	23	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2560.2	28	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2581.5	25	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2745.7	26	Costa do Descobrimento	jul/08
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2747.1	26	Costa do Descobrimento	jul/08
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2752.2	26	Costa do Descobrimento	jul/08
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2759.2	22	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2810.6	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2828.7	35	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	1996
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2874.2	35	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	1996
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2990.2	35	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	1996
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2991.3	22	Costa das Baleias	fev/03
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2993.8	22	Costa das Baleias	fev/03
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2997.4	22	Costa das Baleias	mar/96
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2998.3	25	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	2999.3	23	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	3000.17	28	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	3002.9	25	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	3034.8	26	Costa do Descobrimento	jul/08
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	3292.1	26	Costa do Descobrimento	jul/08
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	3299.1	26	Costa do Descobrimento	jul/08
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	3389.11	22	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	3397.9	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	3407.1	35	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	1996
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	3407.7	35	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	1996
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	3413.2	35	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	1996
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	3418.3	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	3438.12	26	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	99.1	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	UFBA	63	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Parasmittina bimucronata</i>	UFBA	2171.7	25	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Parasmittina bimucronata</i>	UFBA	314	35	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	mar/96
<i>Parasmittina bimucronata</i>	UFBA	301.1	35	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	1996
<i>Parasmittina bimucronata</i>	UFBA	2283.2	31	Costa dos Coqueiros	fev/04

<i>Parasmittina ligulata</i>	UFBA	2414	-	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Parasmittina ligulata</i>	UFBA	2415	-	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Parasmittina ligulata</i>	UFBA	2416	-	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Parasmittina ligulata</i>	UFBA	2850	25	Costa dos Coqueiros	1997
<i>Parasmittina ligulata</i>	UFBA	2854	27	Baía de Todos os Santos (Salvador)	mar/96
<i>Parasmittina ligulata</i>	UFBA	2855	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Parasmittina ligulata</i>	UFBA	2856	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Parasmittina ligulata</i>	UFBA	2857	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Parasmittina ligulata</i>	UFBA	2858	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Parasmittina ligulata</i>	UFBA	2859	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Parasmittina ligulata</i>	UFBA	2861	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Parasmittina ligulata</i>	UFBA	3090	27	Baía de Todos os Santos (Salvador)	mar/96
<i>Parasmittina ligulata</i>	UFBA	3126	45	Costa das Baleias	mar/96
<i>Parasmittina ligulata</i>	UFBA	2878.2	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Parasmittina ligulata</i>	UFBA	2879.1	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Parasmittina ligulata</i>	UFBA	2880.1	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Parasmittina ligulata</i>	UFBA	2881.2	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Parasmittina ligulata</i>	UFBA	2882.1	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Parasmittina ligulata</i>	UFBA	2883.3	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Parasmittina ligulata</i>	UFBA	2884.2	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Parasmittina ligulata</i>	UFBA	2886.1	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Parasmittina ligulata</i>	UFBA	2887.1	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Parasmittina ligulata</i>	UFBA	3128.1	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Parasmittina ligulata</i>	UFBA	3295.1	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Parasmittina ligulata</i>	USNM	8559	49	Costa dos Coqueiros	1877
<i>Parasmittina ligulata</i>	USNM	8558	49	Costa dos Coqueiros	1877
<i>Parasmittina ligulata</i>	USNM	347	47	Baía de Todos os Santos	1877
<i>Parasmittina ligulata</i>	USNM	347	47	Baía de Todos os Santos	1877
<i>Parasmittina loxoides</i>	UFBA	2848	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Parasmittina loxoides</i>	UFBA	3323	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Parasmittina loxoides</i>	UFBA	3324	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Parasmittina loxoides</i>	UFBA	3325	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Parasmittina loxoides</i>	UFBA	3326	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Parasmittina loxoides</i>	UFBA	3327	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Parasmittina loxoides</i>	UFBA	3328	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Parasmittina loxoides</i>	UFBA	3329	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Parasmittina loxoides</i>	UFBA	3330	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Parasmittina loxoides</i>	UFBA	3331	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Parasmittina loxoides</i>	UFBA	3332	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Parasmittina loxoides</i>	UFBA	3333	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015

<i>Parasmittina loxoides</i>	UFBA	3334	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Parasmittina loxoides</i>	UFBA	3335	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Parasmittina loxoides</i>	UFBA	3336	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Parasmittina loxoides</i>	UFBA	3337	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Parasmittina loxoides</i>	UFBA	3338	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Parasmittina loxoides</i>	UFBA	3339	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Parasmittina loxoides</i>	UFBA	3340	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Parasmittina loxoides</i>	UFBA	3341	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Parasmittina loxoides</i>	UFBA	3342	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Parasmittina loxoides</i>	UFBA	3343	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Parasmittina loxoides</i>	UFBA	3344	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Parasmittina loxoides</i>	UFBA	3345	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Parasmittina loxoides</i>	UFBA	3346	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Parasmittina loxoides</i>	UFBA	3348	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Parasmittina loxoides</i>	UFBA	3349	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Parasmittina loxoides</i>	UFBA	3350	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Parasmittina loxoides</i>	UFBA	3351	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Parasmittina loxoides</i>	UFBA	3353	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Parasmittina loxoides</i>	UFBA	3352	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Parasmittina loxoides</i>	UFBA	2849	24	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Parasmittina loxoides</i>	UFBA	2851	27	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Parasmittina simulata</i>	UFBA	3269	-	Costa dos Coqueiros	mai/93
<i>Parasmittina simulata</i>	UFBA	2847.1	25	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Parasmittina simulata</i>	UFBA	2966.1	25	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Parasmittina</i> sp. nov.	UFBA	365	27	Baía de Todos os Santos (Salvador)	abr/12
<i>Parasmittina</i> sp. nov.	UFBA	1158	-	Baía de Todos os Santos	-
<i>Parasmittina</i> sp. nov.	UFBA	1485	45	Costa das Baleias	mar/96
<i>Parasmittina</i> sp. nov.	UFBA	1555	45	Costa das Baleias	mar/96
<i>Parasmittina</i> sp. nov.	UFBA	1392.10	45	Costa das Baleias	mar/96
<i>Parasmittina</i> sp. nov.	UFBA	1413.11	45	Costa das Baleias	mar/96
<i>Parasmittina</i> sp. nov.	UFBA	1418.5	45	Costa das Baleias	mar/96
<i>Parasmittina</i> sp. nov.	UFBA	1419.8	45	Costa das Baleias	mar/96
<i>Parasmittina spatulata</i> (Smitt, 1873)	UFBA	209	28	Costa dos Coqueiros	fev/04
<i>Pasythea tulipifera</i>	UFBA	1433	45	Costa das Baleias	mar/96
<i>Pasythea tulipifera</i>	UFBA	2164	-	Baía de Todos os Santos	abr/97
<i>Pasythea tulipifera</i>	UFBA	2711	25	Costa dos Coqueiros	ago/97
<i>Pasythea tulipifera</i>	UFBA	2282.12	23	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Pasythea tulipifera</i>	UFBA	2291.5	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Pasythea tulipifera</i>	UFBA	2339.1	23	Costa dos Coqueiros	fev/04

<i>Pasythea tulipifera</i>	UFBA	2386.11	23	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Pasythea tulipifera</i>	UFBA	2438.1	10	Baía de Todos os Santos	jul/06
<i>Pasythea tulipifera</i>	UFBA	2542.7	20	Costa dos Coqueiros	out/95
<i>Pasythea tulipifera</i>	UFBA	2645.1	22	Costa das Baleias	fev/03
<i>Pasythea tulipifera</i>	UFBA	2836.1	26	Costa do Descobrimento	jul/08
<i>Pasythea tulipifera</i>	UFBA	2844.2	40	Costa do Cacau	jul/08
<i>Pasythea tulipifera</i>	UFBA	2875.3	39	Costa do Dendê	ago/04
<i>Pasythea tulipifera</i>	UFBA	3301.1	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Pasythea tulipifera</i>	UFBA	3404.2	23	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Pasythea tulipifera</i>	UFBA	26	30	Costa dos Coqueiros	dez/92
<i>Pasythea tulipifera</i>	UFBA	29	10	Baía de Todos os Santos	jul/06
<i>Pasythea tulipifera</i>	UFBA	257	20	Costa dos Coqueiros	out/95
<i>Pasythea tulipifera</i>	UFBA	378	22	Costa das Baleias	fev/03
<i>Pasythea tulipifera</i>	UFBA	379	26	Costa do Descobrimento	jul/08
<i>Pasythea tulipifera</i>	UFBA	380	40	Costa do Cacau	jul/08
<i>Pasythea tulipifera</i>	UFBA	225.4	39	Costa do Dendê	ago/04
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2747.6	25	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2445	10	Baía de Todos os Santos	jul/06
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2834	20	Costa dos Coqueiros	out/95
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2866	22	Costa das Baleias	fev/03
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	3405	26	Costa do Descobrimento	jul/08
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	1844.4	22	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2005.1	39	Costa do Dendê	ago/04
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2166.3	22	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2168.3	10	Baía de Todos os Santos	jul/06
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2170.7	20	Costa dos Coqueiros	out/95
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	219.6	22	Costa das Baleias	fev/03
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2284.1	26	Costa do Descobrimento	jul/08
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2340.2	22	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2344.2	39	Costa do Dendê	ago/04
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2381.1	22	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2386.15	10	Baía de Todos os Santos	jul/06
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2388.6	20	Costa dos Coqueiros	out/95
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2389.1	22	Costa das Baleias	fev/03
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2390.7	26	Costa do Descobrimento	jul/08
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2401.6	22	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2438.2	39	Costa do Dendê	ago/04
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2447.5	22	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2470.1	22	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2519.2	22	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2532.4	28	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2547.1	27	Costa dos Coqueiros	jul/08

<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2564.1	23	Costa dos Coqueiros	mar/05
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2581.3	25	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2679.1	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2810.3	22	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2863.2	21	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2877.3	25	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2964.1	22	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2991.4	10	Baía de Todos os Santos	jul/06
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2992.1	20	Costa dos Coqueiros	out/95
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2993.5	22	Costa das Baleias	fev/03
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2994.5	26	Costa do Descobrimento	jul/08
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2995.8	22	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	3438.8	26	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	1128	32	Costa das Baleias	mar/96
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2146	10	Baía de Todos os Santos	jul/06
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	1142.2	20	Costa dos Coqueiros	out/95
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	399.3	22	Costa das Baleias	fev/03
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	1306	26	Costa do Descobrimento	jul/08
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	1517	22	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	1567	39	Costa do Dendê	ago/04
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2161	22	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2811	22	Costa dos Coqueiros	jul/06
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2933	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2942	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2948	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2952	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2954	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2955	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2956	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2961	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	1398.2	10	Baía de Todos os Santos	jul/06
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	1413.9	20	Costa dos Coqueiros	out/95
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	1418.2	22	Costa das Baleias	fev/03
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2271.3	26	Costa do Descobrimento	jul/08
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2485.5	22	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2563.1	39	Costa do Dendê	ago/04
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2745.11	22	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2878.3	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2879.3	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2881.4	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2882.4	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2885.1	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017

<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2886.3	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2887.8	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2906.3	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2907.1	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	1454	22	Costa das Baleias	fev/03
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	3000.6	26	Costa do Descobrimento	jul/08
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	3028.3	22	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	3291.1	39	Costa do Dendê	ago/04
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	3292.7	22	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2095	23	Costa dos Coqueiros	2003
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2096	22	Costa dos Coqueiros	fev/03
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2097	24	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2098	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2099	23	Costa dos Coqueiros	fev/03
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2100	24	Costa dos Coqueiros	abr/98
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	1723.3	25	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2120.3	27	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	UFBA	2165.1	23	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	USNM	8579	49	Costa dos Coqueiros	1877
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	USNM	347	47	Baía de Todos os Santos	1877
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.2	UFBA	2916.1	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.2	UFBA	2937.2	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.2	UFBA	2939.1	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.2	UFBA	2941.2	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.2	UFBA	3181.4	10	Baía de Todos os Santos	jul/06
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.2	UFBA	3295.2	20	Costa dos Coqueiros	out/95
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.2	UFBA	278	48	Baía de Todos os Santos	abr/97
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.2	UFBA	1972.2	48	Costa dos Coqueiros	mai/93
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.2	UFBA	1985.2	26	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.2	UFBA	2090	23	Costa dos Coqueiros	jul/05
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.2	UFBA	2091	34	Costa dos Coqueiros	abr/98
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.2	UFBA	2092	23	Costa dos Coqueiros	fev/04
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.2	UFBA	2093	28	Costa dos Coqueiros	fev/03
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.2	UFBA	2094	48	Baía de Todos os Santos	jan/03
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.2	UFBA	2167.3	27	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.2	UFBA	2238.4	22	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.2	UFBA	2240.2	27	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.2	UFBA	2272.6	23	Costa dos Coqueiros	jul/05
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.2	UFBA	2282.3	23	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.2	UFBA	2292.4	27	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.2	UFBA	2342.8	22	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.2	UFBA	2763.1	48	Baía de Todos os Santos	-

<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.2	UFBA	1818.1	22	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.2	UFBA	2181.2	25	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.3	UFBA	2996.4	39	Costa do Dendê	ago/04
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.3	UFBA	2999.4	22	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.3	UFBA	2999.6	22	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.3	UFBA	3299.6	25	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.3	UFBA	3389.1	25	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.3	UFBA	3413.3	26	Costa dos Coqueiros	mar/05
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.3	UFBA	2946.1	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.3	UFBA	2947.1	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.3	UFBA	2949.2	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.3	UFBA	2950.2	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.3	UFBA	2951.6	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.3	UFBA	2953.1	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.3	UFBA	2962.2	23	Costa dos Coqueiros	jul/00
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.3	UFBA	3128.2	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.3	UFBA	1860.2	23	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.3	UFBA	1862.1	28	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.3	UFBA	1873.2	28	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.3	UFBA	1922.2	27	Costa dos Coqueiros	jul/06
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.3	UFBA	2089.1	22	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Pleurocodonellina marcusii</i>	UFBA	3260	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Pleurocodonellina marcusii</i>	UFBA	389.5	23	Costa dos Coqueiros	set/96
<i>Pleurocodonellina marcusii</i>	UFBA	3037.2	22	Costa dos Coqueiros	mar/05
<i>Pleurocodonellina marcusii</i>	UFBA	236.2	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Pleurocodonellina marcusii</i>	UFBA	407.3	23	Costa dos Coqueiros	jul/09
<i>Pleurocodonellina marcusii</i>	UFBA	392	20	Costa dos Coqueiros	jul/00
<i>Pleurocodonellina marcusii</i>	UFBA	1977.1	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Pleurocodonellina marcusii</i>	UFBA	251	48	Baía de Todos os Santos	abr/97
<i>Pleurocodonellina marcusii</i>	UFBA	2030.1	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Pleurocodonellina marcusii</i>	UFBA	2826	34	Costa dos Coqueiros	mar/96
<i>Pleurocodonellina marcusii</i>	UFBA	2388.5	23	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Poricella frigerosa</i>	UFBA	3412	24	Costa dos Coqueiros	1997
<i>Poricella frigerosa</i>	UFBA	1585	50	Baía de Todos os Santos	-
<i>Poricella frigerosa</i>	UFBA	2303.2	50	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Poricella frigerosa</i>	USNM	8546	49	Costa dos Coqueiros	1877
<i>Poricella frigerosa</i>	USNM	347	47	Baía de Todos os Santos	1877
<i>Poricella frigerosa</i>	UFBA	2388	18-20	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Poricella frigerosa</i>	UFBA	2880.2	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Poricella frigerosa</i>	UFBA	2881.1	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Poricella frigerosa</i>	UFBA	2893.1	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Poricella frigerosa</i>	UFBA	2919.1	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017

<i>Poricella frigerosa</i>	UFBA	2935.2	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Poricella frigerosa</i>	UFBA	2949.1	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Poricella frigerosa</i>	UFBA	3128.5	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Poricella frigerosa</i>	UFBA	245	48	Baía de Todos os Santos	abr/97
<i>Poricella frigerosa</i>	UFBA	293	-	Baía de Todos os Santos	mai/97
<i>Poricella frigerosa</i>	UFBA	317	35	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	mar/96
<i>Poricella frigerosa</i>	UFBA	1126	68	Costa das Baleias	mar/96
<i>Poricella frigerosa</i>	UFBA	1411.10	68	Costa das Baleias	mar/96
<i>Poricella frigerosa</i>	UFBA	2448.1	50	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Poricella frigerosa</i>	UFBA	2748.2	25	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Poricella frigerosa</i>	UFBA	1410.1	68	Costa das Baleias	mar/96
<i>Poricella frigerosa</i>	UFBA	1417.7	68	Costa das Baleias	mar/96
<i>Poricella frigerosa</i>	UFBA	1418.12	68	Costa das Baleias	mar/96
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	2017	34	Costa dos Coqueiros	set/96
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	2019	23	Costa dos Coqueiros	jul/05
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	2020	27	Costa dos Coqueiros	jul/06
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	2022	22	Costa dos Coqueiros	set/96
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	2025	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	2026	22	Costa dos Coqueiros	set/96
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	2027	23	Costa dos Coqueiros	jul/06
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	2029	23	Costa dos Coqueiros	jul/06
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	2634	23	Costa dos Coqueiros	jul/00
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	2909	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	2934	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	2005.4	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	2018.2	31	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	2023.2	27	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	2024.1	28	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	2642.1	25	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	2906.1	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	2941.1	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	3036.10	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	3037.1	22	Costa dos Coqueiros	mar/05
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	415.2	25	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	416.3	23	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	417.1	23	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	420.3	23	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	2992.7	25	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	2993.10	22	Costa dos Coqueiros	mar/03
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	2994.2	27	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	2998.7	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	3002.6	23	Costa dos Coqueiros	jul/07

<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	3004.1	23	Costa dos Coqueiros	jul/06
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	3034.3	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	3035.8	31	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	3037.7	22	Costa dos Coqueiros	mar/05
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	3186.3	22	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	3308.1	30	Costa do Dendê	ago/04
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	3394.1	26	Costa dos Coqueiros	jul/06
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	3397.8	27	Costa dos Coqueiros	jul/05
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	3418.6	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	3421.3	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	3440.4	27	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	107.3	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	157.2	48	Baía de Todos os Santos	abr/97
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	74.1	-	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	83.1	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	92.2	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	93.2	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	2309	26	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	2364	32	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	1417.3	68	Costa das Baleias	mar/96
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	2434.2	23	Costa dos Coqueiros	jul/09
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	2437.1	23	Costa dos Coqueiros	jul/09
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	2447.2	23	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	2493.1	22	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	15	25	Costa dos Coqueiros	ago/95
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	36	30	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	51	23	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	59	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	UFBA	64	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Puellina</i> sp. nov.1	UFBA	2183.2	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Puellina</i> sp. nov.1	UFBA	2238.6	22	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Puellina</i> sp. nov.1	UFBA	2245.4	25	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Puellina</i> sp. nov.1	UFBA	2265.6	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Puellina</i> sp. nov.1	UFBA	2269.14	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Puellina</i> sp. nov.1	UFBA	2282.9	23	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Puellina</i> sp. nov.1	UFBA	2284.4	28	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Puellina</i> sp. nov.1	UFBA	2290.5	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Puellina</i> sp. nov.1	UFBA	2291.13	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Puellina</i> sp. nov.1	UFBA	2292.11	27	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Puellina</i> sp. nov.1	UFBA	2295.2	22	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Puellina</i> sp. nov.1	UFBA	2307.2	28	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Puellina</i> sp. nov.1	UFBA	2329.1	23	Costa dos Coqueiros	fev/07

<i>Puellina</i> sp. nov.1	UFBA	2342.2	22	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Puellina</i> sp. nov.1	UFBA	2381.7	28	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Puellina</i> sp. nov.1	UFBA	2388.8	23	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Puellina</i> sp. nov.1	UFBA	2448.3	50	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Puellina</i> sp. nov.1	UFBA	2530.2	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Puellina</i> sp. nov.1	UFBA	2685.4	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Puellina</i> sp. nov.1	UFBA	270.2	28	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Puellina</i> sp. nov.1	UFBA	2747.7	25	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Puellina</i> sp. nov.1	UFBA	2993.13	22	Costa dos Coqueiros	mar/03
<i>Puellina</i> sp. nov.1	UFBA	2994.8	27	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Puellina</i> sp. nov.1	UFBA	3000.10	26	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Puellina</i> sp. nov.1	UFBA	3002.8	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Puellina</i> sp. nov.1	UFBA	3035.3	31	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Puellina</i> sp. nov.1	UFBA	3037.9	22	Costa dos Coqueiros	mar/05
<i>Puellina</i> sp. nov.1	UFBA	3186.7	22	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Puellina</i> sp. nov.1	UFBA	3394.5	26	Costa dos Coqueiros	jul/06
<i>Puellina</i> sp. nov.1	UFBA	3397.6	27	Costa dos Coqueiros	jul/05
<i>Puellina</i> sp. nov.1	UFBA	3407.6	27	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Puellina</i> sp. nov.1	UFBA	3442.3	23	Costa dos Coqueiros	mar/05
<i>Puellina</i> sp. nov.1	UFBA	2675	27	Baía de Todos os Santos (Salvador)	jan/09
<i>Puellina</i> sp. nov.1	UFBA	2923	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Puellina</i> sp. nov.1	UFBA	2173.4	26	Costa dos Coqueiros	ago/95
<i>Puellina</i> sp. nov.1	UFBA	2679.3	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Puellina</i> sp. nov.1	UFBA	2966.9	25	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Puellina</i> sp. nov.1	UFBA	3185.3	23	Costa dos Coqueiros	mar/05
<i>Puellina</i> sp. nov.1	UFBA	3188.4	23	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Puellina</i> sp. nov.1	UFBA	3438.10	26	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Puellina</i> sp. nov.1	UFBA	2557.1	23	Costa dos Coqueiros	jul/06
<i>Puellina</i> sp. nov.1	UFBA	2998.2	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Puellina</i> sp. nov.1	UFBA	2999.1	22	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Puellina</i> sp. nov.2	UFBA	100	10	Baía de Todos os Santos	jul/06
<i>Puellina</i> sp. nov.2	UFBA	2179	20	Costa dos Coqueiros	out/95
<i>Puellina</i> sp. nov.2	UFBA	2649	22	Costa das Baleias	fev/03
<i>Puellina</i> sp. nov.2	UFBA	2165.4	39	Costa do Dendê	ago/04
<i>Puellina</i> sp. nov.2	UFBA	2166.9	10	Baía de Todos os Santos	jul/06
<i>Puellina</i> sp. nov.2	UFBA	2167.4	20	Costa dos Coqueiros	out/95
<i>Puellina</i> sp. nov.2	UFBA	2170.1	22	Costa das Baleias	fev/03
<i>Puellina</i> sp. nov.2	UFBA	2171.5	39	Costa do Dendê	ago/04
<i>Puellina</i> sp. nov.2	UFBA	2174.2	10	Baía de Todos os Santos	jul/06
<i>Puellina</i> sp. nov.2	UFBA	2175.2	20	Costa dos Coqueiros	out/95
<i>Puellina</i> sp. nov.2	UFBA	2176.2	22	Costa das Baleias	fev/03
<i>Puellina</i> sp. nov.2	UFBA	2178.2	39	Costa do Dendê	ago/04

<i>Puellina</i> sp. nov.2	UFBA	2181.3	10	Baía de Todos os Santos	jul/06
<i>Puellina</i> sp. nov.2	UFBA	2751.2	20	Costa dos Coqueiros	out/95
<i>Puellina</i> sp. nov.2	UFBA	2875.7	22	Costa das Baleias	fev/03
<i>Puellina</i> sp. nov.2	UFBA	3002.13	39	Costa do Dendê	ago/04
<i>Puellina</i> sp. nov.2	UFBA	3032.6	10	Baía de Todos os Santos	jul/06
<i>Puellina</i> sp. nov.2	UFBA	3409.5	20	Costa dos Coqueiros	out/95
<i>Puellina</i> sp. nov.2	UFBA	420.4	22	Costa das Baleias	fev/03
<i>Puellina</i> sp. nov.2	UFBA	1844.2	39	Costa do Dendê	ago/04
<i>Puellina</i> sp. nov.2	UFBA	1896.3	10	Baía de Todos os Santos	jul/06
<i>Puellina</i> sp. nov.2	UFBA	114	20	Costa dos Coqueiros	out/95
<i>Puellina</i> sp. nov.2	UFBA	290	22	Costa das Baleias	fev/03
<i>Puellina</i> sp. nov.2	UFBA	349	39	Costa do Dendê	ago/04
<i>Puellina</i> sp. nov.2	UFBA	1455	10	Baía de Todos os Santos	jul/06
<i>Puellina</i> sp. nov.2	UFBA	1942	20	Costa dos Coqueiros	out/95
<i>Puellina</i> sp. nov.2	UFBA	2169	22	Costa das Baleias	fev/03
<i>Puellina</i> sp. nov.2	UFBA	2177	39	Costa do Dendê	ago/04
<i>Puellina</i> sp. nov.2	UFBA	1777.4	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Puellina</i> sp. nov.2	UFBA	2078.5	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Puellina</i> sp. nov.2	UFBA	2168.2	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Puellina</i> sp. nov.2	UFBA	2170.5	22	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Puellina</i> sp. nov.2	UFBA	2173.3	26	Costa dos Coqueiros	ago/95
<i>Puellina</i> sp. nov.2	UFBA	2182.2	27	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Puellina</i> sp. nov.2	UFBA	2180.2	26	Costa dos Coqueiros	ago/95
<i>Puellina</i> sp. nov.2	UFBA	3416.2	23	Costa dos Coqueiros	jul/00
<i>Reptadeonella aspera</i>	UFBA	1149	-	Baía de Todos os Santos	-
<i>Reptadeonella aspera</i>	UFBA	1417.8	22	Costa das Baleias	mar/96
<i>Reptadeonella aspera</i>	UFBA	1923	37	Costa dos Coqueiros	jul/11
<i>Reptadeonella aspera</i>	UFBA	1925	23	Costa dos Coqueiros	jan/12
<i>Reptadeonella aspera</i>	UFBA	352	27	Baía de Todos os Santos (Salvador)	mar/12
<i>Reptadeonella aspera</i>	UFBA	353	27	Baía de Todos os Santos (Salvador)	mar/12
<i>Reptadeonella aspera</i>	UFBA	357	35	Baía de Todos os Santos (Salvador)	mar/12
<i>Reptadeonella aspera</i>	UFBA	359	35	Baía de Todos os Santos (Salvador)	mar/12
<i>Reptadeonella aspera</i>	UFBA	363	35	Baía de Todos os Santos (Salvador)	abr/12
<i>Reptadeonella aspera</i>	UFBA	368	35	Baía de Todos os Santos (Salvador)	abr/12
<i>Reptadeonella aspera</i>	UFBA	1537	22	Costa das Baleias	mar/96
<i>Reptadeonella aspera</i>	UFBA	1538	22	Costa das Baleias	mar/96
<i>Reptadeonella aspera</i>	UFBA	1926	12	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Reptadeonella aspera</i>	UFBA	1928	26	Costa dos Coqueiros	ago/95
<i>Reptadeonella aspera</i>	UFBA	2843	35	Costa do Dendê	ago/04
<i>Reptadeonella aspera</i>	UFBA	1396.1	22	Costa das Baleias	mar/96
<i>Reptadeonella bipartita</i>	UFBA	1413.10	22	Costa das Baleias	mar/96
<i>Reptadeonella bipartita</i>	UFBA	266	28	Costa dos Coqueiros	jul/02

<i>Reptadeonella bipartita</i>	UFBA	1118	68	Costa das Baleias	mar/96
<i>Reptadeonella bipartita</i>	USNM	8567	49	Costa dos Coqueiros	1877
<i>Reptadeonella bipartita</i>	USNM	347	47	Baía de Todos os Santos	1877
<i>Reptadeonella brasiliensis</i>	UFBA	1117	35	Costa das Baleias	mar/96
<i>Reptadeonella brasiliensis</i>	UFBA	1148	-	Baía de Todos os Santos	-
<i>Reptadeonella brasiliensis</i>	UFBA	1457	35	Costa das Baleias	mar/96
<i>Reptadeonella brasiliensis</i>	UFBA	3018	47	Costa do Dendê	ago/04
<i>Reptadeonella brasiliensis</i>	UFBA	1985.3	26	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Reptadeonella brasiliensis</i>	UFBA	2166.1	22	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Reptadeonella brasiliensis</i>	UFBA	2239.3	50	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Reptadeonella brasiliensis</i>	UFBA	2381.5	28	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Reptadeonella brasiliensis</i>	UFBA	2467.1	26	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Reptadeonella brasiliensis</i>	UFBA	2764.3	50	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Reptadeonella brasiliensis</i>	UFBA	3394.3	26	Costa dos Coqueiros	jul/06
<i>Reptadeonella brasiliensis</i>	UFBA	3413.1	26	Costa dos Coqueiros	mar/05
<i>Reptadeonella brasiliensis</i>	UFBA	3438.11	26	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Reptadeonella brasiliensis</i>	UFBA	2470.3	22	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Reptadeonella brasiliensis</i>	UFBA	2703.2	23	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Reptadeonella brasiliensis</i>	UFBA	2827.4	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Reptadeonella brasiliensis</i>	UFBA	2828.3	23	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Reptadeonella brasiliensis</i>	UFBA	2876.1	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Reptadeonella brasiliensis</i>	UFBA	2989.1	12	Costa do Dendê	ago/04
<i>Reptadeonella brasiliensis</i>	UFBA	2990.3	25	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Reptadeonella brasiliensis</i>	UFBA	2996.7	21	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Reptadeonella brasiliensis</i>	UFBA	2997.6	23	Costa dos Coqueiros	jul/09
<i>Reptadeonella brasiliensis</i>	UFBA	3002.2	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Reptadeonella brasiliensis</i>	UFBA	3034.7	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Reptadeonella brasiliensis</i>	UFBA	3186.6	22	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Reptadeonella brasiliensis</i>	UFBA	3397.7	27	Costa dos Coqueiros	jul/05
<i>Reptadeonella brasiliensis</i>	UFBA	5	26	Costa dos Coqueiros	ago/95
<i>Reptadeonella brasiliensis</i>	UFBA	11	25	Costa dos Coqueiros	ago/95
<i>Reptadeonella brasiliensis</i>	UFBA	17	34	Costa dos Coqueiros	ago/95
<i>Reptadeonella brasiliensis</i>	UFBA	2752.1	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Reptadeonella brasiliensis</i>	USNM	8569	49	Costa dos Coqueiros	1877
<i>Reptadeonella brasiliensis</i>	USNM	347	47	Baía de Todos os Santos	1877
<i>Reptadeonella cucullata</i>	UFBA	2830.5	50	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Reptadeonella cucullata</i>	UFBA	1141	68	Costa das Baleias	mar/96
<i>Reptadeonella cucullata</i>	UFBA	1411.1	35	Costa das Baleias	mar/96
<i>Reptadeonella cucullata</i>	UFBA	1463.3	35	Costa das Baleias	mar/96
<i>Reptadeonella cucullata</i>	UFBA	2180.3	26	Costa dos Coqueiros	ago/95
<i>Reptadeonella cucullata</i>	UFBA	2965.1	22	Costa dos Coqueiros	jul/00
<i>Reptadeonella cucullata</i>	UFBA	2966.5	25	Costa dos Coqueiros	fev/08

<i>Reptadeonella cucullata</i>	UFBA	2967.2	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Reptadeonella cucullata</i>	UFBA	2968.2	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Reptadeonella cucullata</i>	UFBA	3036.6	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Reptadeonella cucullata</i>	UFBA	358.2	35	Baía de Todos os Santos (Salvador)	mar/12
<i>Reptadeonella cucullata</i>	UFBA	366.3	35	Baía de Todos os Santos (Salvador)	mar/12
<i>Reptadeonella cucullata</i>	UFBA	367.4	35	Baía de Todos os Santos (Salvador)	abr/12
<i>Reptadeonella cucullata</i>	UFBA	369.2	35	Baía de Todos os Santos (Salvador)	mar/12
<i>Reptadeonella cucullata</i>	UFBA	371.4	35	Baía de Todos os Santos (Salvador)	mar/12
<i>Reptadeonella cucullata</i>	UFBA	373.6	35	Baía de Todos os Santos (Salvador)	mar/96
<i>Reptadeonella cucullata</i>	UFBA	376.6	14	Baía de Todos os Santos (Salvador)	abr/12
<i>Reptadeonella leilae</i>	UFBA	39	34	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Reptadeonella leilae</i>	UFBA	1917	26	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Reptadeonella leilae</i>	UFBA	1920	25	Costa dos Coqueiros	jul/00
<i>Reptadeonella leilae</i>	UFBA	1924	23	Costa dos Coqueiros	jun/06
<i>Reptadeonella leilae</i>	UFBA	1927	25	Costa dos Coqueiros	jun/05
<i>Reptadeonella leilae</i>	UFBA	1930	26	Costa dos Coqueiros	jan/12
<i>Reptadeonella leilae</i>	UFBA	1932	26	Costa dos Coqueiros	mar/96
<i>Reptadeonella leilae</i>	UFBA	2571	27	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Reptadeonella leilae</i>	UFBA	1704.2	26	Costa dos Coqueiros	set/96
<i>Reptadeonella leilae</i>	UFBA	1723.2	25	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Reptadeonella leilae</i>	UFBA	1900.3	22	Costa dos Coqueiros	jul/06
<i>Reptadeonella leilae</i>	UFBA	1919.1	23	Costa dos Coqueiros	2006
<i>Reptadeonella leilae</i>	UFBA	1922.1	27	Costa dos Coqueiros	jul/06
<i>Reptadeonella leilae</i>	UFBA	1931.1	21	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Reptadeonella leilae</i>	UFBA	1943.2	26	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Reptadeonella leilae</i>	UFBA	1977.2	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Reptadeonella leilae</i>	UFBA	2005.2	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Reptadeonella leilae</i>	UFBA	2028.3	50	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Reptadeonella leilae</i>	UFBA	2113.2	27	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Reptadeonella leilae</i>	UFBA	2114.1	28	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Reptadeonella leilae</i>	UFBA	2167.5	27	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Reptadeonella leilae</i>	UFBA	2171.4	25	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Reptadeonella leilae</i>	UFBA	2172.4	22	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Reptadeonella leilae</i>	UFBA	2174.5	22	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Reptadeonella leilae</i>	UFBA	2265.10	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Reptadeonella leilae</i>	UFBA	2266.4	27	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Reptadeonella leilae</i>	UFBA	2271.2	22	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Reptadeonella leilae</i>	UFBA	2272.3	23	Costa dos Coqueiros	jul/05
<i>Reptadeonella leilae</i>	UFBA	2282.11	23	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Reptadeonella leilae</i>	UFBA	2284.6	28	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Reptadeonella leilae</i>	UFBA	2287.6	23	Costa dos Coqueiros	jun/08
<i>Reptadeonella leilae</i>	UFBA	2290.6	23	Costa dos Coqueiros	fev/07

<i>Reptadeonella leilae</i>	UFBA	2291.14	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Reptadeonella leilae</i>	UFBA	2292.5	27	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Reptadeonella leilae</i>	UFBA	2304.1	21	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Reptadeonella leilae</i>	UFBA	2306.1	21	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Reptadeonella leilae</i>	UFBA	2336.1	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Reptadeonella leilae</i>	UFBA	2346.2	28	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Reptadeonella leilae</i>	UFBA	2359.2	21	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Reptadeonella leilae</i>	UFBA	2386.10	23	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Reptadeonella leilae</i>	UFBA	2402.1	27	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Reptadeonella leilae</i>	UFBA	45	34	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Reptadeonella leilae</i>	UFBA	418.1	23	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Reptadeonella leilae</i>	UFBA	70	26	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Reptadeonella leilae</i>	UFBA	85	22	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Reptadeonella leilae</i>	UFBA	98	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Reptadeonella leilae</i>	UFBA	105.2	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Reptadeonella leilae</i>	UFBA	109.2	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Reptadeonella leilae</i>	UFBA	214.2	23	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Reptadeonella leilae</i>	UFBA	69.1	-	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Reptadeonella leilae</i>	UFBA	80.2	-	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Reteporellina evelinae</i>	UFBA	2525	38	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	-
<i>Reteporellina evelinae</i>	UFBA	2542.1	-	Baía de Todos os Santos	abr/97
<i>Reteporellina evelinae</i>	UFBA	1302	68	Costa das Baleias	mar/96
<i>Reteporellina evelinae</i>	UFBA	1479	35	Costa das Baleias	mar/96
<i>Reteporellina evelinae</i>	UFBA	1392.9	35	Costa das Baleias	mar/96
<i>Reteporellina evelinae</i>	UFBA	1393.4	35	Costa das Baleias	mar/96
<i>Reteporellina evelinae</i>	UFBA	1411.8	35	Costa das Baleias	mar/96
<i>Reteporellina evelinae</i>	UFBA	1412.2	41	Costa das Baleias	mar/96
<i>Reteporellina evelinae</i>	UFBA	1420.4	41	Costa das Baleias	mar/96
<i>Reteporellina evelinae</i>	UFBA	1423.1	41	Costa das Baleias	mar/96
<i>Reteporellina evelinae</i>	UFBA	1424.3	41	Costa das Baleias	mar/96
<i>Reteporellina evelinae</i>	UFBA	1450	41	Costa das Baleias	mar/96
<i>Reteporellina evelinae</i>	UFBA	1568	41	Costa das Baleias	mar/96
<i>Reteporellina evelinae</i>	UFBA	1569	41	Costa das Baleias	mar/96
<i>Reteporellina evelinae</i>	UFBA	1407.3	41	Costa das Baleias	mar/96
<i>Reteporellina evelinae</i>	UFBA	1414.4	41	Costa das Baleias	mar/96
<i>Reteporellina evelinae</i>	UFBA	455.1	41	Costa das Baleias	1992
<i>Retevirgula multipunctata</i>	UFBA	2327	26	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Retevirgula multipunctata</i>	UFBA	2089.2	22	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Retevirgula multipunctata</i>	UFBA	2207	30	Costa dos Coqueiros	ago/95
<i>Retevirgula multipunctata</i>	UFBA	3022	26	Costa dos Coqueiros	ago/95
<i>Rhynchozoon brasiliensis</i>	UFBA	253	-	Baía de Todos os Santos	mai/97
<i>Rhynchozoon brasiliensis</i>	UFBA	1189	18-20	Costa do Dendê	jul/07

<i>Rhynchozoon brasiliensis</i>	UFBA	3357	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Rhynchozoon brasiliensis</i>	UFBA	3358	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Rhynchozoon brasiliensis</i>	UFBA	3359	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Rhynchozoon brasiliensis</i>	UFBA	3360	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Rhynchozoon brasiliensis</i>	UFBA	3361	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Rhynchozoon brasiliensis</i>	UFBA	3362	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Rhynchozoon brasiliensis</i>	UFBA	3363	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Rhynchozoon brasiliensis</i>	UFBA	3364	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Rhynchozoon brasiliensis</i>	UFBA	3365	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Rhynchozoon brasiliensis</i>	UFBA	3366	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Rhynchozoon brasiliensis</i>	UFBA	3367	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Rhynchozoon brasiliensis</i>	UFBA	3368	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Rhynchozoon brasiliensis</i>	UFBA	3369	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Rhynchozoon brasiliensis</i>	UFBA	3370	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Rhynchozoon brasiliensis</i>	UFBA	3371	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Rhynchozoon brasiliensis</i>	UFBA	3372	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Rhynchozoon brasiliensis</i>	UFBA	3373	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Rhynchozoon brasiliensis</i>	UFBA	3374	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Rhynchozoon brasiliensis</i>	UFBA	3375	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Rhynchozoon brasiliensis</i>	UFBA	3376	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Rhynchozoon brasiliensis</i>	UFBA	3377	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Rhynchozoon brasiliensis</i>	UFBA	3378	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Rhynchozoon brasiliensis</i>	UFBA	3379	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Rhynchozoon brasiliensis</i>	UFBA	3380	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Rhynchozoon brasiliensis</i>	UFBA	3381	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Rhynchozoon brasiliensis</i>	UFBA	3382	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Rhynchozoon brasiliensis</i>	UFBA	3383	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Rhynchozoon brasiliensis</i>	UFBA	3384	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Rhynchozoon brasiliensis</i>	UFBA	3385	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Rhynchozoon brasiliensis</i>	UFBA	3386	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Rhynchozoon brasiliensis</i>	UFBA	3387	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Rhynchozoon brasiliensis</i>	UFBA	2340	18-20	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Rhynchozoon itaparicaensis</i>	UFBA	1129	35	Costa das Baleias	mar/96
<i>Rhynchozoon itaparicaensis</i>	UFBA	1130.1	35	Costa das Baleias	mar/96
<i>Rhynchozoon itaparicaensis</i>	UFBA	1418.9	41	Costa das Baleias	mar/96
<i>Rhynchozoon itaparicaensis</i>	UFBA	1985.5	26	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Rhynchozoon itaparicaensis</i>	UFBA	2286.7	23	Costa dos Coqueiros	mar/02

<i>Rhynchozoon itaparicaensis</i>	UFBA	2292.17	27	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Rhynchozoon itaparicaensis</i>	UFBA	2381.16	28	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Rhynchozoon itaparicaensis</i>	UFBA	2532.3	28	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Rhynchozoon itaparicaensis</i>	UFBA	247	-	Baía de Todos os Santos	abr/97
<i>Rhynchozoon itaparicaensis</i>	UFBA	1884	18	Baía de Todos os Santos (Baía de Iguape)	jan/97
<i>Rhynchozoon itaparicaensis</i>	UFBA	1844.5	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Rhynchozoon itaparicaensis</i>	UFBA	2869.2	50	Costa do Dendê	ago/04
<i>Rhynchozoon itaparicaensis</i>	UFBA	3095.2	24	Costa dos Coqueiros	abr/98
<i>Rhynchozoon itaparicaensis</i>	UFBA	3183.1	12	Costa do Dendê	ago/04
<i>Rhynchozoon itaparicaensis</i>	UFBA	3187.4	30	Costa do Dendê	ago/04
<i>Rhynchozoon itaparicaensis</i>	UFBA	3394.6	26	Costa dos Coqueiros	jul/06
<i>Rhynchozoon itaparicaensis</i>	UFBA	3438.7	26	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Rhynchozoon itaparicaensis</i>	UFBA	218	50	Costa dos Coqueiros	jul/03
<i>Rhynchozoon itaparicaensis</i>	UFBA	1170	-	Baía de Todos os Santos	-
<i>Rhynchozoon itaparicaensis</i>	UFBA	1579	-	Baía de Todos os Santos	-
<i>Rhynchozoon itaparicaensis</i>	UFBA	1583	-	Baía de Todos os Santos	-
<i>Rhynchozoon itaparicaensis</i>	UFBA	1584	-	Baía de Todos os Santos	-
<i>Rhynchozoon itaparicaensis</i>	UFBA	1609	18-20	Costa do Dendê	jul/07
<i>Rhynchozoon itaparicaensis</i>	UFBA	1881	18	Baía de Todos os Santos (Baía de Iguape)	jan/97
<i>Rhynchozoon itaparicaensis</i>	UFBA	1889	18	Baía de Todos os Santos (Baía de Iguape)	jan/97
<i>Rhynchozoon itaparicaensis</i>	UFBA	2535	23	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Rhynchozoon itaparicaensis</i>	UFBA	2888	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Rhynchozoon itaparicaensis</i>	UFBA	2927	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Rhynchozoon itaparicaensis</i>	UFBA	2938	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Rhynchozoon itaparicaensis</i>	UFBA	2943	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Rhynchozoon itaparicaensis</i>	UFBA	2945	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Rhynchozoon itaparicaensis</i>	UFBA	1401.4	41	Costa das Baleias	mar/96
<i>Rhynchozoon itaparicaensis</i>	UFBA	1408.4	41	Costa das Baleias	mar/96
<i>Rhynchozoon itaparicaensis</i>	UFBA	2032.2	-	Baía de Todos os Santos	abr/97
<i>Rhynchozoon itaparicaensis</i>	UFBA	2238.12	22	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Rhynchozoon itaparicaensis</i>	UFBA	2282.6	23	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Rhynchozoon itaparicaensis</i>	UFBA	2287.11	23	Costa dos Coqueiros	jun/08
<i>Rhynchozoon itaparicaensis</i>	UFBA	2448.2	50	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Rhynchozoon phrynoglossum</i>	UFBA	2754	-	Baía de Todos os Santos	abr/97
<i>Rhynchozoon phrynoglossum</i>	UFBA	3388	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Rhynchozoon phrynoglossum</i>	UFBA	2380.2	28	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Rhynchozoon phrynoglossum</i>	UFBA	3286.1	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Rhynchozoon</i> sp. nov.	UFBA	2878.1	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Rhynchozoon</i> sp. nov.	UFBA	2881.5	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Rhynchozoon</i> sp. nov.	UFBA	2883.1	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Rhynchozoon</i> sp. nov.	UFBA	2884.3	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Rhynchozoon</i> sp. nov.	UFBA	2886.2	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017

<i>Rhynchozoon</i> sp. nov.	UFBA	2887.7	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Rhynchozoon</i> sp. nov.	UFBA	2889.1	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Rhynchozoon</i> sp. nov.	UFBA	2890.3	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Rhynchozoon</i> sp. nov.	UFBA	2891.3	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Rhynchozoon</i> sp. nov.	UFBA	2892.2	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Rhynchozoon</i> sp. nov.	UFBA	2893.3	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Rhynchozoon</i> sp. nov.	UFBA	2907.2	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Rhynchozoon</i> sp. nov.	UFBA	2908.1	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Rhynchozoon</i> sp. nov.	UFBA	2916.2	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Rhynchozoon</i> sp. nov.	UFBA	2928.1	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Rhynchozoon</i> sp. nov.	UFBA	2929.1	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Rhynchozoon</i> sp. nov.	UFBA	2935.5	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Rhynchozoon</i> sp. nov.	UFBA	2936.4	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Rhynchozoon</i> sp. nov.	UFBA	2937.3	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Rhynchozoon</i> sp. nov.	UFBA	2939.2	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Rhynchozoon</i> sp. nov.	UFBA	2940.2	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Rhynchozoon</i> sp. nov.	UFBA	2946.5	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Rhynchozoon</i> sp. nov.	UFBA	2949.3	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Rhynchozoon</i> sp. nov.	UFBA	2950.1	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Rhynchozoon</i> sp. nov.	UFBA	2951.4	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Rhynchozoon</i> sp. nov.	UFBA	2953.2	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Rhynchozoon</i> sp. nov.	UFBA	2960.1	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Rhynchozoon</i> sp. nov.	UFBA	3028.4	28	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Rhynchozoon</i> sp. nov.	UFBA	3128.3	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Savignyella lafontii</i>	UFBA	1326	41	Costa das Baleias	mar/96
<i>Savignyella lafontii</i>	UFBA	1525	24	Costa das Baleias	mar/96
<i>Savignyella lafontii</i>	UFBA	12	25	Costa dos Coqueiros	ago/95
<i>Savignyella lafontii</i>	UFBA	295	35	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	1996
<i>Savignyella lafontii</i>	UFBA	92.1	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Schizobrachiella lacrimosa</i>	UFBA	3032.5	0	Baía de Todos os Santos	-
<i>Schizobrachiella lacrimosa</i>	UFBA	217	0	Baía de Todos os Santos	jan/04
<i>Schizobrachiella lacrimosa</i>	UFBA	2021	0	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Schizobrachiella lacrimosa</i>	UFBA	2028.6	0	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Schizobrachiella lacrimosa</i>	UFBA	263.2	0	Baía de Todos os Santos	jul/07
<i>Schizobrachiella lacrimosa</i>	UFBA	2341	22	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Schizobrachiella lacrimosa</i>	UFBA	2343	27	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Schizobrachiella lacrimosa</i>	UFBA	2345	27	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Schizobrachiella lacrimosa</i>	UFBA	2347	32	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Schizobrachiella lacrimosa</i>	UFBA	2348	37	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Schizobrachiella lacrimosa</i>	UFBA	2352	31	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Schizobrachiella lacrimosa</i>	UFBA	2353	15	Baía de Todos os Santos	jul/07
<i>Schizobrachiella lacrimosa</i>	UFBA	2355	16	Baía de Todos os Santos	fev/06

<i>Schizobrachiella lacrimosa</i>	UFBA	1877	18	Baía de Todos os Santos (Baía de Iguape)	jan/97
<i>Schizobrachiella lacrimosa</i>	UFBA	1882	18	Baía de Todos os Santos (Baía de Iguape)	jan/97
<i>Schizobrachiella lacrimosa</i>	UFBA	1891	18	Baía de Todos os Santos (Baía de Iguape)	jan/97
<i>Schizobrachiella</i> sp. nov.	UFBA	2357	31	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Schizobrachiella</i> sp. nov.	UFBA	2558	10	Baía de Todos os Santos	jul/06
<i>Schizobrachiella</i> sp. nov.	UFBA	2570	20	Costa dos Coqueiros	out/95
<i>Schizobrachiella</i> sp. nov.	UFBA	3121	22	Costa das Baleias	fev/03
<i>Schizobrachiella</i> sp. nov.	UFBA	3255	26	Costa do Descobrimento	jul/08
<i>Schizobrachiella</i> sp. nov.	UFBA	3395	40	Costa do Cacau	jul/08
<i>Schizobrachiella</i> sp. nov.	UFBA	3400	39	Costa do Dendê	ago/04
<i>Schizobrachiella</i> sp. nov.	UFBA	1718.2	10	Baía de Todos os Santos	jul/06
<i>Schizobrachiella</i> sp. nov.	UFBA	1961.4	20	Costa dos Coqueiros	out/95
<i>Schizobrachiella</i> sp. nov.	UFBA	2237.7	22	Costa das Baleias	fev/03
<i>Schizobrachiella</i> sp. nov.	UFBA	2238.7	26	Costa do Descobrimento	jul/08
<i>Schizobrachiella</i> sp. nov.	UFBA	2241.4	40	Costa do Cacau	jul/08
<i>Schizobrachiella</i> sp. nov.	UFBA	2265.1	39	Costa do Dendê	ago/04
<i>Schizobrachiella</i> sp. nov.	UFBA	2274.4	10	Baía de Todos os Santos	jul/06
<i>Schizobrachiella</i> sp. nov.	UFBA	2282.13	20	Costa dos Coqueiros	out/95
<i>Schizobrachiella</i> sp. nov.	UFBA	2284.10	22	Costa das Baleias	fev/03
<i>Schizobrachiella</i> sp. nov.	UFBA	2286.3	26	Costa do Descobrimento	jul/08
<i>Schizobrachiella</i> sp. nov.	UFBA	2287.2	40	Costa do Cacau	jul/08
<i>Schizobrachiella</i> sp. nov.	UFBA	2329.2	39	Costa do Dendê	ago/04
<i>Schizoporella pungens</i>	UFBA	3159	28	Costa dos Coqueiros	fev/04
<i>Schizoporella</i> sp. nov.	UFBA	1477	24	Costa das Baleias	mar/96
<i>Schizoporella</i> sp. nov.	UFBA	1873.3	28	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Schizoporella</i> sp. nov.	UFBA	213.2	23	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Schizoporella</i> sp. nov.	UFBA	2172.3	22	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Schizoporella</i> sp. nov.	UFBA	2542.5	-	Baía de Todos os Santos	abr/97
<i>Schizoporella</i> sp. nov.	UFBA	2580.1	23	Costa dos Coqueiros	mar/05
<i>Schizoporella</i> sp. nov.	UFBA	2581.6	25	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Schizoporella</i> sp. nov.	UFBA	2755.2	22	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Schizoporella</i> sp. nov.	UFBA	2388.1	23	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Schizoporella</i> sp. nov.	UFBA	2390.3	23	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Scorpiodinipora costulata</i>	UFBA	2334.3	0-5	Baía de Todos os Santos	jul/07
<i>Scorpiodinipora costulata</i>	UFBA	2336.4	8	Baía de Todos os Santos	fev/08
<i>Scorpiodinipora costulata</i>	UFBA	2339.3	0	Baía de Todos os Santos	fev/04
<i>Scorpiodinipora costulata</i>	UFBA	2342.2	22	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Scorpiodinipora costulata</i>	UFBA	2342.3	22	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Setosellina goesi</i>	UFBA	1434	24	Costa das Baleias	mar/96
<i>Setosellina goesi</i>	UFBA	2344.3	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Setosellina goesi</i>	UFBA	2346.1	39	Costa do Dendê	ago/04
<i>Setosellina goesi</i>	UFBA	2349.1	22	Costa das Baleias	fev/03

<i>Setosellina goesi</i>	UFBA	2350.1	26	Costa do Descobrimento	jul/08
<i>Setosellina goesi</i>	UFBA	2351.1	39	Costa do Dendê	ago/04
<i>Setosellina goesi</i>	UFBA	2354.2	22	Costa das Baleias	fev/03
<i>Setosellina goesi</i>	UFBA	2356.2	26	Costa do Descobrimento	jul/08
<i>Setosellina goesi</i>	UFBA	2358.1	39	Costa do Dendê	ago/04
<i>Setosellina goesi</i>	UFBA	2359.1	22	Costa das Baleias	fev/03
<i>Setosellina goesi</i>	UFBA	2381.6	26	Costa do Descobrimento	jul/08
<i>Setosellina goesi</i>	UFBA	2530.3	26	Costa do Descobrimento	fev/07
<i>Sinnoflustra annae</i>	UFBA	2556.2	18	Baía de Todos os Santos	jul/06
<i>Sinnoflustra annae</i>	UFBA	2557.3	20	Baía de Todos os Santos	jul/06
<i>Sinnoflustra annae</i>	UFBA	2637.1	18	Baía de Todos os Santos	mar/02
<i>Sinnoflustra annae</i>	UFBA	2763.3	20	Baía de Todos os Santos	-
<i>Sinnoflustra annae</i>	UFBA	2769.2	18	Baía de Todos os Santos	fev/07
<i>Sinnoflustra annae</i>	UFBA	2810.1	20	Baía de Todos os Santos	jul/05
<i>Sinnoflustra annae</i>	UFBA	2876.6	18	Baía de Todos os Santos	fev/08
<i>Sinnoflustra annae</i>	UFBA	2963.5	20	Baía de Todos os Santos	-
<i>Sinnoflustra annae</i>	UFBA	2964.6	18	Baía de Todos os Santos	jul/08
<i>Sinnoflustra annae</i>	UFBA	2988.2	20	Baía de Todos os Santos	ago/04
<i>Sinnoflustra annae</i>	UFBA	1676	18	Baía de Todos os Santos (Baía de Iguape)	jan/97
<i>Sinnoflustra annae</i>	UFBA	1695	18	Baía de Todos os Santos (Baía de Iguape)	jan/97
<i>Sinnoflustra annae</i>	UFBA	1697	-	Baía de Todos os Santos	abr/97
<i>Smittina smittiella</i>	UFBA	2917	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Smittina smittiella</i>	UFBA	3098	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Smittina smittiella</i>	UFBA	2887.6	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Smittina smittiella</i>	UFBA	3266	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Smittina smittiella</i>	UFBA	3287	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Smittina smittiella</i>	UFBA	3288	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Smittina smittiella</i>	UFBA	3290	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Smittina smittiella</i>	UFBA	2946.3	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Smittina smittiella</i>	UFBA	2951.3	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Smittipora sawyai</i>	UFBA	2110	26	Costa dos Coqueiros	jul/03
<i>Smittipora sawyai</i>	UFBA	2112	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Smittipora sawyai</i>	UFBA	2195	22	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Smittipora sawyai</i>	UFBA	3013	25	Costa dos Coqueiros	fev/04
<i>Smittipora sawyai</i>	UFBA	2089.3	22	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Smittipora sawyai</i>	UFBA	2172.5	22	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Smittipora sawyai</i>	UFBA	2381.2	28	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Smittipora sawyai</i>	UFBA	2581.1	25	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Smittipora sawyai</i>	UFBA	2808.4	26	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Smittipora sawyai</i>	UFBA	2993.14	22	Costa dos Coqueiros	mar/03
<i>Smittipora sawyai</i>	UFBA	2994.4	27	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Smittipora sawyai</i>	UFBA	367.1	14	Baía de Todos os Santos (Salvador)	abr/12

<i>Smittipora sawyai</i>	UFBA	372.3	14	Baía de Todos os Santos (Salvador)	mar/96
<i>Smittipora sawyai</i>	UFBA	2102.3	25	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Smittipora sawyai</i>	UFBA	86	22	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Smittipora sawyai</i>	UFBA	123.1	23	Costa dos Coqueiros	fev/04
<i>Smittipora tuberculata</i>	UFBA	1279	-	Baía de Todos os Santos	-
<i>Smittipora tuberculata</i>	UFBA	1337	24	Costa das Baleias	mar/96
<i>Smittipora tuberculata</i>	UFBA	1437	24	Costa das Baleias	mar/96
<i>Smittipora tuberculata</i>	UFBA	2118	25	Costa dos Coqueiros	mar/96
<i>Smittipora tuberculata</i>	UFBA	2133	31	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Smittipora tuberculata</i>	UFBA	2487	37	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Smittipora tuberculata</i>	UFBA	1410.6	24	Costa das Baleias	mar/96
<i>Smittipora tuberculata</i>	UFBA	2115.1	32	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Smittipora tuberculata</i>	UFBA	2269.4	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Smittipora tuberculata</i>	UFBA	2291.18	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Smittipora tuberculata</i>	UFBA	2329.4	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Smittipora tuberculata</i>	UFBA	2340.4	26	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Smittipora tuberculata</i>	UFBA	2868.1	26	Costa dos Coqueiros	2000
<i>Smittipora tuberculata</i>	UFBA	2962.1	23	Costa dos Coqueiros	jul/00
<i>Smittipora tuberculata</i>	UFBA	2964.4	22	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Smittipora tuberculata</i>	UFBA	2965.4	22	Costa dos Coqueiros	jul/00
<i>Smittipora tuberculata</i>	UFBA	3000.2	26	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Smittipora tuberculata</i>	UFBA	3028.2	28	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Smittipora tuberculata</i>	UFBA	3036.3	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Smittipora tuberculata</i>	UFBA	3037.4	22	Costa dos Coqueiros	mar/05
<i>Smittipora tuberculata</i>	UFBA	3389.8	25	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Smittipora tuberculata</i>	UFBA	3438.1	26	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Smittipora tuberculata</i>	UFBA	65.1	20	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Smittipora tuberculata</i>	UFBA	1845	34	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Smittipora tuberculata</i>	UFBA	2111	26	Costa dos Coqueiros	set/96
<i>Smittipora tuberculata</i>	UFBA	1849	30	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Smittipora tuberculata</i>	UFBA	2326	30	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Smittipora tuberculata</i>	UFBA	2190.2	26	Costa dos Coqueiros	set/96
<i>Smittipora tuberculata</i>	USNM	8541	49	Costa dos Coqueiros	1877
<i>Smittipora tuberculata</i>	USNM	8542	49	Costa dos Coqueiros	1877
<i>Smittipora tuberculata</i>	USNM	347	47	Baía de Todos os Santos	1877
<i>Smittipora tuberculata</i>	USNM	347	47	Baía de Todos os Santos	1877
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	1432	24	Costa das Baleias	mar/96
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	1412.5	24	Costa das Baleias	mar/96
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	2287.9	23	Costa dos Coqueiros	jun/08
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	1975	23	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	2273	23	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	2279	22	Costa dos Coqueiros	mar/05

<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	2572	27	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	2647	22	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	3039	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	3040	22	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	3268	-	Baía de Todos os Santos	mai/97
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	2170.8	22	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	2178.1	26	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	2265.3	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	2266.3	27	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	2267.2	27	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	2269.11	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	2270.2	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	2272.5	23	Costa dos Coqueiros	jul/05
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	2274.2	32	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	2275.2	22	Costa dos Coqueiros	jan/07
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	2276.1	23	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	2277.2	23	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	2278.1	23	Costa dos Coqueiros	mar/05
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	2284.9	28	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	2286.6	23	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	2287.8	23	Costa dos Coqueiros	jun/08
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	2290.7	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	2291.2	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	2292.14	27	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	2293.4	26	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	2519.4	22	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	2579.1	27	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	2686.1	23	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	2964.3	22	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	2999.5	22	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	3037.3	22	Costa dos Coqueiros	mar/05
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	3038.1	21	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	1445	24	Costa das Baleias	mar/96
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	2193	24	Costa dos Coqueiros	jul/00
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	2383	28	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	2609	25	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	3422	25	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	1985.4	26	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	2237.3	26	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	2271.1	22	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	2282.4	23	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	2283.1	31	Costa dos Coqueiros	fev/04

<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	2290.2	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	2996.2	21	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	3000.11	26	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	3002.7	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	3033.3	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	3033.5	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	3035.6	31	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	3299.5	25	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	3301.2	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	3421.5	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	3438.4	26	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	58	23	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	80.1	20	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Smittoidea numma</i>	UFBA	82.1	20	Costa dos Coqueiros	nov/14
<i>Smittoidea</i> sp. nov.1	UFBA	3129	-	Baía de Todos os Santos	nov/14
<i>Smittoidea</i> sp. nov.1	UFBA	2919.5	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Smittoidea</i> sp. nov.1	UFBA	2922.3	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Smittoidea</i> sp. nov.1	UFBA	3185.2	23	Costa dos Coqueiros	mar/05
<i>Smittoidea</i> sp. nov.1	UFBA	3416.3	23	Costa dos Coqueiros	jul/00
<i>Smittoidea</i> sp. nov.1	UFBA	2959	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Smittoidea</i> sp. nov.2	UFBA	3277	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Smittoidea</i> sp. nov.2	UFBA	3277	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Smittoidea</i> sp. nov.2	UFBA	3278	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Smittoidea</i> sp. nov.2	UFBA	3279	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Smittoidea</i> sp. nov.2	UFBA	107.1	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Smittoidea</i> sp. nov.2	UFBA	2886.5	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Smittoidea</i> sp. nov.2	UFBA	3285	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Smittoidea</i> sp. nov.2	UFBA	2289.1	31	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Smittoidea</i> sp. nov.2	UFBA	3284	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Smittoidea</i> sp. nov.2	UFBA	3313	20	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Steginoporella connexa</i>	UFBA	303	35	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	mar/96
<i>Steginoporella connexa</i>	UFBA	1169	-	Baía de Todos os Santos	-
<i>Steginoporella connexa</i>	UFBA	2682	20	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Steginoporella connexa</i>	UFBA	296	35	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	1996
<i>Steginoporella connexa</i>	UFBA	1119	35	Costa das Baleias	mar/96
<i>Steginoporella connexa</i>	UFBA	1120	68	Costa das Baleias	mar/96
<i>Steginoporella connexa</i>	UFBA	1121	35	Costa das Baleias	mar/96
<i>Steginoporella connexa</i>	UFBA	1122	32	Costa das Baleias	mar/96
<i>Steginoporella evelinae</i>	UFBA	2546	22	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Steginoporella evelinae</i>	UFBA	2747.5	25	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Steginoporella evelinae</i>	UFBA	3035.1	31	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	361	14	Baía de Todos os Santos (Salvador)	mar/12

<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	1448	32	Costa das Baleias	mar/96
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	1885	23	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	2435	23	Costa dos Coqueiros	mar/05
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	2441	23	Costa dos Coqueiros	jul/06
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	2555	22	Costa dos Coqueiros	mar/05
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	2799	30	Costa dos Coqueiros	set/96
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	2979	34	Costa dos Coqueiros	1992
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	3014	30	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	3063	50	Costa dos Coqueiros	jul/03
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	3067	23	Costa dos Coqueiros	fev/04
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	3070	23	Costa dos Coqueiros	fev/03
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	3146	28	Costa dos Coqueiros	fev/03
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	3154	50	Costa dos Coqueiros	jul/03
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	1398.4	32	Costa das Baleias	mar/96
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	1411.11	32	Costa das Baleias	mar/96
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	1413.3	32	Costa das Baleias	mar/96
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	1418.8	32	Costa das Baleias	mar/96
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	1425.1	32	Costa das Baleias	mar/96
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	1790.1	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	1910.2	26	Costa dos Coqueiros	set/96
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	2028.5	50	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	2238.14	22	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	2239.2	50	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	2241.1	23	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	2330.4	24	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	2332.6	26	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	2354.3	23	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	2376.1	25	Costa dos Coqueiros	jul/00
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	2381.12	28	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	2390.6	23	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	2432.1	23	Costa dos Coqueiros	jul/09
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	2532.2	28	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	2556.1	23	Costa dos Coqueiros	jul/06
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	2751.1	26	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	2764.6	50	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	2809.1	30	Costa dos Coqueiros	set/96
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	2828.10	23	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	2830.6	50	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	2964.5	22	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	2966.3	25	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	2997.3	23	Costa dos Coqueiros	jul/09
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	3002.4	23	Costa dos Coqueiros	jul/07

<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	3036.1	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	3185.1	23	Costa dos Coqueiros	mar/05
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	3188.1	23	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	3392.3	30	Costa dos Coqueiros	fev/99
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	1396.5	32	Costa das Baleias	mar/96
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	44	26	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	124	14	Baía de Todos os Santos (Salvador)	fev/03
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	123.2	23	Costa dos Coqueiros	fev/04
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	1123	32	Costa das Baleias	mar/96
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	1135	68	Costa das Baleias	mar/96
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	1139	68	Costa das Baleias	mar/96
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	1309	68	Costa das Baleias	mar/96
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	8	25	Costa dos Coqueiros	ago/95
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	25	30	Costa dos Coqueiros	ago/95
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	46	25	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	48	30	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	2172.6	22	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	262.2	47	Costa do Dendê	ago/04
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	351.2	35	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	-
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	117	23	Costa dos Coqueiros	fev/04
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	201	28	Costa dos Coqueiros	fev/04
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	121.1	23	Costa dos Coqueiros	fev/04
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	122.1	23	Costa dos Coqueiros	fev/04
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	208	30	Costa dos Coqueiros	jan/09
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	1130.2	35	Costa das Baleias	mar/96
<i>Steginoporella magnilabris</i>	UFBA	373.5	14	Baía de Todos os Santos (Salvador)	mar/96
<i>Steginoporella transversalis</i>	UFBA	2551	27	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Steginoporella transversalis</i>	UFBA	2713	35	Costa do Dendê (Baía de Camamu)	ago/04
<i>Steginoporella transversalis</i>	UFBA	2632.1	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Steginoporella transversalis</i>	UFBA	1321	51	Costa das Baleias	mar/96
<i>Steginoporella transversalis</i>	UFBA	1870	23	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Steginoporella transversalis</i>	UFBA	1872	-	Baía de Todos os Santos	mai/97
<i>Steginoporella transversalis</i>	UFBA	2477	25	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Steginoporella transversalis</i>	UFBA	2958	35	Costa do Dendê	ago/04
<i>Steginoporella transversalis</i>	UFBA	1398.3	32	Costa das Baleias	mar/96
<i>Steginoporella transversalis</i>	UFBA	1410.3	32	Costa das Baleias	mar/96
<i>Steginoporella transversalis</i>	UFBA	1417.5	32	Costa das Baleias	mar/96
<i>Steginoporella transversalis</i>	UFBA	1424.4	32	Costa das Baleias	mar/96
<i>Steginoporella transversalis</i>	UFBA	2173.2	26	Costa dos Coqueiros	ago/95
<i>Steginoporella transversalis</i>	UFBA	2365.4	25	Costa dos Coqueiros	jul/00
<i>Steginoporella transversalis</i>	UFBA	2561.1	23	Costa dos Coqueiros	jul/06
<i>Steginoporella transversalis</i>	UFBA	3418.1	23	Costa dos Coqueiros	jul/07

<i>Steginoporella transversalis</i>	UFBA	367.5	14	Baía de Todos os Santos (Salvador)	abr/12
<i>Steginoporella transversalis</i>	UFBA	49	30	Costa dos Coqueiros	jan/97
<i>Steginoporella transversalis</i>	UFBA	1283	-	Baía de Todos os Santos	-
<i>Steginoporella transversalis</i>	UFBA	1875	25	Costa dos Coqueiros	jul/00
<i>Steginoporella transversalis</i>	UFBA	1863.2	23	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Steginoporella transversalis</i>	UFBA	2282.14	23	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Steginoporella transversalis</i>	UFBA	2329.6	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Steginoporella transversalis</i>	UFBA	2440.2	26	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Steginoporella transversalis</i>	UFBA	2526.1	23	Costa dos Coqueiros	fev/02
<i>Steginoporella transversalis</i>	UFBA	2828.9	23	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Steginoporella transversalis</i>	USNM	8545	49	Costa dos Coqueiros	1877
<i>Steginoporella transversalis</i>	USNM	347	47	Baía de Todos os Santos	1877
<i>Steginoporella transversalis</i>	UFBA	118	23	Costa dos Coqueiros	fev/04
<i>Steginoporella transversalis</i>	UFBA	200	28	Costa dos Coqueiros	fev/04
<i>Steginoporella transversalis</i>	UFBA	305	26	Costa dos Coqueiros	jul/05
<i>Stephanollona</i> sp. nov.1	UFBA	565	10	Costa dos Coqueiros	fev/04
<i>Stephanollona</i> sp. nov.1	UFBA	566	22	Costa dos Coqueiros	jul/05
<i>Stephanollona</i> sp. nov.1	UFBA	3390	35	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Stephanollona</i> sp. nov.2	UFBA	2284.7	10	Baía de Todos os Santos (Salvador)	fev/07
<i>Stephanollona</i> sp. nov.2	UFBA	3352	35	Baía de Todos os Santos (Salvador)	mar/96
<i>Stephanollona</i> sp. nov.2	UFBA	402.2	20	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Stephanollona</i> sp. nov.2	UFBA	2765	10	Baía de Todos os Santos (Salvador)	mar/96
<i>Stephanollona</i> sp. nov.2	UFBA	2766	35	Baía de Todos os Santos (Salvador)	mar/96
<i>Stephanollona</i> sp. nov.2	UFBA	2768	20	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Stephanollona</i> sp. nov.2	UFBA	2770	45	Costa dos Coqueiros	ago/95
<i>Stylopoma aurantiacum</i>	UFBA	1182	18-20	Costa do Dendê	jul/07
<i>Stylopoma aurantiacum</i>	UFBA	1587	18-20	Costa do Dendê	jul/07
<i>Stylopoma aurantiacum</i>	UFBA	2394	18-20	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Stylopoma aurantiacum</i>	UFBA	2775	30	Costa dos Coqueiros	set/96
<i>Stylopoma aurantiacum</i>	UFBA	2780	30	Costa dos Coqueiros	mar/96
<i>Stylopoma aurantiacum</i>	UFBA	2782	34	Costa dos Coqueiros	ago/97
<i>Stylopoma aurantiacum</i>	UFBA	2784	30	Costa dos Coqueiros	mar/96
<i>Stylopoma aurantiacum</i>	UFBA	2785	30	Costa dos Coqueiros	mar/96
<i>Stylopoma aurantiacum</i>	UFBA	2786	30	Costa dos Coqueiros	mar/96
<i>Stylopoma aurantiacum</i>	UFBA	2787	30	Costa dos Coqueiros	set/96
<i>Stylopoma aurantiacum</i>	UFBA	2789	25	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Stylopoma aurantiacum</i>	UFBA	2793	25	Costa dos Coqueiros	mar/96
<i>Stylopoma aurantiacum</i>	UFBA	2797	30	Costa dos Coqueiros	mar/96
<i>Stylopoma aurantiacum</i>	UFBA	2798	30	Costa dos Coqueiros	mar/96
<i>Stylopoma aurantiacum</i>	UFBA	2798	30	Costa dos Coqueiros	set/96
<i>Stylopoma aurantiacum</i>	UFBA	2800	30	Costa dos Coqueiros	mar/96
<i>Stylopoma aurantiacum</i>	UFBA	2807	50	Costa dos Coqueiros	jul/04

<i>Stylopoma aurantiacum</i>	UFBA	2833	28	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Stylopoma aurantiacum</i>	UFBA	3046	23	Costa dos Coqueiros	fev/04
<i>Stylopoma aurantiacum</i>	UFBA	3060	26	Costa dos Coqueiros	jul/03
<i>Stylopoma aurantiacum</i>	UFBA	3158	-	Baía de Todos os Santos	jan/03
<i>Stylopoma aurantiacum</i>	UFBA	3160	28	Costa dos Coqueiros	jul/03
<i>Stylopoma aurantiacum</i>	UFBA	3176	34	Costa dos Coqueiros	ago/97
<i>Stylopoma aurantiacum</i>	UFBA	3300	30	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Stylopoma aurantiacum</i>	UFBA	3310	22	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Stylopoma aurantiacum</i>	USNM	8550	49	Costa dos Coqueiros	1877
<i>Stylopoma aurantiacum</i>	USNM	347	47	Baía de Todos os Santos	1877
<i>Stylopoma carioca</i>	UFBA	3123	50	Costa dos Coqueiros	jul/03
<i>Stylopoma carioca</i>	UFBA	3402	50	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Stylopoma carioca</i>	UFBA	1393.3	32	Costa das Baleias	mar/96
<i>Stylopoma carioca</i>	UFBA	1394.2	32	Costa das Baleias	mar/96
<i>Stylopoma carioca</i>	UFBA	1395.2	32	Costa das Baleias	mar/96
<i>Stylopoma carioca</i>	UFBA	1396.4	32	Costa das Baleias	mar/96
<i>Stylopoma carioca</i>	UFBA	1398.6	32	Costa das Baleias	mar/96
<i>Stylopoma carioca</i>	UFBA	1401.3	32	Costa das Baleias	mar/96
<i>Stylopoma carioca</i>	UFBA	1406.4	32	Costa das Baleias	mar/96
<i>Stylopoma carioca</i>	UFBA	1407.4	51	Costa das Baleias	mar/96
<i>Stylopoma carioca</i>	UFBA	1408.2	51	Costa das Baleias	mar/96
<i>Stylopoma carioca</i>	UFBA	1412.6	51	Costa das Baleias	mar/96
<i>Stylopoma carioca</i>	UFBA	1413.5	51	Costa das Baleias	mar/96
<i>Stylopoma carioca</i>	UFBA	1417.6	51	Costa das Baleias	mar/96
<i>Stylopoma carioca</i>	UFBA	1418.11	51	Costa das Baleias	mar/96
<i>Stylopoma carioca</i>	UFBA	2935.3	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Stylopoma carioca</i>	UFBA	2964.2	22	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Stylopoma carioca</i>	UFBA	2967.1	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Stylopoma carioca</i>	UFBA	2968.1	0	Baía de Todos os Santos (Itaparica)	Ago-Set/2015
<i>Stylopoma carioca</i>	UFBA	2989.2	12	Costa do Dendê	ago/04
<i>Stylopoma carioca</i>	UFBA	2993.11	22	Costa dos Coqueiros	mar/03
<i>Stylopoma carioca</i>	UFBA	3002.14	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Stylopoma carioca</i>	UFBA	3036.8	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Stylopoma carioca</i>	UFBA	3038.2	21	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Stylopoma carioca</i>	UFBA	3041.2	12	Costa do Dendê	ago/04
<i>Stylopoma carioca</i>	UFBA	3306.4	50	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Stylopoma rotundum</i>	UFBA	1327	32	Costa das Baleias	mar/96
<i>Stylopoma rotundum</i>	UFBA	2122	28	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Stylopoma rotundum</i>	UFBA	2773	37	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Stylopoma rotundum</i>	UFBA	2777	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Stylopoma rotundum</i>	UFBA	2779	23	Costa dos Coqueiros	jul/06
<i>Stylopoma rotundum</i>	UFBA	2792	28	Costa dos Coqueiros	fev/08

<i>Stylopoma rotundum</i>	UFBA	2806	26	Costa dos Coqueiros	jul/05
<i>Stylopoma rotundum</i>	UFBA	3390	23	Costa dos Coqueiros	jul/00
<i>Stylopoma rotundum</i>	UFBA	2265.4	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Stylopoma rotundum</i>	UFBA	2269.15	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Stylopoma rotundum</i>	UFBA	2282.1	23	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Stylopoma rotundum</i>	UFBA	2828.2	23	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Stylopoma rotundum</i>	UFBA	2876.3	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Stylopoma rotundum</i>	UFBA	2963.8	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Stylopoma rotundum</i>	UFBA	2999.8	22	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Stylopoma rotundum</i>	UFBA	3034.6	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Stylopoma rotundum</i>	UFBA	3389.14	25	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Stylopoma rotundum</i>	UFBA	354.1	45	Baía de Todos os Santos (Salvador)	mar/02
<i>Stylopoma rotundum</i>	UFBA	369.1	45	Baía de Todos os Santos (Salvador)	mar/12
<i>Stylopoma rotundum</i>	UFBA	371.3	45	Baía de Todos os Santos (Salvador)	mar/12
<i>Stylopoma rotundum</i>	UFBA	407.2	23	Costa dos Coqueiros	jul/09
<i>Stylopoma rotundum</i>	UFBA	78	-	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Stylopoma rotundum</i>	UFBA	95	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Stylopoma rotundum</i>	UFBA	108	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Stylopoma rotundum</i>	UFBA	206	50	Costa dos Coqueiros	ago/04
<i>Stylopoma rotundum</i>	UFBA	219.2	27	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Stylopoma rotundum</i>	UFBA	62	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Stylopoma rotundum</i>	UFBA	355	45	Baía de Todos os Santos (Salvador)	mar/12
<i>Stylopoma rotundum</i>	UFBA	356	45	Baía de Todos os Santos (Salvador)	mar/12
<i>Stylopoma rotundum</i>	UFBA	364	45	Baía de Todos os Santos (Salvador)	abr/12
<i>Stylopoma rotundum</i>	UFBA	370	45	Baía de Todos os Santos (Salvador)	mar/12
<i>Stylopoma rotundum</i>	UFBA	358.1	45	Baía de Todos os Santos (Salvador)	mar/12
<i>Stylopoma rotundum</i>	UFBA	366.2	45	Baía de Todos os Santos (Salvador)	mar/12
<i>Stylopoma rotundum</i>	UFBA	367.2	45	Baía de Todos os Santos (Salvador)	abr/12
<i>Stylopoma rotundum</i>	UFBA	373.4	45	Baía de Todos os Santos (Salvador)	mar/96
<i>Stylopoma rotundum</i>	UFBA	376.2	45	Baía de Todos os Santos (Salvador)	abr/12
<i>Stylopoma rotundum</i>	UFBA	416.1	23	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Stylopoma</i> sp. nov.1	UFBA	2028.7	50	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Stylopoma</i> sp. nov.1	UFBA	2381.11	28	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Stylopoma</i> sp. nov.1	UFBA	2386.2	23	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Stylopoma</i> sp. nov.1	UFBA	2764.5	50	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Stylopoma</i> sp. nov.1	UFBA	2769.1	31	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Stylopoma</i> sp. nov.1	UFBA	2869.1	50	Costa do Dendê	ago/04
<i>Stylopoma</i> sp. nov.1	UFBA	2986.1	28	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Stylopoma</i> sp. nov.1	UFBA	301.2	35	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	1996
<i>Stylopoma</i> sp. nov.1	UFBA	2962.3	23	Costa dos Coqueiros	jul/00
<i>Stylopoma</i> sp. nov.2	UFBA	269	30	Costa dos Coqueiros	dez/06
<i>Stylopoma</i> sp. nov.2	UFBA	3421.2	23	Costa dos Coqueiros	jul/07

<i>Stylopoma</i> sp. nov.2	UFBA	350	35	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	mar/96
<i>Stylopoma</i> sp. nov.2	UFBA	1430	35	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	mar/96
<i>Stylopoma</i> sp. nov.2	UFBA	1556	35	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	mar/96
<i>Stylopoma</i> sp. nov.2	UFBA	1557	35	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	mar/96
<i>Stylopoma</i> sp. nov.2	UFBA	1558	35	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	mar/96
<i>Stylopoma</i> sp. nov.2	UFBA	1559	45	Baía de Todos os Santos (Salvador)	1997
<i>Stylopoma</i> sp. nov.2	UFBA	1560	45	Baía de Todos os Santos (Salvador)	1997
<i>Stylopoma</i> sp. nov.2	UFBA	1561	45	Baía de Todos os Santos (Salvador)	1997
<i>Stylopoma</i> sp. nov.2	UFBA	1562	15	Baía de Todos os Santos (Salvador)	1997
<i>Stylopoma</i> sp. nov.2	UFBA	1973	16	Baía de Todos os Santos (Salvador)	1997
<i>Stylopoma</i> sp. nov.2	UFBA	2385	28	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Stylopoma</i> sp. nov.3	UFBA	2392	15	Baía de Todos os Santos (Salvador)	fev/07
<i>Stylopoma</i> sp. nov.3	UFBA	2481	23	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Stylopoma</i> sp. nov.3	UFBA	2562	23	Costa dos Coqueiros	mar/05
<i>Stylopoma</i> sp. nov.3	UFBA	2587	15	Baía de Todos os Santos	jan/03
<i>Stylopoma</i> sp. nov.3	UFBA	2767	30	Costa dos Coqueiros	set/96
<i>Stylopoma</i> sp. nov.3	UFBA	2771	23	Costa dos Coqueiros	jan/07
<i>Stylopoma</i> sp. nov.3	UFBA	2772	18	Baía de Todos os Santos (Salvador)	fev/07
<i>Stylopoma</i> sp. nov.3	UFBA	2774	30	Costa dos Coqueiros	1996
<i>Stylopoma</i> sp. nov.3	UFBA	2776	45	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Stylopoma</i> sp. nov.3	UFBA	2778	25	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Stylopoma</i> sp. nov.3	UFBA	2781	22	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Stylopoma</i> sp. nov.3	UFBA	2783	50	Costa dos Coqueiros	jul/06
<i>Stylopoma</i> sp. nov.3	UFBA	2788	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Stylopoma</i> sp. nov.4	UFBA	2790	30	Costa dos Coqueiros	set/96
<i>Stylopoma</i> sp. nov.4	UFBA	2791	31	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Stylopoma</i> sp. nov.4	UFBA	2794	30	Costa dos Coqueiros	set/96
<i>Stylopoma</i> sp. nov.4	UFBA	2795	30	Costa dos Coqueiros	set/96
<i>Stylopoma</i> sp. nov.4	UFBA	2796	23	Baía de Todos os Santos (Salvador)	mar/05
<i>Stylopoma</i> sp. nov.4	UFBA	2801	26	Baía de Todos os Santos (Salvador)	jul/08
<i>Stylopoma</i> sp. nov.4	UFBA	2802	50	Baía de Todos os Santos (Salvador)	jul/07
<i>Stylopoma</i> sp. nov.4	UFBA	2803	21	Baía de Todos os Santos (Salvador)	fev/07
<i>Stylopoma</i> sp. nov.4	UFBA	2804	26	Baía de Todos os Santos (Salvador)	mar/05
<i>Stylopoma</i> sp. nov.4	UFBA	2805	15	Baía de Todos os Santos (Salvador)	jul/97
<i>Stylopoma</i> sp. nov.4	UFBA	3102	23	Costa dos Coqueiros	fev/04
<i>Stylopoma</i> sp. nov.4	UFBA	3105	50	Costa dos Coqueiros	jul/03
<i>Stylopoma</i> sp. nov.5	UFBA	1419.4	10	Baía de Todos os Santos	-
<i>Stylopoma</i> sp. nov.5	UFBA	1422.1	14	Baía de Todos os Santos	-
<i>Stylopoma</i> sp. nov.5	UFBA	1425.2	15	Baía de Todos os Santos	-
<i>Stylopoma</i> sp. nov.5	UFBA	1426.5	35	Baía de Todos os Santos	-
<i>Stylopoma</i> sp. nov.5	UFBA	1463.5	28	Baía de Todos os Santos	-
<i>Stylopoma</i> sp. nov.5	UFBA	1464.2	32	Baía de Todos os Santos	-

<i>Stylopoma</i> sp. nov.5	UFBA	1706.2	23	Baía de Todos os Santos	-
<i>Stylopoma</i> sp. nov.5	UFBA	2114.2	23	Baía de Todos os Santos	-
<i>Stylopoma</i> sp. nov.5	UFBA	2115.2	32	Baía de Todos os Santos	fev/07
<i>Stylopoma</i> sp. nov.5	UFBA	2165.3	23	Baía de Todos os Santos	fev/06
<i>Stylopoma</i> sp. nov.5	UFBA	2272.7	23	Baía de Todos os Santos	jul/05
<i>Stylopoma</i> sp. nov.5	UFBA	2274.5	32	Baía de Todos os Santos	jul/07
<i>Stylopoma</i> sp. nov.5	UFBA	2284.5	28	Baía de Todos os Santos	fev/07
<i>Stylopoma</i> sp. nov.5	UFBA	2400.1	32	Baía de Todos os Santos	fev/07
<i>Stylopoma</i> sp. nov.5	UFBA	2400.5	32	Baía de Todos os Santos	fev/07
<i>Stylopoma</i> sp. nov.5	UFBA	2440.1	26	Baía de Todos os Santos	jul/02
<i>Stylopoma</i> sp. nov.5	UFBA	2467.5	26	Baía de Todos os Santos	jul/04
<i>Synnotum aegyptiacum</i>	UFBA	1615	18-20	Costa do Dendê	jul/07
<i>Synnotum aegyptiacum</i>	UFBA	1841	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Synnotum aegyptiacum</i>	UFBA	1842	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Synnotum aegyptiacum</i>	UFBA	2202	23	Costa dos Coqueiros	jun/08
<i>Synnotum aegyptiacum</i>	UFBA	1421.2	32	Costa das Baleias	mar/96
<i>Synnotum aegyptiacum</i>	UFBA	2203.1	28	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Synnotum aegyptiacum</i>	UFBA	2265.11	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Synnotum aegyptiacum</i>	UFBA	2270.3	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Synnotum aegyptiacum</i>	UFBA	2828.4	23	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Synnotum aegyptiacum</i>	UFBA	2997.2	23	Costa dos Coqueiros	jul/09
<i>Synnotum aegyptiacum</i>	UFBA	2998.5	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Synnotum aegyptiacum</i>	UFBA	3186.2	22	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Synnotum aegyptiacum</i>	UFBA	72	20	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Synnotum aegyptiacum</i>	UFBA	2356	18-20	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Synnotum aegyptiacum</i>	UFBA	2357	18-20	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Synnotum aegyptiacum</i>	UFBA	2358	18-20	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Synnotum aegyptiacum</i>	UFBA	2359	18-20	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Synnotum aegyptiacum</i>	UFBA	2360	18-20	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Synnotum aegyptiacum</i>	UFBA	1408.8	32	Costa das Baleias	mar/96
<i>Tetraplaria dichotoma</i>	UFBA	1539	32	Costa das Baleias	mar/96
<i>Tetraplaria dichotoma</i>	UFBA	1540	32	Costa das Baleias	mar/96
<i>Thalamoporella</i> sp. nov.	UFBA	1532	32	Costa das Baleias	mar/96
<i>Thalamoporella</i> sp. nov.	UFBA	1533	32	Costa das Baleias	mar/96
<i>Thalamoporella</i> sp. nov.	UFBA	1534	32	Costa das Baleias	mar/96
<i>Thalamoporella</i> sp. nov.	UFBA	1535	32	Costa das Baleias	mar/96
<i>Thalamoporella</i> sp. nov.	UFBA	1394.4	32	Costa das Baleias	mar/96
<i>Thalamoporella</i> sp. nov.	UFBA	1395.4	32	Costa das Baleias	mar/96
<i>Thalamoporella</i> sp. nov.	UFBA	1397.4	32	Costa das Baleias	mar/96
<i>Thalamoporella</i> sp. nov.	UFBA	1412.11	32	Costa das Baleias	mar/96
<i>Thalamoporella</i> sp. nov.	UFBA	1429	32	Costa das Baleias	mar/96
<i>Thalamoporella</i> sp. nov.	UFBA	1447	32	Costa das Baleias	mar/96

<i>Thalamoporella</i> sp. nov.	UFBA	1867	28	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Thalamoporella</i> sp. nov.	UFBA	1868	23	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Thalamoporella</i> sp. nov.	UFBA	1874	31	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Thalamoporella</i> sp. nov.	UFBA	1392.5	32	Costa das Baleias	mar/96
<i>Thalamoporella</i> sp. nov.	UFBA	1396.8	32	Costa das Baleias	mar/96
<i>Thalamoporella</i> sp. nov.	UFBA	1400.1	32	Costa das Baleias	mar/96
<i>Thalamoporella</i> sp. nov.	UFBA	1401.5	32	Costa das Baleias	mar/96
<i>Thalamoporella</i> sp. nov.	UFBA	1403.3	32	Costa das Baleias	mar/96
<i>Thalamoporella</i> sp. nov.	UFBA	1404.4	32	Costa das Baleias	mar/96
<i>Thalamoporella</i> sp. nov.	UFBA	1405.3	32	Costa das Baleias	mar/96
<i>Thalamoporella</i> sp. nov.	UFBA	1406.2	32	Costa das Baleias	mar/96
<i>Thalamoporella</i> sp. nov.	UFBA	1407.5	32	Costa das Baleias	mar/96
<i>Thalamoporella</i> sp. nov.	UFBA	1408.6	32	Costa das Baleias	mar/96
<i>Thalamoporella</i> sp. nov.	UFBA	1420.3	32	Costa das Baleias	mar/96
<i>Thalamoporella</i> sp. nov.	UFBA	1421.3	32	Costa das Baleias	mar/96
<i>Thalamoporella</i> sp. nov.	UFBA	1860.5	23	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Thalamoporella</i> sp. nov.	UFBA	1862.2	28	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Thalamoporella</i> sp. nov.	UFBA	1873.1	28	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Thalamoporella</i> sp. nov.	UFBA	2292.6	27	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Thalamoporella</i> sp. nov.	UFBA	2389.2	23	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Thalamoporella</i> sp. nov.	UFBA	2863.6	21	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Thalamoporella</i> sp. nov.	UFBA	2992.6	25	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Thalamoporella</i> sp. nov.	UFBA	2993.4	22	Costa dos Coqueiros	mar/03
<i>Thalamoporella</i> sp. nov.	UFBA	2994.9	27	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Thalamoporella</i> sp. nov.	UFBA	2996.3	21	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Thalamoporella</i> sp. nov.	UFBA	3095.1	24	Costa dos Coqueiros	abr/98
<i>Thalamoporella</i> sp. nov.	UFBA	3188.3	23	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Trematooecia arborescens</i>	UFBA	1133	68	Costa das Baleias	mar/96
<i>Trematooecia arborescens</i>	UFBA	1566	50	Costa das Baleias	mar/96
<i>Trematooecia arborescens</i>	UFBA	2970	50	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Trematooecia arborescens</i>	UFBA	1398.1	50	Costa das Baleias	mar/96
<i>Trematooecia arborescens</i>	UFBA	1416.2	50	Costa das Baleias	mar/96
<i>Trematooecia arborescens</i>	UFBA	1464.1	50	Costa das Baleias	mar/96
<i>Trematooecia arborescens</i>	UFBA	312	35	Costa do Descobrimento (Royal Charlotte)	1996
<i>Trematooecia arborescens</i>	UFBA	1608	48	Baía de Todos os Santos	-
<i>Trematooecia arborescens</i>	USNM	8565	49	Costa dos Coqueiros	1877
<i>Trematooecia arborescens</i>	USNM	347	47	Baía de Todos os Santos	1877
<i>Trematooecia ridleyi</i>	UFBA	1307	18-20	Costa do Dendê	jul/07
<i>Trematooecia rotunda</i>	UFBA	2830.2	50	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Trematooecia rotunda</i>	UFBA	3036.9	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Trematooecia rotunda</i>	UFBA	1392.1	50	Costa das Baleias	mar/96
<i>Trematooecia rotunda</i>	UFBA	1396.2	50	Costa das Baleias	mar/96

<i>Trematoocia</i> sp. nov.	UFBA	1413.7	50	Costa dos Coqueiros	mar/96
<i>Trematoocia</i> sp. nov.	UFBA	3349	38	Costa do Dendê	jul/07
<i>Trematoocia</i> sp. nov.	UFBA	3390	14	Baía de Todos os Santos	1996
<i>Trematoocia</i> sp. nov.	UFBA	3392	40	Costa do Dendê	jul/07
<i>Trematoocia</i> sp. nov.	UFBA	3394	26	Costa do Dendê	jul/07
<i>Trematoocia</i> sp. nov.	USNM	8562	49	Costa dos Coqueiros	1877
<i>Trematoocia</i> sp. nov.	USNM	347	47	Baía de Todos os Santos	1877
<i>Triphyllozoon arcuatum</i>	UFBA	1184	18-20	Costa do Dendê	jul/07
<i>Triphyllozoon arcuatum</i>	UFBA	1415	-	Baía de Todos os Santos	-
<i>Triphyllozoon arcuatum</i>	UFBA	1612	18-20	Costa do Dendê	jul/07
<i>Triphyllozoon arcuatum</i>	UFBA	2399	18-20	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	241.2	48	Baía de Todos os Santos	abr/97
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	401.2	23	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2999.2	22	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	1894	23	Costa dos Coqueiros	jul/06
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2308	22	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2627	22	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2269.10	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2563.2	23	Costa dos Coqueiros	mar/05
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2887.5	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2946.4	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2966.6	25	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	3033.8	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	3036.5	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	3301.4	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2580.2	23	Costa dos Coqueiros	mar/05
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2492	22	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2871	26	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	1896.1	-	Baía de Todos os Santos	mai/97
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2935.4	13-21	Baía de Todos os Santos (Recife dos Cascos)	2017
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	1451	50	Costa das Baleias	mar/96
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	1897	26	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	1898	25	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	1899	22	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	1903	27	Costa dos Coqueiros	jul/06
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	1904	22	Costa dos Coqueiros	jul/06
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	1905	25	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	1908	23	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	1911	25	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	1913	27	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	1915	22	Costa dos Coqueiros	jan/13
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	1916	26	Costa dos Coqueiros	fev/07

<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2020	23	Costa dos Coqueiros	jul/05
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2841	34	Costa dos Coqueiros	mar/96
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	1818.2	22	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	1900.1	22	Costa dos Coqueiros	jul/06
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	1901.2	27	Costa dos Coqueiros	mar/05
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	1902.1	22	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	1906.1	23	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	1907.1	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	1909.1	21	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	1910.1	26	Costa dos Coqueiros	set/96
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	1912.1	22	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	1914.1	21	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	1995.2	22	Costa dos Coqueiros	jul/05
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2028.2	50	Costa dos Coqueiros	jul/04
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2102.4	25	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2117.3	25	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2120.2	27	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2165.2	23	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2166.7	22	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2167.6	27	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2170.3	22	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2171.2	25	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2171.6	25	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2174.4	22	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2175.1	21	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2181.1	25	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2238.9	22	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2240.3	27	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2245.5	25	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2266.5	27	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2272.4	23	Costa dos Coqueiros	jul/05
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2282.7	23	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2290.8	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2291.7	23	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2292.7	27	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2300.3	28	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2304.2	21	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2306.2	21	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2323.1	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2330.2	24	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2336.8	23	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2342.4	22	Costa dos Coqueiros	fev/06

<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2381.4	28	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2386.3	23	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2388.4	23	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2390.1	23	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2401.1	23	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2519.1	22	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2547.3	27	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2696.2	23	Costa dos Coqueiros	jul/06
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2747.4	25	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2992.2	25	Costa dos Coqueiros	mar/02
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2993.6	22	Costa dos Coqueiros	mar/03
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	3000.3	26	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	3035.7	31	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	3037.8	22	Costa dos Coqueiros	mar/05
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	3186.4	22	Costa dos Coqueiros	jul/02
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	3299.4	25	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	3389.7	25	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	3397.5	27	Costa dos Coqueiros	jul/05
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	3407.2	27	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	371.1	45	Baía de Todos os Santos (Salvador)	mar/12
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	373.2	45	Baía de Todos os Santos (Salvador)	mar/96
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2641	21	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	3401	25	Costa dos Coqueiros	jul/00
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	1844.3	23	Costa dos Coqueiros	jul/07
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2642.2	25	Costa dos Coqueiros	jul/08
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2553	27	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2568	21	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	2564.2	23	Costa dos Coqueiros	mar/05
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	20	25	Costa dos Coqueiros	ago/95
<i>Trypostega tropicalis</i>	UFBA	420.2	23	Costa dos Coqueiros	fev/06
<i>Turbicellepora brasiliensis</i>	UFBA	226	15	Baía de Todos os Santos	fev/03
<i>Turbicellepora brasiliensis</i>	UFBA	386	24	Baía de Todos os Santos	jul/00
<i>Turbicellepora brasiliensis</i>	UFBA	411.2	30	Costa do Dendê	dez/06
<i>Turbicellepora brasiliensis</i>	UFBA	13	24	Costa dos Coqueiros	ago/95
<i>Turbicellepora brasiliensis</i>	UFBA	119	23	Costa dos Coqueiros	fev/04
<i>Turbicellepora brasiliensis</i>	UFBA	204	33	Baía de Todos os Santos	ago/04
<i>Turbicellepora brasiliensis</i>	UFBA	207	50	Costa dos Coqueiros	ago/04
<i>Turbicellepora brasiliensis</i>	UFBA	210	50	Baía de Todos os Santos	ago/04
<i>Turbicellepora brasiliensis</i>	UFBA	1564	52	Costa das Baleias	mar/96
<i>Turbicellepora iarae</i>	UFBA	2398	18-20	Baía de Todos os Santos	out/12
<i>Turbicellepora iarae</i>	UFBA	1953	24	Costa dos Coqueiros	set/98
<i>Turbicellepora iarae</i>	UFBA	1954	34	Costa dos Coqueiros	set/98

<i>Turbicellepora iarae</i>	UFBA	1955	26	Costa dos Coqueiros	mar/05
<i>Turbicellepora iarae</i>	UFBA	1956	24	Costa dos Coqueiros	ago/97
<i>Turbicellepora iarae</i>	UFBA	1959	30	Costa dos Coqueiros	fev/08
<i>Turbicellepora iarae</i>	UFBA	1960	22	Costa dos Coqueiros	mar/05
<i>Turbicellepora</i> sp. nov.	UFBA	1185	18-20	Costa do Dendê	fev/07
<i>Turbicellepora</i> sp. nov.	UFBA	2284.8	28	Costa dos Coqueiros	fev/07
<i>Turbicellepora</i> sp. nov.	UFBA	3348	28	Costa dos Coqueiros	-
<i>Utinga castanea</i>	UFBA	1442	50	Costa das Baleias	mar/96
<i>Utinga castanea</i>	UFBA	1514	34	Costa do Dendê	-
<i>Utinga castanea</i>	UFBA	1565	50	Costa das Baleias	mar/96
<i>Utinga castanea</i>	UFBA	1416.1	50	Costa das Baleias	mar/96
<i>Utinga castanea</i>	UFBA	1418.10	50	Costa das Baleias	mar/96
<i>Utinga costanea</i>	UFBA	215	50	Baía de Todos os Santos	jun/05
<i>Utinga costanea</i>	UFBA	287	48	Baía de Todos os Santos	abr/97
<i>Virididentula dentata</i>	UFBA	2170.6	10	Baía de Todos os Santos	jun/05
<i>Virididentula dentata</i>	UFBA	3431	20	Costa dos Coqueiros	2003
<i>Vitrimurella fulgens</i>	UFBA	1481	50	Baía de Todos os Santos	abr/97
<i>Vitrimurella fulgens</i>	UFBA	3406	10	Baía de Todos os Santos	abr/97
<i>Vitrimurella fulgens</i>	UFBA	1982.5	12	Costa do Dendê	fev/07
<i>Vitrimurella fulgens</i>	UFBA	2018.1	48	Costa do Dendê	fev/07
<i>Watersipora subtorquata</i>	UFBA	1971.2	10	Baía de Todos os Santos	abr/97
<i>Watersipora subtorquata</i>	UFBA	1972.1	20	Costa dos Coqueiros	mai/93
<i>Watersipora subtorquata</i>	UFBA	3072	12	Costa do Dendê	fev/07

APÊNDICE B - FAMÍLIAS COM RESPECTIVOS NÚMEROS DE GÊNEROS E ESPÉCIES RELATADOS PARA A BAHIA.

Família	Gêneros	Espécies
Adeonidae Busk, 1884	2	6
Aeteidae Smitt, 1868	1	3
Antroporidae Vigneaux, 1949	2	4
Arachnopusiidae Jullien, 1888	1	1
Beaniidae Canu & Bassler, 1927a	1	3
Bitectiporidae MacGillivray, 1895	1	2
Buffonellodidae Gordon & d'Hondt, 1997	1	1
Bugulidae Gray, 1848	4	6
Calloporidae Norman, 1903	5	5
Candidae d'Orbigny, 1851	4	6
Catenicellidae Busk, 1852	1	2
Cellariidae Fleming, 1828	1	1
Celleporidae Johnston, 1838	3	5
Cleidochasmatidae Cheetham & Sandberg, 1964	2	2
Colatooeciidae Winston, 2005	1	4
Crepidacanthidae Levinsen, 1909	1	2
Cribrilinidae Hincks, 1879	1	2
Cupuladriidae Lagaaij, 1952	2	3
Didymosellidae Brown, 1952	1	1
Electridae Stach, 1937	3	4
Epistomiidae Gregory, 1893	1	1
Escharinidae Tilbrook, 2006	1	1
Exechonellidae Harmer, 1957	1	2
Gigantoporidae Bassler, 1935	1	1
Heliodomidae Vigneaux, 1949	1	1
Hiantoporidae Gregory, 1893	1	1
Hippaliosinidae Winston, 2005	1	1
Hippopodinidae Levinsen, 1909	1	3
Hippoporidridae Vigneaux, 1949	3	3
Hippothoidae Busk, 1859	1	2
Lacernidae Jullien, 1888	2	2
Lanceoporidae Harmer, 1957	1	6
Lepraliellidae Vigneaux, 1949	2	5
Mamilloporidae Canu & Bassler, 1927a	1	1

Marcusadoreidae Winston, Vieira & Woollacott, 2014	1	2
Margarettidae Harmer, 1957	1	1
Membraniporidae Busk, 1852	2	9
Metrarabdotosidae Vigneaux, 1949	1	3
Microporellidae Hincks, 1879	1	1
Microporidae Gray, 1848	2	2
Monoporellidae Hincks, 1882	1	1
Nolellidae Harmer, 1915	1	1
Onychozellidae Jullien, 1882	2	4
Pasytheidae Davis, 1934	1	1
Petraliellidae Harmer, 1957	1	1
Phidoloporidae Gabb & Horn, 1862	6	12
Quadricellariidae Gordon, 1984	1	1
Romancheinidae Jullien, 1888	1	1
Savignyellidae Levinsen, 1909	1	1
Schizoporellidae Jullien, 1883	2	10
Sinoflustridae Gordon, 2009	1	1
Smittinidae Levinsen, 1909	5	12
Steginoporellidae Hincks, 1884	2	5
Tetraplariidae Harmer, 1957	1	1
Thalamoporellidae Levinsen, 1902	1	1
Trypostegidae Gordon, Tilbrook & Winston em Winston, 2005	1	1
Vesiculariidae Johnston, 1847	1	7
Vitrimurellidae Winston, Vieira & Woollacott, 2014	1	1
Watersiporidae Vigneaux, 1949	1	1
59 famílias	96	174

Fonte: O autor (2018).

APÊNDICE C - NOVAS ESPÉCIES E NOVOS REGISTROS (EM ORDEM ALFABÉTICA) APRESENTADOS.

Novas espécies para a ciência	<i>Abditoporella</i> sp. nov., <i>Antropora</i> sp. nov., <i>Arthropoma</i> sp. nov., <i>Calypotheca</i> sp. nov., <i>Celleporaria</i> sp. nov., <i>Crepidacantha</i> sp. nov.1, <i>Crepidacantha</i> sp. nov.2, <i>Cupuladria</i> sp. nov., <i>Hemismittoidea</i> sp. nov., <i>Hiantopora</i> sp. nov., <i>Hippopodina</i> sp. nov., <i>Hippoporina</i> sp. nov., <i>Licornia</i> sp. nov., <i>Onychocella</i> sp. nov.1, <i>Onychocella</i> sp. nov.2, <i>Parasmittina</i> sp. nov., <i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1, <i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.2, <i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.3, <i>Puellina</i> sp. nov.1, <i>Puellina</i> sp. nov.2, <i>Rhynchozoon</i> sp. nov., <i>Smittoidea</i> sp. nov.1, <i>Smittoidea</i> sp. nov.2, <i>Stephanollona</i> sp. nov.1, <i>Stephanollona</i> sp. nov.2, <i>Schizobrachiella</i> sp. nov., <i>Stylopoma</i> sp. nov.1, <i>Stylopoma</i> sp. nov.2, <i>Stylopoma</i> sp. nov.3, <i>Stylopoma</i> sp. nov.4, <i>Stylopoma</i> sp. nov.5, <i>Thalamoporella</i> sp. nov., <i>Trematooecia</i> sp. nov., <i>Turbicellepora</i> sp. nov.
Novos registros para a Bahia	<i>Arbocuspis bicornis</i> , <i>Beania correae</i> , <i>Bugula gnoma</i> , <i>Calypotheca vaginata</i> , <i>Caulibugula dendrograpta</i> , <i>Parasmittina ligulata</i> , <i>Parasmittina simplicata</i> , <i>Parellisina lunatiostris</i> , <i>Retevirgula multipunctata</i> , <i>Smittina smittiella</i> , <i>Smittoidea numma</i> , <i>Stylopoma carioca</i> , <i>Stylopoma rotundum</i> , <i>Virididentula dentata</i>
Novos registros para o Brasil	<i>Aimulosia</i> sp., <i>Parasmittina bimucronata</i> , <i>Parasmittina egyptiaca</i> , <i>Schizobrachiella lacrimosa</i> , <i>Tetraplaria dichotoma</i>

Fonte: O autor (2018).

**APÊNDICE D - DISTRIBUIÇÃO DAS ESPÉCIES DE BRIOZOÁRIOS
MARINHOS ENCONTRADOS NA BAHIA.**

Distribuição	Espécies
Bahia	<p><i>Abditoporella</i> sp. nov., <i>Aimulosia</i> sp., <i>Antropora</i> sp. nov., <i>Aplousina errans</i>, <i>Arthropoma</i> sp. nov., <i>Calyptotheca</i> sp. nov., <i>Calyptotheca trimorpha</i> comb. nov., <i>Calyptotheca vaginata</i>, <i>Calyptotheca trimorpha</i> comb. nov., <i>Cellaria oraneae</i>, <i>Celleporaria</i> sp. nov., <i>Celleporina joannae</i>, <i>Crepidacantha</i> sp. nov.1, <i>Crepidacantha</i> sp. nov.2, <i>Cupuladria</i> sp. nov., <i>Discoporella salvadorensis</i>, <i>Exechonella brasiliensis</i>, <i>Fodinella atlantica</i>, <i>Hemismittoidea</i> sp. nov., <i>Hiantopora</i> sp. nov., <i>Hippopodina</i> sp. nov., <i>Hippoporina</i> sp. nov., <i>Licornia</i> sp. nov., <i>Marcusadorea pinheiroi</i>, <i>Micropora angustiscapulis</i>, <i>Mollia elongata</i>, <i>Onychocella</i> sp. nov.1, <i>Onychocella</i> sp. nov.2, <i>Parasmittina</i> sp. nov., <i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1, <i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.2, <i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.3, <i>Puellina</i> sp. nov.1, <i>Puellina</i> sp. nov.2, <i>Reptadeonella aspera</i>, <i>Rhynchozoon itaparicaensis</i>, <i>Rhynchozoon</i> sp. nov., <i>Smittoidea</i> sp. nov.1, <i>Smittoidea</i> sp. nov.2, <i>Steginoporella transversalis</i>, <i>Stephanollona</i> sp. nov.1, <i>Stephanollona</i> sp. nov.2, <i>Stylopoma</i> sp. nov.1, <i>Stylopoma</i> sp. nov.2, <i>Stylopoma</i> sp. nov.3, <i>Stylopoma</i> sp. nov.4, <i>Stylopoma</i> sp. nov.5, <i>Thalamoporella</i> sp. nov., <i>Trematooecia rotunda</i>, <i>Trematooecia</i> sp. nov., <i>Trypostega tropicalis</i>, <i>Turbicellepora</i> sp. nov.</p>
Brasil	<p><i>Amathia ernsti</i>, <i>Amathia evelinae</i>, <i>Ammatophora arenacea</i>, <i>Beania correae</i>, <i>Biflustra marcusii</i>, <i>Biflustra paulensis</i>, <i>Bugula gnoma</i>, <i>Calyptoecia conuma</i>, <i>Calyptotheca ornatissima</i>, <i>Canda alsia</i>, <i>Celleporaria atlantica</i>, <i>Celleporaria carvalhoi</i>, <i>Celleporaria mordax</i>, <i>Cradoscrupocellaria calypso</i>, <i>Cupuladria monotrema</i>, <i>Didymosella pluma</i>, <i>Exochella frigidula</i>, <i>Gigantopora lyncoides</i>, <i>Hippaliosina imperfecta</i>, <i>Hippothoa brasiliensis</i>, <i>Hippotrema fissurata</i>, <i>Jellyella brasiliensis</i>, <i>Labioporella tuberculata</i>, <i>Margaretta buskii</i>, <i>Metrarabdotos jani</i>, <i>Microporella curta</i>, <i>Monoporella divae</i>, <i>Parasmittina ligulata</i>, <i>Parasmittina loxoides</i>, <i>Parasmittina simpulata</i>, <i>Parellisina lunatiostris</i>, <i>Pleurocodonellina marcusii</i>, <i>Poricella frigerosa</i>, <i>Pourtalesella carvalhoi</i>, <i>Reptadeonella brasiliensis</i>, <i>Reptadeonella cucullata</i>, <i>Reptadeonella leilae</i>, <i>Reteporellina evelinae</i>, <i>Retevirgula multipunctata</i>, <i>Rhynchozoon brasiliensis</i>, <i>Rhynchozoon phrynoglossum</i>, <i>Rogicka scopae</i>, <i>Schizobrachiella</i> sp. nov., <i>Smittipora sawayai</i>, <i>Smittipora tuberculata</i>, <i>Smittoidea numma</i>, <i>Steginoporella evelinae</i>, <i>Stylopoma aurantiacum</i>, <i>Stylopoma carioca</i>, <i>Stylopoma rotundum</i>, <i>Trematooecia arborescens</i>, <i>Trematooecia ridleyi</i>, <i>Turbicellepora brasiliensis</i>, <i>Turbicellepora iarae</i>, <i>Utinga castanea</i>, <i>Vitrimurella fulgens</i></p>

Atlântico Ocidental	<i>Adeonellopsis subsulcata</i> , <i>Aetea arcuata</i> , <i>Aetea cultrata</i> , <i>Aetea curta</i> , <i>Akatopora leucocypha</i> , <i>Amathia brasiliensis</i> , <i>Antropora typica</i> , <i>Beania americana</i> , <i>Beania australis</i> , <i>Biflustra tenuis</i> , <i>Bryopesanser pesanseris</i> , <i>Caulibugula armata</i> , <i>Exechonella vieirai</i> , <i>Gemelliporina glabra</i> , <i>Mamillopora cupula</i> , <i>Marcusadorea tubulosa</i> , <i>Metrarabdotos tuberosum</i> , <i>Metrarabdotos unguiculatum</i> , <i>Reptadeonella bipartita</i> , <i>Setosellina goesi</i> , <i>Smittina smittiella</i> , <i>Steginoporella magnilabris</i> , <i>Tetraplaria dichotoma</i>
Anfi-Atlântico	<i>Biflustra arborescens</i> , <i>Pasythea tulipifera</i> , <i>Schizobrachiella lacrimosa</i> comb. nov.
Disjunta	<i>Amathia crispa</i> , <i>Amathia distans</i> , <i>Amathia verticillata</i> , <i>Amathia vidovici</i> , <i>Antropora minor</i> , <i>Arbocuspis bellula</i> , <i>Arbopercula bengalensis</i> , <i>Arbocuspis bicornis</i> , <i>Conopeum loki</i> , <i>Biflustra grandicella</i> , <i>Biflustra irregulata</i> , <i>Biflustra okadai</i> , <i>Bugulina stolonifera</i> , <i>Calyptotheca triangulata</i> , <i>Catenicella contei</i> , <i>Catenicella uberrima</i> , <i>Caulibugula dendrograpta</i> , <i>Copidozoum tenuirostre</i> , <i>Hippopodina feegeensis</i> , <i>Hippopodina pulcherrima</i> , <i>Hippochoa flagellum</i> , <i>Jellyella tuberculata</i> , <i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i> , <i>Licornia jolloisii</i> , <i>Nolella stipata</i> , <i>Parasmittina bimucronata</i> , <i>Parasmittina egyptiaca</i> , <i>Scorpiodinipora costulata</i> , <i>Sinoflustra annae</i> , <i>Steginoporella connexa</i> , <i>Triphyllozoon arcuatum</i> , <i>Virididentula dentata</i> , <i>Watersipora subtorquata</i>

Fonte: O autor (2018).

APÊNDICE E - CLASSIFICAÇÃO QUANTO À ORIGEM, PARA AS ESPÉCIES DE DISTRIBUIÇÃO DISJUNTA E RELATADAS PARA A BAHIA.

Classificação	Espécie
Exótica	<i>Amathia verticillata</i> , <i>Arbopercula bengalensis</i> , <i>Conopeum loki</i> , <i>Biflustra grandicella</i> , <i>Biflustra irregulata</i> , <i>Biflustra okadai</i> , <i>Bugulina stolonifera</i> , <i>Licornia jolloisii</i> , <i>Sinoflustra annae</i> , <i>Triphyllozoon arcuatum</i>
Criptogênica	<i>Caulibugula dendrograpta</i> , <i>Parasmittina egyptiaca</i> , <i>Hippopodina feegeensis</i> , <i>Watersipora subtorquata</i>
Complexos de espécies	<i>Amathia crispa</i> , <i>Amathia distans</i> , <i>Amathia vidovici</i> , <i>Antropora minor</i> , <i>Arbocuspis bellula</i> , <i>Catenicella uberrima</i> , <i>Copidozoum tenuirostre</i> , <i>Hippothoa flagellum</i> , <i>Jellyella tuberculata</i> , <i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i> , <i>Nolella stipata</i> , <i>Scorpiodinipora costulata</i> , <i>Steginoporella connexa</i> , <i>Virididentula dentata</i>
Não classificadas	<i>Arbocuspis bicornis</i> , <i>Calyptotheca triangulata</i> , <i>Catenicella contei</i> , <i>Hippopodina pulcherrima</i> , <i>Parasmittina bimucronata</i>

Fonte: O autor (2018).

APÊNDICE F - DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL (+, PRESENTE) E UTILIZAÇÃO DE SUBSTRATO DOS BRIOZOÁRIOS MARINHOS DA BAHIA. Abreviações: CO, Costa dos Coqueiros; BTS, Baía de Todos os Santos; CD, Costa do Dendê; CA, Costa do Cacau; DE, Costa do Descobrimento; CB, Costa das Baleias; Tipos de substrato: Al, algas; Ar, artificial; Br, briozoários; Cr, Corais; Es, esponjas; Gr, grãos de areia/cascalho; Hi, hidróides; No, nódulos calcários; Mo, conchas de moluscos; Rc, rochas; Rd, rodolitos.

Espécie	Distribuição						Prof. (m)	Substrato
	CO	BTS	CD	CA	DE	CB		
<i>Abditoporella</i> sp. nov.	+		+				23–50	No, Rc
<i>Adeonellopsis subsulcata</i>	+	+	+				23–50	Gr
<i>Aetea arcuata</i>	+				+		0–25	Al, Br, Hi, Rd
<i>Aetea cultrata</i>	+				+		0–25	Al, Br, Hi, Rd
<i>Aetea curta</i>	+				+		0–23	Al, Br, Es, Hi, Rd
<i>Aimulosia</i> sp.	+						20	Gr
<i>Akatopora leucocypha</i>	+	+					0–28	Mo, No
<i>Amathia brasiliensis</i>		+					0–20	Ar, Es, Hi
<i>Amathia crispa</i>	+	+				+	0–20	Ar, Cr, Es
<i>Amathia distans</i>	+	+	+		+		0–25	Ar, Hi, Br, Es
<i>Amathia ernsti</i>		+					0–5	Ar, Br, Es
<i>Amathia evelinae</i>	+						0–5	Ar, Br, Es
<i>Amathia verticillata</i>		+					0–5	Ar, Br, Es
<i>Amathia vidovici</i>	+	+					0–27	Ar, Hi, Br, Es
<i>Ammatophora arenacea</i>	+	+	+	+	+	+	10–51	Cr, No, Rc, Rd
<i>Antropora minor</i>	+	+					15–50	Rc, Rd
<i>Antropora</i> sp. nov.	+	+					10–48	Rc, Rd
<i>Antropora typica</i>	+	+	+			+	10–50	Cr, Rc, Rd
<i>Aplousina errans</i>		+					47	Cr
<i>Arbocuspis bellula</i>	+		+		+		0–22	Al, Hi
<i>Arbocuspis bicornis</i>	+		+		+		0–22	Al
<i>Arbopercula bengalensis</i>	+	+					2–19	Mo, No
<i>Arthropoma</i> sp. nov.		+					10–20	Ar, Cr
<i>Beania americana</i>	+	+	+		+	+	0–35	Al, Br, Cr, Hi
<i>Beania australis</i>	+				+		0–34	Al, Br, Gr, Hi, No
<i>Beania correiaae</i>	+						0–26	Br, Gr, No, Rd
<i>Biflustra arborescens</i>	+	+	+			+	0–30	Br, Es, Mo, Rc
<i>Biflustra grandicella</i>	+	+					23–48	Gr
<i>Biflustra irregulata</i>	+	+					20–28	Mo
<i>Biflustra marcusii</i>	+	+	+		+		0–33	Al, Cr
<i>Biflustra okadai</i>	+	+					23–48	Gr
<i>Biflustra paulensis</i>		+					0–25	Mo
<i>Biflustra tenuis</i>	+	+					0–33	Al, Br, Mo, Rc
<i>Bryopesanser pesanseri</i>	+	+	+		+		0–31	Al, Gr, Rd
<i>Bugula gnoma</i>	+	+					0–20	Al

<i>Bugula neritina</i>	+	+					0–50	Gr, No, Rd
<i>Bugulina stolonifera</i>	+	+					0–20	No, Rd
<i>Caberea boryi</i>	+	+					0–20	Al, Br, Hi, Rd
<i>Calypsooecia conuma</i>	+	+	+	+	+	+	10–50	Al, Cr, Rc, Es, Mo
<i>Calypsotheca ornatissima</i>	+	+	+				14–20	Cr, Es, Rc
<i>Calypsotheca</i> sp. nov.			+			+	20–50	Cr, No
<i>Calypsotheca triangulata</i>	+	+					0–20	Cr, Mo, Rd
<i>Calypsotheca trimorpha</i> comb. nov.	+	+					10–49	Cr, Rc
<i>Calypsotheca vaginata</i>		+					47	Rd
<i>Calypsotheca violacea</i> comb. nov.	+	+					47	Cr, Rd
<i>Canda alsia</i>	+	+	+	+	+	+	0–50	Ar, Cr, Br, Es
<i>Catenicella contei</i>	+	+				+	0–25	Al, Ar, Br, Cr, Es
<i>Catenicella uberrima</i>	+	+	+		+	+	0–48	Al, Br, Cr, Rc
<i>Caulibugula armata</i>	+	+	+			+	10–50	Br, No, Rd
<i>Caulibugula dendrograpta</i>	+	+					10–25	No
<i>Cellaria oraneae</i>	+	+	+	+	+	+	15–50	Cr, Gr
<i>Celleporaria atlantica</i>	+	+	+	+	+	+	0–50	Br, Cr, Es, Rc, Rd
<i>Celleporaria carvalhoi</i>		+	+			+	0–35	Es, Cr
<i>Celleporaria mordax</i>	+	+	+	+			0–30	Mo, No
<i>Celleporaria</i> sp. nov.		+				+	13–35	Cr
<i>Celleporina joannae</i>	+	+	+		+		18–20	Al, Es, No
<i>Conopeum loki</i>		+					2–19	Ar, Cr, Mo
<i>Copidozoum tenuirostre</i>	+	+	+	+	+	+	18–48	Mo, Cr
<i>Cradoscrupocellaria calypso</i>	+	+				+	18–20	Br, Cr, Rd
<i>Crepidacantha</i> sp. nov.1		+					10–20	Ar, Cr
<i>Crepidacantha</i> sp. nov.2	+	+	+	+	+		10–40	Cr, Rd
<i>Cupuladria monotrema</i>	+	+	+	+	+	+	8–50	Gr
<i>Cupuladria</i> sp. nov.	+	+	+	+	+	+	8–52	Gr
<i>Didymosella pluma</i>			+		+	+	10–40	Cr, No
<i>Discoporella salvadorensis</i>	+	+	+	+	+	+	18–48	Gr
<i>Drepanophora tuberculata</i>	+	+					10–50	Cr, No
<i>Exechonella brasiliensis</i>		+					49	Cr, No
<i>Exechonella vieirai</i>	+	+	+	+	+	+	0–50	Al, Es, Cr, Rc, Rd
<i>Exochella frigidula</i>	+	+	+				10–40	No, Cr, Rd
<i>Fodinella atlantica</i>	+	+	+		+		0–20	Mo, No, Rc, Rd
<i>Gemelliporina glabra</i>	+	+	+	+	+	+	10–80	Al, Ar, Cr, Gr
<i>Gigantopora lyncoides</i>			+			+	20–30	Cr, Gr
<i>Hemismittoidea</i> sp. nov.		+					13–21	Ar, Cr
<i>Hiantopora</i> sp. nov.			+	+			10–30	No
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	+	+	+	+	+	+	8–50	Br, Es, No, Rc, Rd
<i>Hippopodina feegeensis</i>	+	+					0–30	Mo
<i>Hippopodina pulcherrima</i>	+	+	+	+		+	15–50	Cr, No
<i>Hippopodina</i> sp. nov.			+	+	+	+	25–50	Cr, No

<i>Hippoporina indica</i>	+	+	+				8–40	Mo, No
<i>Hippoporina</i> sp. nov.	+	+					15–25	No, Rd
<i>Hippothoa brasiliensis</i>	+	+					0–45	Al, Hi, Mo
<i>Hippothoa flagellum</i>	+	+			+		15–50	Al, Mo
<i>Hippotrema fissurata</i>	+	+	+	+	+	+	23–45	Br, Cr, Rc, Mo
<i>Jellyella brasiliensis</i>	+	+					0–23	Al, Mo
<i>Jellyella tuberculata</i>	+	+	+		+		0–30	Al
<i>Labioporella tuberculata</i>	+	+	+		+	+	0–24	Cr, Rc, Rd
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	+	+	+	+	+	+	0–33	Al, Ar, Cr, Es, Mo
<i>Licornia jolloisii</i>		+					0–10	Ar, No
<i>Licornia</i> sp. nov.	+		+	+	+	+	5–50	Br, Cr, No
<i>Mamillopora cupula</i>	+	+	+		+		20–50	Gr
<i>Marcusadoreia pinheiroi</i>	+		+		+	+	0–20	Es, Rc, Rd
<i>Marcusadoreia tubulosa</i>	+		+		+		0–50	Rc, Rd
<i>Margaretta buski</i>	+	+	+	+	+	+	0–50	Al, Gr, No, Rd
<i>Metrarabdotos jani</i>	+	+	+		+		0–40	Es, No
<i>Metrarabdotos tuberosum</i>		+			+	+	18–40	Cr, No
<i>Metrarabdotos unguiculatum</i>		+	+			+	18–40	Cr, No
<i>Micropora angustiscapulis</i>	+	+	+		+	+	0–43	Cr, No, Rd
<i>Microporella curta</i>	+	+				+	0–30	Cr, Es, Rd
<i>Mollia elongata</i>	+	+	+	+	+	+	25–50	Cr, No, Rc, Rd
<i>Monoporella divae</i>	+		+				10–50	Cr, Hi
<i>Nellia tenella</i>	+	+	+	+	+	+	8–50	Cr, Es, Gr, No
<i>Nolella stipata</i>		+					0–5	Es, Mo
<i>Onychocella</i> sp. nov.1	+				+	+	21–37	Cr, Rd
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	+	+			+		10–50	Cr, No, Rd
<i>Parasmittina bimucronata</i>		+	+			+	15–50	Cr, No
<i>Parasmittina egyptiaca</i>	+	+	+			+	15–50	Cr, No
<i>Parasmittina ligulata</i>	+	+	+				10–50	Ar, Cr, Rc, Rd
<i>Parasmittina loxoides</i>	+	+	+				0–50	Mo, Rc, Rd
<i>Parasmittina simpulata</i>	+	+			+		0–50	No, Rc, Rd
<i>Parasmittina</i> sp. nov.		+	+		+		10–35	Cr, No, Rd
<i>Parellisina lunatiostris</i>	+						15–35	Gr, No
<i>Pasythea tulipifera</i>	+	+	+		+	+	0–34	Al, Cr
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	+	+	+		+	+	10–30	Al, Ar, Cr, No, Rd
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.2	+	+					10–30	Ar, Cr, No, Rd
<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.3	+	+					10–30	Ar, Cr, No, Rd
<i>Pleurocodonellina marcusii</i>	+	+					0–20	Mo, Rc, Rd
<i>Poricella frigerosa</i>	+	+	+	+	+	+	0–48	Ar, Br, Es, Mo, Rc
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	+	+	+				0–48	Ar, Br, No, Rc, Rd
<i>Puellina</i> sp. nov.1	+	+	+			+	0–35	Ar, Mo, Rc, Rd
<i>Puellina</i> sp. nov.2	+	+	+		+	+	0–35	Cr, No, Rd
<i>Reptadeonella aspera</i>	+		+			+	21–50	Cr, Rc, Rd

<i>Reptadeonella bipartita</i>	+	+		+	+	0–49	Mo, Rc, Rd
<i>Reptadeonella brasiliensis</i>	+	+	+	+		0–24	Al, Es, Mo, Rc, Rd
<i>Reptadeonella cucullata</i>	+		+	+	+	22–60	Cr, Rc
<i>Reptadeonella leilae</i>	+	+	+			8–37	Es, Rc, Rd
<i>Reteporellina evelinae</i>	+	+	+		+	0–50	Al, No
<i>Retevirgula multipunctata</i>	+					20–40	No
<i>Rhynchozoon brasiliensis</i>	+	+	+	+	+	0–60	Br, Es, Mo, No, Rd
<i>Rhynchozoon itaparicaensis</i>	+	+	+			0–60	Ar, Cr, Mo, No
<i>Rhynchozoon phrynoglossum</i>	+	+	+			0–40	Mo, No
<i>Rhynchozoon</i> sp. nov.		+		+		10–40	Al
<i>Rogicka scopae</i>	+	+				10–49	Al, Cr, Hi
<i>Savignyella lafontii</i>	+				+	0–25	Al, Cr, Hi
<i>Schizobrachiella lacrimosa</i>	+	+				0–35	Mo, Rc
<i>Schizobrachiella</i> sp. nov.	+	+	+	+	+	5–45	Mo, No
<i>Scorpiodnipora costulata</i>	+	+				0–20	Mo
<i>Setosellina goesi</i>			+	+	+	5–35	Gr, Mo
<i>Sinoflustra annae</i>		+				18–20	Mo
<i>Smittina smittiella</i>	+	+				15–35	Cr, Rd
<i>Smittipora sawayai</i>	+	+				15–45	No, Rd
<i>Smittipora tuberculata</i>	+	+	+	+	+	10–49	Br, Cr, No, Rd
<i>Smittoidea numma</i>	+	+	+	+	+	5–50	Cr, Rd
<i>Smittoidea</i> sp. nov.1	+	+				15–50	Ar, Cr, Rd
<i>Smittoidea</i> sp. nov.2	+	+				15–45	Ar, Cr, Rd
<i>Steginoporella connexa</i>	+	+	+	+	+	10–35	No, Rc
<i>Steginoporella evelinae</i>	+					22–25	No, Rc
<i>Steginoporella magnilabris</i>	+	+	+	+	+	0–50	Al, Br, No, Rc, Rd
<i>Steginoporella transversalis</i>	+	+	+	+	+	0–35	No, Rc
<i>Stephanollona</i> sp. nov.1	+					10–35	No, Rc
<i>Stephanollona</i> sp. nov.2	+					10–35	No, Rc
<i>Stylopoma aurantiacum</i>		+	+			0–50	Br, Cr, Es, No, Roc
<i>Stylopoma carioca</i>	+	+	+		+	15–35	No, Roc
<i>Stylopoma rotundum</i>	+	+	+	+	+	10–35	Al, Cr, Hi, Es, Rd
<i>Stylopoma</i> sp. nov.1	+	+		+		15–45	No, Roc
<i>Stylopoma</i> sp. nov.2	+	+		+		15–45	Br, No, Roc
<i>Stylopoma</i> sp. nov.3	+	+				15–50	Br, No, Roc
<i>Stylopoma</i> sp. nov.4	+	+				15–50	No, Roc
<i>Stylopoma</i> sp. nov.5		+				10–25	Ar, Cr, No
<i>Synnotum aegyptiacum</i>	+	+	+	+	+	5–23	Al, Br, Cr, Es, Hi
<i>Tetraplaria dichotoma</i>	+	+		+		15–50	Cr, Gr, No
<i>Thalamoporella</i> sp. nov.	+			+	+	20–34	Cr, Rd
<i>Trematoeocia arborescens</i>	+	+	+		+	14–50	Gr, Rc
<i>Trematoeocia ridleyi</i>	+	+			+	15–50	Cr, No, Rc, Rd
<i>Trematoeocia rotunda</i>	+	+	+		+	20–50	No, Rc, Rd

<i>Trematooecia</i> sp. nov.	+	+	+				14–40	Es, Gr, Rc
<i>Triphyllozoon arcuatum</i>		+	+				0–35	Ar, Es
<i>Trypostega tropicalis</i>	+	+	+	+	+	+	0–46	Ar, Cr, No, Rc, Rd
<i>Turbicellepora brasiliensis</i>	+	+	+			+	15–50	No, Rc, Rd
<i>Turbicellepora iarae</i>	+	+	+				18–20	Es, No
<i>Turbicellepora</i> sp. nov.				+		+	20–50	Gr, No
<i>Utinga castanea</i>	+	+	+	+	+	+	10–48	No, Rc
<i>Virididentula dentata</i>	+	+					10–20	Gr, No
<i>Vitrimurella fulgens</i>		+	+				10–50	Cr, Rd
<i>Watersipora subtorquata</i>	+	+	+				0–20	Al, Br, Hi, Rc

Fonte: O autor (2018).

APÊNDICE G - NOMES ATUALIZADOS DE BRIOZOÁRIOS MARINHOS DA BAHIA APÓS REVISÃO DA FAUNA LISTADA PREVIAMENTE A ESTE ESTUDO. Nomes marcados com um asterisco correspondem a novas espécies (destacadas em negrito) descritas neste trabalho.

Nome antigo	Referência	Nome atualizado
<i>Aetea anguina</i>	Almeida et al. (2015a)	<i>Aetea arcuata</i>
<i>Aetea sica</i>	Almeida et al. (2015a)	<i>Aetea cultrata</i>
<i>Aetea truncata</i>	Almeida et al. (2015a)	<i>Aetea cultrata</i>
<i>Aetea ligulata</i>	Almeida et al. (2015a)	<i>Aetea curta</i>
<i>Alderina smitti</i>	Almeida et al. (2015a)	<i>Akatopora leucocypha</i>
<i>Amathia convoluta</i>	Almeida et al. (2015a)	<i>Amathia crispa</i>
<i>Aptonella violacea</i>	Vieira; Migotto; Winston (2008)	<i>Calyptotheca violacea</i> comb. nov.
<i>Bowerbankia maxima</i>	Vieira et al. (2014c)	<i>Amathia evelinae</i>
<i>Antropora granulifera</i> *	Almeida et al. (2015a)	<i>Antropora</i> sp. nov.
<i>Beania hirtissima</i>	Almeida et al. (2015a)	<i>Beania americana</i>
<i>Bugula uniserialis</i>	Almeida et al. (2015a)	<i>Bugula gnoma</i>
<i>Hippoporina sertata</i> *	Almeida et al. (2015a)	<i>Calyptotheca</i> sp. nov.
<i>Hippoporina pertusa</i>	Almeida et al. (2015a)	<i>Calyptotheca vaginata</i>
<i>Celleporaria schubarti</i>	Almeida et al. (2015a)	<i>Celleporaria atlantica</i>
<i>Celleporaria</i> sp.*	Almeida et al. (2015a)	<i>Celleporaria</i> sp. nov.
<i>Cradoscrupocellaria bertholletii</i>	Almeida et al. (2015a)	<i>Cradoscrupocellaria calypso</i>
<i>Crepidacantha setigera</i> *	Almeida et al. (2015a)	<i>Crepidacantha</i> sp. nov.1
<i>Cribellopora triangulata</i>	Vieira; Migotto; Winston (2008)	<i>Calyptotheca triangulata</i> comb. nov.
<i>Discoporella umbellata</i>	Almeida et al. (2015a)	<i>Discoporella salvadorensis</i>
<i>Exechonella antillea</i>	Almeida et al. (2015a)	<i>Exechonella vieirai</i>
<i>Exechonella brasiliensis</i>	Almeida et al. (2015a)	<i>Exechonella vieirai</i>
<i>Hippoporella labiata</i>	Almeida et al. (2015a)	<i>Fodinella atlantica</i>
<i>Cryptosula pallasiana</i>	Almeida et al. (2015a)	<i>Hippoporina indica</i>
<i>Hippoporina</i> sp.*	Almeida et al. (2015a)	<i>Hippoporina</i> sp. nov.
<i>Hippothoa</i> sp.	Almeida et al. (2015a)	<i>Hippothoa brasiliensis</i>
<i>Licornia regularis</i>	Almeida et al. (2015a)	<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>
<i>Aspiscellaria</i> sp.*	Almeida et al. (2015a)	<i>Licornia</i> sp. nov.
<i>Marcusadorea corderoi</i> *	Almeida et al. (2015a)	<i>Marcusadorea pinheiroi</i>
<i>Metrarabdotos auriculatum</i>	Almeida et al. (2015a)	<i>Metrarabdotos jani</i>
<i>Metrarabdotos sergipensis</i>	Almeida et al. (2015a)	<i>Metrarabdotos unguiculatum</i>
<i>Micropora acuminata</i>	Almeida et al. (2015a)	<i>Micropora angustiscapulis</i>
<i>Microporella ciliata</i>	Almeida et al. (2015a)	<i>Microporella curta</i>

Nome antigo	Referência	Nome atualizado
<i>Microporella cucullata</i>	Almeida et al. (2015a)	<i>Microporella curta</i>
<i>Onychocella</i> sp.*	Almeida et al. (2015a)	<i>Onychocella</i> sp. nov.1
<i>Parasmittina trispinosa</i>	Almeida et al. (2015a)	<i>Parasmittina egyptiaca</i>
<i>Parasmittina spathulata</i>	Almeida et al. (2015a)	<i>Parasmittina ligulata</i>
<i>Parasmittina munita</i> *	Almeida et al. (2015a)	<i>Parasmittina</i> sp. nov.
<i>Plesiocleidochasma porcellanum</i> *	Almeida et al. (2015a)	<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1
<i>Poricella mucronata</i>	Almeida et al. (2015a)	<i>Poricella frigerosa</i>
<i>Parasmittina areolata</i>	Canu & Bassler (1928a)	<i>Parasmittina ligulata</i>
<i>Parasmittina areolata</i> (parte)	Winston; Vieira; Woollacott (2014)	<i>Parasmittina ligulata</i>
<i>Parasmittina spathulata</i>	Canu & Bassler (1928a)	<i>Parasmittina ligulata</i>
<i>Puellina</i> sp.*	Almeida et al. (2015a)	<i>Puellina</i> sp. nov.1
<i>Puellina</i> sp.2*	Almeida et al. (2015a)	<i>Puellina</i> sp. nov.2
<i>Reptadeonella</i> sp.	Almeida et al. (2015a)	<i>Reptadeonella brasiliensis</i>
<i>Reptadeonella</i> sp.2	Almeida et al. (2015a)	<i>Reptadeonella leilae</i>
<i>Retevirgula</i> sp.	Almeida et al. (2015a)	<i>Retevirgula multipunctata</i>
<i>Rhynchozoon</i> sp.	Almeida et al. (2015a)	<i>Rhynchozoon brasiliensis</i>
<i>Rhynchozoon coalitum</i>	Almeida et al. (2015a)	<i>Rhynchozoon phrynoglossum</i>
<i>Rhynchozoon</i> sp.2*	Almeida et al. (2015a)	<i>Rhynchozoon</i> sp. nov.
<i>Schizoporella errata</i> *	Almeida et al. (2015a)	<i>Schizobrachiella</i> sp. nov.
<i>Schizoporella unicornis</i> *	Almeida et al. (2015a)	<i>Schizobrachiella</i> sp. nov.
<i>Hippoporina</i> sp.2	Almeida et al. (2015a)	<i>Schizobrachiella lacrimosa</i> comb. nov.
<i>Smittina affinis</i>	Almeida et al. (2015a)	<i>Smittina smittiella</i>
<i>Smittipora acutirostris</i>	Canu & Bassler (1928a)	<i>Smittipora tuberculata</i>
<i>Smittoidea evelinae</i>	Almeida et al. (2015a)	<i>Smittoidea numma</i>
<i>Smittoidea reticulata</i> *	Almeida et al. (2015a)	<i>Smittoidea</i> sp. nov.1
<i>Steginoporella buskii</i>	Almeida et al. (2015a)	<i>Steginoporella transversalis</i>
<i>Stylopoma smitti</i>	Almeida et al. (2015a)	<i>Stylopoma rotundum</i>
<i>Stylopoma spongites</i> *	Almeida et al. (2015a)	<i>Stylopoma</i> sp. nov.4
<i>Tetraplaria</i> sp.	Almeida et al. (2015a)	<i>Tetraplaria dichotoma</i>
<i>Thalamoporella evelinae</i> *	Almeida et al. (2015a)	<i>Thalamoporella</i> sp. nov.
<i>Thalamoporella</i> sp.*	Almeida et al. (2015a)	<i>Thalamoporella</i> sp. nov.
<i>Turbicellepora pourtalesi</i>	Almeida et al. (2015a)	<i>Turbicellepora brasiliensis</i>
<i>Tremoschizodina lata</i>	Almeida et al. (2015a)	<i>Vitrimurella fulgens</i>
<i>Watersipora</i> sp.	Almeida et al. (2015a)	<i>Watersipora subtorquata</i>

Fonte: O autor (2018).

APÊNDICE H - ATUALIZAÇÃO DA FAUNA DA BAHIA LISTADA POR CANU & BASSLER (1928a). Espécies marcadas com asterisco correspondem aquelas revisadas pela primeira vez no presente estudo.

Nome original	Nome atualizado	Referência
<i>Adeona bipartita</i>	<i>Reptadeonella bipartita</i>	Almeida et al. (2015b)
<i>Adeona heckeli</i>	<i>Reptadeonella brasiliensis</i>	Almeida et al. (2015b)
<i>Aplousina errans</i> *	<i>Aplousina errans</i>	Presente estudo
<i>Aptonella violacea</i> *	<i>Calyptotheca violacea</i> comb. nov.	Presente estudo
<i>Cribella triangulata</i>	<i>Calyptotheca triangulata</i>	Almeida et al. (2018b)
<i>Cribilaria innominata</i> *	<i>Puellina</i> sp. nov.2	Presente estudo
<i>Dakaria vaginata</i> *	<i>Calyptotheca vaginata</i>	Presente estudo
<i>Exechonella brasiliensis</i>	<i>Exechonella brasiliensis</i>	Cáceres-Chamizo et al. (2017)
<i>Gemelliporidra ornatissima</i>	<i>Calyptotheca ornatissima</i>	Almeida et al. (2017)
<i>Gephyrophora imperfecta</i>	<i>Hippaliosina imperfecta</i>	Winston; Vieira; Woollacott (2014)
<i>Hippoporina cleidostoma</i> *	<i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1	Presente estudo
<i>Lepralia pulcherrima</i>	<i>Hippopodina pulcherrima</i>	Tilbrook (1999)
<i>Mastigophora pesanseris</i>	<i>Bryopesanser pesanseris</i>	Tilbrook (2012)
<i>Mastigophora scopae</i>	<i>Rogicka scopae</i>	Vieira et al. (2010)
<i>Membrendoecium parvus</i>	<i>Antropora minor</i>	Winston; Vieira; Woollacott (2014)
<i>Metrarabdotos unguiculatum</i> *	<i>Metrarabdotos unguiculatum</i>	Presente estudo
<i>Mollia elongata</i>	<i>Mollia elongata</i>	Winston; Vieira; Woollacott (2014)
<i>Rhynchozoon (?) arborescens</i>	<i>Trematooecia arborescens</i>	Vieira et al. (2010)
<i>Rhynchozoon verruculatum</i>	<i>Rhynchozoon itaparicaensis</i>	Almeida et al. (2018b)
<i>Schizoporella trimorpha</i> *	<i>Calyptotheca trimorpha</i> comb. nov.	Presente estudo
<i>Siphonoporella granulosa</i>	<i>Labioporella tuberculata</i>	Winston; Vieira; Woollacott (2014)
<i>Smittina areolata</i> *	<i>Parasmittina ligulata</i>	Presente estudo
<i>Smittina trispinosa</i> var. <i>spathulata</i> *	<i>Parasmittina ligulata</i>	Presente estudo
<i>Tremoschizodina lata</i> *	<i>Vitrimurella fulgens</i>	Presente estudo
<i>Velumella acutirostris</i> *	<i>Smittipora tuberculata</i>	Presente estudo
<i>Velumella tuberculata</i> *	<i>Smittipora tuberculata</i>	Presente estudo

Fonte: O autor (2018).

APÊNDICE I - FORMAS COLONIAIS DOS BRIOZOÁRIOS MARINHOS DA BAHIA. Espécies marcadas com asterisco ocorrem desde o entremarés até a plataforma continental, as espécies não marcadas ocorrem da região subtidal até a plataforma continental.

Classificação	Espécie
Incrustante mancha / laminar	<p><i>Abditoporella</i> sp. nov., <i>Akatopora leucocypha</i>*, <i>Ammatophora arenacea</i>, <i>Antropora minor</i>, <i>Antropora</i> sp. nov., <i>Antropora typica</i>, <i>Aplousina errans</i>, <i>Arbocuspis bellula</i>*, <i>Arbocuspis bicornis</i>*, <i>Arbopercula bengalensis</i>, <i>Arthropoma</i> sp. nov., <i>Beania americana</i>*, <i>Beania australis</i>*, <i>Beania correiae</i>*, <i>Biflustra arborescens</i>*, <i>Biflustra irregularata</i>, <i>Biflustra marcusii</i>*, <i>Biflustra paulensis</i>*, <i>Biflustra tenuis</i>*, <i>Bryopesanser pesanseris</i>*, <i>Calyptotheca ornatisima</i>, <i>Calyptotheca</i> sp. nov., <i>Calyptotheca triangulata</i>*, <i>Calyptotheca trimorpha</i> comb. nov., <i>Calyptotheca vaginata</i>, <i>Calyptotheca violacea</i> comb. nov., <i>Celleporaria atlantica</i>*, <i>Celleporaria carvalhoi</i>*, <i>Celleporaria mordax</i>*, <i>Celleporaria</i> sp. nov., <i>Conopeum loki</i>, <i>Copidozoum tenuirostre</i>, <i>Crepidacantha</i> sp. nov.1, <i>Crepidacantha</i> sp. nov.2, <i>Didymosella pluma</i>, <i>Drepanophora tuberculata</i>, <i>Exechonella brasiliensis</i>, <i>Exechonella vieirai</i>*, <i>Exochella frigidula</i>, <i>Gigantopora lyncoides</i>, <i>Hemismittoidea</i> sp. nov., <i>Hiantopora</i> sp. nov., <i>Hippaliosina imperfecta</i>, <i>Hippopodina feegeensis</i>*, <i>Hippopodina pulcherrima</i>, <i>Hippopodina</i> sp. nov., <i>Hippothoa brasiliensis</i>, <i>Hippothoa flagellum</i>*, <i>Hippotrema fissurata</i>, <i>Jellyella brasiliensis</i>*, <i>Jellyella tuberculata</i>*, <i>Labioporella tuberculata</i>*, <i>Marcusadorea tubulosa</i>*, <i>Metrarabdotos jani</i>*, <i>Micropora angustiscapulis</i>*, <i>Microporella curta</i>*, <i>Mollia elongata</i>, <i>Monoporella divae</i>, <i>Onychocella</i> sp. nov.1, <i>Onychocella</i> sp. nov.2, <i>Parasmittina bimucronata</i>, <i>Parasmittina egyptiaca</i>, <i>Parasmittina ligulata</i>, <i>Parasmittina loxoides</i>*, <i>Parasmittina simpulata</i>*, <i>Parasmittina</i> sp. nov., <i>Parellisina lunatiostris</i>, <i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.1, <i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.2, <i>Plesiocleidochasma</i> sp. nov.3, <i>Pleurocodonellina marcusii</i>*, <i>Poricella frigerosa</i>*, <i>Pourtalesella carvalhoi</i>*, <i>Puellina</i> sp. nov.1, <i>Puellina</i> sp. nov.2, <i>Reptadeonella aspera</i>, <i>Reptadeonella bipartita</i>*, <i>Reptadeonella brasiliensis</i>*, <i>Reptadeonella cucullata</i>, <i>Reptadeonella leilae</i>, <i>Retevirgula multipunctata</i>, <i>Rhynchozoon brasiliensis</i>*, <i>Rhynchozoon itaparicaensis</i>*, <i>Rhynchozoon phrynoglossum</i>*, <i>Rhynchozoon</i> sp. nov., <i>Rogicka scopae</i>, <i>Schizobrachiella lacrimosa</i>*, <i>Schizobrachiella</i> sp. nov., <i>Scorpiodinipora costulata</i>*, <i>Setosellina goesi</i>, <i>Sinoflustra annae</i>, <i>Smittina smittiella</i>, <i>Smittipora sawayai</i>, <i>Smittipora tuberculata</i>, <i>Smittoidea numa</i>, <i>Smittoidea</i> sp. nov.1, <i>Smittoidea</i> sp. nov.2, <i>Steginoporella connexa</i>, <i>Steginoporella evelinae</i>, <i>Steginoporella magnilabris</i>*, <i>Steginoporella transversalis</i>*, <i>Stephanollona</i> sp. nov.1, <i>Stephanollona</i> sp. nov.2, <i>Stylopoma aurantiacum</i>*, <i>Stylopoma carioca</i>, <i>Stylopoma rotundum</i>, <i>Stylopoma</i> sp. nov.1, <i>Stylopoma</i> sp. nov.2, <i>Stylopoma</i> sp. nov.3, <i>Stylopoma</i> sp. nov.4, <i>Stylopoma</i> sp. nov.5, <i>Thalamoporella</i> sp. nov., <i>Trematooecia ridleyi</i>, <i>Trematooecia rotunda</i>, <i>Trypostega tropicalis</i>*, <i>Turbicellepora brasiliensis</i>, <i>Turbicellepora iarae</i>, <i>Turbicellepora</i> sp. nov., <i>Utinga castanea</i>, <i>Vitrimurella fulgens</i>, <i>Watersipora subtorquata</i>*</p>

Incrustante rastejante	<i>Aetea arcuata*</i> , <i>Aetea cultrata*</i> , <i>Aetea curta*</i>
Incrustante uniserial	<i>Savignyella lafontii</i>
Incrustante pontual	<i>Aimulosia</i> sp., <i>Calyptoecia conuma</i> , <i>Celleporina joannae</i> , <i>Fodinella atlantica*</i> , <i>Marcusadorea pinheiroi*</i> , <i>Trematoecia ridleyi</i>
Incrustante domal	<i>Mamillopora cupula</i>
Ereta bilaminar	<i>Biflustra grandicella</i> , <i>Biflustra okadai</i>
Ereta articulada	<i>Cellaria oraneae</i> , <i>Margaretta buski*</i> , <i>Nellia tenella</i> , <i>Tetraplaria dichotoma</i>
Ereta ramificada delicada	<i>Bugula gnoma*</i> , <i>Bugula neritina*</i> , <i>Bugulina stolonifera*</i> , <i>Caberea boryi*</i> , <i>Canda alsia*</i> , <i>Catenicella contei*</i> , <i>Catenicella uberrima*</i> , <i>Caulibugula armata</i> , <i>Caulibugula dendrograpta</i> , <i>Cradoscrupocellaria calypso</i> , <i>Licornia</i> aff. <i>diadema*</i> , <i>Licornia jolloisii*</i> , <i>Licornia</i> sp. nov., <i>Savignyella lafontii*</i> , <i>Synnotum aegyptiacum</i> , <i>Virididentula dentata</i>
Ereta ramificada rígida	<i>Gemelliporina glabra</i>
Ereta palmeada	<i>Adeonellopsis subsulcata</i> , <i>Metrarabdotos tuberosum</i> , <i>Metrarabdotos unguiculatum</i> , <i>Reteporellina evelinae</i> , <i>Trematoecia arborescens</i> , <i>Trematoecia</i> sp. nov.
Ereta fenestrada	<i>Triphyllozoon arcuatum</i>
Ereta estolonífera	<i>Amathia brasiliensis*</i> , <i>Amathia crispa*</i> , <i>Amathia distans*</i> , <i>Amathia ernsti*</i> , <i>Amathia evelinae*</i> , <i>Amathia verticillata*</i> , <i>Amathia vidovici*</i> , <i>Nolella stipata*</i> , <i>Pasythea tulipifera*</i>
Vida livre	<i>Cupuladria monotrema</i> , <i>Cupuladria</i> sp. nov., <i>Discoporella salvadorensis</i>

Fonte: O autor (2018).

APÊNDICE J - FAUNA DE BRIOZOÁRIOS HABITANTES DE ESPONJAS DA BAHIA. Espécies marcados com asterisco não foram relatadas por Almeida et al. (2017).

Espécie	Distribuição						Prof. (m)
	CO	BTS	CD	CA	DE	CB	
<i>Aetea curta</i> *	+				+		0–23
<i>Amathia brasiliensis</i> *		+					0–20
<i>Amathia crispa</i> *	+	+				+	0–20
<i>Amathia distans</i>	+	+	+		+		0–25
<i>Amathia ernsti</i> *		+					0–5
<i>Amathia evelinae</i> *	+						0–5
<i>Amathia verticillata</i> *		+					0–5
<i>Amathia vidovici</i> *	+	+					0–27
<i>Biflustra arborescens</i> *	+	+	+			+	0–23
<i>Calyptoecia conuma</i>	+	+	+	+	+	+	10–50
<i>Calyptotheca ornatissima</i>	+	+	+				14–20
<i>Canda alsia</i>	+	+	+	+	+	+	0–50
<i>Catenicella contei</i> *	+	+				+	0–25
<i>Celleporaria atlantica</i>	+	+	+	+	+	+	0–50
<i>Celleporaria carvalhoi</i>		+	+			+	0–35
<i>Celleporina joannae</i>	+	+	+		+		18–20
<i>Exechonella vieirai</i> *	+	+	+	+	+	+	0–50
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	+	+	+	+	+	+	8–50
<i>Licornia aff. diadema</i>	+	+	+	+	+	+	0–33
<i>Marcusadoreia pinheiroi</i>	+		+		+	+	0–20
<i>Metrarabdotos jani</i>	+	+	+		+		0–40
<i>Microporella curta</i>	+	+				+	0–30
<i>Nellia tenella</i>	+	+	+	+	+	+	8–50
<i>Nolella stipata</i> *		+					0–5
<i>Poricella frigerosa</i>	+	+	+	+	+	+	0–48
<i>Reptadeonella brasiliensis</i>	+	+	+		+		0–24
<i>Reptadeonella leilae</i>	+	+	+				8–37
<i>Rhynchozoon brasiliensis</i> *	+	+	+	+	+	+	0–60
<i>Stylopoma aurantiacum</i>		+	+				0–50
<i>Stylopoma rotundum</i> *	+	+	+	+	+	+	10–35
<i>Synnotum aegyptiacum</i>	+	+	+		+	+	5–23
<i>Trematooecia</i> sp. nov. *	+	+	+				14–40
<i>Triphyllozoon arcuatum</i>		+	+				0–35
<i>Turbicellepora iarae</i>	+	+	+				18–20

Fonte: O autor (2018).

APÊNDICE K - FAUNA DE BRIOZOÁRIOS HABITANTES DE CONCHAS DA BAHIA. Espécies marcados com asterisco são relatadas pela primeira vez em conchas na área.

Espécie	Distribuição						Prof. (m)
	CO	BTS	CD	CA	DE	CB	
<i>Akatopora leucocypha</i>	+	+					0–28
<i>Arbopercula bengalensis</i>	+	+					2–19
<i>Biflustra arborescens</i>	+	+	+			+	0–23
<i>Biflustra irregulata</i>	+	+					20–28
<i>Biflustra paulensis</i>		+					0–25
<i>Biflustra tenuis</i>	+	+					0–33
<i>Calypsoecia conuma*</i>	+	+	+	+	+	+	10–50
<i>Calypsotheca triangulata</i>	+	+					0–20
<i>Celleporaria mordax</i>	+	+	+	+			0–30
<i>Conopeum loki</i>		+					2–19
<i>Copidozoum tenuirostre*</i>	+	+	+	+	+	+	18–48
<i>Fodinella atlantica</i>	+	+	+		+		0–20
<i>Hippopodina feegeensis*</i>	+	+					0–30
<i>Hippoporina indica*</i>	+	+	+				8–40
<i>Hippothoa brasiliensis*</i>	+	+					0–45
<i>Hippothoa flagellum*</i>	+	+				+	15–50
<i>Hippotrema fissurata*</i>	+	+	+	+	+	+	23–45
<i>Jellyella brasiliensis</i>	+	+					0–23
<i>Licornia aff. diadema</i>	+	+	+	+	+	+	0–33
<i>Nolella stipata*</i>		+					0–5
<i>Parasmittina loxoides</i>	+	+	+				0–50
<i>Pleurocodonellina marcusii</i>	+	+					0–20
<i>Poricella frigerosa*</i>	+	+	+	+	+	+	0–48
<i>Puellina sp. nov. 1*</i>	+	+	+			+	0–35
<i>Reptadeonella bipartita*</i>	+	+			+	+	0–49
<i>Reptadeonella brasiliensis*</i>	+	+	+		+		0–24
<i>Rhynchozoon brasiliensis</i>	+	+	+	+	+	+	0–60
<i>Rhynchozoon itaparicaensis</i>	+	+	+				0–60
<i>Rhynchozoon phrynoglossum</i>	+	+	+				0–40
<i>Schizobrachiella lacrimosa*</i>	+	+					0–35
<i>Schizobrachiella sp. nov. *</i>	+	+	+	+	+	+	5–45
<i>Scorpiodinipora costulata*</i>	+	+					0–20
<i>Setosellina goesii*</i>			+		+	+	5–35
<i>Sinoflustra annae</i>		+					18–20

Fonte: O autor (2018).

APÊNDICE L - FAUNA DE BRIOZOÁRIOS HABITANTES DE CORAIS DA BAHIA.

Espécie	Distribuição						Prof. (m)
	CO	BTS	CD	CA	DE	CB	
<i>Amathia crista</i>	+	+				+	0–20
<i>Ammatophora arenacea</i>	+	+	+	+	+	+	10–51
<i>Antropora typica</i>	+	+	+			+	10–50
<i>Aplousina errans</i>		+					47
<i>Arthropoma</i> sp. nov.		+					10–20
<i>Beania americana</i>	+	+	+		+	+	0–35
<i>Biflustra marcusii</i>	+	+	+		+		0–33
<i>Calypsooecia conuma</i>	+	+	+	+	+	+	10–50
<i>Calypsotheca ornatissima</i>	+	+	+				14–20
<i>Calypsotheca</i> sp. nov.			+			+	20–50
<i>Calypsotheca triangulata</i>	+	+					0–20
<i>Calypsotheca trimorpha</i> comb. nov.	+	+					10–49
<i>Calypsotheca violacea</i> comb. nov.	+	+					47
<i>Canda alsia</i>	+	+	+	+	+	+	0–50
<i>Catenicella contei</i>	+	+				+	0–25
<i>Catenicella uberrima</i>	+	+	+		+	+	0–48
<i>Cellaria oraneae</i>	+	+	+	+	+	+	15–50
<i>Celleporaria atlantica</i>	+	+	+	+	+	+	0–50
<i>Celleporaria carvalhoi</i>		+	+			+	0–35
<i>Celleporaria</i> sp. nov.		+				+	13–35
<i>Conopeum loki</i>		+					2–19
<i>Copidozoum tenuirostre</i>	+	+	+	+	+	+	18–48
<i>Cradoscrupocellaria calypso</i>	+	+				+	18–20
<i>Crepidacantha</i> sp. nov.1		+					10–20
<i>Crepidacantha</i> sp. nov.2	+	+	+	+	+		10–40
<i>Didymosella pluma</i>			+		+	+	10–40
<i>Drepanophora tuberculata</i>	+	+					10–50
<i>Exechonella brasiliensis</i>		+					49
<i>Exechonella vieirai</i>	+	+	+	+	+	+	0–50
<i>Exochella frigidula</i>	+	+	+				10–40
<i>Gemelliporina glabra</i>	+	+	+	+	+	+	10–80
<i>Gigantopora lyncoides</i>			+			+	20–30
<i>Hemismittoidea</i> sp. nov.		+					13–21
<i>Hippopodina pulcherrima</i>	+	+	+	+		+	15–50
<i>Hippopodina</i> sp. nov.			+	+	+	+	25–50

<i>Hippotrema fissurata</i>	+	+	+	+	+	+	23–45
<i>Labioporella tuberculata</i>	+	+	+		+	+	0–24
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	+	+	+	+	+	+	0–33
<i>Licornia</i> sp. nov.	+		+	+	+	+	5–50
<i>Metrarabdotos tuberosum</i>		+			+	+	18–40
<i>Metrarabdotos unguiculatum</i>		+	+			+	18–40
<i>Micropora angustiscapulis</i>	+	+	+		+	+	0–43
<i>Microporella curta</i>	+	+				+	0–30
<i>Mollia elongata</i>	+	+	+	+	+	+	25–50
<i>Monoporella divae</i>	+		+				10–50
<i>Nellia tenella</i>	+	+	+	+	+	+	8–50
<i>Onychocella</i> sp. nov.1	+				+	+	21–37
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	+	+			+		10–50
<i>Parasmittina bimucronata</i>		+	+			+	15–50
<i>Parasmittina egyptiaca</i>	+	+	+			+	15–50
<i>Parasmittina ligulata</i>	+	+	+				10–50
<i>Parasmittina</i> sp. nov.		+	+		+		10–35
<i>Pasythea tulipifera</i>	+		+		+	+	0–34
<i>Plesioleidochasma</i> sp. nov.1	+	+	+		+	+	10–30
<i>Plesioleidochasma</i> sp. nov.2	+	+					10–30
<i>Plesioleidochasma</i> sp. nov.3	+	+					10–30
<i>Puellina</i> sp. nov.2	+	+	+		+	+	0–35
<i>Reptadeonella aspera</i>	+		+			+	21–50
<i>Reptadeonella cucullata</i>	+		+		+	+	22–60
<i>Rhynchozoon itaparicaensis</i>	+	+	+				0–60
<i>Rogicka scopae</i>	+	+					10–49
<i>Savignyella lafontii</i>	+					+	0–25
<i>Smittina smittiella</i>	+	+					15–35
<i>Smittipora tuberculata</i>	+	+	+	+	+	+	10–49
<i>Smittoidea numa</i>	+	+	+	+	+	+	5–50
<i>Smittoidea</i> sp. nov.1	+	+					15–50
<i>Smittoidea</i> sp. nov.2	+	+					15–45
<i>Stylopoma aurantiacum</i>		+	+				0–50
<i>Stylopoma rotundum</i>	+	+	+	+	+	+	10–35
<i>Stylopoma</i> sp. nov.5		+					10–25
<i>Synnotum aegyptiacum</i>	+	+	+		+	+	5–23
<i>Tetraplaria dichotoma</i>	+		+		+		15–50
<i>Thalamoporella</i> sp. nov.	+				+	+	20–34
<i>Trematoecia ridleyi</i>	+	+				+	15–50

<i>Trypostega tropicalis</i>	+	+	+	+	+	+	0-46
<i>Vitrimurella fulgens</i>		+	+				10-50

Fonte: O autor (2018).

**APÊNDICE M - FAUNA DE BRIOZOÁRIOS HABITANTES DE NÓDULOS
CALCÁRIOS DA BAHIA.**

Espécie	Distribuição						Prof. (m)
	CO	BTS	CD	CA	DE	CB	
<i>Abditoporella</i> sp. nov.	+		+				23–50
<i>Akatopora leucocypha</i>	+	+					0–28
<i>Ammatophora arenacea</i>	+	+	+	+	+	+	10–51
<i>Arbopercula bengalensis</i>	+	+					2–19
<i>Beania australis</i>	+				+		0–34
<i>Beania correiae</i>	+						0–26
<i>Bugula neritina</i>	+	+					0–50
<i>Bugulina stolonifera</i>	+	+					0–20
<i>Calypotheca</i> sp. nov.			+			+	20–50
<i>Caulibugula armata</i>	+	+	+			+	10–50
<i>Caulibugula dendrograpta</i>	+	+					10–25
<i>Celleporaria mordax</i>	+	+	+	+			0–30
<i>Celleporina joannae</i>	+	+	+		+		18–20
<i>Didymosella pluma</i>			+		+	+	10–40
<i>Drepanophora tuberculata</i>	+	+					10–50
<i>Exechonella brasiliensis</i>		+					49
<i>Exochella frigidula</i>	+	+	+				10–40
<i>Fodinella atlantica</i>	+	+	+		+		0–20
<i>Hiantopora</i> sp. nov.			+	+			10–30
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	+	+	+	+	+	+	8–50
<i>Hippopodina pulcherrima</i>	+	+	+	+		+	15–50
<i>Hippopodina</i> sp. nov.			+	+	+	+	25–50
<i>Hippoporina indica</i>	+	+	+				8–40
<i>Hippoporina</i> sp. nov.	+	+					15–25
<i>Licornia jolloisii</i>		+					0–10
<i>Licornia</i> sp. nov.	+		+	+	+	+	5–50
<i>Margaretta buski</i>	+	+	+	+	+	+	0–50
<i>Metrarabdotos jani</i>	+	+	+		+		0–40
<i>Metrarabdotos tuberosum</i>		+			+	+	18–40
<i>Metrarabdotos unguiculatum</i>		+	+			+	18–40
<i>Micropora angustiscapulis</i>	+	+	+		+	+	0–43
<i>Mollia elongata</i>	+	+	+	+	+	+	25–50
<i>Nellia tenella</i>	+	+	+	+	+	+	8–50
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	+	+			+		10–50
<i>Parasmittina bimucronata</i>		+	+			+	15–50

<i>Hippotrema fissurata</i>	+	+	+	+	+	+	23–45
<i>Labioporella tuberculata</i>	+	+	+		+	+	0–24
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	+	+	+	+	+	+	0–33
<i>Licornia</i> sp. nov.	+		+	+	+	+	5–50
<i>Metrarabdotos tuberosum</i>		+			+	+	18–40
<i>Metrarabdotos unguiculatum</i>		+	+			+	18–40
<i>Micropora angustiscapulis</i>	+	+	+		+	+	0–43
<i>Microporella curta</i>	+	+				+	0–30
<i>Mollia elongata</i>	+	+	+	+	+	+	25–50
<i>Monoporella divae</i>	+		+				10–50
<i>Nellia tenella</i>	+	+	+	+	+	+	8–50
<i>Onychocella</i> sp. nov.1	+				+	+	21–37
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	+	+			+		10–50
<i>Parasmittina bimucronata</i>		+	+			+	15–50
<i>Parasmittina egyptiaca</i>	+	+	+			+	15–50
<i>Parasmittina ligulata</i>	+	+	+				10–50
<i>Parasmittina</i> sp. nov.		+	+		+		10–35
<i>Pasythea tulipifera</i>	+		+		+	+	0–34
<i>Plesioleidochasma</i> sp. nov.1	+	+	+		+	+	10–30
<i>Plesioleidochasma</i> sp. nov.2	+	+					10–30
<i>Plesioleidochasma</i> sp. nov.3	+	+					10–30
<i>Puellina</i> sp. nov.2	+	+	+		+	+	0–35
<i>Reptadeonella aspera</i>	+		+			+	21–50
<i>Reptadeonella cucullata</i>	+		+		+	+	22–60
<i>Rhynchozoon itaparicaensis</i>	+	+	+				0–60
<i>Rogicka scopae</i>	+	+					10–49
<i>Savignyella lafontii</i>	+					+	0–25
<i>Smittina smittiella</i>	+	+					15–35
<i>Smittipora tuberculata</i>	+	+	+	+	+	+	10–49
<i>Smittoidea numa</i>	+	+	+	+	+	+	5–50
<i>Smittoidea</i> sp. nov.1	+	+					15–50
<i>Smittoidea</i> sp. nov.2	+	+					15–45
<i>Stylopoma aurantiacum</i>		+	+				0–50
<i>Stylopoma rotundum</i>	+	+	+	+	+	+	10–35
<i>Stylopoma</i> sp. nov.5		+					10–25
<i>Synnotum aegyptiacum</i>	+	+	+		+	+	5–23
<i>Tetraplaria dichotoma</i>	+		+		+		15–50
<i>Thalamoporella</i> sp. nov.	+				+	+	20–34
<i>Trematooecia ridleyi</i>	+	+				+	15–50

<i>Trypostega tropicalis</i>	+	+	+	+	+	+	0-46
<i>Vitrimurella fulgens</i>		+	+				10-50

Fonte: O autor (2018).

APÊNDICE N - FAUNA DE BRIOZOÁRIOS HABITANTES DE RODOLITOS DA BAHIA.

Espécie	Distribuição						Prof. (m)
	CO	BTS	CD	CA	DE	CB	
<i>Aetea arcuata</i>	+				+		0–25
<i>Aetea cultrata</i>	+				+		0–25
<i>Aetea curta</i>	+				+		0–23
<i>Ammatophora arenacea</i>	+	+	+	+	+	+	10–51
<i>Antropora minor</i>	+	+					15–50
<i>Antropora</i> sp. nov.	+	+					10–48
<i>Antropora typica</i>	+	+	+			+	10–50
<i>Beania correiaae</i>	+						0–26
<i>Bryopesanser pesanseris</i>	+	+	+		+		0–31
<i>Bugula neritina</i>	+	+					0–50
<i>Bugulina stolonifera</i>	+	+					0–20
<i>Caberea boryi</i>	+	+					0–20
<i>Calypsotheca triangulata</i>	+	+					0–20
<i>Calypsotheca vaginata</i>		+					47
<i>Calypsotheca violacea</i> comb. nov.	+	+					47
<i>Caulibugula armata</i>	+	+	+			+	10–50
<i>Celleporaria atlantica</i>	+	+	+	+	+	+	0–50
<i>Cradoscrupocellaria calypso</i>	+	+				+	18–20
<i>Crepidacantha</i> sp. nov.2	+	+	+	+	+		10–40
<i>Exechonella vieirai</i>	+	+	+	+	+	+	0–50
<i>Exochella frigidula</i>	+	+	+				10–40
<i>Fodinella atlantica</i>	+	+	+		+		0–20
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	+	+	+	+	+	+	8–50
<i>Hippoporina</i> sp. nov.	+	+					15–25
<i>Labioporella tuberculata</i>	+	+	+		+	+	0–24
<i>Marcusadoreia pinheiroi</i>	+		+		+	+	0–20
<i>Marcusadoreia tubulosa</i>	+		+		+		0–50
<i>Margaretta buski</i>	+	+	+	+	+	+	0–50
<i>Micropora angustiscapulis</i>	+	+	+		+	+	0–43
<i>Microporella curta</i>	+	+				+	0–30
<i>Mollia elongata</i>	+	+	+	+	+	+	25–50
<i>Onychocella</i> sp. nov.1	+				+	+	21–37
<i>Onychocella</i> sp. nov.2	+	+			+		10–50
<i>Parasmittina ligulata</i>	+	+	+				10–50
<i>Parasmittina simpulata</i>	+	+			+		0–50

<i>Parasmittina</i> sp. nov.		+	+		+		10–35
<i>Plesioleidochasma</i> sp. nov.1	+	+	+		+	+	10–30
<i>Plesioleidochasma</i> sp. nov.2	+	+					10–30
<i>Plesioleidochasma</i> sp. nov.3	+	+					10–30
<i>Pleurocodonellina marcusii</i>	+	+					0–20
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	+	+	+				0–48
<i>Puellina</i> sp. nov.1	+	+	+			+	0–35
<i>Puellina</i> sp. nov.2	+	+	+		+	+	0–35
<i>Reptadeonella aspera</i>	+		+			+	21–50
<i>Reptadeonella bipartita</i>	+	+			+	+	0–49
<i>Reptadeonella brasiliensis</i>	+	+	+		+		0–24
<i>Reptadeonella leilae</i>	+	+	+				8–37
<i>Rhynchozoon brasiliensis</i>	+	+	+	+	+	+	0–60
<i>Smittina smittiella</i>	+	+					15–35
<i>Smittipora sawayai</i>	+	+					15–45
<i>Smittipora tuberculata</i>	+	+	+	+	+	+	10–49
<i>Smittoidea numa</i>	+	+	+	+	+	+	5–50
<i>Smittoidea</i> sp. nov.1	+	+					15–50
<i>Smittoidea</i> sp. nov.2	+	+					15–45
<i>Steginoporella magnilabris</i>	+	+	+	+	+	+	0–50
<i>Stylopoma rotundum</i>	+	+	+	+	+	+	10–35
<i>Thalamoporella</i> sp. nov.	+				+	+	20–34
<i>Trematooecia ridleyi</i>	+	+				+	15–50
<i>Trematooecia rotunda</i>	+	+	+			+	20–50
<i>Trypostega tropicalis</i>	+	+	+	+	+	+	0–46
<i>Turbicellepora brasiliensis</i>	+	+	+			+	15–50
<i>Vitrimurella fulgens</i>		+	+				10–50
<i>Parasmittina</i> sp. nov.		+	+		+		10–35
<i>Plesioleidochasma</i> sp. nov.1	+	+	+		+	+	10–30
<i>Plesioleidochasma</i> sp. nov.2	+	+					10–30
<i>Plesioleidochasma</i> sp. nov.3	+	+					10–30
<i>Pleurocodonellina marcusii</i>	+	+					0–20
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	+	+	+				0–48
<i>Puellina</i> sp. nov.1	+	+	+			+	0–35
<i>Puellina</i> sp. nov.2	+	+	+		+	+	0–35

Fonte: O autor (2018).

APÊNDICE O - FAUNA DE BRIOZOÁRIOS HABITANTES DE ALGAS DA BAHIA.

Espécie	Distribuição						Prof. (m)
	CO	BTS	CD	CA	DE	CB	
<i>Aetea arcuata</i>	+				+		0–25
<i>Aetea cultrata</i>	+				+		0–25
<i>Aetea curta</i>	+				+		0–23
<i>Arbocuspis bellula</i>	+		+		+		0–22
<i>Arbocuspis bicornis</i>	+		+		+		0–22
<i>Beania americana</i>	+	+	+		+	+	0–35
<i>Beania australis</i>	+				+		0–34
<i>Biflustra marcusii</i>	+	+	+		+		0–33
<i>Biflustra tenuis</i>	+	+					0–33
<i>Bryopesanser pesanseris</i>	+	+	+		+		0–31
<i>Bugula gnoma</i>	+	+					0–20
<i>Caberea boryi</i>	+	+					0–20
<i>Calypotoecia conuma</i>	+	+	+	+	+	+	10–50
<i>Catenicella contei</i>	+	+				+	0–25
<i>Catenicella uberrima</i>	+	+	+		+	+	0–48
<i>Celleporina joannae</i>	+	+	+		+		18–20
<i>Exechonella vieirai</i>	+	+	+	+	+	+	0–50
<i>Gemelliporina glabra</i>	+	+	+	+	+	+	10–80
<i>Hippothoa brasiliensis</i>	+	+					0–45
<i>Hippothoa flagellum</i>	+	+				+	15–50
<i>Jellyella brasiliensis</i>	+	+					0–23
<i>Jellyella tuberculata</i>	+	+	+		+		0–30
<i>Licornia aff. diadema</i>	+	+	+	+	+	+	0–33
<i>Margaretta buski</i>	+	+	+	+	+	+	0–50
<i>Pasythea tulipifera</i>	+		+		+	+	0–34
<i>Plesioleidochasma</i> sp. nov.1	+	+	+		+	+	10–30
<i>Reptadeonella brasiliensis</i>	+	+	+		+		0–24
<i>Reteporellina evelinae</i>	+	+	+			+	0–50
<i>Rhynchozoon</i> sp. nov.		+			+		10–40
<i>Rogicka scopae</i>	+	+					10–49
<i>Savignyella lafontii</i>	+					+	0–25
<i>Steginoporella magnilabris</i>	+	+	+	+	+	+	0–50
<i>Stylopoma rotundum</i>	+	+	+	+	+	+	10–35
<i>Synnotum aegyptiacum</i>	+	+	+		+	+	5–23
<i>Watersipora subtorquata</i>	+	+	+				0–20

Fonte: O autor (2018).

**APÊNDICE P - FAUNA DE BRIOZOÁRIOS HABITANTES DE OUTROS
BRIOZOÁRIOS DA BAHIA.**

Espécie	Distribuição						Prof. (m)
	CO	BTS	CD	CA	DE	CB	
<i>Aetea arcuata</i>	+				+		0–25
<i>Aetea cultrata</i>	+				+		0–25
<i>Aetea curta</i>	+				+		0–23
<i>Amathia distans</i>	+	+	+		+		0–25
<i>Amathia ernsti</i>		+					0–5
<i>Amathia evelinae</i>	+						0–5
<i>Amathia verticillata</i>		+					0–5
<i>Amathia vidovici</i>	+	+					0–27
<i>Beania americana</i>	+	+	+		+	+	0–35
<i>Beania australis</i>	+				+		0–34
<i>Beania correiae</i>	+						0–26
<i>Biflustra arborescens</i>	+	+	+			+	0–23
<i>Biflustra tenuis</i>	+	+					0–33
<i>Caberea boryi</i>	+	+					0–20
<i>Canda alsia</i>	+	+	+	+	+	+	0–50
<i>Catenicella contei</i>	+	+				+	0–25
<i>Catenicella uberrima</i>	+	+	+		+	+	0–48
<i>Caulibugula armata</i>	+	+	+			+	10–50
<i>Celleporaria atlantica</i>	+	+	+	+	+	+	0–50
<i>Cradoscrupocellaria calypso</i>	+	+				+	18–20
<i>Hippaliosina imperfecta</i>	+	+	+	+	+	+	8–50
<i>Hippotrema fissurata</i>	+	+	+	+	+	+	23–45
<i>Licornia</i> sp. nov.	+		+	+	+	+	5–50
<i>Poricella frigerosa</i>	+	+	+	+	+	+	0–48
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	+	+	+				0–48
<i>Rhynchozoon brasiliensis</i>	+	+	+	+	+	+	0–60
<i>Smittipora tuberculata</i>	+	+	+	+	+	+	10–49
<i>Steginoporella magnilabris</i>	+	+	+	+	+	+	0–50
<i>Stylopoma aurantiacum</i>		+	+				0–50
<i>Stylopoma</i> sp. nov.2	+	+			+		15–45
<i>Stylopoma</i> sp. nov.3	+	+					15–50
<i>Synnotum aegyptiacum</i>	+	+	+		+	+	5–23
<i>Watersipora subtorquata</i>	+	+	+				0–20

Fonte: O autor (2018).

APÊNDICE Q - FAUNA DE BRIOZOÁRIOS HABITANTES DE SUBSTRATOS ARTIFICIAIS DA BAHIA.

Espécie	Distribuição						Prof. (m)
	CO	BTS	CD	CA	DE	CB	
<i>Amathia brasiliensis</i>		+					0–20
<i>Amathia crispa</i>	+	+				+	0–20
<i>Amathia distans</i>	+	+	+		+		0–25
<i>Amathia ernsti</i>		+					0–5
<i>Amathia evelinae</i>	+						0–5
<i>Amathia verticillata</i>		+					0–5
<i>Amathia vidovici</i>	+	+					0–27
<i>Arthropoma</i> sp. nov.		+					10–20
<i>Canda alsia</i>	+	+	+	+	+	+	0–50
<i>Catenicella contei</i>	+	+				+	0–25
<i>Conopeum loki</i>		+					2–19
<i>Crepidacantha</i> sp. nov.1		+					10–20
<i>Gemelliporina glabra</i>	+	+	+	+	+	+	10–80
<i>Hemismittoidea</i> sp. nov.		+					13–21
<i>Licornia</i> aff. <i>diadema</i>	+	+	+	+	+	+	0–33
<i>Licornia jolloisii</i>		+					0–10
<i>Parasmittina ligulata</i>	+	+	+				10–50
<i>Plesioleidochasma</i> sp. nov.1	+	+	+		+	+	10–30
<i>Plesioleidochasma</i> sp. nov.2	+	+					10–30
<i>Plesioleidochasma</i> sp. nov.3	+	+					10–30
<i>Poricella frigerosa</i>	+	+	+	+	+	+	0–48
<i>Pourtalesella carvalhoi</i>	+	+	+				0–48
<i>Puellina</i> sp. nov.1	+	+	+			+	0–35
<i>Rhynchozoon itaparicaensis</i>	+	+	+				0–60
<i>Smittoidea</i> sp. nov.1	+	+					15–50
<i>Smittoidea</i> sp. nov.2	+	+					15–45
<i>Stylopoma</i> sp. nov.5		+					10–25
<i>Triphyllozoon arcuatum</i>		+	+				0–35
<i>Trypostega tropicalis</i>	+	+	+	+	+	+	0–46

Fonte: O autor (2018).

**APÊNDICE R - FAUNA DE BRIOZOÁRIOS HABITANTES DE
HIDROZOÁRIOS DA BAHIA.**

Espécie	Distribuição						Prof. (m)
	CO	BTS	CD	CA	DE	CB	
<i>Aetea arcuata</i>	+				+		0–25
<i>Aetea cultrata</i>	+				+		0–25
<i>Aetea curta</i>	+				+		0–23
<i>Amathia brasiliensis</i>		+					0–20
<i>Amathia distans</i>	+	+	+		+		0–25
<i>Amathia vidovici</i>	+	+					0–27
<i>Arbocuspis bellula</i>	+		+		+		0–22
<i>Beania americana</i>	+	+	+		+	+	0–35
<i>Beania australis</i>	+				+		0–34
<i>Caberea boryi</i>	+	+					0–20
<i>Hippothoa brasiliensis</i>	+	+					0–45
<i>Monoporella divae</i>	+		+				10–50
<i>Rogicka scopae</i>	+	+					10–49
<i>Savignyella lafontii</i>	+					+	0–25
<i>Stylopoma rotundum</i>	+	+	+	+	+	+	10–35
<i>Synnotum aegyptiacum</i>	+	+	+		+	+	5–23
<i>Watersipora subtorquata</i>	+	+	+				0–20

Fonte: O autor (2018).

APÊNDICE S - FAUNA DE BRIOZOÁRIOS HABITANTES DE GRÃOS DE AREIA E/OU CASCALHO DA BAHIA.

Espécie	Distribuição						Prof. (m)
	CO	BTS	CD	CA	DE	CB	
<i>Adeonellopsis subsulcata</i>	+	+	+				23–50
<i>Aimulosia</i> sp.	+						20
<i>Beania australis</i>	+				+		0–34
<i>Beania correiaei</i>	+						0–26
<i>Biflustra grandicella</i>	+	+					23–48
<i>Biflustra okadai</i>	+	+					23–48
<i>Bryopesanser pesanseris</i>	+	+	+		+		0–31
<i>Bugula neritina</i>	+	+					0–50
<i>Cellaria oraneae</i>	+	+	+	+	+	+	15–50
<i>Cupuladria monotrema</i>	+	+	+	+	+	+	8–50
<i>Cupuladria</i> sp. nov.	+	+	+	+	+	+	8–52
<i>Discoporella salvadorensis</i>	+	+	+	+	+	+	18–48
<i>Gemelliporina glabra</i>	+	+	+	+	+	+	10–80
<i>Gigantopora lyncoides</i>			+			+	20–30
<i>Mamillopora cupula</i>	+	+	+		+		20–50
<i>Margaretta buski</i>	+	+	+	+	+	+	0–50
<i>Nellia tenella</i>	+	+	+	+	+	+	8–50
<i>Parellisina lunatiostris</i>	+						15–35
<i>Setosellina goesi</i>			+		+	+	5–35
<i>Tetraplaria dichotoma</i>	+		+		+		15–50
<i>Trematooecia arborescens</i>	+	+	+			+	14–50
<i>Trematooecia</i> sp. nov.	+	+	+				14–40
<i>Turbicellepora</i> sp. nov.				+		+	20–50
<i>Virididentula dentata</i>	+	+					10–20

Fonte: O autor (2018).